Wayne Grudem

O dom de profecia

Do Novo Testamento aos dias atuais



- **O que o Novo Testamento ensina sobre o dom de profecia?**
- **As palavras transmitidas por um profeta da igreja atual negam a autoridade ou a suficiência das Escrituras?**
- **É bíblico buscar esse dom para usá-lo ainda hoje na igreja?**
- **Como funciona e quando deve ser usado o dom de profecia?**
- **Que medidas são necessárias para evitar abusos e manipulações indevidas desse dom?**

Essas são algumas das perguntas cruciais respondidas por Wayne Grudem, um dos mais renomados teólogos evangélicos da atualidade.

O autor tem diante de si um verdadeiro trabalho de Hércules: tentar executar a difícil tarefa de conciliar opiniões divergentes em torno desse tema tão importante quanto controvertido. De um lado, os cristãos cessacionistas crêem que esse dom teve fim com a conclusão do Novo Testamento. Para eles, qualquer tentativa de usar esse dom seria encarada como uma forma de adicionar algo às Escrituras. Do outro lado, estão os cristãos pentecostais e os "renovados" (ou carismáticos) que acreditam na atualidade de todos os dons espirituais. Para esse grupo, o dom de profecia é visto como uma palavra do Senhor que fornece orientação quanto a detalhes específicos da vida de alguém, promovendo edificação pessoal e trazendo aos cultos a consciência da presença intensa de Deus na vida da igreja.

Grudem apresenta ainda uma terceira via que preserva o que é realmente essencial em ambas as posições e que é, ao mesmo tempo, fiel ao Novo Testamento. Ele também aponta o caminho para um renovado entendimento desse dom, sugerindo como o corpo de Cristo pode desfrutá-lo sem comprometer a supremacia das Escrituras. Caberá ao leitor chegar a uma conclusão acerca do assunto. O desafio está lançado. Mãos à obra!

Wayne Grudem é professor de Teologia Bíblica e Sistemática no Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, EUA. Formado em Harvard, é mestre em Teologia pelo Westminster Seminary e doutor em Teologia por Cambridge. É autor de vários livros, incluindo *Teologia sistemática* (Vida Nova). É co-autor de *Manual de teologia sistemática* e organizador do livro ***Cessaram os dons espitituais,*** da ***Coleção Debates Teológicos,*** publicados pela Editora Vida.

ISBN 85-7367-737-6

9 788573 677379

Categoria: Pneumatologia

Vida

www.editoravida.com.br

O dom de profecia



Editora do grupo

ZONDERVAN
HARPERCOLLINS

■

Editora filiada a

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE EDITORES CRISTÃOS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE LIVRARIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE
LIVRARIAS EVANGÉLICAS

Direção executiva
EUDE MARTINS

Supervisão de produção
SANDRA LEITE

Gerência financeira
SÉRGIO LIMA

Gerência de comunicação e marketing
SÉRGIO PAVARINI

Gerência editorial
FABIANI MEDEIROS

Supervisão editorial
ALDO MENEZES

Editorias

OBRAS DE INTERESSE GERAL
OBRAS PARA IGREJA E FAMÍLIA
OBRAS TEOLÓGICAS E DE REFERÊNCIA
OBRA EM LÍNGUA PORTUGUESA
OBRAS INFANTIS E JUVENIS
BÍBLIAS

Wayne Grudem

O dom de profecia

Do Novo Testamento aos dias atuais

Mazinho Rodrigues

Tradução
Emirson Justino



Pelo mesmo autor

■

Manual de teologia sistemática
(Vida)

Teologia sistemática
(Vida Nova)

Obra em co-autoria

■

Homem e mulher
(Fiel)

©1988, de Wayne A. Grudem
Título do original • *The gift of prophecy*,
edição publicada pela
CROSSWAY BOOKS
(Wheaton, Illinois, EUA)

■

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA VIDA
Rua Júlio de Castilhos, 280 • Belenzinho
CEP 03059-000 • São Paulo, SP
Telefax 0 xx 11 6618 7000
www.editoravida.com.br

■

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Nova Versão Internacional (NVI),
©2001, publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grudem, Wayne A. –
O dom de profecia : do Novo Testamento aos dias atuais / Wayne Grudem ; tradução Emirson Justino. — São Paulo : Editora Vida, 2004.

Título original: The gift of prophecy.
Bibliografia.
ISBN 85-7367-737-6

1. Bíblia. N. T. — Crítica e interpretação 2. Profecia — Cristianismo — Ensino bíblico I. Título.

03-2791 CDD-234.13

Índice para catálogo sistemático
1. Dom da profecia : Cristianismo 234.13
2. Ministério profético : Cristianismo 234.13

A Elliot, Oliver e Alexander, que alegram minha vida todos os dias.

"Os filhos são herança do SENHOR"
(Sl 127.3)

Sumário

Abreviaturas 9

Prefácio 11

Prefácio à reimpressão de 1997 15

Prefácio à edição de 2000 17

Introdução 19

1. Os profetas do Antigo Testamento 23
2. Os apóstolos do Novo Testamento 31
3. Os profetas do Novo Testamento em Corinto 61
4. Outros profetas do Novo Testamento 87
5. A fonte das profecias 119
6. Profecia e ensino 143
7. O conteúdo das profecias 159
8. A profecia como sinal da bênção de Deus na igreja 185
9. Os profetas e a liderança da igreja 199
10. Todos os crentes podem profetizar? 207
11. As mulheres e a profecia 235
12. A duração da profecia 249
13. Encorajando e regulamentando a profecia na igreja local 281
14. Por que precisamos do dom de profecia hoje? 295

Apêndice a: O ofício de apóstolo 299
Apêndice b: O cânon das Escrituras 309
Apêndice c: A suficiência das Escrituras 335
Apêndice 1: Profecias e profetas no Antigo Testamento e no Novo Testamento: um estudo bíblico-teológico 353
Apêndice 2: O que é "palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento" em 1Coríntios 12.8? 379
Apêndice 3: Algumas suposições incorretas de pensamento cessacionista 391
Apêndice 4: Uma nota sobre algumas objeções ao livro *The Church* [*A igreja*], de Edmund Clowney 395
Apêndice 5: Por que os cristãos ainda podem profetizar 401
Apêndice 6: A interpretação de Efésios 2.20 e 3.5 421
Apêndice 7: Algumas evidências da existência do dom de profecia em vários pontos da história da igreja 445

Bibliografia 463
Índice remissivo 467
Índice de referências bíblicas 473
Índice de literatura extrabíblica 491

Abreviaturas

Livros e periódicos

BAGD	W.. Bauer, W. F. Arndt, F. W. Gingrich & F. W. Danker, *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*, Chicago: University of Chicago Press, 1979, 2. ed.
BSac	*Bibliotheca Sacra*
EDBT	Walter Elwell, org., *Evangelical dictionary of biblical theology*, Grand Rapids: Baker, 1996.
IBD	J. D. Douglas, org., *Illustrated Bible dictionary*. Leicester: InterVarsity, 1998.
ICC	*International critical commentaries*, Edimburgo: T. & T. Clark.
JETS	Journal of the Evangelical Theological Society.
LSJ	H. G. Liddell, R. Scott & H. S. Jones, *Greek-English lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1940, 9. ed.
NIC	*New international commentaries*, Carlisle: Paternoster; Grand Rapids: Eerdmans.
NIDNTT	Colin Brown, org., *New international dictionary of New Testament theology*, Grand Rapids: Zondervan, 1986.
NIDOTTE	W. A. VanGemeren, org., *New international dictionary of Old Testament theology and exegesis*, 5 vols., Grand Rapids: Zondervan, 1997.
NovTSup	*Novum Testamentum*, Supplements.
NTS	New Testament studies.

TDNT	G. Kittel G. & Friedrich, org., *Theological dictionary of the New Testament*, Trad. G. W. Bromiley, Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976.
TNTC	*Tyndale New Testament commentaries*, Londres: The Tyndale Press; Grand Rapids: Eerdmans.
WTJ	*Westminster Theological Journal*.

Literatura extrabíblica antiga

1qs	Manuscritos do mar Morto, *Manual de disciplina*
Ant.	Josefo, *Antiguidades judaicas*
b.*Ber.*	Talmude babilônico, *Berakoth*
b.*Meg.*	Talmude babilônico, *Megillah*
b.*Sanh.*	Talmude babilônico, *Sanhedrin*
b.*Sot.*	Talmude babilônico, *Sotah*
b.*Yom.*	Talmude babilônico, *Yoma*
Bar.	Baruc (apócrifo)
Det.	Fílon, *Quanto pior o ataque, melhor*
Jos.	Fílon, *Sobre José*
Mig.	Fílon, *Sobre a migração de Abraão*
Mut.	Fílon, *Sobre a mudança de nomes*
Quod Deus	Fílon, *Sobre a imutabilidade de Deus*
Sir.	Sirácida (apócrifo, também chamado Eclesiástico)
Spec. Leg.	Filo, *Leis Especiais*
Guerras	Josefo, *Guerras judaicas*
Sab.	*Sabedoria de Salomão* (apócrifo)

Prefácio

Este livro nasceu como uma versão simplificada de minha tese de doutorado intitulada *The gift of prophecy in 1Corinthians* [*O dom de profecia em 1Coríntios*].[1] Contudo, a obra tornou-se muito mais do que isso, porque inclui discussões sobre outros aspectos, mais práticos, além da interação com grande quantidade de outros livros sobre profecia, de abordagem renovada ou não. Apesar de minha compreensão da profecia no Novo Testamento (NT) continuar a mesma desde quando terminei a tese de doutorado, descobri que a interação posterior que se deu com alunos e colegas me levou a refinar ou modificar vários detalhes. Espero que o resultado deste trabalho — ainda que expresso de maneira mais acessível, sem todas as notas de rodapé e a pompa característica das teses de doutorado — seja mais maduro e mais claramente afirmado.

Talvez seja interessante ressaltar que desde que terminei minha tese de doutorado, em 1977, dois livros muito importantes sobre a profecia do NT foram publicados, escritos por peritos como David Hill e David Aune. Devido à sua natureza mais acadêmica, nenhum deles recebeu avaliação detalhada neste volume, mas, aqui e ali, faço algumas citações de ambos. Minha resenha sobre o livro de David Hill, intitulado *New Testament prophecy* [*Profecia do Novo Testamento*],[2] está em *Themelios* 7:2. A resenha sobre o livro *Prophecy in early Christianity and the ancient Mediterranean World* [*Profecia na igreja primitiva*

[1]Lanham: University Press of America, 1982.

[2]Jan. 1982, p. 25-6. V. tb. David Hill, New Testament prophecy, *New Foundations Theological Library* (Atlanta: John Knox Press, 1979).

Prefácio à reimpressão de 1997

Eu tinha planos de revisar este livro, mas outros projetos me impediram, e sou grato à Kingsway por reimprimi-lo em sua forma original, de 1987. Mantenho as posições de dez anos atrás, mas espero em breve ter a oportunidade de esclarecer alguns pontos de maneira mais detalhada, especialmente estes:

1) Realmente creio que existiram variações na profecia do AT, assim como na do NT, mas isso não ficou claro a partir de meu uso exclusivo da frase "profecia do AT" para descrever as profecias originais do AT que possuíam autoridade canônica.

2) Ainda acho que o trecho que vai da página 47 a 62 é desnecessário para o livro e para meu argumento, como afirmo na página 62. [Nota: essas páginas se transformaram no apêndice 6 desta edição.] Fico surpreso por ver que vários autores gastaram muita energia divergindo de minha posição quanto ao texto de Efésios 2.20, dizendo que esse versículo é crucial para minha posição (não é, seja qual for a interpretação).

3) Continuo contrário aos que insistem em que os profetas do NT devem *obrigatoriamente* ser equiparados aos profetas do AT em termos de autoridade. A meu ver, seus argumentos falham por não levar em conta: a) a enorme transformação do ofício de sacerdote (todos nós nos tornamos sacerdotes, 1Pe 2.5,9); b) o fato de que os apóstolos, divinamente autorizados, assumiram o papel que os profetas tinham no AT; c) a grande força dos textos do NT sobre a profecia nas congregações locais depois do Pentecoste (v. caps. 3 e 4).

4) Um ou dois críticos afirmam que nego a autoridade ou a suficiência das Escrituras (doutrinas que, na verdade, defendi, escrevendo de maneira extensa!). Eles não entenderam minha posição ou a apresentaram de maneira imprecisa.

5) O mais surpreendente desenvolvimento da última década foi a descoberta feita por vários especialistas de que os puritanos (incluindo Samuel Rutherford e Richard Baxter) possuíam a mesma visão da profecia que defendo neste livro e que a *Confissão de fé de Westminster* (CFW) aparentemente se refere a tais revelações particulares e informativas do Espírito Santo como "espíritos particulares", considerando-as, juntamente com as "opiniões de escritores antigos" e "doutrinas de homens", coisas que existem na igreja, mas que devem ser julgadas pelo "Espírito Santo falando através das Escrituras" (CFW 1.10) — opinião com a qual alegremente concordo.

Prefácio à edição de 2000

Sou grato à Crossway Books por imprimir este livro, pois creio que o assunto é, no mínimo, tão relevante para a igreja hoje quanto na época em que este livro foi publicado pela primeira vez.

Nesta edição, não mudei o texto do livro original de 1988, mas os editores graciosamente permitiram que eu adicionasse diversos apêndices (numerados de 1 a 7) contendo material que não estava na primeira edição. Esse material é composto de: 1) um novo estudo bíblico-teológico sobre a profecia e os profetas no AT e no NT; 2) um artigo sobre os termos "palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento", presentes em 1Coríntios 12.8; 3) uma breve discussão sobre algumas pressuposições incorretas que freqüentemente vejo nas exposições cessacionistas; 4) uma interação com alguns pontos do capítulo sobre o dom de profecia no livro *The church* [*A igreja*], de Edmund Clowney; 5) um artigo que resume minha posição sobre profecia de maneira breve para um público mais popular; 6) minha dissertação sobre Efésios 2.20 e 3.5, que apareceu como parte do capítulo 2 em edições mais antigas; 7) uma série de citações mostrando vários exemplos do dom de profecia sendo exercido em diferentes momentos da história da igreja, especialmente entre os líderes puritanos e reformados do século XVI em diante.

No meu prefácio à reimpressão de 1997 (v. p. 15), expressei a esperança de que, em breve, fosse capaz de escrever uma resposta mais abrangente aos inúmeros artigos e livros que diferem de minha posição desde que foi publicada neste livro em 1988 e seis anos antes disso, em meu livro *The gift of prophecy*

in 1Corinthians.[1] Contudo, agora não espero escrever nenhuma resposta, uma vez que projetos de novos livros e outros compromissos são prioridades neste momento em que busco discernir a direção de Deus para minha vida. Além disso, parece-me que os argumentos levantados neste livro ainda são válidos e sou grato pelo fato de muitos leitores os terem considerado convincentes. Também sou agradecido pelo fato de que, por meio de livros e artigos, muitas igrejas ao redor do mundo têm adotado uma nova abertura, permitindo que o dom de profecia seja exercido (dentro das orientações das Escrituras), e que, em decorrência disso, têm visto uma medida adicional da bênção de Deus sobre si mesmas e sobre a vida de indivíduos.

WAYNE GRUDEM
Junho de 2000

[1]Lanham: University Press of America, 1982.

Introdução

O PROBLEMA DA PROFECIA HOJE

O que é o dom de profecia? Devemos usá-lo na igreja? Hoje em dia há muita discordância entre os cristãos sobre essa questão.

Muitos cristãos renovados e pentecostais respondem que a profecia é "uma palavra do Senhor" que traz a orientação de Deus quanto a detalhes específicos de nossa vida, promove edificação pessoal e traz aos nossos momentos de adoração a intensa consciência da presença de Deus.

Porém, muitos cristãos reformados e dispensacionistas dizem que essa visão é uma ameaça à autoridade única da Bíblia como Palavra completa de Deus para nós, levando o povo a dar pouca ênfase às Escrituras e muita atenção a formas de orientação não confiáveis e "subjetivas". Dizem que o dom de profecia é a capacidade de falar (ou escrever) as próprias palavras de Deus tal como as temos na Bíblia — e que esse dom se encerrou quando o NT foi concluído. Essa visão normalmente é chamada "cessacionista", porque defende que a profecia e os dons de milagres "cessaram" assim que o NT terminou de ser escrito.

Porém, há muitos cristãos que não são "renovados" nem "cessacionistas" e simplesmente não têm certeza sobre o que pensar quanto ao dom de profecia (e outros dons mais incomuns). Eles não têm profecias em suas igrejas e são um pouco desconfiados quanto a certos excessos que percebem nos movimentos renovados — no entanto, não se opõem a esses dons.

Será que o exame detalhado do NT pode nos dar uma solução para essas posturas? Será que o próprio texto das Escrituras nos fornece um "meio-termo" ou uma "terceira via", que preserve o que é realmente importante para ambos os lados e que, mesmo assim, seja fiel ao ensinamento do NT? Creio que a resposta a essas perguntas é *sim*.

Estou sugerindo neste livro uma compreensão do dom de profecia que exigiria algumas modificações nas posturas de cada um desses três grupos. Estou pedindo aos renovados que continuem usando o dom de profecia, mas que deixem de chamá-lo "uma palavra do Senhor" — simplesmente porque esse rótulo o faz soar exatamente como o texto bíblico em termos de autoridade, o que pode levar a muitos equívocos. No nível prático, cito exaustivamente vários líderes confiáveis do movimento de renovação, visando com isso pedir às igrejas que usam esse dom que dêem atenção ao sábio conselho desses líderes na avaliação das profecias e na prevenção contra abusos.

Aos defensores do cessacionismo, peço que considerem seriamente a possibilidade de a existência da profecia nas igrejas do NT não ser o equivalente das Escrituras em termos de autoridade, mas que a profecia era simplesmente um relatório bastante humano — e, às vezes, parcialmente equivocado — do que o Espírito Santo trazia à mente de uma pessoa em especial. Peço que pensem novamente sobre os argumentos a favor da cessação de certos dons, que examino mais uma vez, com certa profundidade, no capítulo 12.

Finalmente, para os outros cristãos, que não possuem convicções tão fortes para um lado ou para outro nesses assuntos, peço que considerem alguns dos ensinamentos do NT sobre o dom de profecia — e que avaliem a possibilidade, em determinadas situações e de acordo com o respaldo das Escrituras, de esse dom ser capaz de trazer muita edificação pessoal e nova vitalidade espiritual à adoração.

Devo afirmar bem claramente e logo de início que não estou dizendo que as visões renovada e cessacionista são de todo erradas. Em vez disso, creio que ambas estão corretas (no que consideram essencial) e acredito que um ajuste na maneira como entendem a natureza da profecia (especialmente sua autoridade) tem potencial para trazer a solução a esse problema, resguardando itens que os dois lados vêem como fundamentais. No lado cessacionista, essa visão da profecia ainda pode incluir uma forte convicção do fechamento do cânon do NT (de modo que hoje não existem mais qualquer palavra de autoridade semelhante), da suficiência das Escrituras e da supremacia e autoridade única da Bíblia em termos de orientação. No lado renovado, essa visão da profecia preserva o dom como obra espontânea e poderosa do Espírito Santo, trazendo coisas à mente da pessoa quando a igreja estiver reunida para a adoração, dando "edificação, encorajamento e consolação" que falam diretamente às necessidades do momento e fazem com que as pessoas percebam que "Deus realmente está entre vocês" (1Co 14.25). Além disso, com relação a assuntos que todos os cristãos consideram importantes, espero que essa visão da profecia no NT possa contribuir para uma maior unidade entre o povo de Deus quanto aos dons do Espírito Santo, além de uma melhor compreensão de como esses dons podem ser usados adequadamente hoje.

Este livro aborda diversas questões práticas também. Quanto ao cristão, individualmente, caberiam algumas perguntas. É certo buscar o dom de profecia? Como saber se já o recebi? Quando e como devo usar esse dom? Pode o dom ser fortalecido ou perdido? No que se refere às igrejas que o permitem ou que consideram a possibilidade do uso desse dom, as perguntas podem abranger outros aspectos. Qual ensinamento deve ser dado sobre ele? Qual o ambiente apropriado para ele? Que medidas preventivas devem ser tomadas para impedir abusos como desordem, falso ensinamento ou confiança excessiva em

orientação subjetiva? De que maneira podemos nos guardar dos falsos profetas? Deve-se permitir que todos profetizem na igreja? Esse assunto pode ser tratado de modo a evitar divisões na igreja?

Este livro não é uma coleção de experiências pessoais, ainda que possam encorajar pessoas a se alegrarem no que Deus está fazendo ou no conselho que oferece para que se evitem os trágicos abusos que outros já enfrentaram. Qualquer um que pesquisar a literatura atual sobre o dom de profecia logo descobrirá que muitos testemunhos bons e ruins podem ser coletados em ambos os lados da questão e, no fim de tudo, não chegam a conclusão alguma. Enfim, toda a questão deve ser analisada com base no que a própria Bíblia diz. Praticamente, todo este livro é um exame cuidadoso dos ensinamentos das Escrituras. Encorajo os cristãos a ler este livro com a Bíblia nas mãos e a perguntar a si mesmos se o que estou sugerindo é, de fato, o que o NT ensina sobre o dom de profecia, dom que Paulo aconselha os cristãos a buscar "com dedicação" (1Co 14.39).

1 Os profetas do Antigo Testamento

Proclamando as próprias palavras de Deus

Antes de começar o estudo sobre o dom de profecia no NT, precisamos olhar rapidamente para os profetas do AT — homens como Moisés, Samuel, Natã, Isaías, Jeremias e Daniel.

Qual era o propósito deles? Quanta autoridade possuíam? O que acontecia quando alguém ousava desobedecê-los? Será que cometeram algum erro?

Até esse ponto, não estamos pressupondo igualdade entre os profetas do AT e os do NT (na verdade, no cap. 3, argumento que existem importantes diferenças entre eles). Por enquanto, temos simplesmente a intenção de procurar a evidência no texto do AT e tirar algumas conclusões, especialmente sobre o tipo de autoridade dos profetas do AT.

OS PROFETAS SÃO MENSAGEIROS DE DEUS

A função principal do profeta do AT era a de *mensageiro de Deus*, enviado para falar a homens e mulheres as palavras do próprio Deus.

Lemos o seguinte sobre o profeta Ageu: "Então Ageu, o mensageiro do SENHOR, trouxe esta mensagem do SENHOR para o

povo" (Ag 1.13; v. Ob 1.1). De maneira similar, o Senhor "enviou o profeta Natã com uma mensagem" ao rei Davi (2Sm 12.25) e deu ao profeta Isaías uma mensagem para ser entregue ao rei Ezequias (2Rs 20.4-6).

O fato é que o verdadeiro profeta é aquele que é considerado "verdadeiro enviado do SENHOR" (Jr 28.9). Os falsos profetas que profetizaram mentiras são aqueles de quem o Senhor diz: "Eu não os enviei" (Jr 29.9; v. Ez 13.6).

Com bastante freqüência, o profeta é um tipo especial de mensageiro. Ele é o "mensageiro da aliança" — enviado para lembrar Israel dos termos de sua aliança com o Senhor, chamando à obediência e ao arrependimento e advertindo-o de que as penalidades pela desobediência logo serão aplicadas (v., p. ex., 2Cr 24.19; Ne 9.26,30; Jr 7.25; Ml 4.4-6).

Por que isso é importante? Porque os mensageiros oficiais não têm autoridade própria. Eles falam com a autoridade de quem os enviou.

Pense no embaixador de um país estrangeiro que lê uma mensagem de seu presidente ou do primeiro-ministro. Ele não considera a mensagem como sua nem vai a lugar algum baseado na própria autoridade. A mensagem que ele entrega expressa a autoridade do líder que o enviou.

Era o que acontecia com os profetas do AT. Eles sabiam que não estavam falando por si mesmos, mas em lugar de Deus, que os havia enviado, e então falavam mediante a autoridade do Senhor.

AS PALAVRAS DOS PROFETAS ERAM PALAVRAS DE DEUS

A autoridade dos mensageiros de Deus — os profetas — não estava limitada ao conteúdo geral ou simplesmente às idéias principais de suas mensagens. Em vez disso, afirmavam repetidamente que *suas palavras* eram as palavras de Deus, entregues a eles para que fossem levadas ao povo. Vemos

isso no fato de que a característica que distinguia o verdadeiro profeta era esta: ele não falava palavras dele próprio ou "as palavras do seu coração", mas palavras que Deus lhe havia ordenado que falasse. O fato de os profetas falarem as próprias palavras que Deus lhes confiara é enfatizado freqüentemente no AT:

- "... eu estarei com você, ensinando-lhe o que dizer" (Êx 4.12; v. 24.3).
- "Direi somente o que Deus puser em minha boca" (Nm 22.38; v. 23.5,16).
- "... porei minhas palavras na sua boca" (Dt 18.18, cf. v. 21,22).
- "Agora ponho em sua boca as minhas palavras" (Jr 1.9).
- "Você lhes falará as minhas palavras" (Ez 2.7; v. 3.17).

Portanto, não é surpresa encontrarmos os profetas do AT repetidamente falando as palavras de Deus na primeira pessoa, dizendo coisas como "eu farei isso" ou "fiz aquilo" quando estão falando em lugar de Deus, e, obviamente, não por si mesmos (2Sm 7.4-16; 1Rs 20.13,42; 2Rs 17.13; 19.25-28,34; 21.12-15; 22.16-20; 2Cr 12.5 e centenas de vezes com profetas posteriores). Essa completa identificação das palavras dos profetas com as palavras do Senhor é vista quando o profeta diz coisas como: "... então você saberá que eu sou o SENHOR" (1Rs 20.13) ou "Eu sou o SENHOR, e não há nenhum outro; além de mim não há Deus" (Is 45.5). É óbvio que nenhum israelita iria pensar que o profeta estivesse afirmando que tais palavras eram suas. Para ele, simplesmente o profeta estava repetindo as palavras de quem o havia enviado.

A indicação final da crença na origem divina das palavras proféticas é vista pela freqüência com que Deus é tratado como quem disse algo ao profeta. Em 1Reis 13.26, "a palavra que o

SENHOR lhe tinha dito" (ARA) é o que *o profeta* falou no versículo 21. Do mesmo modo, as palavras *de Elias* em 1Reis 21.19 são citadas em 2Reis 9.25s como um peso que o Senhor colocou sobre Acabe — Elias nem mesmo é citado (v. Ag 1.12; 1Sm 15.3,18). É comum lermos: "...conforme o SENHOR predissera por meio do seu servo, o profeta" (1Rs 14.18; 16.12; 2Rs 9.36; 14.25; 17.23; 24.2; 2Cr 29.25; Ed 9.10,11; Ne 9.30; Jr 37.2; Zc 7.7,12 etc.).

A ABSOLUTA AUTORIDADE DIVINA DAS PALAVRAS PROFÉTICAS

Não acreditar ou desobedecer às palavras do profeta é não acreditar ou desobedecer a Deus

A idéia de o profeta falar as palavras de Deus tinha uma conseqüência prática: fazia muita diferença na maneira como o povo dava ouvidos ao profeta! Na verdade, uma vez que quem ouvia o profeta estava convencido de que as palavras do homem de Deus detinham autoridade divina absoluta, ele não se arriscava a desobedecer ou a não acreditar até mesmo na menor parte da mensagem, temendo ser punido pelo próprio Deus (v. Dt 18.19; 1Sm 8.7; 15.3 com os v. 18 e 23; 1Rs 20.36; 2Cr 25.16; Is 30.12-14; Jr 6.10,11,16-19 etc.). Outras passagens poderiam ser citadas, mas o padrão é bastante claro: não acreditar ou desobedecer a qualquer coisa que o profeta dissesse em nome de Deus não era pouca coisa: significava desacreditar ou desobedecer a Deus.

As palavras do verdadeiro profeta estavam muito acima de qualquer desafio ou questionamento

Havia outra conseqüência para o fato de considerar que os profetas falavam palavras de Deus. Se aquelas eram palavras de Deus, então eram, por definição, verdadeiras, boas e puras, pois vinham do próprio Deus.

Portanto, não encontramos no AT qualquer exemplo de situação na qual a profecia de alguém que fosse reconhecidamente verdadeiro profeta tenha sido "avaliada" ou "peneirada" de modo que o bem pudesse ser separado do mal ou o verdadeiro do falso. Em vez disso, quando Samuel foi estabelecido como profeta, "o SENHOR estava com ele, e fazia com que todas as suas palavras se cumprissem" (1Sm 3.19). Por ser Samuel um homem de Deus (ou seja, um profeta), o servo de Saul pôde dizer: "Tudo o que ele diz acontece" (1Sm 9.6).

Isso significa que, quando o profeta falava no nome do Senhor, se *uma única profecia* não se realizasse, ele era considerado falso profeta (Dt 18.22). A autoridade ligada ao ofício profético era tão grande e, por conseqüência, o efeito sobre o povo, resultante do surgimento do falso profeta, era tão desastroso que a penalidade para falsa profecia era a morte (Dt 18.20; 13.5). [Nota: Não creio que a ordem do AT de punir com a morte a falsa profecia ainda esteja em vigor, mas que seja válida somente para os falsos profetas que pronunciam palavras que encorajem alguém a buscar falsos deuses. V. o apêndice 1, p. 356-7.]

Assim, o que encontramos no AT é que todo *profeta* é avaliado ou julgado, mas não as várias partes de todas as *profecias*. O povo pergunta: "Ele é um verdadeiro profeta ou não? Está falando as palavras de Deus ou não?", mas nunca fazem esta pergunta: "Quais partes da profecia são verdadeiras e quais são falsas? Que partes são boas e que parte são ruins?". Isso acontecia porque a menor presença de falsidade desqualificaria toda a profecia e mostraria que o profeta era falso. O verdadeiro profeta que invocasse a autoridade divina de palavras verdadeiras jamais poderia falar algumas palavras suas e outras de Deus — ou todas eram de Deus ou ele era um falso profeta.

Como o Senhor era com Samuel e nenhuma de suas palavras deixou de se cumprir (1Sm 3.19), "todo o Israel [...] reconhecia que Samuel estava confirmado como profeta do SENHOR"

(v. 20). Desse modo, desobedecer a Samuel ou parar para pensar em mandamentos aparentemente arbitrários era errado e levaria à punição da parte de Deus (comp. 1Sm 13.13 com 10.18; 15.23 com v. 3).

De maneira similar, Micaías estava disposto a arriscar toda a sua reputação como profeta no cumprimento de uma profecia (1Rs 22.28). Como se acreditava que Deus era quem dizia tudo que o profeta falava em seu nome, era impensável que o verdadeiro profeta pudesse entregar algum oráculo que fosse uma mistura de elementos bons e maus, verdadeiros e falsos. O profeta falava tudo que recebia do Senhor. O que o Senhor falava por intermédio do profeta tinha autoridade divina absoluta, estendendo-se até mesmo às palavras que o profeta usava.

Naturalmente, isso não quer dizer que o verdadeiro profeta não pudesse apostatar (1Rs 13.18). A distinção que estou querendo fazer aqui refere-se ao tipo de avaliação que se esperava das pessoas.

Se o povo de Israel achasse que o profeta falava apenas palavras suas e não as palavras do Senhor, então toda sentença que falasse seria assunto de avaliação e questionamento. Os ouvintes perguntariam a cada afirmação: "Isso é falso ou verdadeiro? Está certo ou errado?". A palavra profética seria mais uma palavra de homens entre outras palavras de homens e não teria mais autoridade que qualquer outra palavra. O discernimento crítico seria necessário ao ouvirem todas as palavras do profeta, mesmo que ele dissesse que o conteúdo geral de sua mensagem era de Deus, pois pequenos erros poderiam ocorrer em algum ponto.

Mas se o profeta afirmasse que estava falando palavras de Deus, outro tipo de avaliação entrava em cena. Só existem duas possibilidades e não há meio-termo. O questionamento começava da seguinte maneira: "Essas palavras são de Deus ou não? Se são, devo obedecer. Se não são, o profeta é um falso representante de Deus e deve ser morto" (v. Dt 18.20). Uma vez que suas palavras

(registradas por quaisquer meios) são aceitas como palavras de Deus, têm um *status* completamente diferente e estão acima de qualquer desafio ou questionamento.

APLICAÇÃO PARA HOJE

Embora nosso estudo ainda não tenha avançado na questão da profecia no NT, existem algumas aplicações úteis para os cristãos contemporâneos. Isso acontece porque muitas das palavras de Deus faladas pelos profetas do AT não foram perdidas, mas foram preservadas para nós nas páginas do AT. De fato, existe indicação de que se considerava que todo o AT tivesse sido escrito por aqueles que agiam como "profetas", como lemos no evangelho de Lucas: "E começando por Moisés *e todos os profetas*, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras" (Lc 24.27; grifo do autor).

Porém, se achamos ou não que muitas partes ou até mesmo todo o AT tenha sido escrito por pessoas que o faziam na condição de "profetas", certamente é possível comprovar que as Escrituras atribuem a todo o AT o mesmo tipo de autoridade: a autoridade das próprias palavras de Deus.[1]

Existe nisso tudo uma conseqüência prática para os leitores de hoje. Devemos confiar plenamente nas palavras e nos textos do AT (nos aspectos em que seus mandamentos se aplicam a nós) e devemos obedecer plenamente aos seus mandamentos, pois são os mandamentos de Deus.

Se o AT tem esse tipo de autoridade, jamais deveremos desconsiderá-lo ou achar que contém falsidade ou elementos indignos de nossa confiança. Devemos, em vez disso, valorizá-lo

[1]Argumento sobre isso de maneira mais extensa em outra publicação. Cf. W. A. Grudem, Scripture's self-attestation and the problem of formulating a doctrine of Scripture, in: *Scripture and truth*, de D. A. Carson e John Woodbridge, orgs. (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 19-59.

e continuamente nos voltarmos para ele, a fim de ouvir nele a voz de nosso Criador falando aos nossos ouvidos, dando orientação à nossa vida e nutrição espiritual à nossa alma. O que o AT diz é o que Deus diz e não acreditar ou desobedecer ao AT é não acreditar e não obedecer ao próprio Deus.

2

Os apóstolos do Novo Testamento

Proclamando as palavras de Deus

Se fizermos uma pesquisa no NT, encontraremos algum correlativo dos profetas do AT?

No primeiro momento, poderíamos imaginar que os profetas do NT seriam como os do AT. Mas quando olhamos para o NT não parece ser esse o caso. Há pouca ou nenhuma evidência da presença de um grupo de *profetas* nas igrejas do NT capazes de proclamar as palavras de Deus (com "autoridade divina absoluta", que não pudesse ser questionada) ou com autoridade para escrever livros a serem incluídos no NT.

No entanto, há um grupo bastante proeminente no NT que realmente falava com autoridade divina absoluta e que escreveu a maioria dos livros do NT. Esses homens, porém, não eram chamados "profetas", mas "apóstolos". Eles se parecem, em muitos aspectos, com os profetas do AT.

OS APÓSTOLOS DO NOVO TESTAMENTO SÃO OS MENSAGEIROS DE CRISTO

Um paralelo marcante entre os profetas do AT e os apóstolos do NT é que o apóstolo foi comissionado por Cristo, "enviado" por

ele para uma missão apostólica específica, da mesma forma que os profetas do AT eram "enviados" como mensageiros de Deus.

Aos discípulos (que se tornaram "apóstolos" depois do Pentecoste), Jesus disse: "Assim como o Pai me enviou, eu os envio" (Jo 20.21). De maneira similar, ele disse aos Onze: "Vão e façam discípulos de todas as nações" (Mt 28.19).

Na estrada de Damasco, Cristo disse a Paulo: "Vá, eu o enviarei para longe, aos gentios" (At 22.21; v. At 26.17; 1Co 1.17; Gl 2.7,8). De fato, assim como os profetas do AT eram mensageiros da *aliança*, em 2Coríntios 3.6 Paulo se autodenomina ministro de uma nova aliança e freqüentemente se refere ao fato de que Cristo lhe confiou uma missão específica como apóstolo (v. 1Co 9.17; 2Co 1.11; 5.20; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1,25; 1Tm 1.1 etc.).

OS APÓSTOLOS DO NOVO TESTAMENTO ESTÃO LIGADOS AOS PROFETAS DO ANTIGO TESTAMENTO

Portanto, não é surpresa que, ao ler o NT, encontremos várias ocasiões em que os *apóstolos* estejam ligados aos profetas do AT. Mas os *profetas* do NT, em contraste, em momento algum estão ligados da mesma maneira aos profetas do AT.

Primeiramente, isso é verdadeiro com relação ao próprio Jesus, quando o termo "apóstolo" é aplicado a ele. O primeiro capítulo de Hebreus começa da seguinte maneira: "Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos *profetas*, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho" (v. 1,2). E então, em Hebreus 3.1, em vez de chamar Jesus de "profeta", baseado em tal palavra, o autor diz: "Portanto, [...] fixem os seus pensamentos em Jesus, *apóstolo* e sumo sacerdote que confessamos" (grifo do autor) e prossegue, contrastando-o com Moisés, o arquetípico profeta do AT de acordo com a tradição judaica.

De acordo com o autor de Hebreus, portanto, Deus falou por intermédio dos *profetas* no AT e de Jesus, o *apóstolo*, no NT.

Mas isso não é comum — essa é a única vez em que Jesus é chamado "apóstolo". Muito mais comum é o uso da palavra "apóstolo" para se referir aos mensageiros autorizados de Cristo. Aqui também há uma conexão com os profetas do AT.

Vemos, por exemplo, em 2Pedro 3.2, que os leitores são instados a lembrar "das palavras proferidas no passado pelos santos *profetas*, e do mandamento de nosso Senhor e Salvador que os *apóstolos* de vocês lhes ensinaram" (grifo do autor). E em Lucas 11.49 lemos: "Eu lhes mandarei profetas e apóstolos", uma afirmação em que, no contexto, a palavra "profetas" deve referir-se aos profetas do AT.

Também na igreja primitiva os apóstolos estão ligados aos profetas do AT, mas não encontro nenhum exemplo no qual os profetas do NT estejam associados aos profetas do AT.

Inácio, bispo de Antioquia (morto em c. de 107 d.C), escreveu que Cristo é a porta "pela qual entram Abraão, Isaac e Jacó, os profetas, os apóstolos e a Igreja [...] De fato os amados profetas o haviam anunciado".[1]

Policarpo, bispo de Esmirna (morto em 155 d.C.), encorajou a igreja em Filipos:

> Portanto, sirvamos a ele com temor e todo respeito, como ele mesmo nos ordenou, e também os apóstolos que nos anunciaram o Evangelho e os profetas que preanunciaram a vinda de nosso Senhor.[2]

AS PALAVRAS DOS APÓSTOLOS SÃO AS PALAVRAS DE DEUS

O mais significativo paralelo entre os profetas do AT e os apóstolos do NT, porém, refere-se à capacidade de escrever as Escrituras, palavras com autoridade divina absoluta.

[1] *Inácio dos filadelfienses* 9.1,2, São Paulo: Paulus, 1995, Patrística, v. 1, p. 113.
[2] *Policarpo aos filipenses* 6.3, ibid, p. 143. Compare com Hermas, O *pastor* 9.15.4; Justino Mártir, *Diálogo com Trifão*, 75.

Os apóstolos são os receptores primários do evangelho de Cristo

Essa capacidade começa com o fato de que a mensagem apostólica veio diretamente de Cristo. O apóstolo Paulo, por exemplo, afirma categoricamente que sua mensagem não veio de homens, mas do próprio Jesus Cristo: "Irmãos, quero que saibam que o evangelho por mim anunciado não é de origem humana. Não o recebi de pessoa alguma nem me foi ele ensinado; ao contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação" (Gl 1.11,12).

Tal insistência quanto à origem divina de sua mensagem é vista claramente na tradição profética do AT (Dt 18.20; 1Rs 22.14,28; Jr 23.16s.; Ez 13.1s.).

O NT também reivindica para os outros apóstolos o acesso único à informação totalmente precisa sobre a vida e a obra de Cristo. Os apóstolos foram os primeiros a receber do Espírito Santo a capacidade de relembrar de maneira precisa as palavras e os feitos de Jesus e interpretá-los corretamente para as gerações seguintes.

Jesus prometeu esse poder aos seus discípulos (que foram chamados "apóstolos" depois da ressurreição) em João 14.26: "Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse".

Semelhantemente, Jesus prometeu maior revelação da verdade, vinda do Espírito Santo, quando disse aos discípulos:

> Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês (Jo 16.13,14).

Assim, os discípulos receberam a promessa de dons maravilhosos que iriam capacitá-los a escrever as Escrituras: o Espírito Santo lhes ensinaria "todas as coisas", faria com que se lembrassem de tudo que Jesus dissera e os guiaria "a toda a verdade".

Os apóstolos falam e escrevem as palavras do próprio Deus

Porém, paralelos ainda mais explícitos com os profetas do AT são vistos nas afirmações dos apóstolos de proclamar não apenas uma mensagem que é do Senhor de maneira geral, e sim as próprias palavras de Deus. Eles afirmam que, em termos de autoridade, são iguais aos profetas do AT.

Pedro encoraja seus leitores a se lembrar "do mandamento de nosso Senhor e Salvador que os *apóstolos* de vocês lhes ensinaram" (2Pe 3.2; grifo do autor. Aparentemente, ele está afirmando que mentir para os apóstolos [At 5.21] é equivalente a mentir para o Espírito Santo [At 5.3] e para Deus [At 5.4]).

A afirmação de proclamar as verdadeiras palavras de Deus é freqüente nos escritos do apóstolo Paulo. Ele afirma não apenas que o Espírito Santo revelou a ele o que "olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou" (1Co 2.9), mas também que, quando ele declara essa revelação, fala "não com *palavras* ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras *ensinadas pelo Espírito*, interpretando verdades espirituais para os que são espirituais" (1Co 2.13; grifo do autor).

Mais tarde, ao defender seu ofício apostólico, Paulo diz que ele dará aos coríntios "uma prova de que Cristo fala por [seu] intermédio" (2Co 13.3). Ele afirma que: "o meu evangelho" (Rm 2.16) é a mensagem que prediz o julgamento final de todos os homens. Ele diz que, se qualquer outra pessoa ou até mesmo um anjo no céu proclamar um evangelho diferente daquele que ele prega, essa pessoa deve ser considerada "anátema" — eternamente amaldiçoada por Deus (Gl 1.8,9).

Além disso, Paulo elogia os tessalonicenses por aceitarem "de nossa parte a palavra de Deus", e por tê-la recebido "não como palavra de homens, mas conforme ela verdadeiramente é, como palavra de Deus" (1Ts 2.13). Assim, a fim de que não entendessem equivocadamente, adverte-os com relação às suas

instruções no aspecto da conduta moral: "Aquele que rejeita estas coisas não está rejeitando o homem, mas a Deus" (1Ts 4.8). Desse modo, ele solenemente os encarrega, diante do Senhor, de "lerem esta carta a todos os irmãos" (1Ts 5.27), pois ela não é meramente uma peça de correspondência humana, mas algo que o próprio Senhor exige que seja lido para toda a igreja.

Desse modo, Paulo podia dar ordens e fazer predições detalhadas sobre o final dos tempos e a volta do Senhor, tudo com a absoluta autoridade do próprio Senhor Jesus Cristo: "Dizemos a vocês, pela palavra do Senhor..." (1Ts 4.15). "Irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo nós lhes ordenamos..." (2Ts 3.6).

Portanto, se alguém desobedecesse às instruções de Paulo, tal pessoa deveria ser excluída por um tempo do convívio da comunidade cristã: "Se alguém desobedecer ao que dizemos nesta carta, marquem-no e não se associem com ele, para que se sinta envergonhado" (2Ts 3.14).

Não é de surpreender, portanto, que Pedro classifique os escritos de Paulo como "Escritura", colocando-os assim no mesmo nível de autoridade das Escrituras do AT:

> Tenham em mente que a paciência de nosso Senhor significa salvação, como também o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com *as demais Escrituras*, para a própria destruição deles (2Pe 3.15,16; grifo do autor).

Ao dizer "as demais Escrituras", Pedro com certeza se referir às Escrituras do AT, pois é exatamente isso o que significa a palavra "Escritura" (gr. *graphē*) nas outras cinqüenta vezes em que aparece no NT. Ela sempre se refere às palavras da Bíblia, aceitas como palavras do próprio Deus. Isso significa que os escritos do

apóstolo Paulo receberam *status* equivalente ao das palavras dos profetas do AT: eram palavras de Deus.

Para os propósitos deste estudo, uma das mais significativas passagens é o texto de 1Coríntios 14.37,38, porque Paulo escreve a uma comunidade na qual diversos profetas agiam, mesmo assim, ele afirma sua autoridade sobre toda a comunidade, até mesmo sobre os profetas. Diz o apóstolo: "Se alguém pensa que é profeta ou espiritual, reconheça que o que lhes estou escrevendo é mandamento do Senhor. Se ignorar isso, ele mesmo será ignorado".

A palavra traduzida como "o que" nesse versículo é um pronome plural no grego (*ha*) e, de maneira mais literal, pode ser traduzido por "*as coisas* que lhes estou escrevendo". Assim, Paulo afirma que suas orientações à igreja de Corinto não são meramente suas — são mandamento do Senhor.

Porém, a que parte do trecho anterior Paulo se refere ao dizer "as coisas que lhes estou escrevendo"? Não há como afirmar com certeza, mas podemos notar que a expressão ocorre exatamente no final da discussão sobre os dons espirituais (12—14) e parece mais natural aplicá-la pelo menos a esses três capítulos.

É claro que alguém poderá argumentar que a afirmação refere-se apenas à sentença anterior ou às orientações sobre as mulheres (v. 33-35). Contudo, a afirmação é tão geral ("as coisas que lhes estou escrevendo") e feita de maneira tão indefinida pelo uso do plural (gr. *ha*) que restringi-la a um pequeno trecho parece muito artificial. O propósito de Paulo era concluir a discussão e, ao mesmo tempo, impedir que qualquer profeta em Corinto propusesse novas regras que contradissessem as que ele já havia instituído. Certamente, essa preocupação aplica-se pelo menos às diretivas gerais quanto à adoração, retrocedendo aos capítulos 12 e 13 e, talvez, até mesmo ao capítulo 11.

Mas isso significa a existência, em 1Coríntios 14.37, de uma afirmação bastante forte sobre a autoridade de Paulo. Aqui, ele

instituí um grande número de novas regras para o culto da igreja em Corinto e atribui a elas a condição de "mandamento do Senhor". Além disso, a penalidade é severa. A pessoa que se recusar a reconhecer a autoridade divina de Paulo seria ignorada e não reconhecida pelo Senhor (ou, de acordo com algumas interpretações, pela congregação). Thomas Edwards resume 1Coríntios 14.38 da seguinte maneira: "Quem se recusa a ouvir os apóstolos de Cristo recusa-se a ouvir o próprio Cristo e atrai sobre si seu descontentamento".[3]

Portanto, temos aqui um paralelo muito próximo da autoridade profética do AT. Qualquer um que desobedecesse às instruções de Paulo estaria desobedecendo a "um mandamento do Senhor". No entanto, nenhuma afirmação semelhante é feita com relação aos profetas do NT. De fato, até mesmo os profetas de Corinto deveriam estar sujeitos à autoridade apostólica de Paulo. G. W. H. Lampe destaca que Paulo "era levado a não admitir a possibilidade de que um profeta pudesse estar certo, e ele, errado (1Co 14.37,38)".[4]

Portanto, os apóstolos tinham autoridade para escrever palavras de Deus, equivalentes em verdade e em autoridade às palavras do AT. Eles faziam isso com o objetivo de relatar nas Escrituras os acontecimentos centrais da história da redenção: registrar e aplicar à vida cristã os fatos e o significado da vida, da morte e da ressurreição de Cristo. Não acreditar ou desobedecer às palavras autorizadas de um apóstolo é não acreditar ou desobedecer a Deus. No NT, os apóstolos são o correlativo dos profetas divinamente autorizados do AT.

[3]*A commentary on the first epistle to the Corinthians*, London: Hodder & Stoughton, 1903, p. 384.

[4]Grievous wolves (Acts 20.29), in: *Christ and Spirit in the New Testament*, Fs. C. F. D. Moule, B. Linders e S. Smalley, orgs., Cambridge: Cambridge University Press, 1973, p. 258.

POR QUE "APÓSTOLO" EM VEZ DE "PROFETA"?

Se os apóstolos do NT são similares aos profetas do AT, por que Jesus não os chamou "profetas"? Por que usou outra designação, "apóstolos"? Parece haver três razões para isso.

A predição feita por Joel de que a profecia abrangeria todo o povo de Deus

Primeiramente, Joel predisse o derramamento do Espírito de Deus sobre toda carne, resultando em profecia não apenas para algumas poucas pessoas (como as que possuíam autoridade para escrever as Escrituras), mas para todo o povo de Deus:

> E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões. Até sobre os servos e as servas derramarei do meu Espírito naqueles dias (Jl 2.28-29).

Do mesmo modo, Moisés olhava adiante, para o tempo em que haveria a disseminação da profecia: "Quem dera todo o povo do SENHOR fosse profeta" (Nm 11.29). Há também uma conhecida afirmação rabínica no *Midrash rabbah sobre Números* 15.25: "No mundo por vir, Israel será feito de profetas". Desse modo, "profeta" teria sido um termo muito amplo aplicável a um grupo especial e limitado de homens, como os apóstolos, que tinham a autoridade única de escrever as palavras de Deus. A era da Nova Aliança é esperada como o tempo no qual todo o povo de Deus é capaz de profetizar.

O significado da palavra "profeta"

a) *Seu significado no uso grego secular.* A segunda razão pela qual Jesus não chamou seus mensageiros singularmente comissionados de "profetas" dizia respeito ao significado da palavra "profeta" na linguagem comum da época do NT.

No período em que se desenrolaram os fatos do NT, o termo "profeta" (gr. *prophētēs*), no uso diário, com freqüência significava simplesmente "aquele que tem conhecimento sobrenatural" ou "aquele que prediz o futuro", podendo até mesmo significar "porta-voz" (sem qualquer conotação de autoridade divina).

Helmut Kramer mostra-nos exemplos do uso da palavra na época do NT (*TDNT* 6.794; tb. em LSJ, 1540):

- Um filósofo é chamado "*profeta* de natureza imortal" (Dio Crisóstomo, 40-120 d.C.).
- Um professor (Diógenes) quer ser "um *profeta* da verdade e da lisura" (Luciano de Samosata, 120-180 d.C.).
- Os defensores da filosofia epicurista são chamados "*profetas* de Epicuro" (Plutarco, 50-120 d.C.).
- A história escrita é chamada "a *profetisa* da verdade" (Deodoro Sículo, escrito em c. 60-30 a.C.).
- Um "especialista" em botânica é chamado "*profeta*" (Dioscurides da Cilícia, séc. I d.C.).
- Um "charlatão" na medicina é chamado "profeta" (Gálen de Pérgamo, 129-199 d.C.).

Kramer conclui que a palavra grega para "profeta" (*prophētēs*) "simplesmente expressa a função formal de declarar, proclamar, tornar conhecido". Mesmo assim, já que "todo profeta declara alguma coisa que não é sua", a palavra grega para "arauto" (*kērȳx*) "é o sinônimo mais aproximado" (*TDNT* 6.795).

O uso da palavra grega "profeta" no mundo antigo também recebeu amplo tratamento no livro *Prophētēs: Eine Sprach- und Religions-geschichtliche Untersuchung*, de Erich Fascher.[5]

[5]Töpelmann, 1927. Com respeito à questão específica do Oráculo de Delfos, deve-se notar que o papel do profeta no oráculo era diferente do papel exercido pelos profetas do AT. A mulher que recebia a declaração inspirada, a Pítia, pode ser chamada *promantis* (com respeito à revelação sobre o futuro) ou de *prophētis*

Depois de uma pesquisa bastante extensa, Fascher conclui (p. 51-4) que a própria palavra *prophētēs* é uma "palavra-moldura", destituída de significado definido. Em vez disso, é usada no maior número de circunstâncias possíveis e deriva seu significado a partir do contexto. A definição geral que se encaixa em praticamente todos os casos, porém, é "proclamador" ou "anunciador". Fascher diz que a palavra *prophētēs* ("profeta") usada sozinha quase nunca tem o sentido de "prognosticador, prenunciador", mas deve receber esse significado a partir de outras palavras do contexto que assim a qualifiquem. O mesmo acontece com o verbo *prophēteuō*: nunca significa "predizer, vaticinar, pressagiar", mas "falar em nome de um deus", "revelar alguma coisa oculta" ou "exercer a função de profeta".

Devido a essa ampla gama de significados, uma coisa é certa: a palavra "profeta" não sugere automaticamente "alguém que fala com autoridade divina absoluta" ou "aquele que fala as próprias palavras de Deus". Esse não era o sentido da palavra no mundo de fala grega do início da era cristã.

Isso significa que, se Jesus e os autores do NT quisessem usar uma palavra que, no mundo do primeiro século, significasse "alguém que fala as palavras de Deus", a palavra grega "profeta" não era a mais adequada. Estava muito diluída em seu significado, que de maneira geral era "porta-voz", sem implicar a posse da plena autoridade daquele em nome de quem o profeta falava.

(com relação a seu papel de porta-voz do deus). Mas o *prophētēs*, era quem ouvia as palavras dela e, então, as interpretava e proclamava aos que vinham fazer a consulta e que se sentavam em outra sala. Ele mesmo não era inspirado de nenhuma forma pelo deus. Portanto, aqui o grupo de palavras relacionadas a "profeta" (*prophētēs*) é "neutro no aspecto de a pessoa que recebe tal denominação ser ou não divinamente inspirada". Isso pode simplesmente se referir à pessoa que traduzia a linguagem semi-inteligível de Pítia em palavras compreensíveis.

Contudo, seria essa informação dos escritores do grego "secular" plenamente relevante para Jesus e os escritores do NT? Seriam essas citações dos escritores seculares gregos importantes para o estudo do NT? Ou seria o NT escrito em uma linguagem diferente do grego secular?

Essas citações são importantes porque mostram a ampla gama de significados da palavra *prophētēs* para as pessoas comuns de fala grega que viviam no tempo do NT. Naturalmente, a palavra "profeta" podia significar "quem fala por um deus" do mesmo modo que, nas traduções gregas do AT, seu significado é "quem fala por Deus". Mas também podia significar "porta-voz, anunciador".

Os primeiros cristãos falavam o grego comum tal como era falado em todo o Império Romano. Eles facilmente podiam ler e compreender os textos de qualquer um dos escritores "seculares" citados acima. Também eram capazes de manter uma conversa com qualquer um desses escritores (Paulo, por exemplo, conversou prontamente com os filósofos gregos pagãos no Areópago, em Atenas). Isso se deu porque eles usavam a mesma linguagem — e tinham uma compreensão comum do significado de milhares e milhares de palavras.[6]

Além do mais, qualquer escritor secular podia ler e compreender os textos do NT — na verdade, os evangelhos foram escritos de modo que os não-crentes de língua grega daqueles dias pudessem lê-los e chegar à fé em Cristo (se houvesse alguma falha na compreensão, isso não seria devido a uma linguagem

[6]Os cristãos que viviam na Palestina também falavam aramaico, sendo que, para muitos deles, era a primeira língua. Contudo, até mesmo na Palestina a maioria das pessoas era bilíngüe, sendo fluentes tanto em grego quanto em aramaico. Compare A.W. Argyle, Greek among the Jews of Palestine in New Testament times, *NTS* 20, 1974, esp. p. 87 e 89; J. N. Sevenster, Do you know Greek? How much Greek could the first Jewish Christians have known? *NovTSup* 19 (Leiden: E. J. Brill, 1968).

diferente, mas ao pecado endurecendo seu coração: 1Co 2.14; 2Co 4.4).

Portanto, é útil compreender os significados das palavras gregas na conversação comum e nos escritos do Império Romano do século I.

Isso não significa, obviamente, que o NT sempre tenha de usar palavras exatamente da mesma maneira. Algumas palavras muito importantes (como "Deus", "céu", "salvação", "igreja" etc.) tiveram seus significados bastante alterados no vocabulário dos primeiros cristãos. Esse *pode* ter sido o caso da palavra "profeta". Jesus e os escritores do NT poderiam ter mantido a palavra, se desejassem, utilizando-a no lugar de "apóstolo" para referir-se aos representantes autorizados de Jesus que lideraram a igreja primitiva e escreveram as Escrituras. Os 12 *poderiam* ter sido chamados "profetas" depois do Pentecoste, por exemplo, Pedro, Tiago, João e os outros poderiam ter deixado claro que eles não deveriam ser vistos como "profetas", tal como a palavra "profeta" era comumente entendida, é sim de maneira especial, similar aos profetas que escreveram o AT. Isso poderia ter acontecido, devemos admitir, mas não foi o que ocorreu.

Em vez disso, um novo termo foi escolhido: "apóstolo". O que pretendemos aqui é mostrar por que a escolha de um novo termo foi plenamente adequada: preveniu muita confusão, que poderia ter acontecido, não apenas pelo sentido secular da palavra "profeta", mas pelo uso corrente entre judeus e até mesmo no próprio AT.

b) *Seu significado segundo os judeus do século I.* Alguém pode objetar que a palavra "profeta" tinha significado muito mais poderoso para os judeus do primeiro século, que conheciam o contexto do AT, no qual a palavra fazia referência aos mensageiros de Deus, que falavam palavras dele. Não poderiam ter usado a palavra "profeta" de forma diferente, similar à

que o AT usava para referir-se aos profetas que escreveram as Escrituras?

É surpreendente, mas esse não era necessariamente o caso. Apesar de os judeus do primeiro século usarem o termo "profeta" para referir-se aos profetas do AT, também havia um outro uso, muito mais amplo. A evidência mostra que tanto a palavra hebraica quanto a grega traduzida por "profeta" tinham ampla variedade de significados na literatura judaica.

Na literatura rabínica, por exemplo, as palavras para "profeta", "profecia" e "profetizar" (hb. *nāvis* e seus cognatos) são, às vezes, usadas para referir-se à pessoa que simplesmente tinha conhecimento de coisas além da percepção sensorial. Podem, por exemplo, referir-se a pessoas que previam o futuro, mas que nunca foram consideradas porta-vozes de Deus ou possuidoras de autoridade divina.

Alguns exemplos do *Talmude* babilônico podem ser encontrados em histórias sobre Rebeca (*b.Sot.* 13*a* refere-se à "sua profecia", e o contexto mostra que a idéia de predição — e não de autoridade — foi o que motivou a escolha dessa palavra), Miriã (*b.Meg.* 14*a* chama-a "profetisa" simplesmente por causa de alguma coisa que ela predisse) e Ana (uma predição justifica que se aplique a ela o termo "profetisa" em *b.Meg* 14*a*).

Também parece haver uma ênfase à profecia no sentido de conhecimento revelado em *b.Ber.* 55*b* e 57*b*. O rabino Yoḥanan disse: "Se alguém se levanta cedo e um versículo das Escrituras vem a sua mente, isso é uma pequena profecia".

Do mesmo modo, o rabino Hanina bar Yitsḥaq disse: "A forma incompleta da profecia é o sonho" (*Midrash rabbah sobre Gênesis* 17.5; tb. em 44.7).

A possível aplicação do termo "profecia" a tal fenômeno não se deve ao fato de que o recipiente tenha entregue de maneira autorizada a mensagem a alguém mais ou defendido a autoridade divina de palavras verdadeiras. Em vez disso, sugere em cada caso, algum tipo de concessão especial externa de conhecimen-

to ao profeta. O exemplo indica que uma ampla gama de significados está relacionada à palavra "profeta" e a seus termos correlatos.

Nos Apócrifos, destacamos *Sabedoria* 7.27 (final do séc. I a.C.). Falando da sabedoria, o texto diz: "E, entrando nas almas boas de cada geração, prepara os amigos de Deus e os profetas".

Josefo (c. 37/ 38 -100 d.C.) claramente aponta João Hircano (que morreu em 105 a.C.) como profeta: ele "foi apontado por Deus digno de maiores privilégios, o governo da nação, o ofício de sumo sacerdote e o dom de profecia, pois a Divindade estava com ele e o capacitou a antever e predizer o futuro; assim, por exemplo, ele previu que seus dois irmãos mais velhos não permaneceriam como principais do Estado" (*Ant.* 13.299,300; relato paralelo em *Guerras* 1.68,69).

A passagem é significativa, porque nela Josefo deixa claro o que tornou João digno de receber o título de "profeta": não foi a habilidade de falar as palavras de Deus com autoridade divina, mas a capacidade de predizer o futuro. Pelo fato de crer-se que essa capacidade vinha de Deus, é possível terem concluído que suas previsões geralmente vinham de Deus, mas a autoridade divina com relação às suas palavras (tal como com relação aos profetas do AT) nunca foi afirmada nem mesmo apresentada de maneira implícita.

Nos escritos de Fílon (c. 30 a.C.-45 d.C.), vemos que a mente em sonho *profetiza* acontecimentos futuros (*Spec. Leg* 1.219). Desse modo, Fílon também usa "profeta" simplesmente para indicar a função de "porta-voz", no sentido mais comumente encontrado na literatura grega secular. Em *Quod Deus* 138, diz-se que a razão é a "profetisa" de Deus. Acredita-se que o falar é considerado "profeta" para nossa compreensão em *Det.* 40 e *Mig.* 169.

Portanto, várias linhas da tradição judaica mostram que os judeus do primeiro século, tal como seus contemporâneos gregos pagãos, podiam usar a palavra "profeta" e termos relacionados para

referir-se a uma ampla gama de pessoas e atividades *sem* qualquer sentido de autoridade divina absoluta ligado às palavras do profeta.

c) *Influência sobre o uso no Novo Testamento da palavra "profeta"*. Quando analisamos o NT, devemos levar em conta a grande diversidade de sentido das palavras. Os cristãos do NT tinham a compreensão do significado das palavras influenciada pelo AT, pelo uso judaico contemporâneo e pelo uso do grego do dia-a-dia. O resultado da combinação dessas influências é que a palavra "profeta" e seus termos relacionados tinham uma gama de significados muito maior do que simplesmente "mensageiro de Deus que fala palavras verdadeiras com autoridade divina".

Naturalmente, quando os escritores do NT fazem uso das palavras "profeta", "profecia" e "profetizar", na maioria das vezes o contexto que trata dos grandes profetas que escreveram o AT, cujos escritos eles viram cumprir-se em Cristo. Nesses contextos, "profeta" e seus termos relacionados geralmente se referem aos homens do AT que falaram palavras de Deus. Mas isso não nos diz o que o termo "profeta" significa quando aplicado a outras pessoas que não os profetas do AT. A palavra poderá assumir um dos vários significados do grego da época.

Na verdade, é isso que acontece. Em Tito 1.12, encontramos a palavra "profeta" (gr. *prophētēs*) no sentido geral de "proclamador, anunciador, porta-voz". Referindo-se a Epimênides (professor religioso de Creta, c. séc. VI a.C.), encontramos as seguintes palavras: "Um dos seus próprios profetas chegou a dizer: 'Cretenses, sempre mentirosos, feras malignas, glutões preguiçosos'". Certamente Epimênides não era alguém que falava as palavras de Deus! Entretanto, Paulo o chama "profeta" (do grego *prophētēs*).

Em Lucas 22.64, os assistentes do sumo sacerdote que vendaram os olhos de Jesus exigem: "Profetize! Quem foi que lhe

bateu?". Nesse caso, o sentido não era: "Fale palavras com autoridade divina absoluta". Em vez disso, era um desafio de escárnio: "Mostre que você tem conhecimento sobrenatural; diga-nos quem bateu em você mesmo não podendo ver".

Na narrativa da samaritana junto ao poço, tão logo Jesus revelou os segredos da vida passada da mulher, ela disse: "Senhor, vejo que é profeta" (Jo 4.19). Até esse momento, Jesus ainda não a convencera de que podia falar com autoridade divina. Ele apenas demonstrou que possuía um conhecimento que não fora obtido por meios comuns (ele sabia sobre os cinco maridos anteriores dela).

Esses dois últimos exemplos são especialmente interessantes porque dão um vislumbre do sentido delegado às palavras "profeta" e "profetizar" pelas pessoas comuns da Palestina do primeiro século, embora mantivessem contato com o AT em seu histórico religioso.

Indicações semelhantes vêm dos textos cristãos encontrados fora do NT. No *Testamento de Salomão* (composição com influência cristã datada de c.100 d.C.) há uma história (15.8) sobre um demônio que *profetiza* (gr. *prophēteuō*) a Salomão que seu reino será dividido. Em O *martírio de Policarpo* (c. 154-160 d.C.), lemos (12.3) que Policarpo dissera profeticamente (gr. *prophētikos*): "Importa que eu seja queimado vivo". Em ambos os casos, vemos a predição como resultado de conhecimento sobrenatural, mas não da proclamação das palavras do próprio Deus.

Um novo termo para os representantes de Cristo mostrava a novidade da igreja da Nova Aliança

É possível que tenha havido ainda um terceiro fator, o qual tenha considerado que outra palavra, não o termo "profeta", fosse mais adequada aos apóstolos. Embora houvesse essa ligação entre a Antiga e a Nova Aliança, também havia muitas

diferenças. Com o objetivo de enfatizar a novidade da aliança que Cristo estabelecera, ele pode ter considerado apropriado o uso de um novo nome para designar os líderes da comunidade da Nova Aliança, a igreja. Assim, os líderes terrenos da igreja não são chamados "profetas de Jesus Cristo". Em vez disso, a mudança distintiva da Antiga Aliança é assinalada em parte por outro título: "apóstolos de Jesus Cristo".

Conclusão: "profeta" não implica necessariamente autoridade divina absoluta

Este estudo, portanto, leva à conclusão de que quando os escritores do NT aplicam a palavra "profeta" e seus termos relacionados a alguém que não seja um profeta do AT, é impossível determinar antecipadamente o sentido do termo. O significado exato precisa ser determinado a partir do contexto. O certo é que ninguém pode afirmar que a palavra sempre deve significar "aquele que fala as palavras do próprio Deus" em circunstância posteriores às dos profetas do AT.

O uso adequado da palavra "apóstolo"

Neste ponto, deve-se ter em mente dois fatores mencionados acima: a capacidade profética de predição concedida a todo o povo de Deus e o uso freqüente da palavra "profeta" no hebraico e no grego para referir-se a uma fala sem relação com a autoridade absoluta de Deus. Devido a esses dois fatores, em um termo diferente de "profeta" (gr. *prophētēs*) seria mais apropriado aos que receberam a tarefa de escrever as Escrituras do NT.

A palavra "apóstolo" (gr. *apostolos*) era bastante adequada para a tarefa.

Primeiramente, como notamos no capítulo 1, o que distinguia quem falava com autoridade divina no AT era a condição de "mensageiro". O profeta do AT enviado por Deus para falar às

pessoas era o único que falava palavras do próprio Deus. Porém, a palavra grega *apostolos* significava "alguém ou algo que é enviado" ou simplesmente, "mensageiro". O verbo *apostellō* significava "enviar". Desse modo, essa palavra, embora não significando o mesmo que "profeta", tinha ainda algum tipo de conexão com os profetas do AT.

O termo também pode apresentar um sentido mais restrito que o de "profeta", encaixando-se em um aspecto específico da ampla gama de significados que possuía o grupo de palavras a ele relacionadas. Pode referir-se aos homens que são a contrapartida neotestamentária dos mensageiros de Deus no AT e que falam com autoridade divina.

Em segundo lugar, uma vez que, nesse sentido, *apostolos* era um novo termo, podia ser usado por um grupo limitado de homens sem conflitar com qualquer uma das expectativas veterotestamentárias ou rabínicas de uma ampla distribuição de habilidades proféticas.

Em terceiro lugar, a palavra "apóstolo" (gr. *apostolos*) era bastante incomum antes do NT. Aparece somente uma vez no AT grego (a *Septuaginta*), uma em Josefo e nenhuma em Fílon. O grego secular usava a palavra apenas ocasionalmente, para referir-se a expedições militares ou embarcações navais "enviadas" a algum lugar, mas não era o termo comum para "mensageiro".

Assim, a palavra "apóstolo" aparentemente foi escolhida por Jesus para significar "aquele que é enviado", além de ser um termo livre de qualquer implicação errônea, tanto com relação ao AT quanto ao grego secular. Era o termo mais apropriado, ainda mais quando acrescido da expressão "de Jesus Cristo". Esse novo título é usado por todo o NT com relação aos homens a quem Cristo enviara, mediante sua autoridade, para fundar e governar a igreja e para escrever as Escrituras do NT.

OS APÓSTOLOS SÃO CHAMADOS "PROFETAS"?

Depois da discussão prévia, fica clara a razão pela qual os apóstolos não são chamados "profetas" no NT. "Apóstolo" é um termo que se encaixa muito melhor.

Mas será que *em algum momento* os apóstolos foram tratados como "profetas"? Será que, em alguma situação, foi dito que eles "profetizaram"?

De fato, isso aconteceu. Porém, antes de analisar essas situações, é bom fazer a pergunta em termos mais abrangentes: existem casos em que *outros* títulos ou designações de função são usadas com relação aos apóstolos? Também nesse caso a resposta é *sim*.

Outros títulos funcionais dados aos apóstolos

Vemos, por exemplo, em 1Timóteo 2.7 que Paulo se autodenomina "*pregador* e *apóstolo*", bem como "*mestre* da verdadeira fé aos gentios" (grifo do autor). Três termos — "pregador", "apóstolo" e "mestre" — são aplicados a Paulo. De maneira similar, em 2Timóteo 1.11, ele diz: "Deste evangelho fui constituído *pregador, apóstolo* e *mestre*" (grifo do autor).

Vemos também que Pedro chama a si mesmo "presbítero" em 1Pedro 5.1.

Vale destacar que os exemplos mostrados acima não provam que *todos* os "mestres" do NT tinham a mesma autoridade do apóstolo Paulo ou que todos os "pregadores" do NT foram capazes de anunciar o "mandamento do Senhor" como Paulo. A passagem de 1Pedro 5.1 não prova que todos os "presbíteros" do NT tinham a mesma autoridade que o apóstolo Pedro.

Esses exemplos simplesmente mostram que termos descritivos de certas *funções* podiam ser aplicados aos apóstolos conforme a ênfase à função — Paulo podia nomear-se "mestre" quando queria destacar, por exemplo, seu papel no campo do ensino.

A mesma coisa acontece com respeito à palavra "profeta" e ao verbo "profetizar". Ambos podem ser usados em referência aos apóstolos.

Paulo, por exemplo, usou o verbo "profetizar" com relação a si mesmo quando chegou a Corinto: "Agora, irmãos, se eu for visitá-los e falar em línguas, em que lhes serei útil, a não ser que lhes leve alguma revelação, ou conhecimento, ou profecia, ou doutrina?" (1Co 14.6). Do mesmo modo, ele parece incluir a si mesmo em 1Coríntios 13.9: "...em parte profetizamos".

Conforme será discutido nos capítulos 5 e 6, a característica distintiva da profecia do NT era a pessoa receber uma "revelação" (algo que Deus trazia à sua mente) e relatá-la à igreja. Portanto, se um apóstolo desejasse enfatizar seu papel no recebimento e na propagação das revelações de Deus, poderia referir-se a si mesmo como "profeta".

É interessante notar que Paulo nunca apelou para o dom de profecia para estabelecer sua autoridade, algo que teria sido bastante natural e bastante fácil se os profetas do NT fossem considerados proclamadores de palavras com autoridade divina absoluta. Em vez disso, quando Paulo estabeleceu sua autoridade, apelou para "seu apostolado". Essa é mais uma indicação de que, para os autores do NT, o título que caracterizava a autoridade similar à dos profetas do AT não era "profeta", mas "apóstolo".

Certamente havia "profetas" na igreja de Corinto que não eram apóstolos como Paulo, pois ele instrui sobre como os profetas deveriam trabalhar. Mais adiante, nossa preocupação será olhar mais de perto para essas instruções e definir o dom de profecia de maneira mais precisa. Por agora, porém, devemos olhar para duas outras passagens do NT em que a palavra "profeta" é aparentemente usada para referir-se aos apóstolos.

O livro do Apocalipse

O maior exemplo de uma "profecia" preferida por um *apóstolo* no NT está presente no livro do Apocalipse.

O livro inteiro afirma ser uma profecia: "Feliz aquele que lê as palavras desta *profecia* e felizes aqueles que ouvem" (Ap 1.3; grifo do autor). No final do livro, lemos: "Feliz é aquele que guarda as palavras da *profecia* deste livro [...] Não sele as palavras da *profecia* deste livro, pois o tempo está próximo" (Ap 22.7,10; grifo do autor; v. 22.19). Finalmente, João ouve o seguinte: "É preciso que você *profetize* de novo acerca de muitos povos, nações, línguas e reis". (Ap 10.11; grifo do autor). Portanto, o livro inteiro do Apocalipse é visto como uma profecia, e, ao registrá-la no livro, João agiu como profeta.

Se aceitarmos a idéia de que o autor "João" (Ap 1.1,4,9) era na verdade o apóstolo João — e essa é a opinião mais comum quanto à aceitação do livro pela igreja desde a história primitiva — então, mais uma vez, temos nesse livro o exemplo de um apóstolo do NT agindo como profeta e escrevendo à igreja uma profecia extensa. Verdadeiramente, podemos perceber por que é correto chamar o livro inteiro "profecia". O conteúdo do livro é semelhante ao das grandes predições proféticas sobre o futuro encontradas entre os profetas do AT. Aqui, porém, existem predições que ultrapassam a era da igreja, chegando até o plano de Deus acerca dos grandes acontecimentos finais da história da redenção.

A autoridade que João afirma possuir é divina e absoluta, reivindicada por outros apóstolos do NT. Suas palavras estão acima de qualquer desafio ou questionamento (Ap 22.18,19). Obedecê-las traz grandes bênçãos (Ap 1.3; 22.7), e alterá-las traz punição diretamente de Deus (Ap 22.18,19).

Tal qual os profetas do AT e os outros apóstolos do NT, João é comissionado por Jesus Cristo como mensageiro. O Senhor aparece a ele e ordena: "Escreva num livro o que você vê e envie

a estas sete igrejas" (Ap 1.11). Essa ordem é repetida em outras passagens, como: "Escreva, pois, as coisas que você viu" (Ap 1.19) ou simplesmente: "Escreva" (Ap 2.1,8,12,18; 3.1,7,14; 14.13; 19.9; 21.5).

Uma vez que algumas coisas foram reveladas a João, mas que ele não teve permissão para escrever (v. Ap 10.4), a implicação é que ele escreveu sobre o que lhe fora designado como missão divina; é esse comissionamento que dá autoridade às suas palavras. Desse modo, o autor "afirma ter autoridade que pode ser comparada somente à dos apóstolos" (G. Friedrich, *TDNT* 6.849).

Mas será que deveríamos considerar o livro do Apocalipse uma evidência de como era o dom de profecia nas igrejas do NT? Não, não seria apropriado fazer isso. Não se trata de uma profecia proclamada por um cristão comum, mas, por um apóstolo de Jesus Cristo bastante proeminente. Além disso, o Apocalipse não é uma profecia recebida durante um culto de adoração de algum grupo de cristãos, mas foi entregue a João, no exílio na ilha de Patmos, para benefício das sete igrejas da Ásia Menor (Ap 1.4) e, em última análise, de toda a igreja cristã. Também não foi uma palavra profética curta destinada a satisfazer a necessidade momentânea de alguma igreja local, mas uma visão única do plano final de Deus para a história, mostrado de maneira cabal em um discurso bastante extenso (mais de 10 mil palavras na tradução para o português) incluído no cânon do NT.

É seguro dizer que, em autoridade, conteúdo e abrangência, nenhuma outra profecia como essa foi dada à igreja do NT.

Como conclusão, o livro do Apocalipse mostra que o apóstolo poderia agir como profeta e registrar uma profecia para a igreja do NT. Em função de o livro ter sido escrito por um apóstolo e de seu caráter singular, ele não fornece informação diretamente

relevante quanto ao uso do dom de profecia entre os cristãos comuns das igrejas do primeiro século.[7]

Efésios 2.20 e 3.5

Há outras passagem em que a palavra profeta parece se referir aos apóstolos: Efésios 2.20 e 3.5.

A primeira passagem, endereçada aos cristãos gentios na igreja de Éfeso, diz o seguinte:

> Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento *dos apóstolos e dos profetas*, tendo Jesus Cristo como pedra angular (Ef 2.19,20; grifo do autor).

Então, poucos versículos adiante, Paulo diz aos leitores gentios:

> Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo. Esse mistério não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos *santos apóstolos e profetas de Deus*, significando que, mediante o evangelho, os gentios são co-herdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa em Cristo Jesus (Ef 3.4-6; grifo do autor).

[7]Existem outros exemplos nos quais os profetas são mencionados no Apocalipse, mas pouco pode ser dito sobre eles. Os dois profetas de Apocalipse 11 parecem ser figuras especiais do fim dos tempos, atuando no período imediatamente anterior à volta do Senhor (v. Ap 11.14,15).

Nenhuma das outras sete ocorrências da palavra "profeta" no Apocalipse (10.7; 11.18; 16.6; 18.20,24; 22.6) é suficientemente específico. Às vezes, parece que o assunto são os profetas do AT, mas sem uma especificação mais detalhada de seu caráter ou função.

Em Apocalipse 19.10, lemos: "O testemunho de Jesus é o espírito de profecia". É difícil entender essa passagem com total certeza, mas aparentemente a palavra "espírito" aqui significa algo como "essência", "mensagem central" ou "propósito central".

Alguns afirmam que em Efésios 2.20 todos os profetas do NT são iguais e, além disso, que o singular papel "fundacional" dos profetas em Efésios 2.20 significa que eles podiam falar com autoridade igual à dos apóstolos e das Escrituras. Richard Gaffin, por exemplo, cuidadoso especialista no NT do Seminário de Westminster, na Filadélfia, diz o seguinte: "Efésios 2.20 faz uma generalização que abrange todas as outras declarações do NT sobre profecia".[8]

Essa é uma questão bastante importante, porque se todos os recipientes do dom de profecia na igreja do NT realmente tivessem autoridade divina absoluta, então era de esperar que esse dom morresse tão logo os escritos do NT fossem completados e entregues às igrejas. A maioria dos cristãos hoje certamente concorda em que o NT está completo e que hoje ninguém pode falar ou escrever com a mesma autoridade das palavras da Bíblia.[9]

Mas será que essa posição é realmente convincente? Essa é realmente a aplicação de Efésios 2.20 e 3.5?

A questão central é se esses versículos se referem a todos os cristãos que possuíam o dom de profecia nas igrejas do primeiro século. Acaso os profetas mencionados aqui são os que tinham o dom de profecia em Corinto, em Tessalônica, em Éfeso etc.?

Caso afirmativo — se esses versículos se referem a todos os profetas da igreja local e das congregações do primeiro século —, então seria possível vê-los retratados como possuidores de um papel "fundacional" na igreja do NT, e teríamos de concor-

[8]*Perspectives on Pentecost*, Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979, p. 96. A discussão de Gaffin nas p. 93-102 é a mais cuidadosa afirmação da interpretação segundo a qual Efésios 2.20 se aplica a todos os profetas das igrejas do NT e mostra que o dom de profecia cessou.

[9]O apêndice B traz uma discussão sobre as razões pelas quais o NT está fechado e por que não devemos aceitar que qualquer texto seja adicionado a ele.

dar com Gaffin — e era de esperar que esse dom cessasse assim que o NT estivesse completo.

Pessoalmente, não acho que a idéia de "todos os profetas da igreja" seja realmente convincente. No apêndice 6, apresento outra posição, a saber, a de que Efésios 2.20 e 3.5 não mencionam dois grupos de pessoas — apóstolos e profetas — mas um único grupo, os "apóstolos-profetas".

As quatro interpretações mais comuns dos textos de Efésios 2.20 e 3.5 podem ser resumidas a partir da argumentação de que a frase "o fundamento dos apóstolos e dos profetas" significa:

1. os *profetas do AT* e os apóstolos;
2. o *ensino* dos apóstolos e dos *profetas do NT*;
3. os apóstolos e os *profetas do NT*;
4. os *apóstolos-profetas* (ou seja, os apóstolos que também eram profetas).

Depois de considerar essas posições, no apêndice 6, parece-me mais adequado concluir que Efésios 2.20 corresponde a interpretação 4, ou seja, que a igreja está construída sobre o fundamento "dos apóstolos que também são profetas", e Efésios 3.5 deve ser compreendido no sentido de que o mistério da inclusão dos gentios na igreja "não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos que também são profetas pelo Espírito" (no apêndice 6, você encontrará uma discussão sobre esses quatro pontos de vista).

Contudo, se alguém não se sentir persuadido pelo argumento do apêndice 6 e achar que a visão número 3 é mais persuasiva, ou seja, que os versículos se referem a dois grupos de pessoas, "os apóstolos do NT" e "os profetas do NT", será necessário concluir que esses versículos se referem *a todos* os profetas do NT. Na verdade, seria muito difícil defender que uma referência tão

breve aos "profetas", como vemos nesses dois versículos, descreveria *todos* os que têm o dom de profecia em todas as congregações do NT, especialmente se muitas outras passagens do NT indicassem profetas exercendo um papel "não-fundacional" nas igrejas locais.[10]

Portanto, mesmo que o leitor prefira, por exemplo, a visão número 3, isso não afetaria significativamente o argumento do restante deste livro. Isso se dá porque eu simplesmente responderia que, se Efésios 2.20 e 3.5 falam de dois grupos distintos, apóstolos e profetas, então os "profetas" mencionados aqui seriam os que compartilham autoridade similar à dos apóstolos — e eles seriam, portanto, *diferentes* dos profetas comuns espalhados pelas muitas congregações cristãs primitivas descritas mais detalhadamente em outras partes do NT. Convem dizer que Richard Giffin (que defende a visão número 3, mostrada acima) dá bastante atenção a Efésios 2.20 e *diz* que esse versículo descreve *todos* os profetas em todas as igrejas do NT, mas dedica pouca análise aos outros dados presentes no resto do NT com o objetivo de demonstrar que isso é verdade — que a profecia nesses outros contextos cumpre, de fato, o mesmo papel "fundacional" (ele dedica apenas duas páginas [60 e 61], p.ex., para a questão da autoridade da profecia em ICo 14).

Para os propósitos deste estudo, os profetas cristãos comuns, que usam o dom de profecia nas reuniões normais da congregação

[10]Roy Clements, p.ex., sugere que Ef 2.20 se refere a "algumas personagens verbalmente inspiradas, mas não apostólicas, como Lucas e Marcos" e que a sentença como um todo pode se referir ao "círculo de testemunhas apostólicas de quem deriva o cânon do NT". V. Roy Clements, *Word and Spirit*: the Bible and the gift of prophecy today (Leicester: UCCF Booklets, 1986, p. 21). Apesar de eu ser favorável à interpretação 4, por razões explicadas no apêndice 6, posso ver a possibilidade dessa interpretação e sua consistência com o restante do que sugiro neste livro sobre o dom de profecia nas igrejas do NT.

são muito mais relevantes que esse grupo especial de "profetas" (ou "apóstolos-profetas") em Efésios 2.20 e 3.5, a quem o grande fato da inclusão dos gentios foi revelado. Os capítulos seguintes estudam esses profetas nas congregações do cristianismo do primeiro século.

Existem, então, dois tipos de profecia?

Se eu desenvolver uma argumentação, como faço neste livro, dizendo que os apóstolos podiam "profetizar" com absoluta autoridade divina, mas que os profetas comuns da congregação não tinham esse tipo de autoridade, estaria então dizendo que existem dois tipos de profecia no NT? Alguém poderia fazer essa distinção, e, de fato, escrevi sobre isso em um livro anterior e mais técnico sobre o assunto, prendendo-me mais a uma terminologia usada em discussões acadêmicas sobre a profecia.[11]

Contudo, tomei a decisão de, neste livro, não mencionar os "dois tipos de profecia" do NT, pois essa linguagem pode ser mal-interpretada, dando a idéia de que os dois tipos de profecia seriam muito diferentes, diferindo inclusive na própria experiência do profeta etc. Mas o NT não apóia essas diferenças (e também não afirmei isso no meu livro anterior).

A distinção que tentei traçar e tento fazer aqui do mesmo modo, baseia-se apenas em um ponto: o tipo de autoridade ligada às palavras faladas em uma profecia. Quando a profecia é falada (ou escrita) por um apóstolo, então as palavras têm autoridade singular: a autoridade divina absoluta (conforme já argumentei neste capítulo). Não acreditar ou desobedecer à profecia falada por um *apóstolo* é não acreditar em Deus e desobedecer ao próprio Deus. É por isso que as palavras dos após-

[11]V. Wayne Grudem, *The gift of prophecy in 1Corinthians* (Lanham: University Press of America, 1982) p. 3-5, 110-3 etc.

tolos podem ser incluídas nas Escrituras, pois elas têm a autoridade das próprias Escrituras. Mas essa autoridade simplesmente não se aplica às palavras dos profetas comum das igrejas locais do NT (como veremos nos próximos capítulo). O ato de profetizar é "diferente" nesse sentido.

Mas isso não deve causar surpresa. É o mesmo que acontece, por exemplo, com "ensinamento" e "pregação". O ensinamento e a pregação dos *apóstolos* têm autoridade divina absoluta, mas normalmente não dizemos que existiam "dois tipos de ensinamento" no NT ou "dois tipos de pregação". Se quisermos dizer isso para enfatizar a diferença de autoridade entre os apóstolos e as demais pessoas, a atitude não seria totalmente errada. Mas normalmente tal linguagem seria enganosa, porque tenderia a enfatizar as diferenças e a minimizar as similaridades entre a pregação e o ensino apostólicos e a pregação e o ensino em todas as igrejas do NT.

Assim, neste livro, não uso a terminologia "dois tipos de profecia". Simplesmente falo sobre a profecia proferida pelos apóstolos e, então, sobre a "profecia comum da congregação", como aconteceu em muitas igrejas locais cristãs. A profecia dos apóstolos não era exatamente diferente em "tipo" (ou em muitas maneiras), mas somente em autoridade. A profecia proferida por outros cristãos nas igrejas locais era "comum" e "usual", o que é a preocupação principal deste livro.

APLICAÇÃO PARA HOJE

Depois de perceber que os apóstolos do NT são a contrapartida dos profetas do AT, devemos aplicar essa percepção à nossa vida, dando maior atenção aos escritos dos "apóstolos de Jesus Cristo". Especificamente, devemos ler os escritos do NT como palavras do próprio Deus, ainda vivas e poderosas para falar ao nosso coração hoje, com autoridade divina. Nenhuma outra palavra falada hoje pode igualar-se às palavras das Escrituras em autoridade, pureza e poder.

Em nossa vida, somente as palavras de Deus devem ocupar o primeiro lugar no coração e na mente. Devemos lê-la, crer nela, memorizá-la, amá-la e estimá-la como palavras de nosso Criador faladas a nós. Todos os outros dons e ensinamentos de hoje devem estar sujeitos às palavras da Escritura e devem ser julgados por ela. Não se deve permitir que haja competição com nenhum outro dom, ensinamento ou texto escrito que vise conquistar a absoluta prioridade de nossa vida.

3

Os profetas do Novo Testamento em Corinto

Usar palavras puramente humanas para relatar algo que Deus traz à mente

A ESTRUTURA DE 1CORÍNTIOS 12—14

Antes de analisar em detalhes a discussão de Paulo sobre o dom de profecia em 1Coríntios, é bom termos uma visão geral do ensino e da estrutura de 1Coríntios 12—14.

Dentre as muitas dificuldades com as quais Paulo foi forçado a lidar em Corinto, pode-se destacar os problemas com o orgulho por parte dos que tinham dons espirituais exteriormente perceptíveis (1Co 1.31; 4.7; 5.6; 8.1; 10.12; 11.21s.; 13.4,5) e o resultante ciúme ou o sentimento de menor importância, alimentado entre os que receberam dons de menor percepção externa (1Co 3.3; 10.10; 12.14-26; 13.4). Paulo lida com todos os problemas de uma vez em 1Coríntios 12.28, quando diz: "Assim, na igreja, Deus estabeleceu primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois os que realizam milagres, os que têm dons de curar, os que têm dom de prestar ajuda, os que têm dons de administração e os que falam diversas línguas". Por um lado, ao dizer que tais ministérios são de *Deus*, ele lembra os coríntios de que não devem

se orgulhar, mas se *humilhar* (v. 1Co 4.7: "O que você tem que não tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse?").

Por outro lado, uma vez que Deus *distribuiu* os dons da maneira como lhe aprouve (v. 1Co 12.11,18,28), os coríntios não deveriam nem ter ciúmes dos outros nem reclamar das decisões de Deus, mas deveriam se contentar. Além disso, uma vez que *cada crente* havia recebido algum tipo de dom (1Co 12.6,7,11) e já que *todo dom* é necessário (1Co 12.7,15,17,21, 23,26), então ninguém precisa se sentir pouco importante.

Contudo, ao resolver esses problemas, Paulo poderia ter criado outro se tivesse parado aí. Os coríntios poderiam ter se tornado fatalistas, dando ênfase desequilibrada à soberania de Deus na distribuição dos dons. Eles poderiam ter deixado de fazer progresso na obtenção dos dons que mais ajudariam a igreja. Assim, Paulo adiciona um mandamento corretivo: *apesar* de Deus ter colocado os dons na igreja como ele quis (1Co 12.28-30), *entretanto*, deve-se *continuar a buscar* os melhores dons (1Co 12.31).

Contudo, até mesmo os melhores dons poderiam ser mal utilizados se os coríntios tivessem atitudes ruins. Desse modo, Paulo prossegue rumo a algo ainda melhor que buscar os melhores dons ("um caminho ainda mais excelente", 1Co 12.31*b*), a saber, usar em amor os dons que receberam ou que queriam receber (1Co 13.1-13).

Como isso funciona na prática? No uso dos dons, seguir o caminho do amor significa falar de maneira inteligível e ordeira de modo que a igreja possa ser edificada (1Co 14.1-40).

Desse modo, a estrutura resumida desses capítulos é esta:

1. É bom usar os diferentes dons que Deus concedeu a todos vocês (1Co 12.1-31).
2. É ainda melhor usar em amor os dons que vocês têm ou buscam (1Co 13.1-13).

3. Usar os dons em amor significa falar de forma inteligível e ordeira (1Co 14.1-40).

Essa compreensão estrutural de 1Coríntios 12—14 pode nos ajudar a compreender o que Paulo quis dizer com "melhores dons" em 12.31 e com "primeiramente [...] em segundo lugar [...] em terceiro lugar..." em 12.28.

Em 1Coríntios 12.28, o tipo de classificação subentendida pelos termos "primeiramente [...] em segundo lugar [...] em terceiro lugar...", utilizados por Paulo, certamente não se referem ao aspecto cronológico, pois as línguas aparecem em último lugar na lista, mas surgiram logo no começo da igreja (At 2.4).

Seria uma classificação de "dignidade" ou de "superioridade espiritual"? Isso é improvável, uma vez que Paulo tenta combater o orgulho espiritual e, em vez de tomar dignidade para si mesmo, ele vê os apóstolos "em último lugar, como condenados à morte [...] um espetáculo para o mundo, tanto diante de anjos como de homens" (1Co 4.9).

A resposta é parcialmente apresentada em 1Coríntios 12.31*a*. Os leitores de Paulo deveriam naturalmente entender que os melhores dons (gr. *meizōn*) são os que Paulo acabou de classificar como "primeiro [...] segundo [...] terceiro". O pensamento de Paulo é esclarecido em 1Coríntios 14.5*b*, onde, em um uso provavelmente intencional da mesma palavra, ele diz que "quem profetiza é maior" (novamente, gr. *meizōn*) porque, por meio desse dom, a igreja é edificada.

Portanto, nesse contexto, a grandeza mede a utilidade do dom à igreja. Desse modo, em 1Coríntios 12.28 os apóstolos estão em primeiro lugar porque são os mais úteis na edificação da igreja. Os profetas aparecem em segundo e os mestres em terceiro porque também contribuem grandemente para a edificação da igreja. Essa interpretação encaixa-se com o propósito geral de Paulo de encorajar os dons e as atitudes que edificam a igreja (notamos essa ênfase nestes versículos-chave: 1Co 12.7,25,26; 14.5*b*,12,26*b*).

Embora alguns dos detalhes pressuponham conclusões posteriores a partir deste estudo, é útil destacar aqui algumas das afirmações de transição e, mais uma vez, resumir todo o assunto de 1Coríntios 12—14:

1. *Todos* possuem dons úteis (12.2-30), e *é bom* buscar dons melhores (12.31*a*).
2. Mas é *ainda melhor* (12.31*b*) usar em amor os dons que vocês têm ou desejam ter (13.1-13), ou seja, falar de maneira inteligível e cultuar de maneira ordeira, de modo que a igreja possa ser edificada (14.1-36).
3. Vocês devem obedecer às minhas palavras, pois elas são mandamentos do Senhor (14.37,38).
4. Agora, para resumir: "Portanto, meus irmãos, busquem com dedicação o profetizar e não proíbam o falar em línguas. Mas tudo deve ser feito com decência e ordem" (14.39,40).

Portanto, de acordo com essa compreensão dos capítulos 12—14, 1Coríntios 14.29-33*a* é parte da sessão maior da epístola (14.1-36), na qual Paulo orienta os coríntios sobre como se conduzir durante o culto. A partir do versículo 29, Paulo expressa sua visão sobre o uso correto do dom de profecia em particular.

1CORÍNTIOS 14.29: PROFECIAS QUE PRECISAM SER ANALISADAS

Paulo diz: "Tratando-se de profetas, falem dois ou três, e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito" (1Co 14.29).

A primeira pergunta a ser feita é: Quem são "os outros" a quem Paulo ordena que façam a avaliação do que o profeta disse?

Seriam "os outros" de 14.29 os possuidores do dom de "discernimento de espíritos" de 12.10?

Não muitos comentaristas do NT afirmam que "os outros" mencionados aqui são os que possuem o dom de "discernimento de

espíritos" (1Co 12.10). O principal ponto de apoio dessa visão é a similaridade entre o substantivo "avaliação, discernimento, distinção" (gr. *diakrisis*), em 1Coríntios 12.10, e o verbo "avaliar, apesar, discernir" (gr. *diakrinō*), em 14.29.

Mas deve-se notar que tanto o substantivo quanto o verbo têm significado bastante amplo. Não é de todo improvável que Paulo use *diakrisis* em 1Coríntios 12.10 com sentido de "distinguir" (entre diferentes tipos de espíritos) ao mesmo tempo em que usa *diakrinō* em 14.29 para dar um sentido bastante diferente, como "avaliar" ou "julgar" (declarações proféticas). Na verdade, é somente em 1Coríntios que Paulo usa o verbo *diakrinō* com vários sentidos.[1]

À vista dessa ampla gama de significados, seria ousado presumir que o substantivo usado em 1Coríntios 12.10 deve ter o mesmo significado do verbo de 14.29 *e* se refira à mesma atividade ou dom.[2]

Além do mais, não é legítimo simplesmente supor que 1Coríntios 12.10 seja restrito à avaliação dos profetas e das profecias. A. Bittlinger, por exemplo, sugere como exemplos de "discernimento de espíritos" alguns dos exorcismos praticados por Jesus quando ele sabia que um demômio estava presente. Também inclui os casos de Elimas (At 13.8s.) e da menina que predizia o futuro (At 16.16-18).[3] A. Robertson e A. Plummer definem essa capacidade como "o dom de discernir, em vários

[1]Em 1Co 11.31, ele o usa com o sentido de "avaliar"; em 11.29, com o sentido de "distinguir" (ou "avaliar"); em 6.5, com o sentido de "prover um julgamento legal"; e em 4.7, com o significado de "fazer distinção". Em Rm 14.1, ele aparentemente quer dar o sentido de "discussões" ou "disputas" ao usar *diakriseis*

[2]Abordei a questão do possível relacionamento entre 1Co 14.29 e 12.10, e o significado de "fazer distinção entre os espíritos" um artigo mais técnico. Wayne Grudem, A response to Gerhard Dautzenberg on 1Corinthians 12.10, in: *Biblische Zeitschrift* 22.2, 1978, p. 253-70.

[3]*Gifts and graces*: a commentary on 1Corinthians 12—14, London: Hodder and Stoughton, 1967, p. 46.

casos (conseqüentemente, no plural), se manifestações espirituais extraordinárias vinham de cima ou não".[4]

Se resistirmos à tentação de ler no texto uma limitação ao teste específico das profecias, então é correto partir para uma definição mais geral, tal como a mencionada acima por Robertson e Plummer. Algo como "a habilidade de reconhecer a influência do Espírito Santo ou de espíritos demoníacos em uma pessoa" é mais apropriada.

Isso significa que qualquer situação na qual os cristãos do primeiro século se vissem diante de uma influência demoníaca era uma oportunidade em potencial para o uso do dom de discernimento de espíritos. Seriam algumas doenças o resultado de influência demoníaca (v. Mt 9.32-34; 12.22)? Assim, a pessoa com esse dom seria capaz de distinguir, e o demônio poderia ser expulso. Estaria um espírito maligno fazendo com que alguém interrompesse a pregação, o ensino ou o culto (v. At 16.16-18)? Então a pessoa com o dom de discernimento de espíritos poderia reconhecer a fonte do problema. Poderia alguém profetizar pelo poder de um espírito maligno (1Jo 4.1-6)? Então a pessoa com esse dom poderia chamar a atenção para esse fato. Uma vez que Paulo menciona que os demônios estavam envolvidos na adoração pagã em Corinto (v. 1Co 10.20s.), podemos imaginar um grande número de casos nos quais esse dom seria considerado útil.

Mas se 1Coríntios 12.10 for entendido dessa maneira, então a expressão "os outros", em 1Coríntios 14.29, não precisa estar restrita aos que possuem o dom de discernimento de espíritos, pois esse dom incluiria uma gama muito maior de atividades do que simplesmente julgar os profetas.

Além do mais, se Paulo quisesse dizer que estava restringindo suas instruções em 1Coríntios 14.29 aos que possuíam aque-

[4]*A critical and exegetical commentary on the first epistle of St. Paul to the Corinthians*, ICC, Edinburgh: T & T Clark, 1914, p. 267.

le dom, ele não teria usado um termo tão geral como "os outros" e o deixado sem explicação. Ele teria dito algo como "aqueles com o dom de discernimento de espíritos" se quisesse transmitir esse significado aos leitores.

Seriam "os outros" de 14.29 os outros profetas?

A interpretação mais comum de 1Coríntios 14.29 é a afirmação que a expressão paulina "e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito" realmente significa "e os *outros profetas* julguem cuidadosamente o que foi dito".

Os defensores dessa abordagem normalmente apelam para 1Coríntios 12.10, onde está claro que somente alguns cristãos — e não todos — tinham o dom de discernimento de espíritos. Contudo, os que se apegam a essa abordagem fazem duas pressuposições não comprovadas:

a) o limitado grupo que possuía o dom de "discernimento de espíritos" era composto basicamente de profetas;

b) o dom de "discernimento de espíritos" é usado na "avaliação" das profecias em 1Coríntios 14.29.

O problema dessa abordagem é que em 1Coríntios 12.10 Paulo deixa claro que existe uma distinção entre o possuidor do dom de profecia e o do dom de discernimento de espíritos ("a outro...", 12.10). Certamente ele não afirma terem todos os profetas o dom de discernimento de espíritos.

Várias outras considerações definem como pouco provável que "os outros" em 1Coríntios 14.29 signifique "os outros profetas".

a) Em outros lugares onde é discutido o assunto do julgamento do que se fala na congregação, parece que toda a congregação está envolvida. O texto de 1Coríntios 12.3 nos apresenta um teste aplicável por qualquer um: estaria o orador falando "Jesus seja amaldiçoado"? Então ele não fala pelo Espírito Santo.

Aquele que fala está fazendo a confissão de verdadeira fé em que Jesus é Senhor? Então ele fala pelo Espírito Santo.

De maneira similar, o texto de 1Tessalonicenses 5.20,21 é endereçado à igreja como um todo: "Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom". Avaliações similares realizadas pela totalidade da igreja estão implícitas em 1João 4.1-6 e Atos 17.11.

Isso não quer dizer que todas as pessoas presentes na igreja exerceriam papel similar na avaliação pública do que estava sendo dito. O mais certo é que os "adultos" (NVI e RA) ou "perfeitos" (ARC) (Hb 5.14), os "sábios" (1Co 6.5) e os que porventura tinham o dom de discernimento de espíritos (1Co 12.10) falassem com mais freqüência e com mais autoridade. Mas em nenhum lugar encontramos a afirmação sobre o julgamento estar limitado aos oficiais em particular ou aos possuidores de determinado dom.

b) Se Paulo quisesse dizer "que os outros profetas julguem cuidadosamente o que foi dito", ele provavelmente teria usado outra expressão que não "os outros". F. Godet destaca corretamente que usar palavras com claro sentido de "o resto dos profetas" (gr. *hoi loipoi*) teria sido muito mais adequado se esse realmente fosse o sentido que Paulo tinha em mente.[5]

c) Se entendermos "os outros" como um grupo especial de profetas, teremos muita dificuldade de imaginar a razão da presença do resto da congregação durante a profecia e o julgamento. Ficariam eles em posição de "neutralidade", esperando o término e o julgamento da profecia para saber se deveriam acreditar nela? Dificilmente. As pessoas ouviriam e imediatamente avaliariam em suas mentes o que estava sendo dito.

[5]*Commentary on St. Paul's first epistle to the Corinthians*, Edimburgo: T & T Clark, 1898, vol. 2, p. 303.

Mas esse processo mental de avaliação seria muito bem descrito pela expressão de Paulo "julguem cuidadosamente o que foi dito". Portanto, é difícil excluir qualquer pessoa do que Paulo diz em 1Coríntios 14.29 sobre a avaliação das profecias. É especialmente difícil acreditar na idéia de que mestres, administradores e outros líderes da igreja que *não* tinham o dom de profecia ficassem sentados pacificamente esperando o veredito de um grupo de elite para que pudessem saber se deveriam aceitar a profecia como genuína. É preferível a abordagem que coloca tais líderes assumindo um papel proeminente no julgamento das profecias.

Conclusão: "os outros" refere-se a toda a congregação

Os argumentos anteriores mostram diversas dificuldades importantes na tentativa de ligar a expressão "os outros" a qualquer grupo especial ou limitado de cristãos. Esses argumentos oferecem boas razões para a conclusão de que a frase se refere à igreja como um todo.[6]

Enquanto o profeta fala, cada membro da congregação ouve cuidadosamente, avaliando a profecia à luz das Escrituras e da autoridade do ensinamento que a pessoa já saberia ser verdadeira. Logo haveria a oportunidade de avaliar a profecia; os sábios e os adultos (ou perfeitos) dariam a contribuição mais importante. Mas nenhum membro do corpo precisaria sentir-se inútil (v. 1Co 12.22), pois todos os membros, ainda que de maneira silenciosa, pesariam e avaliariam o que foi dito.

De que maneira a profecia é julgada?

A próxima e importante questão a ser decidida com relação ao texto de 1Coríntios 14.29 é: a que tipo de avaliação ou julgamento

[6]Como, p.ex., D. A. Carson, *Showing the Spirit*: a theological exposition of 1Corinthians 12—14 (Grand Rapids: Baker, 1987) p. 120, com referências a outras literaturas.

Paulo se refere quando diz: "Falem dois ou três, e os outros *julguem cuidadosamente o que foi dito*"?

O exame dessa afirmação mostra que Paulo tinha em mente o tipo de avaliação pela qual cada pessoa poderia "julgar cuidadosamente o que foi dito" em sua mente, aceitando a parte da profecia que fosse boa e útil e rejeitando o que fosse errado ou enganoso. Isso fica evidente tanto a partir do contexto geral quanto do sentido que está ligado à palavra grega que Paulo usa (*diakrinō*).

a) O *argumento a partir do contexto.* No primeiro momento, alguém pode supor que a frase "os outros julguem cuidadosamente o que foi dito" quer dizer "os outros deveriam julgar se quem falava era um profeta verdadeiro ou falso". Isso se encaixa, por exemplo, no escopo do texto cristão primitivo (de autoria desconhecida) chamado *Didaquê*, que apresenta critérios pelos quais a congregação podia decidir se um profeta era falso ou verdadeiro (*Didaquê* 11.3-12). De forma similar, Mateus lança um alerta sobre os profetas que "vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores": eles serão conhecidos por seus frutos (Mt 7.15-20; v. Mt 24.11,24). O texto de 1João 4.1-6 também alerta sobre os falsos profetas e apresenta o teste para identificá-los.

Contudo, na inspeção mais acurada, descobre-se que 1Coríntios 14.29 é diferente dessas passagens. Os outros textos advertem quanto a estranhos na igreja, vindos *de fora* (Mt 7.15; 1Jo 4.1,3; v. tb. *Didaquê* 11.5,6) e estabelecem critérios para testá-los. Porém, em 1Coríntios 14, Paulo faz referência à reunião dos que já foram aceitos na comunidade da igreja ("Quando vocês se reúnem", v. 26; "busquem com dedicação o profetizar", v. 39).

Quando Paulo diz: "...tratando-se de profetas, falem dois ou três", ele certamente não quer dizer que em todos os cultos haveria dois, três ou mais profetas recém-chegados em Corinto, esperando a vez para serem testados e aprovados pela congregação.

Em vez disso, o quadro é o de vários profetas conhecidos e aceitos pela congregação, cada um falando por sua vez. Nessa situação, seria muito improvável que eles fossem "julgados" e declarados profetas "verdadeiros" todas as vezes que falassem, mês após mês.

Um paralelo para 1Coríntios 14.29 bem melhor que Mateus 7, 1João 4 ou *Didaquê* 11, pode ser encontrado em outra passagem paulina: 1Tessalonicenses 5.19-21, na qual as *profecias* é que são julgadas e avaliadas, não os profetas. Essa passagem de Paulo é muito mais próxima de 1Coríntios 14.29 que qualquer outra escrita pelo apóstolo, mesmo as que mencionam situações bastante similares. De fato, tanto em 1Tessalonicenses 5.19-21 quanto em 1Coríntios 14.29s. percebe-se a ausência de qualquer advertência sobre os falsos profetas, a falta de critérios para julgá-los e nenhuma indicação de estranhos vindos de fora e fingindo ser profetas. Enquanto outras passagens falam de testes para revelar os falsos profetas, 1Coríntios 14.29 e 1Tessalonicenses 5.19-21 falam de um tipo diferente de avaliação, a *avaliação da profecia* dos que já eram aceitos pela congregação.

Finalmente, a idéia de julgar o profeta como "verdadeiro" ou "falso" simplesmente não se encaixa no quadro da congregação reunida apresentado por Paulo. A única maneira de a congregação inteira proferir o julgamento de uma declaração como "falsa" ou "verdadeira" seria por meio de algum tipo de votação, um processo realmente complexo. Diante de um assunto tão importante, não há dúvidas de que vários membros gostariam de expressar sua opinião. Em Mateus 7 e em *Didaquê* 11, o julgamento poderia levar vários dias, somando-se a observação e a avaliação do profeta, podendo até mesmo se estender para além disso. Contudo, a expressão de Paulo "e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito" parece indicar uma atividade a ser executada durante a reunião, enquanto os profetas estivessem

falando ou assim acabassem de falar (v. 1Co 14.27, sobre línguas e interpretação). De fato, os profetas podiam falar em uma seqüência tão rápida que não era incomum um interromper o outro (1Co 14.30).

Como conclusão, o *contexto* de 1Coríntios 14.29 indica que todos os membros da congregação ouviam o *discurso* do profeta e o avaliavam de alguma maneira, mas não julgavam *o profeta em si* como falso ou verdadeiro.

b) O *significado da palavra diakrinō*. O uso paulino da palavra grega *diakrinō* nos ajuda a definir com maior precisão o tipo de avaliação a ser feita. Embora a palavra tenha um significado bastante amplo, ela freqüentemente carrega em si o sentido de separação, discernimento ou distinção cuidadosa entre coisas ou idéias relacionadas.

A palavra pode ser usada, por exemplo, para peneirar o trigo (Fílon, *Mut.* 249, *Jos.* 113), para fazer a distinção entre animais puros de impuros (Josefo, *Ant.* 259) ou para separar os culpados de delitos do resto da multidão (Josefo, *Guerras* 4.118, 543). É usada para distinguir o bem do mal (*Testamento de Asher* 1.5; comp. o substantivo cognato usado da mesma maneira em Hb 5.14) e na separação de palavras verdadeiras das falsas (Fílon, *Congr.* 18; v. Jó 12.11: "O ouvido não experimenta as palavras como a língua experimenta a comida?").

No NT, *diakrinō* serve para distinguir entre os crentes judeus e gentios (At 15.9; provavelmente também 11.12). Paulo diz, em 1Coríntios 4.7: "Pois, quem *torna você diferente* de qualquer outra pessoa?". Em 1Coríntios 11.31, lemos: "Mas, se nós tivéssemos o cuidado de *examinar* a nós mesmos, não receberíamos juízo". A idéia aqui é de avaliação consciente das atitudes e ações da pessoa, separando-as e avaliando-as cuidadosamente e, então, determinando quais são corretas e quais não.

No sentido de "fazer distinção" ou "avaliar cuidadosamente", *diakrinō* é a palavra adequada para 1Coríntios 14.29 —

adequada, sim, *se* Paulo tivesse o desejo de descrever o processo pelo qual qualquer membro da congregação podia ouvir cuidadosamente e avaliar a afirmação, fazendo distinção entre o que a pessoa considerava bom e o que não era tão bom, entre o que se acreditava ser útil e o que era inútil, entre o que era percebido como verdade e o que era falso.[7]

Além do mais, se Paulo quisesse que os coríntios julgassem cada orador para saber se um profeta era verdadeiro ou falso, ele provavelmente teria usado outra palavra — não *diakrinō*, mas *krinō*. Esse é o termo que o NT usa para referir-se ao julgamento no qual existem apenas duas possibilidades, tal como culpado ou inocente, certo ou errado, verdadeiro ou falso (v. Mt 7.1; 19.28; Jo 7.51; 18.31; At 16.15; 25.10; Rm 2.1; 14.3; 4; 10; 13; 1Co 4.5; 5.3,12; 6.1-3,6; 10.15; 11.13; Cl 2.16; Hb 10.30; 13.4; Tg 4.11 etc.). Na verdade, em 1Coríntios 6.2-6, Paulo pode estar conscientemente fazendo distinção entre os julgamentos legais fora da igreja (para os quais ele usa a palavra *krinō*) e as decisões mais informais na igreja (para as quais usa a palavra *diakrinō*). Na igreja, é menos provável que uma parte seja considerada "culpada" e outra "inocente", sendo mais provável que essa avaliação cuidadosa apresente falhas em ambos os lados.

Partindo-se apenas do uso da palavra *diakrinō*, não é possível determinar se a avaliação seria completamente silenciosa ou se alguns membros da congregação responderiam oralmente. A ênfase do verbo está no processo deliberativo, não no resultado da deliberação. Sem dúvida, porém, a resposta oral dos líderes da congregação diante de uma profecia seria uma atitu-

[7]Esse sentido de *diakrinō* ganha alguma confirmação também a partir do fato de que a palavra também pode assumir sentido distinto — "duvidar", idéia relacionada que traz em si uma nuance intensificada de pesar idéias que competem entre si de maneira muito próxima na mente pessoa.

de apropriada (pelo menos em alguns momentos) e certamente iria contribuir para o processo de "edificação" (1Co 14.26) que Paulo estabeleceu como objetivo para o culto coletivo.

De acordo com quais padrões era realizado o "julgamento" das profecias? Em outras passagens do NT, o critério para a avaliação de um pronunciamento na igreja parecia estar sempre em conformidade com as Escrituras ou com os ensinamentos recebidos (At 17.11; 1Co 14.37-38; Gl 1.8; 1Jo 4.2,3,6) e provavelmente era esse o padrão utilizado aqui.

Antes de concluir a questão da avaliação das profecias, devemos dizer uma palavra sobre os falsos profetas. Ainda que em 1Coríntios 14.29 Paulo esteja falando da avaliação dos verdadeiros profetas (cristãos genuínos sob a influência do Espírito Santo), a possibilidade de os falsos profetas falarem sob a influência de algum espírito demoníaco certamente existia (v. 1Jo 4.1,3). Embora Paulo não tenha discutido explicitamente tal possibilidade em 1Coríntios, é correto deduzir, a partir do que Paulo diz, a expectativa de detecção de falsos profetas por aqueles que tinham a habilidade de discernir os espíritos (1Co 12.10) — esses falsos profetas seriam traídos por si mesmos ao propagar uma aberração doutrinária (1Co 12.3; 1Jo 4.2,3).

c) *Conclusão.* Levando em consideração tanto o contexto de 1Coríntios 14.29 e o sentido normalmente ligado ao termo grego *diakrinō*, podemos concluir que 1Coríntios 14.29 indica que toda a congregação ouvia e avalia a profecia, formando opinião sobre isso, e alguns talvez até discutissem a questão publicamente. Cada profecia podia conter elementos falsos e verdadeiros, sendo avaliadas e separadas pelo que eram. A expressão "julguem cuidadosamente", da NVI, expressa adequadamente o processo utilizado.

É interessante comparar esse processo com o julgamento dos profetas no AT. Ali, o falso profeta era morto (Dt 18.20). Para ser considerado falso profeta, bastava alguém dizer que

estava falando em nome de Deus e, então, dizer alguma coisa que ele não havia ordenado (Dt 18.20; v. Jr 23.16). [Nota: v. p. 35 e o apêndice 1, p. 356-7. Não defendo mais a posição de que a falsa profecia exigisse a pena de morte, a não ser que o profeta também promovesse a adoração a outros deuses].

É possível que a penalidade fosse tão severa pelo fato de o profeta do AT falar com a autoridade divina absoluta. O profeta devia falar as palavras de Deus ("...porei minhas palavras na sua boca", Dt 18.18; "... as minhas palavras, que o profeta falará em meu nome ...", Dt 18.19). Desobedecer às palavras do profeta traria sobre a pessoa a punição de Deus (Dt 18.19). Uma vez que o profeta exercia tamanha autoridade, era importante defender o ofício profético por meio de rígidas penalidades para os impostores.

Não é isso que acontece em 1Coríntios. Em vez disso, como já vimos, a congregação simplesmente avaliava a profecia e forma uma opinião sobre ela. Algumas dessas profecias poderiam ser bastante valiosas e outras não. Mas esse processo é compreensível somente se existir diferença entre o profeta do AT e o de 1Coríntios.

Enquanto os profetas do AT afirmavam declarar palavras do próprio Deus, é inconcebível que Paulo ou os coríntios as julgassem passíveis de avaliação para definir se eram boas ou não. Assim, os profetas de Corinto não deveriam ser analisados como quem falasse palavras plenas de autoridade divina. Suas profecias eram assunto de avaliação e questionamento em todos os pontos.[8]

[8]Kenneth L. GENTRY JR., *The charismatic gift of prophecy*: a reformed analysis, Lakeland: Whitefield Seminary Press, 1986. Essa obra menciona o fato de as profecias do AT serem "julgadas", muito embora fossem palavras de Deus, mas Gentry indica que não conhece a possibilidade de um tipo diferente de julgamento ou avaliação em 1Coríntios; também não dedica nenhuma consideração à evidência discutida aqui, sugerindo que, na verdade, havia tal diferença.

1CORÍNTIOS 14.30: PROFECIAS INTENCIONALMENTE NEGLIGENCIADAS

Depois de ensinar que dois ou três profetas poderiam falar, Paulo determina um padrão de ordem a ser seguido: "Se vier uma revelação a alguém que está sentado, cale-se o primeiro" (1Co 14.30).

Esse versículo retrata uma situação mais ou menos como a que se segue. Enquanto um profeta está falando, alguma coisa é repentinamente "revelada" (*apokalyptō*) a outro. O segundo profeta sinaliza de alguma maneira, talvez colocando-se em pé, avisando que tem algo a dizer. Então, o primeiro não termina sua profecia, mas imediatamente se senta e fica em silêncio, permitindo que o segundo fale.

Profecias incompletas

A primeira coisa que notamos nesse versículo é que Paulo parece estar totalmente despreocupado com o fato de que a primeira profecia pudesse se perder totalmente ou que nunca fosse ouvida pela igreja. Essa atitude de Paulo parece encaixar-se no quadro da profecia do NT que vimos em 1Coríntios 14.29. Caso achasse que os profetas falavam palavras do próprio Deus, seria de esperar que Paulo mostrasse mais preocupação pela preservação delas e de sua proclamação. Se Deus realmente estivesse falando à igreja por meio de um profeta, seria imprescindível que a igreja ouvisse as palavras!

Em contraste com a atitude de Paulo, podemos citar Jeremias 36, onde vemos o rei Jeoaquim mostrando insensível desprezo pela palavra profética escrita para que ele lesse (Jr 36.23-25). Em função disso, ele é sentenciado a uma punição ainda maior (Jr 36.30). Em 1Coríntios 14.30, porém, Paulo defende a existência de um sistema pelo qual algumas das palavras que o primeiro profeta estava por dizer *nunca* seriam ouvidas pela igreja.

Se os profetas do NT fossem considerados porta-vozes revestidos de autoridade divina absoluta, seria muito difícil entender esse versículo. Como Paulo poderia permitir que as palavras de Deus fossem perdidas?

Contudo, se os profetas do NT forem considerados pessoas que falavam palavras meramente humanas para relatar algo que Deus lhes trouxera à mente, as instruções de Paulo seriam bastante razoáveis. Muitos cristãos tinham contribuições ao culto (1Co 14.26), e havia um período de tempo limitado. Portanto, era preciso dar oportunidade a tantos quantos o tempo permitisse para que pudessem colaborar com o objetivo de, por meio da diversidade de contribuições, edificar todos os presentes, de alguma maneira (1Co 14.31).

Naturalmente, haveria momentos em que alguém estivesse apresentando "um salmo, ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em uma língua ou uma interpretação" (1Co 14.26) — ou uma profecia — e que, em função do tempo, tivesse de ser interrompido. Mas isso não importava. O mais importante era que todas as coisas fossem feitas para a edificação (1Co 14.26).

Nesse ponto, alguém pode objetar, dizendo que as palavras do primeiro profeta não precisavam se perder: ele poderia simplesmente esperar até que o segundo profeta acabasse de falar e, então, retomar seu discurso.

Mas essa objeção não se encaixa plenamente nas palavras de Paulo. Se o primeiro profeta pudesse retomar seu discurso, então por que ordenar que o *primeiro* se calasse? Se o primeiro profeta pudesse reter sua revelação e falar mais tarde, o segundo poderia fazer a mesma coisa. Nesse caso, faria muito mais sentido que o segundo profeta esperasse, em vez de interromper abruptamente o primeiro, obrigando-o a entregar seu discurso em duas partes.

Para que a instrução de Paulo seja compreendida, devemos aceitar que ele presumia que o primeiro profeta não retomaria seu

discurso depois de o segundo profeta ter parado: a outra parte da profecia do primeiro profeta seria intencionalmente negligenciada e provavelmente não seria ouvida pela igreja.

Uma "revelação" implica autoridade divina?

O segundo ponto de interesse para nós em 1Coríntios 14.30 é o termo traduzido por "revelação". Na verdade, o termo grego usado aqui é um verbo (*apokalyptō*), e esse versículo é mais comumente traduzido da maneira como está na NVI: "Se vier uma revelação a alguém que está sentado, cale-se o primeiro".

Argumento no capítulo 5 que o termo "revelação" (*apokalyptō*), juntamente com a evidência presente em 1Coríntios 14.32-33, indica que a atividade de revelação do Espírito Santo é a origem de qualquer profecia do NT. Paulo retrata um tipo de processo pelo qual o profeta é espontaneamente conscientizado de algo que ele sente que Deus o está fazendo pensar.

Mas é exatamente nesse ponto que surge um problema. Alguém pode argumentar que o fato de a profecia do NT ser baseada em uma "revelação" de Deus *necessariamente implica* que o profeta fala com autoridade divina associada às suas próprias palavras.

Esse não é necessariamente o caso. Vários exemplos de uso dos termos "revelar" (gr. *apokalyptō*) e "revelação" (*apokalypsis*) mostram que o *relato* de uma "revelação" pode facilmente ser considerado simplesmente uma palavra humana em termos de autoridade, o que é similar, por exemplo, à autoridade de quem profere um sermão ou dá um conselho na condição de cristão maduro. Esses relatos não devem ser ignorados de forma alguma, mas também não devem ser considerados possuidores de autoridade sobre nossa vida semelhante à das Escrituras.[9]

[9]Richard B. GAFFIN, *Perspectives on Pentecost*, Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979, p. 97-9. O autor afirma que não existem dois tipos de revelação de Deus — uma "canônica", para toda a igreja, e outra "particular", para os

Em Filipenses 3.15, por exemplo, Paulo encoraja seus leitores a serem zelosos com relação ao crescimento contínuo e ao serviço eficiente por Cristo, dizendo: "E, se em algum aspecto vocês pensam de modo diferente, isso também Deus lhes esclarecerá [*apokalyptō*]". Em outras palavras, se qualquer um dos filipenses se desviasse de seu chamado, Deus faria com que seu erro lhe fosse conhecido; Deus o "revelaria".

Mas não podemos supor que todas as vezes que os cristãos filipenses dissessem a seu próximo que Deus lhes havia "revelado" algum pecado em sua vida, a conversa (o *relato* de tal "revelação") com o próximo teria a autoridade divina absoluta apoiando suas palavras. Em vez disso, a "revelação" seria recontada em palavras puramente humanas, ou seja, as palavras do profeta, e não as palavras de Deus.[10]

De modo similar, em Romanos 1.18, Paulo escreve que "a ira de Deus é revelada [*apokalyptō*] dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens". Essa revelação da ira de Deus era clara, para que todas as pessoas a vissem, mas certamente

crentes individualmente — mas não fornece argumentos ou evidências que apóiem essa afirmação nem mostra como isso pode ser verdadeiro à luz dos versículos que examino nos parágrafos imediatamente seguintes, p. ex., ou em 1Co 14.24-28. Além do mais, a questão fundamental não é realmente o *tipo* de revelação, mas a autoridade ligada ao *relato* da revelação aos outros.

[10]Parece que Gentry (*Charismatic gift of prophecy*, p. 34-5) sugere que todas as conversas em Filipos relatando tal revelação de pecado possuíam autoridade divina absoluta, mas estavam limitas à era apostólica (e talvez pudessem ter sido pronunciadas por profetas "em todas as igrejas"). Mas as palavras de Paulo não sugerem tal restrição. Ele escreve à igreja de Filipos como um todo, falando da revelação que Deus faz de *todas as coisas* nas quais eles não estavam agindo com a mente de Cristo. Parece-me que a interpretação de Gentry exige um grande grupo desordenado de profetas e profecias em Filipos, dando uma visão muito restrita da maneira como Deus convence seu povo de pecado em *qualquer situação* na qual eles não estejam agindo como Cristo em sua maneira de pensar (por meio da revelação disso a eles em sua consciência individual, não apenas por meio de dezenas ou centenas de profecias particulares, todas com autoridade igual à das Escrituras).

quando discutiam o que Deus lhes havia revelado, Paulo não atribuía a essas discussões uma categoria especial de palavras nem as considerava possuidoras de autoridade divina.

Então, em Efésios 1.17, lemos uma oração que pede a Deus que dê aos leitores um "espírito de sabedoria e de revelação [*apokalypsis*, sinônimo cognato], no pleno conhecimento dele", de modo que possam conhecer mais dos benefícios a que têm direito como cristãos. Mais uma vez, não seria possível achar que toda vez que o crente obtivesse uma nova visão de seus privilégios como cristão e o reportasse a um amigo, as palavras desse discurso pudessem ser consideradas palavras do próprio Deus. Seria, sim, o *relato* de alguma coisa que Deus havia "revelado" ao cristão, mas em palavras puramente humanas.

Finalmente, em Mateus 11.27, Jesus diz que, se alguém conhece o Pai é porque o Filho revelou (*apokalyptō*) o Pai a ele. Se alguém quiser argumentar que o relato de uma "revelação" é sempre expresso em palavras que são palavras de Deus, então essa afirmação pressupõe que *qualquer* crente que relate como conheceu a Deus está falando com autoridade divina absoluta — obviamente, uma situação impossível.

Portanto, os termos "revelar" e "revelação", por si mesmos, de modo algum indicam que se achava que os profetas de 1Coríntios 14 falassem com autoridade divina. De maneira específica, o termo *apokalyptō* presente em 1Coríntios 14.30 não exige que pensemos que o profeta cristão relatando algo que Deus tivesse lhe revelado falasse as palavras do próprio Deus.

D. A. Carson observa acertadamente:

> Quando Paulo pressupõe em 1Coríntios 14.30 que o dom de profecia depende de uma revelação, não estamos limitados a uma forma de revelação de autoridade que ameace a finalidade do cânon. Defender essa idéia é confundir a terminologia da

teologia sistemática protestante com a terminologia dos escritores sagrados.[11]

1CORÍNTIOS 14.36: NENHUMA PALAVRA DE DEUS ENTRE OS PROFETAS DE CORINTO

Depois de um breve trecho sobre mulheres falando na igreja (1Co 14.33*b*-35), Paulo diz: "Acaso a palavra de Deus originou-se entre vocês? São vocês o único povo que ela alcançou?" (1Co 14.36). Nesse versículo, Paulo assume uma postura ofensiva contra a igreja de Corinto e nega aos crentes daquela cidade o direito de estabelecer para o culto promovido pela igreja regras contrárias às que ele acabara de traçar.

Paulo faz duas perguntas retóricas, deixando implícito que a resposta em ambos os casos é negativa. Quando ele diz "Acaso a palavra de Deus originou-se entre vocês?", sugere que a palavra de Deus não se originou entre eles. Paulo afirma que eles não estavam falando palavras com autoridade divina absoluta, tal como ele mesmo. Portanto, deveriam submeter-se à orientação apostólica, em vez de achar que seus profetas pudessem dar direcionamento de igual autoridade. A palavra de Deus "originou-se" entre os apóstolos, não entre quaisquer profetas de igrejas locais como a de Corinto.

O verbo "originar" é usado na NVI ("Acaso a palavra de Deus originou-se entre vocês?") e na RA ("Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós?"). Em outras palavras, Paulo está perguntando se eles eram a origem da mensagem do Evangelho. Naturalmente não o eram. Portanto (assim prossegue tal interpretação), não poderiam fazer regras que se sobrepusessem aos mandamentos de Paulo.

Mesmo que seja esse o significado do versículo ("O Evangelho se originou com vocês?"), a aplicação é clara: ninguém em

[11]*Showing the Spirit*, p. 163.

Corinto (incluindo os profetas) podia estabelecer regras que competissem com as palavras de Paulo em autoridade. Isso significa que nenhum profeta em Corinto podia falar "palavras do Senhor", como os apóstolos faziam.

Contudo, há razões para questionar se o versículo quer dizer: "O Evangelho se originou com vocês?". Primeiramente, o Evangelho também não se originou com Paulo (ele veio de Jesus Cristo e, posteriormente, pelos apóstolos no Pentecoste, mas, em nenhum caso, de Paulo). Portanto, dizer que o Evangelho não se originou com os coríntios não significava que fossem inferiores a Paulo em termos de autoridade.

Além do mais, a palavra grega comum que Paulo usou (*exerchomai*) simplesmente significa "sair" e não tem necessariamente o sentido de "fonte original" ou "primeiro ponto de origem". A mesma palavra é comumente usada em relatos sobre Jesus, dizendo que ele "saiu" de várias cidades, mas em nenhuma situação a palavra é usada para referir-se a alguma daquelas cidades como a fonte original da mensagem sobre Jesus (v. Mt 9.26; Mc 1.28; Lc 4.14; 7.17; Jo 21.23; comp. outra passagem sobre "sair" em Rm 10.18).

Paulo poderia facilmente ter dito: "Acaso a palavra de Deus [i.e., o Evangelho] originou-se *primeiramente* entre vocês?", se ele quisesse dizer isso. Mas não foi isso o que ele disse. Ele simplesmente disse: "Acaso a palavra de Deus originou-se entre vocês?", e deixou implícito que isso não havia acontecido, ou seja, que o Evangelho não se originou entre eles. Ninguém na igreja de Corinto deu origem às palavras de Deus.

Mas há outra implicação nessa questão. Vamos assumir por um momento que os profetas de Corinto *fossem* capazes de falar com autoridade divina, talvez não para todo o mundo cristão, mas simplesmente palavras que teriam autoridade divina absoluta somente para a igreja de Corinto. Se esse fosse o caso, então certamente assumiríamos que eles seriam capazes de anunciar esse tipo de "mandamento do Senhor" em uma questão tão

secundária quanto a conduta no culto de adoração. É claro que isso era importante, mas dificilmente estaria no mesmo nível de definição de doutrinas importantes para todo o mundo cristão. Mesmo assim, Paulo lhes nega essa capacidade. Eles são incapazes de fazer o que querem no que se refere à conduta no culto; devem obedecer a Paulo e aos outros que são capazes de falar com maior autoridade. Assim, 1Coríntios 14.36 torna bastante duvidosa a possibilidade de qualquer pessoa de Corinto, até mesmo um profeta, ser capaz de falar com absoluta autoridade divina.

1CORÍNTIOS 14.37-38: PROFETAS COM MENOS AUTORIDADE QUE UM APÓSTOLO

Em 1Coríntios 14.37-38, Paulo escreve para uma comunidade na qual vários profetas estavam ativos e, mesmo assim, afirma sua autoridade sobre toda a comunidade, inclusive sobre os profetas. Esses versículos são, portanto, a contrapartida positiva do versículo 36. Paulo escreve:

> Se alguém pensa que é profeta ou espiritual, reconheça que o que lhes estou escrevendo é mandamento do Senhor. Se ignorar isso, ele mesmo será ignorado (1Co 14.37-38).

Nessa passagem, Paulo afirma algo além da precisão da própria opinião. Também afirma que qualquer um que lhe desobedecer também o faz com relação ao "mandamento do Senhor" e será punido não por Paulo, mas pelo próprio Deus.

Conforme destacamos acima, na discussão da autoridade apostólica, a afirmação de Paulo é muito semelhante a dizer que aquilo que ele escrevera aos coríntios eram palavras verdadeiras, com autoridade divina. Essa autoridade se coloca no nível acima da autoridade de qualquer um em Corinto, incluindo os profetas. De acordo com Paulo, as palavras dos profetas de Corinto não tinham nem poderiam ter autoridade suficiente para mostrar que Paulo estava errado. Se ele atribui autoridade

divina às próprias palavras, parece que atribui aos profetas de Corinto algo consideravelmente inferior a isso.

1CORÍNTIOS 11.5: MULHERES QUE PROFETIZAM, MAS QUE NÃO GOVERNAM NEM ENSINAM

Antes de sair de 1Coríntios, devemos notar rapidamente que Paulo assume que as mulheres podiam profetizar na igreja: "Toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça" (1Co 11.5). Contudo, em 14.34, ele diz o seguinte sobre as mulheres: "Não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão".

Antecipando a discussão do capítulo 4, podemos dizer rapidamente que o discurso que aparece em 1Coríntios 14.34 não é completo, mas apenas um discurso que assume a autoridade sobre os homens da congregação e que não é "submisso" ou "subordinado" (Note o forte contraste implícito pelo uso da palavra grega *alla* ["mas"]: "falar", no sentido da proibição de Paulo, é agir de maneira exatamente oposta a ser subordinado).

Se essa interpretação é correta, então 1Coríntios 11.5 pode ser facilmente conciliado com 1Coríntios 14.34, dado que o tipo de profecia exercido pelas mulheres de Corinto não envolvia a autoridade no discurso, ou seja, o direito de exigir obediência ou crença. Um discurso que contivesse autoridade divina poderia adequadamente seguir essa linha, mas não seria verdadeiro para uma palavra que simplesmente reportasse em termos humanos algo que Deus havia trazido à mente da pessoa. Desse modo, parece que a profecia transmitida por mulheres em Corinto não poderia chamar para si a autoridade de "palavras verdadeiramente divinas". Assim, 1Coríntios 11.5 é uma indicação a mais de que os profetas em Corinto não eram vistos por Paulo como pessoas que falavam palavras revestidas de autoridade divina.

CONCLUSÕES DE 1CORÍNTIOS

Examinamos cinco versículos diferentes ou pequenas passagens de 1Coríntios. Em cada uma delas existem indicações de que, pelo menos na visão de Paulo, os profetas de Corinto não falavam com autoridade divina nem eram considerados pelos outros cristãos como possuidores de autoridade divina absoluta.

Em 1Coríntios 14.29, parece que as palavras do profeta poderiam ser desafiadas e questionadas, e que o profeta poderia estar errado em algum momento. Contudo, não há indicação de que um erro ocasional o transformasse em um "falso" profeta. Em 1Coríntios 14.30, Paulo parece dar pouca importância ao fato de que algumas das palavras do profeta poderiam perder-se para sempre, sem nunca serem ouvidas pela igreja. Em 1Coríntios 14.36, ele não dá ao profeta o direito de estabelecer regras para o culto coletivo diferentes das que ele instituíra e, em 1Coríntios 14.37-38, aparentemente indica que, em sua opinião, nenhum profeta de Corinto tinha o tipo de autoridade divina que ele possuía. Finalmente, em 1Coríntios 11.5 e 14.34,35, Paulo permite que as mulheres profetizem enquanto nega a elas o direito de exigir obediência ou aceitação por parte da congregação, o que é consistente com a idéia de que os profetas falavam revestidos de autoridade inferior à autoridade divina "absoluta".[12]

Essas cinco passagens, portanto, indicam que Paulo via a profecia em Corinto como algo bastante diferente da profecia en-

[12]Em *Perspectives*, p. 60-1, Gaffin corretamente conclui que a profecia em 1Coríntios está conectada à revelação, mas não analisa as varias correntes de evidências que examinamos aqui, indicando que a profecia em Corinto tinha menor autoridade que as palavras das Escrituras ou as palavras dos apóstolos. Sua discussão sobre 1Co 14.29 inclui a análise do discernimento de espíritos em 1Co 12.10 (p. 70-1). Mas é duvidoso afirmar que a expressão "discernimento de espíritos" de 12.10 seja um "dom complementar" à profecia, uma vez que ele só é mencionado uma única vez no NT e a conexão com a profecia não é clara nessa passagem (v. acima, 1Co 12.10).

contrada, por exemplo, no Apocalipse ou em muitas partes do AT, em que a autoridade divina que reveste as palavras é afirmada pelos próprios profetas ou a favor deles. Embora pudesse ser apresentada como "revelação" divina, a profecia que encontramos em 1Coríntios possuía somente a autoridade das palavras meramente humanas pelas quais era transmitida. O profeta poderia errar, fazer má interpretação e ser tanto questionado quanto desafiado em qualquer ponto.

Vamos agora examinar brevemente relatos de profecia em outros textos do NT e compará-los com nossas conclusões sobre 1Coríntios.

Outros profetas do Novo Testamento

O uso de palavras meramente humanas para relatar o que Deus colocou na mente

EVIDÊNCIA EM ATOS DOS APÓSTOLOS

Atos 11.28: Ágabo, cena 1

Essa cena acontece em Antioquia, na igreja que, de Atos 13 até o final do livro, substituirá Jerusalém como centro missionário da igreja primitiva. É a igreja que, mais tarde, enviou Paulo e Barnabé em sua primeira viagem missionária. Na verdade, Barnabé e Saulo (Paulo) ficaram um ano inteiro ensinando nessa igreja (At 11.25,26).

Lemos o seguinte:

> Naqueles dias alguns profetas desceram de Jerusalém para Antioquia. Um deles, Ágabo, levantou-se e pelo Espírito predisse que uma grande fome sobreviria a todo o mundo romano, o que aconteceu durante o reinado de Cláudio. Os discípulos, cada um segundo as suas possibilidades, decidiram providenciar ajuda para os irmãos que viviam na Judéia. E o fizeram, enviando suas ofertas aos presbíteros pelas mãos de Barnabé e Saulo (At 11.27-30).

A pergunta é: que tipo de autoridade está ligada à profecia de Ágabo?

Quando Lucas diz que Ágabo predisse "pelo Espírito", ele usa uma frase em grego (*dia tou pneumatou*) que nunca foi usada no AT grego (*Septuaginta*) para referir-se a um discurso profético. A palavra grega *dia* ("através" ou "por meio de") parece significar "o que dá origem a uma ação",[1] e essa construção seria mais adequada para expressar o relacionamento mais informal entre o Espírito Santo e o profeta, uma vez que permite alto grau de influência pessoal por parte do ser humano (observe as frases: "somos mais que vencedores, *por meio daquele que nos amou*" [Rm 8.37] e "guarde-o *por meio do Espírito Santo* que habita em nós" [2Tm 1.14; grifo do autor] — ambas utilizam a mesma construção gramatical).

Certo grau de imprecisão também é sugerido pela palavra traduzida por "predisse" (grego *sēmainō*, "indicado", "expresso"). A mesma palavra é usada na literatura não-bíblica de caráter profético (como a do escritor judeu Josefo ou do escritor secular Plutarco) "que simplesmente fornece uma vaga indicação do que vai acontecer",[2] e podemos concluir que a autoridade divina absoluta não é requerida nem descartada por essa descrição.

Portanto, embora a evidência dessa passagem seja muito pequena para chegarmos a determinadas conclusões, a linguagem de Lucas é inteiramente compatível com o tipo de profecia neotestamentária de 1Coríntios, que era baseada numa "revelação", mas não era relatada em palavras revestidas de autoridade divina. Na verdade, a imprecisão ligada às expressões "indicado", "predito" e "por meio do Espírito" parece sugerir — apenas *sugerir* — um tipo inferior de autoridade.

[1]V. BAGD, 180, III.2.*b*.
[2]Ibid, p. 747.

Atos 13.2: seria isso realmente profecia?

Essa passagem também está ambientada em Antioquia, onde "havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo" (At 13.1).

Então lemos no versículo 2 que, enquanto os profetas e os mestres (citados em At 13.1) estavam adorando ao Senhor e jejuando, "disse o Espírito Santo: 'Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado'".

Seria isso o relato de uma profecia? Normalmente, presume-se que sim, especialmente pelo fato de os profetas terem sido mencionados no versículo 1.

Contudo, não há certeza de que essa passagem realmente seja um profecia. O fato de os profetas e mestres serem mencionados no versículo 1 serve apenas para mostrar que eles eram os homens da liderança da igreja de Antioquia, a quem foi adequadamente feita tal revelação, seja de que forma isso tenha acontecido.

Mais significativo é o fato de que Lucas atribui essas palavras não a um profeta, mas ao "Espírito Santo". Se examinarmos diversas afirmações similares no livro de Atos, descobriremos que, quando essa forma de expressão é usada, *se nenhum porta-voz humano é indicado*, não se trata de profecia:

- Atos 8.29: "E *o Espírito disse* a Filipe: Aproxime-se dessa carruagem e acompanhe-a'" (grifo do autor; não é profecia).
- Atos 10.19: "Enquanto Pedro ainda estava pensando na visão, *o Espírito lhe disse*: 'Simão, três homens estão procurando por você'" (grifo do autor; não é profecia).
- Atos 18.9: "Certa noite *o Senhor falou* a Paulo em visão: 'Não tenha medo, continue falando e não fique calado...'" (grifo do autor; não é profecia).

Também poderíamos comparar:

- Atos 15.28: "*Pareceu bem ao Espírito Santo* e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias..." (grifo do autor; não há indicação de que esse versículo seja resultado de profecia).
- Atos 16.6,7: "Paulo e seus companheiros viajaram pela região da Frígia e da Galácia, *tendo sido impedidos pelo Espírito Santo* de pregar a palavra na província da Ásia. Quando chegaram à fronteira da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, *mas o Espírito de Jesus os impediu*" (grifo do autor; não há indicação de que esse versículo seja resultado de profecia).
- Atos 16.9: "Durante a noite *Paulo teve uma visão*, na qual um homem da Macedônia estava em pé e lhe suplicava: 'Passe à Macedônia e ajude-nos'" (grifo do autor; não é profecia).
- Atos 20.23 é ambíguo (Paulo falando): "... *o Espírito Santo me avisa* que prisões e sofrimentos me esperam" (grifo do autor; pode incluir profecia e/ou outros tipos de comunicação do Espírito Santo como nos versículos acima).
- At 23.9 (alguns fariseus falando sobre Paulo): "Quem sabe se *algum espírito ou anjo falou* com ele?"[3] (grifo do autor; profecia não mencionada ou implícita).

Se Atos 13.2 é similar a vários exemplos como esses, poderia sugerir que Lucas está falando de um forte sentimento subjetivo de orientação vinda do Espírito Santo (tal como em At 15.28) que trouxe clara convicção sobre esse assunto a várias

[3]Note também a variante lida em texto P^{38} (aparentemente) e D em At 19.1, 2: "Enquanto Paulo deseja por sua própria vontade ir a Jerusalém, *o Espírito disse a ele* que voltasse para a Ásia. E passando pelas regiões elevadas, chegou a Éfeso" (não é profecia).

ou talvez a todas as pessoas que "adoravam o Senhor e jejuavam". Isso pode até mesmo ter incluído uma visão ou talvez uma voz inaudível que foi "ouvida" mentalmente por um ou vários membros do grupo, levando-os à rápida concordância sobre essa orientação.

Seja como for, o fato de Lucas não atribuir o discurso a qualquer um dos profetas, juntamente com o padrão encontrado em outros lugares — atribuir *palavras não proféticas* ao Espírito Santo —, faz com que seja difícil acreditar que o assunto dessas passagens seja profecia.

Atos 19.6: novos cristãos de Éfeso profetizam no momento da conversão

Ao chegar a Éfeso, Paulo encontrou algumas pessoas que ouviram (direta ou indiretamente) a mensagem que João Batista pregara e foram batizados com o batismo de arrependimento e preparação para o Messias. Mas elas aparentemente nunca tinha ouvido que Jesus era aquele para quem João estava preparando o caminho (At 19.4,5) e nem sequer tinham ouvido "que existe o Espírito Santo" (At 19.2).

Nesse momento, Paulo prega as boas-novas sobre Jesus e que ele era quem procuravam. Então,

> Ouvindo isso, eles foram batizados no nome do Senhor Jesus. Quando Paulo lhes impôs as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e começaram a falar em línguas e a profetizar. Eram ao todo uns doze homens (At 19.5-7).

Nessa passagem, o verbo "profetizar" descreve uma atividade oral que, de alguma maneira, nos lembra os grupos de profetas do AT. Seja qual for o caso, o fato de profetizar relatado aqui não guarda nenhuma semelhança com o discurso dos mensageiros do AT, considerados possuidores de autoridade divina absoluta. Isso certamente também difere dos pronunciamentos divinamente autorizados de Paulo e dos outros apóstolos.

Se essa passagem quer dizer que todos falavam em línguas e profetizavam ao mesmo tempo (sensação sugerida pela combinação dos tempos verbais do texto grego), então nenhum discurso podia ser ouvido distintivamente.

No entanto, ainda que isso significasse simplesmente que aqueles novos cristãos falavam em línguas e profetizavam um por vez (idéia que também é possível a partir do texto grego), esse dificilmente seria um caso no qual "profetas divinamente autorizados" estariam exercendo "a liderança renovada" na igreja para satisfazer a necessidade de orientação, na ausência dos apóstolos, até que as Escrituras estivessem completas — pois o apóstolo Paulo estava presente (e permaneceria com eles pelos dois anos seguintes). Dificilmente haveria qualquer necessidade de doze fontes adicionais de "palavras do Senhor" enquanto o próprio Paulo estivesse com eles. Assim, "profetizar", na cidade de Éfeso, não parece expressar a autoridade absoluta das palavras de Deus.

Atos 21.4: profecias às quais Paulo desobedece

Nessa passagem, Paulo chega ao fim de sua terceira viagem missionária e se aproxima de Jerusalém. Seu navio atracou na cidade portuária de Tiro (na costa da Síria, mais ou menos a noroeste da Galiléia). Paulo e seus companheiros tiveram de esperar ali vários dias enquanto o navio desembarcava sua carga, o que os fez procurar os cristãos da região.

> Encontrando os discípulos dali, ficamos com eles sete dias. Eles, pelo Espírito, recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém. Mas quando terminou o nosso tempo ali, partimos e continuamos nossa viagem (At 21.4-5).

Esse versículo não menciona a profecia diretamente, mas o paralelo com Atos 11.28, onde a atividade oral humana "pelo Espírito" é explicitamente atribuída ao profeta Ágabo, sugere

que aqueles discípulos estavam na verdade profetizando (em contraste com At 13.2, porta-vozes humanos recebem explicitamente o aviso).

Contudo, se esse é realmente um relato de profecia, como parece ser, então é muito importante para a compreensão da natureza da autoridade profética nas congregações do NT. É significativo porque Paulo simplesmente tenha desobedecido às suas palavras, algo que ele não teria feito se achasse que eram palavras do próprio Deus.

No entanto, se os discípulos de Tiro tinham o dom de profecia similar ao encontrado em Corinto e em Éfeso — e, talvez, também em Antioquia —, então a desobediência de Paulo à profecia é totalmente compreensível.

Na verdade, podemos conjeturar sobre como uma profecia se cumpre. Suponha que alguns dos cristãos de Tiro tiveram algum tipo de "revelação" ou indicação de Deus sobre os sofrimentos que Paulo enfrentaria em Jerusalém. Então, teria sido bem natural para eles ligar a profecia subseqüente (o relato da revelação) com sua interpretação (errada) e, assim, advertir Paulo a não ir.

Em resumo, essa passagem contém um tipo de profecia que não era considerada por Paulo possuidora de autoridade divina absoluta: os profetas de Tiro não estavam falando "palavras do Senhor".

Embora não concorde com meu ponto de vista sobre a profecia, é importante destacar que Richard Gaffin compreende que esse versículo representa uma resposta humana não confiável diante de alguma coisa revelada pelo Espírito Santo:

> O que Lucas quer destacar não é a pouca validade ou a falta de confiabilidade de suas palavras, para a qual, todavia, o Espírito de alguma maneira colabora, mas é o recuo contra o que o Espírito Santo revelou a eles sobre o futuro de Paulo. A revelação e a

> atitude deles ao que fora revelado não deve ser confundida ou mesclada com o ato de falar exercido por eles.[4]

Parece que aqui Gaffin compreende o acontecimento de maneira similar à que expressei acima. Existe uma revelação do Espírito Santo aos discípulos de Tiro, e, em resposta a essa revelação, eles pedem a Paulo que não vá a Jerusalém. A diferença de nosso ponto de vista é que eu chamaria de "profecia" a reação ou o relato daquela revelação, enquanto Gaffin não faz isso. Porém, independentemente do termo usado, é relevante que ambos concordamos em que pode ter havido uma "revelação" do Espírito Santo a uma ou mais pessoas e que também houve uma resposta falada à revelação, que pode ser considerada "de pouca validade" ou "não confiável". Essa é realmente a essência do que defendo neste livro e o que, para mim, o NT normalmente chama de "profecia". Mas o fato de o *conceito* ser considerado, mesmo que não seja chamado "profecia", mas "discurso humano não confiável em resposta a uma revelação do Espírito Santo", não parece ser muito diferente de nossa compreensão nesse ponto. Também não parece haver forte razão para dizer que tal "resposta humana não confiável a uma revelação do Espírito Santo" não possa ocorrer hoje.

Atos 21.9: as filhas de Filipe, que profetizavam

Essa breve passagem está colocada logo depois da narrativa sobre Tiro. Continuando sua viagem rumo a Jerusalém, Paulo chega a outra cidade portuária: Cesaréia.

> Partindo no dia seguinte, chegamos a Cesaréia e ficamos na casa de Filipe, o evangelista, um dos sete. Ele tinha quatro filhas virgens, que profetizavam (At 21.8-9).

[4]*Perspectives on Pentecost*, Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979, p. 66.

Não há nenhuma indicação do conteúdo de suas profecias, mas o fato de que advertências proféticas sobre seus sofrimentos em Jerusalém foram dadas a Paulo pouco antes (At 21.4) e logo depois (At 21.11) dessa passagem, leva-nos a pensar que advertências similares faziam parte das profecias relatadas pelas filhas de Filipe.

Seja qual for o caso, essa passagem nos dá uma breve confirmação de nossa afirmação sobre 1Coríntios 11.5, feita no capítulo 3. Se não era permitido às mulheres ter papel de autoridade nas reuniões congregacionais das igrejas do primeiro século, então parece improvável que essas mulheres falassem com o mesmo tipo de autoridade absoluta dos apóstolos. Muito mais provável é a possibilidade de que elas estivessem "profetizando" simplesmente ao relatar nas próprias palavras o que Deus lhes trouxera à mente e que essas profecias não tinham a autoridade da palavra do Senhor.

Atos 21.10,11: Ágabo, cena 2. Uma profecia com dois pequenos erros

Logo na seqüência do versículo que menciona as filhas de Filipe, dois versículos descrevem outro acontecimento profético que confronta Paulo, ainda em Cesaréia. Lucas escreve:

> Depois de passarmos ali vários dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo. Vindo ao nosso encontro, tomou o cinto de Paulo e, amarrando as suas próprias mãos e pés, disse: "Assim diz o Espírito Santo: 'Desta maneira os judeus amarrarão o dono deste cinto em Jerusalém e o entregarão aos gentios'" (At 21.10,11).

Parece que existem dois fatores conflitantes nessa passagem. Por um lado, a frase introdutória de Ágabo — "Assim diz o Espírito Santo" — sugere uma tentativa de falar como os profetas do AT que diziam: "Assim diz o Senhor...".

Por outro lado, porém, os acontecimentos da própria narrativa não coincidem com o tipo de precisão que o AT exige daqueles

que falam as palavras de Deus. Na verdade, pelo padrão do AT, Ágabo teria sido condenado como falso profeta, porque em Atos 21.27-35 nenhuma de suas previsões é cumprida.

Primeiramente, Ágabo predisse que os judeus de Jerusalém "amarrariam" Paulo (v. At 21.11; a palavra grega traduzida por "amarrar" é *deo*). Contudo, quando Paulo foi efetivamente capturado em Jerusalém, mais tarde no mesmo capítulo, Lucas nos diz duas vezes que não foram os judeus, mas os romanos que *amarraram* Paulo: "O comandante chegou, prendeu-o e ordenou que ele fosse *amarrado* [grego *deo*] com duas correntes" (At 21.33). Da mesma forma, ao refletir sobre esse acontecimento, "o próprio comandante sentiu-se receoso quando soube que Paulo era romano, porque o mandara *amarrar* [grego *deo*]" (At 22.29; RA; grifo do autor).

O segundo "erro" da profecia de Ágabo refere-se ao segundo detalhe predito: o fato de que os judeus "entregariam" Paulo nas mãos dos gentios. Aqui, a palavra grega para entregar é *paradidomi*, que significa "passar às mãos", "dar". O ponto essencial do sentido dessa palavra é a idéia de alguém "entregar", "doar" ou "passar às mãos" de maneira ativa, consciente e proposital alguma coisa a alguém — esse é o sentido que aparece nas outras 119 ocorrências dessa expressão no NT.

A palavra *paradidomi* é usada, por exemplo, quando Judas "entregou" Jesus nas mãos dos líderes judeus (Mt 10.4; 26.16 etc.); quando os judeus "entregaram" Jesus nas mãos dos gentios (romanos) (Mt 20.19); quando João Batista foi "entregue" à prisão (Mc 1.14); quando Moisés "entregou" as leis ao povo (At 6.14); quando Paulo "entregou" ensinamentos à igreja (1Co 15.3). Nenhum dos outros 119 exemplos do uso dessa palavra no NT deixa de usar a idéia de uma ação consciente e intencional feita por quem faz a "entrega".

Em Lucas, porém, na narrativa que se segue à profecia de Ágabo, ele mostra que os judeus não "entregaram" Paulo nas mãos dos gentios. Em vez de deliberadamente "passar Paulo às

mãos" dos gentios — como os judeus haviam feito com Jesus, por exemplo, os próprios judeus tentaram matá-lo (At 21.31). Paulo precisou ser *forçosamente resgatado* dos judeus pelo tribuno romano e seus soldados (At 21.32,33). Mesmo assim, "a violência do povo era tão grande que ele precisou ser carregado pelos soldados" (At 21.35).

É importante notar que Lucas não tem intenção de mostrar que Ágabo proclamou uma profecia imprecisa. Essas palavras são apenas detalhes, alguém poderia dizer. Contudo, tal explicação não leva em conta de maneira plena o fato de que esses são os *únicos* dois detalhes que Ágabo menciona — em termos de conteúdo, eles são o cerne de sua profecia. De fato, esses detalhes são o que fazem dessa predição algo incomum. Provavelmente qualquer pessoa que soubesse de que maneira os judeus, por todo o Império Romano, haviam tratado Paulo em várias cidades poderia ter "predito", sem qualquer revelação do Espírito Santo, que Paulo enfrentaria violenta oposição dos judeus em Jerusalém. O aspecto singular da profecia de Ágabo foi sua predição de que Paulo seria "amarrado" e "entregue nas mãos dos gentios". Nesses dois elementos básicos, ele estava um tanto equivocado.

É necessário destacar que, no caso do pronunciamento profético, essa precisão de detalhes era a marca essencial de autenticidade. Veja os exemplos a seguir:

- Josué 6.26. Josué falou o seguinte com relação às pessoas que reconstruíssem a cidade de Jericó: "Ao preço de seu filho mais velho lançará os alicerces da cidade; ao preço de seu filho mais novo porá suas portas!". Em 1Reis 16.34, as duas profecia se cumpriram em Hiel, de Betel.
- 1Reis 13.2. Um homem de Deus de Judá predisse que alguém chamado Josias nasceria na casa de Davi e sacrificaria os sacerdotes desobedientes sobre o altar em Betel. Em 2Reis 23.15-16,20 essa predição se realizou.

- 1Reis 17.14. Elias predisse que a vasilha não ficaria vazia e que a botija de azeite não se secaria. Essa profecia se cumpriu em 17.16.
- 1Reis 21.23. Elias predisse que os cães devorariam Jezabel no muro de Jezreel. Essa profecia se cumpriu em 2Reis 9.35,36.
- 2Reis 7.1. Na Samaria cercada e assolada pela fome, Eliseu predisse que no dia seguinte, mais ou menos à mesma hora, "tanto uma medida de farinha como duas medidas de cevada [seriam] vendidas por uma peça de prata". Essa profecia se cumpriu em 7.16.

Mais exemplos poderiam ser dados, mas o padrão está bem claro.[5] Com relação aos erros dos detalhes da profecia de Ágabo, D. A. Carson escreve: "Não consigo me lembrar de algum profeta do AT cujas profecias estivessem tão erradas em seus detalhes".[6]

Além do mais, Lucas está consciente da legitimidade de deixar explícito o cumprimento de uma profecia quando ela se cumprisse:

- Lucas 4.21. Jesus afirma que Isaías 61.1,2 se cumpriu nele mesmo (v. Lc 24.44).
- Atos 1.16-20. Pedro afirma que as predições sobre Judas feitas em Salmos 69.25 e 109.8 foram cumpridas.
- Atos 3.18. As predições de "todos os profetas" de que o Messias sofreria foram cumpridas.

[5]Em algumas ocasiões, alega-se que certo número de predições do AT não foram cumpridas de maneira exata, mas há soluções geralmente razoáveis para essas passagens. V., p.ex., Gleason Archer, *Enciclopédia de temas bíblicos*, 2. ed. (São Paulo: Vida, 2002).

[6]*Showing the Spirit*: a theological exposition of 1Corinthians 12—14, Grand Rapids: Baker, 1987, p. 98.

- Atos 11.28. A predição de Ágabo de que haveria uma grande fome em todo o mundo foi cumprida nos dias de Cláudio.
- Atos 13.27,29. As predições dos profetas do AT foram cumpridas quando os líderes judaicos condenaram a Cristo e o crucificaram.
- Atos 13.33-35. As predições do AT quanto à ressurreição de Cristo foram cumpridas (v. At 2.25-31).

Porém, no caso da predição de Ágabo, até mesmo em contraste com a predição geral de Atos 11.28, o silêncio de Lucas sobre o "cumprimento" de tal predição é revelador. Não apenas temos uma profecia que não se cumpriu, mas uma profecia em que dois elementos — os judeus iriam "amarrar" e "entregar" Paulo — são explicitamente revelados incorretos na narrativa subseqüente.[7]

Duas outras considerações apóiam essa interpretação. Primeiramente, a natureza do próprio erro. Não é que Ágabo tenha falado de maneira enganosa; a questão é que ele tinha os detalhes errados. Mas esse tipo de imprecisão menor é exatamente compatível com o tipo de profecia que encontramos anteriormente em 1Coríntios, na qual o profeta recebe algum tipo de revelação e, então, relata o que recebeu com suas próprias palavras. Ágabo tinha a idéia geral correta (Paulo seria aprisionado em Jerusalém), mas os detalhes estavam errados.

[7]Gaffin, *Perspectives*, diz que "é abertamente ofensivo" ver erros nas predições de Ágabo (p. 66) e nota que "naturalmente, a profecia preditiva poderia ser exata em seus detalhes, mas não necessariamente seria assim todas as vezes" (p. 66). Contudo, a questão é que a profecia de Ágabo é exata e detalhada quando pronunciada. A única questão é se os dois detalhes principais se cumprem. Gaffin não mostra outros exemplos nas Escrituras onde seja possível ver um não-cumprimento similar a esse, especialmente com relação à profecia divinamente autorizada do AT. O fato é que seria difícil defender a inerrância bíblica diante de exemplos como esse.

Nesse caso, por exemplo, o texto poderia ser perfeitamente explicado assim: Ágabo tivera uma visão de Paulo como prisioneiro dos romanos em Jerusalém, cercado por uma multidão enfurecida de judeus. A interpretação que fez de tal "visão" ou "pensamento intuitivo" (vindo do Espírito Santo) seria que os judeus tinham amarrado e entregado o apóstolo Paulo aos romanos, sendo que foi isso que ele (erroneamente) profetizou.

Em segundo lugar, essa solução faz com que a narrativa de Ágabo se encaixe no propósito maior de Lucas nesse trecho, que, sem dúvida, mostra o contraste entre o pleno conhecimento que Paulo tinha da vontade de Deus e seu propósito resoluto de obedecê-la a despeito de perigos pessoais que pudesse correr (At 20.22-24; 21.13), bem como a compreensão imprecisa da vontade de Deus por parte dos profetas e de outros discípulos com quem Paulo se encontrou (At 21.4,12-14) e que tentaram dissuadi-lo de ir para Jerusalém. A ligação tão próxima com as instruções erradas de Atos 21.4 é especialmente significativa. Tanto as profecias feitas em Tiro quanto as de Cesaréia estavam quase certas, mas não totalmente.

Portanto, parece que a melhor solução é dizer que Ágabo teve uma revelação do Espírito Santo quanto ao que aconteceria a Paulo em Jerusalém e verbalizou a profecia, incluindo sua interpretação (e, portanto, alguns erros na exatidão dos detalhes) do que foi revelado.

O problema nessa interpretação do texto, porém, é a frase introdutória que Ágabo utiliza: "Assim diz o Espírito Santo...". Há três soluções que podem ser propostas para esse problema.

a) Ágabo afirmava que suas palavras proféticas tinham autoridade divina, e as discrepâncias menores não seriam suficientes para anular a afirmação, pois, de maneira geral, ele estava certo.

Nesse caso, Ágabo será visto como exemplo de profeta diferente dos profetas de 1Coríntios. Ele se parecerá mais com o primeiro tipo de profeta, tal como João em Apocalipse, que afirma ter autoridade divina absoluta.

Particularmente, tenho problemas em aceitar essa opinião, pois acho difícil reconciliar o padrão do AT do cumprimento preciso das profecias (seguindo ao pé da letra, Ágabo predisse dois acontecimentos que não se cumpriram — v. Dt 18.22) com o fato de Lucas ter descrito tão claramente o não-cumprimento das duas partes de sua profecia na narrativa subseqüente.

b) "Assim diz o Espírito Santo" não significa que as próprias palavras da profecia foram do Espírito Santo, mas quer dizer apenas que o conteúdo geral foi revelado pelo Espírito. Nesse caso, Atos 21.10,11 se encaixaria no padrão da profecia presente em 1Coríntios.

Um exemplo similar de "profecia" apresentada — embora com conteúdo bem diferente — como algo que "o Espírito Santo" está "dizendo" é encontrado na *Epístola aos filadelfienses* (c. 108 d.C.), de Inácio, em 7.1,2. A profecia em si, proclamada por Inácio, dizia: "Dêem atenção ao bispo, ao presbitério e aos diáconos". Porém, essa foi a explicação que Inácio deu, depois de afirmar que não tinha "qualquer conhecimento" de divisões na igreja promovidas "por qualquer ser humano": "O Espírito Santo anunciou e assim disse: 'Não façam nada sem o bispo, mantenham sua carne como templo de Deus, amem a unidade, afastem-se das divisões, sejam imitadores de Cristo como ele também foi de seu Pai'". Nesse trecho, a frase traduzida por "assim disse" é *legōn tade*, as mesmas duas palavras usadas por Ágabo em Atos 21.11 (*tade legei*, "assim diz..."). Contudo, essa frase raramente introduz uma citação direta, sendo mais apropriada a uma interpretação grandemente expandida. O Espírito Santo disse "aproximadamente isso" ou "algo assim".

Exemplos similares da frase *tade legei* apresentando afirmações "do Senhor" são encontrados na *Epístola de Barnabé* 6.8, 9.2 e 9.5. Em todos os exemplos, introduzem paráfrases extremamente livres, mais como interpretações do AT, exceto em 9.5, onde parece não haver nenhuma citação do AT. É claramente possível, portanto, que a afirmação introdutória de Ágabo não significasse para ele nada mais que "isto é o que o Espírito Santo está dizendo a nós de maneira geral (ou aproximada)".

O problema com essa solução é que essa frase — *tade legei* — é usada freqüentemente na tradução grega do AT (*Septuaginta*) para apresentar as palavras do Senhor aos profetas do AT ("Assim diz o Senhor..."). No entanto, também é usada para apresentar afirmações de quaisquer outras pessoas, às vezes com citações indiretas, o que talvez leve a crer que nem sempre as palavras que se seguiam a essa frase eram uma citação exata da pessoa. Além disso, as palavras exatas usadas por Ágabo — "Assim diz o Espírito Santo" — jamais foram usadas em outro lugar para apresentar o texto das Escrituras ou discursos proféticos do AT que consistiam nas palavras do próprio Deus.

c) A terceira possibilidade é que Ágabo, talvez na tentativa de imitar os profetas do AT ou talvez não plenamente ciente da natureza de seu dom profético, usou erroneamente uma afirmação introdutória inadequada ao seu *status* de profeta com menor autoridade. A afirmação pode ter dado a impressão de que ele pronunciava palavras inspiradas por Deus, mas, na verdade, não estava. Uma vez que sabemos pouca coisa sobre Ágabo, seria perigoso concluir que essa compreensão errônea de seu papel teria sido impossível. Lucas parece quase destacar os erros de sua profecia. Nesse caso, a profecia de Ágabo seria semelhante à encontrada em 1Coríntios.

O problema dessa solução é que é difícil imaginar que Ágabo, sendo um profeta ativo na igreja de Jerusalém por vários anos, na presença de vários dos apóstolos, ainda não tivesse a com-

preensão correta de seu dom profético, além da clara diferença entre os atos proféticos e as palavras repletas de autoridade dos apóstolos.

Depois de considerar essas três soluções, sou inclinado a pensar que a segunda é a mais provável e apresenta menores dificuldades. Outros, porém, podem achar uma das outras duas possibilidades mais atraente. Em todo caso, essa passagem é uma das mais difíceis de se classificar.

EVIDÊNCIAS DE OUTROS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO

Mateus 10.19,20

Nesse trecho, Jesus diz:

> Mas quando os prenderem, não se preocupem quanto ao que dizer, ou como dizê-lo. Naquela hora lhes será dado o que dizer, pois não serão vocês que estarão falando, mas o Espírito do Pai de vocês falará por intermédio de vocês (Mt 10.19,20).

Se essa passagem for entendida como referência à profecia do NT, então claramente pertence à categoria de profecia considerada como possuidora de palavras de autoridade divina. O versículo 20 ("... pois não serão vocês que estarão falando, mas o Espírito do Pai de vocês falará por intermédio de vocês") faz uma afirmação bastante clara. O mesmo acontece com os paralelos dessa passagem em Marcos 13.11 e Lucas 12.11,12.

Mas será que essas passagens mencionam a profecia do NT da maneira como acontecia nas congregações locais? Em vez disso, parece destacar algo particular sobre os apóstolos,[8] pois

[8]Essa também é a posição assumida por Robert L. Reymond, *What about continuing revelations and miracles in the Presbyterian Church today?* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1977), p. 28.

nos três casos as palavras de Jesus são endereçadas aos Doze (que, mais tarde, seriam os "apóstolos").

Isso fica especialmente claro no relato de Mateus. Ele apresenta esse trecho sobre a missão dos Doze com as seguintes palavras:

> Chamando seus doze discípulos, deu-lhes autoridade para expulsar espíritos imundos e curar todas as doenças e enfermidades. Estes são os nomes dos doze apóstolos... (Mt 10.1,2).

De modo similar, em Marcos 13.11, a afirmação é feita no contexto de uma conversa particular entre "Pedro, Tiago, João e André" (Mc 13.3). Lucas 12.11,12 mostra o contexto das coisas que Jesus disse "primeiramente aos seus discípulos" (Lc 12.1). Desse modo, em nenhuma hipótese essas afirmações sobre dizer aos outros palavras que foram recebidas do Espírito Santo parece ter aplicação direta, pelo menos a outros que não os apóstolos.

Romanos 16.26

Quando Paulo afirma que o "mistério oculto nos tempos passados" é "agora revelado e dado a conhecer pelas Escrituras proféticas" a "todas as nações" (Rm 16.25,26), pode até parecer que esteja falando dos escritos dos profetas do NT.

Contudo, esse não parece ser o sentido do versículo. A afirmação aparece exatamente antes do último versículo de Romanos, e os termos usados são bastante similares à afirmação do começo do livro, em Romanos 1.2, onde ele diz que Deus prometeu o Evangelho de antemão "por meio dos seus profetas nas Escrituras Sagradas". Nesse caso, porém, está clara a referência aos profetas do AT.

Além disso, Paulo sempre usa (em todas as outras treze ocorrências) o termo "Escritura" (do grego *graphē*) para referir-se às Escrituras do AT. A pregação evangelística sobre o "mistério de Cristo" na época em que a carta aos Romanos foi escrita era feita primariamente pela pregação moral, não pela circulação

de profecias. Quando Paulo afirma que o mistério de Cristo é "dado a conhecer pelas Escrituras proféticas" (Rm 16.26), está querendo dizer que os apóstolos e outros usavam as profecias do AT em sua pregação para mostrar que elas se referiam a Cristo (v. At 2.14-36; 8.32-35; 17.2-4; 18.28; 28.23 etc.).

Portanto, essa passagem não fala sobre o dom de profecia no NT.

1Tessalonicenses 5.19-21: profecias que devem ser avaliadas

Paulo escreve aos tessalonicenses: "Não apaguem o Espírito. Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom. Afastem-se de toda forma de mal" (1Ts 5.19-22).

A forte conexão entre "não tratem com desprezo as profecias" (v. 20) e "ponham à prova todas as coisas" (v. 21) significa que as profecias se encaixam mais naturalmente em "todas as coisas" do versículo 21. As profecias, especialmente, devem ser "testadas", e, a partir desse teste, surgiriam algumas coisas "boas". É com essas coisas que os tessalonicenses devem "ficar".

A conjunção "mas" que liga o versículo 20 ao 21 deixa o contraste mais claro: "Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom".[9]

Devemos notar aqui que Paulo não diz "ponham à prova todas as pessoas" ou "testem todos os profetas", mas declara literalmente "testem todas as *coisas*". Mais uma vez, o procedimento que ele ordena faz disso algo diferente do AT, onde todo *profeta* era testado e considerado "verdadeiro" ou "falso", mas isso não acontecia com a profecia do profeta verda-

[9]A conjunção "mas" não está presente em alguns manuscritos antigos. Entretanto, o peso da evidência a favorece como parte da epístola paulina original. Mesmo sem ela, porém, a ordem negativa "não tratem com desprezo" seguida pela ordem positiva "ponham à prova" parece exigir o senso de contraste: "Não rejeitem mas avaliem".

deiro. A ordem de Paulo coloca esse tipo de profecia na mesma categoria das profecias de Corinto, onde toda *profecia*, mas nem todo profeta, era testada.[10]

O processo de avaliar as profecias para separar o que era bom do que era ruim é paralelo ao que encontramos em 1Coríntios 14.29 e nos fornece a confirmação adicional de que em Tessalônica, assim como em Corinto, Paulo não achava que os profetas falavam palavras carregadas de plena autoridade divina.

Além do mais, o fato puro e simples de Paulo considerar necessário advertir a igreja — uma igreja que prezava bastante a Palavra de Deus (1Ts 2.13) — a não "desprezar" a profecia é indicação de que os tessalonicenses estavam longe de considerar as profecias como palavras do Senhor possuidoras de autoridade absoluta.

1Pedro 4.11

Depois de dizer aos leitores que deveriam usar seus dons uns para com os outros "administrando fielmente a graça de Deus" (1Pe 4.10), Pedro explica: "Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus" (1Pe 4.11). Contudo, Pedro não diz que todos os que falam na igreja (no ensino, na pregação, na profecia, no testemunho etc.) falam palavras do próprio Deus. Em vez disso, ele afirma a solenidade de propósito e do cuidado com que deve ser transmitida toda palavra dita diante da con-

[10]Gaffin, *Perspectives*, p. 71, nota que a palavra grega usada aqui para "por à prova" (*dokimazō*) também é usada com o sentido de "experimentar" em outros textos paulinos, como Rm 12.2 e Ef 5.10, e conclui que a ordem de "por à prova" aqui não implica atribuir menor autoridade à profecia do NT. Contudo, 1) em ambos os versículos, não são as palavras apostólicas que precisam ser "testadas", mas são os padrões de conduta que os crentes devem "provar" na prática; e 2) em 1Ts 5.21 a frase "fiquem com o que é bom" deixa implícito que *algo* do que for testado *não será* bom.

gregação. Deveriam falar de modo cuidadoso, como se estivessem entregando os próprios "oráculos de Deus" (RA).

Mais uma vez, essa passagem não descreve a natureza do dom de profecia no NT ou sua autoridade.

Os apóstolos se preparam para a sua ausência

Além dos versículos que já consideramos até aqui, existe outro tipo de evidência que sugere que os profetas presentes nas igrejas do NT falavam com menos autoridade que os apóstolos do NT ou as Escrituras.[11]

Desse modo, já no final da vida, Paulo enfatiza a questão de que se deve manejar "corretamente a palavra da verdade" (2Tm 2.15) e o caráter de "toda a Escritura" ser "inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2Tm 3.16). Judas insistia com seus leitores em que "batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos" (Jd 3). Pedro, também no fim de sua vida, encoraja seus leitores a "prestarem atenção" nas Escrituras, pois são como uma "candeia que brilha em lugar escuro" (2Pe 1.19-21), lembrando-lhes os ensinamentos do apóstolo Paulo "em todas as suas cartas" (2Pe 3.16). João pede aos seus leitores que guardem "as palavras da profecia deste livro" (Ap 22.7). Em nenhum lugar encontramos exortações como "dêem atenção aos profetas de suas igrejas" ou "obedeçam às palavras do Senhor ditas pelos profetas". Mesmo assim, certamente havia pessoas que profetizavam em muitas congregações locais depois da morte dos apóstolos. Parece que eles não possuíam autoridade igual à dos apóstolos, e os autores das Escrituras sabiam disso.

[11]Essa argumentação é de Roy Clements, *Word and Spirit*: the Bible and the gift of prophecy today, Leicester: UCCF Booklets, 1986, p. 24; e de Carson, *Showing the Spirit*, p. 96.

PROFECIA NA HISTÓRIA DA IGREJA PRIMITIVA

Didaquê 11

Depois dessa longa investigação sobre a autoridade do dom de profecia no NT, é preciso ressaltar a existência de outra passagem — esta fora do NT — que, como podem pensar alguns, indica que o dom de profecia capacitava quem o possuía a falar com autoridade divina absoluta, tal qual os profetas do AT e os apóstolos do NT. Essa passagem está no *Didaquê*, capítulo 11: "Não teste nem examine qualquer profeta que fale em um espírito [ou "no Espírito"], pois todo pecado será perdoado, mas este pecado não será perdoado" (*Didaquê* 11.7).

É muito difícil precisar quando o *Didaquê* foi escrito ou quanto é representativo da vida da igreja primitiva. Não existe acordo entre os estudiosos sobre o assunto, e a própria composição da obra não contém evidências internas suficientes que nos permitam tomar a decisão correta.

Nessa passagem, a referência ao pecado contra o Espírito Santo mostra que se considerava que aqueles profetas falavam com autoridade divina, extrapolando suas palavras. O simples ato de *avaliar* (gr. *diakrinō*) qualquer coisa dita "no Espírito" era pecar contra o Espírito Santo. O discurso do profeta, nesse caso, estava além de qualquer desafio ou questionamento (exceto no caso de poucas coisas proibidas, detalhadas nas linhas seguintes, tais como "pedir dinheiro no Espírito"!).

Mas essa passagem contradiz quase diretamente as instruções de Paulo em 1Coríntios 14.29. Paulo diz que aquilo que o profeta diz deve ser *avaliado* e *julgado*. Ao usar a mesma palavra grega (*diakrinō*), o *Didaquê* diz para *não* avaliar os profetas quando falarem no Espírito.

Esse é apenas um dos vários lugares nos quais o *Didaquê* diz coisas contrárias ou que, ao menos, restringem os ensinamentos e instruções encontradas no NT (v. *Didaquê* 1.6 ["Deixe que as ofertas suem em suas mãos até que vocês saibam a quem estão

dando"]; 4.14 [exigência de confissão de pecados diante da congregação]; 6.3 [proibição de comida oferecida a ídolos]; 7.1-4 [batismo em água corrente; jejum antes do batismo]; 8.1 [ordenação de jejum às quartas e sextas-feiras; proibição de jejum às segundas e quintas-feiras]; 8.3 [exigência de orar o pai-nosso três vezes por dia]; 9.1-5 [culto desconhecido de celebração da ceia estabelecido como padrão; pessoas não batizadas estavam excluídas da ceia]; 10.7 [os profetas poderiam promover cultos de celebração da ceia da maneira como quisessem]; 11.5 [os apóstolos não podiam ficar em uma mesma cidade mais de dois dias]; 16.2 [não havia salvação "a não ser que você fosse achado perfeito no último momento"]).

Portanto, embora o *Didaquê* realmente contenha material muito interessante e até mesmo útil, claramente difere do NT em diversos pontos. Pelo fato de haver tantas diferenças com o ensinamento do NT, o *Didaquê* parece ter sido escrito por alguém distante da corrente principal da atividade e do ensino apostólicos. Não é um guia confiável quanto aos ensinamentos e às práticas dos apóstolos na igreja primitiva.

No que se refere ao dom de profecia, o *Didaquê* parece cometer o mesmo tipo de erro que outros cometeram, igualando com muita rapidez o dom de profecia do NT à profecia do AT, atribuindo à primeira autoridade absoluta e inquestionável.

Naturalmente, uma vez que o autor do *Didaquê* tinha esse pensamento sobre a profecia, era natural proibir o tipo de avaliação de profecias ordenado por Paulo, defensor da idéia de que as profecias do NT tinham menos autoridade que as do AT.

História subseqüente da igreja primitiva: por que a profecia acabou diminuindo? Ela se perdeu totalmente?

Essa investigação nos tem conduzido a todo material relevante do NT sobre a autoridade do dom de profecia e seu relacionamento com os profetas do AT e os apóstolos do NT. Não é nosso

propósito aqui pesquisar todo o material sobre profecia oriundo dos primeiros momentos históricos da igreja, mas um comentário geral é aplicável neste momento.

Se presumirmos por um momento que este estudo está correto ao enxergar a autoridade menor da profecia do NT, de modo que não se iguale aos discursos proféticos do AT ou às palavras dos apóstolos no NT, ainda assim deve-se admitir que tal distinção entre os tipos de autoridade é tênue e pode ser facilmente distorcida ou esquecida. Seria muito fácil para alguns profetas cristãos, por bons ou por maus motivos, começarem a afirmar que haviam recebido não apenas uma "revelação" de Deus ou de Cristo, mas que também falavam palavras do próprio Deus ao proclamar suas profecias.

De fato, parece que foi exatamente isso que aconteceu, pelo menos no montanismo e, provavelmente, em muitos outros casos. É claro que, no caso de os profetas começarem a promover idéias heréticas, a reação do resto da igreja seria excluí-los. Alguém que afirmasse falar palavras do próprio Deus terminaria sendo ou aceito ou rejeitado; não poderia ser meramente tolerado.

Contudo, juntamente com a rejeição aos profetas que não compreendiam sua condição, poderia facilmente haver a rejeição à profecia como um todo, de modo que a falha por parte da própria igreja em reconhecer essa autoridade menor do dom de profecia pode ter contribuído significativamente para a rejeição total da profecia na igreja. E, juntamente com esse fator, também poderia ter acontecido o decréscimo da crença no sobrenatural — na intensidade e na vitalidade da fé pessoal. Essa explicação, naturalmente, é apenas uma sugestão, mas parece consistente com outras pesquisas feitas sobre as evidências históricas da igreja primitiva.[12]

[12]Sobre a história da profecia na igreja primitiva depois do período do NT, v. Ronald A. Kydd, *Charismatic gifts in the Early Church* (Peabody: Hendrickson, 1984) é estudo recente e bastante detalhado que reconhece grandes evidências

Se a profecia foi rejeitada pela maior parte da igreja, é possível que simplesmente tenha deixado de existir, pelo menos como profecia. Bruce Yocum destaca que "a profecia e outros dons florescem em uma atmosfera de fé expectante".[13]

Porém, pode ter acontecido outra coisa. Experiências similares à profecia, embora não reconhecidas como tais, podem ter continuado a ser concedidas pelo Espírito Santo aos crentes em todos os tempos. Roy Clements sugere que, de fato, foi isso que aconteceu.

> Parece-me que, entre os cristãos que conheceram a obra pessoal do Espírito Santo em sua vida, é possível encontrar em todas as gerações testemunhos de depoimentos, idéias, pressentimentos e presságios que são provavelmente idênticos ao tipo de consciência cristã que Lucas descreve em Atos e que regularmente atribui ao Espírito [...] Quando tais depoimentos incluem o elemento do anúncio público, creio equivalerem ao que o NT chama "profecia", mesmo que esta não seja a palavra que usamos para nos referir ao fenômeno da tradição de nossa igreja hoje.[14]

RESUMO

A investigação de outras passagens do NT fornece a compreensão mais ampla do dom de profecia no NT e mais evidências que permitiram distinguir entre a atividade "profética" dos apóstolos e a atividade comum do dom de profecia nas igrejas locais.

Por um lado, existe a profecia "apostólica", cujas palavras são revestidas de autoridade divina absoluta. Quaisquer exemplos de

de atividade "carismática" na igreja até meados do séc. III; George Mallone, org., *Those controversial gifts*, (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 23-5; Michael Green, *I believe in the Holy Spirit*, (London: Hodder and Stoughton, 1975) p. 172-4; Max Turner, Spiritual gifts then and now, *Vox Evangelica* 15, 1985, p. 41-3 (com referências a outras literaturas).

[13] *Prophecy*. Ann Arbor: Word of Life, 1976, p. 24.

[14] *Word and Spirit*, p. 26.

profecia com autoridade divina absoluta pareciam estar regularmente associados aos apóstolos, como pode ser visto em Mateus 10.19,20 (e seus paralelos) e Efésios 2.20 e 3.5, além do livro do Apocalipse.[15]

Por outro lado, existe uma "profecia congregacional comum", atividade à qual não está ligada nenhuma autoridade divina absoluta. Cristãos de ambos os sexos que experimentam essa atuação do dom de profecia são encontrados em diversas congregações do NT, e nesse grupo podemos incluir os profetas da igreja de Corinto (1Co 14.29,30,36-38; 11.5), os discípulos de Tiro (At 21.4), os profetas da igreja em Tessalônica (1Ts 5.19-21), as quatro filhas de Filipe (At 21.9), os discípulos em Éfeso (At 19.6) e, provavelmente, Ágabo, em Atos 11.28 e 21.10,11. Se esses exemplos representam a profecia congregacional comum, então essa categoria também pode incluir passagens onde não há evidência suficiente para decidir sobre casos específicos, como a profecia na igreja de Roma (Rm 12.6) e, como Paulo parece sugerir, "em todas as congregações dos santos" (1Co 14.33).

Será que as pessoas ligadas aos movimentos de renovação contemporâneos compreendem que a profecia tem essa autoridade menor? Embora alguns falem que a profecia é "palavra de Deus" para hoje, há uma percepção quase unânime entre todas as áreas do movimento renovado de que profecia é imperfeita e impura, contendo elementos nos quais não se pode confiar e aos quais não se deve obedecer de maneira irrestrita.

Os líderes renovados anglicanos Dennis e Rita Bennett escrevem:

> Não se deve aceitar toda palavra recebida pelos dons de manifestação oral [...] mas somente devemos aceitar o que nos é enviado

[15]Se At 13.2 se refere à profecia, então também se encaixa nessa categoria. Mas não há base firme para se dizer que o versículo se refira ao dom de profecia (v. discussão acima).

> pelo Espírito Santo e que esteja em concordância com a Bíblia [...] uma manifestação pode ser 75% divina, mas conter 25% dos pensamentos da pessoa. Devemos discernir entre os dois.[16]

Donald Gee, líder das Assembléias de Deus, diz:

> Parece muito difícil para algumas pessoas reconhecer qualquer fonte de declaração profética exceto a divina ou a satânica. As pessoas se recusam a ver o lugar importante do espírito humano. O fato é que pode haver ampla variedade de graus de inspiração, desde o muito alto até o muito baixo [...] A maioria das profecias, os quais nos sentimos compelidos tanto a rejeitar quanto a receber com grande reserva, emanam do espírito humano.[17]

Bruce Yocum, autor de um livro renovado sobre profecia que é amplamente usado, escreve:

> A profecia pode ser impura — nossos pensamentos ou idéias podem se misturar à mensagem que recebemos — quer tenhamos recebido as palavras diretamente, quer somente através da percepção da mensagem [...] (Paulo diz que toda nossa profecia é imperfeita).[18]

Do mesmo modo, George Mallone diz:

> Ainda que possa ser bastante útil e, em determinadas ocasiões, incrivelmente específica, a profecia de hoje não pode se equiparar

[16]*The Holy Spirit and you*, Eastbourne: Kingsway, 1971, p. 146.

[17]*Spiritual gifts in the work of ministry today*, Springfield: Gospel Publishing House, 1963, p. 48-9.

[18]*Prophecy*, p. 79. Um visão similar é encontrada no popular autor carismático Don Basham, *A handbook on tongues, interpretation and prophecy* (Springdale: Whitaker, 1971), p. 111-6. Vários outros autores carismáticos com visões similares são citados em Victor Budgen, *The Charismatics and the Word of God* (Welwyn: Evangelical Press, 1985) p. 31-2. Budgen, porém, diverge, argumentando repetidamente que, uma vez que *alguma* profecia tinha autoridade absoluta (por meio dos profetas do AT e dos apóstolos do NT), então *toda* profecia deveria compartilhar da mesma autoridade. Contudo, ele não prova esse ponto, que é crucial para seu livro como um todo.

> à categoria da revelação dada a nós nas Sagradas Escrituras [...] A pessoa pode ouvir a voz do Senhor e ser compelida a falar, mas não há garantia de que não será manchada. Haverá uma mistura de carne e espírito.[19]

É preciso admitir que alguma confusão surge quando os renovados chamam a profecia de "palavra do Senhor", mas depois dizem que não é exatamente a palavra do Senhor. Essa confusão, porém, parece vir da falta de clara distinção entre a profecia do AT e a do NT. Na prática, nenhum líder renovado responsável diz que a profecia de hoje é igual em autoridade às Escrituras ou que deveria ser tratada como tal.

Contudo, é exatamente nesse ponto que existe falta de compreensão na discussão atual sobre a profecia. Os que argumentam que a profecia cessou insistem em que qualquer profecia dos tempos do NT ou de hoje deve ter autoridade divina absoluta. Alguém escreve, por exemplo: "As palavras do profeta são palavras de Deus e devem ser recebidas e tratadas como tal".[20]

Desse modo, parece-me que, com bastante freqüência, os defensores da posição cessacionista (que as profecias cessaram e não são para os dias de hoje) argumentam contra um ponto de vista sobre a profecia que nenhum renovado responsável defende. Além disso, é uma visão da profecia que parece inconsistente com muitas passagens do NT. Creio que é por isso que muitos renovados (bem como não-renovados) realmente não sentem firmeza nos argumentos contra a renovação. Creio que

[19]*Those controversial gifts*, p. 39-40. Visões similares quanto à natureza de autoridade não divina da profecia do NT são encontradas nos escritores não carismáticos Charles E. Hummel, *Fire in the fireplace*: contemporary charismatic renewal (Downers Grove: InterVarsity, 1978) p. 157; e Roy Clements, *Word and Spirit*, p. 25.

[20]GAFFIN, *Perspectives*, p. 72. V tb. John F. MacArthur Jr., *Os carismáticos*: um panorama doutrinário (São Paulo: Fiel, 1988) caps. 2 e 3; e Budgen, *Charismatics*, p. 25-44.

seria mais produtivo (se alguém desejar fazer uma crítica responsável contra o movimento de renovação) argumentar contra a continuação do tipo *menor* de profecia que os mais responsáveis porta-vozes renovados afirmam existir nos dias de hoje.

O escritor renovado Donald Bridge coloca a questão de maneira adequada:

> No caso de a profecia ser considerada diretamente inspirada por Deus, cheia de autoridade e infalível, então fica claro que não pode haver profecia hoje. A Bíblia está completa [...] Contudo, não há necessidade de encaixar todas as profecias nessa definição [...] Que autoridade a profecia carrega em si? A mesma autoridade de qualquer outra atividade cristã da igreja, tal qual a liderança, o aconselhamento, o ensino [...] Se for verdade, então virá se provar verdadeira. Pessoas espirituais reagirão de maneira simpática a ela. Líderes sábios e experimentados irão aprová-la e confirmá-la. A consciência iluminada irá abraçá-la.[21]

APLICAÇÃO PARA HOJE

Se nossa compreensão da autoridade da profecia cristã comum estiver correta, então a aplicação básica para nossa vida hoje seria encorajar a nós mesmos a não cometer o mesmo erro que alguns cometeram na igreja primitiva, valorizando por demais a profecia e pensando nela como a própria palavra de Deus. Se isso acontecer (como de fato acontece hoje), então a profecia será rejeitada totalmente por alguns (que a vêem como concorrente das Escrituras como fonte das palavras de Deus para nossa vida) e grandemente estimada por outros (que a vêem como as verdadeiras palavras de Deus e falham em não abordá-las com o discernimento adequado, às vezes dando à profecia mais importância que às Escrituras na vida diária e, em outros momentos,

[21] *Signs and wonders today*, Downers Grove: InterVarsity, 1985, p. 202-4.

até mesmo sendo guiados por caminhos errados em função das interpretações errôneas e humanas que vêm com ela).

Neste ponto, é correto fazer um breve comentário relação ao movimento renovado de hoje. Embora a maioria dos renovados concorde em que a profecia de hoje não é igual às Escrituras em termos de autoridade, deve-se dizer que, na prática, muita confusão resulta em função do hábito de prefaciar as profecias com a famosa frase do AT: "Assim diz o Senhor..." (nunca usada pelos profetas do NT). O uso moderno dessa frase é infeliz, pois dá a impressão de que as palavras que se seguirão são palavras do próprio Deus, muito embora o NT não justifique essa posição — e, quando pressionados, a maioria dos porta-vozes renovados responsáveis não quer atribuir essa condição às suas profecias. Desse modo, parece que haverá muito ganho e pouca perda se essas palavras introdutórias forem abandonadas.

Essa sugestão é similar à feita por outros líderes do movimento renovado. Timothy Pain diz que as profecias não deveriam ser "antecedidas pelas palavras 'assim diz o Senhor' ou 'filho meu'! É muito melhor, no espírito de humildade [...] iniciar a profecia com as palavras 'creio que o Senhor está sugerindo alguma coisa como...'".[22]

O líder das Assembléias de Deus Donald Gee diz: "Chegamos ao consenso de que a frase 'Eu, o Senhor, lhes digo' [...] não é essencial. A mensagem pode ser entregue em linguagem menos empolada".[23]

No livro *Signs and wonders today* [*Sinais e maravilhas hoje*], o escritor renovado Donald Bridges parece concordar:

> Também não há razão bíblica para supor que as profecias serão sempre antecedidas pela frase "assim diz o Senhor" ou entregues

[22]Prophecy, *Ashburnham Insights Series*, Eastbourne: Kingsway 1986, p. 56. Bruce Yocum, *Prophecy*, p. 38, dá um exemplo de apoio a frases como "Creio que o Senhor está me mostrando que...".

[23]*Spiritual gifts*, p. 48.

> na primeira pessoa do singular como se o próprio Deus estivesse diretamente falando aos ouvintes [...] Na verdade, tal costume pode servir apenas para confundir a profecia "normal" com a profecia canônica inspirada presente na Bíblia, desestimulando os ouvintes a fazer o exercício de "avaliação" que Deus requer deles.[24]

Concluindo, existe o perigo de que a profecia seja supervalorizada ou o oposto, de que seja totalmente rejeitada. Para evitar ambos os erros, devemos compreender a autoridade da profecia de maneira correta, como algo que Deus pode usar como meio de chamar nossa atenção para determinados aspectos, mas também como algo que, todavia, pode conter interpretação humana e erros. Deve, portanto, estar sujeita às Escrituras e ser regulamentada e testada de acordo com as instruções de Paulo em 1Coríntios 14. De maneira breve, portanto, a aplicação moderna desse capítulo pode ser exatamente o que Paulo diz aos tessalonicenses: "Não apaguem o Espírito. Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom. Afastem-se de toda forma de mal" (1Ts 5.19-22).

[24]P. 203.

5 A FONTE DAS PROFECIAS

Algo que Deus traz à mente

NOS CAPÍTULOS ANTERIORES, estávamos preocupados com as palavras faladas pelo profeta. Seriam palavras de Deus ou meramente palavras do próprio profeta? Teriam autoridade divina absoluta ou estariam sujeitas à avaliação e análise por parte da congregação?

A partir de agora, vamos nos encaminhar para um assunto diferente: a *fonte* da mensagem do profeta. De que maneira o profeta sabe o que dizer? O que ele pensa ou sente antes e depois de ter falado? Estaria ele no pleno controle de si mesmo ou experimentaria momentos de quase-êxtase?

As importantes diferenças entre os profetas do AT e do NT que vimos nos capítulos 2-4 devem nos alertar quanto a tirar conclusões precipitadas a partir da descrição do estado psicológico dos profetas do AT com relação aos profetas do NT. Nossa fonte básica de informação será um texto do próprio NT.

1CORÍNTIOS 14.30: A PROFECIA DEVE SER BASEADA EM UMA REVELAÇÃO DE DEUS

Quando Paulo dá instruções específicas para regulamentou o discurso profético na congregação, começa dizendo: "Tratando-se de profetas, falem dois ou três, e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito" (1Co 14.29). Então, para precaver-se contra a desordem, acrescenta: "Se vier uma revelação a alguém que está sentado, cale-se o primeiro. Pois vocês todos podem profetizar, cada um por sua vez" (1Co 14.30,31).

Aparentemente, Paulo descreve uma situação na qual o primeiro profeta estaria em pé enquanto falasse (uma prática comum: v. Lc 4.16; At 1.15; 5.34; 11.28; 13.16), e o resto da congregação, sentada, ouvindo o profeta (v. At 20.9; Tg 2.3). Então, de repente, algo seria "revelado" a um dos ouvintes assentados. De alguma maneira, essa pessoa precisava sinalizar esse fato ao orador, talvez colocando-se em pé também ou movendo a mão. Então, o primeiro orador ficaria em silêncio, a fim de que o segundo transmitisse sua profecia.

Ter idéia do processo a ser seguido pelos profetas de Corinto nos permite fazer diversas observações sobre o estado psicológico do profeta e a "revelação" que, como se diz, vinha a ele.

A revelação vem espontaneamente

O pensamento que vinha do profeta é retratado como algo que chegava a ele de maneira *espontânea*, pois vinha enquanto o primeiro orador ainda falava. Desse modo, parece que a profecia não era como um sermão ou uma lição preparada anteriormente. Em vez disso, chegava de acordo com a orientação do Espírito Santo.

A revelação vem a um indivíduo

Essa revelação *vem a um indivíduo* ("a alguém que está sentado"), e não à congregação toda. Assim, parece que a profecia não

é simplesmente um comentário sobre algum fato novo que acabou de ser relatado pelo primeiro orador, mas, em vez disso, está baseado em algo revelado particularmente à mente do segundo profeta, sem que o resto da congregação tivesse consciência disso.

A revelação é de Deus

A "revelação" que vem ao profeta é considerada por Paulo de origem divina, e não humana. Isso fica evidente, primeiramente, pelo fato de a palavra que Paulo usa para "revelação" (gr. *apokalyptō*) e seu substantivo relacionado (*apokalypsis*) aparecerem juntos 44 vezes no NT sem nunca se referir à atividade ou comunicação humanas.[1] Em vez disso, todas as vezes que o NT fala de "revelação", atividade de Deus (Mt 11.25; 16.17; Gl 1.16; Fp 3.15), de Cristo (Mt 11.27; Gl 1.12), do Espírito Santo (1Co 2.10; Ef 3.5) ou é resultado de acontecimentos realizados diretamente por eles (em especial, a volta do Senhor: Rm 2.5; 8.19; 1Co 1.7; 1Pe 1.7 etc.). Assim, essa "revelação" tem origem divina.

Segundo, a argumentação de Paulo em 1Coríntios 14.29-33 também demonstra que ele tinha em mente uma revelação de origem divina, especificamente do Espírito Santo. Com o objetivo de demonstrar isso, é necessário primeiramente determinar o significado da frase "o espírito [ou "espíritos", na RA e na ARC] dos profetas está sujeito aos profetas", no versículo 32.

A interpretação mais provável é entender "o espírito" como referência às obras do Espírito Santo em vários profetas. Referência similar é encontrada em 1Coríntios 14.12: "Visto que

[1]Os autores do NT e, em especial, Paulo, geralmente usam o verbo *gnōrizō* para descrever a atividade humana de tornar algo conhecido (1Co 12.3; 15.1; 2Co 8.1; Gl 1.11 etc.).

estão ansiosos por terem dons espirituais", quer dizer literalmente "serem zelosos dos *espíritos*" (gr. *pneumata*).

Outro exemplo notável é o paralelo encontrado em 1João 4.2: "Vocês podem reconhecer *o Espírito* de Deus deste modo: *todo espírito* que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus" (grifo do autor).

Podemos ainda encontrar outra expressão correlacionada em Apocalipse 3.1, 4.5 e 5.6, onde o termo "os sete espíritos de Deus" aparentemente se refere às várias manifestações ou obras do Espírito Santo (comp. tb. com os "sete espíritos que estão diante do seu trono", em Ap 1.4).

Além do mais, há indicações, no contexto de 1Coríntios 14.32, de que "o espírito dos profetas" significa "a obra do Espírito Santo em vários profetas":

a) 1Coríntios 14.33 — "Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz" — é a razão que Paulo dá para fornecer o apoio ou a base para os versículos 31 e 32. Esse versículo fala sobre o caráter de Deus. Desse modo, faz muito sentido se o versículo 32 descrever as atividades do Espírito Santo. Paulo poderia até argumentar: o Espírito Santo irá submeter sua inspiração ao próprio ritmo do profeta e, assim, nunca o forçará a falar fora de sua vez, porque não é da natureza de Deus inspirar a confusão, o que contradiria seu caráter.

Mas se, o versículo 32 uma referência ao espírito humano, é difícil ver de que maneira a descrição do caráter de Deus no versículo 33 pode servir de base para o versículo 32. Uma afirmação sobre o caráter de Deus não permitiria que Paulo tirasse conclusões sobre o verdadeiro comportamento dos homens.

b) É compreensível a razão de Paulo ter usado "espírito(s)" em vez de "o Espírito Santo". Seria errado Paulo dizer "o Espírito Santo está sujeito aos profetas", pois isso não é verdade como afirmação geral, mas apenas na questão de decidir quan-

do o profeta deve falar. O termo "espírito(s)" encaixa-se melhor nos propósitos de Paulo, uma vez que isso tem uma referência mais limitada às obras específicas do Espírito.

c) Existem duas objeções possíveis à regra de Paulo no versículo 30 pelas quais o versículo 32, entendido dessa maneira, forneceria uma resposta eficiente. Primeiramente, alguém poderia argumentar que foi forçado a profetizar. Quando o Espírito Santo vinha a ele com uma revelação, ele simplesmente não podia se reprimir: tinha de falar. A resposta de Paulo é que o Espírito Santo permanece sujeito ao profeta: ele nunca irá forçá-lo a falar. Segundo, alguém poderia afirmar não poder esperar sua vez para falar, pois, se o fizesse, a mensagem poderia ser perdida para sempre. O versículo 32 responde a isso, dizendo que o Espírito Santo não é tão impetuoso nem descontrolado assim. Ele está sujeito ao momento correto e à supervisão do profeta.

Não é inconsistente com o ensinamento do NT dizer que, enquanto trabalha na vida do crente, o Espírito Santo "está sujeito" ou "sujeita a si mesmo" ao crente. Esse mesmo verbo (gr. *hypotasso*) é freqüentemente usado como submissão voluntária que não é necessariamente resultado de poder inferior. É usado em Lucas 2.51 com relação à submissão de Jesus a seus pais e em 1Coríntios 15.28 à submissão do Filho ao Pai. Ainda nessa passagem, Paulo demonstra que o Espírito Santo não força o profeta a falar, mas permite que o próprio profeta determine quando deve falar. Essa é uma submissão voluntária em uma função particular a favor da ordem e não implica nenhuma afirmação teológica sobre o profeta como um ser superior ao Espírito Santo.

A melhor solução, portanto, é dizer que o(s) "espírito(s) dos profetas", no versículo 32, significa "as obras do Espírito Santo nos profetas".

Podemos parafrasear esse trecho da seguinte maneira:

> Se vier uma revelação a alguém que está sentado, cale-se o primeiro. Pois [...] o Espírito Santo, trabalhando na vida dos profetas, sujeita-se aos profetas, pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz.

Assim, Paulo declara que o *primeiro* profeta deve calar-se porque o Espírito Santo não irá forçá-lo a continuar falando. Isso mais uma vez nos leva a presumir que a "revelação" do Espírito Santo ao profeta, vem tão diretamente que é proveniente tanto do caráter de Deus ("Deus não é Deus de desordem, mas de paz" — 1Co 14.33] quanto da vontade do Espírito Santo ("O espírito dos profetas está sujeito aos profetas" — 1Co 14.32).

A revelação dá entendimento quanto à perspectiva de Deus

A revelação que vem ao profeta não é simplesmente um tipo qualquer de manifestação mágica ou *insight* misterioso, mas coloca a questão na perspectiva celestial ou divina. Isso é evidente tanto a partir do fato de que é o *Espírito Santo* quem "revela" quanto da opção por usar as palavras do grupo "revelar/ revelação" ao se referir a atividades do único e verdadeiro Deus (no uso dos termos no NT). Outros termos são usados para práticas pagãs.

Isso significa que os profetas de quem Paulo fala em 1Coríntios 14.30 simplesmente não prediziam o futuro ou adivinhavam anunciando fatos ocultos e não relacionados para satisfazer a curiosidade ou a cobiça, conhecendo alguma coisa apenas a partir da perspectiva deste mundo. Em vez disso, as "revelações" que recebiam os capacitavam a ver fatos relacionados aos propósitos de Deus e a relatar essa informação de maneira que a igreja pudesse ser edificada, encorajada e consolada (1Co 14.3).

Isso é fundamental para que se faça a distinção entre a profecia do NT e a predição do futuro, comum no paganismo, na qual o conhecimento especial de fatos ocultos eram usados para benefício pessoal ou de uma falsa religião (At 8.6s.; 16.16s.).

Por alusão, podemos dizer que a profecia do NT não incluía coisas como percepção extra-sensorial, astrologia e outras práticas ocultistas, enquanto as que realizam tais práticas afirmam divulgar fatos ocultos ou futuros sem colocá-los na perspectiva dada pelo único e verdadeiro Deus, sem usar o conhecimento desses fatos em submissão a ele.

A revelação é identificável pelo profeta

Essa observação final refere-se *à força com que a revelação vinha ao profeta.* Parece que Paulo entende que a revelação é uma ocorrência momentânea e de fácil identificação, pois acontece espontaneamente e com tal força que justifica a interrupção do profeta que já esteja falando (1Co 14.30). Na verdade, às vezes vinha de maneira tão impetuosa que os coríntios corriam o risco de achar que não seriam capazes de resistir ao Espírito Santo. Por isso Paulo lhes assegura que o Espírito se submete a eles nessa questão (1Co 14.32).

Mas como alguém poderia saber se o que veio à sua mente era uma "revelação" do Espírito Santo? Paulo não formece instruções específicas; todavia, podemos supor que, na prática, tal decisão incluía tanto um elemento objetivo quanto um subjetivo. Objetivamente, a revelação estava de acordo com o que o profeta conhecia das Escrituras do AT e dos ensinamentos apostólicos? (V. 1Co 12.3; 1Jo 4.2,3; e, no AT, Dt 13.1-5.)

Mas também não havia dúvida quanto ao elemento subjetivo do julgamento pessoal. A revelação "se parecia" com alguma coisa vinda do Espírito Santo? Seria semelhante a outras experiências do Espírito Santo, as quais o profeta conhecera previamente em adoração? (V. Jo 10.1-5,27; 1Jo 4.5,6.) É difícil

especificar muita coisa além disso, exceto que, com o passar do tempo, uma congregação provavelmente ficaria mais adaptada ao processo de avaliação das profecias, e os profetas individualmente também se beneficiariam dessas avaliações, tornando-se mais aptos a reconhecer uma revelação genuína do Espírito Santo e a distingui-la de seus pensamentos.

No entanto, devemos nos recusar a dizer que essa experiência era tão forte a ponto de chamá-la "arrebatadora". Paulo presume que o profeta saberá o que está acontecendo ao seu redor e será capaz de controlar a si mesmo (v. a seguir a análise mais detalhada sobre isso).

Tal revelação aparentemente poderia ser feita na forma de palavras, pensamentos ou imagens que Deus trazia à mente. Contudo, nos capítulos 3 e 4, vimos a importância de o profeta aceitar o fato de que suas palavras não são as próprias palavras de Deus (na verdade, Deus pode usar palavras para entrar em nossa mente sem desejar que sejam consideradas suas. Por exemplo: ele pode trazer à mente palavras das quais nos lembraríamos ou pode nos fazer imaginar que outra pessoa está nos dizendo aquilo).

ATÉ ONDE O PROFETA SABE?

Isso nos traz à mente outra pergunta. Até que ponto o profeta sabe o que está na "revelação"? Seu conhecimento é claro ou confuso, amplo ou restrito? Duas passagens do capítulo 13 de 1Coríntios nos ajudam nesse ponto.

1Coríntios 13.8-13: vemos como em um espelho

Em 1Coríntios 13, Paulo tenta mostrar a superioridade do amor sobre os dons temporários, como a profecia e as línguas. Contudo, para provar isso, precisa demonstrar que o amor permanecerá mesmo depois de a profecia, as línguas e os outros dons terem cessado. Assim, nessa passagem, ele diz que a profecia

desaparecerá (1Co 13.8) *porque* é imperfeita (v. 9). É imperfeita porque vemos apenas como em um espelho (v. 12):

> O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá [...] Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido (1Co 13.8-10,12).

A figura do espelho sugere um quê de *indireto* e *incompleto* (a pessoa não pode ver todas as coisas, mas apenas o que está limitado ao espelho) no que se refere ao conhecimento que vem por essa revelação. Isso não sugere necessariamente que a imagem seja distorcida — os espelhos da Antigüidade podiam apresentar altos padrões de clareza.

Se aplicarmos essa idéia à profecia, isso significa que o profeta não a vê nem a Deus face a face nem fala com ele de maneira direta, mas apenas recebe dele uma revelação indireta por alguns meios (nesse momento, indefinido). Também significa que a visão ou o entendimento do profeta é somente um vislumbre de alguma realidade, mas não o quadro completo. A expressão "apenas um reflexo obscuro, como em espelho" (1Co 13.12) indica que aquilo que o profeta vê ou entende ou ainda as implicações do que é "revelado" geralmente são difíceis de serem compreendidas (v. Jo 11.50; 1Pe 1.11).

A certeza de que essa é a compreensão correta da metáfora de Paulo fica mais clara ao examinarmos 1Coríntios 13.9: "Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos". Aqui são justamente *as limitações* da profecia que estão em foco, e, assim, essa é a maneira pela qual o espelho limita a visão, conforme enfatizado por Paulo.

A frase do versículo 9 — "pois em parte conhecemos e em parte profetizamos" — também descreve outro aspecto no qual

a profecia é imperfeita. O termo "em parte" refere-se basicamente à imperfeição quantitativa da profecia: a profecia provê *conhecimento parcial* dos assuntos dos quais trata. Ágabo pode ter sabido algo sobre o futuro (At 11.28; 21.11), mas não pôde vê-lo por inteiro. Os profetas de Tiro enxergaram um vislumbre do sofrimento de Paulo (At 21.4), mas não puderam antever tudo que ele sofreria. Os profetas de Corinto podem ter recebido a revelação de alguns dos segredos do coração de um descrente (1Co 14.25), mas não puderam conhecer plenamente o coração daquela pessoa.

É por isso que a profecia "desaparecerá" (1Co 13.8). É apenas uma substituta temporária e parcial dos meios plenos e completos de se obter o conhecimento que receberemos quando Cristo voltar. Então, quando os meios perfeitos de conhecimento chegarem, os imperfeitos serão eliminados (13.10).

Podemos resumir essa passagem da seguinte maneira: a profecia é imperfeita: a) porque apenas vislumbra os assuntos de que trata ("em parte", v. 9); b) porque o próprio profeta recebe somente uma revelação indireta e limitada ("como em espelho", v. 12); c) porque aquilo que o profeta realmente recebe normalmente é de difícil compreensão ou interpretação ("um reflexo", v. 12).

O que podemos concluir disso tudo? Aparentemente que o profeta *nem sempre* é capaz de entender com clareza o que lhe foi revelado e que, às vezes, *ele nem mesmo está certo* de que recebeu uma revelação.

1Coríntios 13.2: compreendendo os mistérios e o conhecimento

Paulo escreve: "Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento [...] se não tiver amor, nada serei" (1Co 13.2).

Esse versículo não quer dizer que o profeta compreenda "todos os mistérios e todo o conhecimento", pois Paulo usa super-

lativos hipotéticos em seu argumento. Ele faz uso de vários exemplos de dons (profecia, fé, auto-sacrifício) e argumenta que, mesmo que sejam desenvolvidos no mais alto grau, nunca valerão algo sem o amor: "... e tenha uma fé capaz de mover montanhas [...] Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado..." (este último significando o auto-sacrifício).

Desse modo, Paulo simplesmente diz que o resultado final da profecia desenvolvida no mais alto grau seria a noção de todos os mistérios e de todo o conhecimento. Esse não é o caso de qualquer profeta vivo, de acordo com Paulo, pois "em parte profetizamos" (1Co 13.9), e somente na volta de Cristo poderemos conhecer plenamente "como [é] plenamente conhecido" (v. 12).

Todavia, a passagem deixa claro, por implicação, que entender "mistérios" e "conhecimento", mesmo que apenas em parte, é um componente normal do dom de profecia. Portanto, há um benefício que vem ao profeta como resultado de possuir o dom de profecia: ao receber a revelação, ele compreende e sabe mais que de qualquer outra maneira.

A palavra "mistérios" aqui se refere aos "pensamentos secretos, planos e dispensações de Deus ocultos da razão humana [...] e que, conseqüentemente, devem ser revelados a quem são dirigidos" (BAGD, p. 530). Portanto, esse versículo confirma nossa compreensão anterior de "revelação" como elemento essencial da profecia. Mas o versículo não nos permite ir além nem definir com muita certeza o conteúdo preciso de "mistérios, e "conhecimento".

A PROFECIA É "EXTÁTICA"?

Toda essa discussão sobre a revelação que vem ao profeta estaria incompleta sem a argumentação que levasse em conta o grau de controle e de consciência do que acontece à volta do profeta quando ele recebe tal revelação. Estaria o profeta em algum

tipo de transe? Ele perde parte de seu autocontrole ou se torna temporariamente inconsciente do que acontece à sua volta? Todos esses assuntos se relacionam à questão do êxtase profético.

A palavra "extático" pode ser usada em vários sentidos. Para os propósitos deste estudo, vamos nos preocupar com quatro questões específicas da experiência extática:

a) O profeta é forçado a falar contra a própria vontade?
b) Perde o autocontrole e começa a delirar violentamente, de maneira desordenada ou destrutiva?
c) Fala coisas que não fazem sentido para ele?
d) Perde a consciência por algum tempo?

Para os propósitos deste estudo, podemos considerar que o profeta está no estado *extático* se qualquer uma dessas quatro condições for satisfeita com relação a ele. No entanto, o fato de: 1) profetizar em êxtase; 2) falar com forte emoção; 3) ter alto nível de concentração ou consciência do significado de suas palavras ou; 4) ter um senso incomum da presença da obra de Deus em sua mente não são estados suficientemente anormais para garantir o uso do termo "extático".

1Coríntios 12.1-3: a profecia cristã é diferente da profecia pagã

No início da longa discussão sobre os dons espirituais apresentada em 1Coríntios 12—14, Paulo faz distinção entre a experiência *cristã* dos dons espirituais e os tipos de influência espiritual vivenciados pelos *descrentes*. Ele escreve:

> Irmãos, quanto aos dons espirituais, não quero que vocês sejam ignorantes. Vocês sabem que, quando eram pagãos, de uma forma ou de outra eram fortemente atraídos e levados para os ídolos mudos. Por isso, eu lhes afirmo que ninguém que fala pelo Espíri-

> to de Deus diz: "Jesus seja amaldiçoado"; e ninguém pode dizer: "Jesus é Senhor", a não ser pelo Espírito Santo (1Co 12.1-3).

Aqui Paulo reconhece o passado pagão de seus leitores e, por causa disso, conclui que precisam de instruções sobre os dons espirituais pois, de outra forma, seriam "ignorantes" ou "desinformados". No passado, seguiam "ídolos mudos" que não podiam falar palavras de instrução a seus seguidores e nem mesmo por meio deles.

Os coríntios talvez tivessem experimentado coisas muito estranhas nos cultos pagãos (incluindo, provavelmente exclamações de "maldição" durante o êxtase religioso). Mas Paulo diz que isso não acontecerá com a genuína profecia cristã. Se parecer que alguém, sob algum tipo de influência espiritual, esteja amaldiçoando a Jesus, isso simplesmente não é do Espírito Santo. Esse tipo de coisa não acontece com os dons do Espírito.

Para nossos propósitos, devemos notar que Paulo distingue claramente a experiência "espiritual" pagã da cristã. Portanto, qualquer evidência antiga demonstrando profecia extática por parte de *não-cristãos* realmente não nos diz nada sobre a natureza da profecia *cristã*. Em vez disso, a evidência deve vir do próprio NT.

1Coríntios 14.29-33: conduta ordeira e moderada

Ainda que fiquemos restritos a essa passagem, encontraremos vários indícios de que, para Paulo, nenhum dos quatro critérios de êxtase podia ser corretamente aplicado aos profetas de Corinto.

a) O fato de o profeta não ser forçado a falar contra a própria vontade é demonstrado na situação a seguir. Ele poderia interromper a profecia e permitir que outro falasse (1Co 14.30*b*). O segundo profeta aparentemente não interrompia o discurso do outro, mas, em vez disso, sinalizava estar pronto

para profetizar e, então, esperava que ele parasse (v. 30*a*). Todos os profetas podiam profetizar, um por vez (v. 31). O Espírito Santo sujeitava-se ao profeta de maneira que pudesse trabalhar de forma controlada e ordeira (v. 32).

b) Em 1Coríntios 14.33, Paulo deixa claro que o profeta não perdia o autocontrole nem começava a se debater violentamente. Paulo diz que o resultado da obra do Espírito no profeta não é a "desordem" (ou "perturbação frenética", gr. *akatastasia*), mas a paz (v. 33), como também pode ser visto no versículo 32, onde o próprio profeta tem o controle da situação, pois o Espírito Santo está sujeito a ele.

c) Embora não haja afirmação explícita confirmando que o profeta compreendia o que estava dizendo, fica claro que os ouvintes compreendiam, pois deveriam avaliar o que era dito (1Co 14.29), e assim todos aprenderiam e seriam encorajados pelas profecias (v. 31). Se todos os ouvintes compreendiam e aprendiam a partir da profecia, então certamente o próprio profeta compreendia o que ele mesmo dizia.

d) Uma vez que o primeiro profeta era capaz de reconhecer, por meio de algum sinal, que alguém tinha recebido uma revelação e estava pronto para profetizar (1Co 14.30), fica claro que Paulo afirmava que o profeta tinha consciência do que acontecia à sua volta, que não perdia contato com a realidade. Isso era verdadeiro não apenas com relação ao homem que profetizava, mas também no que se refere ao que recebia revelação, pois o segundo profeta tinha consciência suficiente para esperar sua vez enquanto outro estivesse falando, de modo que todos pudessem profetizar "cada um por sua vez" (1Co 14.30,31).

1Coríntios 14.3,4

Encontramos aqui mais evidências da inteligibilidade das palavras do profeta, pois ele fala aos "homens", e o resultado é sua

edificação, encorajamento e consolo (v. 3). O contraste aqui se dá entre o falar em línguas, que ninguém entende (v. 2), e a profecia, que é entendida pelos ouvintes.

1Coríntios 14.23-25

Enquanto o visitante descrente pudesse pensar que toda a congregação estivesse louca se todos falassem em línguas (v. 23), esse não seria o caso com relação à profecia. Até mesmo se todos profetizassem (v. 24) — situação que muitos poderiam achar que daria oportunidade para alguma manifestação extática — o resultado não seria a confusão, mas um discurso muito claramente entendido, o que convenceria o visitante de seu pecado (v. 25).

1Coríntios 14.40

Quando ordena que todas as coisas (incluindo a profecia, v. 39) sejam feitas "com decência e ordem", Paulo presume que os profetas não se comportarão como se estivessem no meio de um êxtase, mas que estarão em pleno controle de si mesmas.

Objeção: talvez Paulo estivesse tentando corrigir alguma forma de êxtase profético em Corinto

A despeito de todas essas evidências, alguém pode argumentar que, apesar de Paulo *querer* que as pessoas e os profetas se comportassem da maneira que ele acabara de expor, na verdade os profetas de Corinto estavam envolvidos com algum tipo de comportamento extático, e Paulo estava tentando corrigir essa desordem.

Contudo, antes de Paulo dar essas instruções, em 1Coríntios 14.29-33, ele já presumira que a profecia em Corinto era comumente entendida como bastante inteligível e de grande benefício para os ouvintes (14.3,4,23-25). O problema (se é

que podemos defini-lo com algum grau de certeza) talvez fosse bastante simples, a saber, que mais de um profeta poderia estar tentando falar ao mesmo tempo (14.30,31) e que, talvez, alguém estivesse afirmando que não podia deixar de falar (v. 32).

A resposta de Paulo é que os coríntios eram capazes de se controlar, pois essa é a maneira pela qual o Espírito Santo *sempre* age: ele cria paz, não confusão, e está sujeito ao profeta (v. 32,33). Portanto, a afirmação de que alguns profetas não eram capazes de exercer o autocontrole simplesmente não era verdadeira, de acordo com Paulo. Sua resposta corrige a desordem em Corinto e demonstra que a profecia cristã é de natureza não-extática.

Outros versículos no NT

De modo breve, podemos destacar aqui outros versículos do NT que podem estar relacionados ao problema do êxtase profético.

a) *Atos 19.6.* Nessa passagem, o falar em línguas e o profetizar estão unidos de maneira bastante próxima, como se fossem uma experiência única. Mas o próprio texto não dá nenhuma indicação de experiência extática. Com relação especificamente a essa característica, pela qual as línguas podem ser denominadas "extáticas" (sua falta de inteligibilidade, meu critério [*b*]), Paulo claramente diferencia as línguas da profecia em outra discussão mais completa, em 1Coríntios (v. cap. 14). Desse modo, não encontramos evidências no NT de que as línguas sejam um acontecimento de êxtase em qualquer sentido e que, assim, estejam relacionadas à profecia.

b) *2Coríntios 12.1-4.* Paulo diz que ele foi "arrebatado ao terceiro céu" e experimentou "visões e revelações do Senhor" (v. 2,1). A experiência foi "extática" de acordo com a questão *d* apresentada anteriormente: durante um período de tempo, ele perdeu a consciência do que acontecia ao seu redor, de modo

que não sabia se estava no corpo ou fora dele (v. 2). Seria esse um exemplo do êxtase profético do NT?

Essa parte não é realmente relevante para a investigação do dom de profecia no NT porque: a) as revelações que Paulo recebeu não foram dadas com o propósito específico de profetizar (ou seja, de relatá-las a outras pessoas). Ele ouviu coisas que "ao homem não é permitido falar" (v. 4) e estava tão reticente até mesmo em mencionar a experiência que esperou catorze anos (v. 2) e ainda assim falou na terceira pessoa (v. 2-5). Além do mais; b) a experiência parece ser bastante incomum para Paulo e não era a experiência normal dos profetas ou de qualquer outro cristão, pois ele diz que as revelações foram de caráter extraordinário (v. 7) e relaciona a experiência somente à tentativa desesperada de mostrar sua superioridade sobre os falsos apóstolos, sendo, portanto, uma coisa da qual ele "preferia" se gloriar (v. 5,6). Portanto, essa experiência não pode ser caracterizada como profecia do NT.

Conclusão sobre o êxtase profético

O exame dos dados presentes em 1Coríntios e em outros lugares do NT indica que em Corinto, com certeza — e muito provavelmente em outras igrejas do NT — os profetas não tinham experiências extáticas enquanto profetizavam.

A PROFECIA É MIRACULOSA?

Com relação à análise sobre a "revelação" do Espírito Santo como fonte da profecia, é adequado perguntar: a profecia é de fato um dom "miraculoso"? Ou seria um dom não-miraculoso e mais comum? O fato de ser baseada na revelação do Espírito Santo torna esse dom miraculoso?

1Coríntios 12.8-11

Aqui é importante olhar para o dom de profecia conforme aparece na lista de 1Coríntios 12.8-11. Paulo escreve:

> Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra de conhecimento; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de curar, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas. Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer (1Co 12.8-11).

Nessa passagem, a profecia (v. 10) é uma das capacidades outorgadas (ou "distribuídas") pelo Espírito Santo (v. 11). Mas também devemos observar que a profecia não é única nesse sentido, pois todos os dons que Paulo lista estão incluídos na obra de capacitação do Espírito Santo mencionada no versículo 11. O fato de a profecia originar-se com o Espírito Santo simplesmente a coloca no mesmo nível desses outros dons.[2]

[2]Se Paulo tivesse relacionado apenas dons *miraculosos* em 1Co 12.8-11, isso não comprovaria seu argumento, pois deixaria de fora quem possuísse dons que não fossem miraculosos. Portanto, com o objetivo de incluir todos os coríntios (e, por implicação, todos os cristãos), ele precisa colocar na lista alguns dons "não-miraculosos". "Palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento" são os únicos candidatos óbvios a fazer parte dessa categoria.

Além disso, os termos "palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento" não incluem nenhum tipo especial de vocabulário que se aplique a algum tipo de proclamação especial ou miraculosa, mas são compostos de palavras simples e comuns com o sentido de "palavra" (gr. *logos*), "sabedoria" (gr. *sophia*) e "conhecimento" (gr. *gnōsis*). Por causa disso, nenhum leitor de Corinto acharia que essas expressões significassem qualquer outra coisa diferente da "habilidade de falar de maneira sábia" e "habilidade de falar com conhecimento", a não ser que houvesse no contexto outros sinais claros que causassem esse efeito ou que a maneira como Paulo descreveu esses dons desse a entender isso.

O que os carismáticos contemporâneos freqüentemente chamam "palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento" seria chamado simplesmente "profecia" pelo apóstolo Paulo.

O que queremos dizer com o termo "milagre"?

A pergunta referente ao fato de a profecia ser ou não "miraculosa" pode ser respondida de maneiras diferentes, dependendo do sentido dado à palavra "milagre".

a) Se "milagre" for definido como a maneira como as pessoas às vezes entendem o termo, ou seja, como "intervenção direta de Deus na história", então a resposta deve ser que a profecia não pode ser diferenciada dos outros dons nesse aspecto. Isso é verdadeiro por duas razões:

1) Paulo não faz distinção entre os tipos de obra do Espírito Santo (tal como "direta" ou "indireta") com relação aos vários dons, mas enfatiza que todos são realizados pela obra do Espírito Santo (1Co 12.11). Ele argumenta contra o orgulho e o ciúme com relação aos dons espirituais pecados que perturbavam a igreja de Corinto, tentando mostrar que todos os dons são valiosos porque provêm do Espírito Santo. Estaríamos destruindo a força desse argumento se admitíssemos que alguns dons vêm "mais diretamente" do Espírito Santo e outros são resultado de uma atividade mais intensa do Espírito.

2) o próprio Paulo relaciona os vários dons e ofícios de maneiras e em momentos diferentes, mostrando que não há evidência para fazer distinção entre "dons miraculosos" e "não-miraculosos": fé, palavra de sabedoria e palavra de conhecimento são listados com dons de cura e poder para operar milagres (1Co 12.8-10); "ajuda" e "dons de administração" estão colocados entre os dons de cura e o de variedade de línguas (1Co 12.28); salmo, palavra de instrução, revelação, línguas e interpretação também podem ser colocados no mesmo tema (1Co 14.26); revelação, conhecimento, profecia e doutrina aparecem juntos (1Co 14.6).

Desse modo, se alguém argumentar que a profecia é um dom "miraculoso", em função dos resultados da atividade direta do Espírito Santo, então terá de admitir que todos os dons são, no

mesmo sentido, "miraculosos". Porém, isso destituiria o termo "milagre" de qualquer valor para distinguir certas atividades de outras.

b) Há porém outra definição possível para a palavra "milagre". Se "milagre" é "algo que *causa espanto e admiração* nas pessoas por sua aparente contradição às leis naturais do comportamento humano ou físico", então a profecia pode ser considerada dom miraculoso, tomando-se como base 1Coríntios 14.22-25. A profecia é "sinal" para os crentes (v. 22), evidente demonstração de que Deus age entre eles e também um maravilhoso processo que evoca a admiração do descrente (v. 25). Pelo fato de essa ser a maneira menos comum de Deus trabalhar no mundo, isso fica mais claramente definido como indicação de atividade divina.

Assim, a profecia é, pelo menos em alguns momentos, um dom "miraculoso" em termos da resposta que provoca nas pessoas, mas qualquer tentativa de classificá-la como dom procedente "mais diretamente" de Deus do que alguns outros dons não é algo que se possa extrair do texto das Escrituras.

RESUMO

O recebimento de uma "revelação" de Deus é a fonte da profecia. Os termos paulinos para tais revelações e o contexto no qual Paulo fala deles nos permite dizer que a revelação vinha de maneira bastante espontânea (mas particular) à pessoa, era de origem divina, era vista pela perspectiva divina e provavelmente assumia a forma de palavras, pensamentos ou imagens mentais que repentinamente eram colocados de maneira vigorosa na mente do profeta.

Tal como outros dons, porém, profetizar é apenas uma fonte "parcial" ou "limitada" de conhecimento. Tanto a revelação recebida pelo profeta quanto a profecia resultante é apenas informação parcial sobre o assunto e, às vezes, difícil de compreender ou interpretar.

Uma vez que existem indicações em 1Coríntios de que o profeta não era forçado a falar contra a própria vontade, não perdia o autocontrole, não reagia violentamente, não falava coisas que não faziam sentido para ele e nem estava alheio ao seu ambiente. O dom de profecia não deve ser qualificado como "extático" nem o profetizar pode ser considerado atividade extática.

A profecia não é mais "miraculosa" que outros dons, se "milagre" significa algo que vem "diretamente" de Deus. Porém, se "milagre" significa algo que desperte admiração por ser a forma menos comum de Deus trabalhar no mundo, então 1Coríntios 14.22-25 nos permite chamar a profecia de "miraculosa".

APLICAÇÃO PARA HOJE

Se o intuito é ver o dom de profecia atuando nas igrejas de hoje, devemos primeiramente acreditar que é possível que Deus possa nos dar tais "revelações" de tempos em tempos e, em segundo lugar, nos permitir sermos receptivos a tais influências do Espírito Santo, especialmente nos momentos de oração e adoração.

Em termos práticos, isso significaria permitir mais tempo para "ouvir" a Deus e "esperar" nele, tudo isso acontecendo em nossos momentos normais de leitura da Bíblia, de oração intercessória e de louvor verbal. Do mesmo modo, alguns de nossos momentos mais informais de adoração coletiva deveriam permitir períodos de quietude e receptividade a tais orientações do Espírito Santo. Se Deus precisa trazer alguma coisa à mente nesses momentos, então a pessoa que recebe tal revelação deve dizer à congregação o que lhe foi revelado.

Mesmo assim, como vimos nos capítulos 3 e 4, esse relato não deve ser considerado "palavras de Deus", e quem fala não deve prefaciar seu discurso com palavras que dêem essa

conotação, tais como "assim diz o Senhor" ou "ouçam as palavras de Deus". Essas afirmações devem ser reservadas única e somente às Escrituras. Frases como "creio que o Senhor está me mostrando que..." ou "penso que o Senhor está indicando que..." ou ainda "parece que o Senhor está colocando em meu coração uma preocupação com..." seriam mais adequadas e trariam menos confusão.

Muitos de nós têm experimentado ou ouvido sobre acontecimentos nos dias de hoje similares, por exemplo, a um pedido urgente e não planejado para que se ore por um missionário no Japão. Então, mais tarde, os que oraram descobriram que, exatamente naquele momento, o missionário fora envolvido num terrível acidente ou estava passando por um momento de intenso conflito espiritual e precisava das orações. Paulo chamaria esse sentimento ou intuição "revelação", e o relato dessa orientação de Deus à igreja reunida poderia ser chamado "profecia". Tal relato poderia conter elementos da própria compreensão ou da interpretação do orador sobre o acontecimento e certamente careceria de avaliação e prova, ainda que tivesse função valiosa para a igreja.

Isso nos leva à seguinte questão: embora tais revelações de Deus sejam valiosas, também são limitadas. Jamais devem competir com as Escrituras em termos de autoridade ou importância que damos a elas e jamais devem ser consideradas sem a avaliação constante por parte da igreja, especialmente dos que compõem sua liderança. Também devemos reconhecer que a revelação é parcial e pode não ser clara para a pessoa que a está recebendo, podendo conter elementos de má interpretação por parte do profeta.

Uma vez que a profecia não é uma atividade extática, as regras presentes nas Escrituras no que se refere à conduta ordeira devem ser seguidas, e não se deve permitir que ninguém pense que será forçado pelo Espírito Santo a profetizar ou que perde-

rá o autocontrole ou a consciência do que acontece ao redor de si. A profecia pode envolver elevada consciência dos propósitos de Deus, mas isso não implica necessariamente diminuição da consciência das situações normais da vida.

6 PROFECIA E ENSINO

Em quais aspectos esses dons são diferentes?

ATÉ ESTE PONTO, nosso estudo mostrou que o dom de profecia do NT tem menos autoridade que o discurso profético do AT e o discurso apostólico do NT (caps. 3 e 4). Também concluiu que a fonte da profecia é uma "revelação" de Deus ou especificamente do Espírito Santo.

Neste momento, levanta-se uma questão relacionada a estes aspectos: o que é essencial para a profecia? Em outras palavras, o que exatamente transforma algo em profecia e não em outro tipo de atividade oral? Mais especificamente:

1. A "revelação" é *necessária* para que haja profecia?
2. A "revelação" por si só constitui profecia ou também é necessário que seja relatada de alguma maneira?

Essas perguntas podem ser mais bem respondidas em conexão com a investigação de outro dom — o dom de ensino — e a comparação entre profecia e ensino. Portanto, em primeiro lugar, este capítulo discutirá a natureza da profecia e, então, para fins de comparação, a natureza do ensino.

A NATUREZA DA PROFECIA

O que é necessário para que aconteça uma profecia? Que fatores fazem a diferença entre o que é profecia e o que não é? O NT parece indicar dois fatores essenciais à profecia:

1. a revelação vinda do Espírito Santo (= a fonte da profecia);
2. o relato público da revelação (= a profecia em si).

É necessário que haja a "revelação" para que ocorra a profecia

A necessidade de haver a "revelação" do Espírito Santo para que haja profecia pode ser comprovada a partir das seguintes considerações.

a) Como vimos no capítulo anterior, em 1Coríntios 14.29-33, Paulo supõe que a pessoa que está prestes a profetizar é quem recebeu a "revelação" (v. 30). Nenhuma outra razão válida é dada para silenciar o primeiro profeta e permitir que o segundo fale. A conclusão mais provável é que nada, a não ser a "revelação", qualifique o segundo orador como profeta.

Quando argumenta que, ao agir, o Espírito Santo está sujeito aos próprios profetas (v. 32), Paulo tem em mente, de maneira específica, a atividade do Espírito Santo de conceder a "revelação" (v. 30). O versículo 32 é uma afirmação geral que se aplica a todos os profetas, assim como o versículo 31 inclui explicitamente todos os que profetizam. Não parece possível que algum profeta de Corinto pudesse ter desprezado as instruções de Paulo, afirmando que os versículos de 30 a 33 não se aplicavam a ele, porque normalmente profetizava mesmo *sem* ter a "revelação". Em vez disso, Paulo presume que suas instruções se aplicam a todos os profetas, e, assim, todos profetizavam com base em "revelações" concedidas pelo Espírito Santo.

b) Indicação similar pode ser encontrada em 1Coríntios 14.24-25, onde Paulo retrata a seguinte situação:

> Mas se entrar algum descrente ou não instruído quando todos estiverem profetizando, ele por todos será convencido de que é pecador e por todos será julgado, e os segredos do seu coração serão expostos. Assim, ele se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: "Deus realmente está entre vocês!" (1Co 14.24,25).

Nesse caso, quem profetiza faz a revelação pública dos segredos do coração do visitante (v. 25*a*). O visitante reage de uma maneira que indica que, pelo menos em sua visão, somente Deus poderia ter tornado aquelas coisas conhecidas aos profetas (v. 25*b*). Aparentemente *todos os que profetizam* contribuem para esse ato de convicção e investigação ("ele por todos será convencido", v. 24). Assim, novamente, Paulo presume que quem profetiza recebeu uma "revelação".

c) No restante do NT, todos os exemplos da profecia cristã mediante os quais temos informação suficiente para tomar uma decisão também implicam o recebimento anterior de algum tipo de "revelação". Em Atos 11.28 e, mais uma vez, em Atos 21.10,11, as predições de Ágabo são descrições de acontecimentos futuros e, assim, são baseadas em algo que fora revelado a ele.

Embora não haja certeza, é possível que o mesmo seja verdadeiro com relação aos "discípulos" efésios em Atos 19.6, onde vemos que eles começaram a falar em línguas e a profetizar tão logo Paulo lhes impôs as mãos e o Espírito Santo desceu sobre eles. A espontaneidade do acontecimento e sua ignorância até mesmo quanto aos ensinamentos cristãos rudimentares (19.2) mostram que o ato de profetizar (da forma que ocorreu) não foi uma pregação preparada com antecedência, mas, em vez disso, foi o resultado de uma obra

extraordinária do Espírito Santo e, assim, provavelmente o resultado de uma "revelação".

Finalmente, ao mencionar a profecia apostólica de Efésios 3.5, podemos ver que o mesmo requisito é verdadeiro. Uma revelação referente à inclusão dos gentios é especificamente citada como dada aos apóstolos e aos profetas pelo Espírito Santo.

Existem lugares no NT que falam da profecia anterior ao Pentecoste. Esse material deve ser tratado com cautela porque pode não ser encarado da mesma forma que o que aconteceu especificamente à profecia *cristã* na igreja posterior ao Pentecoste, mas isso nos dá uma idéia dos tipos de habilidades consideradas características dos que podiam ser designados "profetas". Em vários casos, as características distintivas do profeta são a posse de informação que somente poderia ser obtida por meio de "revelação".

Em Lucas 7.39, por exemplo, os fariseus presumem que o profeta poderia saber vida de alguém que acabou de conhecer — provavelmente ao receber uma "revelação". Em João 4.19, quando Jesus surpreende a mulher no poço com o conhecimento que tinha de sua vida pregressa, ela diz: "Senhor, vejo que é profeta". Em Lucas 22.63s. os guardas vendam Jesus, batem nele e, de maneira cruel, ordenam: "Profetize! Quem foi que lhe bateu?", aparentemente usando a idéia popular de que o profeta era alguém que podia saber coisas por "revelação" e que não precisava confiar nos meios comuns de obtenção de informação. Atos 2.30s. fala que Davi predisse a ressurreição e falava dela, sendo, portanto, chamado especificamente profeta. Em João 11.51, supõe-se que Caifás tenha predito tanto o fato quanto o significado da morte de Jesus. "Ele não disse isso de si mesmo, mas [...] profetizou". Nesse versículo, é possível ver especificamente o contraste indicado pela expressão "de si mesmo", indicando conhecimento próprio.

Além desses exemplos, existe uma consideração negativa no fato de não encontrarmos nenhum exemplo no NT de algum profeta que simplesmente fale com base no próprio conhecimento ou nas próprias idéias, em vez de se basear em algum tipo de "revelação".

Contudo, alguém pode levantar objeção nesse ponto, argumentando que o fato de que todos eram "instruídos" pela profecia (1Co 14.31) a tornaria igual ao ensino ou ao "ensinamento bíblico". Mas essa conclusão não é correta, pois as pessoas podem aprender por muitos meios: a partir de uma oração, do comportamento ou até mesmo do sorriso encorajador de outra pessoa. Essas atividades podem ser chamadas "ensino" em sentido bastante amplo, mas não são "ensino" no sentido que Paulo emprega a palavra para referir-se à explicação e à aplicação de passagens bíblicas à igreja.

d) Embora o capítulo anterior tenha mostrado que não se pode depender sempre dos fenômenos da profecia do AT para obter paralelos com a profecia do NT, nesse ponto há alguma similaridade. A posse da revelação de Deus era o que distinguia o verdadeiro do falso profeta no AT. O falso profeta era quem falava quando o Senhor não lhe dera nada para falar (Dt 18.20), a partir dos próprios pensamentos (Jr 23.16 s.; Ez 13.3) ou por meio de um espírito mentiroso (1Rs 22.23). Mas o verdadeiro profeta era a quem Deus revelara seu plano (Am 3.7).

É interessante notar nessa conexão a maneira pela qual o verdadeiro e o falso profeta são distinguidos em 1João 4.1-6. O falso profeta (v. 1) fala por um espírito que não é de Deus, o espírito do anticristo (v. 3). Assim, até mesmo o falso profeta fala por algum tipo de "revelação", mas proveniente de um espírito maligno, e não do "Espírito de Deus" (v. 2).

A resposta à nossa primeira pergunta, contudo, deve ser claramente afirmativa. A "revelação" do Espírito Santo é o pré-requisito

para a profecia acontecer. Se não houver tal revelação, não há profecia.

O relato de uma revelação é necessário para a ocorrência da profecia

O que aconteceria se alguém recebesse uma revelação do Espírito Santo, mas não desse nenhuma indicação dela a qualquer outra pessoa? O simples recebimento da revelação por si só seria suficiente para o considerarmos profecia? A resposta a essa pergunta deve ser negativa.

Existem muitos exemplos no NT em que uma "revelação" é dada em benefício particular do indivíduo que a recebe, sem que haja a proclamação subseqüente dessa revelação. Quando Jesus diz que seus ensinamentos foram escondidos "dos sábios e cultos" e revelados "aos pequeninos" (Mt 11.25,27) não está implícito que todos os que receberam os ensinamentos de Jesus eram profetas. O fato de Deus ter revelado aos crentes de Filipos falta de maturidade cristã (Fp 3.15), não fez deles profetas. Quando os cristãos de Éfeso e das cidades próximas receberam o "espírito de revelação" do conhecimento de Cristo (Ef 1.17), eles não foram automaticamente transformados em profetas (v. Jo 12.38; Rm 1.17,18; Gl 2.2; Ef 1.17).

Poderiam ser citados outros exemplos de pessoas que receberam algum tipo de revelação especial, mas não foram consideradas profetas; tampouco se concluiu que estivessem profetizando. As "revelações" podem assumir a forma de sonhos (Mt 1.20; 2.12,13,19,22; 27.19), visões (Mt 17.9; Lc 1.22; At 7.31; 9.10,12; 10.3,17,19; 16.9; 26.19; 2Co 12.1) ou êxtases (At 10.10; 22.17).

Isso significa que o simples recebimento da "revelação" não transforma a pessoa em profeta. Somente quando a revelação também é proclamada aos outros — como vemos em ICo-

ríntios 14.29-33 ou nos exemplos de Ágabo e dos profetas de Tiro — é que se pode dizer que ocorreu uma profecia. Na verdade, dá-se o nome de "profecia" ao ato de contar a revelação recebida.

A NATUREZA ESSENCIAL DO ENSINO

Então, o que é o dom de ensino? É sempre diferente da profecia, ou algumas profecias também podem ser chamadas "ensinamentos"? Pode qualquer atividade oral que relate uma "revelação" espontânea e pessoal não ser chamada não profecia, mas "ensinamento"?

A investigação dos dados que o NT nos fornece sobre o "ensinamento" mostra que existe clara distinção entre este e a profecia. O "ensinamento" não é baseado em "revelação", mas nas Escrituras, e geralmente resulta da reflexão e da preparação consciente.

O ensinamento é baseado nas Escrituras, não em revelação espontânea

Em contraste com o dom de profecia, nenhum discurso humano é chamado "ensino" (gr. *didaskalia* ou *didachē*) ou proferido por um "mestre" (*didaskalos*) ou descrito pelo verbo "ensinar" (*didaskō*) considerado obtido por meio de "revelação" no NT. Em vez disso, "ensinamento" normalmente é apenas uma explicação ou aplicação das Escrituras.

Isso fica evidente em Atos 15.35: "Paulo e Barnabé permaneceram em Antioquia, onde, com muitos outros, ensinavam e pregavam *a palavra do Senhor*". Paulo "ficou ali [em Corinto] durante um ano e meio, ensinando-lhes *a palavra de Deus*" (At 18.11). Os leitores da epístola aos Hebreus, embora devessem ser considerados mestres, precisavam ter alguém que lhes ensinasse de novo "os princípios elementares *da palavra de Deus*" (Hb 5.12). Paulo diz aos romanos que as palavras das *Escrituras*

do AT foram escritas "para nos ensinar" [ou "para ensino", gr. *didaskalia*]" (Rm 15.4) e escreve a Timóteo dizendo que "toda a Escritura" é "útil para *o ensino* [gr. *didaskalia*]" (2Tm 3.16).

Naturalmente, se o "ensino" na igreja primitiva era tão freqüentemente baseado nas Escrituras, não é de surpreender que também pudesse ser baseado em algo que fosse igual à Escritura em autoridade, a saber, no conjunto de instruções apostólicas. Era nesse sentido que Timóteo deveria considerar o ensinamento que recebera de Paulo, dedicando-o a homens fiéis que fossem "capazes de ensinar outros" (2Tm 2.2). Paulo disse aos tessalonicenses: "Permaneçam firmes e apeguem-se às tradições que lhes foram *ensinadas*" pelo apóstolo (2Ts 2.15).

Longe de ser baseada em uma revelação espontânea durante um culto de adoração (como é o caso da profecia), esse tipo de "ensinamento" era a repetição e a explicação do autêntico ensino apostólico. Ensinar algo que fosse contrário às instruções de Paulo era *ensinar* doutrinas diferentes ou heréticas (gr. *heterodidaskalō*) e deixar de concordar com "a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo e com o *ensino* que é segundo a piedade" (1Tm 6.3). Na verdade, Paulo disse que Timóteo precisava relembrar aos coríntios o comportamento dele, Paulo, "de acordo com o que eu *ensino* por toda parte" (1Co 4.17). De maneira similar, Paulo pede a Timóteo que "ordene e ensine" (1Tm 4.11) e "ensine e recomende" (1Tm 6.2) as instruções de Paulo à igreja de Éfeso.

A diferença com relação à profecia é bastante clara aqui: Timóteo não devia *profetizar* as instruções de Paulo; deveria *ensiná-las*. Paulo não *profetizou* sua maneira de viver em todas as igrejas; ele *ensinou* isso. Os tessalonicenses não receberam instruções para se apegarem às tradições "profetizadas", mas que lhes haviam sido "ensinadas".

Desse modo, não foi a profecia, mas o *ensino* que, em sentido básico (vindo dos apóstolos), promoveu as primeiras

normas doutrinárias e éticas pelas quais a igreja se pautou. À medida que os discípulos dos apóstolos também passaram a ensinar, seu *ensino* guiou e dirigiu as igrejas locais.

Dentre os presbíteros (ou anciãos), portanto, estavam "aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino" (1Tm 5.17), e o presbítero deveria ser "apto para ensinar" (1Tm 3.2; v. Tt 1.9). Nada, porém, é dito sobre qualquer presbítero cujo trabalho era profetizar ou que devesse ser "apto para profetizar", nem se disse a eles: "Permaneçam firmes e apeguem-se às profecias". Em sua função de liderança, Timóteo deveria chamar a atenção para si mesmo e para seu "ensino" ("doutrina", em 1Tm 4.16), mas nunca lhe é pedido que chame a atenção para sua profecia. Tiago advertiu que os que *ensinam* — e não quem profetiza — seriam julgados com maior rigor (Tg 3.1).

O ensino é sempre citado como um dom separado da profecia

Outra observação também indica que devemos esperar que o ensino seja diferente da profecia. Os dois dons são citados separadamente todas as vezes que o NT alista diferentes tipos de dons espirituais (Ef 4.11; Rm 12.6; 1Co 12.28). Isso nos leva a suspeitar de qualquer definição que os veja como a mesma atividade, por não estar de acordo com o sentido apresentado pelo NT.

A DIFERENÇA ENTRE PROFECIA E ENSINO

Para concluir, o *ensino* nos termos das epístolas do NT consistia na repetição e explicação das palavras das Escrituras (ou de ensinos igualmente autorizados de Jesus proclamados pelos apóstolos) e de sua aplicação aos ouvintes. Nas epístolas do NT, o "ensino" é muito semelhante ao que é descrito pela expressão "ensinamento bíblico", muito usada hoje em dia.

Em contraste, nenhuma profecia nas igrejas do NT é tratada como interpretação ou aplicação de textos das Escrituras do AT. Embora poucas pessoas *afirmem* que os profetas nas igrejas do NT davam "interpretações carismáticas inspiradas" de textos do AT,[1] essa afirmação dificilmente pode ser convincente, em especial porque é difícil encontrar no NT qualquer exemplo convincente de que o grupo de palavras relacionadas ao termo "profeta" é usado para referir-se a alguém que exercesse esse tipo de atividade.

Em vez disso, a profecia deve ser o relato de alguma revelação espontânea vinda do Espírito Santo. Desse modo, a distinção é bastante clara: se a mensagem é o resultado da reflexão consciente sobre o texto das Escrituras, contendo interpretação do texto e aplicação para a vida, então (no NT) é um *ensino*. Porém, se a mensagem é o relato de alguma coisa que Deus traz repentinamente à mente da pessoa, então é *profecia*. Naturalmente, até mesmo ensinamentos bem preparados podem ser interrompidos por material adicional não planejado que o instrutor bíblico repentinamente sente que Deus traz à sua mente; nesse caso, seria um "ensino" mesclado com profecia.

A DIFERENÇA ENTRE PROFECIA E PREGAÇÃO

Na linguagem moderna, a palavra "pregação" é geralmente usada para significar a mesma coisa que o NT chama "ensino". Por-

[1]Com relação a uma defesa da função de "interpretação das Escrituras" exercida pelos profetas, v. E. Earle Ellis, *Prophecy and hermeneutics in Early Christianity*: New Testament essays (Grand Rapids: Eerdmans, 1978). Duas respostas bastante convincentes a Ellis podem ser encontradas em David Rui, *New Testament prophecy* (Atlanta: John Knox, 1979) p. 103-6, e David E. Aune, *Prophecy in early Christianity and the ancient mediterranean world* (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p. 339-46. Com relação à "exegese carismática" das Escrituras, Aune conclui corretamente: "Não existe praticamente nenhuma evidência [...] de que essa atividade fosse exercida por quem era chamado 'profeta' no cristianismo primitivo" (p. 345).

tanto, isso não precisa ser um assunto separado, ou seja, tudo o que foi dito sobre "ensino" na sessão anterior aplica-se igualmente à "pregação".

Contudo, pode ser interessante agora mencionar dois líderes renovados que vêem que a diferença entre profecia e ensino (ou "pregação") hoje em dia é bastante similar ao que é encontrado no NT.

Michael Harper, anglicano renovado inglês, diz:

> O pregador normalmente prepara, fala e expõe a partir da Palavra de Deus. O profeta, porém, fala diretamente sob a unção do Espírito Santo. Ambos têm um papel a desempenhar na edificação da igreja, mas não devem ser confundidos.[2]

Dennis e Rita Bennett, episcopais renovados americanos, dizem:

> A profecia não é uma "pregação inspirada" [...] na pregação, o intelecto, o treinamento, a habilidade, a formação e a educação são envolvidas e inspiradas pelo Espírito Santo. O sermão pode ser escrito com antecedência ou proferido de improviso, mas vem do intelecto inspirado. A profecia, por outro lado, significa que a pessoa está trazendo as palavras que o Senhor dá diretamente; é do Espírito, e não do intelecto.[3]

POR QUE PAULO PERMITE QUE AS MULHERES PROFETIZEM, MAS NÃO PERMITE QUE ENSINEM?

Diferenças entre profecia e ensino com respeito à autoridade na congregação

Uma vez que tenhamos entendido a "profecia" e o "ensino" não de acordo com as definições lingüísticas modernas, mas conforme a

[2]*Prophecy*: a gift for the body of Christ, Plainfield: Logos, 1964, p. 8.

[3]*The Holy Spirit and you*, Eastbourne: Kingsway, Plainfield: Logos, 1971, p. 108-9.

maneira como são tratadas no próprio NT, é possível compreender de que modo era totalmente consistente para Paulo permitir que as mulheres profetizassem (1Co 11.5), mas não ensinassem (1Tm 2.12) nas reuniões públicas das igrejas do NT.

O ensino fornecia orientação normativa, doutrinária e ética à igreja. Os que ensinavam publicamente nas igrejas falavam não com autoridade igual à das próprias Escrituras, autoridade que, em termos práticos, fornecia a base doutrinária e ética dos ensinos das Escrituras e as aplicações práticas das Escrituras pelas quais a igreja era dirigida. As Escrituras eram a autoridade final, mas os mestres — mais que os profetas, os evangelistas ou os que possuíam qualquer outro dom — eram as pessoas que regularmente tinham a responsabilidade de mostrar de que maneira as Escrituras — a autoridade absoluta da igreja — deveriam ser interpretadas e aplicadas na congregação. Ensinar na igreja era exercer pelo menos uma liderança e uma autoridade *de facto* (liderança e autoridade freqüentemente reconhecidas em público) que influenciavam fortemente as convicções doutrinárias e éticas da igreja.

É difícil dizer com certeza se a maioria dos presbíteros eram mestres ou se todos os mestres eram presbíteros. Mas está claro que há uma conexão muito próxima entre o do presbítero e o do mestre, conexão possibilitada pela liderança que os mestres de fato exerciam na congregação.[4]

[4]O texto de Cl 3.16 realmente fala "ensinem [gr. *didaskō*] e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seu coração", mas isso certamente não quer dizer que se esperava que todos os cristãos se colocassem diante da congregação reunida e agissem como professores de Bíblia, pois havia tanto homens quanto mulheres que não possuíam o dom de ensino e que não fariam isso. Em função disso, conclui-se que Cl 3.16 deve usar a palavra "ensinar" em sentido mais amplo e geral que o sentido com que a palavra é usada em 1Tm 2.12 e em muitas outras passagens mencionadas anteriormente, quando se refere à instrução bíblica e/ ou doutrinária ministrada à congregação reunida.

Mas a profecia da igreja do NT não tinha autoridade. Quem profetizava não dizia à igreja de que maneira esta deveria interpretar as Escrituras ou aplicá-las à sua vida. Não proclamava os padrões éticos e doutrinários pelos quais a igreja era orientada nem exercia autoridade de governo na igreja (com relação ao último ponto, v. cap. 9).

Os profetas das igrejas do NT, ao contrário, relatavam com suas palavras alguma coisa que, de acordo com eles, Deus havia vigorosamente colocado em sua mente. Desse modo, o *ensino* baseado na Palavra de Deus escrita tinha muito maior autoridade que as profecias ocasionais que o orador *considerava* serem de Deus. As profecias estavam subordinadas ao *ensino* autorizado das Escrituras e, para serem aceitas, deveriam estar em conformidade com o *ensino* recebido pela igreja. O reverso, porém, não era verdadeiro. Os ensinamentos não tinham de se conformar a qualquer conjunto ou resumo de profecias que fossem sido proclamadas na igreja.

O que dizer de os profetas precederem os mestres em 1Coríntios 12.28?

Alguns podem levantar objeções sobre a questão da ordem dos dons apresentados em 1Coríntios 12.28: "Primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres", indicando que os profetas teriam maior autoridade que os mestres na igreja (v. tb. Ef 4.11). Contudo, a lista de 1Coríntios 12.28 não está ordenada de acordo com a autoridade. Note que, mais adiante na lista, os "administradores" aparecem próximos do fim e "os que têm dom de prestar ajuda" aparecem antes dos "administradores".

Como indica a discussão do capítulo 3 (v. p. 63-4), a classificação nessa passagem não diz respeito à autoridade. Em vez disso, Paulo explica o significado de "primeiro [...] segundo [...] terceiro [...] depois" nos versículos que se seguem. No final da

lista, ele encoraja os crentes de Corinto a que "busquem com dedicação os melhores dons" (1Co 12.31) e, depois de explicar a crucial importância do amor, no capítulo 13, volta à idéia de "melhores dons" em 1Coríntios 14.1-5, mostrando que a profecia é "maior" (gr. *meizōn*, a mesma palavra usada em 1Co 12.31) que interpretar línguas (1Co 14.5), porque na profecia a igreja é "edificada". Portanto, "maior" nesse contexto significa "contribuir mais para a edificação da igreja", e a lista presente em 1Coríntios 12.28 deve ser entendida (pelo menos com relação aos primeiros quatro elementos mencionados) como uma lista de acordo com o valor na edificação da igreja. Essa compreensão é consistente com a preocupação geral de Paulo nos capítulos 12 a 14 de 1Coríntios, onde diz: "Tudo seja feito para a edificação da igreja" (1Co 14.26).

O ensinamento de Paulo é consistente?

Hoje existem diferentes opiniões entre os cristãos sobre os papéis adequados às mulheres nas atividades da igreja. Contudo, independentemente do que alguém pense sobre a questão e como ela se aplica à situação contemporânea, ainda é possível ver consistência — e não contradição — nas instruções de Paulo. Em 1 Timóteo 2 há indicação de que o apóstolo está preocupado em preservar a liderança, a chefia e a autoridade masculinas na igreja. Assim, ele proíbe as mulheres de ensinar ou de ter autoridade sobre os homens.[5] Mas orar e profetizar na igreja não implica que o orador — homem ou mulher — tinha de assumir funções de liderança ou exercer autoridade.

[5]No cap. 11, argumento que é melhor entender que 1Co 14.33*b*-35 também se encaixa nesse padrão, assumindo que as mulheres podem participar da adoração, mas lhes é negado exercer controle doutrinário ou autoridade na congregação. Portanto, isso está em conformidade com o que encontramos no restante dos escritos de Paulo.

Portanto, não existe razão para impedi-las de exercer tais atividades; pelo contrário, elas devem ser encorajadas a isso.

RESUMO

A profecia tem duas características distintivas não apenas em 1Coríntios, mas em todo o NT. Primeiramente, deve ser baseada na "revelação": se não há revelação, não há profecia. Segundo, exige proclamação. O simples recebimento da revelação não constitui profecia até que seja publicamente anunciada.

No entanto, o ensinamento é sempre baseado na explicação e/ ou aplicação das Escrituras ou da doutrina apostólica recebida; nunca se diz que é baseado na revelação. É por isso que o ensinamento tem muito mais autoridade para governar a congregação. Isso também explica por que Paulo estava inteiramente disposto a ter tanto mulheres quanto homens profetizando na congregação reunida, enquanto restringisse o ensino com autoridade aos homens.

APLICAÇÃO PARA HOJE

Se a compreensão do dom de profecia proposta neste estudo está correta, ela pode ser útil para corrigir o problema do "cristianismo espectador" nas igrejas contemporâneas. Isso se deve ao fato de a atividade de ensinamento bíblico da congregação ser geralmente restrita a um ou a poucos líderes eclesiásticos reconhecidos. Desse modo, enquanto a participação nos cultos de adoração for restrita apenas aos que são capazes de ensinar as Escrituras à congregação, haverá apenas participação limitada de mulheres, de crianças e até mesmo da maior parte dos homens (que não ensinam).

Mas o dom de profecia é muito diferente e não traz em si restrições ao uso. Em vez disso, *todos os cristãos* recebem permissão de profetizar na igreja, se Deus assim os conduzir (v. 1Co 14.31). Desse modo, o ideal — se houver oportunidade

para tal profecia ser proclamada — é que nossos cultos de adoração incluiam a participação muito mais aberta *tanto de homens quanto de mulheres* "de forma que *todos* sejam instruídos e encorajados" (1Co 14.31).

Finalmente, uma nota de encorajamento. Pode ser que a ausência de profecia em muitas igrejas hoje se deva primariamente não à falta de revelações do Espírito Santo, mas, em vez disso, à falha dos crentes em reconhecer essas revelações quando acontecem e de compreender que são dadas para benefício de toda a congregação: não terão cumprido seu propósito até que sejam relatadas aos outros! Talvez os líderes da igreja de hoje possam fazer mais para encorajar os cristãos a mencionar tais direcionamentos do Senhor quando ocorrem — sem dúvida de maneira hesitante e incerta no início, mas com uma clara atitude de procurar ajudar e edificar a igreja dessa maneira, se isso for o que o Espírito Santo desejar.

Alguns podem ficar um pouco perturbados com relação a isso — quem pode dizer o que vai acontecer? Contudo, se existirem líderes maduros e com conhecimento bíblico na congregação, e se eles estiverem prontos para avaliar a profecia publicamente — se sentirem necessidade de fazer isso —, nenhum dano será causado. Na verdade, é possível que comecem a existir momentos em que o Espírito Santo confirme sua obra revelando simultaneamente a mesma idéia ou tema a várias pessoas da congregação. Em outros momentos, pode haver profecias que, no espaço de algumas poucas palavras, atinjam corações calejados e tragam lágrimas de arrependimento ou cânticos sinceros de esperança e louvor. De fato, o resultado provavelmente será o senso grandemente aumentado da viva presença do Senhor no meio de seu povo, a vibrante e mais profunda consciência de que toda a congregação "adorará a Deus, exclamando: 'Deus realmente está entre vocês!'" (1Co 14.25).

7 O CONTEÚDO DAS PROFECIAS

O que as profecias diziam?

PODEMOS ENCONTRAR muito material sobre o dom de profecia no NT, mas apenas algumas profecias foram registradas. Existe alguma maneira, portanto, de sabermos qual era o conteúdo dessas profecias? O que elas realmente diziam? Que tipo de afirmações continham? Quais tópicos abordavam?

Na verdade, há uma maneira ainda melhor de descobrir o conteúdo das profecias proclamadas na congregação do que examinar algumas ou até mesmo várias citações de profecias verdadeiras: deve-se examinar as afirmações do NT sobre o propósito e a função do dom de profecia de maneira geral, ou seja, qual era sua finalidade e o que realmente cumpria. Essas afirmações gerais sobre o dom de profecia nos dão um quadro mais preciso sobre o seu conteúdo, mais que olhar para uns poucos exemplos, pois não teríamos condições de saber se tais exemplos são por si só representativos do uso do dom como um todo.

Desse modo, nosso propósito inicial neste capítulo é descobrir a função e o propósito da profecia. De que maneira o NT a

preconiza, no sentido de beneficiar a igreja? Mais uma vez, estudaremos em primeiro lugar as passagens relevantes de 1Coríntios e, depois, examinaremos as passagens relacionadas no restante do NT.

1CORÍNTIOS 14.3: QUALQUER COISA QUE PUDESSE EDIFICAR, ENCORAJAR E CONSOLAR

O texto básico aqui é 1Coríntios 14.3: "... quem profetiza o faz para edificação, encorajamento e consolação dos homens". Nesse contexto, Paulo está argumentando que, ao procurar os dons espirituais, os coríntios deveriam buscar especificamente o dom de profetizar (1Co 14.1). Para provar esse ponto, nos versículos de 2 a 5 ele contrasta línguas e profecia. Ninguém entende a pessoa que fala em línguas, pois ela não fala a homens, mas a Deus (v. 2). Em contraste, porém, quem profetiza fala aos homens — de modo que os ouvintes conseguem entender — e, pelas palavras do profeta, recebem edificação, encorajamento e consolação (v. 3). Enquanto quem fala línguas edifica a si mesmo, o profeta edifica a igreja (v. 4). Essa é a razão pela qual a profecia é superior às línguas: traz mais benefício à igreja (v. 5).

O contexto sugere que a profecia deve ser usada em benefício dos outros

Esse contexto mostra que Paulo via a profecia como um dom essencialmente público. Não há indicação de que o profeta pudesse profetizar em particular, para benefício próprio. Se o fizesse, sua profecia estaria no mesmo nível das línguas em 1Coríntios 14.4 ("Quem fala em língua a si mesmo se edifica"), e esse não seria o tipo de profecia que os coríntios deveriam buscar (v. 1). Desse modo, a não ser que a profecia acontecesse na reunião de toda a igreja (ou, presumivelmente, numa reunião menor, de parte da igreja), ela perderia sua proeminência entre os dons.

Enquanto o contexto de 1Coríntios 14.3 demonstra a necessidade de a profecia ser exercida publicamente, os três termos específicos usados por Paulo nesse versículo definem mais precisamente a ampla gama de funções que se julgava que a profecia continha. Paulo diz: "... quem profetiza o faz para *edificação*, *encorajamento* e *consolação* dos homens" (1Co 14.3; grifo do autor).

Os termos usados mostram grande variação do que vem a ser "edificação"

A primeira palavra — "edificação" (gr. *oikodomē*) — é considerada o resultado não apenas da profecia, mas também de diferentes atividades humanas: a disciplina da igreja (2Co 10.8; 13.9); não ofender outras pessoas por meio do que comemos (Rm 14.19); a autonegação em benefício do próximo (Rm 15.2); agir em amor, que edifica os outros (1Co 8.1).

Quando a igreja se reúne, qualquer atividade oral legítima pode resultar em edificação: um salmo (ou hino), uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em uma língua ou uma interpretação — tudo isso traz "edificação" (1Co 14.26). Na verdade, de acordo com Efésios 4.29 ("Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para *edificar* os outros"), toda palavra do cristão, até mesmo em uma conversa comum, deve ser edificante. É um termo geral que se refere a qualquer tipo de ajuda no crescimento rumo à maturidade cristã — e a profecia é uma das atividades que contribuem para a edificação dos cristãos.

O segundo termo, "encorajamento" (gr. *paraklēsis*), pode significar "conforto" (num momento de tristeza — Lc 2.25; 6.24; 2Co 1.3-7), "encorajamento" (para os que estão desanimados — Rm 15.4,5; 2Co 7.4,13) ou "exortação" ou "apelo" (ou seja, o pedido para que alguém faça algo — 2Co 8.17; 1Ts 2.4; Hb 12.5; 13.22). Mesmo assim, a palavra tem força menor do que

"mandamento", pois Paulo contrasta esse verbo ("apelar" ou "exortar") com o verbo que significa "ordenar": "Mesmo tendo em Cristo plena liberdade para *mandar* [...] prefiro fazer um *apelo*" (Fm 8,9; grifo do autor).

É provável que a ampla gama de significados do trinômio "consolação/ encorajamento/ exortação" não estivesse claramente definida na mente dos leitores de Paulo, de modo que qualquer uso feito no NT — como esse em 1Coríntios 14.3 — que não pudesse ser mais claramente definido em função de seu contexto podia ser considerado como que abrangendo uma variedade de atividades orais que incluísse qualquer um ou até mesmo todos esses elementos. Essa palavra, portanto, não é muito restrita em termos de significado e pode permitir que se inclua na profecia uma grande variedade de formas orais trazendo aos ouvintes, em determinado momento, "conforto", em outro, "encorajamento" e, ainda em outras ocasiões, "exortação".

No que se refere ao último termo do versículo — "consolação" (gr. *paramythia*) — é difícil encontrar muita diferença de significado com relação ao segundo termo, "encorajamento". É "difícil encontrar um critério convincente pelo qual possamos definir uma clara linha divisória. Ambos são caracterizados pela dupla função de admoestação e conforto".[1]

Quando reunidas, as três palavras indicam que a profecia não podia ser diferenciada de outra atividade oral simplesmente por meio de suas funções, pois não existe nenhuma função que sirva como característica distintiva. Todas as funções da profecia (edificação, encorajamento, exortação, consolação) também são funções de várias outras atividades, tais como o ensino, a pregação, o canto de "salmos, hinos e cânticos espirituais" (Cl 3.16) e até mesmo a conversação cristã comum (Ef 4.29).

[1]G. STÄLIN, *TDNTS*, p. 821.

É interessante notar que o conceito de profeta como quem prediz o futuro não encontra espaço na definição de Paulo, nesse ponto. Como veremos adiante, isso não quer dizer que a predição esteja excluída da profecia, mas que, em vez disso, não é um fim em si mesma; só é valiosa se servir aos propósitos delineados em 1Coríntios 14.3: "edificação, encorajamento e consolação".

Por que, então, a profecia é um dom tão importante?

Então, por que a profecia é diferente das outras atividades orais da igreja do NT? O que fez da profecia algo tão valioso a ponto de Paulo querer que fosse buscada muito mais que todos os outros dons? A resposta pode ser encontrada não na função da profecia, mas no fato de ela ser baseada na "revelação" divina (v. cap. 5).

Por causa dessa revelação, o profeta era capaz de falar de acordo com as necessidades específicas do momento em que a congregação se reunia. Considerando que o mestre ou o pregador somente seriam capazes de obter informação sobre preocupações espirituais específicas do povo a partir da observação ou da conversação, o profeta teria a habilidade adicional de conhecer as necessidades específicas por meio da "revelação". Em muitos casos, as coisas reveladas incluíram os segredos do coração das pessoas (v. 1Co 14.25), suas preocupações ou temores (que careciam de palavras apropriadas de conforto e encorajamento) ou sua recusa ou hesitação em fazer a vontade de Deus (o que exigia palavras apropriadas de exortação).

Às vezes, o profeta recebia a revelação apenas da necessidade; em outros momentos, somente a palavra de exortação e consolo, pois Paulo não restringe tanto o conteúdo da revelação, e ambas as possibilidades cumpririam os propósitos definidos em 1Coríntios 14.3. Também não podemos dizer que o

profeta, em todos os casos, sabia a qual pessoa da congregação suas palavras se aplicavam. Em determinado momento, isso era revelado a ele e, em outras ocasiões, o profeta, tal como o pregador, não sabia quem na congregação estava sendo ajudado pela palavra profética de exortação ou de encorajamento. Na realidade, muitas vezes as palavras do profeta talvez pudessem edificar várias pessoas de uma vez ou até mesmo todos os presentes.

Portanto, a profecia é superior aos outros dons porque a revelação da qual depende permite que se encaixe às necessidades específicas do momento, necessidades que podem ser conhecidas apenas por Deus (v. 1Co 14.25; Rm 8.26,27). Dessa maneira, a profecia é altamente qualificada para ser um discurso que edifica, que se encaixa "conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem" (Ef 4.29).

1CORÍNTIOS 14.31: PODERIA A PROFECIA INCLUIR ENSINO, UMA VEZ QUE AS PESSOAS PODEM "APRENDER" COM ELA?

Paulo diz que, se a revelação é feita a outra pessoa que está sentada, a primeira (o profeta) deveria ficar em silêncio: "Pois vocês todos podem profetizar, cada um por sua vez, de forma que todos sejam *instruídos* e encorajados" (1Co 14.31; grifo do autor).

Será que a palavra "instruir" usada aqui deixa implícito que a profecia também tinha a função de ensinar e que se valia de padrões de instrução doutrinária?

Esse não é necessariamente o caso, porque as pessoas podem "aprender" a partir de muitas coisas além do ensino bíblico formal ou da instrução doutrinária. O termo "instruir" (gr. *manthanō*) pode com freqüência significar "aprender como agir, obter conhecimento que afeta o modo de vida de alguém" (Mt 11.29; Rm 16.17; 1Co 4.6; Ef 4.20; Fp 4.9,11; 1Tm 5.4; Tt 3.14; Hb 5.8).

Desse modo, o uso que Paulo faz da palavra "instruir" em 1Coríntios 14.31 é inteiramente adequado a qualquer tipo de profecia na qual os ouvintes são edificados, encorajados, exortados ou consolados. Em todos os casos, os ouvintes "aprenderiam", e, embora esse processo possa incluir o recebimento de material doutrinário, sempre seria usado com o objetivo de trazer crescimento espiritual ou "edificação". A ênfase da profecia seria a aplicação prática imediata na vida dos ouvintes. Desse modo, 1Coríntios 14.31 não quer dizer que o profeta exercia a mesma atividade do mestre, mas apenas que as pessoas poderiam "aprender" a partir de ambas as atividades.

1CORÍNTIOS 13.2: PROFETIZAR COM OU SEM AMOR — A DIFERENÇA CRUCIAL

Paulo adverte os coríntios, dizendo que eles poderiam ter dons espirituais desenvolvidos de maneira maravilhosa, mas, mesmo assim, não seriam "nada" se não usassem os dons em amor. Especificamente sobre o dom de profecia, ele diz: "Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei" (1Co 13.2).

Ser "nada" quando alguém profetiza sem amor pode referir-se aos benefícios conferidos tanto aos outros quanto a si mesmo. Se Paulo está se referindo aos benefícios aos outros, talvez o profeta sem amor não causasse bom efeito (como o sino que ressoa ou o prato que retine, de 13.1, que são coisas sem sentido e podem ser desagregadoras). Isso provavelmente aconteceria porque, embora o orador profetizasse algo que o Espírito Santo lhe dera por meio de "revelação", o profeta não tomara o cuidado de proferir tais palavras com bondade (1Co 13.4) para não maltratar ninguém ou para evitar perturbação (1Co 13.5).

Essa seria, então, outra indicação do grau maior de liberdade desfrutado pelos profetas do NT: aparentemente a escolha das palavras, da entonação e da atitude determinava a eficácia da profecia. A profecia seria o resultado tanto da "revelação" recebida pelo profeta quanto das palavras que usasse para relatar a profecia à congregação.

Porém, se ser "nada" quando alguém profetiza sem amor significa que não há benefício para si mesmo, então Paulo está dizendo que a profecia sem amor não traz crédito algum aos olhos de Deus, embora possa fazer algum bem aos outros (como a pessoa que entrega todos os seus bens, de acordo com 1Co 13.3).

Não parece que no contexto haja informação suficiente para escolher entre essas duas interpretações (e, de fato, isso pode não ser necessário, uma vez que seria possível abordar as duas situações — "nada" para o profeta ou "nada" para os outros!). O ponto principal é claro: é essencial profetizar com amor.

Neste ponto, é apropriado juntar esse trecho de 1Coríntios 13 à aplicação bastante prática que Paulo dá a essa passagem em 1Coríntios 14. Paulo avalia o principal resultado no seguinte aspecto: o profeta que age em amor terá o cuidado de garantir que seu discurso sempre edifique os ouvintes. Assim, o profeta que profetiza em amor:

a) esperará sua vez (1Co 14.31: "Pois vocês todos podem profetizar, cada um por sua vez"; compare com "Não maltrata", de 13.5);
b) falará aos outros buscando o benefício e o bem-estar deles (1Co 14.3: "Mas quem profetiza o faz para edificação, encorajamento e consolação dos homens"; compare com "não procura seus interesses", de 13.5);
c) estar disposto a submeter sua profecia à avaliação e ao escrutínio dos outros (1Co 14.29: "Os outros julguem

cuidadosamente o que foi dito"; compare com "não se vangloria, não se orgulha", de 13.4);

d) de bom grado permitirá que outro profetize em seu lugar (1Co 14.30: "Se vier uma revelação a alguém que está sentado, cale-se o primeiro"; compare com "Não inveja, [...] não procura seus interesses", de 13.4,5);

e) mesmo quando estiver falando sobre os pecados dos outros, não o fará de maneira altiva, de modo a provocar a alienação e o afastamento dos que estão de fora, mas, em vez disso, transmitirá a mensagem com a compaixão que evoca a adoração a Deus (1Co 14.24-25: "Por todos será convencido de que é pecador [...] e os segredos do seu coração serão expostos"; compare com "não se ira facilmente [...] não se alegra com a injustiça", de 13.5,6).

Em resumo, quem profetizar em amor buscará continuamente usar seu dom para benefício dos outros, e não para si mesmo. Isso não pode ser feito mecanicamente, mas deve ser o resultado da atitude interior de amor pelos presentes na congregação. Somente então a profecia será de grande benefício para a igreja, de acordo com o "caminho ainda mais excelente".

FUNÇÕES DA PROFECIA MENCIONADAS FORA DE 1CORÍNTIOS

Atos 15.32: Judas e Silas como profetas

Depois da decisão do Concílio de Jerusalém, em Atos 15, dois membros da igreja de Jerusalém, Judas e Silas, "dois líderes entre os irmãos" (At 15.22), foram enviados com Paulo e Barnabé para contar à igreja de Antioquia os resultados da decisão. Depois de entregar a carta de Jerusalém, Judas e Silas permaneceram com a igreja um pouco mais de tempo. Lucas nos diz: "Judas

e Silas, que eram profetas, encorajaram e fortaleceram os irmãos com muitas palavras" (At 15.32).

Esse versículo confirma — sem adicionar nada — o que já aprendemos sobre a função da profecia no NT a partir de 1Coríntios 14.3-5, uma vez que "encorajar" é o mesmo termo (gr. *paraklēsis*) encontrado em 1Coríntios 14.3. A outra palavra — "fortaleceram" — é o termo geral que ocorre somente em Atos, mas é bastante similar em sentido ao substantivo "edificar" (gr. *oikodomē*) de 1Coríntios 14.3.

Atos 11.27-30 e 21.11: as duas profecia de Ágabo

Em ambos os casos, Lucas mostra Ágabo predizendo um acontecimento futuro. Isso é indicação de que a predição do futuro era uma das funções da profecia, mas os outros textos que examinamos, tanto em 1Coríntios quanto em Atos, mostram a predição como uma das funções da profecia, e não como sua função principal.

Em ambos os casos de Atos, Lucas é cuidadoso em mostrar que as predições serviram para encorajar, exortar ou fortalecer a igreja. Em Atos 11, a profecia parece ter levado à preparação e talvez até mesmo a alguma coleta antes de a fome começar (v. 29), de modo que, pela profecia, a igreja de Antioquia foi capaz de ser ainda mais útil com essa pequena quantidade de "informação privilegiada". Em Atos 21, a profecia permite que a igreja saiba o que está para acontecer a Paulo. Foi-lhe dada a oportunidade de ver a força de vontade de Paulo em seguir prontamente os passos de Jesus, mesmo que isso significasse enfrentar sofrimentos e talvez até a morte. Ao ouvir isso, a igreja sem dúvida foi incentivada a imitar a coragem e a obediência de Paulo.

Em ambos os casos, o dom de profecia era necessário a um propósito em particular. Nenhum outro dom teria sido suficiente, pois era necessário conhecer um acontecimento futuro

em cada um dos casos, e somente a profecia, baseada na revelação do Espírito Santo (v. caps. 5 e 6), poderia prover esse conhecimento.

Em nenhum dos casos, porém, a predição foi um fim em si mesma. O NT sempre mostra a predição profética como simplesmente um dos vários meios para chegar a um fim maior: o encorajamento e a edificação da igreja.

1Timóteo 1.18: as profecias indicam os dons de Timóteo e suas áreas de ministério eficiente

Na passagem de 1Timóteo 1.18 lemos: "Timóteo, meu filho, dou-lhe esta instrução, segundo as profecias já proferidas a seu respeito, para que, seguindo-as, você combata o bom combate".

Nesse contexto, Timóteo recebe uma ordem que, de alguma maneira, correspondia a profecias anteriores sobre ele. Paulo ordena que ele aja "segundo as profecias já proferidas". Contudo, a maneira precisa sobre como as profecias e a ordem correspondiam entre si não é especificada por Paulo.

A ordem ou a "instrução" que Paulo deu a Timóteo nesse momento era que ele "permanecesse em Éfeso para ordenar a certas pessoas que não mais ensinem doutrinas falsas" (1Tm 1.3), mas é possível que isso também incluísse orientações para a operação da igreja, conforme encontradas em 1Timóteo 2.1 e nos versículos seguintes. Em resumo, Paulo pedia a Timóteo que permanecesse no papel de liderança como seu "assistente apostólico" no ensino e na administração da igreja.

Aparentemente, o papel de liderança e ensino incluía tarefas que requeriam exatamente os dons que as profecias mencionaram com relação a Timóteo — por exemplo, dons de grande sabedoria no julgamento, compreensão madura das Escrituras, visão incomum quanto às habilidades e motivações das pessoas, eficiência na oração etc. Relembrar as profecias serviria de encorajamento para ele: "... para que, seguindo-as [i.e., encorajado por elas], você combata o bom combate".

Nesse caso, portanto, a profecia aparentemente informava um ministério futuro ou o conhecimento de um conjunto de habilidades que nem Timóteo nem as outras pessoas haviam percebido anteriormente (o que é bastante semelhante). Por meio das profecias, Timóteo foi encorajado a se esforçar diligentemente rumo ao objetivo indicado ou talvez tenha sido chamado à atenção quanto aos dons dos quais não tinha consciência de possuir ou dos quais achava-se indigno, por causa de sua juventude ou de sua inexperiência. As profecias o teriam capacitado a desenvolver e usar os dons que, de outra maneira, teriam ficado dormentes.

Mais uma vez, portanto, a singularidade da profecia é encontrada na dependência de "revelações" (tanto de fatos desconhecidos quanto de acontecimentos futuros), e seu propósito é fortalecer o ministério da igreja.

1Timóteo 4.14: um dom espiritual dado por meio de profecia

No meio de uma série de instruções pessoais a Timóteo (1Tm 4.6—5.2), Paulo escreve: "Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros" (1Tm 4.14).

Não existem evidências suficientes no contexto para definir com certeza qual era esse dom; além disso, a palavra "dom" (gr. *charisma*) tem ampla gama de significados no NT. Mas a frase "por mensagem profética" sugere que o versículo afirma a mesma situação abordada em 1Timóteo 1.18: "as profecias já proferidas a seu respeito". Nesse caso, é possível que o dom mencionado seja a habilidade especial na administração ou o papel específico na direção da igreja, no ensino ou na resolução de disputas internas e no silenciar de falsos mestres — em outras palavras, o dom que equiparia Timóteo para o tipo de trabalho delineado nessa epístola.

A frase "por mensagem profética" indica os meios ou instrumentos pelos quais o dom lhe foi dado. Não se trata de

uma variação da idéia de que os dons são dados por Deus, porque essa construção grega (*dia* + genitivo) é freqüentemente usada para indicar uma causa humana ou "natural" para um dom que, ao mesmo tempo, diz-se ter sido divinamente concedido (v. At 7.25 — Deus salvou o povo "pela" da mão de Moisés; At 8.18 — o Espírito Santo era dado a alguém "por meio" da imposição de mãos dos apóstolos). Na verdade, Paulo usa essa mesma construção em 2Timóteo 1.6 para mencionar o dom concedido a Timóteo "mediante a imposição das minhas mãos".

Portanto, esse versículo não sugere que as palavras proféticas continham poder a ponto de criar o dom de Timóteo ou que, de alguma maneira, por si próprias tivessem concedido alguma habilidade especial a ele. Do mesmo modo, Atos 8.18 não afirma haver poder mágico nas mãos dos apóstolos que lhes permitisse conceder o Espírito Santo (como Simão acreditava, At 8.19). Em vez disso, o texto indica uma conexão menos forte, sugerindo talvez a simultaneidade das profecias e do dom concedido a Timóteo, na qual as profecias indicam o dom que Deus estava lhe dando.

Dessa maneira, as profecias teriam a função de tornar conhecido a todos os presentes, incluindo o próprio Timóteo, o que, de outra maneira, permaneceria completamente despercebido até que os dons fossem colocados em prática. A profecia que funciona dessa maneira claramente traz benefícios à igreja, pois encorajou Timóteo a começar a usar e a desenvolver suas novas habilidades, bem como estimulou os outros ouvintes a dar a Timóteo oportunidades para aplicar seu dom.

O livro do Apocalipse fornece alguma indicação sobre o conteúdo das profecias proferidas nas congregações?

Todo o livro do Apocalipse afirma conter revelações do que "em breve há de acontecer" (Ap 1.1; 4.1; 22.6) e, portanto, é

baseado em conhecimento que não poderia ser obtido por meios comuns. Até mesmo nas cartas às sete igrejas, nas quais a revelação do futuro não é o tema, João recebe uma informação especial sobre o estado espiritual daquelas igrejas (Ap 2.4,23; 3.1,9,17) ou pelo menos a avaliação autorizada das igrejas que precisavam da revelação divina. Porém, assim como em outras profecias do NT, obter conhecimento do futuro ou de fatos ocultos não é um fim em si mesmo. Em vários lugares, é a base para a *exortação* direta aos leitores (Ap 2.5,10,16,25; 3.2-5,11,18; 13.10; 14.7,12; v. Ap 1.3; 22.7).

Além do mais, o livro freqüentemente aproveita a oportunidade de *confortar* os crentes em crise ou perseguidos ao proclamar o governo soberano de Deus na história, a certeza da vitória sobre o mal e a preservação e o triunfo final do povo de Deus juntamente com ele (Ap 1.5; 2.26,27; 5.10; 6.10,15-17; 11.15-18; 14.13; 17.14; 19.20,21; 20.6,9-14; 20—22). Desse modo, o livro é uma profecia cuja função é encorajar, confortar e exortar quem a lê — função similar à encontrada em outros acontecimentos relacionados à profecia, embora aqui possua a singular autoridade de "profecia apostólica".

Outras possíveis funções

Várias outras possíveis funções da profecia podem ser propostas, mas para cada uma delas a evidência é insignificante, resultando em conclusões hipotéticas.

a) *As profecias forneceram interpretação inspirada das Escrituras do Antigo Testamento?* Conforme mencionado brevemente no capítulo 6, E. Earle Ellis afirma a exposição e a interpretação das Escrituras como função dos profetas cristãos no livro de Atos. Contudo, ele não é capaz de mostrar exemplos nos quais os expositores das Escrituras o fazem especificamente no papel de profetas, e não de mestres, apóstolos ou evangelistas. Todos os expositores das Escrituras no livro de

Atos tinham pelo menos um desses papéis. Desse modo, seu argumento não é realmente convincente.

Naturalmente, essa conclusão negativa não significa a exclusão de citações e aplicações das Escrituras na profecia. Estas podem muito bem ter sido parte de profecias, até mesmo com certa freqüência. Mas é importante enfatizar que onde tais exposições são baseadas na preparação e na reflexão em lugar da revelação espontânea, os escritores do NT chama essa atividade "ensino" e não profecia.

b) *A oração e o louvor estavam incluídos nas profecias?* O estudo anterior indica que as profecias geralmente poderiam ser consideradas uma comunicação vinda de Deus para os homens, pois precisavam ser baseadas na revelação vinda de Deus. Mas é natural perguntar se as profecias poderiam incluir, em algum momento, atividades do homem, como a oração e o louvor.

O único suposto apoio a essa idéia é encontrado em Lucas 1.67, onde Zacarias "profetiza" por meio do cântico de louvor. Apesar de essa profecia anterior ao Pentecoste encaixar-se mais no padrão da profecia do AT que no dom do NT, não há muito louvor, pois o conteúdo foi revelado a Zacarias enquanto ele estava "cheio do Espírito Santo" (Lc 1.67).

Numa perspectiva contemporânea, a interessante exposição de Bruce Yocum sobre "formas de profecia" inclui não apenas profecias que assumem a forma de louvor: ele também menciona as "profecias em canções".[2]

Embora não concorde com a continuidade da profecia nos dias de hoje, John MacArthur afirma que músicas como "O Rei está voltando", de Bill e Gloria Gaither, e "O love that will not let me go" ["Ó amor, que jamais me deixará escapar"], de George Matheson, foram escritas como resultado do que o

[2]*Prophecy*, Ann Arbor: Word of Life, 1976, p. 88-102.

autor percebeu ser uma influência incomum do Espírito Santo, trazendo as palavras repentinamente à sua mente.[3]

A maior dificuldade relacionada à idéia de que a oração e o louvor possuem funções proféticas está em 1Coríntios 14.3: "Mas quem profetiza o faz para edificação, encorajamento e consolação dos homens". Interpretado ao pé da letra, isso pode significar "quem profetiza fala *somente* aos homens". Contudo, a preocupação de Paulo aqui pode ser simplesmente enfatizar que a profecia pode ser entendida pelos homens ou que é basicamente para seu benefício. Nesse caso, se a oração ou o louvor forem direcionados por revelação e isso servir também para edificar os ouvintes (pelo fato de eles participarem silenciosamente dela — compare com 1Co 14.16), talvez não haja razão para tais manifestações não serem chamadas "profecia" — ou "louvor profético" ou "oração profética". Os elementos essenciais seriam o fato de tal manifestação ser baseada em revelação, de ser anunciada publicamente e de resultar em edificação.

c) *Os profetas adicionaram novas "palavras de Jesus" aos evangelhos?* Uma idéia comum entre os estudiosos do NT deste século é a de que os profetas do NT, sob a influência do Espírito Santo, receberam verdadeiras palavras do Senhor Jesus ressurreto e, posteriormente, declararam-nas diante da congregação. Essas palavras foram lembradas e talvez até mesmo escritas como palavras autorizadas de Jesus e, com o passar do tempo, algumas acabaram inseridas nas histórias dos evangelhos como se tivessem sido ditas durante a vida *terrena* de Jesus.

[3]*Os carismáticos*: um panorama doutrinário, São Paulo: Fiel, 1988, p. 9, 13; v. tb. a p. 203, onde ele atribui ao movimento carismático a renovação de grande efeito na música da igreja hoje.

Portanto, de acordo com esse ponto de vista, algumas das palavras *faladas pelos profetas* na igreja primitiva foram incluídas nos evangelhos como *ditas por Jesus enquanto ele viveu na terra*, e não como palavras proféticas. Os defensores dessa posição dizem que incluir essas novas "palavras de Jesus" nos evangelhos não seria um grande erro, porque *eram* palavras de Jesus, de qualquer maneira, mesmo que não tivessem sido pronunciadas durante vida terrena.

Essa teoria, porém, é muito criticada, e diversos estudiosos do NT não a consideram convincente. As objeções mais significativas são mostradas a seguir:[4]

1) As profecias na Bíblia nunca são anônimas, como essas seriam antes de serem consideradas "palavras de Jesus"; em vez disso, as profecias da Bíblia são sempre atribuídas ao profeta pelo qual são proclamadas.

2) Se as palavras foram incorporadas apenas gradualmente na tradição histórica, então, no primeiro momento, a igreja claramente *fez distinção* entre visões "renovadas" dos profetas e palavras históricas "autênticas", verdadeiramente faladas por Jesus enquanto esteve na terra. Contudo, se essa distinção foi mantida no primeiro momento, não há razão para que não tivesse sido mantida pela igreja até que os evangelhos alcançassem sua forma final.

3) Se as palavras do Senhor ressurreto por meio dos profetas eram consideradas históricas, então não haveria razão para encaixá-las no contexto da vida terrena de Jesus.

4) A teoria despreza a preocupação da igreja primitiva — especialmente dos apóstolos — de salvaguardar as tradições sobre Jesus e de preservá-las da corrupção (v. 1Co 7.10,12,25).

[4]Para a afirmação completa dessa e de outras objeções, v. David Hill, On the evidence for the creative role of Christian prophets, *NTS* 20, 1973-74, p. 262-74; v. tb., do mesmo autor, *New Testament prophecy* (Atlanta: John Knox, 1979) p. 160-85.

5) A verdadeira evidência usada para mostrar tal atividade por parte dos profetas da igreja primitiva é fraca e não convincente. A idéia é *sugerida* por alguns estudiosos e *presumida* por vários outros, mas nada é realmente provado.

Com relação ao livro do Apocalipse, onde temos registradas palavras do Cristo ressurreto, é importante notar que João certamente não é o exemplo típico dos outros profetas do NT (v. cap. 4) e que em cada palavra profética o contexto está cuidadosamente preservado para diferenciar as palavras proferidas pelo Senhor ressurreto e as palavras pessoais do profeta que são claramente identificadas. Em resumo, a evidência básica que claramente apóia a teoria simplesmente não pode ser encontrada. Não há exemplos confirmados de que a palavra profética tenha se tornado parte da narrativa histórica.

Além dessas objeções, hoje é possível outra observação, baseada em nossa análise do dom de profecia na igreja do NT. Descobrimos que não era tarefa dos profetas de Corinto ou de qualquer outra congregação criar "palavras do Senhor ressurreto". Muito longe de serem intercambiáveis com as palavras históricas de Jesus, às quais a comunidade estava sujeita, as próprias profecias estavam sujeitas à comunidade (1Co 14.29; 1Ts 5.20,21). Desse modo, a visão da contribuição profética aos evangelhos baseia-se fundamentalmente na má interpretação da natureza do dom de profecia exercido nas primeiras congregações cristãs.

Portanto, é correto concluir que a teoria da contribuição profética à tradição dos evangelhos carece tanto de evidências convincentes quanto é contrária a quase tudo o que sabemos sobre os profetas da igreja primitiva e das congregações nas quais trabalhavam.

A "FORMA" DAS PROFECIAS: AS PROFECIAS CONTINHAM PALAVRAS E FRASES TÍPICAS OU PADRÕES DISTINTIVOS DE DISCURSO?

Alguns acham que as palavras proféticas apresentam um certo conjunto de "formas" ou padrões de discurso, geralmente co-

meçando e terminando com as mesmas palavras, por exemplo, ou sendo expressas de maneira poética ou ainda contendo advertências quanto ao julgamento de Deus.

Contudo, a enorme variedade de material que encontrarmos nas profecias do NT, aliado ao fato de que o profeta expressa a profecia com palavras suas, torna improvável a presença de qualquer item ou padrão de expressão repetido com grande freqüência nas profecias proclamadas na igreja.

Todavia, uma coisa pode ser dita sobre a forma de expressão assumida pelas profecias. Seriam ditas na língua entendida pelos ouvintes — se não fosse assim, não cumpririam a função de "edificar" a igreja.

Além disso, as palavras e a língua eram escolhidas pelo orador — fato consistente com o que é mostrado no NT, onde aprendemos que o *relato* da revelação é transmitido em palavras meramente humanas. Bruce Yocum menciona um grupo pentecostal bilíngüe no qual parecia que ninguém se importava com o pedido dos líderes da reunião no sentido de que todos profetizassem em inglês, e não em espanhol.[5] Yocum diz:

> A língua que usamos na profecia está sob nosso controle. A profecia vem por um ser humano *em particular* e será expressa na língua daquela pessoa [...] Somos responsáveis pela linguagem que usamos na profecia.[6]

Antes de ler 1Coríntios 14, alguém poderia pensar que até mesmo uma oração que a congregação não compreendesse — tal como a oração em línguas — pudesse "edificar" ou "fortalecer" a igreja, especialmente se fosse feita a favor da igreja. Mas Paulo pensa de outra maneira: "Quem fala em língua a si mesmo se edifica" (1Co 14.4), e o contraste se dá com quem "profetiza", o qual, por meio desse ato, "edifica a igreja". Os membros

[5]*Prophecy*, p. 82.
[6]Ibid., p. 83.

tinham de ouvir *e entender* o que era falado para que a igreja pudesse ser edificada.

Mais uma vez, em 1Coríntios 14.16,17, Paulo diz que se a pessoa "não sabe o que você está dizendo" durante a oração, então ela não é edificada (v. 17). Desse modo, a profecia não beneficia a igreja por ser misteriosa e indiscernível. Em vez disso, as pessoas são ajudadas pelas profecias exatamente no momento em que obtêm nova compreensão e encorajamento a partir do que o profeta diz.

Dessa forma, vemos que as profecias do NT em Corinto estão muito longe de serem declarações frenéticas e ininteligíveis das "palavras inspiradas" da religião pagã grega, como as da Pítia (a oradora "inspirada") no Oráculo de Delfos, por exemplo. Além do mais, a profecia do NT não se baseia na fraseologia notoriamente ambígua dos "profetas" que "interpretavam" os dizeres da Pítia em Delfos. De acordo com Paulo, o discurso que não pudesse ser compreendido simplesmente não edificava.

RESUMO

Paulo define claramente as funções da profecia em 1Coríntios 14.3: "edificação, encorajamento e consolação" — resultados que podiam ser alcançados não apenas pela profecia, mas também por uma grande variedade de outras atividades orais. Para que esse propósito fosse alcançado, a profecia não funcionava particularmente, mas era para benefício de outros. A grande importância da profecia advém do fato de basear-se em algo revelado pelo Espírito Santo, e isso freqüentemente resultava na aplicação às necessidades do momento.

As profecias poderiam incluir previsões, embora isso não fosse o componente essencial da profecia talvez nem mesmo acontecesse com freqüência. Também poderiam indicar os dons espirituais de de alguém ou as áreas de ministério em que seria

eficiente, podendo ainda fazer isso em conexão com a outorga do dom mencionado na profecia. Embora as profecias fossem geralmente vistas como comunicação de Deus ao homem, não há razão para negar que pudessem incluir elementos ocasionais de "louvor profético" ou de "oração profética" — cujo conteúdo era baseado em algo revelado espontaneamente pelo Espírito Santo.

Embora as pessoas pudessem "aprender" com as profecias, seu conteúdo não incluiria normalmente o que o NT denomina "ensino" (o ensinamento bíblico) nem era função da profecia fornecer "interpretações inspiradas" das Escrituras do AT. Alguns estudiosos acreditam que os profetas do NT receberam novas mensagens do Cristo ressurreto e as incluíram nos evangelhos, registrando-as como "palavras de Jesus" enquanto ele esteve na terra, mas essa teoria carece de evidência histórica persuasiva para apoiá-la e é contrária ao que encontramos sobre a natureza do dom de profecia nas congregações cristãs primitivas.

A atitude de amor altruísta acompanha essencialmente o uso da profecia e pode ser vista de maneira subjacente em muitas das orientações que Paulo fornece acerca da forma como a profecia deve ser exercida.

O NT não nos dá esperança de encontrar qualquer forma distintiva do discurso profético, mas requer que as profecias sejam faladas de maneira inteligível, não por meio de palavras misteriosas e incoerentes que, em vez de edificar os ouvintes, apenas trariam confusão.

APLICAÇÃO PARA HOJE: QUAL O CONTEÚDO DA PROFECIA?

Chegamos agora ao ponto de nosso estudo no qual podemos descrever de modo amplo — e também útil — o conteúdo da profecia, de acordo com o que extraímos do NT. Também é possível apresentar novos exemplos sobre o que pode ser dito na

profecia. As conclusões dos capítulos de 3 a 7 irão contribuir para essa descrição.

Na profecia não são faladas palavras do próprio Deus

Essa restrição é derivada da discussão dos capítulos 3 e 4, onde os dados do NT analisados parecem indicar que a profecia consiste de palavras meramente humanas relatando algo que Deus traz à mente.

Em termos práticos, significa que a profecia de instrução ética ("Você não deve mudar-se para outro estado"; "Você deve deixar seu emprego e dedicar seu tempo à pregação"; "Você deve se casar com aquele rapaz") nem sempre deve, obrigatoriamente, ser considerada divina (i.e., desobedecê-la não é a mesma coisa que desobedecer a Deus), mas deve ser vista como um relato bastante acurado (mas não infalível) do profeta sobre algo que ele acredita (ainda que não tenha plena certeza) ter sido revelado por Deus. A pessoa (ou pessoas) a quem a profecia é dirigida deve reagir de maneira bastante semelhante à reação diante de uma pregação ou de um conselho pessoal (uma vez que tanto o sermão quanto os conselhos freqüentemente partem de alguém que acredita que suas palavras refletem a vontade de Deus). Nesses três casos, os ouvintes devem avaliar a profecia (v. 1Co 14.29), o sermão ou o conselho, para saber se está em conformidade com as Escrituras, com os ensinamentos recebidos e com os fatos sabidamente verdadeiros.

Pelo fato de os profetas do NT não falarem palavras do próprio Deus, o conteúdo da profecia não deveria incluir o prefácio "assim diz o Senhor", o que levaria os ouvintes a erroneamente pensar que a profecia proclamada possui a mesma autoridade das Escrituras. Naturalmente, algumas das palavras presentes na profecia podem ter sido reveladas por Deus, mas não seria correto o profeta afirmar com plena convicção que isso acontece. Ainda que Deus traga palavras específicas à mente, o NT não

garante que Deus deseje que ouçamos as palavras como se fossem dele, dotadas de autoridade absoluta. Se a profecia é de Deus, ele mesmo fará com que as palavras "encontrem guarida" no coração dos ouvintes.

Conteúdo proveniente de revelação

De maneira geral, o conteúdo revelado consiste de fatos que não poderiam ser conhecidos por meios comuns. Podem incluir predição do futuro (At 11.27-30; 21.11), revelação de pecados secretos, ansiedades ou problemas ocultos no coração das pessoas (1Co 14.24-25) e revelação de certos dons para o ministério (1Tm 1.18; 4.14). Porém, com muita freqüência, a profecia inclui simplesmente a afirmação de um fato conhecido ou de um versículo das Escrituras.

Alguém poderia dizer, por exemplo: "Deus trouxe à minha mente um versículo das Escrituras e sinto que devo dizê-lo: 'Honra teu pai e tua mãe'". Então, outro pode reconhecer que a profecia trouxe à sua mente um princípio das Escrituras que o encorajou a tomar uma decisão pessoal. Uma outra possibilidade é que alguém diga: "O Senhor colocou em minha mente uma enorme preocupação pelos cristãos das Filipinas. Acho que devemos orar por eles agora". É possível que, mais tarde, se descubra que, naquele dia, uma nova onda de perseguição se iniciou contra os cristãos em alguma região das Filipinas.

Em todos os exemplos, a informação contida na profecia não é plenamente oculta, podendo apenas ser conhecida por meio de revelação. Os membros da congregação certamente concordarão em que é bom honrar o pai e a mãe e orar pelos cristãos de outras localidades. Nesses casos, a revelação ao profeta foi indispensável porque permitiu que esses itens, em particular, obtivessem maior atenção por parte da congregação naquele momento (em vez de em outro momento). O fato de

esses pensamentos terem vindo à mente de maneira espontânea e vigorosa fizeram o profeta pensar que vieram de Deus, que não eram produto da análise de alguma situação que se colocava diante deles (o que, nesse caso, seria apenas um "ensino" ou talvez simplesmente uma "exortação").

Conteúdo que edifica outras pessoas

Uso a palavra "edificar" aqui em sentido bastante amplo, incluindo qualquer coisa que contribua para o crescimento espiritual de qualquer pessoa ou qualquer outra coisa que implique em "edificação, encorajamento e consolação" conforme vemos em 1Coríntios 14.3. Isso significa que a profecia não é composta de discursos doutrinários obscuros, que os ouvintes não sejam capazes de aplicar à própria vida, nem mesmo partes de informações factuais "reveladas" (mesmo que seja informação verdadeira; 1Co 8.1) que não tivessem utilidade para eles. Em vez disso, a profecia deve influenciar os ouvintes de maneira positiva. Para que possa edificar, deve encaixar-se nas necessidades do momento.

Desse modo, a profecia deve incluir um lembrete simples, tal como: "O senhor se alegra com os louvores"; "O Senhor Jesus Cristo está presente entre nós"; "Deus enviou seus anjos para nos proteger". Também é possível que haja exortação, como: "Precisamos nos manter firmes diante do Senhor por algum tempo"; "Estamos realmente dando prioridade às coisas do Senhor?"; "Creio haver alguém aqui que está negligenciando sua família por causa do desejo de ser promovido no trabalho"; "Alguém aqui está precisando de oração para se sentir encorajado, mas está hesitando em pedir". Essas afirmações não são incomuns nem profundas, mas são o tipo de coisa que o Espírito Santo pode usar para derramar as bênçãos necessárias sobre os membros da igreja.

Certa vez, eu estava conversando com um homem que conhecera havia pouco tempo. Era muito mais jovem que ele, mas

pude sentir que ele estava bastante perturbado com alguma coisa. Ele mencionara dificuldades na família, mas senti uma orientação vinda do Espírito Santo para mudar de assunto e, sem realmente saber por quê, perguntei:

— Como andam as coisas no trabalho?

O Espírito Santo evidentemente falou ao coração daquele homem por meio dessa pergunta simples, porque ele imediatamente começou a chorar, dizendo:

— Esse é o problema, esse é o verdadeiro problema...

Naquele momento, pudemos orar, pedindo a resolução da verdadeira fonte da dificuldade.

Talvez a maioria dos cristãos tenha vivido situação semelhante em um momento ou outro. O Senhor trouxe alguma coisa à mente e, quando foi anunciada a outra pessoa, provocou resposta imediata, de surpreendente concordância, conforto, arrependimento ou encorajamento. Os escritores do NT chamam isso "profecia". Se formos receptivos quanto ao uso dessas orientações, e se o Senhor se agradar de outorgá-las a nós, isso certamente abrirá portas para novas oportunidades de ministério efetivo, trazendo edificação, encorajamento, exortação e consolo ao povo de Deus. Dentro das limitações mencionadas acima, uma profecia como essa pode abordar qualquer assunto e conter todo tipo de material que contribua para seu propósito.

8 A PROFECIA COMO SINAL DA BÊNÇÃO DE DEUS NA IGREJA

1Coríntios 14.20-25

INTRODUÇÃO

Entre as instruções a respeito da profecia e das línguas na igreja, Paulo inclui uma admoestação aos coríntios composta de seis versículos (1Co 14.20-25), na qual diz aos crentes de Corinto que não pensem de maneira infantil, mas que sejam maduros e, então, conclui que devem buscar a profecia, porque os incrédulos serão afastados pelas línguas (sem a interpretação), mas serão convencidos pela profecia. Até esse ponto, a passagem é bem clara.

O problema surge no meio do trecho, onde Paulo cita um texto do AT (Is 28.11,12), afirmando que as línguas são um "sinal" para os descrentes e que a profecia é (um "sinal") para os crentes. Por que, então, ele insiste em que os coríntios usem a profecia — e não as línguas — quando os descrentes estiverem presentes (v. 1Co 14.23-25)?

A passagem começa como se segue:

> Irmãos, deixem de pensar como crianças. Com respeito ao mal, sejam crianças; mas, quanto ao modo de pensar, sejam adultos.

> Pois está escrito na Lei: "Por meio de homens de outras línguas e por meio de lábios de estrangeiros falarei a este povo, mas, mesmo assim, eles não me ouvirão", diz o Senhor. Portanto, as línguas são um sinal para os descrentes, e não para os que crêem; a profecia, porém, é para os que crêem, não para os descrentes (ICo 14.20-22).

O SIGNIFICADO DA CITAÇÃO DE ISAÍAS 21.11,12

O contexto da citação que Paulo faz de Isaías 28.11,12 é o julgamento que os descrentes trarão sobre Israel. O Senhor repetidamente advertira seu povo, mas eles se recusaram a ouvir. Desse modo, Deus ameaçou mandar sobre eles invasores estrangeiros (os assírios), cujas palavras eles não entenderiam:

> Pois bem, com lábios trôpegos e língua estranha Deus falará a este povo, ao qual dissera: "Este é o lugar de descanso. Deixem descansar o exausto. Este é o lugar de repouso!" Mas eles não quiseram ouvir.

No passado, o Senhor falou palavras claras e confortantes ao povo, mas eles resistiram teimosamente. Como resultado, Isaías diz que, no futuro, o Senhor falará palavras inintiligíveis — "com lábios trôpegos e língua estranha" — como uma punição pela dureza de seus corações. Os "lábios trôpegos" e a "língua estranha" são os lábios e a língua dos invasores estrangeiros (os assírios), a quem o povo não entenderia.

O USO QUE PAULO FAZ DE ISAÍAS 28.11,12

A citação que Paulo faz desse versículo é bastante livre, mas não é estranha ao contexto. "'Por meio de homens de outras línguas e por meio de lábios de estrangeiros falarei a este povo, mas, mesmo assim, eles não me ouvirão', diz o Senhor". Paulo sabia muito bem que o fato de Deus falar ao povo em uma língua que eles não podiam entender era uma forma de punição

à descrença deles. Um discurso incompreensível não iria orientá-los, e sim confundi-los e levá-los à destruição. Essa é uma das últimas admoestações divinas da série de outras proferidas anteriormente, nenhuma das quais havia produzido o arrependimento e a obediência desejados ("... mesmo assim, eles não me ouvirão"). É por isso que, ao comentar o capítulo 28 de Isaías, Derek Kidner diz: "A citação que Paulo faz do versículo 11 de Isaías 28 em 1Coríntios 14.21 é um lembrete, válido para o contexto, de que as línguas estranhas não são a salvação de Deus para a congregação de crentes, mas a repreensão ao descrente".[1]

TANTO A PROFECIA QUANTO AS LÍNGUAS SÃO CHAMADAS "SINAIS"?

Que conclusão Paulo tira dessa citação? Ele diz: "Portanto, as línguas *são* um sinal para os descrentes" (1Co 14.22). Qualquer outra interpretação diferente dessa, ou seja, sem definir claramente as línguas como sinal, está em desacordo com o original, pois a construção no grego (*eis* + acusativo com o verbo "ser") normalmente substitui o predicado nominal sem nenhuma mudança radical em seu significado.[2] Paulo simplesmente está dizendo: "As línguas *são* um sinal".

Mas o que ele diz sobre a profecia? Quase que literalmente, ele diz: "A profecia não para os descrentes, mas para os crentes". Não há verbo nessa parte da frase, e a idéia deve ser fornecida pelo leitor.

Várias traduções complementam essa frase da seguinte maneira: "Mas a profecia *não é* para os descrentes, mas para os crentes".

[1]Isaiah, in: *The new Bible commentary*, Donald GUTHRIE & J. A. MOTYER, orgs., Grand Rapids: Eerdmans, 1970, p. 606.

[2]V. vários exemplos em Wayne Grudem, *The gift of prophecy in 1 Corinthians* (Lanham: University Press of America), 1982, p. 192, n. 23; compare com BAGD, 230, 8. a.

Essa certamente é uma opção gramatical legítima, pois as sentenças gregas freqüentemente deixam de fora o verbo "ser" e esperam que ele seja entendido assim pelo leitor. Mas simplesmente colocar o verbo "ser" nessa sentença muda levemente o foco da preocupação de Paulo na primeira parte da frase. Isso torna a segunda metade da sentença preocupada com um benefício: a profecia beneficia os crentes ou tem o propósito de ser usada para os crentes.

Contudo, Paulo não está falando sobre benefício na primeira metade do versículo; está falando sobre um "sinal". Se o contexto permite, é muito melhor dar seqüência ao assunto na segunda parte da sentença. O contraste é mais satisfatório e não apresenta uma idéia nova (sobre quem é beneficiado a partir da profecia). Se mantivermos a idéia do "sinal" na segunda parte, a sentença de Paulo quer dizer: "Portanto, as línguas são um sinal não para os crentes, mas para os descrentes [...], entretanto, a profecia *é um sinal* não para os descrentes, mas para os crentes".

Além de permitir que o assunto continue por toda a frase, há outra razão pela qual esse sentido parece ser o mais correto. Dizer que a profecia é planejada para os crentes, mas não para os descrentes não explica adequadamente o "portanto" que Paulo usa para introduzir o bloco compreendido pelos versículos de 23 a 25. Nesses versículos, Paulo argumenta especificamente que a profecia *realmente* tem função positiva para os descrentes. Porém, nas traduções que dizem que a profecia não é para os descrentes, temos esse estranho raciocínio: a) a profecia é *não para os descrentes*, mas para os crentes; b) portanto, você deve profetizar *para os descrentes*. Tal raciocínio simplesmente não tem sentido, e é preciso encontrar uma solução melhor.

Podemos concluir que, se um sentido apropriado pode ser encontrado para essa tradução, é melhor traduzir o versículo 22 da seguinte maneira: "Portanto, as línguas são um sinal não

para os crentes, mas para os descrentes [...] mas a profecia *é um sinal* não para os descrentes, mas para os crentes".

A CHAVE PARA ENTENDER ESSA PASSAGEM: OS "SINAIS" PODEM SER POSITIVOS E NEGATIVOS

Muito da confusão sobre essa passagem resulta da suposição de que "sinal", nas Escrituras, deve sempre funcionar da mesma maneira, normalmente de modo positivo, como indicador da aprovação ou da bênção de Deus. Se for assim, é difícil compreender por que as línguas são um "sinal" para os descrentes e, logo depois, Paulo diz que as línguas afastarão os descrentes.

Porém, esse problema pode ser resolvido se considerarmos que "sinais", nas Escrituras, podem tanto ser positivos quanto negativos e, às vezes, ambos. Se procurarmos o termo grego usado para "sinal" (gr. *semeion*) na tradução grega do AT (a *Septuaginta*), encontraremos muitos exemplos que mostram isso.

Na *Septuaginta*, a palavra "sinal" (*semeion*) pode freqüentemente significar "uma indicação da atitude de Deus". Essas indicações são tanto positivas quanto negativas: positivas para quem acredita e obedece a Deus, mas negativas para quem não acredita ou desobedece. Muitos sinais são inteiramente positivos:

- o arco-íris (Gn 9.12-14);
- o sangue na viga da porta (Êx 12.13);
- o convite dos filisteus a Jônatas (1Sm 14.10);
- o sinal na testa (Ez 9.4,6)
- qualquer outro sinal buscado pelas pessoas que se sentiam esquecidas por Deus (Sl 74.9; 86.17).

Outros sinais são inteiramente negativos, por mostrarem a desaprovação de Deus e o aviso de julgamento, a não ser que o arrependimento chegue rapidamente:

- Corá, Datã e Abirão (Nm 26.10);
- os incensários desses homens (Nm 16.38; cf. v. 40);
- a vara de Arão (Nm 17.10);
- as maldições que se cumpriram (Dt 28.46);
- a derrota do faraó Hofra (Jr 44.29);
- o muro de ferro de Ezequiel (Ez 4.3; v. tb. Sl 65.8, Is 20.3; 2Macabeus 15.35).

Às vezes, porém, o termo pode ser usado com relação a sinais que são tanto positivos quanto negativos, indicando a aprovação e a redenção da parte de Deus sobre seu povo e sua desaprovação e a advertência de julgamento para com os desobedientes ao Senhor. Esse fato acontece principalmente no livro de Êxodo. Quando Deus enviou a praga das moscas sobre os egípcios mas as manteve fora da terra de Gósen, isso foi um *sinal* da bênção concedida a Israel e, ao mesmo tempo, de desaprovação e advertência aos egípcios (Êx 8.23). Os mesmos sinais e maravilhas podem ser negativos para o faraó (Êx 10.1,2; 11.9,10; Dt 6.22; 11.3; Ne 9.10), mas positivos para Israel (Dt 4.34-35; 6.22; 7.19; 26.8).[3]

Concluindo, "sinal", quando usado para significar "uma indicação da atitude de Deus", pode tanto assumir sentido positivo (indicando a aprovação e a bênção de Deus) quanto negativo (indicando a desaprovação e o iminente julgamento de Deus).

Do mesmo modo, no NT, o termo "sinal" (*semeion*) pode significar "um indicativo da aprovação e da bênção de Deus" (At 2.22,43; 4.30; 5.12; 6.8; 15.12; Lc 2.34; Jo 2.11; 4.54; 9.16; a palavra também é usada dessa maneira fora do NT — compare com a *Epístola de Barnabé* 4.14; *1Clemente* 51.5). Também pode

[3]Comp. Nm 14.11 com Dt 29.3 sobre a recusa de Israel em acreditar nesses sinais positivos (V. tb. Êx. 7.3; Dt 34.11; Js 24.5; Sl 78.43; 105.27; 135.9; Jr 32.20,21; Sabedoria 10.16; Sirácida 45.3; Baruc 2.11).

significar "um indicativo da desaprovação de Deus e um aviso de julgamento" (Lc 11.30; 21.11,25; At 2.19; talvez Mt 12.39 [v. 12.41]; 16.4; compare o uso na época de 95 d.C., em *1Clemente* 11.2).

RESUMO DO SIGNIFICADO USADO POR PAULO

A informação anterior indica que quando Paulo diz que "as línguas são um sinal para os descrentes, e não para os que crêem" (1Co 14.22), ele está usando a palavra "sinal" em sentido familiar e bem estabelecido. Para quem não acredita, os sinais como indicações da atitude de Deus no AT são sempre negativos. Demonstram a desaprovação de Deus e contêm um aviso de julgamento. Essa era precisamente a função da "língua estranha" de Isaías 28.11, e, de maneira bastante natural, Paulo aplica o termo "sinal" a ela.

Mas os "sinais", para os que acreditam e obedecem a Deus no AT, geralmente são positivos. Indicam a presença divina e seu poder no meio do povo para o abençoar. Assim, Paulo pode muito facilmente aplicar o termo à profecia em sentido positivo. A profecia é o indício da aprovação e da bênção de Deus sobre a congregação porque mostra que Deus está ativamente presente na igreja reunida.[4]

Isso significa que a palavra "portanto" em 1Coríntios 14.23 é bastante natural. Podemos parafrasear o pensamento de Paulo da seguinte maneira:

> Quando Deus fala ao povo em uma língua que eles não podem entender, isso representa a existência da ira divina e resulta no afastamento ainda maior por parte do povo. *Portanto* (v. 23), se os de fora ou os descrentes chegam e vocês estão falando em uma

[4]Essa é a interpretação de 1Co 14.20-25 adotada por D. A. Carson, *Showing the Spirit*: a theological exposition of 1Corinthians 12—14 (Grand Rapids: Baker, 1987), p. 108-17, onde a passagem inteira recebe extensa análise com vasta referência a outras literaturas e interpretações.

> língua que eles não podem entender, vocês irão simplesmente afastá-los — esse é o resultado inevitável de um discurso incompreensível. Além do mais, em sua maneira infantil de agir (v. 20), vocês estarão dando um "sinal" totalmente errado aos descrentes, porque a dureza do coração deles não chegou a ponto tal que os torne merecedores de um sinal tão severo de julgamento. Desse modo, quando vocês se reunirem (v. 26), se alguém falar em línguas, tenha certeza de que alguém interprete (v. 27); se não for assim, quem fala em outra língua deve permanecer calado na igreja (v. 29).

De maneira similar com relação à profecia, os versículos 24 e 25 seguem facilmente a idéia afirmada no versículo 22 de que a profecia é um sinal para os crentes. Vamos parafrasear mais uma vez os pensamentos de Paulo:

> A profecia é uma indicação da presença de Deus na congregação, visando abençoá-la (v. 22). *Portanto* (v. 23), se alguém de fora chegar e todos estiverem profetizando (v. 24), vocês estarão falando sobre os segredos do coração de quem é de fora, que pensava que ninguém sabia daquilo. Ele irá perceber que as profecias são o resultado da obra de Deus e cairá de rosto em terra, declarando "verdadeiramente Deus está entre vocês" (v. 25). Dessa maneira, a profecia será um sinal seguro a vocês de que Deus realmente está operando.

IMPLICAÇÕES DO DOM DE LÍNGUAS

Juntamente com essa passagem, deve-se notar a reação de Paulo diante do reconhecimento da função de sinal do dom de línguas: não proibir as línguas no culto público, mas regular seu uso, de modo que sempre possam ser interpretadas quando forem faladas em público (1Co 14.27,28). Essa parece ser a reação adequada, pois as línguas *incompreensíveis* tiveram impacto negativo nos descrentes, tanto em Isaías 28.11 quanto em 1Coríntios 14.23. Porém, quando um discurso em línguas é interpretado, deixa de ser incompreensível e perde a função de sinal negativo.

Portanto, é importante perceber que em 1Coríntios 14.20-23 Paulo não descreve a função das línguas de modo geral, mas apenas o resultado negativo do abuso particular das línguas, a saber, falar em público sem interpretação (e provavelmente com mais de uma pessoa falando ao mesmo tempo — v. 1Co 14.23,27) de modo que tudo se torne um cenário de confusão não edificante.

Com relação à função pública das línguas com interpretação e o seu uso particular adequado, Paulo é sempre positivo em outras passagens (1Co 12.10,11,21,22; 14.4,5,18,26-28,39). Desse modo, usar a dissertação de Paulo quanto ao *abuso* das línguas em 14.20-23 como base para a polêmica contra todos os outros usos (aceitáveis) das línguas é bastante contrário ao contexto de 1Coríntios 12—14.

O ponto mais importante e essencial para a compreensão do significado que Paulo quis comunicar é completamente desprezado por alguns intérpretes reformados e dispensacionalistas. O fato, por exemplo, de que Paulo comenta não sobre línguas com interpretação, mas sobre línguas *não interpretadas* (as que os ouvintes *não eram capazes de entender*) é negligenciado por O. Palmer Robertson[5] e também por Zane Hodges.[6] Tanto Robertson quanto Hodges não levam em conta de maneira adequada o fato de que qualquer descrente que entrasse na igreja de Corinto, judeu ou gentio, não entenderia o que estava sendo dito em línguas. Paulo repetidamente afirma que as línguas não interpretadas não poderiam ser entendidas pelos ouvintes em Corinto (v. 1Co 14.2,9,11,14,16,19,23,28). Na verdade, a principal preocupação de Paulo em 1Coríntios 14 não é contrastar o discurso inteligível com o ininteligível.

Nessa lógica, Robertson argumenta que as línguas eram o "sinal" da transição da maneira como Deus lidava com Israel e

[5]Tongues: sign of covenantal curse and blessing, *WTJ* 38, 1975-1976, p. 43-53.
[6]The purpose of tongues, *BSac* 120, 1963, p. 226-33.

com todas as outras nações.[7] É possível que isso seja verdade em alguns textos (como em At 2), mas era totalmente estranho no contexto de 1Coríntios 12—14, onde Paulo não faz nenhuma menção à inclusão dos gentios ou do julgamento dos judeus — ele não contrasta "judeus" e "gentios", mas "crentes" e "descrentes". Pelo fato de ele não especificar descrentes *judeus*, sendo que certamente havia descrentes gentios visitando a igreja de Corinto, devemos entender que o termo "descrente" aqui está se referindo aos descrentes de maneira geral (judeus e gentios). Paulo cita Isaías 28.11,12 não como predição sobre o futuro dos judeus descrentes, mas como exemplo ou ilustração (com referência aos descrentes em geral). Percebendo isso, Carson está correto ao concluir que Paulo não considera as línguas sinal da maldição pactual sobre os judeus descrentes.[8]

Além do mais, tanto Robertson quanto Gaffin e MacArthur — defensores da interpretação de "maldição pactual" como base para a argumentação contrária ao uso do dom de línguas hoje — não levam em conta o fato de que a solução de Paulo nessa passagem *não é* proibir o uso das línguas de maneira geral, mas orientar para que as línguas sejam usadas com interpretação (1Co 14.27,28). Uma vez que Paulo aprova o uso das línguas *com* interpretação, elas não podem ser sinal de julgamento sobre os judeus descrentes.

[7]Nesse aspecto, Robertson é seguido por Richard B. Gaffin, *Perspectives on Pentecost* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979), p. 106-9.

John F. MacArthur Jr., *Os carismáticos*: um panorama doutrinário (São Paulo: Fiel, 1988), considera as línguas *tanto* um sinal do julgamento de Israel *quanto* um sinal da transição de um período de proclamação do Evangelho a todas as nações. Mas uma falha fundamental nesse argumento é que MacArthur despreza o fato de que, em 1Co 14.20-25, Paulo descreve o *abuso* das línguas (falar sem interpretação), e não o *uso adequado* das línguas (falar com interpretação, v. 27, 28).

[8]*Showing the Spirit*, p. 111, em resposta a Robertson e Gaffin.

CONCLUSÃO: DE QUE MANEIRA A PROFECIA É UM SINAL DA BÊNÇÃO DE DEUS?

Voltando agora a uma consideração sobre a profecia, podemos entender 1Coríntios 14.24,25 de maneira mais clara. A frase "quando todos estiverem profetizando", no versículo 24, provavelmente deverá ser entendida como uma situação hipotética que Paulo não necessariamente considerou como tendo acontecido (v. 1Co 12.29: "São todos profetas?").

Todavia, se várias pessoas profetizassem, quem é de fora seria "convencido" de pecado e "julgado" por várias pessoas (1Co 14.24), presumivelmente de maneiras diferentes com respeito a assuntos diferentes. Desse modo, os pecados secretos de seu coração seriam "expostos" (1Co 14.25).

Porém, essa passagem estaria dizendo que pecados *específicos* de uma pessoa *específica* seriam mencionados nas profecias? Não poderia significar que, por meio da pregação geral sobre o pecado, o Espírito Santo agiria especificamente no coração dos indivíduos, convencendo-os de pecado?

Apesar de o versículo 24 poder significar que a pessoa vinda de fora após ouvir profecia ou uma pregação fosse internamente convencida de pecado, isso não combina com o versículo 25. Esse versículo diz que havia menção específica de um ou mais pecados individuais e particulares nas profecias.[9]

Isso é correto, por causa do significado da palavra usada e por causa do contexto. A palavra "expostos" ou "manifestos" é o termo grego *phaneros*. Tanto essa palavra (presente dezoito vezes no NT) e seu verbo correlato, *phaneroō* (49 vezes no NT) sempre se referem à manifestação pública e exterior, e nunca é usado em particular ou em uma comunicação secreta de informação nem com relação à obra interna de Deus na mente e no coração da pessoa.

[9]Contudo, os profetas e a congregação podem ou não saber a quem suas palavras se aplicam (v. 1Pe 1.11; At 2.30; 21.11).

Com relação ao contexto, a reação de quem vem de fora — "... ele se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: 'Deus realmente está entre vocês!'" — normalmente não acompanha nem mesmo a boa pregação, mas Paulo parece ter bastante certeza de que isso acontecerá. É possível que Paulo pensasse que isso iria ocorrer ocasionalmente diante da menção de tipos gerais de pecado, mas como a afirmação se aplica a todas as situações semelhantes, é mais provável que ele pensasse que as profecias contivessem algo bastante tocante e incomum, tal como a menção específica dos pecados do visitante. O visitante pensaria que os cristãos sabiam coisas que somente poderiam ter sido reveladas a eles por Deus: os segredos de seu coração! Parece ser o caso de conhecimento adquirido por meios "sobrenaturais", não meramente a convicção de pecado, o que efetivamente convence o visitante da presença de Deus.

Ouvi o relato de algo parecido que aconteceu em uma igreja batista não-renovada nos Estados Unidos. O missionário que pregava parou no meio da mensagem e disse algo assim: "Eu não planejava dizer isso, mas parece que o Senhor está indicando que alguém nesta igreja acabou de abandonar a esposa e a família. Se esse é o caso, deixe-me dizer que Deus quer você volte para eles e que aprenda a seguir o padrão de Deus para a vida familiar". O missionário não sabia disso, mas na galeria escura estava sentado um homem que entrara na igreja momentos antes pela primeira vez em sua vida. Ele se encaixava perfeitamente na descrição, o que fez com que viesse à frente, reconhecesse seu pecado e começasse a buscar a Deus.

É por isso que Paulo diz que a profecia (em vez de qualquer outro dom) é o "sinal para os que crêem". O que dá essa distinção à profecia é sua base na revelação, e a revelação geradora da profecia é algo que, de acordo com Paulo, sempre vem de

maneira espontânea e unicamente de Deus (v. cap. 5). Onde há profecia, portanto, existe o sinal inequívoco, a indicação da presença de Deus e de sua bênção sobre a congregação — é o "sinal aos crentes" — e até mesmo o visitante será capaz de reconhecê-lo.

Podemos agora resumir a função da profecia em 1Coríntios 14.20-25:

1) A profecia coopera na evangelização revelando segredos do coração do descrente. Por meio disso, maravilhado com o poder de Deus em ação, ele é convencido de seus pecados.

2) Ao fazer isso, a profecia também serve como indicação precisa (sinal) de que Deus está presente e operando na congregação para abençoá-la e fazê-la crescer.

A partir do exemplo do visitante, podemos concluir ainda que a profecia pode também funcionar de tempos em tempos para revelar os segredos do coração de algum *crente*, convencendo-o de seu pecado e chamando-o ao arrependimento. Apesar de Paulo não afirmar isso explicitamente como função da profecia, certamente é consistente com o padrão da profecia que vemos nesses versículos e se encaixa perfeitamente na visão de Paulo de que a profecia resulta na edificação e na exortação (1Co 14.3-5). Além disso, permitiria que a profecia funcionasse dessa maneira como sinal para os crentes, não apenas quando o visitante chegasse, mas a qualquer momento. Assim, a afirmação de Paulo "a profecia, porém, é [um sinal] para os que crêem" pode ser entendida como uma afirmação mais geral, não restrita a aplicações específicas às quais Paulo se refere em 1Coríntios 14.24-25.

APLICAÇÃO PARA HOJE

Devemos dar atenção à advertência de Paulo aos coríntios e não sermos infantis ou imaturos ao pensar no culto coletivo.

De maneira mais específica, não devemos falar em línguas sem que haja interpretação, pois isso "sinalizaria" de modo inadequado o julgamento de Deus sobre o descrente, afastando-o (as igrejas que permitem o falar em línguas devem fazê-lo de forma ordeira conforme ensinado em 1Co 14.27 e sempre com interpretação, como no v. 28).

A prática refletida do dom de profecia fará com que passemos a vê-lo como algo a ser encorajado na congregação, mesmo quando descrentes estão presentes. Se a profecia for encorajada e permitida, convencerá do pecado descrentes e crentes e dará à congregação a sensação muito mais viva de que Deus está verdadeiramente entre eles. Será o "sinal" da aprovação de Deus, de sua presença e de sua bênção sobre seu povo. Devemos vê-la assim e dar graças por ela.

9 Os profetas e a liderança da igreja

Os profetas eram "líderes carismáticos" na igreja primitiva?

INTRODUÇÃO: A FONTE DESSA IDÉIA

Com certa freqüência, ouve-se a afirmação de que os profetas do NT proviam a igreja primitiva com liderança e direção "sob a influência do Espírito Santo" e que, por meio de tal "liderança carismática", eram a fonte principal de liderança nas igrejas do começo da era cristã. Somente mais tarde, de acordo com essa visão, é que estruturas mais formais e rígidas foram estabelecidas para dirigir as igrejas, quando os ofícios de "presbítero" e "diácono" surgiram, o que talvez só tenha acontecido depois do ano 100 d.C. ou pelo menos depois da morte de Paulo em cerca de 64 a 68 d.C.[1]

[1]Para mais detalhes sobre essa interpretação v. H. von Campenhausen, *Ecclesiastical authority and spiritual power in the Church of the first three centuries* (London: Black, 1969); E. Käsemann, Ministry and community in the New Testament, in: *Essays on New Testament themes*, Studies in Biblical Theology 41 (London: SCM, 1969), p. 63-94; também de Käsemann, Sentences of holy law in the New Testament, in: *New Testament questions of today* (London: SCM, 1969), p. 66-81. Posição similar é assumida por James D. G.

É importante perceber que essa afirmação sobre os profetas exercendo "liderança carismática" depende do pressuposto de que os oficiais da igreja — os presbíteros e os diáconos, especialmente nas igrejas paulinas — foram estabelecidos posteriormente, pois, se *houvesse* presbíteros e diáconos nas novas igrejas desde o início, então seriam eles, e não os profetas, que exerceriam papel de direção.

AVALIAÇÃO DA EVIDÊNCIA DA LIDERANÇA CARISMÁTICA DOS PRIMEIROS PROFETAS

Com o objetivo de avaliar essa afirmação, duas questões precisam ser abordadas:

1) Os ofícios formais da igreja desenvolveram-se de uma vez ou somente depois de uma ou duas décadas?
2) Os profetas exerceram função de direção na igreja primitiva?

Quando surgiram os ofícios de presbítero e diácono?

Se olharmos mais uma vez para o registro da igreja primitiva no livro de Atos dos Apóstolos, ficará claro que havia presbíteros desde muito cedo. O texto de Atos 14.23 diz que Paulo e Barnabé "designaram-lhes presbíteros em cada igreja" depois de terem "orado e jejuado". Essa é uma referência às igrejas de Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia — da primeira viagem missionária de Paulo. Não há razão para achar que Paulo tenha deixado de seguir esse padrão em outras igrejas, apontando presbíteros logo depois de a igreja ter sido estabelecida.

Também havia presbíteros na igreja de Éfeso, pois, já perto do final da terceira viagem, Paulo parou em Mileto e "mandou

Dunn, *Jesus and the Spirit*: a study of the religious and charismatic experience of Jesus and the first christians as reflected in the New Testament (London: SCM, 1975), p. 180-2; 285-300.

chamar os presbíteros da igreja de Éfeso" (At 20.17). Ele também escreveu a Timóteo em Éfeso (1Tm 1.3) com instruções sobre a maneira pela qual a igreja deveria tratar os presbíteros (1Tm 5.17-21; compare com o texto relativo aos "bispos", outro título para "anciãos" e "presbíteros", em 1Tm 3.1-7). A igreja de Jerusalém também tinha presbíteros (v. At 15.2,4,6,22,23).

Os defensores da idéia de que os profetas agiram como "líderes carismáticos" nas igrejas dirão que esses versículos sobre os "presbíteros" no começo da história da igreja foram simplesmente adições posteriores ao livro de Atos e realmente não refletem a verdadeira situação. Nesse ponto, porém, a discussão parece extremamente repetitiva:

a) Não havia presbíteros nas igrejas paulinas durante o período em que Paulo esteve vivo.

b) Evidência para isso: todas as referências aos presbíteros em Atos são adições posteriores.

c) Evidências de que essas adições são posteriores: não havia presbíteros nas igrejas paulinas durante o tempo em que Paulo estava vivo.

Essa não é a forma de argumentação mais convincente.

Existem dois outros argumentos em apoio à visão de os profetas terem sido "líderes carismáticos". Primeiramente argumenta-se que, uma vez que todas as pessoas possuíam dons "carismáticos" nessas igrejas, não poderia haver um grupo privilegiado como o dos presbíteros.

Contudo, o fato de todos os cristãos da igreja primitiva terem *dons* não quer dizer que todos tinham o dom de *liderar*. Paulo faz distinção entre os vários dons, entre eles os de administração, os de ensino e a habilidade de julgar sabiamente (1Co 6.5). Os que possuíam tais dons sem dúvida chegaram a papéis de liderança bem no início da história de cada igreja e não há razão para ima-

ginar tais dons conflitando com a idéia dos "ofícios" formais de presbítero e diácono — aqueles teriam feito com que alguns cristãos se encaixassem perfeitamente nesses ofícios.

O comentário de Richard Gaffin é bastante apropriado sobre essa questão:

> Qualquer tensão ou oposição entre dons (o Espírito) e ofício é totalmente estranha ao NT. Qualquer situação na qual o Espírito, na condição de princípio de liberdade não estruturada e espontaneidade informe, seja colocado em conflito com considerações de ordem estabelecida e estruturas fixas não está baseado no ensinamento do NT [...] O mesmo Espírito é o Espírito tanto do ardor quanto da ordem.[2]

A segunda argumentação sustenta a não-existência de qualquer menção aos presbíteros em algumas igrejas, como no caso de Corinto.[3] Argumenta-se que certamente Paulo teria se dirigido a eles e dito que deveriam lidar com os problemas — se houvesse presbíteros em Corinto.

Contudo, como resposta, deve-se dizer que o fato de Paulo ter-se dirigido a toda a congregação em Corinto mostra que ela precisava de instrução e correção e que os presbíteros não foram capazes de lidar com o problema. De fato, os presbíteros certamente faziam parte do problema, uma vez que tinham falhado na resolução da dificuldade. Não é suficiente mostrar que às vezes Paulo deixa de mencionar presbíteros ou bispos — é preciso mostrar que ele deixa de mencioná-los no contexto da liderança eclesiástica em que tal menção teria sido necessária ou pelo menos esperada, e isso não é feito.

Além do mais, existem evidências anteriores de Paulo ter apontado presbíteros para a igreja de Corinto. Em 1Coríntios 16.16, ele

[2]*Perspectives on Pentecost*, Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979, p. 51.

[3]J. Dunn, *Jesus and the Spirit*, p. 285.

pede aos membros da igreja "que se submetam a pessoas como eles", os da casa de Estéfanas, que foram "o primeiro fruto" ou "os primeiros convertidos" (gr. *aparchē*] da Acaia (1Co 16.15). Aparentemente ecoando essa afirmação, a epístola de *1Clemente* (escrita de Roma para Corinto em 95 d.C.) relembra os coríntios de que os apóstolos "pregavam de distrito em distrito e de cidade em cidade e eles apontaram seus primeiros convertidos [gr. *aparchē*] testando-os pelo Espírito, para serem bispos e diáconos dos futuros crentes" (*1Clemente* 42.4; v. 44.1-3).

Finalmente, é preciso notar que a evidência do estabelecimento prévio do ofício de presbíteros é bastante extenso no NT. Veja a seguir um resumo dos versículos que mencionam os presbíteros (aparentemente, outro termo para "anciãos" e "bispos"):

- Atos 14.23: em cada igreja (primeira viagem missionária);
- Atos 15.2s.: em Jerusalém;
- Atos 20.7: em Éfeso;
- Filipenses 1.1: "bispos" e diáconos em Filipos;
- 1Tessalonicenses 5.12: "... tenham consideração para com os [...] que os lideram no Senhor e os aconselham";
- 1Timóteo 5.17: "Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra...";
- Tito 1.5: "A razão de tê-lo deixado em Creta foi para que você [...] constituísse presbíteros em cada cidade, como eu o instruí";
- Hebreus 13.17: "Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas";
- Tiago 5.14: "Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja...";
- 1Pedro 5.1: "Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês...".

Esse grande número evidências não deve ser preterido a favor da teoria de quem "acha" que essa foi a maneira pela qual a igreja se desenvolveu. Especialmente significativa é a afirmação em 1Pedro endereçada talvez a uma grande quantidade de igrejas pequenas e grandes nas quatro províncias da Ásia Menor. Escrevendo em cerca de 62 a 64 d.C., Pedro presume que o padrão normal da liderança da igreja é exercida pelos presbíteros.

Adicionada a todas essas evidências, há a consideração negativa de que não há muita evidência no NT de que qualquer *outra* pessoa que não os apóstolos (ou os "assistentes apostólicos", como Timóteo e Tito) ou os presbíteros tenham exercido a função de direção nas igrejas.

Os profetas exerceram cargos de liderança?

Além da evidência mostrada acima, de que os presbíteros exerciam a autoridade de direção nas primeiras igrejas, existe todo o NT como evidência das verdadeiras funções dos profetas. As conclusões a que chegamos nos capítulos anteriores mostram que os profetas podiam falar palavras de encorajamento, edificação ou consolo, mas não há evidência no NT de que eles também fossem dirigentes da igreja. Naturalmente, é possível que tenham existido presbíteros que também tinham o dom de profecia, assim como muitos outros dons. Mas ainda assim não há evidência clara de que os que tenham atuado *como profetas* tinham se tornado, em função disso, "líderes carismáticos" da igreja primitiva.

O texto de Atos 15.32 relata que "Judas e Silas, que eram profetas, encorajaram e fortaleceram os irmãos com muitas palavras" depois de terem viajado com Paulo e Barnabé, saindo de Jerusalém depois do Concílio e indo para Antioquia, e de terem apresentado a decisão do Concílio de Jerusalém à igreja de Antioquia.

Essa passagem pode ser considerada evidência contrária a qualquer liderança carismática por parte dos profetas, uma vez que a função de *liderança* exercida por Silas e Judas nessa passagem consistiu simplesmente no ato de entregar uma decisão à igreja de Antioquia, que fora tomada pelos *apóstolos* e pelos *presbíteros* (e não pelos profetas!) em Jerusalém. Essa decisão por parte dos apóstolos e dos presbíteros foi alcançada de modo notadamente "não-carismático" (v. At 15.7: "Depois de muita discussão..."). Judas e Silas não chegaram a Antioquia como profetas, mas como "líderes entre os irmãos" de Jerusalém (At 15.22. Na verdade, os profetas de Antioquia [At 13.1] foram claramente incapazes de impor qualquer solução de liderança "carismática" àquela comunidade). Somente quando Lucas deseja mencionar as funções não relacionadas à liderança, ou seja, a exortação e o fortalecimento, é que ele menciona que Judas e Silas também eram profetas. Em nenhum outro lugar do NT qualquer terminologia relacionada a funções de direção, liderança ou comando é aplicada a alguém *pelo fato* de essa pessoa ter habilidades proféticas.

A reflexão de Bruce Yocum sobre a experiência do movimento renovado está de acordo com essa conclusão:

> Normalmente é errado considerar que os profetas tenham a última palavra dentro de um grupo. Um grande número de seitas e grupos heterodoxos tem sido liderados por "profetas" cujas colocações "inspiradas" levam muitas pessoas a se afastar [...] A função dos profetas é profetizar, mas a função dos cabeças da comunidade é julgar a profecia.[4]

RESUMO

A evidência do NT repetidamente indica que havia ofícios como o de presbítero e, às vezes, de diácono, desde os primórdios do

[4]*Prophecy*, Ann Arbor: Word of Life, 1976, p. 68.

estabelecimento das igrejas do NT. Também indica a grande possibilidade de haver presbíteros, não profetas, cuidando de funções de liderança em todas as igrejas locais das quais temos evidências.

No entanto, não há evidência convincente de que os profetas do NT, exercendo essa função, tenham governado as primeiras igrejas através de "liderança carismática" por meio de declarações proféticas sobre a direção da igreja. Essa teoria, baseada nas idéias de algumas pessoas quanto à maneira como a igreja "deve ter sido" ou "poderia ter se desenvolvido", não é apoiada pelo NT.

APLICAÇÃO PARA HOJE

Devemos esperar que a administração e a liderança das igrejas de hoje sejam exercidas por pessoas cujos dons de liderança foram estabelecidos nos ofícios formais de liderança da igreja, especialmente o ofício de "presbítero" (para utilizar o termo do NT). Não devemos considerar uma igreja de alguma maneira mais "espiritual" ou mais "fiel à igreja primitiva" se ela começar a buscar pronunciamentos proféticos e neles basear toda a sua orientação e direção. O fato é que isso tornará tal igreja *menos* semelhante à igreja do NT!

Em vez disso, a liderança deve vir pelo julgamento maduro de líderes corretamente escolhidos pela igreja, normalmente à medida que agem levando em conta a sabedoria coletiva de toda a igreja e com o consenso e apoio da igreja. Alguns líderes podem também ter o dom de profecia, juntamente com outros dons, mas o dom de profecia em si mesmo não faz com que sejam mais qualificados para liderar a igreja. Isso só é obtido por meio de dons e às características apropriadas àquele ofício da igreja, conforme instrução encontrada em 1Timóteo 3.1-13 e Tito 1.5-9.

10 TODOS OS CRENTES PODEM PROFETIZAR?

CONCLUÍMOS ASSIM nossa análise sobre o dom de profecia — sua autoridade (caps. de 1 a 4); fonte (cap. 5); diferença do dom de ensino (cap. 6); conteúdo (cap. 7); como sinal da bênção de Deus na igreja (cap. 8) e se o dom de profecia capacitava os profetas a liderar na igreja primitiva (cap. 9).

Contudo, duas questões ainda permanecem, relacionadas especialmente a quem podiam fazer uso do dom de profecia. Primeiramente, todos os crentes poderiam profetizar ou esse dom era restrito a algumas pessoas da congregação? Vamos examinar essa questão neste capítulo. Segundo, as mulheres podiam profetizar livremente na congregação ou o texto de I Coríntios 14.33*b*-35 restringe o uso do dom profético por parte das mulheres? Examinaremos essa questão no capítulo 11.

"PROFETA" SERIA UM OFÍCIO DA IGREJA OU SIMPLESMENTE UMA DESIGNAÇÃO INFORMAL?

O primeiro passo na determinação de quem podia profetizar nas igrejas locais é descobrir se a palavra "profeta" se refere a

um ofício especial na igreja. Se havia o ofício eclesiástico formalmente designado de "profeta", então a resposta à nossa pergunta é bastante fácil: os que tinham o ofício de profeta podiam profetizar na igreja.

O que chamamos ofício? O termo significa que alguém é *publicamente reconhecido como possuidor do direito e da responsabilidade de executar certas atividades na igreja.* Se, por exemplo, alguém tem o ofício de "presbítero", ele é reconhecido por toda a igreja como possuidor do direito e da responsabilidade de liderá-la. Presume-se que todas as pessoas saibam quem são os presbíteros da igreja e quem não é. Quando Paulo lista as qualificações do presbítero (ou "ancião" e "bispo"), em 1Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9, e quando aponta presbíteros em todas as igrejas (At 14.23) ou pede a Tito que aponte presbíteros em cada cidade (Tt 1.5), fica evidente que "presbítero" é um ofício eclesiástico reconhecido.

O mesmo acontece com o ofício de "diácono". Os diáconos são oficiais da igreja porque são publicamente reconhecidos, e espera-se que cumpram certas responsabilidades administrativas. As qualificações para os diáconos presentes em 1Timóteo 3.8-13 (v. tb. At 6.3) e o fato de que havia uma cerimônia de ordenação (ou o ato de serem publicamente separados) para os que se disponham a esse trabalho (At 6.6; v. 1Tm 3.10) demonstram ser um "ofício" comum na igreja primitiva.

A pergunta agora é se os profetas do NT eram ou não um grupo publicamente definido e reconhecido. As igrejas exigiam algum tipo de reconhecimento formal (anúncio público, voto da congregação ou talvez uma cerimônia de ordenação) antes que alguém pudesse ser chamado "profeta" nas igrejas locais? Em outras palavras, havia, em algum sentido, o "ofício" de profeta nas igrejas do NT?

A alternativa seria a de que o termo "profeta" não era usado para se referir ao ofício, mas apenas em sentido *descritivo* ou *funcional*, de modo que qualquer um que profetizasse poderia ser chamado "profeta".

Essa segunda situação era verdadeira com relação a muitos outros dons do NT. Alguém que, por exemplo, ajudasse regularmente outras pessoas poderia ser chamado "ajudador"; alguém que ensinasse com freqüência (sem o reconhecimento público e formal por parte de toda igreja) também poderia ser chamado "mestre"; alguém que pudesse interpretar palavras ditas em línguas poderia ser chamado "intérprete" etc. Nesses casos, quem não tivesse recebido qualquer tipo de reconhecimento formal ainda assim poderia receber um substantivo descritivo aplicado a si.

Quando substantivos como "ajudador", "administrador", "intérprete" etc. são usados de maneira puramente descritiva como os exemplos citados, é bom referir-se a esses substantivos como de uso *funcional* (simplesmente descrevem *funções* que as pessoas exercem) com o objetivo de distingui-los de outros substantivos, usados como termos técnicos para descrever ofícios da igreja ou posições que requeiram o reconhecimento mais formal.

Com relação ao termo "profeta", existem várias razões pelas quais parece ser usado no sentido funcional, tanto em 1Coríntios quanto no resto do NT, nos exemplos que mencionam os profetas das igrejas locais.

Primeiramente, mesmo que alguém concorde em que havia o ofício de "profeta" na igreja de Corinto, terá de admitir que havia pessoas que não detinham esse ofício, mas que profetizavam ocasionalmente. Isso seria inevitável em uma igreja onde todos eram encorajados a profetizar (1Co 12.31; 14.1,5,39). Alguns talvez tentassem de maneira hesitante usar o dom pela primeira vez, enquanto outros recebiam revelações (1Co 14.30)

com muita freqüência. Em qualquer congregação haveria toda sorte de graus de habilidade profética.

Os que profetizam com pouca freqüência ainda assim são chamados "profetas" por Paulo, pois em 1Coríntios 14.32 ele diz: "O espírito dos profetas está sujeito aos profetas". Ao dizer isso, ele não está afirmando simplesmente que as pessoas formalmente reconhecidas como profetas são capazes de controlar a si mesmas quando profetizam, pois então suas instruções não teriam relevância para os novatos (que, sem dúvida, precisavam de instrução, como qualquer outra pessoa). "Profetas" aqui deve referir-se a todos os que profetizam na igreja, mesmo ocasionalmente, e, portanto, não pode ser restrito a um ofício em especial.

Então, em 1Coríntios 14.29, Paulo diz: "Falem dois ou três, e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito". Não é possível que ele esteja simplesmente dando instruções referentes a um grupo especial formalmente reconhecido, pois assim ele excluiria da participação congregacional os que tinham dons proféticos, mas não eram formalmente reconhecidos — algo contrário ao desejo expresso de Paulo de que todos que possuem dons sejam capazes de usá-los para benefício de todos (1Co 12.7,21,26; 14.5,12; v. Rm 12.6). Desse modo, mais uma vez Paulo usa o termo "profeta" para referir-se a todos os que tinham a habilidade de profetizar ou simplesmente a qualquer um que recebesse uma revelação e profetizasse.

Em 1Coríntios 14.37 — "Se alguém pensa que é profeta ou espiritual" —, Paulo deixa implícito que existe um elemento de avaliação subjetiva. Alguém poderia "pensar" ser profeta, enquanto outros poderiam divergir dessa opinião. Se "profeta" fosse um ofício formal, tal diferença de opinião não ocorreria, pois todos saberiam quem era profeta e quem não era. Paulo não poderia dizer, por exemplo, "se alguém pensa que é presbítero"! Assim, "profeta" não pode ser um ofício, mas é simplesmente

uma referência a alguém com habilidade para profetizar ou que profetizava com freqüência.

Isso nos deixa apenas o texto de 1Coríntios 12.28, que deve ser considerado um uso ambíguo do termo. A conexão com "apóstolos" deve sugerir que os líderes da igreja são nomeados aqui, mas não há certeza quanto a isso. O termo "mestres" poderia simplesmente ser a descrição funcional dos que ensinavam (como em 1Tm 2.7; 2Tm 1.11; Hb 5.12; talvez Tg 3.1; v. Tt 2.3 e a frase genérica "o que ensina", de Rm 12.7 — RA). Além disso, em 1Coríntios 12.31, quando Paulo diz: "Entretanto busquem com dedicação os melhores dons", parece que seu desejo era que todos os coríntios se esforçassem para ser "profetas" no sentido de 1Coríntios 12.28, desejo incomum se profeta fosse um ofício ou uma função formalmente reconhecida.

No restante do NT, "profeta" é geralmente usado em casos que são ambíguos o suficiente para nos impedir de afirmar que o termo se refere a ofício ou posição formalmente reconhecida. Ágabo é chamado "profeta" (At 11.27; 21.10), mas não existe nada no contexto que mostre se o título se refere a um ofício ou a uma função. O mesmo acontece com a passagem de Atos 13.1, onde lemos que "na igreja de Antioquia havia profetas e mestres".

Em Atos 15.32, Lucas menciona Judas e Silas, "que eram profetas". Mas isso dificilmente parece ser a designação de um ofício, uma vez que, anteriormente, a narrativa do Concílio de Jerusalém menciona apenas os ofícios de apóstolo e presbítero (At 15.2,4,6,22), mas não diz nada sobre o profeta. Lucas menciona o termo sem fazer ligação com qualquer atividade oficial, mas somente quando ele relata que Judas e Silas "encorajaram e fortaleceram os irmãos com muitas palavras" (At 15.32).

Em Cesaréia, Filipe tinha "quatro filhas virgens, que profetizavam" (At 21.9), uma afirmação que nem mesmo é preciso utilizar um substantivo, mas sim um verbo, para referir à atividade

profética, o que claramente sugere mais uma função que um ofício formal.

O texto de Efésios 4.11 também é ambíguo. Paulo escreve: "E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres...". Vemos claramente nessa lista que "apóstolos" se refere aos que exercem um ofício reconhecido e específico. Mas "evangelistas" não é assim tão claro — não temos registros de pessoas separadas ou ordenadas para o ofício de evangelista no NT, mas somente a pessoas que eram chamadas evangelistas, talvez porque a atividade e as funções da evangelização fossem sua principal área de atuação na igreja (o único uso que vemos do termo "evangelista" no NT está em At 21.8, referindo-se a Filipe, o evangelista, e em 2Tm 4.5, onde Paulo ordena a Timóteo que "faça a obra de um evangelista"). Além disso, ao contrário de apóstolo, presbítero ou diácono, não existe nada inerente à evangelização que requeira reconhecimento público por toda a igreja. Qualquer um pode evangelizar, seja reconhecido pela igreja ou não, mas ninguém pode dirigir a igreja sem ter sido publicamente por ela reconhecido.

Com relação ao termo "pastores e mestres", embora essa seja a única ocorrência dessas palavras combinadas no NT, esse provavelmente era um ofício reconhecido na igreja primitiva, talvez o mesmo exercido pelos presbíteros. Contudo, o fato de Paulo não ter usado o termo "presbítero" (embora existissem presbíteros em Éfeso — At 20.17) sugere que talvez ele esteja concentrado nas atividades, em vez de nos ofícios: os que faziam o trabalho de apóstolos, os que profetizavam, os evangelistas, os pastores e os mestres. Se Paulo tivesse escrito "E ele designou alguns apóstolos, alguns profetas, alguns presbíteros, alguns diáconos...", então essa claramente seria uma lista de oficiais da igreja. Mas ele não escreveu isso nem existe tal lista no NT. "Apóstolos, profetas, evangelistas, pasto-

res e mestres" é, quando muito, uma lista que mescla ofícios e funções, e não há evidência de que "profeta" fosse um ofício formal nas igrejas do NT.

Em adição à análise anterior de versículos que mencionam profetas, existem algumas considerações menores contra o ponto de vista de que "profeta" era um ofício reconhecido. Primeiramente, não existe nenhuma indicação no NT sobre qualquer cerimônia de reconhecimento ou de posse de alguém em ofício profético ou incumbido de uma tarefa profética específica (como é o caso dos apóstolos, dos presbíteros e dos diáconos em Atos 1.23-26; 6.6; 14.23; 1Tm 4.14; 5.22; Tt 1.5 etc.). Segundo, não parece ter havido qualquer necessidade de reconhecimento público e formal dos profetas, pois qualquer um que recebesse uma revelação poderia profetizar (1Co 14.31).

Desse modo, "profeta" parece não ser um ofício, mas uma designação de função no NT. Os que profetizavam com freqüência ou aparentemente possuíam o dom de profecia eram chamados "profetas".

Em seu pequeno livro, que, em muitos aspectos, é bastante útil e equilibrado quando fala do dom de profecia, o renovado líder britânico Michael Harper comete, a meu ver, um erro na avaliação da evidência do NT. Ele vê uma distinção (freqüentemente mencionada por outros renovados) entre o "ofício de profeta", exercido por alguns poucos, e a "manifestação da profecia", mais comum e potencialmente dirigida a qualquer pessoa. Desse modo, ele diz que 1Coríntios 14.29 permite que somente "dois ou três" que possuíssem o *ofício* de profeta profetizem, mas que 1Coríntios 14.31 diz (referindo-se ao resto da igreja) que "todos" podem profetizar.[1] Contudo, essa é uma má interpretação de 1Coríntios 14.31. O versículo não quer dizer que todos os presentes poderão profetizar durante o culto, e sim que todos os

[1]*Prophecy*: a gift for the body of Christ, Plainfield: Logos, 1964, p. 28.

que realmente profetizar poderão fazê-lo, "cada um por sua vez", de modo ordeiro (v. discussão sobre esse versículo no item "Todos os crentes podem profetizar?", a seguir).

Parece-me que a conclusão de Donald Gee, líder das Assembléias de Deus, é mais precisa:

> Embora pareça existir uma distinção entre os profetas oficiais e os que profetizavam, é arbitrário afirmar que os profetas eram algo além daqueles que costumavam realmente exercer o dom de profecia com freqüência.[2]

Tendo dito isso, devemos também reconhecer que o termo pode ter um significado *mais amplo* ou *mais estrito*, dependendo do contexto no qual é usado. Em 1Coríntios 14.32, por exemplo, a frase "o espírito dos profetas está sujeito aos profetas" provavelmente o termo "profeta" se aplica a qualquer um que profetizasse, até mesmo uma única vez. Esse significado é bastante amplo, e o contexto deixa isso claro ao leitor.

Contudo, em 1Coríntios 14.37, onde lemos: "Se alguém pensa que é profeta ou espiritual...", fica evidente que o significado é mais estrito. Está envolvido aqui um elemento de avaliação pessoal subjetiva. Alguns poderiam considerar certo membro da igreja como profeta, ao passo que outros não. Em um caso como esse, a aplicação ou não do termo "profeta" para se referir a alguém em particular depende de pelo menos três fatores variáveis:

a) *A freqüência e o escopo da atividade profética da pessoa.* A pessoa que profetizasse diante de toda a congregação com bastante freqüência e por um grande período de tempo certamente seria chamada "profeta", enquanto alguém que profetizasse com menos constância e de maneira mais breve (talvez

[2]*Spiritual gifs in the work of ministry today*, Springfield: Gospel Publishing House, 1963, p. 43-4.

diante de um grupo menor de crentes) poderia não receber tal título.

b) *A situação da congregação em particular.* Em uma igreja onde ninguém tivesse profetizado por vários meses ou anos, mesmo um novato na atividade profética poderia ser chamado profeta, mas na igreja onde muitos profetas são ativos, as pessoas não chamariam o profeta de principiante até que ele começasse a profetizar com mais constância.

c) *Os hábitos individuais de linguagem dos crentes na congregação.* Alguns gostariam de rotular entusiasticamente qualquer profeta novato, mas outros seriam mais restritivos no uso do termo.

Tanto o uso amplo quanto o restrito, descritos aqui, englobam o que pode ser chamado reconhecimento *informal* de que certas pessoas são profetas e outras (pelo menos no presente) não são. Parece que não existia nenhum tipo de votação para determinar quem poderia ser chamado profeta nem vemos qualquer evidência de ter sido feito algum anúncio outorgando a certas pessoas o direito de serem chamadas profetas. Em vez disso, provavelmente, para os crentes, de modo geral, o termo "profeta" simplesmente significava "alguém que profetiza". Essa definição mal se encaixa perfeitamente com todos os dados do NT.

TODOS OS CRENTES PODEM PROFETIZAR?

Agora que já definimos que "profeta" não era um ofício formal no NT, podemos abordar a questão principal deste capítulo. Todos os crentes podem profetizar? Com o objetivo de responder a essa pergunta, devemos fazer uma distinção dos vários significados específicos dessa questão, explicando cada um a seu tempo.

1. É permitido a todos os crentes profetizar?
2. Todo crente tem a capacidade potencial de profetizar?

3. Todo crente tem a capacidade real de profetizar?
4. O crente pode profetizar sempre que quiser?

Examinaremos cada uma dessas perguntas separadamente.

É permitido a todos os crentes profetizar?

Paulo coloca certas restrições com relação à permissão de profetizar. Ninguém pode profetizar quando mais alguém estiver falando (1Co 14.30,31), e as limitações de tempo parecem não permitir que todos na congregação profetizem em uma única reunião (1Co 14.29). Porém, excetuando-se essas restrições, não existe nenhuma outra limitação no NT quanto ao ato de profetizar.[3] Não havia um ofício profético que nos levasse a pensar que somente quem o possuísse pudesse profetizar na igreja nem existia qualquer indicação de que somente os membros da congregação que fossem mais velhos, mais maduros ou mais respeitados pudessem profetizar. Em vez disso, todo crente que tivesse recebido uma revelação e quisesse falar na sua vez poderia profetizar.

Todo crente tem a capacidade potencial de profetizar?

Com essa pergunta, queremos saber se todo crente pode um dia profetizar ou, no aspecto negativo, se existem crentes que, por alguma razão, estão desqualificados para atuar como profetas. Nesse ponto, a resposta deve ser a de que essa habilidade potencial é possuída por qualquer um em quem o Espírito Santo trabalhe. Os dons são dados, como diz Paulo, *a cada um* (1Co 2.7,11) pelo Espírito Santo e apenas a livre vontade do Espírito ("como quer", 1Co 12.11) é que determina quem recebe o dom. Qualquer cristão poderia receber o dom de profecia. Além dis-

[3]A passagem de 1Co 14.33*b*-35 não proíbe as mulheres de profetizar. V. a discussão do cap. 11.

so, Paulo insistiu em que todos os coríntios buscassem o dom de profetizar (1Co 14.1,39), deixando implícito que havia para todos eles pelo menos a possibilidade de que pudessem receber esse dom profético.

Todo crente tem capacidade real de profetizar?

Nesse caso, perguntamos se todos os crentes realmente receberam a capacidade de profetizar. A resposta deve ser negativa. Muito embora Paulo *queira* que todo cristão em Corinto busque a profecia e outros dons úteis, ele é bastante claro em dizer que não existe um dom que todos crentes possuam (1Co 12.8-10,12,14,17,19,20,29,30) e até mesmo especifica que a profecia é uma função não possuída por todos (v. a frase "são todos profetas?", em 1Co 12.29).

Não há qualquer inconsistência em Paulo dizer que *nem todos* serão *capazes* de profetizar, enquanto diz, ao mesmo tempo, que todos devem *buscar* fazê-lo. Paulo não sabia a qual dos coríntios seria dado o dom de profecia. Ele não poderia selecionar um grupo — como o dos adultos, dos líderes ou dos cristãos maduros — e ordenar que somente aquelas pessoas profetizassem, pois, se agisse assim, excluiria alguns profetas em potencial. Sua única alternativa era fazer exatamente o que fez: encorajar *todos a buscar* o dom, e, ao mesmo tempo, exortava quem não o havia alcançado a continuar contente e confiar na sabedoria de Deus com relação ao que é melhor para a igreja (1Co 12.11,15,16,18,28; cf. 31).

Outra objeção pode se basear em Atos 19.6, quando alguns cristãos efésios "começaram a falar em línguas e a profetizar". Embora essa profecia possa ser, em muitos aspectos, similar ao tipo de profecia que encontramos em 1Coríntios, o fato de que aparentemente todos falaram em línguas e profetizaram ao mesmo tempo torna esse episódio bastante diferente do discurso congregacional ordeiro de 1Coríntios. Em vez disso, parece que

se trata de um acontecimento dramático e único, confirmando a concessão do Espírito Santo aos gentios, similar aos acontecimentos de Atos 2.4 e 10.46, e que esse acontecimento não seria necessariamente repetido na fundação de outras igrejas ou nas vidas subseqüentes dos doze discípulos de Éfeso quando começassem a trabalhar no culto.

A objeção final origina-se em 1Coríntios 14.31, onde Paulo diz: "Pois vocês todos podem profetizar, cada um por sua vez, de forma que todos sejam instruídos e encorajados". Esse versículo não diz que todos podem profetizar?

Na verdade, o versículo não afirma exatamente isso. Ele diz que todos podem profetizar *cada um por sua vez* — em outras palavras, que todos são capazes de se controlar e agir de modo ordeiro. A expressão "cada um por sua vez" aparece logo no início da frase grega e é colocada entre os termos "vocês todos podem" e "profetizar", garantindo assim a compreensão do leitor sobre o que está em pauta: não simplesmente a habilidade de profetizar, mas a habilidade de profetizar cada um por sua vez.

Esse versículo, portanto, não quer dizer que todos realmente podem profetizar, e sim que todos os membros da congregação podem se controlar se todos realmente profetizem.

A última frase de 1Coríntios 14.31 — "de forma que todos sejam instruídos e encorajados" — mostra o resultado da profecia uma após a outra. Todos os membros da congregação poderiam ser ajudados ou encorajados, porque poderiam ouvir e entender. A outra situação, na qual vários profetizaram ao mesmo tempo, somente permitiria que alguns poucos (ou mesmo ninguém) aprendessem e fossem encorajados, porque ninguém seria capaz de ouvir ou entender tudo que era dito. Mas se todos os que profetizam fizerem isso um de cada vez, todos ouvirão e compreenderão as palavras e, por isso, todos serão encorajados e fortalecidos.

Portanto, vários trechos dos capítulos 12 a 14 de 1Coríntios mostram de maneira bastante clara que nem todos os crentes realmente tinham a habilidade de profetizar.

O crente pode profetizar sempre que quiser?

Em nosso estudo do texto de 1Coríntios 14.30 (cap. 5), descobrimos que a "revelação" era considerada algo que vinha de maneira espontânea ao profeta, que vinha de Deus e que, sem a "revelação", não poderia haver profecia. Desse modo, nenhum profeta poderia evocar por iniciativa própria a revelação e, então, começar a profetizar. O profeta deveria esperar até que alguma coisa fosse revelada pelo Espírito Santo.

Aqui existe uma diferença entre a profecia e alguns outros dons mencionados por Paulo. Dons como administração, ensino, ajuda, auxílio e (provavelmente) o falar em línguas (1Co 14.15,18,28) poderiam ser usados à vontade. O crente que tivesse um desses dons poderia colocá-lo em uso a qualquer momento. Mas a profecia era mais espontânea e somente poderia ser usada quando o profeta recebesse a revelação. Parece que ninguém tinha a habilidade de profetizar de acordo com a própria vontade.

Os crentes novos tinham permissão para profetizar (1Co 12.1-3)?

Que dizer quanto à profecia proferida por cristãos novos, especialmente os que tinham um passado claramente pagão? A igreja deveria esperar determinado tempo — digamos, um ano ou dois — para ver se a profissão de fé cristã era real ou se a pessoa tinha suficiente compreensão doutrinária antes que lhe fosse permitido profetizar?

Parece que esse problema se levantou em Corinto, não apenas com relação à profecia, mas também no que se refere aos dons espirituais em geral. Corinto era fortemente influenciada pelas religiões pagãs gregas, e Paulo até mesmo diz que a

adoração aos ídolos em Corinto era, na verdade, a adoração a demônios:

> Quero dizer que o que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios e não a Deus, e não quero que vocês tenham comunhão com os demônios. Vocês não podem beber do cálice do Senhor e do cálice dos demônios; não podem participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios (1Co 10.20,21).

Esse histórico poderia influenciar a questão do uso dos dons espirituais pelos novos crentes, especialmente os oriundos de práticas de adoração a demônios. Paulo aparentemente reconhece o problema e sua resposta está na introdução ao tema dos dons espirituais, nos capítulos, de 12 a 14 de 1Coríntios. Escreve:

> Irmãos, quanto aos dons espirituais, não quero que vocês sejam ignorantes. Vocês sabem que, quando eram pagãos, de uma forma ou de outra eram fortemente atraídos e levados para os ídolos mudos. Por isso, eu lhes afirmo que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: "Jesus seja amaldiçoado"; e ninguém pode dizer: "Jesus é Senhor", a não ser pelo Espírito Santo (1Co 12.1-3).

Paulo literalmente diz o seguinte: "Sei que vocês antigamente serviam deuses que não podiam falar e, portanto, deuses de quem vocês não poderiam ter aprendido nada. Assim, vocês são ignorantes quanto aos dons espirituais. Portanto, quero esclarecer-lhes: ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: 'Jesus seja amaldiçoado', e ninguém pode dizer: 'Jesus é Senhor' a não ser que fale pelo Espírito Santo". Compreendidos dessa maneira, esses versículos dão a introdução adequada aos capítulos de 12 a 14, pois podemos ver que Paulo destaca o fato de que *todos* os cristãos têm o Espírito de Deus dentro de si, capacitando-os a fazer tal afirmação.

Isso se encaixa com o que podemos dizer do passado de muitos cristãos em Corinto. Talvez os coríntios tivessem expressado a Paulo alguma preocupação quanto à mescla de idolatria e

cristianismo. Havia diversos ex-idólatras na igreja (v. 1Co 6.9-11; 8.7), e os que causavam as maiores suspeitas poderiam ser colocados basicamente em duas categorias:

a) Por um lado, quem afirmava ser inspirado talvez comparecesse aos cultos de adoração e realizasse um espetáculo bastante impressionante, talvez até mesmo profetizando com muita emoção. Contudo, dizia algumas coisas bastante perturbadoras, até mesmo blasfemando contra Cristo em alguns momentos. Poderia o Espírito Santo estar concedendo poder a eles, não na blasfêmia, mas pelo menos em outras coisas que diziam?

Paulo responde: "Não, essas pessoas não falam pelo Espírito de Deus. Se o Espírito Santo trabalhasse nelas, elas simplesmente não poderiam dizer tais coisas".

b) Por outro lado, se os coríntios não deviam confiar nessas pessoas, seria difícil saber em quem confiar. Um grande segmento da igreja consistia de idólatras convertidos, alguns com pouco conhecimento cristão. De que maneira se poderia determinar se o ex-idólatra falava a verdade — ou até mesmo que qualquer um de seus dons — profecia, ensino, cura, línguas, administração ou qualquer outro devesse ser aceito pela igreja?

Paulo responde da seguinte maneira: "Vocês não devem ficar abertamente em dúvida nem excluir os verdadeiros cristãos da obra da igreja. Qualquer um que tenha feito a confissão cristã verdadeira e sincera a fez pelo poder do Espírito Santo e deve ser plenamente aceito pela igreja".

Naturalmente, não podemos entender 1Coríntios 12.3 como uma referência à simples repetição de alguma fórmula mágica (compare com as falsas declarações em Mt 7.21-23 e 15.8). Em vez disso, a confissão "Jesus é Senhor" à qual Paulo se refere deve ser vista como profissão de fé pessoal, cuja credibilidade vem de alguma indicação razoável de sinceridade e compreensão. De maneira similar, a frase "Jesus seja amaldiçoado", por si

só, não indica necessariamente descrença, pois poderia ser pronunciada por qualquer pessoa em Corinto que estivesse lendo a carta de Paulo em voz alta. Mas se parecesse indicar os próprios sentimentos do orador, então Paulo consideraria um indicío de descrença.

Naturalmente, Paulo não está propondo um sistema à prova de falhas, porque não seria possível dizer em todos os casos ocorridos entre os coríntios que os que falavam eram sinceros ou não, especialmente com relação à sua confissão de fé. Porém, como regra geral útil na maioria dos casos, Paulo afirmou: 1) a blasfêmia indica descrença e 2) a confissão de fé indica crença.

Com essa compreensão de 1Coríntios 12.3, vemos que Paulo não tem em mente apenas os dons orais nesse trecho. Apesar de a confissão de fé e a blasfêmia serem atividades orais, funcionavam como indicação da presença ou da ausência da obra do Espírito Santo na vida da pessoa. Se alguém confessa que "Jesus é Senhor", indica que o Espírito Santo trabalha na vida dele (1Co 12.3), e, portanto, ele é membro do corpo único de Cristo (1Co 12.13) e tem dons que devem ser usados para benefício desse corpo (1Co 12.7,11,12-31). Se a pessoa blasfema, isso indica que o Espírito Santo não trabalha nela (1Co 12.3), assim, ela não é membro do corpo de Cristo e nem possui dons que beneficiem a igreja (1Jo 4.1-6 apresenta um ensinamento similar).

Concluindo, em uma cidade cheia de idolatria, 1Coríntios 12.1-3 distingue os que têm dons espirituais (crentes) dos que não têm (descrentes). Aqueles cuja profissão de fé verdadeira em Cristo os caracteriza como crentes verdadeiros têm o Espírito Santo dentro de si. Se têm o Espírito Santo em seu coração, possuem também um ou mais dons valiosos a serem usados em benefício de todo o corpo de Cristo. Até mesmo os novos crentes, portanto, receberão, em determinado momento o dom de profecia. Sujeitos ao controle da congregação (v. esp. 1Co 14.29-

33*a* e cap. 13 deste livro), até mesmo os novos crentes devem receber permissão para usar esse e outros dons que possuam para benefício do corpo de Cristo.

A PROFECIA É UM DOM PERMANENTE OU TEMPORÁRIO?

Existem dois outros sentidos em que a profecia pode ser considerada um dom *temporário*. Em primeiro lugar, nenhum profeta era capaz de profetizar de acordo com a própria vontade (v. discussão anterior, na p. 219). Alguém só podia profetizar quando recebesse uma revelação. Ainda que a pessoa profetizasse com bastante freqüência, pode-se dizer que a pessoa não "possuía" realmente o dom, uma vez precisava esperar até o momento em que o Espírito Santo lhe desse a revelação.

Em segundo lugar, Paulo reconhece claramente a soberania do Espírito Santo na distribuição dos dons. Todas as coisas (ou dons) "são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer" (1Co 12.11). Portanto, é realmente possível que Espírito Santo conceda a alguém uma habilidade especial — digamos, como a cura ou a profecia — por apenas alguns instantes e depois nunca mais.

Contudo, a despeito dessas duas possibilidades, também é possível falar da profecia como dom *permanente* ou pelo menos *semipermanente*. Embora acreditemos que nenhum profeta possa profetizar por sua vontade, todavia encontramos indicações em 1Coríntios de 12 a 14 de que havia pessoas que profetizavam com freqüência e por longo período de tempo. Esse fato não contradiz necessariamente a insistência de Paulo na soberania do Espírito Santo na distribuição dos dons. Simplesmente confirma que Paulo reconhecia que o Espírito agia de maneira ordeira e regular, e não de modo casual ou imprevisível.

Em 1Coríntios 14.37, a expressão "se alguém pensa que é profeta" não se refere a quanto tempo a pessoa profetiza, mas

ao momento em que a carta de Paulo é lida. Isso implica que alguns profetizavam com freqüência suficiente para serem consideradas profetas todo o tempo, não apenas enquanto profetiza. De maneira similar, em 1Coríntios 13.2 a frase "ainda que eu tenha o dom de profecia" dá a entender uma possessão contínua do dom. Também em 1Coríntios 12.29, onde lemos: "São todos profetas?", vemos a implicação de que alguns profetizavam com regularidade suficiente para serem considerados profetas.

Parece que o mesmo acontece com outros dons. Aparentemente, quando alguém tinha a habilidade de interpretar línguas, esse fato era conhecido por toda a congregação, porque quem falava em línguas deveria saber se algum "intérprete" estava presente e, se não estivesse, não deveria falar línguas na igreja (1Co 14.28).

Pode-se chegar a conclusão similar a partir da metáfora do corpo humano encontrada em 1Coríntios 12.12-26. Se os membros da igreja são tidos como parte de um corpo, o retrato é o da continuidade de posse de funções durante um período de tempo (pois a mão continua a ser a mão, o pé continua a ser pé etc.). Contudo, essa metáfora não pode ser levada a extremos, pois isso simplesmente implica em que ninguém pode obter outros dons nem perder os dons que possui ou ter mais de um dom, e assim por diante.[4]

Portanto, o padrão parece ter sido o de que a profecia normalmente era um dom permanente ou, pelo menos, semipermanente, embora ninguém pudesse profetizar por vontade própria e apesar de alguns profetizarem uma vez e depois nunca mais.

[4]A passagem de Rm 11.29 diz: "Pois os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis". Contudo, isso não é diretamente relevante à nossa pesquisa sobre o uso dos dons espirituais na igreja, pois, no contexto de Romanos 11, Paulo está falando sobre o acesso às bênçãos da aliança dadas a uma nação em particular — os judeus —, e não sobre ministérios individuais. Portanto, essa não é uma passagem que contribui para nossa investigação.

Embora, nesta discussão, não seja errado dizer que alguém "possui" um dom ou outro (Paulo fala dessa maneira em 1Coríntios 12.30 e 13.2, no texto grego), é bom lembrarmos a perspectiva madura de Richard Gaffin sobre a questão da posse de dons espirituais de modo geral:

> Provavelmente a mais importante e certamente a mais difícil lição a ser aprendida é que, por fim, os dons espirituais não são forças e habilidades presumidamente nossas nem algo que "possuímos" (ou mesmo tenhamos recebido), e sim o que Deus faz por meio de nós a despeito de nós mesmos e de nossas fraquezas. "Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2Co 12.9).[5]

O DOM DE PROFECIA PODE VARIAR EM FORÇA

Com relação aos vários dons que Paulo enumera, fica evidente que muitos poderiam possuir diferentes *graus de capacidade* quanto a um dom em especial. Se tomarmos, por exemplo, os dons de ensino e de administração, veremos que até mesmo entre os que eram reconhecidos como mestres e administradores não havia equivalência absoluta em termos de capacidade. Alguns eram melhores mestres, outros eram administradores mais capazes, e ainda outros podiam assumir responsabilidades maiores, e assim por diante.

No entanto, havia os que não tinham os dons de ensino ou de administração e, portanto, não exerciam nenhuma tarefa pública de ensino ou de administração na igreja. Mas até mesmo entre estes, naturalmente, havia graus menores de capacidade no ensino e na administração, ainda que essas habilidades fossem exercidas somente em suas famílias ou com relação a seus filhos, por exemplo, e não fossem exercidas na igreja de maneira

[5]*Perspectives on Pentecost*, Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979, p. 54.

geral. Não tinham o dom de ensino, mas, em certo sentido, "ensinavam", o que permite dizer que possuíam *algo semelhante* ao dom de ensino, só que em um grau de desenvolvimento bastante baixo.

Esses dois fatores colocados juntos — o grau de capacidade de quem tem o dom e a pequena capacidade, chamada *algo semelhante* ao dom, característica de quem não possui aquele dom — nos leva a concluir que não é exatamente correto pensar nos dons das igrejas do NT em termos de posse absoluta ou ausência absoluta. É mais correto pensar em termos de progressão em uma escala de intensidade crescente.

Quando Paulo pergunta: "São todos mestres?" (1Co 12.29) quer dizer que nem todos tinham capacidade suficiente para atuar como mestre na congregação. Mas até mesmo isso é relativo. O possuidor de um pequeno grau de habilidade no ensino poderia, contudo, ser reconhecido mestre em uma nova congregação, onde a capacidade dos membros é ainda menor que a dele.

Paulo também reconhece graus de capacidade (ou freqüência de uso) com respeito às línguas, dizendo: "Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês" (1Co 14.18). Outros dons — como o dom de fé ou a capacidade de falar palavras de conhecimento ou de sabedoria — certamente variavam em intensidade.

Nas epístolas pastorais, existem indicações de que o indivíduo podia incrementar ou diminuir pelo menos uma de suas habilidades para o ministério, pois é dito a Timóteo que não negligencie o dom que lhe fora dado (1Tm 4.14), mas que o ponha em prática. No versículo 15, a frase "seja diligente nessas coisas" refere-se à leitura pública das Escrituras, à pregação e ao ensino, mencionados no versículo 13, e ao dom descrito no versículo 14, assim como "na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza", citados no versículo 12. Ele também é instado a que "mantenha viva a chama" desse dom (2Tm 1.6), o

que sugere que Timóteo deixara que o dom caísse em desuso ou que estava sendo utilizado com pouca freqüência no momento em que Paulo lhe escreveu. Contudo, ao "[manter] viva a chama" desse dom, Timóteo poderia restaurá-lo ao nível de funcionamento mais intenso e poderoso de sua vida.

Esses são todos os textos que tratam de outros dons que não o de profecia, de modo que não podemos nos certificar de que o dom de profecia também seguisse esse padrão sem partir para mais análise e investigação. Aparentemente, porém, ele segue o mesmo padrão.

Uma indicação disso pode ser encontrada em Romanos 12.6: "Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé". Isso aparentemente significa que alguém que possuísse o dom de profecia tinha maior medida de fé (ou seja, a confiança de que o Espírito Santo poderia trabalhar ou que estava trabalhando na pessoa para trazer a revelação, que era a base da profecia).[6] Aqueles a quem Deus desse porção maior desse tipo de fé profetizariam mais. Mas isso não deveria ser motivo orgulho.

[6]A passagem de Rm 12.6 também pode ser traduzida assim: "Se profecia, de acordo com a fé..." (ou seja, em concordância com a doutrina cristã recebida). Mas isso presume que a palavra "fé" está sendo usada em num sentido não claramente demonstrado em qualquer texto de Paulo (Jd 3 é o único exemplo claro no NT: v. BAGD, 664, 3, onde são sugeridos outros exemplos, todos ambíguos). É mais provável que a expressão de Paulo tenha sido "sã doutrina" ou "de acordo com a tradição que vocês receberam".

Além do mais, o ato de profetizar deve, não apenas ser consistente com a sã doutrina, mas também deve estar de acordo com os fatos comuns da experiência reconhecidos por todos como verdadeiros — portanto, o teste é incompleto. Somando-se a isso, em nenhum outro lugar Paulo diz à pessoa que está profetizando que ela deve regulamentar o conteúdo da profecia ou que deve julgá-la. Isso é deixado para os ouvintes (1Co 14.29; 1Ts. 5.19-21). Tal mandamento pareceria colocar algum tipo de restrição sobre o ato de profetizar, de modo que os conhecedores das doutrinas da fé pudessem profetizar com muito mais confiança e autoridade que os que eram novos no cristianismo. Mas esses fatores parecem estranhos à profecia do primeiro século conforme a encontramos no NT. Portanto, é melhor traduzir o versículo da maneira como consta na NVI: "Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da *sua* fé".

Paulo insiste no mesmo contexto em que diferentes medidas de fé são concedidas por Deus (Rm 12.3: "... de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu"), e que dons individuais são "diferentes [...] de acordo com a graça que nos foi dada" (Rm 12.6).

Se a profecia é igual a qualquer outro dom que o NT menciona e segue o padrão de "gradação da fé" mencionado em Romanos 12, então deve haver graus maiores ou menores de capacidade profética, variando dentro de um espectro bastante amplo em cada congregação. Os profetas também podem diferir em capacidade entre si e também ver mudanças na extensão de suas habilidades com o passar do tempo. Os que possuem alto grau de capacidade profética profetizam mais freqüentemente, por mais tempo, a partir de revelações mais claras e vigorosas, sobre assuntos mais importantes e com relação a uma gama ainda maior de assuntos.

É CERTO BUSCAR O DOM DE PROFECIA?

Existem certas afirmações de Paulo que enfatizam tão claramente a soberania do Espírito Santo ao conceder os dons que, tomadas separadamente, podem fazer com que adotemos uma atitude fatalista quanto à obtenção do dom de profecia. O Espírito "distribui individualmente, a cada um, como quer" (1Co 12.11). "Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade" (1Co 12.18). "Deus estabeleceu" pessoas com vários dons na igreja (1Co 12.28) etc. O crente que lê apenas esses versículos pode chegar à conclusão de que não há nada que ele possa fazer para obter o dom de profecia, exceto sentar e esperar que, algum dia, o Espírito Santo considere oportuno conceder-lhe esse dom.

Contudo, outros versículos nas cartas de Paulo mostram que ele esperava que os coríntios assumissem a postura positiva de buscar o dom de profecia para si mesmos. "... bus-

quem com dedicação os melhores dons" (1Co 12.31). "... busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia" (1Co 14.1). "... busquem com dedicação o profetizar" (1Co 14.39). Aparentemente, Paulo achava que os coríntios saberiam como fazer isso, apesar de ele nunca haver explicado o que essa busca envolveria. Todavia, existem várias indicações no texto de que Paulo esperava que pelo menos alguns passos os coríntios dessem. Podemos examinar essas indicações, tanto no que se refere à profecia quanto aos outros dons, e, assim, destacar algumas das coisas que poderiam estar envolvidas na busca dos dons espirituais, especialmente do dom de profecia.

Orar

A pessoa pode orar pedindo a capacidade de interpretar línguas (1Co 14.13) e, sem dúvida, também pelo dom de profecia.

Estar satisfeito com os dons que possui

O crente não deve avaliar erradamente os dons que possui, enchendo-se de orgulho por eles (1Co 12.20-24) — ou de inveja por causa dos dons que não possui (1Co 12.14-19). Deve ficar satisfeito pelo fato de a distribuição de dons ter sido feita por Deus e ser, portanto, boa e correta (1Co 12.18,27-30). Portanto, deve optar por ficar contente se não receber o dom que está pedindo.

Crescer rumo à maturidade cristã

Paulo conecta a profecia com a maturidade cristã em geral, em 1Coríntios 14.37 ("Se alguém pensa que é profeta ou espiritual..."). Em 1Coríntios 2.6, Paulo atribui sabedoria aos maduros e em 1Coríntios 2.14 é o imaturo que não recebe (ou não aceita) as coisas do Espírito de Deus. Assim como acontece

com a sabedoria e a compreensão, o mesmo deve ocorrer com a profecia. Na maioria das vezes ela é concedida aos maduros.

Ter a motivação correta

Em 1Coríntios 14.1, Paulo combina a busca do dom (de profecia) com a manutenção da motivação correta (amor). Ele lembra os coríntios de que devem se esforçar para crescer nos dons que trazem edificação para a igreja (1Co 14.12) e, em 1Coríntios 12.31, diz aos seus leitores que devem buscar os "melhores" dons, ou seja, os de maior valor para a igreja. Assim, deixa implícito que se principal motivo para buscar os dons não deve ser a glória pessoal, mas a edificação da igreja.

Usar os dons recebidos

Se os coríntios tivessem a motivação apropriada para buscar a profecia e sinceramente quisessem ter esse dom para benefício da igreja, então Paulo certamente esperava ver essa grande motivação manifestada no uso dos dons que já possuíam (1Co 14.12,26). Se alguém deixasse de usar o dom para benefício de todos ou fizesse mau uso dele de modo que atraísse a atenção para si mesmo e não fizesse nenhum bem para a igreja (como em 1Co 14.17), então ficaria evidente que sua motivação não era correta.

Devemos adicionar uma nota aqui sobre a maneira pela qual descobrimos quais dons possuímos. Richard Gaffin explica isso muito bem:

> A maneira correta de determinar nossos dons espirituais não é perguntar: "Qual é a [...] especialidade espiritual que me distingue dos outros crentes e me dá a oportunidade única de trabalhar na igreja?". Em vez disso, o NT, como um todo, apresenta uma abordagem muito mais *funcional* ou *situacional*. A pergunta a fazer é: "Na situação atual que Deus me colocou, quais são

as oportunidades em particular que tenho para servir os outros crentes em atos e palavras (v. 1Pe 4.10s)?". "Quais as necessidades específicas que se me confrontam e carecem de uma atuação específica?". Fazer essas perguntas e respondê-las de maneira adequada irá nos levar pelo caminho correto para não apenas descobrir mas também para efetivamente usar nossos dons espirituais.[7]

Tentar profetizar?

Acaso Paulo teria encorajado o profeta em potencial simplesmente a tentar profetizar, talvez abrindo a boca e falando o que viesse à sua mente? Em virtude do histórico do AT — que definia a falso profeta como alguém que fazia algo de acordo com o próprio coração, sem ter recebido revelação de Deus (Jr 23.16,21,22; v. Jo 11.51) — era de esperar que Paulo fosse bastante cauteloso aqui. A não ser que alguém pensasse ter recebido uma revelação (1Co 14.30), sem dúvida tal prática teria sido desencorajada como algo que simplesmente levaria a profetizar alguém que não tivesse recebido o dom de profecia e, portanto, apenas profetizasse coisas inventadas. Isso seria o mesmo que anular totalmente a característica que torna a profecia um dom único e valioso entre todos os outros: o fato de que é baseada na revelação do Espírito Santo.

No entanto, Paulo provavelmente teria encorajado uma pessoa tímida que imaginava ter recebido uma revelação, mas que não tinha certeza disso. Nessa situação, a presença de ouvintes maduros na congregação, capazes de apontar qualquer aspecto falso da profecia (1Co 14.29; v. 1Ts 5.19,20), seria a salvaguarda suficiente para o bem-estar e a estabilidade da congregação.

[7]*Perspectives*, p. 53.

RESUMO

No NT, a palavra "profeta" parece não descrever ofício formalmente reconhecido ou posição. Em vez disso, é um termo funcional. Os que profetizam regularmente são chamados profetas. Contudo, mesmo quem não profetizava com regularidade podia profetizar ocasionalmente.

Todos os crentes têm permissão (se tiverem recebido a revelação vinda do Espírito Santo) e capacidade em potencial para profetizar. Contudo, somente alguns recebem a verdadeira capacidade de profetizar, e ninguém pode profetizar por vontade própria.

Apesar de o Espírito Santo ser soberano na distribuição dos dons espirituais, normalmente existe uma forma ordeira e regular pela qual ele age na distribuição dos dons. De maneira específica, profetizar parece ser um dom permanente pouco presente na maior parte do tempo, embora ninguém possa fazê-lo quando bem desejar. As habilidades proféticas variam grandemente em intensidade, e Paulo indica a maneira pela qual o crente pode buscar o incremento de sua habilidade profética.

APLICAÇÃO PARA HOJE

O fato de o dom de profecia poder ser concedido a qualquer pessoa deve encorajar grandemente os crentes de hoje a serem sensíveis a tais orientações do Espírito Santo, pois elas podem levar à profecia, que traz benefício toda a congregação. Essa disponibilidade da profecia a todos os crentes também deve encorajar as igrejas a abrirem espaço no culto (mesmo que não seja em culto de domingo, mas em qualquer outro momento) quando qualquer crente puder contribuir, entre outros dons, com o dom de profecia, nos lugares onde for permitido. Nem mesmo os cristãos jovens devem ser desencorajados, contanto que as salvaguardas de 1Coríntios 14 sejam seguidas.

Contudo, o Espírito Santo distribui dons "como quer", de modo que nenhum crente deverá ficar desapontado se o dom

de profecia ou mesmo a profecia ocasional não lhe for concedida. Quem profetizou no passado não deve negligenciar esse dom, mas presumir que o dom lhe foi dado de maneira permanente, ciente de que será capaz de continuar profetizando de tempos em tempos diante da congregação reunida. Contudo, ninguém deve começar a achar que pode controlar a distribuição das revelações do Espírito Santo, de modo que possa profetizar sempre que decidir ou desejar fazê-lo.

Uma vez que o dom de profecia, tal como a maioria dos dons espirituais, pode variar em força, as igrejas devem estar dispostas a ser pacientes e encorajar os que experimentam esse dom pela primeira vez (tal como fariam com outros dons, como ensino, evangelismo, misericórdia). Os que têm o dom devem esperar que, à medida que ele for usado, possa crescer em força e intensidade — eles podem ganhar mais habilidade em distinguir claramente o que é uma revelação do que não é e talvez até maior percepção da evidência de que o dom está edificando a igreja ou maior capacidade de relatar a profecia de maneira útil — talvez revelações mais extensas e/ ou mais freqüentes sejam recebidas.

O que desejam buscar o dom de profecia, conforme Paulo ordena aos coríntios, devem perguntar:

1. Já orei e pedi sinceramente a Deus esse dom?
2. Estou verdadeiramente satisfeito com os dons que já possuo?
3. Estou crescendo rumo à maturidade cristã?
4. Quero que esse dom sirva de benefício para a igreja e não para minha glória, meu *status* ou meu prestígio?
5. Estou usando os dons que possuo para maior benefício da igreja?

Se tais coisas forem feitas, então Deus poderá realmente conceder esse dom. E, se ele assim fizer, será louvado e engrandecido.

11 AS MULHERES E A PROFECIA

Encorajar as profecias, mas não seu julgamento

NESSE PONTO, SURGE uma pergunta específica com respeito à questão geral sobre quem pode profetizar na igreja. Será que a afirmação de 1Coríntios sobre as mulheres permanecerem "em silêncio" na igreja (1Co 14.34) quer dizer que elas não podem profetizar? Se a afirmação não quer dizer isso, então qual é o seu significado?

Antes de examinar 1Coríntios 14.33*b*-35, é importante observar duas outras passagens indicando que as mulheres podiam profetizar e que realmente o faziam nas igrejas do NT.

ATOS 21.9: AS FILHAS DE FILIPE

Quando Paulo e seus companheiros chegaram a Cesaréia, já perto do fim da terceira viagem missionária de Paulo, Lucas escreveu: "Ficamos na casa de Filipe, o evangelista, um dos sete. Ele tinha quatro filhas virgens, que profetizavam" (At 21.8-9).

Esse certamente é um registro de mulheres que profetizavam na assembléia de um grupo de cristãos, pois o fato de Lucas relatar isso sugere fortemente que Paulo, e os que viajavam com

ele estavam presentes enquanto elas profetizavam. O verbo usado (no particípio presente) também sugere que o ato de profetizar era uma ocorrência regular e contínua na vida delas. Mais literalmente, o texto diz: "A esse homem [Filipe] estavam quatro filhas virgens profetizando". Portanto, aqui está um exemplo de mulheres (ou meninas, pois não há indicação de sua idade) que aparentemente usavam o dom de profecia livremente na igreja.

1CORÍNTIOS 11.5: MULHERES QUE PROFETIZAM COM A CABEÇA COBERTA

Ao instruir os coríntios sobre a adoração, em 1Coríntios 11, Paulo escreveu:

> Todo homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta desonra a sua cabeça; e toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça; pois é como se a tivesse rapada (1Co 11.4,5).

Está claro que a adoração pública é o ponto central dessa passagem. Já vimos que o NT vê a profecia como um dom para uso público (cap. 7), e certamente a instrução sobre oração não se aplica à oração particular. Um homem nunca poderia orar com a cabeça coberta, mesmo quando estivesse fora de casa, no tempo frio? Uma mulher nunca poderia orar com a cabeça descoberta, mesmo quando estivesse sozinha, na privacidade do próprio lar? Tais restrições não ocorreriam no NT, onde todos crentes são encorajados a que "orem continuamente" (1Ts 5.17) e "em todas as ocasiões" (Ef 6.18).

Alguns estudiosos acreditam que a oração das mulheres em 1Coríntios 11 era inaudível, isto é, algo que não podia ser ouvido pela congregação. Mas certamente a profecia era audível. Se a profecia não pudesse ser ouvida (ou entendida), não teria cumprido seu propósito (v. cap. 7). Se a profecia era audível, não há razão para duvidar que a oração também o fosse. Além disso, é

difícil imaginar que Paulo estivesse falando à igreja com o propósito de regulamentar um discurso *inaudível*, pois de que maneira eles poderiam saber que estava sendo proferido?

Devemos concluir que 1Coríntios 11.5 dá instruções referentes à maneira pela qual as mulheres deveriam orar e profetizar no culto público e, desse modo, implica que a oração e a profecia diante da congregação eram atividades legítimas para as mulheres.

Não é nosso propósito aqui entrar em discussão detalhada sobre a questão de as mulheres cobrirem a cabeça durante o culto, a não ser para dizer que em 1Coríntios 11 Paulo fala de uma expressão temporal (cabeça coberta) com relação a uma diferença eterna (de papéis) entre homens e mulheres. Ele vê a cabeça coberta como expressão exterior das diferenças entre homens e mulheres — comumente reconhecidas na sociedade daquele tempo. Mas não há uma boa razão para que pensemos que a expressão exterior, como no caso do hábito de cobrir a cabeça (ou estilos de roupa em geral), esteja expressa aqui para se transformar em regra para todas as sociedades, em todas as épocas. Se as diferenças entre homens e mulheres não são mostradas pelo ato de cobrir a cabeça em outras sociedades e em outras culturas (como a nossa hoje), então naturalmente a expressão temporal que Paulo menciona não é apropriada para hoje e certamente não é requerida de nós. O ponto em questão é os aspectos atemporais do relacionamento entre homens e mulheres, no qual Paulo se baseia para apoiar seu ensinamento.

1CORÍNTIOS 14.33*b*-35: DE QUE MANEIRA AS MULHERES DEVERIAM ESTAR "EM SILÊNCIO" NAS IGREJAS?

Depois de vários versículos dedicados à profecia e à sua regulamentação (1Co 14.29-33*a*), Paulo continua, orientando agora as mulheres:

> Como em todas as congregações dos santos, permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a Lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja. Acaso a palavra de Deus originou-se entre vocês? São vocês o único povo que ela alcançou? (1Co 14.33*b*-36).

Há muito tempo, essa passagem é um desafio para os comentaristas bíblicos, mas uma atenção maior à estrutura do contexto nos permitirá entender seu significado. Porém, antes de propor a solução para essa passagem, gostaria de examinar duas visões que, analisadas em detalhes, revelam-se pouco convincentes.

A passagem estaria proibindo a palavra de mulheres espalhafatosas?

Alguns explicam essa passagem dizendo que as mulheres espalhafatosas ou desordeiras atrapalhavam o culto de adoração em Corinto, talvez gritando rudemente com o marido sentado na outra ponta da sala ou soltando gritos histéricos, semelhantes a um tipo de adoração extática. Os defensores dessa interpretação dizem Paulo queria acabar com essas interrupções e restaurar a ordem no culto.

Contudo, devemos nos lembrar que simplesmente não há *evidência*, nos versículos de 33*b* a 35, no resto da carta e nem mesmo fora da Bíblia que indique que tal desordem era um problema específico da igreja de Corinto. Alguns *presumem* que havia mulheres fazendo barulho na igreja, mas não apresentam evidências que comprovem isso, e, portanto, tudo deve permanecer como mera especulação.

Naturalmente, *é possível* encontrar evidências de comportamento rebelde por parte de mulheres em rituais pagãos daquela

época. Mas também existe evidência de mau comportamento por parte dos homens. Portanto, não é legítimo usar tal evidência de modo unilateral para afirmar que mulheres indiscretas eram um problema especial na igreja de Corinto. Essa interpretação carece de suporte histórico sólido.

Alguns tentam embasar esse ponto de vista na palavra grega *laleō*, traduzida por "falar". O argumento é que essa palavra significa "balbuciar ou expressar-se de maneira desordenada", e que Paulo estaria proibindo as mulheres de falarem de maneira incoerente.

Contudo, esse argumento não é convincente, porque a palavra *laleō* é bastante comum (usada sessenta vezes por Paulo e 298 vezes no NT) com o sentido de "falar", e Paulo a usa freqüentemente para referir-se ao discurso comum e inteligível: "... *falamos* de sabedoria entre os que já têm maturidade" (1Co 2.6; grifo do autor); "... quem profetiza *o faz* para edificação" (grifo do autor), referindo-se ao verbo "falar" no versículo anterior, ou "*fala* a homens" (1Co 14.3; RA e ARC; grifo do autor); "... *falem* dois ou três" (1Co 14.29; grifo do autor); "... *digo* isso para vergonha de vocês" (1Co 15.34; grifo do autor) etc.

Naturalmente, Paulo usa essa palavra quando menciona o "falar em línguas", em 1Coríntios 14. Essa era a palavra mais simples disponível para a referência a qualquer ato de "fala", mas isso não quer dizer que *laleō* signifique "falar em línguas", como o verbo "falar" em português, usado na frase "falar em línguas", não quer dizer que "falar" *significa* "falar em línguas". Usar esse argumento é generalizar demais o uso específico de um termo, sem dar atenção à ampla gama de significados que a palavra pode assumir em outros contextos.

Portanto, a sugestão de que Paulo proibia o discurso feito desordenadamente por mulheres espalhafatosas carece de

evidência histórica textual. Essa interpretação também fracassa quando tenta explicar o versículo 33*b*, que faz com que a regra de Paulo quanto ao silêncio seja aplicada a todas as igrejas da época de Paulo, e não apenas à igreja de Corinto. O apóstolo diz: "Como em todas as congregações dos santos, permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas" (1Co 14.33*b*, 34*a*). Contudo, certamente o problema de "mulheres desordeiras" não era comum a todas as igrejas![1]

Isso é fundamental. Significa que qualquer explicação dessa passagem que limite sua aplicação a uma situação particular em Corinto não é convincente. Mas é exatamente isso que essa interpretação de "mulheres ruidosas em Corinto" quer nos fazer acreditar — que essas mulheres *em Corinto* determinaram as orientações de Paulo. Em contraste, Paulo explicitamente diz aos coríntios que em todas as congregações dos cristãos do primeiro século (tanto judaicas quanto gentias) as mulheres mantinham o tipo de silêncio que é ordenado aqui. Paulo orienta os

[1]Gramaticalmente, é possível fazer com que a expressão "como em todas as congregações dos santos" (1Co 14.33*b*) modifique a cláusula anterior — "... pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz" (1Co 14.33*a*). A opção de fazer isso surge do fato de que as divisões em versículos são fruto do trabalho posterior de editores, não fazendo parte do que Paulo escreveu.

Contudo, tal leitura não se encaixa no sentido da passagem. Depois de dizer algo sobre o caráter de Deus — que é sempre o mesmo — não haveria razão para Paulo dizer "como em todas as congregações dos santos", como se os coríntios pudessem imaginar que Deus seria Deus de paz em algumas igrejas e em outras não. Porém, se "como em todas as congregações dos santos" modifica as instruções posteriores sobre o comportamento durante o culto de adoração, então a expressão faz muito sentido. Os coríntios não deveriam se desviar dos padrões de adoração seguidos por todas as igrejas, em todos os lugares. Essa é a leitura que fazem a NVI, a ARA e a NTLH e todos os estudiosos modernos dos textos gregos.

Não se deve considerar essa leitura estranha ou um uso deselegante do grego. Paulo inicia a sentença com uma cláusula similar, começando com "assim", em Ef 5.24 e em Fp 2.22.

coríntios a se conformarem com uma prática que era universal na igreja primitiva.[2]

A idéia de "mulheres espalhafatosas" não é convincente por outra razão. É inconsistente com a solução adotada por Paulo. Nos lugares onde há problemas de desordem, o apóstolo simplesmente prescreve a ordem (como no caso das línguas e da profecia, em 1Co 14.27,29,31, e no caso da ceia do Senhor, em 1Co 11.33,34). Se o barulho fosse o problema de Corinto, Paulo teria proibido explicitamente o discurso desordenado, e não todo tipo de discurso.

Então, essa explicação também nos força a ver o remédio de Paulo como injusto, pois pune todas as mulheres pelos atos de apenas algumas. Ele não diz "as mulheres *desordeiras* devem ficar em silêncio". É improvável que Paulo ou qualquer outro escritor do NT faça orientações injustas como essa.

Em resumo, esse primeiro ponto de vista não é convincente e não deve ser aceito.

A passagem proíbe as mulheres de falar em línguas?

Outra posição que ganhou algum apoio nos últimos anos é a da proibição de as mulheres falarem em línguas no culto. O argumento básico a favor dessa posição é a afirmação de que o assunto

[2]Em D. A. Carson, *Showing the Spirit*: a theological exposition of 1 Corinthians 12—14 (Grand Rapids: Baker, 1987) p. 122, o autor destaca outro fator significativo. A palavra "igrejas" está no plural no v. 34: "... permaneçam as mulheres em silêncio nas *igrejas*". Isso quer dizer que Paulo está falando sobre uma prática que vai além de uma única igreja local, chegando às "igrejas" de modo geral, independentemente do que alguém possa concluir a partir do v. 33*b*.

Podemos ainda dizer que a expressão "nas igrejas" adiciona forte razão para que o v. 33*b* esteja unido ao v. 34. Se não estivesse unido, o texto não ficaria claro, pois os leitores veriam uma afirmação sobre "as igrejas" sem saber a quais igrejas Paulo estava se referindo. Em outras palavras, "permaneçam as mulheres em silêncio *nas igrejas*" praticamente exige que se especifiquem as igrejas e presume que os leitores saberão quais são elas. "Todas as congregações dos santos" nos dão a explicação, se 33*b* estiver unido a 34; o sentido é claro.

principal dos capítulos de 12 a 14 (ou pelo menos do cap. 14) é o falar em línguas.

Contudo, Paulo termina a discussão sobre as línguas no versículo 28 e prossegue no assunto da profecia. Ele discute a profecia em pelo menos quatro ou cinco versículos. Nenhum leitor em Corinto pensaria que Paulo havia voltado ao assunto das línguas, a não ser que ele tivesse reintroduzido o tema no versículo 33*b*.

Além do mais, Paulo considera a discussão sobre a profecia, presente nesses capítulos, um assunto tão sério quanto as línguas. Nos capítulos de 12 a 14, Paulo menciona a profecia em dezoito versículos e o falar em línguas também em dezoito. Apenas no capítulo 14 pode-se contar doze versículos relacionados à profecia e treze às línguas. Além disso, o contexto mais próximo dos versículos sobre as mulheres ficarem em silêncio, ou seja, de 29 a 33, não se refere a línguas, mas contém uma exposição sobre a profecia (v. 29-33*a*).

Assim, a segunda interpretação é inconsistente com o contexto e também deve ser rejeitada.

A passagem proíbe as mulheres de julgar profecias proferidas no culto?

Existe outra interpretação que foge a essas objeções ao considerar a passagem não relacionada à primeira metade de 1Coríntios 14.29 ("Tratando-se de profetas, falem dois ou três"), mas diz respeito à segunda metade do versículo ("e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito"). De acordo com esse ponto de vista, Paulo estaria dizendo: "Que os outros [ou seja, o resto da congregação] julguem cuidadosamente o que é dito [pelos profetas... mas] as mulheres devem se manter em silêncio nas igrejas".[3]

[3]Essa seção segue James Hurley, *Man and woman in biblical perspective* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981) p. 188-94.

Em outras palavras, as mulheres não poderiam fazer críticas *orais* às profecias proferidas durante o culto público. Essa regra não impediria que elas avaliassem silenciosamente as profecias, em sua mente (o fato é que o v. 29 deixa implícito que elas deviam fazer isso), mas significaria que não poderiam verbalizar essas avaliações diante da congregação.

Estruturalmente falando, essa é, de fato, a solução mais atraente. Significa que Paulo segue um procedimento bastante lógico. Primeiramente, faz uma afirmação geral: "Tratando-se de profetas, falem dois ou três, e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito" (1Co 14.29). Então, ele fornece instruções adicionais sobre a primeira metade do versículo (nos v. 30-33*a*, conforme a coluna da esquerda a seguir) e prossegue dando orientações complementares sobre a segunda metade (nos v. 33*b*-35, coluna da direita).

29: *Tratando-se de profetas, falem dois ou três*	*e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito*
30: um de cada vez	33*b*: como em todas as congregações dos santos
31: pois vocês todos podem profetizar	34: As mulheres não devem falar ou julgar essas profecias; elas devem permanecer em submissão
32: O Espírito Santo não irá forçá-los	
33*a*: Deus não é Deus de desordem, mas de paz	35: Elas não devem sequer questionar o profeta: elas podem fazer perguntas em casa

Tal estrutura pode não parecer muito clara no primeiro momento, pois os comentários presentes nos versículos de 30 a 33*a* são bastante extensos, da maneira como Paulo escreveu. Mas os comentários sobre o versículo 29*a* formam um conjunto, do qual nenhuma parte pode ser removida. Não houve oportunidade anterior para Paulo introduzir o assunto sobre as mulheres. Se essa interpretação está correta, então a expressão "permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas" significava para Paulo e seus leitores que "as mulheres deveriam ficar em silêncio quando vocês estiverem avaliando a profecia".

Além de essa interpretação estruturar ordeira e razoavelmente a passagem, dois outros fatores relacionados ao texto apóiam essa explicação.

Primeiramente, essa interpretação é consistente com o forte contraste do versículo 34: "... pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão..." (ICo 14.34). A palavra "antes" é a tradução do termo grego *alla*, indicativo de forte contraste entre falar e permanecer em submissão. Desse modo, o tipo de fala que Paulo tem em mente é especificamente o que envolve insubordinação. Nem todo tipo de discurso se encaixa nessa descrição, mas avaliar as profecias em voz alta sim. Isso envolveria a suposta possessão de autoridade superior em questões de instrução doutrinária ou ética, especialmente quando fossem incluídas críticas à profecia. Se esse é o significado correto do versículo 34, então o versículo 35 é compreensível. Suponha que algumas mulheres em Corinto quisessem diminuir a força da instrução de Paulo. A maneira mais fácil de fazer isso seria dizer: "Faremos exatamente o que Paulo diz. Não vamos falar nem criticar as profecias. Mas certamente ninguém se importaria se fizéssemos algumas perguntas! Simplesmente queremos aprender mais sobre o que os profetas estão dizendo". Desse modo, tal questionamento poderia ser usado como plataforma para expressar de maneira não muito velada o tipo de

crítica que Paulo proíbe. Ele prevê essa possibilidade e escreve: "Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar [i.e., questionar a profecia] na igreja" (1Co 14.35).

Naturalmente, algumas mulheres eram solteiras e não teriam pai nem marido a quem perguntar. Mas haveria outros homens em sua família ou dentro de seu círculo de comunhão na igreja com quem poderiam discutir o conteúdo das profecias. A orientação geral de Paulo é clara, não permitindo restrições elaboradas para lidar com cada caso em especial.

Em segundo lugar, essa interpretação é consistente com a ligação de Paulo ao AT. No versículo 34, ele adiciona a frase "como diz a Lei" (1Co 14.34). O mais provável é que a fonte dessa expressão seja Gênesis 2 (não é uma citação direta de qualquer passagem do AT), onde Adão é o "primogênito" (com a decorrente liderança na família que a situação implicava), recebendo também autoridade divina para nomear Eva, e onde Eva é criada como auxiliadora para Adão.

Em objeção a isso, alguns negam que Paulo esteja citando o AT e sugerem que nesse versículo Paulo se refere a uma lei rabínica do primeiro século ou a alguma lei romana. Essa sugestão, porém, não é convincente, pois Paulo usa a palavra "lei" (gr. *nomos*) 119 vezes e em nenhuma delas é ambíguo, referindo-se a leis rabínicas ou romanas. Ao usar o termo "a Lei" para apoiar sua argumentação, Paulo está referindo ao AT de maneira geral (como, p. ex., em 1Co 14.21, alguns versículos antes do nosso texto).

Em outros lugares, Paulo utiliza-se do AT para estabelecer a idéia do comando masculino e da submissão feminina à liderança masculina (v. 1Co 11.8,9; 1Tm 2.13) e, portanto, também é certamente possível vê-lo lançar mão do AT para apoiar a distinção de autoridade no julgamento das profecias. Mas seria difícil extrair do AT qualquer proibição contra mulheres indiscretas na igreja ou contra mulheres falando em línguas.

Contudo, a despeito de substanciais considerações a favor dessa interpretação, uma objeção final deve ser levantada: por que Paulo não se expressou mais claramente, dizendo: "Permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas *durante o julgamento das profecias*", se era isso que queria comunicar?

A resposta é que os escritores do NT com freqüência falavam sobre silêncio em termos gerais e irrestritos, esperando que os leitores soubessem *a partir do contexto* a que tipo de silêncio estavam se referindo. Vemos um bom exemplo disso em 1Coríntios 14.28, distante apenas alguns versículos. Paulo discute sobre quem fala em línguas: "Se não houver intérprete, *fique calado na igreja*, falando consigo mesmo e com Deus" (1Co 14.28; grifo do autor). Isso não quer dizer que quem falava em línguas precisava manter *silêncio total* durante todo o culto. Sem dúvida ele poderia participar cantando, orando e lendo as Escrituras, além de discutir questões sobre oração e ação de graças. A ordem para ficar em silêncio simplesmente queria dizer ficar em silêncio *com relação ao tipo específico de fala em questão*, a saber, o falar em línguas.

Existem vários outros exemplos mostrando que, quando os autores do NT falam de "silêncio", normalmente presumem que o tipo de silêncio abordado é entendido pelo contexto maior.[4]

Desse modo, em 1Coríntios 14.33*b*-35, o assunto em discussão é a profecia e, mais especificamente, a avaliação das profecias na igreja. É natural entender que a frase "permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas" significa "as mulheres devem permanecer em silêncio *durante a avaliação das profecias*".[5]

[4]V., p.ex., Lc 9.36; 18.39; para outras palavras referentes a "silêncio", v. At 11.18; 21.14; um contexto bastante similar também fornece um paralelo em 1Tm 2.12. Essas e outras passagens são discutidas com mais detalhes em Wayne Grudem, *The gift of prophecy in 1Corinthians* (Lanham: University Press of America, 1982), p. 242-4.

[5]Essa também é a posição assumida por Carson, *Showing the Spirit*, p. 121-33, por meio da extensa análise de várias interpretações e referências a obras relevantes.

Seria, então, essa passagem consistente com o resto do ensinamento do NT sobre homens e mulheres? Parece que sim. Embora essa passagem se aplique especificamente ao julgamento das profecias durante o culto, Paulo argumenta a partir da convicção maior sobre a diferença permanente entre os papéis apropriados aos homens e os adequados às mulheres na igreja de Corinto. Assim como em 1Timóteo 2.11-15, essa distinção aparece na proibição de as mulheres exercerem o governo doutrinário e ético, mesmo que esporádico, sobre a congregação. Portanto, 1Coríntios 14.33*b*-35 está em pleno acordo com a consistente defesa paulina da participação das mulheres, ainda que sem autoridade de liderança, na igreja reunida.

RESUMO

O NT encoraja claramente as mulheres a participar plenamente na entrega de profecias à igreja reunida (At 21.9; 1Co 11.5). Em conexão com a avaliação de profecias, Paulo realmente deixa claro que os coríntios deveriam seguir a prática de todas as igrejas daquele tempo, nas quais "as mulheres [permaneciam] em silêncio nas igrejas" (1Co 14.34). Contudo, isso não implica em silêncio total, apenas silêncio com respeito à avaliação oral das profecias, assunto que Paulo menciona no contexto anterior (1Co 14.29).

APLICAÇÃO PARA HOJE

Fora das igrejas pentecostais ou renovadas de hoje, um dos grandes problemas certamente é o do "cristianismo espectador" — a falta de participação ativa de muitos membros da igreja. Outro problema, em muitos casos, tem sido a falta de envolvimento adequado por parte das mulheres na vida e no ministério da igreja e, com freqüência, o sentimento de que muitas mulheres possuem dons que não são usados na igreja, para prejuízo de todos, homens e mulheres.

Porém, se as igrejas reconhecerem que as mulheres — e os homens — podem participar plenamente no uso do dom de profecia, então grande parte desses problemas será superada. Haverá aumento significativo no uso desse dom, que Paulo considera o mais valioso para a igreja, tanto por homens quanto por mulheres, muitos dos quais talvez nunca tinham contribuído para as reuniões da congregação. A partir desse despertamento para a profecia, sem dúvida descobriremos que, por meio dela, é possível que "todos sejam instruídos e encorajados" (1Co 14.31).

Além disso, se as igrejas reconhecerem que, junto com a plena participação das mulheres na adoração, o NT também exige que a autoridade da liderança sobre a congregação — até mesmo no caso da avaliação de profecias ocasionais — seja reservada aos homens, então as igrejas receberão o benefício adicional de regularmente retratar ou modelar em seus cultos de adoração a permanente e essencial diferença entre a masculinidade e a feminilidade bíblicas, diferenças que carecem grandemente de reafirmação nos dias atuais.

12 A DURAÇÃO DA PROFECIA

Por quanto tempo a profecia será usada na igreja?

INTRODUÇÃO

Muitos que estão lendo este estudo jamais viram o dom de profecia em ação na igreja. A verdade é que, fora do movimento carismático e de certas denominações pentecostais tradicionais, esse dom não tem sido visto na história recente. Em muitas denominações, o dom de profecia jamais foi usado.

Por que não?

O não-uso desse dom seria o plano de Deus para a igreja? Teria sido esse dom usado somente na época do NT, desaparecendo depois? Ou esse dom ainda é válido e valioso para a igreja hoje — talvez até necessário, se a igreja pretende atuar da forma como Deus planejou que atuasse?

Essa é a pergunta sobre a *duração* da profecia. Podemos resolver essa questão examinando o NT? O NT indica por quanto tempo Deus esperava que a profecia atuasse na igreja?

De um lado dessa questão, estão os cristãos renovados e pentecostais, que continuam a usar o dom e afirmam sua validade para toda a era da igreja.

Do outro lado, estão alguns cristãos reformados e dispensacionistas afirmando que a profecia foi um dos dons especiais associados à fundação da igreja no tempo dos apóstolos e que se esperava que cessasse em pouco tempo, fosse na época da morte dos últimos apóstolos, fosse no tempo em que o cânon do NT estivesse completo. Essa corrente é comumente chamada cessacionismo.

É bem provável que no meio das duas posições esteja a maioria dos evangélicos contemporâneos — nem carismáticos, nem cessacionistas, indecisos sobre a questão e em dúvida quanto à possibilidade de que seja esclarecida a contento.

A contenda gira em torno de dois pontos principais: 1) o significado de 1Coríntios 13.8-13 e 2) a questão teológica do relacionamento entre o dom de profecia e o texto do NT. Examinaremos esses dois aspectos nessa seqüência.

A INTERPRETAÇÃO DE 1CORÍNTIOS 13.8-13

Essa passagem é relevante para esta discussão porque nela Paulo menciona o dom de profecia como "imperfeito" e, então, diz que o "que é imperfeito desaparecerá" (1Co 13.10). Ele até mesmo diz quando isso acontecerá: "quando [...] vier o que é perfeito". Mas quando será isso? Mesmo que pudéssemos determinar quando tal acontecimento ocorreria, isso significaria que Paulo tinha em mente algo que respondesse à pergunta da "cessação" do dom para a igreja de hoje?

Podemos começar lendo a passagem por inteiro.

> O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o

> que é imperfeito desaparecerá. Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino. Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido. Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor (1Co 13.8-13).

O propósito de 1Coríntios 13.8-13

Nossa análise anterior da estrutura de 1Coríntios 12—14 mostra que Paulo interrompe sua discussão sobre os dons espirituais no capítulo 13 de 1Coríntios com o propósito de colocar toda a discussão sobre os dons na perspectiva correta. Não é suficiente dizer: "busquem com dedicação os melhores dons" (1Co 12.31*a*). A pessoa deveria seguir "o caminho do amor" (1Co 14.1), juntando assim objetivos adequados com a motivação correta. Sem amor, os dons não têm valor (1Co 13.1-3). Na verdade, conforme a argumentação de Paulo, o amor é superior a todos os dons e, portanto, é mais importante agir em amor que possuir qualquer um dos dons.

Com o objetivo de mostrar a superioridade do amor, Paulo argumenta que o amor dura para sempre, enquanto os dons são todos temporários (1Co 13.8). Os versículos de 9 a 12 explicam por que os dons são temporários. Nosso conhecimento presente e nossa profecia são parciais e imperfeitos (v. 9), mas um dia algo perfeito virá para substituí-los (v. 10). Isso é explicado pela analogia da criança que abandona o pensamento e o modo infantil de falar a favor da maneira de pensar e agir do adulto (v. 11). Paulo, em seguida, aprofunda ainda mais os pensamentos dos versículos 9 e 10, explicando que nossa percepção e nosso conhecimento são indiretos e imperfeitos, mas, um dia, serão plenos e perfeitos (v. 12).

Em sua argumentação, Paulo interliga a função da profecia com o tempo de sua cessação. Ela supre uma certa necessidade agora, mas faz isso de maneira imperfeita. Quando "o perfeito" vier, a função será mais bem executada, por algo diferente, e a profecia cessará, porque se tornará obsoleta ou inútil (essa é uma provável nuance do termo grego *katargeō*, traduzido por "passará" ou "desaparecerá" nos v. 8 e 10).

Portanto, a função geral de 1Coríntios 13.8-13 é mostrar que o amor é superior aos dons, como o de profecia, porque os dons passarão, mas o amor permanecerá para sempre.

1Coríntios 13.10: a cessação da profecia quando Cristo voltar

Paulo escreve no versículo 10: "Quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá" (1Co 13.10). A expressão "imperfeito" (gr. *ek merous*, "parcial, imperfeito") refere-se mais claramente a conhecer e profetizar, as duas atividades executadas de maneira parcial e imperfeita no versículo 9 (em ambos os casos, é usada a expressão grega *ek merous*). Para destacar essa conexão, podemos traduzir os versículos da seguinte maneira:

> O amor nunca falha. Se houver profecias, *desaparecerão*; seu houver línguas, cessarão; se houver conhecimento, *desaparecerá*. Isso acontece porque conhecemos de maneira *imperfeita* e profetizamos de maneira *imperfeita* — mas quando vier o que é perfeito, o *imperfeito desaparecerá*.

Assim, a forte ligação entre as afirmações é destacada pela repetição de dois termos-chave: "desaparecer" e "imperfeito".

Sem dúvida, Paulo também desejava que as línguas fossem incluídas no mesmo sentido do versículo 9, entre as atividades "imperfeitas", mas está claro que ele omite deliberadamente a repetição por questões estilísticas. Mesmo assim, o que se diz no versículo 9 se refere a elas, pois esse

versículo é a razão do versículo 8, fato comprovado pela presença da palavra "pois" (gr. *gar*). Desse modo, o versículo 9 deve apresentar a razão pela qual as línguas cessarão, assim como o conhecimento e a profecia. De fato, a repetição do grego da palavra correspondente a "mas" no versículo 8 sugere que Paulo poderia ter citado outros dons aqui (sabedoria, cura, interpretação?), se quisesse. Porém, para nossos propósitos, é suficiente que "o imperfeito" do versículo 10 incluia o dom de profecia (como vimos no cap. 5, Paulo considera a profecia imperfeita [*ek merous*]; ela fornece conhecimento parcial dos assuntos de que trata, porque a revelação recebida pelo profeta é indireta e limitada e freqüentemente difícil de entender ou interpretar).

Desse modo, 1Coríntios 13.10 significa: "Quando o perfeito chegar, *a profecia* desaparecerá". O único problema que permanece é a determinação do tempo deixado implícito pela palavra "quando". Vários fatores do contexto indicam que Paulo tinha em mente a época da volta do Senhor.

a) Em primeiro lugar, a palavra "então" (gr. *tote*), no versículo 12, refere-se a "quando [...] vier o que é perfeito", do versículo 10. Isso fica evidente quando lemos o versículo: "Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, *então*, veremos face a face. Agora conheço em parte; *então*, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido" (1Co 13.12; grifo do autor).

Quando veremos "face a face"? Quando conheceremos "da mesma forma como somos plenamente conhecidos"? Esses acontecimentos só poderão se dar quando o Senhor voltar.

A expressão "ver face a face" é usada diversas vezes no AT com o significado de olhar para Deus em pessoa. Veja, por exemplo, Gênesis 32.30 e Juízes 6.22 (exatamente a mesma expressão em grego de 1Co 13.12); Deuteronômio 5.4; 34.10; Ezequiel 20.35 (palavras semelhantes); Êxodo 33.11 (mesmo conceito e

mesmas palavras de passagens em hebraico, mas traduzidas de forma diferente na *Septuaginta*). Desse modo, a expressão "face a face" é usada no AT para referir-se ao fato de ver a Deus pessoalmente — não completa e plenamente, pois nenhuma criatura finita pode fazer isso, mas de maneira pessoal e verdadeira. Portanto, quando Paulo diz "mas, então, veremos face a face", ele claramente quer dizer que "veremos a Deus face a face". Realmente essa será a maior bênção do céu e nossa maior alegria por toda a eternidade (Ap 22.4: "Eles verão a sua face").

A segunda metade de 1Coríntios 13.2 diz: "Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido". As palavras "conhecerei" e "conhecido" são palavras ainda mais fortes para referir-se a conhecimento (*epiginōskō*), mas certamente não implicam conhecimento infinito ou onisciência. Paulo não espera conhecer todas as coisas e não diz: "... então conhecerei todas as coisas", o que teria sido muito fácil de fazer no grego.[1] Em vez disso, dá a entender que, quando o Senhor voltar, ele espera ser libertado das más interpretações e da incapacidade de entender (especialmente entender Deus e sua obra), que são parte da vida presente. Seu conhecimento será semelhante ao conhecimento que Deus realmente tem dele porque não será formado por falsas impressões nem será limitado ao que é perceptível no mundo temporal. Mas tal conhecimento somente acontecerá quando o Senhor voltar.

Concluído o assunto, Paulo diz, com efeito, no versículo 12:

> Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido.

[1]A expressão grega *epignosōmai ta panta* pode significar "eu conhecerei todas as coisas".

A palavra "então", aqui, tem de obrigatoriamente se referir a alguma coisa que ele estava explicando nos versículos anteriores. Olhamos primeiramente para o versículo 11, mas nada existe ali que se refira ao futuro e possa estar ligado à palavra "então": "Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino" (1Co 13.11). Tudo isso se refere ao passado, não ao futuro. O versículo menciona acontecimentos passados na vida de Paulo e serve como ilustração natural do que ele diz no versículo 10. Mas não existe nada nesse versículo relatando um tempo futuro.

Em função disso, voltamo-nos para o versículo 10: "Quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá" (1Co 13.10). Encontramos aqui uma afirmação sobre o futuro. Em algum ponto no futuro, Paulo diz que "o perfeito" virá e "o imperfeito" desaparecerá ou "não terá mais utilidade".

Quando isso acontecerá? A explicação está no versículo 12. *Então*, quando chegar o perfeito, veremos "face a face" e conheceremos "como somos conhecidos".

Isso significa que o tempo quando "o perfeito" vier deve ser o tempo da volta de Cristo.[2]

Portanto, podemos parafrasear o versículo 10 da seguinte maneira: "Porém, *quando Cristo voltar*, o imperfeito desaparecerá".[3]

[2]Afirmei isso dessa maneira porque, de modo mais preciso, "o perfeito" de 1Co 13.10 não é o próprio Cristo, mas um método de obter conhecimento que, por ser tão superior ao conhecimento atual e à profecia, faz com que estes se tornem obsoletos. Quando "o perfeito" vier, ele irá transformar o imperfeito em inútil. Mas o tipo de conhecimento que Paulo espera para a consumação final de todas as coisas é tão distinto qualitativamente do conhecimento atual que, ele pode fazer o contraste entre "perfeito" "imperfeito".

[3]Em D. A. Carson, *Showing the Spirit*: a theological exposition of 1Corinthians 12—14 Grand Rapids: Baker, 1987, p. 70-72, podemos ver diversas razões similares pelas quais o tempo "quando vier o que é perfeito" deve ser o da volta de Cristo (com referências a outras interpretações e obras).

Ou, para usar nossa conclusão de que o "imperfeito" certamente inclui a profecia, nossa paráfrase pode ser assim: "Porém, *quando Cristo voltar*, a profecia desaparecerá".

Aqui, portanto, encontramos a afirmação definitiva sobre o tempo da cessação dos dons imperfeitos, como o de profecia. Eles "perderão a utilidade" ou "desaparecerão" *quando Cristo voltar.* Isso implica que eles continuarão a existir e serão úteis durante toda a era da igreja, inclusive para os dias de hoje, prosseguindo até o dia em que Cristo voltar.

b) Outra razão para concluir que o tempo da chegada do "o perfeito" será o tempo em que Cristo voltar fica também evidente a partir do propósito da passagem. Paulo tenta provar a grandeza do amor e, ao fazer isso, afirma que "o amor nunca perece" (1Co 13.8). Ele argumenta que o amor virá durar além do tempo da volta do Senhor, diferentemente dos dons espirituais do presente. Esse é um argumento bastante convincente: o amor é tão fundamental para os planos que Deus tem para o universo que ele durará além da transição desta era para a era por vir, ou seja, durará toda a eternidade.

c) A terceira razão pela qual podemos dizer que essa passagem se refere à volta do Senhor pode ser encontrada na afirmação genérica de Paulo sobre o propósito dos dons espirituais na era do NT. Em 1Coríntios 1.7, ele liga a posse dos dons espirituais (gr. *charismata*) à atividade de espera pela volta do Senhor: "Não lhes falta nenhum dom espiritual, enquanto vocês esperam que o nosso Senhor Jesus Cristo seja revelado".

Entre os "cessacionistas" (defensores da idéia de que dons como o de profecia "cessaram" e não são mais válidos para hoje), alguns — mas não todos — concordam em que o tempo "quando vier o que é perfeito" deve ser a época da volta de Cristo V. John F. MacArthur Jr., *Os carismáticos*: um panorama doutrinário (São Paulo: Fiel, 1988), p. 165-7; Richard B. Gaffin, *Perspectives on Pentecost* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979) p. 109.

Isso sugere que Paulo via os dons como provisão temporária, fornecida para equipar os crentes a ministrar *até que o Senhor voltasse*. Portanto, esse versículo forma um paralelo bastante próximo ao pensamento de 1Coríntios 13.8-13, onde a profecia e o conhecimento (e, sem dúvida, as línguas) são vistos, de maneira similar, como necessários até a volta de Cristo, mas desnecessários depois desse acontecimento.

Portanto, 1Coríntios 13.10 refere-se à época da volta de Cristo e diz que a profecia permanecerá entre os crentes até aquele tempo. Dispomos, portanto, da clara afirmação bíblica de que Paulo esperava que o dom de profecia continuasse durante toda a era da igreja e funcionasse para benefício desta até a volta do Senhor.

OBJEÇÕES A ESSA INTERPRETAÇÃO

Várias objeções a essa interpretação são levantadas, geralmente pelo cessacionistas. Agora, examinaremos uma a uma essas objeções. Algumas estão mais relacionadas ao texto de 1Coríntios 13.8-13, enquanto outras lidam com preocupações mais abrangentes.

"Essa passagem não especifica quando os dons cessarão"

A primeira objeção à nossa conclusão vem do estudo elaborado por Richard Gaffin, intitulado *Perspectives on Pentecost* [*Perspetivas do Pentecoste*]. Embora Gaffin concorde em que "quando vier o que é perfeito" refere-se ao tempo da volta de Cristo, ele não acha que esse versículo especifique o momento da cessação de certos dons. Em vez disso, acredita que Paulo está apenas "olhando para todo o período que se passa até a volta de Cristo, sem considerar se a descontinuidade irá ou não interferir no curso desse período".[4]

[4]P. 109-10.

De acordo com a argumentação de Gaffin, o propósito geral de Paulo é enfatizar as duradouras qualidades da fé, da esperança e do amor, especialmente as deste último, e não especificar a época em que certos dons cessarão. Ele diz:

> Paulo não pretende especificar quando um costume em particular cessará. O que ele realmente afirma é o término do atual conhecimento fragmentado do crente [...] quando vier "o que é perfeito". A época da cessação da profecia e das línguas é uma questão aberta no que se refere a essa passagem e só poderá ser decidida a partir do exame de outras passagens e de considerações mais profundas.[5]

Prosseguindo em sua argumentação, ele diz que, além da profecia, das línguas e do conhecimento, Paulo poderia também ter adicionado a "inscrituração". Se tivesse feito isso, a lista teria incluído um elemento que cessou muito antes da volta de Cristo (inscrituração é o processo de escrever as Escrituras). Desse modo, Gaffin conclui que isso também pode ser verdadeiro no que se refere aos outros dons presentes na lista.

Em resposta a essa objeção, deve ser dito que ela não faz justiça às verdadeiras palavras do texto. Os evangélicos têm corretamente insistido (e sei que Gaffin concorda com isso) que as passagens das Escrituras são verdadeiras não apenas no ponto principal, mas também nos detalhes afirmados ali. O ponto principal da passagem pode muito bem ser que o amor dura para sempre, mas outro ponto — certamente bastante importante — é o que o versículo 10 diz, não apenas afirmando que os dons imperfeitos cessarão em algum momento, mas que eles irão cessar "*quando* vier o que é perfeito". Paulo especifica um certo momento: "*Quando, porém, vier o que é perfeito*, o que é imperfeito desaparecerá" (1Co 13.10; grifo do autor). Mas Gaffin parece afirmar que Paulo não está real-

[5]Ibid., p. 111.

mente dizendo isso. Contudo, a força das palavras não pode ser invalidada pela afirmação do tema geral de um contexto mais amplo.

Além disso, a sugestão de Gaffin não parece se encaixar na lógica da passagem. O argumento de Paulo é que a chegada do "perfeito" fará a profecia, as línguas e o conhecimento desaparecerem, porque então haverá uma forma superior de aprendizado e de conhecimento das coisas, igual à maneira pela qual "sou plenamente conhecido". Porém, até a chegada desse tempo, a nova e superior maneira de conhecer ainda não chegou e, portanto, esses dons imperfeitos ainda são válidos e úteis. O que virá torná-los obsoletos (os acontecimentos relacionados à volta de Cristo) ainda não aconteceu.

Finalmente, é duvidoso colocar muito peso em algo que achamos que Paulo tenha dito, mas que, na verdade, ele não disse. Dizer que Paulo poderia ter incluído a "inscrituração" na lista significa que Paulo também poderia ter escrito: "quando Cristo voltar, a inscrituração cessará". Mas de modo algum posso acreditar que Paulo teria feito tal afirmação, pois seria falsa — na realidade, uma "falsa profecia", nas palavras das Escrituras. A inscrituração cessou há muito tempo, quando o livro de Apocalipse foi escrito pelo apóstolo João.

Desse modo, as objeções de Gaffin parecem não retirar a força de nossas conclusões sobre 1Coríntios 13.10. Se "o perfeito" refere-se ao tempo da volta de Cristo, então Paulo diz que dons como a profecia e as línguas cessarão naquele tempo, o que implica, portanto, que eles permanecem por toda a era da igreja.

"A profecia cessou quando o Novo Testamento foi concluído"

Os que fazem essa segunda objeção argumentam que a expressão "quando vier o que é perfeito" significa várias coisas, como "quando a igreja estiver madura" ou "quando as Escrituras

estiverem completas" ou ainda "quando os gentios forem incluídos na igreja".

É provável que a afirmação mais cuidadosa sobre essa visão seja encontrada no livro *What about continuing revelations and miracles in the Presbyterian Church today?* [*O que dizer da continuidade das revelações e dos milagres na Igreja Presbiteriana hoje?*],[6] de Robert L. Reymond, mas outra afirmação bastante clara de uma posição similar pode ser encontrada no livro *Signs of the apostles*: observations on pentecostalism old and new [*Sinais dos apóstolos*: observações sobre o antigo e o novo pentecostalismo], de Walter Chantry.[7]

A argumentação de Chantry baseia-se no fato de que em outros lugares do NT a palavra traduzida aqui por "perfeito" é usada para referir-se à maturidade humana (1Co 14.20) ou à maturidade na vida cristã (1Co 2.6). Contudo, mais uma vez precisamos notar que não é obrigatório que a mesma palavra seja usada para referir-se a determinada coisa todas as vezes que tal expressão for usada nas Escrituras. Em alguns momentos, ela pode se referir à "maturidade" ou à "perfeição" da humanidade; em outros casos, pode tratar-se de outro tipo de "inteireza" ou "perfeição". É usada em Hebreus 9.11, por exemplo, para referir-se a um "mais perfeitó tabernáculo", o que não necessariamente quer dizer que devemos entender que a palavra "perfeito" em 1Coríntios 13.10 deve referir-se unicamente a um tabernáculo perfeito. A referência exata de uma palavra deve ser determinada pelo contexto individual, e, em 1Coríntios 13, como já vimos, o contexto indica que "quando vier o que é perfeito" refere-se ao tempo da volta de Cristo.

[6]Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1977, p. 32-4. V. Kenneth L. Gentry Jr., *The charismatic gift of prophecy*: a reformed analysis (Lakeland: Whitefield Seminary Press, 1986), p. 31-3, que considera tanto essa visão quanto a de Gaffin (v. objeção 1, acima) opções aceitáveis.

[7]Carlisle: Banner of Truth, 1976, p. 51-2.

A argumentação de Reymond é de certa forma diferente. Ele pensa da seguinte maneira (p. 34):

a) "O imperfeito" mencionado nos versículos 9 e 10 — profecia, línguas e conhecimento — são formas incompletas de revelação, "todas relacionadas à maneira de Deus tornar conhecida sua vontade para a igreja".

b) "O perfeito" nesse contexto deve referir-se a algo da mesma categoria das coisas "imperfeitas".

c) Portanto, "o perfeito" nesse contexto deve referir-se a meios de revelação, mas a um que seja completo. Esse meio completo de revelação da vontade de Deus à igreja é a Bíblia.

d) Conclusão: "quando vier o que é perfeito" refere-se ao tempo quando o cânon das Escrituras estiver completo.

Reymond destaca que ele não está dizendo que "o perfeito" se refere exatamente ao cânon das Escrituras, mas, em vez disso, é uma referência à "finalização do processo de revelação" que resultou nas Escrituras (p. 32). Em resposta à objeção de que a frase "então, veremos face a face" do versículo 12 se refere a ver a Deus face a face, ele responde que isso pode simplesmente significar "plenamente" em oposição a "obscuro" (p. 32).

Em resposta a isso, podemos dizer que tal argumentação, embora cuidadosa e consistente em si mesma, ainda depende da suposição anterior que é realmente o ponto-chave da questão em toda a discussão: a autoridade da profecia do NT e dos dons a ela relacionados. Uma vez que Reymond assume que a profecia (assim como as línguas e o tipo de "conhecimento" mencionado aqui) são revelações da mesma qualidade das Escrituras, todo o argumento se apóia em um ponto, que pode ser representado da seguinte maneira:

a) a profecia e as línguas são revelações da mesma qualidade das Escrituras;

b) portanto, toda essa passagem trata de uma revelação da mesma qualidade das Escrituras;

c) então, "o perfeito" refere-se à perfeição ou ao término da revelação que possui a mesma qualidade das Escrituras ou à finalização das Escrituras.

Contudo, nesse argumento, a primeira premissa determina a conclusão. Portanto, antes de essa afirmação poder ser feita, ela precisaria ser demonstrada por meio da análise indutiva dos textos do NT que tratam da profecia, tal como tentei fazer neste livro. Contudo, até onde sei, nunca foi feita nenhuma demonstração indutiva que mostrasse que a profecia congregacional do NT tem a mesma autoridade das Escrituras.

Além do mais, existem muitos outros fatores no texto de 1Coríntios 13.8-13 que são difíceis de conciliar com essa posição. O uso tradicional da expressão "face a face" no AT, no sentido não apenas de ver claramente, mas de ver Deus *pessoalmente* (v. acima) continua sem explicação. O fato de Paulo incluir a si mesmo nas expressões "veremos face a face" e "então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido" impede que vejamos isso como uma referência ao tempo da finalização das Escrituras. Será que Paulo realmente imaginava que, quando os outros apóstolos finalmente terminassem sua contribuição ao NT, ele obteria repentinamente uma mudança notável em seu conhecimento, capaz de fazer com que ele conhecesse como também é conhecido e que a visão que ele possuía mudaria de uma visão como em um espelho para o ato de ver face a face?

Juntamente com as interpretações de Reymond e Chantry, várias tentativas têm sido feitas no sentido de ver a frase "quando vier o que é perfeito" como um tempo anterior à volta de Cristo, mas não iremos abordar esse aspecto em detalhe aqui. Todas essas explicações parecem ruir diante de 1Coríntios 13.12, onde Paulo deixa implícito que os crentes verão a Deus "face a face",

"quando vier o que é perfeito". Isso não pode ser dito sobre o tempo sugerido em qualquer uma dessas outras propostas.

A proposta sobre a finalização do "cânon" (grupo de escritos que vieram a ser incluídos no NT) também fracassa ao tentar encaixar-se na proposta de Paulo nesse contexto. Se considerarmos o ano 90 d.C. como a possível data da composição do Apocalipse, o último livro do NT a ser escrito, então a finalização dos textos das Escrituras aconteceu cerca de 35 anos depois que Paulo escreveu a primeira carta aos Coríntios (c. 55 d.C.).

Porém, seria convincente argumentar que "podemos ter certeza de que o amor nunca acabará, pois sabemos que irá durar mais de 35 anos!"? Dificilmente esse seria um argumento convincente. O contexto exige, ao contrário, que percebamos que Paulo está contrastando esta era com a era por vir, e está declarando que o amor durará por toda a eternidade.[8]

A verdade é que vemos um procedimento similar em outras passagens de 1Coríntios. Quando Paulo quer demonstrar o valor eterno de alguma coisa, ele faz isso argumentando que tal coisa vai durar além do dia da volta do Senhor (v. 1Co 3.13-15; 15.51-58). Em contraste com tudo isso, a profecia e os outros dons não durarão além daquele dia.

Finalmente, essas propostas não conseguem encontrar qualquer apoio no contexto imediato. Considerando que a volta de Cristo é mencionada claramente em 1Coríntios 13.12, nenhum versículo dessa passagem menciona qualquer coisa sobre a

[8]Alguns argumentam que a fé e a esperança não irão perdurar no céu e que, portanto, 1Co 13.13 simplesmente quer dizer que a fé e a esperança irão durar até a volta de Cristo, mas não depois dela. Contudo, se fé é a dependência de Deus e a confiança nele, e se a esperança é a confiante expectativa de bênçãos futuras a serem recebidas de Deus, então não há razão para pensar que não teremos fé nem esperança no céu (v. a discussão de Carson sobre fé, esperança e amor como "virtudes eternamente duradouras" em *Showing the Spirit*, p. 74-5).

finalização das Escrituras, a coleção de livros do NT, a inclusão dos gentios na igreja ou mesmo algo relacionado à "maturidade" da igreja (seja qual for o significado disso — a igreja é realmente madura hoje?). Todas essas sugestões trazem novos elementos não encontrados no contexto para substituir um único elemento — a volta de Cristo — que claramente está inserida no contexto.

Desse modo, Richard Gaffin, um cessacionista, diz que o "perfeito" em 1Coríntios 13.10 e o "então" do versículo 12 "sem dúvida se referem ao tempo da volta de Cristo. A idéia que essas palavras se referem ao momento em que o cânon do NT estivesse completo não pode receber credibilidade pela exegese".[9]

Talvez seja importante dizer novamente que essas explicações alternativas de 1Coríntios 13.10 com freqüência parecem ser motivadas pela convicção interior de que a profecia do NT consiste de palavras iguais às das Escrituras em termos de autoridade. Não tenho dificuldades em aplicar a uma passagem das Escrituras o que é claramente ensinado em outras passagens, porque estou convencido de que toda a Escritura é inspirada por Deus e, portanto, consistente em si mesma. Porém, quando se percebe que a idéia de que a profecia congregacional do NT possuía autoridade igual à das Escrituras *é em si bastante duvidosa* (v. caps. 2, 3 e 4), então é adequado evitar ao máximo o uso dessa explicação como fator explícito ou até mesmo implícito que nos influencie a adotar sua interpretação também bastante duvidosa de 1Coríntios 13.10. Ensinamentos *claros* de outras passagens das Escrituras devem influenciar corretamente nossa interpretação de qualquer texto sagrado, mas conclusões *duvido-*

[9]*Perspectives*, p. 109; comp. com Max Turner, Spiritual gifts then and now, *Vox Evangelica* 15 1985, p. 38.

sas ou *experimentais* sobre os ensinamentos das Escrituras devem ter pouca ou nenhuma influência sobre a interpretação de qualquer outro texto.

D. Martyn Lloyd-Jones observa que a visão que torna a frase "quando vier o que é perfeito" igual ao tempo da finalização do NT encontra outra dificuldade:

> Isso quer dizer que você e eu, que temos as Escrituras abertas diante de nós, sabemos muito mais que o apóstolo Paulo sobre as verdades de Deus [...] Isso significa que todos nós somos superiores [...] até mesmo aos próprios apóstolos, incluindo-se o apóstolo Paulo! Significa que agora estamos na posição de [...] "conhecemos, da mesma forma como somos conhecidos" por Deus [...] Na verdade, existe apenas uma palavra para descrever tal ponto de vista: absurdo.[10]

João Calvino, referindo-se a 1Coríntios 13.8-13, diz: "É algo mui estúpido alguém fazer toda esta discussão aplicar-se ao período intermediário".[11]

"1Coríntios 13 refere-se apenas às profecias contidas nas Escrituras"[12]

A terceira objeção também ignora o contexto de 1Coríntios 13. Paulo fala sobre dons espirituais e mostra como o amor é superior a todos eles. Em 1Coríntios, "profecia" certamente não se refere à "Escritura", mas ao dom de profecia, que não possuía plena autoridade divina. É sobre esse assunto que Paulo dá instruções aos coríntios.

[10]*Prove all things*, Christopher Catherwood, org., Eastbourne: Kingsway, 1985, p. 32-3.

[11]1 Coríntios, São Paulo: Paracletos, 1996, p. 403.

[12]Essa é a posição de S. D. Toussaint, First Corinthians thirteen and the tongues question. *BSac* 120, 1963, p. 311-6.

"A profecia é um dom/ sinal miraculoso associado aos apóstolos e, portanto, cessou quando os apóstolos morreram"

Não há dúvida de que os dons miraculosos estavam fortemente associados aos apóstolos e que milagres realmente confirmavam a verdade da mensagem transmitida por aqueles homens. Na verdade, a maioria dos milagres notáveis do livro de Atos ocorreu por meio dos apóstolos.

Contudo, outros fatos precisam ser considerados.

a) Quase tudo no livro de Atos (incluindo a evangelização e a fundação de igrejas) está fortemente ligado aos apóstolos. Isso não nos diz nada sobre a possibilidade de outros milagres terem acontecido por meio de *outros* cristãos para confirmar a verdade do Evangelho que estavam proclamando ou para servir a algum outro propósito (edificação dos crentes, ministração de misericórdia aos doentes etc.) por toda a história da igreja. O fato de os milagres terem sido realizados em sua maioria pelos apóstolos *não* nos diz que não poderiam ter sido realizados também por outros crentes.

b) Está claro que nem todos os milagres da igreja do NT foram realizados pelos apóstolos. A passagem de Tiago 5.14,15 indica que Tiago esperava que casos de cura ocorressem pela atuação dos "presbíteros da igreja" e não apenas por meio dos apóstolos. Vemos também que Gálatas 3.5 deixa implícito que Cristo era aquele que sempre esteve presente por meio do Espírito Santo operando milagres entre as igrejas da Galácia, mesmo que o apóstolo Paulo não estivesse. Filipe e Estêvão, que não eram apóstolos, também realizaram milagres (At 6.8,15; 7.55,56; 8.7,13,39).

c) Independentemente do que possamos pensar sobre a restrição de alguns dons "miraculosos" ou "sinais" aos apóstolos, o dom de profecia simplesmente não pode se encaixar nessa categoria. O NT evidencia *claramente* que o dom de profecia não estava restrito aos apóstolos, mas era usado por crentes comuns

em Corinto (1Co 12—14), em Antioquia (At 11.28; 13.1; 15.32), em Tiro (At 21.4), na Cesaréia (At 21.9, 10, 11), em Jerusalém (At 11.28; 21.10), em Tessalônica (1Ts 5.19-21), talvez em Éfeso (v. At 19.6; Ef 4.11) e provavelmente em muitas outras cidades (At 20.23; note que Ef 4.11 e At 2.17,18 não falam especificamente de uma igreja local, mas da igreja em geral).

Desse modo, a *profecia* não estava restrita ou limitada aos apóstolos nem deveria ser considerada um tipo único de "sinal/dom" usado somente pelos apóstolos. Fora concedida para uso e benefício de toda a igreja.

"É fato histórico que a profecia cessou no início da história da igreja"

a) Primeiramente, devemos nos opor pelo fato de a premissa afirmada acima ser bastante duvidosa em termos de fundamentação histórica.[13] Pessoas afirmaram ser profetas ou profetiza-

[13]A visão de que os milagres cessaram no início da história da igreja é abordada em detalhes por Benjamin B. Warfield, *Miracles*: yesterday and today, true and false (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), inicialmente publicado como *Counterfeit miracles*, 1918. Deve-se notar que o argumento de Warfield, embora freqüentemente citado, é, na verdade, uma pesquisa histórica, e não uma análise de textos bíblicos. Além disso, o propósito de Warfield não é refutar qualquer uso de dons espirituais entre cristãos, como os que pertencem ao movimento carismático de hoje, cuja doutrina (sempre diferente da dos dons espirituais) e afiliação eclesiástica os coloca na corrente principal do protestantismo evangélico. Em vez disso, Warfield refuta as afirmações espúrias de milagres provenientes de algumas alas do catolicismo romano nos vários períodos da história da igreja a partir de várias seitas heréticas. Pode-se então questionar se os cessacionistas atuais estão certos em invocar o apoio de Warfield quando se opõem a algo tão diferente daquilo a que o próprio Warfield se opõe.

A posição de Warfield também sofre críticas de historiadores evangélicos. V. Max Turner, Spiritual gifts then and now, p. 41-3, com referências a outras obras; Donald Bridge, *Signs and wonders today* (Downers Grove: InterVarsity, 1985) p. 166-77; Ronald A. Kydd, *Charismatic gifts in the Early Church* (Peabody: Hendrickson, 1984).

ram por toda a história da igreja primitiva. O problema era que, com muita freqüência, eles não interpretavam corretamente seu dom ou os demais não o compreendiam, de modo que suas manifestações eram (erroneamente) tratadas como infalíveis palavras de Deus. Às vezes, eram toleradas, em alguma ocasiões eram consideradas ameaça à liderança estabelecida e começaram a criar muitos grupos dissidentes — tragicamente, não mais debaixo da autoridade restritiva e avaliatória da igreja estabelecida.

Também pode ter acontecido que alguns tenham recebido "revelações" que não foram expressas ou simplesmente foram incluídas em uma oração, em num sermão, em uma palavra de exortação ou na letra de um hino — ou sem qualquer comentário ou atribuição de autoria ao Espírito Santo.

Com relação ao primeiro ponto, cabe um comentário adicional. Se assumirmos que este estudo está correto ao ver a profecia congregacional do NT baseada na "revelação" do Espírito Santo, embora não possuindo a autoridade das infalíveis palavras de Deus, ainda é preciso admitir que tal compreensão da profecia pode ser facilmente distorcida ou esquecida. Seria, em alguns momentos, muito fácil para o profeta cristão, quer pelo bem, quer pelo mal, começar a afirmar não apenas que recebeu uma "revelação" de Deus ou de Cristo, mas que fala com autoridade divina absoluta. De fato, aparentemente foi o que aconteceu, pelo menos no montanismo e provavelmente em muitos outros casos. Naturalmente, se alguns profetas começaram a promover idéias heréticas, a reação da igreja foi de afastá-los. Alguém que afirme autoridade divina absoluta acabará sendo rejeitado ou aceito; não é possível ser meramente tolerado.

Contudo, juntamente com a rejeição aos profetas que não interpretaram corretamente sua posição, talvez houvesse a rejeição conjunta ao dom de profecia, de modo que a falha da

igreja em entender a natureza do dom de profecia pode ter sido a causa da supressão completa e injusta, pelo menos da expressão pública do dom de profecia na igreja. Essa explicação é apenas uma sugestão e não a estou oferecendo aqui como resultado da investigação de evidências históricas necessárias para confirmá-la ou negá-la.

b) Em segundo lugar, é preciso esclarecer que não estou sugerindo que Paulo estava expressando em 1Coríntios 13 uma opinião sobre a relativa freqüência da profecia na história da igreja. Isso poderia variar muito em função da maturidade espiritual e da vitalidade da igreja em cada período, do grau de interesse da profecia como bênção ou em sua rejeição como heresia, da freqüência com que eram abertos espaços no culto para que se exercesse esse dom e do correto entendimento da profecia do NT por parte da igreja.

Contudo, o que Paulo está afirmando aqui é a total e definitiva supressão da profecia que acontecerá por iniciativa divina na volta de Cristo. Ele diz acreditar que, até o momento da volta de Cristo, o dom de profecia estará disponível para uso até determinado ponto e que Deus continuará dando às pessoas as revelações que tornam a profecia possível.

Em uma referência particular à profecia, Calvino (*Comentário sobre 1Coríntios*, p. 436) destaca o grande número de dons espirituais nos dias de Paulo e faz o seguinte comentário (sobre 1Co 14.32):

> Hoje vemos os nossos próprios recursos reduzidos, na verdade nossa própria; mas este é indubitavelmente o castigo que merecemos, o salário de nossa ingratidão. Pois as riquezas de Deus não se exauriram nem sua liberalidade se arrefeceu; porém não somos dignos de suas dádivas nem capazes de receber tudo o que sua generosidade tem para distribuir.

A RELAÇÃO ENTRE O DOM DE PROFECIA E AS ESCRITURAS

Em complemento à interpretação de 1Coríntios 13.8-13, há outra preocupação no que se refere à questão de a profecia ainda poder ser usada na igreja. É a relação entre a profecia congregacional do NT e as Escrituras.

A continuidade das profecias desafia a suficiência das Escrituras ou do cânon concluído?

Os defensores do cessacionismo argumentam que, uma vez que o último livro do NT foi escrito (provavelmente o livro de Apocalipse, c. 90 d.C.), então não era necessário mais haver "palavras de Deus" faladas ou escritas na igreja. *A Escritura* estava completa e era a fonte suficiente das palavras de Deus para seu povo; adicionar qualquer palavra a partir da continuidade das declarações proféticas seria, com efeito, tanto adicionar coisas à Escritura quanto competir com ela. Em ambos os casos, a suficiência das Escrituras seria desafiada, o que, na prática, esbarraria na autoridade que possuem sobre nossa vida.

Se a profecia congregacional do NT fosse igual à profecia do AT e às palavras apostólicas em termos de autoridade, então a objeção cessacionista seria verdadeira. Se os profetas de hoje, por exemplo, falassem palavras que aceitassemos como palavras infalíveis de Deus, então essas palavras *teriam* a mesma autoridade das Escrituras, e *seríamos* obrigados a adicioná-las à Bíblia toda vez que as ouvíssemos. Mas se estamos convencidos de que Deus encerrou as Escrituras com o livro do Apocalipse, então precisamos afirmar que *esse* tipo de discurso, que declara as palavras infalíveis de Deus, não pode acontecer hoje. Qualquer afirmação de nova Escritura ou novas palavras de Deus deve ser rejeitada como falsa.

Essa questão é bastante importante, pois a afirmação de que a profecia do NT tinha qualidade igual à das Escrituras é a base

de talvez todo o argumento cessacionista. Contudo, deve-se notar que os próprios renovados aparentemente não vêem a profecia dessa maneira. George Mallone diz: "Até onde sei, nenhum não-cessacionista das correntes principais do cristianismo afirma que a revelação de hoje seja igual às Escrituras".[14] Talvez fosse bom que os que argumentam contra a continuidade da profecia dessem ouvidos aos porta-vozes renovados mais responsáveis, simplesmente para serem capazes de responder ao que os renovados *realmente acreditam* (mesmo que isso nem sempre seja expresso de maneira teologicamente precisa) em vez de a algo que os cessacionistas dizem que os renovados acreditam ou deveriam acreditar.

Além do mais, à parte da questão das práticas ou crenças atuais, vimos nos capítulos 3 e 4 que a profecia congregacional comum às igrejas do NT *não tinha* a mesma autoridade das Escrituras. Não eram pronunciadas como palavras infalíveis de Deus, mas, ao contrário, como expressão puramente humana. Pelo fato de possuir esse caráter, não há razão para pensarmos que não poderia continuar na igreja até o momento da volta de Cristo. A profecia não ameaça nem compete com as Escrituras em termos de autoridade, mas está sujeita às Escrituras, assim como ao julgamento maduro da congregação.

Além do mais, as funções do ensino apostólico e da profecia congregacional são coisas diferentes. A visão cessacionista se apóia na suposição de que a função da profecia era orientar a igreja até que tal orientação pudesse ser extraída da coleção dos escritos apostólicos. Porém, pelos exemplos da profecia do NT que analisamos nos capítulos de 5 a 8, fica evidente que a função da profecia congregacional freqüentemente era fornecer informação localizada e bastante específica, necessária à edificação da igreja e obtida por meio da revelação do Espírito Santo. O

[14]Org., *Those controversial gifts*, Downers Grove: InterVarsity, 1983, p. 21.

acesso a ensinamentos doutrinários de maior importância contidos nos escritos apostólicos não faria com que esse tipo de profecia se tornasse obsoleto ou inútil.

A questão da orientação

Contudo, surge outra preocupação. Pode-se afirmar que até mesmo quem usa o dom de profecia hoje *diz* que ele não é igual às Escrituras em autoridade, mas funciona na vida das pessoas competindo ou até mesmo substituindo as Escrituras ao dar orientação referente à vontade de Deus. Assim, diz-se que a profecia desafia a doutrina da suficiência das Escrituras em termos de orientação.

Devemos admitir que muitos erros foram cometidos durante a história da igreja. John MacArthur, por exemplo, destaca que a idéia de revelações adicionais foi a raiz de muitos movimentos heréticos na igreja.[15]

Contudo, aqui está a pergunta que se deve fazer: Os abusos são *necessários* para o funcionamento do dom de profecia? Se defendemos a idéia de que erros e abusos com relação a um dom ou função tornam esse dom ou função inválidos, então teríamos de rejeitar o ensinamento bíblico (pois muitos professores de Bíblia ensinaram erros, dando origem a seitas), bem como a administração eclesiástica e os ofícios (pois muitos líderes da igreja promoveram divisões na igreja ou abusaram dos privilégios de seu ofício). O *abuso* de um dom não implica proibição do *uso correto* desse dom, a não ser que seja demonstrado que não há possibilidade de utilizá-lo corretamente — ou seja, que qualquer uso seja, na verdade, abuso.

Além disso, especificamente no que diz respeito à orientação, é bom notar a cautela de muitos no movimento renovado

[15]*Os carismáticos*: um panorama doutrinário, São Paulo: Fiel, 1988, caps. 2—6.

com relação ao uso da profecia para obter orientação específica. Várias citações ilustram esse ponto.

Don Basham:

> Pessoalmente, sinto-me mais confortável com profecias que não predizem nem oferecem orientação, uma vez que tenho consciência dos tremendos perigos inerentes a tais mensagens [...] Creio que Deus é bastante econômico no uso delas. Minha experiência tem sido de que tenho ouvido oito ou dez vezes mais predições erradas do que profecias válidas [...]
>
> Qual deveria ser nossa reação quando alguém profetiza sobre nós? Se a profecia contém predições ou orientação, não devemos rejeitar nem aceitar. Em vez disso, devemos colocar as palavras em nosso "arquivo de pendências", orando e confiando no Senhor para confirmar aquela palavra pela boca de pelo menos duas outras testemunhas, para saber se realmente é do Senhor. *Jamais* devemos agir apressadamente baseados na profecia que inclua predição ou orientação, independentemente de quão inspirada possa parecer.[16]

Michael Harper:

> Profecias que dizem o que outras pessoas devem fazer devem ser recebidas com grande desconfiança.[17]

Dennis e Rita Bennett:

> Também devemos ser cuidadosos com relação às profecias pessoais que dão orientações, especialmente fora do ministério de um homem maduro e submisso a Deus. A presença irrestrita de "profecia pessoal" fez muito para arruinar o movimento do Espírito Santo que começou na virada do século [XX] [...] Os cristãos certamente têm palavras a dar uns aos outros "no Senhor" [...] e

[16]Questions and answers, *New Wine* 9:1, Jan. 1977, p. 29. (Toda edição desse famoso jornal carismático é dedicada a artigos sobre o dom de profecia.)

[17]*Prophecy*: a gift for the body of Christ, Plainfield: Logos, 1964, p. 26.

tais palavras podem ser de grande refrigério e utilidade, mas deve haver o testemunho do Espírito por parte da pessoa que recebe as palavras, e extrema cautela deve ser usada ao se receber qualquer profecia alegadamente diretiva ou preditiva. Nunca dê início a qualquer projeto simplesmente porque você ouviu isso em uma suposta declaração profética, em uma interpretação de línguas ou por uma suposta palavra de sabedoria ou de conhecimento. Nunca faça nada simplesmente porque um amigo chegou até você e disse: "O Senhor me disse para falar a você para fazer isso e isso". Se o Senhor tem instruções para você, ele dará evidências em seu coração o que, no caso de as palavras terem vindo da boca de um amigo, [...] será confirmação do que Deus *já está mostrando* a você. Sua orientação também deve estar de acordo com as Escrituras...[18]

Donald Gee:

[Existem] graves problemas sendo levantados pelo hábito de dar e receber "mensagens" pessoais de orientação por meio dos dons do Espírito [...] A Bíblia dá lugar para tal direção vinda do Espírito Santo [...] Tudo isso, porém, deve ser mantido na devida proporção. O exame das Escrituras mostrará que, de fato, os primeiros cristãos não recebiam continuamente tais vozes do céu. Na maioria dos casos, eles tomavam suas decisões pelo uso do que normalmente chamamos "senso comum santificado" e viviam normalmente. Muitos de nossos erros na área dos dons espirituais surgem quando queremos que o extraordinário e o excepcional sejam transformados no freqüente e no habitual. Que todos os que desenvolvem desejo excessivo pelas "mensagens" possam aprender com os enormes desastres de gerações passadas e com nossos contemporâneos [...] As Sagradas Escrituras é que são a

[18]*The Holy Spirit and you*, Eastbourne: Kingsway, Plainfield: Logos, 1971, p. 107.

lâmpada que ilumina nossos passos e a luz que clareia o nosso caminho.[19]

Donald Bridge:

"Iluminação" é uma palavra, com vários séculos de idade, que descreve algo que de forma alguma é novo [...] É a pretensão de transmitir relações pessoais de Deus que transcendem as experiências "comuns" da oração disciplinada e do estudo bíblico [...] O iluminista em geral acha que "Deus disse" que ele deveria fazer certas coisas [...] Os iluministas normalmente são muito sinceros, muito dedicados, e seu compromisso em obedecer a Deus envergonha até os cristãos mais cautelosos. Todavia, seguem por uma trilha perigosa. Seus ancestrais já caminharam por ali antes e sempre com resultados desastrosos em longo prazo. Sentimentos interiores e orientações especiais são subjetivos em sua natureza. Se a Bíblia fornece orientação objetiva.[20]

Donald Bridge e David Phypers:

Qualquer tentativa de dar instruções específicas a um grupo, como um todo, ou às pessoas que o compõem, à guisa de profecia, deve ser vigorosamente desencorajada pelos líderes da reunião em função dos problemas que quase invariavelmente se levantam como resultado [...] Em nossa experiência, enquanto as profecias ministram, às vezes, de maneira bastante direta às necessidades de indivíduos, os cristãos que profetizam nunca estão pessoalmente informados das necessidades, e cada profecia é sempre expressa em termos gerais, perfeitamente aceitáveis a todo o ajuntamento. A utilidade da profecia só é percebida posteriormente, quando o cristão que a recebeu testifica sua utilidade.[21]

[19]*Spiritual gifts in the work of ministry today*, Springfield: Gospel Publishing House, 1963, p. 51-2.

[20]*Signs and wonders today*, p. 183.

[21]*Spiritual gifts and the church*, Downers Grove: InterVarsity, 1973, p. 64.

Essas citações revelam cautela e hesitação quanto a receber orientação através da profecia. Indicam a consciência presente entre muitos membros do movimento renovado de que a função primária da profecia não é orientação ou predição, mas "edificação, encorajamento e consolação dos homens" (ICo 14.3; v. cap. 7 deste livro), conforme o Espírito Santo traz à mente coisas que, por si mesmas, podem parecer bastante comuns e raramente extraordinárias ou dramáticas, mas que satisfazem necessidades específicas do momento na congregação, "vivificam" ou provocam efeitos incomuns no coração do povo de Deus por meio do mesmo Espírito Santo.

No entanto, mesmo entre os cessacionistas "reformados", há uma disposição de admitir algum tipo de continuidade da "iluminação" por parte do Espírito Santo na vida dos crentes. Richard Gaffin, por exemplo, diz:

> É comum, também, que aquilo que é visto como profecia é, na verdade, uma aplicação espontânea das Escrituras provocada pelo Espírito Santo, mais ou menos como uma repentina percepção da posição que o ensinamento bíblico tem sobre uma situação ou um problema em particular. Todos os cristãos precisam estar abertos a essas obras mais espontâneas do Espírito.[22]

Robert Reymond define "iluminação" como "a capacitação que o Espírito Santo dá aos cristãos, geralmente no sentido de entender, relembrar ou aplicar os textos das Escrituras que eles já estudaram".[23]

Mas, se esses escritores fazem concessões à presente atividade do Espírito Santo na capacitação dos cristãos para entender,

[22]*Perspectives*, p. 120. Gaffin também deixa aberta a possibilidade de uma resposta oral não confiável a alguma coisa revelada pelo Espírito Santo (pelo menos na época do NT — v. p. 66, sobre At 21.4). Mas se alguém podia dar uma resposta oral não confiável a uma revelação na época do NT, não seria possível a mesma coisa hoje? Não seria o que está acontecendo com a profecia hoje?

[23]*Continuing revelations and miracles*, p. 28-9.

lembrar, aplicar ou compreender os ensinamentos das Escrituras, então parece não haver muita diferença, em princípio, entre o que eles dizem e o que fazem os participantes do movimento renovado (embora seja bem provável que haja diferenças com relação à forma exata sobre como a orientação funciona, ainda que isso não pareça estabelecer uma diferença tão grande entre a profecia e a orientação em geral, e particularmente a maneira pela qual a orientação vinda das Escrituras se relaciona com a orientação dada por um conselho, por um aviso, pela consciência, pelas circunstâncias, por um sermão etc.). A questão principal é que o que Gaffin e Reymond denominam "iluminação" parece ser o que o NT chama "revelação"; o que eles chamam "relatório oral de tal iluminação" parece ser o que o NT chama "profecia".

Desse modo, fico pensando se pode haver espaço para mais reflexões teológicas em conjunto nessa área. Os renovados precisariam perceber que os cessacionistas são céticos quanto ao escopo e a freqüência de tal "iluminação", se é correto chamar isso de profecia do NT, se isso realmente tem valor para a igreja e se estão certos em buscá-la. Os cessacionistas teriam de perceber que sua doutrina desenvolvida e cuidadosamente formulada quanto à suficiência das Escrituras na orientação aos crentes não é comumente compartilhada ou até mesmo compreendida por grandes segmentos da igreja, incluindo os que participam do movimento renovado. Todavia, talvez a idéia reformada de "iluminação" não esteja longe do que acontece com a profecia hoje e talvez possa criar uma categoria na qual não seja vista como desafio à suficiência das Escrituras.

Com o objetivo de determinar outro modelo de comparação, é bom atentar para a conclusão de Donald Bridge:

> Que autoridade contêm as profecias? A mesma autoridade de qualquer outra atividade cristã na igreja, tal como liderança, aconselhamento, ensino [...] Se isso for verdade, então se provará como verdadeiro. Os mais espirituais reagirão de maneira

cordial. Líderes sábios e estabelecidos irão aprová-la e confirmá-la. A consciência iluminada irá abraçá-la.[24]

Quando essa perspectiva sobre a orientação contida na profecia é unida às muitas evidências bíblicas que temos visto referentes à natureza da autoridade não-divina da profecia no NT, parece não haver razão para objeções à continuidade de seu uso nos dias de hoje.

Assim, no contexto maior do relacionamento entre o dom de profecia e as Escrituras, não temos razões para achar que a profecia tenha cessado. Assim como funcionou simultaneamente com a presença dos apóstolos nas igrejas e não competiu ou desafiou a autoridade singular de sua liderança, do mesmo modo a profecia hoje pode existir e funcionar simultaneamente com a presença das Escrituras em nossas igrejas, sem desafiar ou competir com a singular autoridade de governo que ela — e somente ela — exerce sobre nossa vida.

DONS ESPIRITUAIS COMO CARACTERÍSTICA DO TEMPO DA NOVA ALIANÇA

É importante tecer outra consideração aqui. O NT indica muitas vezes que uma característica distintiva do tempo da Nova Aliança (o período entre o Pentecoste e a volta de Cristo, também chamado "era da igreja") é a posse de dons espirituais por todo o povo de Deus.

Portanto, uma vez que o período da Nova Aliança foi inaugurado no Pentecoste, o Espírito Santo é derramado com poder sobre a igreja, e um dos resultados disso é que o povo de Deus recebe dons como profecia, línguas e visões (At 2.1-21). Outro resultado é o poder especial para a proclamação do Evangelho (At 1.8; v. 2.37,47; 4.4 etc.).

Dons espirituais também caracterizam o recebimento do Espírito Santo por outras pessoas no NT, tal como os da casa de

[24]*Signs and wonders today*, p. 204.

Cornélio (At 10.46) os discípulos em Éfeso (At 19.6). Os coríntios tiveram a experiência característica da Nova Aliança por parte do Espírito Santo quando creram no Evangelho e "foram enriquecidos em tudo, isto é, em toda palavra e em todo conhecimento" (1Co 1.5). Como resultado, Paulo pôde dizer: "Não lhes falta nenhum dom espiritual, enquanto vocês esperam que o nosso Senhor Jesus Cristo seja revelado" (1Co 1.7). O fato é que Paulo disse que os cristãos são o "corpo de Cristo", todos com diferentes dons, dados para o bem comum (1Co 12.12-31). Isso é verdadeiro não apenas com relação à igreja de Corinto, mas também a todas as igrejas e a todos os cristãos de hoje: ser cristão da Nova Aliança é ser cristão espiritualmente dotado.

Paulo afirma a mesma verdade em Efésios, quando diz que Cristo, ao subir ao céu, "deu dons aos homens" (Ef 4.8) — dons que capacitam todo o corpo a trabalhar unido, de modo que quando "cada parte realiza a sua função", toda a igreja "cresce e edifica-se a si mesmo em amor" (Ef 4.16). Mais uma vez, a posse de vários dons espirituais para benefício de toda a igreja é *característica* do período do NT.

Se os apóstolos foram o fundamento da igreja e receberam autoridade única para escrever as Escrituras à igreja de todos os tempos, então é compreensível que o ofício de apóstolo não tivesse continuado além do primeiro século, quando o último apóstolo morreu. Na verdade, Paulo sugere ter sido o último a ser apontado como apóstolo (v. 1Co 15.8, no contexto da aparição pós-ressurreição aos apóstolos). Assim, *também* podemos dizer que o ofício de apóstolo não está mais presente na igreja ou (talvez mais corretamente) que o ofício de apóstolo foi substituído hoje pela presença dos *escritos dos apóstolos* (o NT) na igreja.

Mas não há razão para supor que qualquer outro dom tenha sido substituído dessa maneira. De fato, se os dons espirituais são *característicos* do período da Nova Aliança, então nossa expectativa deve ser de que uma igreja da Nova Aliança, em

seu funcionamento normal, continue a experimentar todos os dons mencionados no NT e que esses dons, característicos do período da igreja, continuem até o momento da volta do Senhor. Acaso não é correto esperar ver todos os dons do Espírito Santo presentes e atuantes na igreja em que Espírito Santo trabalha no poder da Nova Aliança?

RESUMO

Em 1Coríntios 13.8-13, Paulo diz aos coríntios que a profecia continuará até a volta de Cristo, mas não depois disso. Assim, é aceitável parafrasear 1Coríntios 13.10 da seguinte maneira: "Quando Cristo voltar, o dom de profecia cessará". Esse texto, juntamente com a natureza da profecia — as profecias não são iguais às Escrituras em autoridade, mas valiosas para a edificação da igreja — nos leva a concluir que o dom de profecia continuará a ser válido e estará disponível aos cristãos até a volta do Senhor.

APLICAÇÃO PARA HOJE

Uma vez que estamos conscientes de que a profecia é um dom apropriado a toda a era da igreja (do Pentecoste até a volta de Cristo), pensar de que maneira é nosso de ver encorajar seu uso em nossa vida e na igreja hoje. Se realmente é intenção de Deus que esse dom continue a ser usado na igreja, então o fato de não permitirmos ou encorajarmos seu uso pode resultar somente em nosso prejuízo espiritual. Se seguirmos as orientações das Escrituras e evitarmos abusos, sem dúvida, o uso da profecia trará bênçãos espirituais e vitalidade às nossas igrejas.

13 ENCORAJANDO E REGULAMENTANDO A PROFECIA NA IGREJA LOCAL

SE ESTE ESTUDO sobre o dom de profecia for convincente para alguns e se existe consenso de que suas conclusões são realmente o que a própria Bíblia ensina sobre o dom de profecia, então naturalmente surge a pergunta: que fazer com isso? Existem maneiras adequadas de encorajar o uso do dom de profecia na igreja local? E se esse dom for encorajado, de que maneira podemos regulamentar seu uso, de modo a evitar possíveis abusos?

Essa pergunta pode ser respondida de maneira diferente por dois grupos distintos: 1) cristãos de igrejas em que o dom de profecia não seja usado, mas o pastor e talvez outros líderes da igreja gostariam de encorajar seu uso; 2) cristãos de igrejas nas quais o dom de profecia já seja usado.

PARA IGREJAS QUE NÃO PRATICAM O DOM DE PROFECIA, MAS GOSTARIAM DE FAZÊ-LO

Escrevo a seguir sugestões pessoais que tais igrejas podem considerar úteis.

a) *Orar.* Ore seriamente, buscando a orientação e a sabedoria de Deus sobre como e quando abordar o assunto na igreja. Como qualquer nova proposta ou sugestão apresentada à igreja, o assunto de ser sensível ao tempo do Senhor e de obter sua bênção é de soberana importância. Se o tempo estiver correto e for precedido por oração, então Deus prepará o coração do povo com relação a esse assunto também.

b) *Ensinar.* O pastor e/ ou outros líderes da igreja podem ensinar sobre esse assunto nas reuniões destindas ao ensino bíblico. Isso pode ser feito nas manhãs ou nas tardes de domingo, nos estudos bíblicos durante a semana e nas reuniões de oração ou até mesmo na escola dominical. Naturalmente, a orientação deve estar totalmente baseada nas Escrituras e deve ser "pura [...] pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera" (Tg 3.17).

Seria bom, depois desse período de ensinamento, esperar várias semanas ou talvez meses até que o assunto seja "absorvido". É importante também dar oportunidade para ver se ele encontrou consenso no coração de um bom número, ou da maioria do povo de Deus, na congregação (se o ensinamento for fiel às Escrituras, deverá encontrar consenso — talvez não unânime, mas certamente significativo, especialmente nos que são maduros na Palavra).

c) *Vá devagar e seja paciente.* Pedro diz que os presbíteros da igreja não deve ser "dominadores" (1Pe 5.3), orientação que lembra aos líderes da igreja que eles não devem ser insistentes nem impor suas idéias à igreja por meio de pressão política ou psicológica ou até mesmo pela força de sua personalidade. Jesus nos diz: "Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança" (Mt 5.5), ensinamento que mais uma vez nos lembra que não devemos ser insistentes nem forçar nossas idéias a partir do que o Espírito Santo faz no coração das pessoas.

Uma vez que o assunto é novidade para muitas pessoas, a abordagem pastoral verdadeiramente gentil e paciente trará os resultados que o Senhor deseja, pois assim não irá assustar as pessoas nem aliená-las desnecessariamente.

d) *Use o dom de profecia tal como ele já funciona na igreja.* Dou essa sugestão tanto à equipe pastoral e aos líderes da igreja quanto a todos os cristãos preocupados com o dom de profecia. Pode parecer uma sugestão estranha, mas acho que pode ser bastante útil.

Talvez o dom de profecia já esteja funcionando de maneira parcial ou temporária na vida de alguma igreja ativa. Às vezes, por exemplo, durante as reuniões de oração, alguém tenha se sentido "conduzido" ou "despertado" de maneira incomum pelo Espírito Santo para orar por um assunto em particular — talvez alguma coisa que não estivesse presente em sua mente nos últimos dias, ou pelo menos não de maneira notável. Talvez aquela oração tenha provocado uma reação no coração dos presentes. Eu não hesitaria em dizer que isso parece ser o resultado de uma "revelação" do Espírito Santo, pela qual o assunto da oração e, talvez, vários outros aspectos específicos quanto à maneira de orar foram trazidos à mente pelo Espírito Santo pouco antes ou durante o momento em que a pessoa estava orando. Talvez o mesmo assunto tenha sido "revelado" pelo Espírito Santo a várias outras pessoas que também sentiram profunda necessidade de orar daquela maneira. Parece que seria correto dizer que isso seja um exemplo do dom de profecia funcionando já em nossa igreja, sem que o chamemos assim ou que estejamos conscientes do que exatamente está acontecendo.

Portanto, se alguém quiser encorajar o uso mais freqüênte do dom de profecia, uma maneira pela qual poderá fazer isso é ficar mais atento a qualquer orientação do Espírito Santo que

possa vir durante os momentos de oração em conjunto e, então, expressar essas orientações na forma de oração (ou de "oração profética") ao Senhor.

Outro exemplo pode ser encontrado na direção das reuniões da igreja que não são planejadas de maneira formal. Recentemente, enquanto orava com um grupo de cristãos com quem não havia me encontrado anteriormente, fiquei pensando em uma música em especial, cuja letra era baseada em um texto das Escrituras, e senti muita vontade de cantá-la. Antes de dizer qualquer coisa, uma das mulheres do grupo começou a cantar a mesma música e todos nos unimos a ela. Depois da reunião, outro homem no grupo mencionou que aquela canção estava em seu pensamento exatamente naquele instante. Vínhamos de diferentes situações, e eu, pelo menos, não ouvia aquela canção havia bastante tempo. Simplesmente compreendi que aquilo fora uma orientação do Espírito Santo na direção do nosso louvor.

Isso também pode acontecer quando os cristãos se reúnem mais informalmente, talvez nas reuniões de domingo ou em outros momentos, para cantar, ler as Escrituras e louvar ao Senhor. Pode ser que já tenham acontecido situações em que o Espírito Santo trouxe à mente de várias pessoas exatamente o mesmo hino ou a mesma passagem das Escrituras — tudo em torno do mesmo tema — ou até mesmo o senso comum do clima ou da direção da adoração que o Espírito Santo dava àquela reunião —, talvez a atitude de reverência e de silêncio diante do Senhor, de quebrantamento e de arrependimento pelo pecado, da intercessão feita sinceramente com relação a uma necessidade especial, da imensa alegria externada em ação de graças e em louvor. É esse tipo de sensibilidade à orientação do Espírito Santo que freqüentemente dá vitalidade aos cultos de adoração "não estruturados" dos Irmãos de Plymouth, por exemplo, nos quais todos os presentes sentem

que o Espírito Santo trabalha entre seu povo de maneira perceptível.

Mais uma vez, os que desejam ver o aumento no uso do dom de profecia na igreja local poderiam simplesmente encorajar o povo a estar aberto e ser sensível a qualquer orientação do Espírito Santo em momentos "não estruturados" de adoração. Ainda que as respostas a tais orientações do Espírito Santo não sejam chamadas "profecias", o resultado, em benefício da igreja, será bastante similar e positivo.

Outro exemplo dos modos de que o dom de profecia provavelmente já esteja funcionando em muitas igrejas pode ser detectado no sermão do culto dominical. Se em determinados momentos o pastor se afasta do esboço preparado e gasta alguns minutos em alguma coisa que ele considera ter o Senhor colocado fortemente em seus pensamentos, pouco antes ou no exato momento em que estava falando, então, mais uma vez, parece que o apóstolo Paulo ficaria muito feliz em chamar isso "revelação" do Espírito Santo, embora o pastor não considere isso profecia ou o chame por esse nome. Mas é assim que funciona o dom de profecia. Muitos pastores podem testemunhar que essas adições espontâneas às suas mensagens planejadas às vezes atendiam a uma necessidade específica, freqüentemente desconhecida por ele e pela congregação.

O pastor preocupado em ver o dom de profecia funcionando mais efetivamente em sua igreja deve criar o hábito de cultivar o espírito de oração e de dependência consciente do Senhor antes e enquanto estiver pregando (o que, sem dúvida, será bom de qualquer maneira!) e, se o Espírito Santo, de tempos em tempos, lhe trouxer à mente algo doutrinariamente consistente com as Escrituras e que possa ser dito para a edificação da igreja, então poderá ir adiante e adicioná-lo ao que estiver dizendo.

Contudo, há um perigo aqui. O que o pastor normalmente deve fazer nas reuniões de domingo não é *profetizar* (pois não podemos prever quando o Espírito Santo irá revelar algo), mas *ensinar*. É expectativa da congregação que ele *ensine*, e o NT entende tal ensinamento com base nas Escrituras. É bom salientar que o processo de ensinar as Escrituras é quase sempre mais eficiente quando existe *preparação*. Não se preparar para esse momento (quando se tem oportunidade e tempo para isso) não é ser mais espiritual; é simplesmente ser relaxado. É submeter a congregação a pensamentos mal organizados e desconexos que poderiam ter sido comunicados na metade do tempo e com duas vezes mais eficácia se o pastor tivesse separado um tempo para se preparar.

Assim, se o pastor não se prepara para ensinar, mas diz "confiar no Senhor" para que este traga alguma coisa à sua mente, então, em minha opinião, ele está tentando *forçar* o Senhor a revelar-lhe algo. Mas esse é simplesmente outro exemplo de "pôr o Senhor à prova", coisa que Jesus claramente proibiu em Lucas 4.12: "Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus". Se você está no ponto mais alto do templo, descer de lá pela escada é o meio comum que Deus lhe proveu. Pular e esperar que Deus realize um milagre para salvá-lo é "pôr o Senhor à prova". De maneira similar, se o pastor deve ensinar, o ato de dispensar tempo na preparação é usar os *meios* comuns que Deus lhe dá. Mas subir ao púlpito sem preparar a mensagem é como pular do ponto mais alto do templo. Isso envolve a recusa de usar os meios comuns que Deus disponibiliza ou a exigência de que ele forneça algum tipo de revelação extraordinária para resgatá-lo de seu problema.

Assim, embora seja correto sermos sensíveis às orientações vindas do Senhor, se elas realmente vierem, jamais de-

vemos permitir que ocupem o lugar da preparação adequada para a solene responsabilidade de ensinar as Escrituras à congregação.

A quarta maneira pela qual o dom de profecia pode ser usado sem realmente ser chamado "profecia" é nos momentos ocasionais de conversa ou aconselhamento pessoal, quando parece que o Senhor traz algo à nossa mente de forma clara e forte. Mais uma vez, se essa aparente revelação é consistente com as Escrituras e se parece adequado citá-la na conversa, então isso poderá ser feito. Se for realmente do Senhor, ele a usará da maneira que lhe parecer apropriada.

e) Finalmente, se os quatro passos anteriores forem seguidos e aceitos pela igreja, e se a congregação e sua liderança os aceitarem, *crie oportunidades para o uso do dom de profecia nas reuniões de adoração menos formais.*

Para que o dom de profecia seja usado como Paulo orienta em 1Coríntios 14, é preciso haver um tempo no qual a igreja esteja reunida de maneira bem menos formal que nos cultos dominicais. A maioria dos cultos de domingo não dá oportunidade às contribuições individuais espontâneas. Portanto, o dom de profecia, não parece apropriado para essas situações (a não ser que a igreja decida mudar o formato dos cultos). É bem possível que a igreja decida manter o culto de domingo com um aspecto mais formal, no qual os visitantes possam chegar e encontrar uma programação até certo ponto previsível, com momentos mais claramente definidos de início e fim. Acho que a decisão deve ser tomada pela congregação e pode variar de acordo com o tamanho e o ambiente cultural da igreja.

Contudo, em outros momentos, os cristãos podem se reunir para momentos de adoração menos formais. Isso pode acontecer em reuniões no próprio domingo, no meio da semana ou em pequenos grupos familiares. Nessas situações, se os passos

anteriores tiverem sido seguidos e se já houve ensinamento sobre o uso do dom de profecia na igreja, então os líderes dessas reuniões poderão dar oportunidade para o uso do dom de profecia.

Uma explicação breve no começo da reunião poderá ser útil. O líder pode dizer que no momento de adoração haverá oportunidade de contribuições individuais espontâneas, talvez com relação à leitura das Escrituras, pedidos para cântico de hinos, pedidos de oração ou uma palavra de testemunho. Uma dessas contribuições pode ser uma "profecia", ou seja, o relato de alguma coisa que o Senhor trouxer à mente de alguém de maneira espontânea. Se o Espírito Santo quiser trabalhar em alguém dando-lhe alguma orientação ou uma "revelação", então será razoável comunicá-la ao grupo para a edificação de todos os presentes.

Naturalmente, o encarregado dos momentos de adoração desejará ter certeza de que tudo está sendo feito de forma ordeira e que edifique a todos os presentes. Também é importante dizer que toda profecia estará sujeita à avaliação do restante da congregação. Na verdade, o líder deverá encorajar qualquer um dos presentes a avaliar "cuidadosamente o que foi dito" (1Co 14.29) e colocar "à prova todas as coisas e [ficar] com o que é bom" (1Ts 5.21). Se entre os congregados estiverem homens que desejem fazer uma avaliação oral de qualquer profecia, deverão sentir-se livres para fazê-lo.

Seja qual for o caso, o líder deverá evitar qualquer senso desnecessário de tensão, rigidez ou formalidade que possa fazer com que isso pareça estranho ou incomum. Tal momento deve ser visto simplesmente como a maneira comum e normal pela qual o Senhor trabalha entre seu povo quando este se reúne em sua presença para adorá-lo!

Os profetas devem ser ensinados a não serem dramáticos (atraindo excessiva atenção para si mesmos, em vez de para o Senhor) nem frívolos ou irreverentes (de modo a que "tratem

com desprezo as profecias" — 1Ts 5.20). O povo deve ser instruído antecipadamente que não é adequado pensar na profecia como uma analogia dos profetas do AT. Portanto, não seria correto prefaciar o que disserem com a declaração "Assim diz o Senhor...".

Em vez disso, devem começar dizendo: "Acho que o Senhor está colocando em minha mente que..." ou; "Parece que o Senhor está nos mostrando..." ou algo equivalente a isso. Se for realmente uma revelação vinda do Senhor, até mesmo com um prefácio simples encontrará a confirmação no coração do povo do Deus e trará os resultados que o Senhor deseja.

Acima de tudo, é importante que o profeta tenha em mente uma atitude de amor que busque o bem dos que estão ouvindo, e não a fama, a reputação ou o prestígio de quem fala. Portanto, quem fala deve ter certeza de fazê-lo de modo que os outros possam entender, tendo em mente que o objetivo é a edificação dos que ouvem (1Co 14.26: "Tudo seja feito para a edificação").

Os líderes devem também continuamente lembrar a si mesmos as prescrições que Paulo faz em 1Coríntios 14 para a regulamentação do culto de adoração, especialmente:

a) Devem perguntar a si mesmos: "há *edificação* na igreja?" (v. 1Co 14.26).

b) Não devem deixar que nenhum dom ou pessoa domine o culto de adoração. Não deve haver muitas profecias e elas não devem ser longas. Essa orientação advém da afirmação de Paulo: "Se, porém, alguém falar em uma língua, devem falar dois, no máximo três ...". (1Co 14.27) — Esta imposição também é válida dos que estiverem profetizando: "Tratando-se de profetas, falem dois ou três ..." (1Co 14.29). Pessoas diferentes chegam com contribuições diferentes (1Co 14.26) e isso deve ser permitido, ainda que a pessoa que recebeu a revelação

não tenha permissão para falar. Paulo não parece preocupado com isso (v. 1Co 14.29, que limita os profetas a dois ou três, e 1Co 14.30, que diz que o primeiro profeta deve parar se alguém mais receber uma revelação).

c) Devem manter uma atmosfera de ordem (1Co 14.32,33,40) e demonstrar cortesia a todos — abrindo espaço para contribuições espontâneas e permitindo momentos de silêncio, em que todos, individualmente, possam ficar em expectativa diante do Senhor e orar a ele.

Finalmente, com relação às muitas questões práticas relativas ao dom de profecia, seria bom buscar a experiência prática e a sabedoria dos que participam de movimentos pentecostais ou renovados há longo tempo. Às vezes, nós, que estamos mais ou menos fora do movimento renovado, pensamos ser capazes de ver mais claramente os perigos e os abusos que podem advir do uso de dons, mas acho que a maioria dos não-renovados ficaria surpresa ao saber que quem *pertence ao* movimento renovado freqüentemente vê os problemas com igual ou maior clareza e discorre sobre eles de maneira bastante útil em seus livros.

Alguns livros que podem ser mencionados com relação a discussões práticas sobre o uso de profecia em geral. Podemos citar:

HARPER, Michael. *Prophecy*: a gift for the body of Christ. Plainfield: Logos, 1964.

YOCUM, Bruce. *Prophecy*. Ann Arbor: Word of Life, 1976.

GEE, Donald. *Spiritual gifts in the work of ministry today*. Springfield: Gospel Publishing House, 1963. (p. 40-62 tratam mais especificamente do dom de profecia.)

Com relação especificamente à área de avaliação das profecias, existem trechos valiosos nos livros a seguir.

MALLONE, George, org. *Those controversial gifts*. Downers Grove: InterVarsity, 1983, p. 41-7.

YOCUM, Bruce. *Prophecy*. Ann Arbor: Word of Life, 1976, p. 103-21.
BASHAM, Don. *A handbook on tongues, interpretation and prophecy*. Springdale: Whitaker Books, 1971, p.111-6.

Devo dizer que não concordo com tudo que esses escritores dizem. Percebi, por exemplo, que alguns deles definem profecia como "palavra de Deus para a situação presente". Isso está em discordância com a definição de profecia que defendo neste livro. Contudo, *na prática*, especialmente entre os mais maduros e responsáveis segmentos do movimento renovado, a profecia é *tratada* não exatamente como "palavra de Deus", mas de forma similar à que sugiro aqui: o relato de algo que Deus espontaneamente traz à mente. Pelo fato de a profecia ser tratada dessa maneira na prática, esses autores podem dar muitas sugestões úteis no campo prático.

PARA IGREJAS QUE JÁ USAM O DOM DE PROFECIA

Muito do que já foi dito também se aplica a essas igrejas, mas alguns lembretes e sugestões também são apropriados.

a) Lembre-se que as palavras preferidas em qualquer profecia hoje não são palavras infalíveis de Deus, mas simplesmente o relato humano, em palavras humanas, de algo que Deus trouxe à mente. Portanto, não encoraje as pessoas a achar que a profecia são realmente palavras de Deus, pois haverá pelo menos, implicitamente, um equívoco e confusão entre a autoridade das Escrituras e a autoridade da profecia. De modo gentil, ensine as pessoas e encoraje-as a não dizerem: "Assim diz o Senhor..." antes de relatar a profecia à igreja. Do mesmo modo, ninguém deve falar pelo Senhor na primeira pessoa, dando a impressão de que suas palavras têm autoridade divina absoluta.

b) Certifique-se de testar as profecias, de *avaliá-las* de acordo com as Escrituras e com tudo que você sabe ser ver-

dadeiro. Independentemente de quão madura a pessoa seja na vida cristã, da freqüência ou dos resultados poderosos alcançados por meio do dom de profecia, tal pessoa jamais estará livre da avaliação do povo de Deus reunido. A embaraçosa publicidade que Oral Roberts recebeu em 1987 poderia ter sido evitada, a meu ver, se esse princípio tivesse sido seguido. Creio que ele estava convencido de que Deus revelara o que ele faria se certa quantia de dinheiro não fosse levantada até o final de março de 1987. Se Roberts tivesse submetido a "revelação" a um grupo de conselheiros maduros, sem dúvida muitos a teriam avaliado como uma idéia contrária ao modo de Deus nos encorajar a contribuir — "não com pesar ou por obrigação", (2 Co 9.7) — e contrária à forma pela qual Deus trabalha conosco, conforme relatada nas Escrituras: Deus jamais manteria uma pessoa como refém até ela ser resgatada pela contribuição *voluntária (ou não tão voluntária assim) de outras pessoas.* A avaliação teria impedido esse erro e poderá impedir muitos outros.

c) Enfatize as *Escrituras* como fonte para ouvir a voz do Deus vivo. É nas Escrituras que Deus nos fala, hoje e por toda a nossa vida. Em vez de esperar que em cada culto de adoração o momento de maior destaque seja uma profecia vinda de Deus, os profetas precisam ser encorajados a encontrar o foco da alegria, do entusiasmo, de suas esperanças e de seu prazer nas Escrituras. Nelas, temos um tesouro de valor infinito: nosso Criador nos fala por meio de palavras que podemos entender.

Nas igrejas onde o dom de profecia é utilizado — e especialmente ali —, a ênfase deve estar no fato de que é nas Escrituras que devemos encontrar orientação para nossa vida. Nas Escrituras, encontramos nossa fonte de direção, nosso foco quando buscamos a vontade de Deus, nosso padrão suficiente e inteira-

mente confiável. É com relação à palavra de Deus nas Escrituras que podemos dizer com confiança: "A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho" (Sl 119.105).

14

Por que precisamos do dom de profecia hoje?

Toda essa discussão é realmente importante? Perderíamos alguma coisa se continuássemos como antes, negligenciando totalmente o dom de profecia em nossas igrejas?

Com o objetivo de responder a essa pergunta, devemos primeiramente lembrar o que a própria Escritura diz sobre a importância desse dom. O apóstolo Paulo valorizou-o tanto que disse aos coríntios: "Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, *principalmente o dom de profecia*" (1Co 14.1; grifo do autor). Então, no final de sua ministração sobre os dons espirituais, ele disse outra vez: "Portanto, meus irmãos, *busquem com dedicação o profetizar*" (1Co 14.39; grifo do autor) e "quem profetiza edifica a igreja" (1Co 14.4).

Agora, devemos fazer a nós mesmos uma pergunta bastante difícil: se Paulo queria tanto que o dom de profecia funcionasse em Corinto, igreja perturbada por imaturidade, egoísmo, divisões e outros problemas, então, não deveríamos nós também estar desejosos de que esse dom funcionasse em nossas igrejas hoje? Se somos cristãos — especialmente cristãos que professam

acreditar e obedecer a tudo que as Escrituras dizem — não deveríamos também acreditar e obedecer a essas afirmações sobre o dom de profecia?

Porém, em adição a essas afirmações diretamente retiradas das Escrituras, obteríamos algum benefício se permitíssemos que o dom de profecia funcionasse nelas? Creio que esses benefícios realmente existem.

Primeiramente, se o argumento apresentado aqui está correto, negligenciar a profecia é desobedecer às Escrituras. Isso é razão suficiente para sabermos que haverá conseqüências negativas para nossas igrejas — pelo menos, a falta da bênção completa que seria nossa se fôssemos obedientes.

Em segundo lugar, se usarmos esse dom, ele indubitavelmente adicionará um elemento de proximidade a Deus e de sensibilidade às suas orientações em nossa caminhada diária. É possível que alguns tenham objeções, considerando que isso seja simplesmente "muito subjetivo" — eles podem afirmar que precisamos ser "mais objetivos" na vida cristã diária. A ênfase na subjetividade, poderiam dizer, simplesmente nos levaria ao erro doutrinário, à orientação ética enganosa e à negligência da orientação das Escrituras para nossa vida.

Mas é muito provável que os que fazem tais objeções sejam exatamente os que precisam desse processo "subjetivo" em sua vida! Eles são os que possuem a *menor* aparência de serem levados ao erro, pois já colocaram grande ênfase no fundamento sólido da Palavra de Deus. Mesmo assim, necessitam justamente desse dom, pois, a vida deles pode ter se tornado intelectualizada demais, e o foco doutrinário, excessivamente estreito. Mas esse dom não pode ser forçado por argumentos intelectuais ou investigações doutrinárias. Em vez disso, exige um tipo diferente de atividade: esperar no Senhor e ouvir sua voz e suas orientações no coração.

Em outras palavras, para os cristãos evangélicos, teologicamente ortodoxos, doutrinariamente maduros, intelectualmen-

te bem-informados e biblicamente instruídos, provavelmente o mais importante é a forte influência do equilíbrio do relacionamento vital mais "subjetivo" com o Senhor na vida diária. Preciso dizer isso pessoalmente, pelo fato de trabalhar com as Escrituras a partir de uma perspectiva acadêmica todos os dias e freqüentemente sinto sua necessidade em minha vida.

Em terceiro lugar, estou convencido de que, se o dom de profecia for permitido, pelo menos em algumas reuniões da igreja, ele adicionará rica medida de vitalidade à adoração e acrescentará o senso de reverência que experimentamos ao ver Deus trabalhando nesse momento e lugar, o impressionante senso de reverência que faz com que exclamemos: "Deus realmente está aqui".

Esses são, portanto, os benefícios que podem ser concedidos à igreja. Existem possibilidades de erro e abuso, como com qualquer outro dom (pense no ensino e na administração, por exemplo). Mas as possibilidades de abuso podem ser evitadas pelo ensinamento cuidadoso e pela regulamentação do dom de acordo com os princípios ensinados nas Escrituras. O potencial de benefício para a igreja — e para nossa vida espiritual — é bastante significativo.

Apêndice A

O OFÍCIO DE APÓSTOLO

No capítulo 2, abordamos a questão da autoridade dos apóstolos. Chegamos à conclusão de que os apóstolos falavam e escreviam palavras com autoridade divina absoluta — "palavras do Senhor". Pelo fato de as palavras escritas pelos apóstolos serem palavras de Deus, muitas delas se tornaram parte do NT que temos hoje.

Mas quem exatamente eram os apóstolos? Quantos apóstolos havia? Quais eram os requisitos para ser apóstolo? Existem apóstolos hoje?

Logo de início, é preciso deixar claro que as respostas a essas perguntas dependem do significado da palavra "apóstolo". Hoje, algumas pessoas usam a palavra "apóstolo" em sentido bastante amplo, referindo-se a eles como eficientes plantadores de igreja ou como um importante pioneiro no trabalho missionário (p. ex. "William Carey foi o apóstolo da Índia"). Se usarmos a palavra "apóstolo" nesse sentido, naturalmente qualquer um concordaria em que ainda existem apóstolos hoje, pois certamente ainda existem missionários e plantadores de igreja trabalhando em nossos dias.[1]

[1]Também existe um sentido geral para a palavra grega *apostolos* ("apóstolo"), significando simplesmente "mensageiro" ou "aquele que é enviado". O termo grego é usado nesse sentido em três ocasiões no NT: Jo 13.16; 2Co 8.23 e Fp 2.25. Mas essas passagens não mencionam o ofício de "apóstolo de Jesus Cristo", que é o sentido mais aceito no NT.

Mas existe outro sentido para a palavra "apóstolo". No NT, a palavra normalmente se refere a um ofício em especial, "o apóstolo de Jesus Cristo". Nesse sentido mais restrito, não há mais apóstolos hoje e não devemos esperar que surjam outros. Isso é devido ao que o NT diz sobre as qualificações para ser apóstolo e sobre quem eles eram.

QUALIFICAÇÕES DE UM APÓSTOLO

As duas qualificações para ser apóstolo eram: 1) ter visto Jesus depois de sua ressurreição com os próprios olhos (ou seja, ter sido "testemunha ocular da ressurreição") e 2) ter sido especificamente comissionado por Cristo.[2]

O fato de o apóstolo precisar ter visto o Senhor ressurreto com os próprios olhos é indicado em Atos 1.22, onde Pedro disse que o substituto de Judas deveria ser "conosco *testemunha de sua ressurreição*". Além disso, foi "aos apóstolos que havia escolhido" que Jesus "apresentou-se" e "deu-lhes muitas provas indiscutíveis de que estava vivo" (At 1.2,3; v. At 4.33).

Paulo enfatiza o fato de ele ter *realmente* cumprido esses requisitos, embora isso tivesse acontecido de maneira incomum (Cristo apareceu a ele numa visão na estrada de Damasco e nomeou-o apóstolo: At 9.5,6; 26.15-18). Assim, ao defender seu apostolado, perguntou: "Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?" (1Co 9.1). Quando relaciona as pessoas a quem Cristo apareceu depois da ressurreição, Paulo diz: "Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora de tempo.

[2]Essas duas qualificações são discutidas em detalhes no estudo clássico de J. B. Lightfoot, The name and office of an Apostle, em seu comentário *The epistle of St. Paul to the Galatians* (de 1865, reimpr., Grand Rapids: Zondervan, 1957), p. 92-101; v. tb. K. H. Rengstorf, Apostolos, *TDNT* I, p. 398-447.

Pois sou o menor dos apóstolos e nem sequer mereço ser chamado apóstolo" (1Co 15.7-9).

Esses versículos indicam que só poderia ser apóstolo alguém tivesse visto, com os próprios olhos, Jesus depois da ressurreição.

A segunda qualificação — ter sido indicado especificamente por Cristo — também é evidente com base em diversos versículos. Primeiramente, embora o termo "apóstolo" não seja comum nos evangelhos, os doze são chamados "apóstolos" no contexto em que Jesus comissiona, ou seja "envia" os discípulos para pregar em seu nome:

> Chamando seus doze discípulos, deu-lhes autoridade para expulsar espíritos imundos e curar todas as doenças e enfermidades. Estes são os nomes dos doze apóstolos [...] Jesus enviou os doze com as seguintes instruções: "[...] Por onde forem, preguem esta mensagem: O Reino dos céus está próximo" (Mt 10.1,2,5,7).

De maneira similar, Jesus comissionou seus apóstolos um sentido especial, para serem suas "testemunhas [...] até os confins da terra". Ao escolher outro apóstolo para substituir Judas, os onze não tomaram para si a responsabilidade, mas oraram e pediram a Cristo que fizesse a indicação:

> "Senhor, tu conheces o coração de todos. Mostra-nos qual destes dois tens escolhido para assumir este ministério apostólico que Judas abandonou [...]". Então tiraram sortes, e a sorte caiu sobre Matias; assim, ele foi acrescentado aos onze apóstolos (At 1.24-26).

O próprio Paulo insiste em que Cristo apontou-o pessoalmente como apóstolo. Ele conta de que maneira Jesus lhe disse, na estrada de Damasco, que o estava nomeando como um apóstolo aos gentios: "Eu lhe apareci para constituí-lo servo e testemunha [...] Eu o livrarei do seu próprio povo e dos gentios, aos quais eu o envio" (At 26.16,17).

Mais tarde, Paulo afirmou ter sido especificamente nomeado por Cristo como apóstolo (v. Rm 1.1; Gl 1.1; 1Tm 1.12; 2.7; 2Tm 1.11).

QUEM FOI APÓSTOLO?

O grupo inicial de apóstolos era formado por doze homens — os onze discípulos originais que permaneceram depois da morte de Judas, e Matias, o substituto de Judas: "Então tiraram sortes, e a sorte caiu sobre Matias; assim, ele foi acrescentado aos onze apóstolos" (At 1.26). O grupo original de doze apóstolos — os "membros fundadores" do ofício apostólico — era tão importante que seus nomes estão escritos nas fundações da cidade celestial, a Nova Jerusalém: "O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro" (Ap 21.14).

No primeiro momento, podemos pensar que tal grupo jamais poderia ter-se expandido, que ninguém poderia ser adicionado a ele. Porém, Paulo afirma claramente que também era apóstolo. O texto de Atos 14.14 chama tanto Paulo quanto Barnabé de apóstolos: "Ouvindo isso, os apóstolos Barnabé e Paulo...". Assim, se somarmos Paulo e Barnabé, chegamos ao número de catorze "apóstolos de Jesus Cristo".

Depois disso, Tiago, irmão de Jesus (que não era um dos doze discípulos originais), é chamado apóstolo em Gálatas 1.19. Referindo-se à sua viagem a Jerusalém, Paulo diz: "Não vi nenhum dos outros apóstolos, a não ser Tiago, irmão do Senhor".[3] Então, em Gálatas 2.9, Tiago é classificado juntamente com

[3]Não há consenso de que seja absolutamente necessário traduzir Gl 1.19 dessa maneira, incluindo Tiago entre os apóstolos (a NVI traduz esse versículo da seguinte maneira: "Não vi nenhum dos outros apóstolos, a não ser Tiago, irmão do Senhor"). A tradução "*a não ser* Tiago, irmão do Senhor" parece ser claramente a preferida, pois 1) a frase grega é *ei mē*, que normalmente quer dizer "exceto" (BAGD, 22, 8a) e, na grande maioria das ocorrências no NT, designa algo que é parte do grupo anterior, mas se acha "retirado" dele, e 2) no contexto de Gl 1.18 não

Pedro e João como "coluna" da igreja de Jerusalém. Em Atos 15.13-21, Tiago, juntamente com Pedro, exerce o significativo papel de liderança no Concílio de Jerusalém, função que seria mais apropriada ao apóstolo. Além disso, quando Paulo relata as aparições de Jesus depois da ressurreição, ele mais uma vez parece prontamente classificar Tiago como um dos apóstolos:

> Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora de tempo. Pois sou o menor dos apóstolos e nem sequer mereço ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus (1Co 15.7-9).

Finalmente, o fato de Tiago possivelmente ter escrito a epístola do NT que leva seu nome também seria totalmente consistente com o fato de ele possuir a autoridade que pertencia ao ofício apostólico de escrever palavras que eram palavras do próprio Deus. Todas essas considerações se combinam para indicar que Tiago, irmão de Jesus, também foi comissionado apóstolo. Isso faz com que cheguemos ao número de quinze "apóstolos de Jesus Cristo" (os doze, Paulo, Barnabé e Tiago).

Houve outros além desses quinze? É possível que tenha existido alguns mais, embora saibamos pouco ou quase nada sobre eles e não haja certeza sobre sua existência. É claro que outros também viram Jesus depois da ressurreição ("Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez..." [1Co 15.6]). A partir desse grande grupo, é possível que Cristo tenha apon-

faria muito sentido Paulo dizer que quando foi a Jerusalém viu Pedro e nenhuma outra *pessoa*, a não ser Tiago — ou Pedro e nenhum outro *líder da igreja*, exceto Tiago —, pois ele permaneceu ali "quinze dias" (Gl 1.18). Portanto, ele deve estar dizendo que viu Pedro e nenhum outro *apóstolo*, exceto Tiago. Mas isso coloca Tiago junto com os apóstolos. V. uma discussão sobre isso em E. D. Bruton, *The epistle to the Galatians*, ICC (Edinburgh: T. & T. Clark, 1920) p. 60. (Burton diz: "*ei mē* significa aqui, como em todas as vezes que aparece antes de um substantivo, 'exceto'" [ibid].)

tado alguns outros como apóstolos, mas também existe uma grande possibilidade de isso não ter acontecido. A evidência é insuficiente.

Romanos 16.7 diz: "Saúdem Andrônico e Júnias, meus parentes que estiveram na prisão comigo. São notáveis entre os apóstolos, e estavam em Cristo antes de mim".

Existem diversos problemas de tradução nesse versículo, de modo que não se pode chegar a uma conclusão clara. "Notáveis" pode ser traduzido por "conhecidos" dos apóstolos. "Júnias" (nome masculino) também pode ser traduzido por "Júnia" (nome feminino).[4] A palavra "apóstolos" pode não significar o ofício dos "apóstolos de Jesus Cristo", mas simplesmente se referir ao termo "mensageiros" (a palavra é usada nesse sentido amplo em Fp 2.25; 2Co 8.23; Jo 13.16).[5] As poucas informações nesses versículos não nos permitam chegar a qualquer conclusão definitiva.

Existem outras sugestões de nomes de apóstolos. Silas (Silvano) e, às vezes, Timóteo são mencionados por causa de 1Tessalonicenses 2.7: "Embora, como apóstolos de Cristo, pudéssemos ter sido um peso" (a ARC traz a referência a "apóstolos" no final do v. 6; a RA traz no v. 7 o termo "enviados de Cristo"; a NVI traz o termo "apóstolos" no v. 7, citado acima). Estaria Paulo incluindo Silas e Timóteo aqui, uma vez que a carta começa com a expressão "Paulo, Silvano e Timóteo" (1Ts 1.1)?

Não é provável que Paulo tenha incluído Timóteo nessa afirmação, por duas razões:

[4]V. a nota gramatical, com muitos outros exemplos de nomes como "Júnias", em A. T. Robertson, *A grammar of the greek New Testament*, Nashville: Broadman, 1934), p. 172-73.

[5]John Murray, *Comentário bíblico Fiel: Romanos*, São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 592. O autor diz que, se isso significar que Andrônico e Júnias eram apóstolos, "neste caso, a palavra 'apóstolo' estaria sendo utilizada em sentido mais geral, isto é, 'mensageiros'".

1) Quatro versículo antes, Paulo diz o seguinte: "Apesar de termos sido maltratados e insultados em Filipos, como vocês sabem..." (1Ts 2.2), mas isso parece se referir ao espancamento e ao aprisionamento apenas de Paulo e Silas, o que não aconteceu com Timóteo (At 16.19). Portanto, o termo oculto "nós" no versículo 6 (ou 7) de 1Tessalonicenses não parece incluir todos (Paulo, Silvano e Timóteo) mencionados no primeiro versículo. A carta é de Paulo, Silas e Timóteo de maneira *geral*, mas Paulo sabe que os leitores irão naturalmente entender quem faz parte do termo "nós" quando ele não os inclui em certos trechos da carta. Ele não especifica "Apesar de *nós — ou seja, Silas e eu* — termos sido maltratados e insultados em Filipos, como vocês sabem..." porque os tessalonicenses saberiam a quem o "nós" se referia.

2) Também é possível ver isso em 1Tessalonicenses 3.1,2, onde o "nós" certamente não pode incluir Timóteo:

> Por isso, quando não pudemos mais suportar, achamos por bem permanecer sozinhos em Atenas e, assim, enviamos Timóteo, nosso irmão e cooperador de Deus no evangelho de Cristo, para fortalecê-los e dar-lhes ânimo na fé (1Ts 3.1,2).

Nesse caso, o termo "nós" (também oculto) pode se referir tanto a Paulo e Silas quanto apenas a Paulo (v. At 17.14,15; 18.5). Aparentemente, Silas e Timóteo se encontraram com Paulo em Atenas "tão logo [foi] possível" (At 17.15) — embora Lucas não mencione sua chegada em Atenas —, e Paulo os enviou de volta a Tessalônica outra vez para ajudar a igreja naquela cidade. Então, ele foi para Corinto, e, mais tarde, os outros dois se juntaram a Paulo (At 18.5).

É mais provável que a expressão "achamos por bem permanecer sozinhos em Atenas" (1Ts 3.1) se refira apenas a Paulo, tanto porque ele retoma o argumento do versículo 5, usando o tratamento da primeira pessoa ("enviei Timóteo para saber a respeito da fé que vocês têm", 1Ts 3.5), quanto porque a questão

da extrema solidão em Atenas não teria acontecido se Silas tivesse com ele.[6] Na verdade, no parágrafo anterior Paulo parece explicar que o termo "nós" que usa nessas afirmações quer dizer "eu", de maneira geral, pois ele diz: "Quisemos visitá-los. Eu mesmo, Paulo, o quis, e não apenas uma vez, mas duas; Satanás, porém, nos impediu" (1Ts 2.18). Parece que ele está usando "nós" mais freqüentemente nessa epístola como uma maneira gentil de incluir Silas e Timóteo na carta, pois eles haviam passado bastante tempo naquela igreja. Mas os tessalonicenses teriam poucas dúvidas sobre quem realmente estava encarregado da grande missão aos gentios e de quem era o possuidor da autoridade apostólica na qual a carta estava primariamente (ou exclusivamente) baseada.

Desse modo, é apenas possível que o próprio Silas fosse apóstolo e que o texto de 1Tessalonicenses 2.6 (7) indique isso. É claro que ele era um dos membros da liderança da igreja de Jerusalém (At 15.22) e poderia ter visto Jesus depois de sua ressurreição e, então, ter sido apontado como apóstolo. Mas não podemos ter certeza quanto a isso.

O caso de Timóteo, porém, é diferente. Assim como é excluído do "nós" de 1Tessalonicenses 2.2 (e de 3.1,2), ele parece também estar excluído do "nós" de 1Tessalonicenses 2.6 (7). Além disso, como nativo de Listra (At 16.1-3) que aprendera sobre Cristo por meio de sua avó e de sua mãe (2Tm 1.5), parece impossível que ele estivesse em Jerusalém antes do Pentecoste, tivesse visto o Senhor Jesus ressurreto, acreditado nele e, repentinamente, tivesse sido escolhido apóstolo. Além disso, o padrão de Paulo em suas cartas sempre preserva o título "após-

[6]V. a discussão em Leon Morris, *The first and second epistles to the Thessalonians*, NIC (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), p. 98-9. Morris diz: "A prática nessa epístola difere até certo ponto do que se vê em geral nas epístolas paulinas. O plural é usado de modo quase extensivo, considerando que na maioria de suas cartas Paulo prefere usar o singular" (p. 98; v. p. 46-7). Morris prefere considerar que os plurais aqui se referem ao próprio Paulo.

tolo" de maneira até mesmo ciumenta para si mesmo, nunca permitindo que fosse aplicado a Timóteo ou a outros companheiros de viagem (v. 2Co 1.1; Cl 1.1: "Paulo, apóstolo de Cristo Jesus [...] e o irmão Timóteo"; em Fp 1.1: "Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus..."). Desse modo, por mais importante que tenha sido seu papel, não é correto considerar Timóteo um dos apóstolos.

Isso nos dá um número limitado mas bastante impreciso de pessoas que podem ter exercido o ofício de "apóstolos de Jesus Cristo". Parece ter existido pelo menos quinze, talvez dezesseis ou até mesmo um pouco mais, não registrados no NT.

Contudo, é bastante certo que ninguém mais foi apontado como apóstolo depois de Paulo. Quando Paulo relata as aparições do Cristo ressurreto, ele enfatiza a maneira incomum pela qual Cristo apareceu a ele e liga isso à afirmação de que essa foi a "última" ("afinal", na RA) aparição de todas e que ele mesmo é o "o menor dos apóstolos" e que nem sequer merece "ser chamado apóstolo".

> E apareceu a Cefas [Pedro] e, depois, *aos doze*. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem. Depois, foi visto por *Tiago*, mais tarde, por *todos os apóstolos* e, *afinal*, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus (1Co 15.5-9; RA).

RESUMO

A palavra "apóstolo" pode ser usada em sentido amplo ou restrito. No sentido amplo, significa simplesmente "mensageiro" ou "missionário pioneiro". Contudo, em sentido mais estreito, o mais comum do NT, a palavra "apóstolo" refere-se a um ofício específico, o "apóstolo de Jesus Cristo". Esses apóstolos tinham

a autoridade singular de fundar e governar igrejas e podiam falar e escrever as palavras de Deus. Muitos de seus textos se tornaram as Escrituras do NT.

Com o objetivo de ser qualificado como apóstolo, alguém: 1) precisava ter visto o Cristo ressurreto com os próprios olhos e 2) deveria ter sido indicado especificamente por Cristo. Havia um número limitado de apóstolos, talvez quinze, dezesseis ou um pouco mais — o NT não é explícito quanto ao número. Os doze apóstolos originais (os onze e Matias) receberam Barnabé e Paulo, muito provavelmente Tiago, talvez Silas e até mesmo Andrônico e Júnias, além de outros não citados. Parece que, depois de Paulo, nenhum apóstolo foi mais indicado e, certamente pelo fato de que ninguém pode satisfazer hoje as exigências de ter visto o Cristo ressurreto com os próprios olhos, não existem apóstolos hoje. No lugar dos apóstolos vivos presentes na igreja para ensinar e liderar, temos os escritos dos apóstolos nos livros do NT. Essas Escrituras dão à igreja de hoje o ensinamento repleto de autoridade absoluta e as funções de governo que eram cumpridas pelos próprios apóstolos durante os anos iniciais da igreja.

Apêndice B

O CÂNON DAS ESCRITURAS[1]

É fundamental que conheçamos e acreditemos nas palavras que Deus nos fala nas Escrituras. Antes de fazer isso, porém, devemos saber quais escritos pertencem à Bíblia e quais não fazem parte dela. Essa é a questão do *cânon* das Escrituras, que pode ser definida da seguinte maneira: "O *cânon* das Escrituras é o conjunto de todos os livros que pertencem à Bíblia".

Não devemos subestimar a importância dessa questão. Pelas palavras das Escrituras, nutrimos nossa vida espiritual. Assim, podemos citar o comentário de Moisés ao povo de Israel com referência às palavras da lei de Deus: "Elas não são palavras inúteis. São a sua vida. Por meio delas vocês viverão muito tempo na terra da qual tomarão posse do outro lado do Jordão" (Dt 32.47).

Adicionar ou subtrair qualquer coisa da Palavra de Deus seria impedir que o povo de Deus obedecesse plenamente, pois os mandamentos subtraídos não seriam conhecidos do povo, e as palavras adicionadas poderiam exigir do povo coisas que Deus não havia ordenado. Assim, Moisés advertiu o povo de Israel dizendo: "Nada acrescentem às palavras que eu lhes ordeno e delas

[1]Este apêndice foi extraído de um manuscrito anterior à publicação de outro livro do autor, intitulado *Teologia sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 1999).

nada retirem, mas obedeçam aos mandamentos do SENHOR, o seu Deus, que eu lhes ordeno" (Dt 4.2).

A precisa determinação da extensão do cânon das Escrituras é, portanto, de suma importância para os crentes. Se temos de confiar em Deus e obedecer-lhe plenamente, precisamos ter uma compilação de palavras que sejam com certeza as palavras do próprio Deus para nós. Se existir qualquer trecho das Escrituras sobre o qual tenhamos dúvida quanto a ser ou não Palavra de Deus, não iremos considerá-lo detentor de autoridade divina absoluta nem poderemos confiar nele do mesmo modo que confiamos no próprio Deus.

O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

As próprias Escrituras nos mostram diversos aspectos do desenvolvimento histórico do cânon. A compilação mais antiga das palavras escritas de Deus são os Dez Mandamentos. Eles consistiam em duas tábuas de pedra nas quais o próprio Deus escrevera as palavras que ordenara a seu povo: "Quando o SENHOR terminou de falar com Moisés no monte Sinai, deu-lhe as duas tábuas da aliança, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus" (Êx 31.18). E ainda: "As tábuas tinham sido feitas por Deus; o que nelas estava gravado fora escrito por Deus" (Êx 32.16; v. Dt 4.13; 10.4). As tábuas de pedra foram depositadas na arca da aliança (Dt 10.5) e constituíam os termos da aliança entre Deus e seu povo.[2]

Essa compilação de palavras plenas da autoridade de Deus aumentaram em tamanho por todo o tempo da história de Israel. O próprio Moisés escreveu palavras adicionais que foram depositadas na arca da aliança:

[2]V. Meredith Kline, *The structure of biblical authority* (Grand Rapids: Eerdmans, 1972), esp. p. 48-53 e 113-30.

> Depois que Moisés terminou de escrever num livro as palavras desta lei do início ao fim, deu esta ordem aos levitas que transportavam a arca da aliança do SENHOR: "Coloquem este Livro da Lei ao lado da arca da aliança do SENHOR, do seu Deus, onde ficará como testemunha contra vocês" (Dt 31.24-26).

A referência imediata feita nesse versículo é aparentemente o livro de Deuteronômio, mas outras referências a escritos de Moisés indicam que os primeiros quatro livros do AT foram escritos por ele também (v. Êx 17.14; 24.4; 34.27; Nm 33.2; Dt 31.22).

Depois da morte de Moisés, Josué também fez adições à compilação das palavras escritas de Deus: "Josué registrou essas coisas no Livro da Lei de Deus" (Js 24.26). Isso é especialmente surpreendente à luz da ordem de Deus de não adicionar nem retirar alguma coisa das palavras que Deus dera ao povo por meio de Moisés: "Nada acrescentem às palavras que eu lhes ordeno e delas nada retirem..." (Dt 4.2; v. 12.32). Josué deve ter sido convencido de que o próprio Deus autorizara esses escritos adicionais de modo que não achou que estivesse desobedendo a um mandamento específico.

Mais tarde, outras pessoas em Israel — normalmente os que cumpriam o ofício de profeta — escreveram palavras adicionais de Deus:

- 1Samuel 10.25: "Samuel expôs ao povo as leis do reino. Ele as escreveu num livro e o pôs perante o SENHOR".
- 1Crônicas 29.29: "Os feitos do rei Davi, desde o início até o fim do seu reinado, estão escritos nos registros históricos do vidente Samuel, do profeta Natã e do vidente Gade".
- 2Crônicas 20.34: "Os demais acontecimentos do reinado de Josafá, do início ao fim, estão escritos nos relatos de Jeú, filho de Hanani, e foram incluídos nos registros históricos dos reis de Israel" (v. 1Rs 16.7, onde Jeú, filho de Hanani, é chamado profeta).

- 2Crônicas 26.22: "Os demais acontecimentos do reinado de Uzias, do início ao fim, foram registrados pelo profeta Isaías, filho de Amoz".
- 2Crônicas 32.32: "Os demais acontecimentos do reinado de Ezequias e os seus atos piedosos estão escritos na visão do profeta Isaías, filho de Amoz, no livro dos reis de Judá e de Israel".
- Jeremias 30.2: "Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: Escreva num livro todas as palavras que eu lhe falei".

Outras passagens poderiam ser citadas (v. 2Cr 9.29; 12.15; 13.22; Is 30.8; Jr 29.1; 36.1-32; 45.1; 51.60; Ez 43.11; Hb 2.2; Dn 7.1), mas o processo de crescimento da coleção de palavras escritas de Deus já está claro. O AT não especifica todos os detalhes de cada um dos livros, mas registra para nós vários exemplos de como esse crescimento aconteceu, normalmente pela ação de um profeta escolhido por Deus para ser seu porta-voz.

Esse processo de crescimento do cânon do AT continuou até o tempo do final do processo de escrita. Se pudermos datar Ageu em 520 a.C., Zacarias entre 520 a 518 a.C. (com talvez algum material adicionado depois de 480 a.C.) e Malaquias em cerca de 435 a.C., então teremos uma idéia das datas aproximadas dos últimos profetas do AT. Coincidindo aproximadamente com esse período, estão os livros de Esdras e Neemias. Esdras foi para Jerusalém em 458 a.C.; Neemias esteve em Jerusalém de 445 a 433 a.C.;[3] o livro de Ester foi escrito algum tempo depois da morte do rei Xerxes I (Assuero), em 465 a.C., havendo a possibilidade de datá-lo dentro do reinado de Artaxerxes I (464-432 a.C.).

[3]V. Chronology of the Old Testament, in: *The new Bible dictionary*, J. D. Douglas, org. (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), p. 221.

Assim, depois do ano 430 a.C., aproximadamente, nenhum outro escrito foi adicionado ao cânon do AT. A história subseqüente do povo judeu foi registrada em outros escritos, tais como os livros dos *Macabeus*, mas esses escritos foram considerados indignos de ser incluídos na coleção das palavras de Deus dos anos anteriores.

A crença de que palavras divinamente autorizadas vindas de Deus haviam cessado é atestada de maneira bastante clara em outras obras da literatura judaica extrabíblica. Em *1Macabeus* (escrito em c. 100 a.C.) fala-se de um altar profanado: "Demoliram-no, pois, e depuseram as pedras sobre o monte da Morada, em lugar conveniente, à espera de que viesse algum profeta e se pronunciasse a esse respeito" (4.45,46). Aparentemente, eles não conheciam ninguém que pudesse falar com a autoridade de Deus, como os profetas do AT. A lembrança de um profeta com autoridade entre o povo pertencia a um passado distante, pois o autor menciona uma grande tribulação "para Israel, a qual não tinha havido desde o dia em que não mais aparecera um profeta no meio deles" (*1Macabeus* 9.27; v. 14.41).

Josefo (nascido em 37/ 38 d.C.) explica: "De Artaxerxes até nossos próprios dias uma história completa foi escrita, mas não foi considerada digna de igual crédito em relação aos escritos anteriores, devido à sua falha na exata sucessão dos profetas" (*Contra Ápion*, 1.41). Essa afirmação feita pelo grande historiador judeu do primeiro século de nossa era mostra que ele conhecia os escritos hoje considerados "apócrifos", mas que ele (e a própria tradição judaica que ele representa) considerava esses outros escritos "não [...] dignos de igual crédito" ao que hoje conhecemos por Escrituras do AT. De acordo com o ponto de vista de Josefo, não houve mais "palavras de Deus" adicionadas às Escrituras depois do ano 430 a.C.

A literatura rabínica reflete convicção similar em suas repetidas afirmações de que o Espírito Santo deixou Israel (no que

se refere à função de inspirar a profecia). "Depois que Ageu, Zacarias e Malaquias morreram, o Espírito Santo deixou Israel, mas eles ainda se consideravam *bath qôl*" (*Talmude* babilônico, *Yomah* 9*b*, repetido em *Sota* 48*b*, *Sanhedrin* 11*a* e no *Midrash Rabbah* sobre *Cântico dos Cânticos*, 8.9.3).[4]

A comunidade de Qumran (seita judaica que deixou para trás os manuscritos do mar Morto) também aguardava um profeta cujas palavras tivessem autoridade para suplantar qualquer regulamentação existente (v. 1qs 9.11) e outras afirmações similares são encontradas em vários lugares da literatura judaica antiga (v. 2 *Baruque* 85.3 e *Oração de Azarias* 15).

Desse modo, os escritos posteriores a 430 a.C. não foram aceitos pelo povo Deus como tendo autoridade similar ao resto das Escrituras.

No NT, não temos registro de qualquer disputa entre Jesus e os judeus sobre a extensão do cânon. Aparentemente, havia plena concordância entre Jesus e seus discípulos, por um lado, e entre os líderes judeus e o povo judeu, por outro, no que se refere ao fato de as adições ao cânon do AT terem cessado depois do tempo de Esdras, Neemias, Ester, Ageu, Zacarias e Malaquias. Esse fato é confirmado pelas citações do AT feitas por Jesus e pelos autores do NT. De acordo com determinada contagem, Jesus e os autores do NT citam várias partes das Escrituras do AT como divinamente autorizadas em mais de 295 vezes,[5] mas não há nenhuma declaração referindo-se aos livros apócrifos ou a quaisquer outros escri-

[4]O fato de "o Espírito Santo" ser uma referência básica à profecia que carrega em si autoridade divina está claro tanto a partir do fato de o *bath qôl* ("voz celestial") ser visto como substituto para ele quanto pelo uso freqüente da expressão "o Espírito Santo" para se referir à profecia em todos os outros lugares da literatura rabínica.

[5]V. Roger Nicole, New Testament use of the Old Testament, in: *Revelation and the Bible*, Gari F. H. Henry, org. (Wheaton: Tyndale, 1959), p. 137-41.

tos afirmando sua autoridade divina.[6] A ausência de qualquer referência a outras literaturas que também possuíssem autoridade divina, e a enorme freqüência de referências a centenas de passagens do AT como divinamente autorizadas dão forte confirmação ao fato de que os autores do NT concordavam em que o cânon estabelecido do AT deveria ser considerado palavras de Deus.

O que se pode dizer, então, dos apócrifos, a coleção de livros incluída no cânon da Igreja Católica Romana, mas excluídos pelo protestantismo?[7] Esses livros nunca foram aceitos pelos judeus como Escritura, mas por toda a história da igreja primitiva sempre houve opiniões divididas quanto a esses livros fazerem parte ou não das Escrituras.[8] O fato de eles terem sido incluídos por Jerônimo na tradução da *Vulgata* (finalizada em 404 d.C.) deu apoio à sua inclusão, embora o próprio Jerônimo dissesse que eles não eram "livros do cânon", mas meramente "livros da igreja"

[6]A passagem de Jd 14,15 realmente cita *1Enoque* 1.9 e 60.8 e, em pelo menos duas oportunidades, Paulo cita autores gregos pagãos (v. At 17.28; Tt 1.12), mas essas citações têm mais o propósito de ilustração do que de prova. Em momento algum as obras são introduzidas com uma frase como "Deus diz", "as Escrituras dizem" ou "está escrito" — frases que deixam implícita a atribuição de autoridade divina às palavras citadas (deve-se notar que nem *1Enoque* nem os autores citados por Paulo fazem parte dos livros apócrifos).

[7]Os livros apócrifos são: *1* e *2Esdras*, *Tobias*, *Judite*, acréscimos ao livro de Ester, *Sabedoria de Salomão*, *Eclesiástico*, *Baruc* (incluindo a *Carta de Jeremias*), *Cântico dos três jovens* (incluído no cap. 3 de Daniel), A história de *Susana* (incluída como sendo o cap. 13 de Daniel), *Bel e o Dragão* (idem, cap. 14), estes três também chamados "Acréscimos a Daniel", *Oração de Manassés* e *1* e *2Macabeus*. Esses textos não são encontrados na bíblia hebraica, mas foram incluídos na *Septuaginta* (a tradução do AT para o grego usada por muitos judeus de fala grega no tempo de Cristo). Uma boa tradução inglesa atual é a *The Oxford annotated apocrypha* (*Revised Standard Version*), Bruce M. Metzge, org. (Oxford: Oxford University Press, 1965). Metzger incluiu breves introduções e anotações bastante úteis em cada livro. Vários desses textos podem ser encontrados no Brasil nas edições católicas da Bíblia, com destaque especial para a *Bíblia de Jerusalém*.

[8]V. G. Douglas Young, The apocrypha, in: Henry, org., *Revelation and the Bible*, p. 169-85.

— úteis aos crentes. O grande uso da *Vulgata* nos séculos seguintes garantiu sua acessibilidade, mas o fato de que esses livros não tinham nenhum original hebraico por trás deles e sua exclusão do cânon judaico, bem como a ausência de citação desses textos no NT, levou muitos a suspeitar ou rejeitar tais escritos por falta de autoridade.

Somente em 1548, no Concílio de Trento, é que a Igreja Católica Romana declarou oficialmente que os livros apócrifos fariam parte do cânon (exceto *1* e *2Esdras* e a *Oração de Manassés*). Naquele momento, os católicos romanos afirmavam que a igreja tinha autoridade de atribuir a uma obra literária a categoria de "Escritura", enquanto os protestantes defendiam a idéia de que a igreja não poderia *transformar* algo em Escritura, mas somente *reconhecer* o que Deus permitira que se escrevesse como palavras suas.

Desse modo, os apócrifos não devem ser considerados parte das Escrituras porque: 1) eles mesmos não se atribuem o mesmo tipo de autoridade dos escritos do AT; 2) não foram considerados palavras divinas pelo povo judeu, a partir de quem eles se originaram; 3) não eram considerados Escritura por Jesus nem pelos autores do NT. Devemos concluir que são meramente palavras humanas, não palavras inspiradas por Deus, como as constantes da Escritura. Eles têm valor para a pesquisa histórica e lingüística, mas nunca foram parte do cânon do AT e não devem ser considerados parte da Bíblia. Portanto, não têm autoridade sobre o pensamento ou a vida dos cristãos hoje.

Concluindo, com relação ao cânon do AT, os cristãos de hoje devem estar certos de que nada que seja necessário foi deixado de fora, e nada que não seja Palavra de Deus foi incluído nele.

O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

O desenvolvimento do cânon do NT começa com os escritos dos apóstolos. Deve-se lembrar que o ato de escrever as Escrituras

ocorreu basicamente em ligação com os grandes atos de Deus na história da redenção. O AT registra e interpreta para nós o chamado de Abraão e a vida de seus descendentes, o êxodo do Egito e a peregrinação no deserto, o estabelecimento do povo de Deus na terra de Canaã, o estabelecimento da monarquia, o exílio e o retorno do cativeiro. Cada um desses grandes atos de Deus na história é interpretado de acordo com as próprias palavras de Deus nas Escrituras. O AT termina com a expectativa da vinda do Messias (Ml 3.1-4; 4.1-6). O próximo estágio na história da redenção é a chegada do Messias, e não é surpresa que nenhuma Escritura tenha sido produzida até a ocorrência desse grande acontecimento na história da redenção.

É por isso que o NT consiste de escritos dos apóstolos. Eles receberam do Espírito Santo capacidade para relembrar precisamente as palavras e os feitos de Jesus e de interpretá-los corretamente para as gerações seguintes.

Jesus prometeu capacitar seus discípulos (chamados apóstolos depois da ressurreição) em João 14.26: "Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse". Do mesmo modo, Jesus prometeu maior revelação da verdade por meio do Espírito Santo quando disse aos discípulos:

> Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês (Jo 16.13,14).

Assim, os discípulos receberam a promessa de dons maravilhosos que os capacitariam a escrever as Escrituras: o Espírito Santo lhes ensinaria "todas as coisas", faria com que eles lembrassem de tudo que Jesus dissera e os guiaria a "toda a verdade".

Além disso, os apóstolos da igreja primitiva são vistos como possuidores de autoridade igual à dos profetas do AT, ou seja,

autoridade de falar e escrever palavras do próprio Deus. Pedro encoraja seus leitores a se lembrarem "do mandamento de nosso Senhor e Salvador que os apóstolos de vocês lhes ensinaram" (2Pe 3.2). Mentir para os apóstolos (At 5.2) é equivalente a mentir ao Espírito Santo (At 5.3) e a Deus (At 5.4).

A afirmação de ser capaz de falar palavras do próprio Deus é especialmente freqüente nos escritos do apóstolo Paulo. Ele afirma não apenas que o Espírito Santo lhe revelou o que "olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou" (1Co 2.9), mas também que, quando ele faz essa declaração, fala "não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito, interpretando verdades espirituais para os que são espirituais" (1Co 2.13).[9]

De maneira similar, Paulo diz aos coríntios: "Se alguém pensa que é profeta ou espiritual, reconheça que o que lhes estou escrevendo é mandamento do Senhor" (1Co 14.37). A palavra traduzida por "o que" é o pronome relativo plural no grego (*ha*) e, mais literalmente, pode ser traduzida da seguinte maneira: "as coisas que estou escrevendo a vocês", como já consta na NVI. Desse modo, Paulo afirma que suas orientações à igreja de Corinto não são meramente suas, mas mandamento de Deus. Ao defender seu ofício apostólico, Paulo diz que ele dará aos coríntios "prova de que Cristo fala por meu intermédio" (2Co 13.3). Outros versículos similares podem ser mencionados (p.ex., Rm 2.16; Gl 1.8,9; 1Ts 2.13; 4.8,15; 5.27; 2Ts 3.6,14).

[9]Essa é a minha tradução da última frase de 1Co 2.13; v. Wayne A. Grudem, Scripture's self-attestation, in: *Scripture and truth*, D. A. Carson e J. Woodbridge, orgs. (Grand Rapids: Zondervan, 1983), p. 365, nota 61. Mas essa tradução não é fundamental para o ponto principal, ou seja, quando Paulo fala palavras ensinadas pelo Espírito Santo, afirmação feita na primeira parte do versículo, independentemente de como a segunda parte do versículo seja traduzida.

Desse modo, os apóstolos tinham autoridade para escrever palavras do próprio Deus, iguais em condição de verdade e autoridade às palavras das Escrituras do AT. Eles fizeram isso com o objetivo de registrar, interpretar e aplicar à vida dos crentes as grandes verdades sobre a vida, a morte e a ressurreição de Cristo.

Não é de surpreender, portanto, que alguns dos escritos da época do NT tinham sido colocados em pé de igualdade com as Escrituras do AT como fazendo parte do cânon das Escrituras. Na verdade, é isso que descobrimos em dois exemplos. Em 2Pedro 3.16, referindo-se às cartas de Paulo, Pedro diz: "Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras". A palavra traduzida por "Escrituras" aqui é *graphē*, palavra que aparece cinqüenta vezes no NT e que se refere às Escrituras do AT em todas essas ocorrências. Em função disso, observa-se que a palavra "Escritura" era um termo técnico para os autores do NT, usado somente com relação aos escritos considerados palavras do próprio Deus ou que fizessem parte do cânon das Escrituras. Nesse versículo, porém, Pedro classifica os escritos de Paulo como "demais Escrituras" (com relação às Escrituras do AT). Os escritos de Paulo são, portanto, considerados por Pedro também dignos do título "Escritura" e, assim, dignos de sua inclusão no cânon.

O segundo exemplo é encontrado em 1Timóteo 5.17,18. Paulo diz: "Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino, *pois a Escritura diz*: 'Não amordace o boi enquanto está debulhando o cereal', e 'o trabalhador merece o seu salário'" (grifo do autor). A primeira citação das Escrituras pode ser encontrada em Deuteronômio 25.4, mas a segunda — "o trabalhador merece seu salário" — não é encontrada em lugar

algum do AT. Ocorre, porém, em Lucas 10.7 (tendo exatamente as mesmas palavras no texto grego). Portanto, vemos aqui que Paulo aparentemente cita uma porção do evangelho de Lucas e o chama "Escritura", ou seja, considera-o parte do cânon.[10]

Desse modo, o NT começa a crescer, e seus escritos começam a ser aceitos como parte do cânon pela igreja primitiva.

Pelo fato de os apóstolos possuírem autoridade para escrever as Escrituras, em virtude de seu ofício apostólico, qualquer escrito autêntico era aceito pela igreja primitiva como parte do cânon das Escrituras. Se aceitarmos os argumentos tradicionais sobre a autoria dos escritos do NT,[11] então temos a maior parte do NT no cânon, porque são de autoria direta dos apóstolos. Isso inclui os livros de Mateus, João, Romanos a Filemom (as epístolas paulinas), Tiago,[12] 1 e 2Pedro, 1, 2 e 3João e Apocalipse.

Isso deixa de fora cinco livros: Marcos, Lucas, Atos, Hebreus e Judas, que não foram escritos por apóstolos. Os detalhes do processo histórico pelos quais a igreja primitiva decidiu que esses livros se tornariam parte das Escrituras são escassos, mas Marcos, Lucas e Atos foram reconhecidos bem no início, provavelmente pela associação de Marcos com o apóstolo Pedro e de Lucas (o autor do evangelho de Lucas e do livro dos Atos dos Apóstolos) com o apóstolo Paulo. De maneira similar, Judas

[10]O próprio Lucas diz que não era apóstolo, mas seu evangelho recebeu autoridade aparentemente similar à dos escritos apostólicos. Talvez isso tenha acontecido em função de sua grande proximidade com os apóstolos, como, por exemplo, com Paulo.

[11]O assunto da autoria de textos individuais do NT pertence ao estudo da introdução ao NT. Pode-se encontrar uma defesa das afirmações tradicionais de autoria dos textos do NT em Donald Guthrie, *New Testament introduction* (Downers Grove: InterVarsity, 1970).

[12]Parece que Tiago é considerado apóstolo em Gl 1.19 e em ICo 15.7. Ele também cumpre funções inerentes ao apóstolo em At 12.17; 15.13; 21.18; Gl 2.9, 12; e talvez em Jd 1.

aparentemente foi aceito em virtude da ligação do autor com Tiago (v. Jd 1) e pelo fato de ser irmão de Jesus.[13]

A aceitação de Hebreus como livro canônico foi pedida por muitos na igreja com base na suposta autoria paulina. Contudo, desde cedo, sempre houve os que rejeitaram a autoria paulina a favor de uma ou várias outras sugestões. Orígenes, que morreu em cerca de 254 d.C., menciona várias teorias e conclui: "Só Deus realmente sabe quem escreveu a epístola".[14] Assim, a aceitação de Hebreus como livro canônico não foi inteiramente devido à crença na autoria paulina. Em vez disso, as qualidades intrínsecas do próprio livro devem ter finalmente convencido seus primeiros leitores, como continua a convencer os crentes de hoje, que independente de quem tenha sido seu autor humano, é certo que seu autor divino só pode ter sido o próprio Deus. A majestosa glória de Cristo brilha tão intensamente nas páginas da epístola aos Hebreus que nenhum crente que a lê seriamente pode sequer pensar em questionar seu lugar no cânon.

Isso nos traz o cerne da questão da canonicidade. O critério final para decidir se um escrito pertence ou não ao cânon é a autoria divina. Se as palavras do livro são palavras de Deus (escritas por autores humanos), então o livro pertence ao cânon. Se as palavras do livro não são as palavras de Deus, ele não pertence ao cânon. A questão da autoria apostólica é importante porque os apóstolos foram as pessoas a quem Cristo concedeu capacidade de escrever palavras com absoluta autoridade divina. Se um escrito pode ser apresentado como proveniente de um apóstolo, então sua autoridade divina é automaticamente estabelecida. Assim, a igreja primitiva aceitou os escritos dos apóstolos como parte do cânon.

[13]A aceitação de Judas no cânon foi demorada, principalmente em função das dúvidas com relação à citação que ele faz do livro não canônico de *Enoque*.

[14]A citação de Orígenes é feita em Eusébio, *História eclesiástica*, 6.25.14.

Mas a existência de alguns escritos do NT que não foram da autoria direta dos apóstolos mostra que havia outros na igreja primitiva a quem Cristo dera a habilidade de escrever, por obra do Espírito Santo, palavras do próprio Deus e que, portanto, também deveriam fazer parte do cânon. Nesses casos, a igreja primitiva teve a tarefa de *reconhecer* quais escritos tinham essas características, ou seja, quais deles eram palavras de Deus (por meio de autores humanos).

Com relação a alguns livros (pelo menos Marcos, Lucas e Atos e, talvez, Hebreus e Judas também), a igreja não contou, pelo menos em algumas áreas, com o testemunho pessoal de apóstolos vivos para afirmar sua autoridade divina absoluta. Em outros casos e em algumas regiões, a igreja simplesmente teve de decidir se ouvia a voz do próprio Deus falando pelas palavras daqueles escritos. Nesses casos, eram palavras *autocertificadoras*, ou seja, as palavras davam, elas mesmas, testemunho da autoria divina conforme eram lidas pelos cristãos. Parece que esse foi o caso especialmente do livro de Hebreus.

Contudo, não devemos nos surpreender pelo fato de a igreja ter tido a palavra final com relação a essa decisão, pois Jesus disse: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem" (Jo 10.27). É fato que o povo de Deus ouve a voz dele falando nas Escrituras, algo que não acontece com nenhum outro texto. Portanto, não se deve considerar impossível ou improvável que a igreja primitiva tenha sido capaz de usar uma combinação de fatores — incluindo o endosso apostólico, a consistência com o resto das Escrituras e a percepção pela imensa maioria dos crentes de que determinado texto pudesse ser considerado "inspirado por Deus" — para decidir se era de fato a palavra de Deus (por meio de um autor humano) e, portanto, digno da inclusão no cânon. Também não se deve pensar que fosse improvável que a igreja tivesse sido ca-

paz de usar esse processo durante um período de tempo — conforme os escritos circulavam pelas várias partes da igreja primitiva — e finalmente chegasse a uma decisão completamente correta, sem excluir qualquer escrito que fosse de fato "inspirado por Deus" e sem incluir qualquer texto que não atendesse a esse requisito.

No ano 367 d.C., a *Trigésima nona carta pascal* de Atanásio continha a lista exata dos 27 livros do NT que temos hoje. Essa foi a lista de livros aceita pelas igrejas da parte oriental do mundo mediterrâneo. Trinta anos depois, em 397 d.C., o Concílio de Cartago, representando a igreja na parte ocidental do Mediterrâneo, concordou com o Oriente quanto à mesma lista. Essas são as primeiras listas finais de nosso cânon.

Era de esperar que outros escritos fossem adicionados ao cânon? Os primeiros dois versículos de Hebreus colocam essa questão na perspectiva histórica adequada da história da redenção:

> Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo (Hb 1.1,2).

O contraste aqui se dá entre as duas maneiras de Deus falar à humanidade. Por um lado, existem as palavras de Deus no AT que vieram "muitas vezes e de várias maneiras". O contraste implícito com "muitas vezes e de várias maneiras" é Deus falando de *uma vez* e de *uma maneira*, a saber, "por meio do Filho". O contraste entre o "há muito tempo" e o recente, "nestes últimos dias", sugere que o discurso de Deus a nós por meio de seu Filho é o ápice de suas palavras ao homem e sua maior e final revelação à humanidade no período da história da redenção. A excepcional grandeza da revelação por meio do Filho, excedendo em muito qualquer revelação da Antiga Aliança, é enfatizada

exaustivamente nos capítulos 1 e 2 de Hebreus. Esses fatos indicam que há uma finalidade para a revelação de Deus em Cristo e que, uma vez que essa revelação foi concluída, nenhuma outra é esperada.

Mas o que podemos aprender sobre a revelação de Cristo? Os escritos do NT contêm a interpretação final, autorizada e suficiente da obra da redenção. Os apóstolos e seus colegas mais próximos relatam as palavras e os feitos de Cristo, interpretando-os com autoridade divina absoluta. Uma vez que seus escritos foram finalizados, não há mais nada a ser adicionado com a mesma autoridade. Desse modo, uma vez que os escritos dos apóstolos e de seus companheiros do NT foram concluídos, temos na forma escrita o registro final de tudo que Deus quer que saibamos sobre a vida, a morte e a ressurreição de Cristo e seu significado para a vida dos crentes de todos os tempos. Uma vez que essa é a maior revelação de Deus para a humanidade, *não se espera nenhuma outra* revelação, uma vez que ela está completa. Dessa maneira, portanto, Hebreus 1.1,2 nos mostra por que nenhum outro texto pode ser adicionado à Bíblia depois do tempo do NT. O cânon está fechado.

Naturalmente, não é apenas o texto de Hebreus 1.1,2 que prova estar concluída a revelação do NT que temos hoje, mas também a própria verdade sobre a história da redenção representada nessa passagem e expressa tão claramente nesses dois versículos.

Uma conclusão similar pode ser extraída de Apocalipse 22.18,19:

> Declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhe acrescentar algo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro. Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro.

A referência básica desses dois versículos é claramente o próprio livro do Apocalipse, pois João refere-se a seus escritos como "as palavras da profecia deste livro" nos versículos 7 e 10 desse capítulo (o livro todo é chamado "profecia" em Ap 1.3). Além disso, a referência à "árvore da vida" e à "cidade santa, que são descritas neste livro" indica que o livro de Apocalipse é voltado para o futuro.

Porém, se acreditamos no cuidado providencial de Deus ao escrever as Escrituras, não veremos como acidental o fato de essa afirmação aparecer no final do último capítulo do Apocalipse, e que o livro de Apocalipse seja o último livro do NT. De fato, o Apocalipse tem de ser colocado na parte final do cânon. Para muitos livros, sua posição no cânon é de pouca importância. Porém, do mesmo modo como Gênesis deve ser colocado em primeiro lugar (pois nos conta a história da Criação), o Apocalipse deve ser colocado por último (porque seu foco está no futuro). Os acontecimentos descritos no Apocalipse são historicamente subseqüentes aos descritos no restante do NT e exigem que o Apocalipse seja colocado exatamente onde está. Desse modo, não é errado entender que esses avisos excepcionalmente fortes do final de Apocalipse se aplicam de maneira secundária a todas as Escrituras. Colocadas no devido lugar, tais advertências concluem de forma adequada o cânon das Escrituras. Juntamente com Hebreus 1.1,2 e a perspectiva da história da redenção implícita nesses versículos, essa passagem também indica que nenhum texto será adicionado além do que já temos, pelo menos não até que um novo estágio da história da redenção seja inaugurado pela volta de Cristo.

Como saber, então, que os livros que temos no cânon das Escrituras são os definitivos? A questão pode ser respondida de duas maneiras diferentes. Primeiramente, se estivermos querendo saber *em que basear nossa confiança*, a resposta deve ser que nossa confiança está baseada na fidelidade de Deus. Sabemos que Deus

ama seu povo e é fundamental que o povo de Deus tenha as palavras dele, pois elas são vida para nós (Dt 32.47; Mt 4.4). São mais preciosas e mais importantes para nós que qualquer outra coisa neste mundo. Também sabemos que Deus nosso Pai está no controle de toda a história e que ele não é o tipo de pai que irá nos iludir, deixar de ser fiel ou nos legar algo que não seja absolutamente necessário.

A severidade das punições de Apocalipse 22.18,19 que sobrevirão aos que adicionarem ou retirarem algo da palavra de Deus também confirma a importância de o povo de Deus ter o cânon definitivo. Se alguém adicionar alguma coisa às palavras da profecia, "Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro" e se alguém retirar alguma coisa da mesma profecia, "Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa". Não pode haver punição pior que essa, pois implicam em julgamento eterno. Isso mostra que o próprio Deus dá supremo valor à questão de termos o conjunto correto das palavras inspiradas por Deus, nem mais nem menos. À luz desse fato, seria correto acreditar que Deus nosso Pai, que controla toda a história, permitiria que sua igreja fosse privada durante mais de 2 mil anos de algo que ele próprio valoriza tanto e que é tão necessário à vida espiritual?[15]

[15]Isso naturalmente não é afirmar a idéia inverossímil de que Deus providencialmente preservou cada palavra, de cada cópia, de cada texto, independentemente de quão descuidado seja o copista, ou que tenha miraculosamente dado uma Bíblia a cada crente de maneira individual. Todavia, essa consideração sobre o cuidado fiel de Deus para com seus filhos certamente deve fazer com que sejamos gratos pelo fato de, na providência de Deus, não haver nenhuma diferença textual que possa alterar qualquer ponto da doutrina ou da ética cristãs, tão fielmente foi produzido e transmitido o texto. Também devemos nos regozijar com o fato de que, na missão contínua da igreja, uma tradução da Bíblia foi o primeiro livro a ser impresso e o mais difundido em muitas línguas e culturas por todo o mundo. Além disso, devemos ser agradecidos pelo fato de que todas as tentativas de erradicar a Bíblia por meio de violenta perseguição sempre fracassaram e sempre fracassarão, pois Deus não permitirá que sua igreja fique sem sua Palavra.

A preservação e a correta reunião do cânon das Escrituras deve ser vista pelos crentes não como parte da história da igreja, subseqüente aos grandes feitos redentivos que Deus realizou a favor de seu povo, mas como parte da própria história da redenção. Assim como Deus trabalhou na criação, no chamado de seu povo Israel, na vida, morte e ressurreição de Cristo e nas primeiras obras e nos escritos dos apóstolos, ele trabalhou na preservação e na reunião dos livros das Escrituras para benefício de seu povo, durante toda a era da igreja. Finalmente, portanto, baseemos nossa confiança na precisão do presente cânon na fidelidade de Deus.

A questão quanto a termos certeza de que temos os livros definitivos, pode ser respondida também de maneira bastante diferente. Podemos querer concentrar nossa atenção no *processo pelo qual fomos convencidos* de que os livros que temos hoje no cânon são os verdadeiros. Nesse processo, dois fatores estão em ação: a atividade do Espírito Santo ao nos convencer enquanto lemos as Escrituras para nós mesmos e os dados históricos que temos disponíveis para consideração.

Com referência à obra do Espírito Santo, podemos dizer que ele trabalha *enquanto lemos as Escrituras* para nos convencer de que os livros que temos provêm de Deus e são realmente suas palavras para nós. Jesus disse: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem" (Jo 10.27) e, enquanto os cristãos lêem as Escrituras, ouvem a voz de seu Salvador e de seu Deus lhes falando por meio daquelas palavras. O testemunho dos cristãos por todas as eras tem sido de que, à medida que lêem os livros da Bíblia e outros livros, percebem que as palavras das Escrituras falam ao seu coração como nenhum outro livro pode fazê-lo. Dia após dia, ano após ano, os cristãos descobrem que as palavras da Bíblia são realmente as palavras de Deus lhes falando com autoridade, poder e persuasão que nenhum outro escrito possui. Verdadeiramente, a Palavra de Deus é "viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada

de dois gumes; ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração" (Hb 4.12).

Contudo, o processo pelo qual estamos convencidos de que o cânon atual é correto também é auxiliado por fatores históricos. É claro que se realmente a reunião do cânon é parte dos atos centrais de Deus na história da redenção (como afirmado acima), então os cristãos hoje não podem adicionar ou subtrair livros ao cânon. Todavia, a investigação extensiva das circunstâncias históricas cercando a união dos livros do cânon nos ajudará a confirmar nossa convicção de que as decisões tomadas pela igreja primitiva foram corretas. Alguns desses dados históricos foram mencionados nas páginas anteriores. Outros, mais detalhados, estão disponíveis para quem deseja buscar pesquisas mais especializadas.[16]

Contudo, mais um fato histórico deve ser mencionado. Não existem hoje fortes candidatos a serem adicionados ao cânon e não há objeções suficientemente fortes a quaisquer livros presentes nele. Com relação aos escritos que logo no início da igreja alguns consideraram indicados para inclusão no cânon, é correto dizer que não existe nenhum livro que os evangélicos de hoje gostariam de ver incluído. Alguns dos primeiros escritores se distinguiam claramente dos apóstolos, bem como seus escritos. Inácio, por exemplo, diz: "Eu não ordeno como Pedro e Paulo; eles eram apóstolos e eu sou apenas um convertido; eles eram livres e eu até hoje sou um escravo" (Inácio, *Aos romanos*, 4.3; comp. a atitude com relação aos apóstolos em *1Clemente* 42.1,2; 44.1,2; Inácio, *Aos magnésios*, 7.1; 13.1,2, *et al.*).

[16]Um estudo recente e de alta qualidade é David G. Dunbar, The biblical canon", in: *Hermeneutics, authority and canon*, D. A. Carson e John Woodbridge, orgs. (Grand Rapids: Zondervan, 1986), p. 259-360.

Em outros escritos, até mesmo os que por um tempo foram considerados dignos de inclusão no cânon, existem ensinos doutrinários que contradizem as Escrituras. O *Pastor*, de Hermas, ensina a "necessidade de penitência"

> e a possibilidade do perdão de pecados pelo menos uma vez depois do batismo [...] O autor parece identificar o Espírito Santo com o Filho de Deus antes da encarnação e aparentemente afirma que a Trindade veio a existir somente depois da humanidade de Cristo ter sido elevada ao céu (*Oxford dictionary of the Christian Church*, p. 641).

O *Evangelho de Tomé* que, durante certo tempo, foi considerado por alguns parte do cânon, termina com a seguinte afirmação (§ 114):

> Simão Pedro disse-lhes: Deixe que Maria se afaste de vocês, pois as mulheres não são dignas da vida. Jesus disse: Vejam, eu a levarei, de modo que possa fazer dela um homem, para que ela também possa se tornar um espírito vivo, à semelhança de vocês, homens. Pois toda mulher que faz de si mesma um homem entrará no reino dos céus.

Todos os outros documentos existentes com algumas possibilidade de inclusão no cânon por parte da igreja primitiva são similares a esses no fato de acontecerem negações explícitas de *status* canônico ou incluem alguma aberração doutrinária que claramente os torna indignos de inclusão na Bíblia.

No entanto, não há fortes objeções a qualquer livro presente no cânon. No caso de vários livros do NT que demoraram certo tempo para serem aprovados por toda a igreja (2Pe e 2 e 3Jo), muito da hesitação inicial sobre sua inclusão pode ser atribuída ao fato de que eles não circularam inicialmente por muitos lugares e que o pleno conhecimento do conteúdo de todo o NT se espalhava pela igreja de maneira bastante lenta (a hesitação de Martinho Lutero com relação a Tiago é até certo ponto

compreensível à luz da controvérsia doutrinária em que ele estava engajado, mas tal hesitação certamente não era necessária. As aparentes dificuldades doutrinárias são facilmente resolvidas uma vez que se reconheça que Tiago usa três termos-chave — justificação, fé e obras — em sentido diferente do que Paulo usou para as mesmas palavras).[17]

Existe, portanto, confirmação histórica para a precisão do cânon atual. Contudo, deve ser lembrado em qualquer investigação histórica que a obra da igreja primitiva não foi *atribuir autoridade divina* nem mesmo autoridade eclesiástica a escritos meramente humanos, e sim *reconhecer* as características autorais divinas dos escritos que já possuíam tal qualidade. Isso se deve ao fato de o critério definitivo da canonicidade ser a autoria divina, e não a aprovação humana ou eclesiástica.[18]

Nesse ponto, alguém pode fazer uma pergunta hipotética. Que fazer se fosse descoberta outra epístola de Paulo, por exemplo, nós a adicionaríamos às Escrituras? A resposta provavelmente seria que, se a grande maioria dos crentes estivesse convencida de ser uma epístola paulina autêntica, escrita no decurso do cumprimento do ofício apostólico de Paulo, então a natureza da autoridade apostólica de Paulo exigiria que essa epístola também fosse considerada Palavra de Deus e, portanto, adicionada às Escrituras. Sua autoridade divina também garantiria que seus ensinamentos seriam consistentes com o resto das Escrituras. Mas deveria ser dito imediatamente

[17]V. R. V. G. Tasker, *The general epistle of James*, TNTC (London: The Tyndale Press, 1956), p. 67-71.

[18]É nesse ponto que os protestantes evangélicos diferem tanto dos católicos romanos (que diriam que o endosso da igreja oficial é um meio de conceder autoridade divina a um texto) quanto de alguns protestantes não-evangélicos (que não concordam com a existência de uma categoria de escritos possuidores de co-autoria humana e divina e, portanto, questionariam a idéia de um cânon baseado nesse critério).

que tal pergunta não passa de hipótese. É excepcionalmente difícil imaginar que tipo de informação histórica teria condições de demonstrar de maneira convincente à igreja que uma carta perdida por mais de 1 900 anos foi genuinamente escrita por Paulo. Seria mais difícil ainda entender de que maneira o Deus soberano cuidou fielmente de seu povo por 1 900 anos e, ainda assim, permitiu que continuasse privado de algo planejado para fazer parte de sua revelação final em Jesus Cristo. Essas considerações criam a impossibilidade de que tais manuscritos sejam descobertos em algum momento, de modo que uma pergunta como essa não merece consideração mais séria. Trata-se puramente de especulação e está destituída de qualquer valor para a igreja.

Para concluir, existem livros em nosso cânon que não deveriam estar lá? Não. Podemos colocar nossa confiança nesse fato na fidelidade de Deus nosso Pai, que não levaria seu povo a confiar que algo escrito há quase 2 mil anos era sua Palavra e que, afinal, não era. Nossa confiança é repetidamente confirmada tanto pela investigação histórica quanto pela obra do Espírito Santo ao nos capacitar a ouvir a voz de Deus de maneira única enquanto lemos qualquer um dos 66 livros do cânon das Escrituras.

Mas será que existem livros faltando, que deveriam ter sido incluídos nas Escrituras, mas não foram? A resposta deve ser *não*. Em toda a literatura conhecida, não há nada que ao menos se aproxime das Escrituras em termos de consistência doutrinária com o restante do texto sagrado e da autoridade que advogam para si mesmos (assim como a maneira pela qual essas afirmações de autoridade são recebidas por outros crentes). Mais uma vez, a fidelidade de Deus a seu povo nos convence de que nada falta nas Escrituras que Deus considere necessário que saibamos para obedecer e para confiar nele plenamente. O cânon das Escrituras hoje é exatamente o que Deus quis que fosse, e será assim até a volta de Cristo.

ALGUMAS PERGUNTAS PARA APLICAÇÃO EM ESTUDO PESSOAL

Por que é importante para a vida cristã saber quais escritos são Palavra de Deus e quais não são? De que maneira nosso relacionamento com Deus seria diferente se tivéssemos de procurar palavras divinas entre todos os escritos dos cristãos espalhados por toda a história da igreja? Em que aspectos a vida cristã seria diferente se as palavras de Deus estivessem contidas não apenas na Bíblia, mas também em declarações oficiais da igreja por toda a história?

Você já teve dúvidas ou questionamentos sobre a canonicidade de qualquer um dos livros da Bíblia? O que provocou esse questionamento? Que fazer para resolvê-lo?

De tempos em tempos, as pessoas ouvem notícias da a publicação de um livro tratando de assuntos como "As palavras desconhecidas de Jesus", "Os livros perdidos da Bíblia", "Os escritos que a igreja primitiva suprimiu" ou "Histórias da infância de Jesus". Algumas vezes, não passa de boato, mas normalmente são traduções legítimas de documentos bastante antigos, alguns dos quais datam do primeiro ou do segundo século de nossa era. Por que razão esses escritos são valiosos? Quais os perigos de publicá-los com títulos como os mencionados acima? Que atitude o cristão deve ter ao lê-los? Você gostaria de examinar algum desses textos? Por quê? Faria alguma diferença em sua vida cristã se você nunca lesse esses escritos não-canônicos?

Os mórmons, os testemunhas-de-jeová e membros de outras religiões afirmam possuir revelações atuais de Deus consideradas iguais à Bíblia em termos de autoridade. Que razões você pode dar para indicar o equívico dessas afirmações? Na prática, essas pessoas atribuem à Bíblia a mesma autoridade dessas outras "revelações"?

Os que desejam examinar os livros apócrifos do AT podem lê-los em traduções modernas.[19] Compare o efeito que esses escritos têm sobre você com as verdadeiras Escrituras que você tem em mãos. Alguns podem querer fazer uma comparação similar com escritos de uma coleção de livros chamada *New Testament apocrypha* [*Os apócrifos do NT*].[20] Os efeitos espirituais desses escritos em sua vida seriam positivos ou negativos? De que maneira eles se comparam ao efeito espiritual que a Bíblia exerce sobre sua vida? (Minha experiência tem sido de que, depois de ler alguns trechos dessas obras, voltar à própria Bíblia é como respirar ar fresco. Em contraste com esses escritos, a Bíblia possui majestade e dignidade evidentes, e Deus inspirou nela qualidade que nenhum deles pode ter. Muitos outros cristãos mencionam a mesma impressão. Na Bíblia, eles ouvem a voz do Criador falando ao seu coração como em nenhum outro texto. Por esse fato, creio que o exame desses outros escritos geralmente irá fortalecer, e não enfraquecer, a confiança do cristão na autoridade divina singular que a Bíblia possui.)

[19]Uma boa tradução inglesa atual é *The Oxford Annotated Apocrypha* (v. nota 7, acima). A palavra "apócrifo" significa "oculto" (ou, literalmente, "coisas ocultas"), mas não se sabe exatamente por que este termo passou a representar esses escritos. Existe uma coleção de textos não-bíblicos da época do NT, chamados de "Apócrifos do NT" (v. a próxima nota) mas são lidos com menos freqüência. Quando as pessoas falam dos "apócrifos", salvo indicação mais detalhada, estão se referindo aos livros apócrifos do AT.

[20]E. HENNECKE, *New Testament Apocrypha*, W. Scheemelcher & R. Mcl. Wilson, orgs., Londres: SCM, 1965. Também deve-se notar que em literatura mais ortodoxa da igreja primitiva pode ser encontrada convenientemente em uma coleção de textos conhecida como "Pais apostólicos". Uma boa tradução para o inglês pode ser encontrada em Kirsopp Lake, trad., The apostolic fathers, *Loeb Classical Library* (Cambridge: Harvard University Press, 1912, 1913), mas também é possível encontrar outras traduções de boa qualidade.

Apêndice C

A suficiência das Escrituras[1]

Nota: Apesar de eu haver deixado este apêndice na forma original, como o escrevi na primeira edição deste livro, desejo agora adicionar o material que coloquei no apêndice 3, no qual argumento que a suficiência das Escrituras garante que Deus não dará qualquer nova revelação nos tempos de hoje, adicional ao *padrão moral que ele requer para todos os cristãos* durante toda a era da igreja. Contudo, a suficiência das Escrituras não quer dizer que Deus não dará *orientações adicionais específicas a pessoas* para que elas obedeçam (como o chamado para servir em certa igreja ou para o campo missionário etc.). De fato, são freqüentes tais orientações. Mas seria uma violação da suficiência das Escrituras alguém que recebe tais orientações tentar impor essas diretrizes a todos os cristãos em todos os lugares (dizendo, p. ex., que Deus ordena que todos os cristãos devem ir para o mesmo campo missionário ou que Deus ordena que todos os cristãos sirvam em campos missionários estrangeiros). Não creio que nem mesmo possamos ter certeza de que tais orientações sejam tão absolutas quanto as que encontramos na Bíblia. As instruções de Paulo com relação às profecias sempre se aplicam: "Não tratem com desprezo

[1]Este apêndice foi extraído de um manuscrito anterior à publicação de outro livro do autor, intitulado *Teologia sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 1999).

as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom" (1Ts 5.20,21).

EXPLICAÇÃO E BASE BÍBLICA

Estaríamos procurando palavras de Deus fora das Escrituras? A doutrina da suficiência das Escrituras aborda essa questão.

Podemos definir a suficiência da Bíblia como segue:

> A suficiência das Escrituras significa que elas contêm todas as palavras que Deus deseja que seu povo tenha em cada estágio da história da redenção e que Deus nos diz, pela Bíblia, tudo que precisamos saber sobre a salvação, sobre confiar nele de maneira perfeita e sobre como obedecer a ele de forma perfeita.

Essa definição enfatiza o fato de que somente nas Escrituras devemos procurar as palavras de Deus para nós. Isso também nos lembra que Deus considera o que ele nos diz na Bíblia como suficiente para nós e que devemos nos regozijar e nos contentar com a grande revelação que ele nos ortogou.

Podemos encontrar significativo apoio bíblico e explicação dessa doutrina em 2Timóteo, onde Paulo diz: "Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus" (2Tm 3.15). O contexto mostra que a expressão "Sagradas Letras" se refere às palavras das Escrituras (2Tm 3.16). Isso é indicação de que as palavras de Deus nas Escrituras são suficientes para sermos salvos: são capazes de nos tornar sábios "para a salvação". Isso é confirmado por outras passagens que falam sobre as palavras das Escrituras como o meio usado por Deus para nos trazer a salvação (Tg 1.18; 1Pe 1.23).

Outras passagens indicam que a Bíblia é suficiente para nos equipar para vivermos a vida cristã. Mais uma vez, Paulo escreve a Timóteo dizendo:

> Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra (2Tm 3.16,17).

Aqui Paulo indica que o propósito de Deus ao fazer com que as Escrituras fossem escritas era treinar o crente para ser "plenamente preparado *para toda boa obra*". Se existe alguma "boa obra" que Deus quer que o crente faça, essa passagem indica a provisão divina em sua Palavra para o treinamento do cristão nesse aspecto. Assim, não existe *nenhuma* "boa obra" que Deus queira que façamos que não seja ensinada em algum lugar das Escrituras. As Escrituras podem nos equipar para *toda* boa obra.

Ensinamento similar é encontrado no salmo 119: "Como são felizes os que andam em caminhos irrepreensíveis, que vivem conforme a lei do SENHOR!" (Sl 119.1). Esse versículo mostra a equivalência entre sermos "irrepreensíveis" e vivermos "conforme a lei do SENHOR". Os irrepreensíveis *são* os que andam conforme a lei do Senhor. Aqui, mais uma vez, temos a indicação de que tudo que Deus requer de nós está registrado em sua Palavra. Simplesmente fazer tudo que a Bíblia nos ordena é ser irrepreensível à vista de Deus.

Com o objetivo de ser moralmente perfeitos à vista de Deus, portanto, o que devemos fazer além do que Deus nos ordena nas Escrituras? Nada! Realmente nada! Se simplesmente cumprirmos as palavras das Escrituras, seremos "irrepreensíveis" e faremos "toda boa obra" que Deus espera de nós.

O fato é que, nesta vida, nunca poderemos obedecer de maneira perfeita a toda a Escritura (v. 1Jo 1.8-10; Tg 3.2). Assim, pode ser que, no primeiro momento, não pareça muito importante dizer que nossa obrigação é fazer o que Deus nos ordena na Bíblia, pois nunca a obedeceremos de maneira completa nesta vida.

Mas essa verdade é de grande importância para a vida cristã, pois nos capacita a *concentrar* nossa busca pelo que Deus diz a nós somente na Bíblia, evitando que nos envolvamos na infindável tarefa de procurar em todos os escritos cristãos da história, em todos os ensinamentos da igreja, em todos sentimentos subjetivos e impressões que vêm à nossa mente no dia-a-dia,[2] com o objetivo de descobrir o que Deus exige de nós. De maneira bastante prática, isso significa que *somos capazes* de chegar a conclusões claras sobre muitos assuntos das Escrituras.

Isso exige certo trabalho, mas é *possível* encontrar todas as passagens bíblicas diretamente relacionadas a assuntos de casamento e divórcio, por exemplo, ou que tratem das responsabilidades dos pais com relação aos filhos, o relacionamento entre os cristãos e o governo civil, nossa responsabilidade pela fidelidade no falar. Além de tudo, significa que é possível coletar todas as passagens que se relacionam diretamente a questões doutrinárias como a expiação, a pessoa de Cristo e a obra do Espírito Santo na vida do crente. Nessas e em centenas de outras questões morais e doutrinárias, o ensinamento bíblico sobre a *suficiência* das Escrituras nos dá confiança de que *seremos* capazes de encontrar o que Deus exige que pensemos

[2]Isso não quer dizer que impressões subjetivas da vontade de Deus sejam inúteis ou devam ser ignoradas. Isso seria sugerir a visão quase deísta do (não) envolvimento de Deus na vida de seus filhos, transformando-se em uma visão mecânica e impessoal da orientação que podemos receber de Deus. É certo que Deus pode e realmente usa as impressões subjetivas de sua vontade para nos relembrar e encorajar, freqüentemente conduzindo nossos pensamentos na direção correta em muitas decisões rápidas tomadas durante todo o dia. Contudo, esses versículos sobre a suficiência das Escrituras nos ensinam que tais impressões subjetivas podem somente nos *lembrar* do que está nas Escrituras e jamais poderão *adicionar* qualquer coisa aos mandamentos existentes, muito menos *substituir* as Escrituras na definição de qual seja a vontade de Deus ou *se igualar às Escrituras em termos de autoridade* sobre nossa vida.

ou façamos nessas áreas. Em muitas dessas áreas, podemos obter a confiança de que, juntos com a maioria da igreja por toda a história, descobrimos e corretamente formulamos o que Deus quer que pensemos ou façamos. De modo simples, a doutrina da suficiência das Escrituras nos capacita a estudar teologia sistemática e ética e encontrar respostas para nossas questões.

Nesse aspecto, diferimos dos teólogos católicos romanos que dizem que não podemos ter ciência de tudo que Deus nos diz sobre qualquer assunto em particular até que tenhamos ouvido também o ensinamento oficial da igreja. Nossa resposta é que, apesar de a história da igreja nos ajudar a *entender* o que Deus diz na Bíblia, jamais Deus fez adições ao conteúdo das Escrituras ou dirigiu quaisquer palavras à humanidade que fossem iguais às Escrituras em autoridade. Em nenhum lugar da história da igreja, fora das Escrituras, Deus adicionou qualquer coisa que ele exija que acreditemos ou façamos. As Escrituras são suficientes para nos equipar para "toda boa obra", e andar por seus caminhos é ser "irrepreensível" aos olhos de Deus.

Nesse ponto, também discordamos dos teólogos não-evangélicos que não crêem que a Bíblia seja a Palavra de Deus em sentido absolutamente único ou em autoridade e que, portanto, procurariam não apenas na Bíblia, mas em qualquer outro escritor cristão primitivo, encontrar não o que Deus disse à humanidade, mas o que muitos cristãos primitivos experimentaram em seu relacionamento com Deus ou com Cristo. Eles tentam encontrar, portanto, não apenas a conclusão consolidada sobre o que Deus quer que pensemos ou façamos com relação a qualquer assunto em particular, mas a diversidade de opiniões e pontos de vista reunidos em torno de algumas idéias unificadoras principais. Todos esses pontos de vista defendidos pelos cristãos primitivos em quaisquer igrejas da época

do NT seriam, então, potencialmente válidos para os cristãos de hoje também. Nossa resposta a essa questão seria que nossa busca por respostas a perguntas teológicas e éticas não é uma tentativa de encontrar o que vários crentes pensaram na história da igreja, mas descobrir e compreender o que o próprio Deus nos diz com suas palavras encontradas nas Escrituras e apenas nelas.

Deve-se afirmar que a doutrina da suficiência das Escrituras não implica que *Deus* não possa adicionar palavras às que ele já falou a seu povo. Em vez disso, implica que o *homem* não pode adicionar por sua iniciativa quaisquer palavras às que Deus já falou. Além do mais, isso implica que, de fato, Deus *não falou* à humanidade qualquer palavra a mais que ele espera que acreditemos ou obedeçamos além das que temos na Bíblia.

Esse ponto é bastante importante, pois nos ajuda a compreender de que maneira Deus pôde dizer a seu povo que suas palavras foram suficientes em diversos pontos da história da redenção e de que maneira ele, todavia, pôde acrescentar palavras em situações posteriores da história da redenção. Em Deuteronômio 29.29, por exemplo, Moisés diz: "As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei".

Esse versículo nos lembra que Deus sempre tomou a iniciativa de revelar coisas a nós. Foi ele quem decidiu o que revelar e o que não revelar. Em cada estágio da história da redenção, as coisas que Deus revelou serviram ao seu povo naquele momento e precisavam ser estudadas, ter crédito e ser obedecidas. Diante do progresso da história da redenção, mais palavras de Deus foram adicionadas, registrando e interpretando a história (v. o apêndice B com relação ao desenvolvimento do cânon). Assim, na época da morte de Moisés, os primeiros cinco livros do nosso AT eram suficientes para o povo de Deus *naquele mo-*

mento. Então Deus direcionou autores para novas adições, de modo que as Escrituras pudessem ser suficientes para os crentes em momentos posteriores. Para os cristãos de hoje, as palavras de Deus do AT e do NT juntos são suficientes para nós *durante o período da igreja*. Depois da morte, ressurreição e ascensão de Cristo, além da fundação da igreja primitiva conforme registrado no NT, não ocorreram mais atos divinos de redenção (atos que têm relevância direta para todo o povo de Deus e para todo o tempo posterior) e, assim, não houve mais palavras de Deus para registrar e interpretar esses atos para nós.

Isso significa que podemos citar os textos canônicos das Escrituras para mostrar que o princípio da suficiência da revelação de Deus ao seu povo em cada momento permaneceu o mesmo. Nesse sentido, os versículos que falam da suficiência das Escrituras nos períodos iniciais são diretamente aplicáveis a nós hoje, embora a extensão da Bíblia à qual se refiram em nossa situação seja maior que a extensão das Escrituras à qual se referiam em seu contexto original. Os textos das Escrituras a seguir também se aplicam a nós neste sentido:

- Deuteronômio 4.2: "Nada acrescentem às palavras que eu lhes ordeno e delas nada retirem, mas obedeçam aos mandamentos do SENHOR, o seu Deus, que eu lhes ordeno".
- Deuteronômio 12.32: "Apliquem-se a fazer tudo o que eu lhes ordeno; não acrescentem nem tirem coisa alguma".
- Provérbios 30.5,6: "Cada palavra de Deus é comprovadamente pura; ele é um escudo para quem nele se refugia. Nada acrescente às palavras dele, do contrário, ele o repreenderá e mostrará que você é mentiroso".
- Apocalipse 22.18,19: "Declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhe acrescentar algo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste

> livro. Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro".[3]

A partir da doutrina da suficiência das Escrituras, podemos extrair diversas aplicações práticas para a vida cristã. A lista a seguir pretende ser útil, mas não definitiva quanto a esse aspecto.

1) A suficiência das Escrituras deve nos encorajar todas as vezes que tentarmos descobrir o que Deus quer que pensemos (com relação a uma questão doutrinária em particular referente a nós) ou façamos (com relação a uma situação particular que esteja acontecendo em nossa vida). Devemos ser encorajados pelo fato de que todas as coisas que Deus quer nos dizer sobre aquela questão podem ser encontradas nas Escrituras. Isso não quer dizer que a Bíblia tenha respostas ilimitadas para todas as perguntas que possam ser levantadas por nossa curiosidade ociosa, pois "as coisas encobertas pertencem ao SENHOR, o nosso Deus" (Dt 29.29). Mas isso realmente significa que, quando enfrentamos um problema de genuína importância na vida cristã, devemos buscar as Escrituras com a confiança de que, a partir delas, Deus nos dará orientação para o problema.

Certamente, haverá momentos em que a resposta encontrada é que as Escrituras não falam diretamente sobre o assunto. Esse seria o caso, por exemplo, se tentássemos encontrar nas Escrituras um tipo de "ordem de culto" a seguir nas manhãs de domingo, se quiséssemos saber se é melhor ajoelhar ou permanecer em pé enquanto oramos ou a que hora do dia devemos

[3]A referência fundamental desse versículo certamente é o próprio livro do Apocalipse, mas sua colocação aqui, no final do único livro que poderia ser colocado como o último do cânon do NT, dificilmente pode ter sido mero acaso. Assim, a aplicação secundária desse versículo a todo o cânon não parece ser inadequada (v. o apêndice B, sobre o cânon, esp. p. 324-5).

fazer nossas refeições. Nesses casos, podemos concluir que Deus não requer de nós que pensemos ou ajamos de determinada maneira com relação a esse aspecto (exceto, talvez, em termos de princípios mais gerais relativos às nossas atitudes e objetivos). Contudo, em muitos outros casos, encontraremos orientação direta e clara do Senhor capaz de nos equipar para "toda boa obra" (2Tm 3.17).

Conforme passamos pela vida, a prática freqüente de buscar nas Escrituras a orientação necessária resultará na capacidade cada vez maior de encontrar respostas precisas e cuidadosamente formuladas aos nossos problemas e questionamentos. O crescimento que dura por toda a vida na compreensão das Escrituras incluirá crescimento em capacidade e na correta compreensão e aplicação dos ensinamentos bíblicos a questões específicas.

2) A suficiência das Escrituras nos lembra que não devemos adicionar nada a elas e que não devemos considerar qualquer outro texto possuidor de igual valor ao das Escrituras. Essa aplicação é violada por quase todas as seitas. Os mórmons, por exemplo, afirmam acreditar na Bíblia, mas também afirmam que o *Livro de Mórmon* possui autoridade divina. Os seguidores da Ciência Cristã do mesmo modo afirmam acreditar na Bíblia, mas, na prática, colocam o livro *Ciência e saúde como chave das Escrituras*, de Mary Baker Eddy, em pé de igualdade com as Escrituras ou até mesmo acima delas em autoridade. Essas práticas violam as ordens de Deus de não adicionar nada às suas palavras, e não há motivo para achar que qualquer palavra adicional de Deus a nós possa ser encontrada nesses escritos.

3) A suficiência das Escrituras também nos diz que Deus não exige de nós que acreditemos em qualquer coisa sobre ele mesmo ou sobre sua obra redentora que não esteja na Bíblia. Dentre as compilações de escritos do tempo da igreja primitiva

existem algumas com supostos dizeres de Jesus que não foram preservados nos evangelhos. É provável que, pelo menos alguns desses "dizeres de Jesus" encontrados nesses escritos possam ser registros bastante acurados de coisas que Jesus realmente disse (embora seja impossível para nós determinar, em qualquer grau de probabilidade, quais são). Mas realmente não importa para a vida cristã lermos ou não qualquer um desses dizeres, pois Deus já fez com que fosse registrado nas Escrituras tudo que precisávamos saber sobre as palavras e os feitos de Jesus para confiarmos nele e obedecer-lhe de maneira perfeita. O que mais poderíamos querer? Essas compilações de frases realmente têm algum valor limitado na pesquisa lingüística e talvez no estudo da história da igreja, mas não possuem valor direto para nós quanto ao que devemos crer sobre a vida ou com relação aos ensinamentos de Cristo ou à formulação de nossas convicções doutrinárias e éticas.

4) A suficiência das Escrituras nos mostra que nenhuma revelação moderna de Deus deve ser colocada no mesmo nível da Bíblia em termos de autoridade. Em vários momentos da história da igreja — particularmente no movimento renovado moderno — pessoas afirmam que Deus tem dado revelações por meio delas para benefício da igreja. Embora possamos avaliar tais afirmações, devemos ser cuidadosos no sentido de nunca permitir (na teoria ou na prática) a colocação de tais revelações no mesmo nível das Escrituras (o fato é que o mais responsável porta-voz do movimento renovado moderno parece concordar de maneira geral com essa precaução). Devemos insistir em que Deus não requer que acreditemos em qualquer coisa sobre ele ou sobre sua obra no mundo que esteja contida em alguma dessas revelações e que não esteja nas Escrituras. Devemos afirmar que Deus não exige que obedeçamos a qualquer orientação moral que venha a nós por meios como esse e não sejam confirmadas pelas Escrituras. A Bíblia contém tudo que preci-

samos que Deus nos diga para que confiemos nele e o obedeçamos de maneira perfeita.[4]

Toda vez que desafios à suficiência das Escrituras são levantados na forma de documentos a serem colocados junto às Escrituras em termos de autoridade (seja de literatura cristã extrabíblica do primeiro século, seja de ensinamentos acumulados da Igreja Católica Romana, seja de livros de várias religiões, como o *Livro de Mórmon*), o resultado é: 1) a diminuição da ênfase dos ensinos da Bíblia e 2) o ensino de coisas contrárias às Escrituras. Esse é um perigo com relação ao qual a igreja deve estar sempre alerta.

5) Com relação à vida cristã, a suficiência das Escrituras nos lembra que nada que não tenha sido proibido na Bíblia é pecado (seja explicitamente ou por implicação). Andar conforme a lei do Senhor *é* ser "irrepreensível" (Sl 119.1). Portanto, não devemos adicionar proibições além das estipuladas na Bíblia. De tempos em tempos, podem surgir situações nas quais seria errado, por exemplo, beber café ou coca-cola, ir ao cinema ou comer carne oferecida a ídolos (v. 1Co 8—10), mas, a não ser que algum ensinamento específico ou um princípio geral das Escrituras possa ser mostrado para proibir esta ou aquela atividade para todos os crentes de todos os tempos, devemos insistir em que essas atividades não são *em si* pecaminosas e não são proibições estabelecidas por Deus a seu povo *em todas as situações*.

Há uma tendência entre os crentes de começar a negligenciar a busca regular e diária da orientação das Escrituras e começar a viver de acordo com um conjunto de regras (ou tradições

[4]Não adoto o ponto de vista "cessacionista" dos dons espirituais (que afirma que alguns dons, como o de profecia e o falar em línguas, cessaram quando os primeiros apóstolos morreram). Apenas afirmo a existência do perigo de dar a esses dons, de maneira explícita ou implícita, um *status* que efetivamente desafie a autoridade ou a suficiência das Escrituras na vida dos crentes.

denominacionais), escritas ou não, referentes ao que alguém deve ou não fazer na vida cristã.

Além do mais, sempre que adicionarmos um item à lista de pecados proibidos pelas Escrituras haverá danos para a igreja e para a vida do cristão, em particular, em outros aspectos. O Espírito Santo não exige obediência a regras que não tenham a aprovação de Deus nas Escrituras,[5] nem os crentes encontrarão prazer na obediência a mandamentos que não estejam de acordo com as leis de Deus escritas no coração. Em alguns casos, o que o cristão pode fazer é repetida e honestamente pedir a Deus "vitória" sobre certos pecados que, na verdade, não são pecados; desse modo, nenhuma "vitória" será alcançada, porque a ação ou atitude em questão não está de fato desagradando a Deus. O resultado geralmente pode ser desânimo na oração e frustração na vida cristã.

Em outros casos, surgirá desobediência contínua ou até mesmo crescente com relação a esses novos "pecados", juntamente

[5]É claro que sociedades humanas como nações, igrejas e famílias podem formular regras de conduta para seus assuntos internos (tais como: "As crianças desta casa não podem assistir televisão nos dias de semana à noite"). Nenhuma regra assim pode ser encontrada nas Escrituras e é improvável que possa ser demonstrada por implicação a partir de princípios bíblicos. Contudo, a obediência a essas regras é exigida por Deus porque as Escrituras nos dizem que devemos estar sujeitos às autoridades que nos governam (Rm 13.1-7; Ef 6.1-3; IPe 2.13—3.6 etc.). Uma negação da suficiência das Escrituras ocorreria somente se alguém tentasse dar à regra uma aplicação generalizada fora da situação na qual ela deveria adequadamente se aplicar ("Nenhum membro de nossa igreja deve assistir TV nos dias de semana à noite" ou: "Nenhum cristão deve assistir TV nos dias de semana à noite"). Isso se tornaria não uma regra de conduta para uma situação específica, mas uma ordem moral que aparentemente tem o propósito de se aplicar a todos os cristãos, independentemente de sua situação. Não estamos livres para adicionar regras à Bíblia e, então, tentar impô-las a todos os crentes sobre os quais tenhamos influência. Nem mesmo a igreja pode tentar fazê-lo (aqui, mais uma vez, os católicos romanos pensam diferente, dizendo que Deus dá *à igreja* a autoridade de impor regras morais a todos os membros em adição às Escrituras).

com o falso sentimento de culpa e a resultante alienação de Deus, coisas que nunca deveriam ter ocorrido. Também surgirá crescente insistência legalista e intransigente nas novas regras por parte de quem realmente a segue, o que fará com que a genuína comunhão entre os crentes na igreja desapareça. O evangelismo será sempre sufocado, pois a proclamação silenciosa do Evangelho que vem a partir da vida do crente parecerá incluir a exigência adicional de que alguém se encaixe nesse padrão de vida com o objetivo de se tornar membro do corpo de Cristo.

Um claro exemplo de tais adições aos mandamentos das Escrituras é encontrado na oposição da Igreja Católica Romana aos meios "artificiais" de controle da natalidade, política que não encontra apoio válido nas Escrituras. Desobediência desenfreada, alienação e falsa culpa têm sido o resultado disso. Contudo, tal é a propensão da natureza humana de estabelecer regras que é muito provável que se encontrem vários outros exemplos nas tradições — escritas ou não — de quase todas as denominações.

6) Como paralelo ao ponto 5, a suficiência das Escrituras nos diz que nada é exigido de nós da parte de Deus que não tenha sido ordenado nas Escrituras (seja de maneira explícita, seja por implicação). Portanto, o foco de nossa busca pela vontade de Deus deve estar nas Escrituras, e não fundamentalmente na busca de orientação para mudar as circunstâncias, alterar sentimentos ou encontrar orientação direta do Espírito Santo à parte das Escrituras. Isso também significa que, se alguém afirma ter uma mensagem de Deus para nós com relação ao que devemos fazer, precisamos estar cientes de que nunca será pecado desobedecer tal mensagem, a não ser que ela seja confirmada pela aplicação das próprias Escrituras à nossa situação.

Descobrir essa grande verdade pode trazer imensa alegria e paz à vida de milhares de cristãos que passam incontáveis horas

buscando a vontade de Deus fora das Escrituras e estão continuamente inseguros de a terem encontrado. Na verdade, é bem provável que na vida do crente exista pouca confiança na capacidade própria de descobrir a vontade de Deus com pelo menos alguma certeza. Assim, há pouca busca pela vontade de Deus (quem pode conhecê-la?) e pouco crescimento na santidade diante dele.

O oposto também é verdade. Os cristãos que estão convencidos da suficiência das Escrituras devem começar a buscar avidamente a vontade de Deus *e encontrá-la* nas Escrituras. Devem crescer com disposição e regularidade na obediência a Deus. Isso deve resultar em maior liberdade e paz na vida cristã, o que fará com que cada vez mais sejamos capazes de falar como o salmista: "Obedecerei constantemente à tua lei, para todo o sempre. Andarei em *verdadeira liberdade*, pois tenho buscado os teus preceitos [...] Os que amam a tua lei desfrutam paz, e nada há que os faça tropeçar" (Sl 119.44-45,165; grifo do autor).

7) A suficiência das Escrituras nos lembra que em nosso ensinamento doutrinário e ético devemos enfatizar o que as Escrituras enfatizam e nos contentar com o que Deus nos diz nas Escrituras. Existem assuntos sobre os quais Deus nos disse pouca coisa ou até mesmo nada na Bíblia. Devemos nos lembrar que "as coisas encobertas pertencem ao SENHOR, o nosso Deus" (Dt 29.29) e que Deus revelou-nos nas Escrituras exatamente o que considera correto para nós. Não devemos nos entristecer com isso e achar que as Escrituras são menos do que deveriam ser ou começar a desejar que Deus tivesse nos dado mais informação referente a assuntos sobre os quais existem poucas referências bíblicas. Naturalmente, haverá situações nas quais seremos confrontados com um problema em particular que exija muita atenção, mais do que a ênfase que o assunto recebe em alguma passagem das Escrituras. Mas essas situações são relativamente raras e não representam o curso geral de nossa vida e ministério.

É característica de muitas seitas enfatizar porções ou ensinamentos obscuros das Escrituras (p.ex, a ênfase dos mórmons quanto ao batismo dos mortos, assunto mencionado em apenas um versículo da Bíblia — 1Co 15.29 —, ou em uma frase cujo significado seja impossível determinar com precisão hoje). Mas um erro similar foi cometido por uma geração inteira de estudiosos liberais do NT no início do século XX. Esses pesquisadores dedicaram a maior parte de sua vida acadêmica na busca das fontes que estariam "por trás" das narrativas dos evangelhos ou das frases "autênticas" de Jesus.

Infelizmente, um padrão similar ocorre com muita freqüência entre os evangélicos de várias denominações. Os temas doutrinários que distinguem as denominações evangélicas protestantes quase sempre se baseiam em assuntos nos quais a Bíblia coloca relativamente pouca ênfase — nossas conclusões devem ser tiradas mais a partir de inferência habilidosa que de afirmações bíblicas diretas. Diferenças denominacionais permanentes, por exemplo, têm sido mantidas sobre coisas como a forma "adequada" da liderança da igreja, a exata natureza da presença de Cristo na ceia do Senhor, a seqüência precisa dos acontecimentos dos últimos dias, as categorias de pessoas que devem ser admitidas na ceia do Senhor, a maneira pela qual Deus planejou que os méritos da morte de Cristo fossem aplicados aos crentes e não aplicados aos não-crentes, o que é correto com relação ao batismo e a correta compreensão do "batismo no Espírito Santo".

Não queremos dizer que tais questões não sejam importantes nem que as Escrituras não solucionam quaisquer dessas questões (na verdade, com respeito a muitas delas, defendo uma solução específica no livro do qual este apêndice foi retirado — v. nota 1 deste apêndice). Mas a questão aqui é que todos esses tópicos recebem relativamente pouca ênfase direta nas Escrituras, e é irônico e trágico que, com tanta freqüência, líderes

denominacionais dediquem grande parte de sua vida a defender precisamente os pontos doutrinários menores que fazem sua denominação diferente das outras. Seria esse esforço realmente motivado pelo desejo de trazer unidade de pensamento à igreja ou é determinado pelo orgulho humano, pelo desejo de exercer poder sobre outros ou por uma tentativa de autojustificação que desagrada a Deus e, por fim, não edifica a igreja?

ALGUMAS PERGUNTAS PARA APLICAÇÃO PESSOAL

No processo de crescimento da vida cristã e no aprofundamento de nosso relacionamento com Deus, quanta ênfase você já colocou à leitura da Bíblia e de outros livros cristãos? Ao buscar conhecer a vontade de Deus para sua vida diária, quanta ênfase você dá à leitura das Escrituras e de outros livros cristãos? Você acha que a doutrina da suficiência das Escrituras fará com que você coloque mais ênfase à leitura bíblica?

Que questões doutrinárias ou morais o deixam em dúvida hoje? Essa discussão aumentou sua confiança na capacidade das Escrituras em fornecer uma resposta clara a algumas dessas perguntas?

Você já quis que a Bíblia dissesse mais do que realmente diz sobre certo assunto? Ou menos? O que você acha que motivou esse desejo? Depois de ler este apêndice, de que maneira você falaria com alguém que expressasse tal desejo? De que maneira a sabedoria de Deus é mostrada no fato de sua opção por não deixar a Bíblia mais longa ou mais curta do que realmente é?

De que maneira a definição do que é ser "feliz" em Salmos 119.1 muda sua visão do que é sucesso em sua vida diária? E em sua carreira?

Às vezes, as pessoas tomam decisões baseadas em todas as informações que são capazes de obter à época da decisão, mas, depois, descobrem novas informações que fazem com que se

sintam arrependidas (exemplos disso poderiam ser o homem de negócios que perde uma grande oportunidade de investimento ou alguém que, devido à pressão das circunstâncias, deixa de visitar o pai idoso e, mais tarde, descobre que este faleceu). Você pode explicar de que maneira a doutrina da suficiência das Escrituras evita que os cristãos se arrependam excessiva e falsamente em casos como esses?

Se a Bíblia contém tudo que precisamos que Deus nos diga para o obedecermos de maneira perfeita, qual é papel o de cada uma das coisas a seguir no processo de descobrirmos a vontade de Deus para nós: conselho de outras pessoas; sermões ou classes bíblicas; nossa consciência; nossos sentimentos; orientação do Espírito Santo quando sentimos que ele está direcionando nossos sentimentos interiores e nos dando impressões subjetivas; mudanças das circunstâncias; profecia nos dias atuais?

À luz dessa discussão, de que maneira você poderá descobrir a vontade perfeita de Deus para sua vida? É possível que haja mais de uma escolha perfeita em alguma decisão que fazemos? (Considere Sl 1.3 e 1Co 7.39 para buscar a resposta.).

Há momentos em que você compreende os princípios das Escrituras suficientemente bem com relação a uma situação específica, mas não sabe de todos os fatos a ponto de aplicar um princípio bíblico corretamente? Seria possível que, na busca por conhecer a vontade de Deus, existam coisas que precisemos saber além de: a) o ensinamento das Escrituras; b) os fatos da situação em questão; c) juntamente com a habilidade na aplicação correta dos itens "a" e "b"? Qual é, portanto, o papel da oração na busca por orientação? Pelo que devemos orar?

Apêndice 1

Profecias e profetas no Antigo Testamento e no Novo Testamento: um estudo bíblico-teológico[1]

INTRODUÇÃO

A profecia é o meio mais comum para Deus comunicar-se com seu povo no decorrer da história bíblica. A história da profecia é a história de Deus falando ao povo por mensageiros humanos desde o Gênesis até o Apocalipse e, portanto, é a história do diversificado relacionamento de Deus tanto com seu povo quanto com outros. Falando pelos profetas, Deus orientou reis e o povo, dizendo-lhes como agir em situações específicas, advertiu o povo quando este o desobedeceu, predisse acontecimentos futuros, interpretou acontecimentos e demonstrou ser o condutor da história e ser o Deus presente para relacionar-se de maneira pessoal com seu povo.

Os princípios básicos concernentes a profetas e profecias são indicados no Pentateuco, especialmente em conexão com Moisés, mas o pleno estabelecimento do ofício regular de

[1]Este apêndice foi extraído de um manuscrito anterior à publicação de outro livro do autor, intitulado *New dictionary of biblical theology* (Leicester: InterVarsity [no prelo]), e está sendo usado com permissão. Esse artigo é um estudo biblico-teológico sobre os profetas e as profecia em toda a Bíblia.

profeta, bem como de profetas secundários, não surgiu antes dos últimos livros históricos e dos escritos proféticos. Nos evangelhos, Jesus é descrito como o grande profeta, mas também como muito mais que isso. O livro de Atos dos Apóstolos e as epístolas descrevem um dom de profecia com menor autoridade, porém distribuído de maneira mais ampla, além de ser considerado o mais valioso dos dons que o Espírito Santo concede à igreja. A Bíblia encerra-se com o retrato sóbrio e magnífico do futuro nas profecias do Apocalipse.

PROFECIA E PROFETAS DO PENTATEUCO

Enquanto os autores do NT identificam Abel (Gn 4.1-8; Lc 11.50,51) e Enoque (Gn 5.18-24; Jd 14) como profetas, a primeira menção explícita a um "profeta" (hb. *nāvî*) no AT é encontrada quando Deus fala a Abimeleque que Abraão "é profeta, e orará em seu favor, para que você não morra" (Gn 20.7). Isso sugere que o "profeta" tinha um relacionamento especial com Deus, e suas orações eram respondidas; tema revisto mais tarde no AT (v. a seguir).

O mensageiro capacitado pelo Espírito de Deus

A natureza essencial do profeta como mensageiro de Deus é descrita em termos de uma analogia humana em Êxodo 7:

> Então, disse o SENHOR a Moisés: Vê que te constituí como Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta. Tu falarás tudo o que eu te ordenar; e Arão, teu irmão, falará a Faraó, para que deixe ir da sua terra os filhos de Israel (Êx 7.1,2; RA).

Moisés é como Deus no sentido de comunicar uma mensagem a Arão. Arão é como um "profeta" no sentido de transmitir a alguém a mensagem recebida. Essa concepção fundamental do profeta como mensageiro de Deus está presente na descrição de profetas tanto no AT quanto no NT.

O Espírito de Deus é necessário para capacitar os verdadeiros profetas, pois somente depois que o Senhor coloca sobre os setenta anciãos (ou autoridades) um pouco do espírito que estava em Moisés eles se tornam capazes de profetizar (Nm 11.25).

A mensagem do profeta não é propriamente dele

O que estava implícito na analogia de Moisés e Arão falando ao faraó (Êx 7.1) fica explícito em Deuteronômio: o profeta não tinha mensagem própria e só podia comunicar a mensagem que o Senhor lhe dera. Deus promete que todas as vezes que levantar um profeta como Moisés, "porei minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar" (Dt 18.18). Nem mesmo o ganancioso e rebelde Balaão poderia mudar isso, pois ele disse: "Mas, seria eu capaz de dizer alguma coisa? Direi somente o que Deus puser em minha boca" (Nm 22.38).

A singularidade de Moisés

Moisés tem um relacionamento mais direto com Deus que qualquer outro profeta em todo o AT. Também é confiada a ele maior responsabilidade:

> Quando entre vocês há um profeta do SENHOR, a ele me revelo em visões, em sonhos falo com ele. Não é assim, porém, com meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Com ele falo face a face, claramente, e não por enigmas; e ele vê a forma do SENHOR (Nm 12.6*b*-8; v. 34.10).

Embora outros profetas sejam mencionados no Pentateuco, tal como Abraão, Miriã (Êx 15.20), Balaão (Nm 22.38) e os setenta anciãos que profetizaram (Nm 11.25), nenhum profeta é visto do mesmo modo que Moisés. Contudo, Moisés promete que outro profeta como ele será levantado: "O SENHOR, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um profeta

como eu; ouçam-no" (Dt 18.15). Embora essa expectativa tenha encontrado cumprimento parcial em muitos profetas subseqüentes do AT que falaram as palavras do Senhor, essa foi, na verdade, uma predição messiânica que encontrou cumprimento em Jesus (Jo 6.14; 7.40; At 3.22; 7.37).

A expectativa de que algum dia todo o povo de Deus irá profetizar

A existência de um grupo inicial de profetas secundários (setenta anciãos que profetizaram com Moisés em Nm 11.25) fornece o padrão para os grupos subseqüentes de profetas do AT (v. a seguir) e também a expectativa de que, um dia, o dom de profecia seria largamente distribuído entre o povo de Deus. Moisés diz: "Quem dera todo o povo do SENHOR fosse profeta e que o SENHOR pusesse o seu Espírito sobre eles!" (Nm 11.29). Aqui, Moisés deseja não apenas o dom profético, mas a disseminação do relacionamento singular com Deus que o dom poderia indicar, pois ele sabe por experiência própria que os profetas caminham muito perto de Deus. Essa expectativa é repetida na profecia de Joel (Jl 2.28,29) e é cumprida inicialmente na igreja do NT, no dia de Pentecoste (At 2.16-18).

O problema dos falsos profetas

Uma vez que o profeta podia transmitir somente a mensagem de Deus — e não a própria mensagem —, conclui-se que o falso profeta é quem não tem uma mensagem de Deus, mas presume falar em nome dele de qualquer maneira (Dt 18.20). Se a falsa profecia fosse acompanhada da sugestão de servir outros deuses (Dt 13.1-5; 18.20), o profeta tinha "que ser morto" (Dt 13.5). Contudo, em oposição a uma má interpretação popular (e ao que escrevi na p. 27 deste livro!), não

havia pena de morte simplesmente pela falsa profecia, pois Deuteronômio 18.20 exige a pena capital somente para quem se propunha a transmitir uma mensagem que Deus não dera *e* a "falar em nome de outros deuses" (conforme consta do texto hebraico e da LXX, ao contrário das versões modernas, que traduzem o hb. *waw* por "ou").

Os falsos profetas eram conhecidos tanto pela defesa de outros deuses quanto pelo fracasso de suas predições (Dt 13.2-3,5; 18.22). Esses falsos profetas poderiam até mesmo realizar algum "sinal ou prodígio" (13.2), mas a falsa doutrina revelava sua verdadeira natureza. Ao permitir que os falsos profetas existissem em Israel, o Senhor "testava" seu povo, "para ver se o amam de todo o coração e de toda a alma" (Dt 13.3).

PROFECIA E PROFETAS NOS LIVROS HISTÓRICOS POSTERIORES AO PENTATEUCO E NOS ESCRITOS PROFÉTICOS

Os principais profetas estabelecidos

Assim como Moisés foi estabelecido no Pentateuco como o primeiro profeta de Deus, o mesmo aconteceu na história subseqüente do AT, como no caso de Samuel (1Sm 3.20), Gade (1Sm 22.5), Natã (2Sm 7.2), Elias (1Rs 18.22), Eliseu (2Rs 2.15), Isaías (2Rs 20.1), Jeremias (2Cr 36.12) e outros profetas escritores estabelecidos e reconhecidos como profetas do Senhor. O padrão para um papel reconhecido e proeminente como esse foi visto em Samuel quando ele foi "confirmado como profeta do SENHOR" (1Sm 3.20), e o Senhor "fazia com que todas as suas palavras se cumprissem" (v. 19). O texto freqüentemente menciona que os primeiros profetas foram confirmados por milagres (1Rs 18.24,38,39; 2Rs 5.3,14), pela verdade de suas predições (1Sm 19 e 20; 1Rs 14.18; 16.12) e por sua lealdade ao único e verdadeiro Deus.

Grupos secundários de profetas

Juntamente com os profetas "confirmados" que tinham posições reconhecidas de liderança, havia vários grupos secundários de profetas, tal como os que se encontraram com Saul depois de Samuel tê-lo ungido rei (1Sm 10.5), como os cem profetas que foram escondidos por Obadias (1Rs 18.4) e o grupo de profetas ou "discípulos de profetas" de Betel (2Rs 2.3), Jericó (2Rs 2.5,7) e Gilgal (2Rs 4.38).

Esses grupos de profetas não são vistos como falsos profetas, mas como servos do único e verdadeiro Deus aliados aos verdadeiros profetas, como no caso de Elias e Eliseu (2Rs 2.3,5,7) ou de Obadias (que os esconde da rainha ímpia Jezabel, 1Rs 18.4). Portanto, os profetas secundários deviam receber algum tipo de mensagem ou revelação de Deus, pois esse era o requisito essencial para ser chamado "profeta" (eles tinham, p.ex., um conhecimento especial, vindo de Deus, de que Elias seria tomado certo dia pelo Senhor — 2Rs 2.3,5). Contudo, nenhuma dessas manifestações proféticas foi preservada nas Escrituras canônicas, o que pode sugerir que não eram consideradas idênticas em valor ou em autoridade às mensagens dos profetas principais e estabelecidos como Samuel e Elias. A ampla distribuição de profecia a esses grupos de profetas é uma antevisão do derramamento da profecia sobre "filhos [...] filhas [...] jovens [...] velhos [...] servos e [...] servas" (At 2.17,18) na Nova Aliança.

A "profecia" involuntária e a limitação física que afetou Saul e seus mensageiros (1Sm 19.20-24) permanece como um incidente único nas Escrituras e não deve ser generalizado nem servir de base para se afirmar que existiam grupos de profetas "extáticos" por toda a terra (1Sm 10.5-13 indica acompanhamento musical para as profecias, mas não experiência extática involuntária).

Mulheres e profecia

Várias mulheres são citadas como profetisas no AT. Já no Pentateuco, lemos sobre Miriã (Êx 15.21), e os livros seguintes mencionam Débora (Jz 4), Hulda (2Rs 22.14-20; 2Cr 34.22-28) e a esposa de Isaías (Is 8.3; também existiu uma mulher que era falsa profetisa, chamada Noadia, citada em Ne 6.14). As profetisas também prenunciaram a Nova Aliança, quando Deus derramaria seu Espírito sobre todo o povo e "filhos e [...] filhas", "servos e [...] servas" profetizariam (v. Jl 2.28-29; At 2.17,18).

Fora os casos da ministração de Miriã por meio da música e do cântico de Débora e Baraque, as profetisas do AT ministravam a pessoas de maneira particular, em vez de em público e para grandes grupos. Desse modo, vemos Débora proferindo julgamentos particulares (hb. *mishpaṭ*, Jz 4.5; v. tb. 2Rs 22.14; 2Cr 34.22). A atividade das profetisas era distinta da dos sacerdotes do AT, pois todos os homens tinham a responsabilidade de ensinar a lei de Deus para o povo (Ml 2.7; v. Dt 24.8; 2Rs 12.2; 17.27,28; 2Cr 15.3; Ne 8.9; Os 4.6; Mq 3.11), e também era diferente da atividade dos reis, que governavam o povo. Assim, o AT também prenunciou o encorajamento que as mulheres receberam para profetizar nas igrejas do NT (At 21.9; 1Co 11.5), mas não para ensinar ou governar a igreja (1Co 14.33-35; 1Tm 2.11-15; 3.2).

Outros nomes para profetas

Outros nomes foram aplicados aos profetas, incluindo "homem de Deus" (1Sm 2.27; 9.6; 1Rs 13.1-10; 17.24 etc.) e "vidente" (essa palavra traduz dois diferentes termos hebraicos que parecem ser sinônimos muito próximos: *ro'ēh* em 1Sm 9.9,11; 1Cr 9.22; 29.29 etc. e *ḥozēr* em 2Sm 24.11; 2Rs 17.13; 1Cr 21.9 etc.). Outro título bastante comum é "servo" de Deus (1Rs 14.18; 18.36; Jr 25.4). O próprio Senhor Deus refere-se a eles

como "meus servos, os profetas" (2Rs 9.7; 17.13; v. Am 3.7), título que sugere que Deus os enviava regularmente para realizar diversas tarefas em seu nome.

De que maneira os profetas recebiam mensagens de Deus?

O AT registra vários meios de recebimento da mensagem divina, incluindo visões freqüentes (1Sm 3.1,15; 2Sm 7.17; Is 1.1; 6.1-3; Ez 11.24; Dn 8.1,2 etc.; v. Nm 12.6). Os sonhos também são mencionados na passagem fundacional de Números 12.6 ("Quando entre vocês há um profeta do SENHOR, a ele me revelo em visões, em sonhos falo com ele"). O texto de Joel 2.28 promete sonhos em conexão com o derramamento do dom profético no futuro.

O meio mais comum de comunicação de Deus ao profeta era a mensagem verbal direta. Por diversas vezes, simplesmente se diz que Deus colocava as palavras na boca do profeta (Is 51.16; Jr 1.9 etc.; v. Dt 18.18). Em alguns momentos, a mensagem é chamada "peso" (hb. *massā'*; Is 13.1; 15.1; 17.1; 19.1; 21.1,11,13; Jr 23.33-40; Na 1.1; Zc 9.1; 12.1; Ml 1.1, todas na RC. A RA e a NVI traduzem o termo por "sentença" ou "advertência"), sugerindo que um pesado senso de responsabilidade ou talvez de relutância foi sentido pelo profeta que recebera tal mensagem. Em cerca de uma centena de outros casos, simplesmente ouvimos, sem maiores explicações, que "o SENHOR falou" ou "a palavra do SENHOR veio" ao profeta (1Sm 15.10; 2Sm 7.4; 24.11; Is 38.4; Ez 1.3; Jn 1.1 etc.). Em várias ocasiões, isso é dito com relação a um momento bastante específico: "Antes de Isaías deixar o pátio intermediário, a palavra do SENHOR veio a ele" (2Rs 20.4; v. 1Rs 18.1; Jr 42.7; Ez 3.16; Zc 1.7). Em algumas ocasiões, a palavra do Senhor vem na forma de pergunta, à qual o profeta responde imediatamente (1Rs 19.9,10; Jr 1.11,13). Por fim, em algumas passagens bastante longas dos escritos dos profetas, simplesmente somos presenteados com o

conteúdo da mensagem do profeta, sem nenhuma indicação de como o profeta a recebeu.

O Espírito Santo (freqüentemente chamado "Espírito de Deus" ou "Espírito do Senhor") é visto como o agente pessoal que vem sobre o profeta e torna a mensagem de Deus conhecida a ele (1Sm 10.6,10; observe as afirmações gerais de Ne 9.30; Zc 7.12; v. Nm 11.24-29).

O profeta é participante de um relacionamento pessoal regular e incomum com Deus e, portanto, está em freqüente comunicação pessoal com ele. São os profetas que se levantam no "conselho" do Senhor (Jr 23.18,22), e o Senhor revela a eles de antemão o que irá fazer: "Certamente o SENHOR, o Soberano, não faz coisa alguma sem revelar o seu plano aos seus servos, os profetas" (Am 3.7). Tais afirmações evocam um maravilhoso quadro de amizade pessoal com Deus, algo que se torna explícito nos casos de Moisés (Êx 33.11; Dt 34.10) e Abraão (2Cr 20.7; Is 41.8; v. Tg 2.23). Pelo fato de o profeta estar em comunicação tão próxima com Deus, ele com freqüência simplesmente "sabe" algo sobre determinada situação que não poderia ter visto apenas com os olhos naturais, mas que necessariamente foi revelado por Deus (1Rs 14.4-6; 2Rs 25.25,26; 6.12; 8.12,13; note a surpresa de Elias ao perceber que havia alguma coisa que o Senhor *não* lhe dissera na passagem de 2Rs 4.27). À luz do relacionamento pessoal entre Deus e os profetas, é notável perceber que a epístola neotestamentária de Tiago vê a vida de oração de Elias como o padrão que os cristãos devem imitar (Tg 5.16-18).

De que maneira os profetas transmitiam sua mensagem?

O mais comum era que as mensagens proféticas fossem simplesmente proferidas em voz alta, com afirmação de que realmente eram palavras do Senhor. A fórmula do mensageiro profético "Assim diz o Senhor..." — ocorre centenas de vezes no AT.

De tempos em tempos, uma ação simbólica de grande dramaticidade acompanhava a mensagem profética falada. O profeta Aías rasgou uma capa nova em doze pedaços e deu dez a Jeroboão para simbolizar a divisão do reino (1Rs 11.30,31); Eliseu fez com que o rei Jeoás atirasse uma flecha, simbolizando a vitória sobre os sírios (2Rs 13.15-18); Jeremias quebrou um vaso de barro para simbolizar o irreparável julgamento que viria sobre Jerusalém (Jr 19.10-13); Ezequiel fez um buraco no muro da cidade e passou por ali sua bagagem, simbolizando o exílio que estava por vir (Ez 12.3-6). Tais atos simbólicos não adicionavam simplesmente um impacto inesquecível à mensagem, uma vez que as próprias ações eram a forma pela qual a mensagem era transmitida.

A autoridade da mensagem profética

As palavras dos profetas por todo o AT eram palavras do próprio Deus. Quando um verdadeiro profeta predizia um acontecimento, ele certamente se daria "conforme o SENHOR predissera por meio do seu servo, o profeta..." (1Rs 14.18; 16.12,34; 17.16; 22.38; 2Rs 1.17; 7.16; 14.25; 24.2). É fácil compreender por que as coisas deveriam ser assim: se o Deus onisciente e onipotente predissesse alguma coisa, então aquilo certamente aconteceria.

Pelo fato de as palavras dos profetas serem as palavras de Deus, o povo tinha a obrigação de acreditar e obedecer àquelas palavras. Acreditar em Deus era acreditar em seus profetas (2Cr 20.20; 29.25; Ag 1.12), pois as palavras dos profetas eram as próprias palavras de Deus (2Cr 29.25). Portanto, desobedecer ou não acreditar no verdadeiro profeta era desobedecer ou não acreditar no próprio Deus, fazendo com que o ouvinte fosse responsabilizado (1Sm 8.7; 1Rs 20.36; 2Cr 25.16; Is 30.12-14; v. Dt 18.19).

Pelo fato de as palavras cheias de autoridade divina também terem sido registradas nas Escrituras do AT, essas passa-

gens apresentam um forte argumento de *prima facie* no que se refere à autoridade das Escrituras: o povo de Deus por todas as eras tem a obrigação de tratar todas as palavras dos profetas como palavras de Deus, nas quais ele exige que seu povo acredite e, quando entendidas e aplicadas corretamente com respeito à situação da Nova Aliança, também obedeçam.

O conteúdo da mensagem profética: palavras de Deus para guiar, advertir, predizer e interpretar

Todos os tipos de mensagens necessárias ao relacionamento entre Deus e seu povo estão incluídas nas palavras dos profetas. Em uma grande variedade de circunstâncias, os profetas entregaram ao povo as palavras que Deus enviara para cada situação específica.

A mensagem de Deus podia incluir orientação específica sobre o curso particular de uma ação (1Sm 22.5). O tipo freqüente de orientação era a declaração da escolha divina a favor de um rei ou de outro profeta, casando essa declaração com o simbolismo físico da unção com óleo para o estabelecimento da pessoa em tal ofício (1Sm 15.1; 16.13; 1Rs 19.15,16; 2Rs 9.3-10). Em alguns casos, as pessoas até mesmo iam até o profeta para inquirir sobre a orientação de Deus (1Sm 9.9; 1Rs 22.7; 2Rs 3.11).

A orientação moral para o povo pecador várias vezes se transformou em repreensão pelo pecado e advertência de punição futura caso o povo não se arrependesse (2Cr 24.19; Ne 9.30 etc.). No contexto de tais advertências, os profetas declaravam a lei de Deus ao povo (2Rs 17.13; Dn 9.10; Zc 7.12), o que é consistente com o papel duplo de Moisés nos primeiros momentos, o legislador e o primeiro profeta do AT. A atividade de repreensão e advertência exercida por muitas gerações pelos profetas é resumida em 2Reis 17.13:

> O SENHOR advertiu Israel e Judá por meio de todos os seus profetas e videntes: "Desviem-se de seus maus caminhos. Obedeçam às minhas ordenanças e aos meus decretos, de acordo com toda a Lei que ordenei aos seus antepassados que obedecessem e que lhes entreguei por meio de meus servos, os profetas".

Mas os profetas não apenas advertiram e puniram; também ofereceram promessas de bênçãos que se seguiriam se o povo obedecesse ao Senhor (Jr 22.4; Zc 6.15).

Contudo, nem todas as promessas de bênção estavam condicionadas à obediência do povo, pois grandes porções das profecias dizem que o próprio Senhor agiria em um dia futuro primeiramente para trazer de volta seu povo do exílio (Is 35.10; 51.11; Jr 30.10) e que, algum dia, estabeleceria uma nova aliança, na qual Deus escreveria sua lei nos coração do povo (Jr 31.31-34; Ez 36.22-38). Muitas das predições proféticas anseiam pela vinda do Messias, e a lista completa de tais predições pode incluir todas as explicitamente mencionadas no NT (v. Mt 2.23; 4.14 etc.) e muitas não mencionadas também (v. Lc 24.27). Por fim, os profetas predisseram a terra renovada, a qual o próprio Senhor governará como rei (Is 65.17; 66.22).

Finalmente, os profetas interpretam os acontecimentos históricos à medida que eles acontecem, dizendo ao povo qual a perspectiva de Deus sobre o que está acontecendo. Pode-se ver isso com freqüência nas profecias escritas e fica também evidente na função dos profetas como os escrivães oficiais da história dos reis de Israel (1Cr 29.29; 2Cr 9.29; 12.15; 13.22; 32.32). Não devemos achar que a atividade de registrar os fatos estava separada da capacidade de entender o propósito e a avaliação que Deus fazia dos acontecimentos históricos. Sem dúvida, os profetas que registraram os atos dos reis de Israel eram qualificados para fazer isso exatamente porque Deus lhes mostrara a interpretação daquelas ações. Os profetas normalmente transmitiam a interpreta-

ção de Deus para os acontecimentos nas narrativas históricas que temos, e, portanto, podemos presumir que tais interpretações dos acontecimentos também caracterizavam "os demais acontecimentos" dos reinados dos vários reis, eventos que estão registrados nos livros dos vários profetas (2Cr 9.29; 13.22; 20.34; 26.22; 32.32).

Nessas tarefas proféticas — orientar, advertir, predizer e interpretar — Deus demonstrava seu governo soberano sobre a história e também seu constante amor e santidade no relacionamento pessoal com seu povo.

Outras tarefas dos profetas: músicos e intercessores

Pelo fato de os profetas receberem revelações de Deus, não é de surpreender que eles participassem de eventos musicais do culto no Templo, provavelmente entregando as mensagens de Deus por meio da música ou apresentando músicas que Deus havia revelado para que o povo usasse na adoração (1Cr 25.1-3; v. 1Sm 10.5). Toda vez que essas músicas declaravam o que Deus tinha feito na vida do povo e ofereciam louvor por isso, elas se transformavam em exemplo da tarefa profética de dar a interpretação de Deus à história atual ou passada.

Em um papel até certo ponto diferente, os profetas são, às vezes, vistos como intercessores altamente eficientes, orando por situações específicas (1Sm 12.23; 1Rs 13.6; 2Rs 20.11; 2Cr 32.20; Jr 27.18; 37.3; 42.4; Hc 3.1; v. Gn 20.17; Êx 32.11-14). Como os profetas tinham um relacionamento muito próximo com Deus, não é de surpreender que o Senhor ouvisse suas orações e que eles estivessem grandemente envolvidos nesse outro componente do relacionamento entre Deus e seu povo.

Falsos profetas

Parece que sempre houve falsos profetas ao lado dos verdadeiros — na verdade, como vimos em Deuteronômio, Deus permitiu

a existência dos falsos profetas com o objetivo de testar o coração do povo (Dt 13.3). Contudo, Deus também deu orientações para ajudar o povo a saber quem era quem. Os falsos profetas profetizavam em busca de ganho pessoal (Mq 3.5,11) e diziam somente o que o povo queria ouvir (1Rs 22.5-13; Jr 5.31); suas predições não se tornavam verdade (1Rs 22.12, 28,34,35; v. Dt 18.22); seus "sinais miraculosos" eram inferiores ou simplesmente não existiam (1Rs 18.25-29; v. tb. Dt 13.1,2) e, acima de tudo, eles encorajavam as pessoas a servir outros deuses (Jr 23.13).

Deus repetidamente advertiu seu povo de que ele não enviara aqueles falsos profetas e que, portanto, eles não tinham nenhuma mensagem vinda do Senhor. Na verdade, esta é a definição de falso profeta: alguém que não recebeu uma mensagem de Deus, mas simplesmente profetiza por si mesmo (Ne 6.12; Jr 14.14,15; 23.16-40; 27.15; 29.9; Ez 13.2,3; 22.28; v. Dt 18.20).

A contrapartida do NT para o falso profeta são os "falsos mestres" que contam "histórias que inventaram" e trazem "heresias destruidoras" para a igreja (2Pe 2.1-3).

Freqüente oposição aos profetas

Os verdadeiros profetas às vezes eram recebidos e seguidos pelo povo de Israel, mas com freqüência o povo era rebelde e não queria ouvir a voz de Deus quando havia repreensão ou advertência. Portanto, os verdadeiros profetas costumavam receber oposição e até mesmo eram perseguidos pelo povo, especialmente por parte de seus líderes: "Mas eles zombaram dos mensageiros de Deus, desprezaram as palavras dele e expuseram ao ridículo os seus profetas, até que a ira do SENHOR se levantou contra o seu povo" (2Cr 36.16; v. 2Cr 16.10; 25.16; Is 30.10; Jr 11.21; 18.18; 20.27-10; 26.8-11; 32.2,3; 36.20-26; 37.15—38.28; Am 2.12; 7.12,13). Às vezes, eram até mesmo

assassinados (2Cr 24.20,21; Jr 26.20-23). No NT, Estêvão resumiu a situação ao dizer: "Qual dos profetas os seus antepassados não perseguiram?" (At 7.52). Ao resistir pacientemente a tal perseguição enquanto agiam como mensageiros fiéis de Deus, eles prenunciaram o próprio Cristo e estabeleceram o padrão para os cristãos imitarem (Lc 13.33; 1Ts 2.15; Tg 5.10).

Profecia como sinal do favor de Deus

A existência da profecia entre o povo de Israel era uma grande bênção, pois indicava que Deus se importava o suficiente com o povo, mesmo diante de seu pecado, falando-lhes pessoalmente. Quando enviava profecias, Deus ainda mantinha um relacionamento com eles. Por outro lado, quando a profecia cessou, isso foi sinal de que Deus havia afastado seu favor do povo que havia se afastado dele (1Sm 3.1; 28.6; Lm 2.9; Is 29.10; Os 9.7; Mq 3.7). Isso nos ajuda a entender de que maneira o grande derramamento do dom de profecia no princípio da Nova Aliança foi o indicativo do abundante favor de Deus sobre a igreja (At 2.16-18), e de como a presença do dom de profecia foi sinal da bênção de Deus sobre determinada igreja (1Co 14.22).

PROFECIA E PROFETAS NA LITERATURA SAPIENCIAL DO ANTIGO TESTAMENTO

Pouca coisa é dita sobre os profetas na literatura sapiencial do AT. Existem apenas quatro referências explícitas à profecia (o título do salmo 51; Sl 74.9; 105.15; Pv 29.18), mais uma referência a Moisés como "homem de Deus" no título do salmo 90. O importante papel da profecia na repreensão ao pecado e no encorajamento à obediência é enfatizado em Provérbios 29.18: "Onde não há revelação divina [ou visão profética], o povo se desvia; mas como é feliz quem obedece à lei!". O trecho de Salmos 74.9 aparentemente foi escrito em um período posterior, no qual não havia mais profecia, fato visto como evidência da

perda do favor e da presença de Deus: "Já não vemos sinais miraculosos; não há mais profetas, e nenhum de nós sabe até quando isso continuará".

PROFECIA E PROFETAS NOS EVANGELHOS

Muitos dos temas iniciados no AT continuam no NT, mas encontram ali maior desenvolvimento. Somos lembrados muitas vezes nos evangelhos de como as profecias preditivas do AT apontavam para Cristo e agora encontram seu comprimento nele (Mt 2.23; 4.14; 26.56; Jo 12.38; 17.12; 19.36 etc.). Jesus é visto como o "profeta como Moisés" que esperavam havia muito tempo (Jo 6.14; 7.40; At 3.2-24; v. 7.37), mas Jesus não é comumente chamado profeta de maneira explícita e, até mesmo quando é chamado profeta, normalmente o é por quem tinha pouca compreensão de sua pessoa ou de sua missão (Mt 21.11,46; Mc 6.15; Lc 7.16; 24.19; Jo 4.19; 7.40; 9.17).

Isso acontece porque Jesus é muito maior que qualquer profeta do AT. Enquanto os profetas eram enviados de Deus ao povo, Jesus não é simplesmente um mensageiro: é o próprio Deus, vindo em carne. Portanto, embora Jesus seja realmente o "profeta como Moisés", ele é muito mais que isso. Jesus é aquele para quem todas as profecias apontam: "E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras" (Lc 24.27; v. At 3.18; 10.43; 26.22; Rm 1.2; 1Pe 1.10). Além disso, enquanto os profetas do AT eram mensageiros que diziam: "Assim diz o SENHOR...", o próprio Jesus é o autor da mensagem, que tem autoridade para declarar: "... mas eu lhes digo..." (Mt 5.28,32,44). O fato é que Hebreus 1.1,2 deixa explícito o contraste entre muitos tipos de revelação que vieram pelos profetas do AT e a revelação singular e muito superior que veio "nestes últimos dias" por meio do próprio Filho de Deus: "Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio

dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho".

Contudo, profetas verdadeiros da tradição do AT realmente aparecem nos evangelhos, incluindo Zacarias (Lc 1.67), Ana (Lc 2.36) e, de modo preeminente, João Batista (Lc 1.76; 3.2; v. Mt 11.14; 17.12). Eles acompanham a chegada de Cristo porque são os mensageiros de Deus escolhidos para proclamar o que Deus fez ao enviar seu Filho ao mundo.

Com relação aos falsos profetas, Jesus adverte que ainda é possível que eles apareçam, mas serão conhecidos por seus frutos e suas falsas doutrinas (Mt 7.15; 24.11,24; Mc 13.22).

O DOM DE PROFECIA EM ATOS E NAS EPÍSTOLAS

Começando com o derramamento do Espírito Santo no cumprimento da Nova Aliança no Pentecoste, o dom de profecia foi amplamente distribuído na igreja do NT:

> Ao contrário, isto é o que foi predito pelo profeta Joel: "Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão" (At 2.16-18).

Esse não foi um acontecimento isolado, mas significou o início da comunicação pessoal muito mais ampla e freqüente entre Deus e seu povo, e, nesse aspecto, também se verificou que haveria maior intimidade no relacionamento entre Deus e todo o seu povo como parte das ricas bênçãos da Nova Aliança.

Apesar de várias definições terem sido dadas para o dom de profecia, o exame isento do ensino do NT sobre esse dom mostra que ele deve ser definido não como "predição do futuro" nem como "proclamação da palavra do Senhor" ou "pregação poderosa". Em vez disso, deve-se referir à profecia como "algo que Deus colocou na mente de maneira espontânea". O material

a seguir dá apoio e explicação a essa compreensão do dom de profecia.

Os apóstolos do NT são a contrapartida dos profetas do AT

Muitos profetas do AT foram capazes de falar e escrever palavras com autoridade divina absoluta (v. acima), as quais foram registradas nas Escrituras canônicas. No NT, também houve pessoas que falaram e escreveram palavras de Deus e que também as registraram nas Escrituras. Contudo, Jesus não os chama mais "profetas", mas usa um novo termo: "apóstolos". Os apóstolos do NT são a contrapartida dos profetas principais e estabelecidos no AT (v. 1Co 2.13; 2Co 13.3; Gl 1.8,9,11,12; 1Ts 2.13; 4.8,15; 2Pe 3.2). São os apóstolos — e não os profetas — que têm autoridade para escrever as palavras das Escrituras do NT.

Quando os apóstolos querem estabelecer sua autoridade singular, eles nunca apelam para o título de "profeta", mas, em vez disso, chamam a si mesmos "apóstolos" (Rm 1.1; 1Co 1.1; 9.1,2; 2Co 1.1; 11.12,13; 12.11,12; Gl 1.1; Ef 1.1; 1Pe 1.1; 2Pe 1.1; 3.2 etc.).

O significado da palavra "profeta" no período do NT

Por que Jesus escolheu um novo termo — "apóstolo" — para designar quem tinha autoridade de escrever as Escrituras? Uma das razões é que o dom de profecia estava prestes a ser amplamente distribuído ao povo de Deus no Pentecoste, e outro termo era mais adequado para falar de um grupo pequeno que teria autoridade para escrever as Escrituras do NT. Outra razão é que a palavra grega *prophētēs* ("profeta") na época do NT geralmente não tinha o sentido de "quem fala as próprias palavras de Deus", mas, ao contrário, indicava "alguém que fala baseado

em alguma influência externa" (normalmente, uma espécie de influência espiritual) ou até mesmo com sentido de "porta-voz". Em Tito 1.12, vemos o uso da palavra nesse sentido, quando Paulo cita o poeta pagão grego Epimênides: "Um dos seus próprios profetas chegou a dizer: 'Cretenses, sempre mentirosos, feras malignas, glutões preguiçosos'".

Os apóstolos como "profetas"

Naturalmente, as palavras "profeta" e "profecias" eram algumas vezes usadas com relação aos apóstolos em contextos nos quais estavam relatando uma "profecia" — contextos que enfatizavam a revelação especial do Espírito Santo e eram a base para o que diziam (Ef 2.20 e 3.5; Ap 1.3; 22.7), mas não era a terminologia comum usada para os apóstolos. Os termos "profeta" e "profecia" em si mesmos não atribuem mais autoridade divina a seu discurso ou aos seus escritos, assim como a atitude do apóstolo Paulo de chamar a si mesmo "mestre" (2Tm 1.11) não implica que todos os mestres do NT tivessem autoridade igual à de Paulo. Com respeito aos apóstolos agindo como "profetas", Efésios 2.20 e 3.5 estabeleceu o papel "fundacional" de um grupo único de apóstolos (e talvez de um grupo limitado de profetas juntamente com eles) que receberam a revelação especial da inclusão dos gentios na igreja (3.5). Contudo, esses versículos não têm relevância direta para compreendermos com o do dom de profecia funcionava — não no "fundamento", mas no restante da igreja: milhares de cristãos comuns em centenas de igrejas locais na época do NT. No restante das passagens do NT, as palavras "profeta" e "profecia" são usadas mais comumente para referir-se a cristãos comuns que falavam não com autoridade divina absoluta, mas simplesmente relatavam algo que Deus lhes trouxera à mente (v. discussão a seguir).

O dom de profecia dos cristãos comuns: indicação de que não possuíam a mesma autoridade das Escrituras

Atos 21.4. Em Atos 21.4, lemos sobre a reação dos discípulos de Tiro: "Eles, pelo Espírito, recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém". Isso parece referir-se a uma profecia direcionada a Paulo, mas ele não a obedeceu. Paulo nunca teria feito isso se a profecia fosse constituída de palavras do próprio Deus e tivesse autoridade igual à das Escrituras.

Atos 21.10,11. Nessa passagem, Ágabo profetiza que os judeus em Jerusalém iriam "amarrar" Paulo e o entregariam "aos gentios", predição que tinha vários elementos corretos, mas não todos. Os romanos, e não os judeus, amarraram Paulo (v. 33; tb. 22.29) e, ao invés de entregarem Paulo voluntariamente, os judeus tentaram matá-lo, sendo necessário que a força romana resgatasse o apóstolo das mãos deles (21.32). O verbo usado por Ágabo em 21.11 (*paradidomi*) exige sentido de entrega voluntária, consciente e deliberada de alguma coisa a alguém. Mas esse sentido não estava presente na forma de tratamento dos judeus para com Paulo. Eles não entregaram Paulo voluntariamente aos romanos! A predição não estava totalmente errada, mas havia imprecisões nos detalhes que, se estivessem presentes em uma profecia do AT, teria sua validade questionada.

1Tessalonicenses 5.19-21. Paulo diz aos tessalonicenses: "Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom" (1Ts 5.20,21). Se os tessalonicenses pensassem que a profecia se igualava às palavras de Deus em autoridade, Paulo nunca teria dito a eles para não tratarem com desprezo as profecias. Os tessalonicenses "receberam" e "aceitaram" a palavra de Deus "com alegria que vem do Espírito Santo" (1Ts 1.6; 2.13; v. 4.15). Mas quando Paulo pede que "ponham à prova todas as coisas", eles deveriam incluir pelo menos as profecias que mencionou na frase an-

terior. Quando os encoraja a que "fiquem com *o que é bom*", deixa implícito que as profecias contêm algumas coisas que são boas e outras que não são. Isso não poderia ter sido dito com relação às palavras do profeta do AT nem com relação aos ensinos autorizados de um apóstolo do NT.

1Coríntios 14.29-38. Pode-se encontrar maior evidência da profecia do NT em 1Coríntios 14. Quando diz: "falem dois ou três, e os outros *julguem cuidadosamente o que foi dito*" (1Co 14.29), Paulo sugere que eles deveriam ouvir cuidadosamente e separar o bom do ruim, aceitando algumas coisas e rejeitando o restante (pois essa é a aplicação da palavra grega *diakrinō*, traduzida aqui por "julgar o que foi dito"). Não podemos imaginar que um profeta do AT como Isaías pudesse ter dito: "Ouçam o que eu lhes digo e avaliem o que foi dito, separando o bom do ruim, o que vocês aceitam do que não aceitam"! Se a profecia tivesse autoridade divina absoluta, seria pecado fazer isso. Mas aqui Paulo ordena que isso seja feito, sugerindo que a profecia do NT não tinha a mesma autoridade.

Paulo sugere que, em Corinto, uma igreja que recebia muitas profecias, ninguém era capaz de falar palavras do próprio Deus. Ele diz em 1Coríntios 14.36: "Acaso a palavra de Deus originou-se entre vocês? São vocês o único povo que ela alcançou?".

Todas essas passagens indicam que é simplesmente incorreta a idéia comum de que os profetas declaravam "palavras do Senhor" quando os apóstolos não estavam presentes nas igrejas. Essas passagens também advertem que as profecias nunca devem ser prefaciadas com a expressão "assim diz o Senhor", pois isso é afirmar uma autoridade que os profetas do NT não possuem.

A "revelação" espontânea faz da profecia um dom diferente dos outros

Se a profecia não contém palavras de Deus, então o que ela é? Em que sentido vem de Deus?

Paulo indica que Deus poderia trazer de maneira espontânea algo à mente da pessoa, de modo que quem estivesse profetizando relataria com suas palavras. Paulo chama isso "revelação": "Se vier uma revelação a alguém que está sentado, cale-se o primeiro. Pois vocês todos podem profetizar, cada um por sua vez, de forma que todos sejam instruídos e encorajados" (1Co 14.30,31). Aqui Paulo usa a palavra "revelação" em sentido mais amplo que o termo técnico que os teólogos usam para referir-se às palavras das Escrituras. Contudo, o NT usa em muitos outros lugares os termos "revelar" e "revelação" em sentido mais amplo, significando comunicação divina que não resulta em escritos sagrados ou em palavras iguais às Escrituras em autoridade (v. Mt 11.27; Rm 1.18; Ef 3.15).

Assim, se uma pessoa de fora chega e todos estão profetizando, "os segredos do seu coração serão expostos. Assim, ele se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: 'Deus realmente está entre vocês!'" (1Co 14.25). Dessa maneira, a profecia serve como "sinal" para os crentes (1Co 14.22), pois é clara demonstração de que Deus está definitivamente trabalhando no meio deles, um "sinal" da mão de Deus abençoando a congregação. Uma vez que a profecia também irá trabalhar para a conversão dos descrentes, Paulo incentiva o uso desse dom quando "entrarem alguns não instruídos ou descrentes" (1Co 14.23).

Por que Paulo valorizava tanto a profecia (1Co 14.1-5,39,40)? Aparentemente, porque era muito eficiente para trazer "edificação para a igreja" (1Co 14.12), revelando espontaneamente o *insight* de Deus ao coração de alguém ou uma situação específica trazendo, a partir disso, "edificação, encorajamento e consolação" (1Co 14.3). Embora deva ser testada e nunca deva ser recebida como possuidora de autoridade tal como se fossem "palavras do Senhor", como no caso da própria Bíblia (v. acima), por meio da profecia Deus ainda manifestava sua graciosa presença na vida diária da igreja para orientar, advertir, predi-

zer e interpretar o coração das pessoas e os acontecimentos que as cercavam. Dessa maneira, a profecia era um exemplo vivo do relacionamento pessoal genuíno entre Deus e seu povo.

Contudo, Paulo não achava que tudo que era considerado "profecia" no mundo antigo fosse semelhante à profecia cristã. Os coríntios haviam sido desviados para "ídolos mudos" (1Co 12.2) e Paulo tinha bastante consciência do poder espiritual demoníaco presente nos templos pagãos, pois disse: "O que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios e não a Deus" (1Co 10.20). Deixar de reconhecer essa diferença leva ao erro fundamental encontrado no volumoso trabalho de David Aune, intitulado *Prophecy in early Christianity and the ancient mediterranean world*.[2] Aune coloca a profecia cristã, que é concedida pelo Espírito Santo, juntamente com profecia pagã, que não é, e considera ambas um fenômeno religioso geral do mundo antigo. Aune erra ao não considerar a possibilidade de que podemos distinguir a verdadeira profecia da falsa baseados na disposição de reconhecer a Jesus Cristo como Senhor (1Co 12.3). Nenhum escritor do NT teria adotado a perspectiva de Aune, e os estudiosos evangélicos de hoje também não devem fazê-lo.

A diferença entre profecia e ensino

A profecia e o ensino são sempre mencionados como dons distintos (Rm 12.6,7; 1Co 12.28,29; 14.6; Ef 4.11), mas qual a diferença? Diferentemente do dom de profecia, "ensino" no NT nunca é tratado como algo baseado em revelação espontânea de Deus. Em vez disso, é a explicação ou a aplicação das Escrituras (At 15.35; 18.11, 24-28; Rm 2.21; 15.4; Cl 3.16; Hb 5.12) ou a repetição ou explicação das instruções apostólicas (Rm

[2]Grand Rapids: Eerdmans, 1983.

16.17; 2Tm 2.2; 3.10 etc.; é o que se chamaria "ensinamento bíblico" ou "pregação" hoje). A distinção entre ensino e profecia é bastante clara: se a mensagem é o resultado da reflexão consciente sobre o texto das Escrituras, contendo interpretação do texto e aplicação para a vida, então, em termos do NT, é ensino. Mas se a mensagem é o relato de algo que Deus trouxe à mente de maneira repentina, então é profecia.

Desse modo, é plenamente compreensível a profecia ter menos autoridade que o "ensino", e as profecias da igreja devem sempre estar sujeitas aos ensinamentos autorizados das Escrituras. Timóteo não foi instruído a *profetizar* as instruções de Paulo para a igreja; ele deveria *ensiná-las* (1Tm 4.11; 6.2). Os tessalonicenses não ouviram instruções para se apegarem às tradições que foram "profetizadas" a eles, mas às que lhes foram "ensinadas" por Paulo (2Ts 2.15). Entre os anciãos, portanto, estavam "aqueles cujo trabalho [era] a pregação e o ensino" (1Tm 5.17), e o presbítero precisava ser "apto para ensinar" (1Tm 3.2; v. Tt 1.9), mas nada é dito acerca dos presbíteros que agiam como profetas nem diz que o presbítero deveria ser "apto para profetizar". Tiago advertiu que aqueles que ensinavam — não os que profetizavam — é que seriam julgados com maior rigor (Tg 3.1). Ao contrário dos que afirmam que "líderes carismáticos" governavam as igrejas no início da era cristã, a evidência do NT mostra que quem liderava e dirigia a igreja primitiva eram os mestres (no papel de presbíteros), e não os profetas.

A posição cessacionista

Em contraste com o ponto de vista sobre o dom de profecia apresentado acima, uma posição alternativa entre os eruditos evangélicos, chamada "cessacionista", afirma que o dom de profecia nas igrejas do NT sempre teve autoridade similar à das Escrituras, sem erros, contendo apenas palavras de Deus e, portanto, deixaram de existir na igreja na época próxima ao final do século I,

quando o cânon do NT foi concluído. Para mais detalhes sobre a defesa do cessacionismo, veja a "Bibliografia do apêndice 1", com destaque para os livros de R. Gaffin e O. P. Robertson, como as posições "cessacionista" e "aberto, porém cauteloso" de R. Gaffin e R. Saucy em *Cessaram os dons espirituais?: 4 pontos de vista*, tendo como organizador W. Grudem.

A PROFECIA E OS PROFETAS DO APOCALIPSE

O capítulo 11 do Apocalipse prediz que dois profetas notáveis aparecerão na terra durante 1 260 dias em um tempo futuro. Eles terão grande poder, e ninguém será capaz de detê-los: "Se alguém quiser causar-lhes dano, da boca deles sairá fogo que devorará os seus inimigos. É assim que deve morrer qualquer pessoa que quiser causar-lhes dano. Estes homens têm poder para fechar o céu [...] e ferir a terra com toda sorte de pragas, quantas vezes desejarem" (Ap 11.5,6). Contudo, existe também a predição de um poderoso "falso profeta", que realizará falsos milagres e terminará sendo jogado no lago de fogo com a besta e com o próprio Diabo (Ap 16.13; 19.20; 20.10).

O livro do Apocalipse, como um todo, como seu nome diz, é uma grande "revelação" de Deus, e, portanto, o próprio livro é a última grande profecia da Bíblia. Do capítulo 4 em diante, aponta em direção ao futuro, descrevendo de maneira erudita e magnífica tanto os julgamentos quanto as bênçãos que Deus ordenou para um tempo ainda por vir. É encerrado com lembrete que as palavras proféticas, tal como as palavras que Deus deu ao profeta Moisés no começo da Bíblia e as palavras dos profetas e dos apóstolos escritas no restante das Escrituras, são palavras divinas e não devem ser adulteradas (Ap 22.18,19).

BIBLIOGRAFIA

CARSON, D. A. *Showing the spirit*: a theological exposition of I Corinthians 12—14. Grand Rapids: Baker, 1987.

DEERE, Jack. *Surpreendido com a voz de Deus.* São Paulo: Vida, 1998.

FORBES, Christopher. *Prophecy and inspired speech in early Christianity and its Hellenistic environment.* Tübingen: J. C. B. Mohr, 1995; reimp Peabody: Hendrickson, 1997.

GAFFIN, Richard B. *Perspectives on Pentecost*: studies in New Testament teaching on the gifts of the Holy Spirit. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979.

GRUDEM, Wayne, org. *Cessaram os dons espirituais?*: 4 pontos de vista. São Paulo: Vida, 2003.

_____. *The gift of prophecy in 1Corinthians.* Lanham: University Press of America, 1982.

HILL, David. *New Testament Prophecy.* Atlanta: John Knox, 1979.

KAISER JR., Walter C., *EDBT*, p. 639-47.

KRAMER, Helmut, et al. *TDNT*. V 6, p.781-861.

MOTYER, J. A. & BAKER, J. B. *IBD*. V. 3, p.1276-87.

PEISKER, C. H., e BROWN, C. *NIDNTT*. V 3, p. 74-92.

ROBERTSON, O. Palmer. *A palavra final.* São Paulo: Os puritanos, 1999.

TURNER, Max. *The Holy Spirit and spiritual gifts*: then and now. Carlisle: Paternoster, 1996.

VAN GEMEREN, W. A. *Interpreting the Prophetic word.* Grand Rapids: Zondervan, 1990.

VERHOEF, P. A. *NIDOTTE*. V. 4, p.1067-78.

YOUNG, Edward J. *My servants, the Prophets.* Grand Rapids: Eerdmans, 1952.

Apêndice 2

O QUE É "PALAVRA DE SABEDORIA" E "PALAVRA DE CONHECIMENTO" EM 1CORÍNTIOS 12.8?[1]

DUAS VISÕES DESSES DONS

É possível que um grande número de pessoas possa fazer má interpretação do significado dos termos "palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento" em 1Coríntios 12.8. Os renovados normalmente entendem esses dons como concessões repentinas de *insight* ou informação proveninete do Espírito Santo em uma situação em particular como, por exemplo, a revelação que Pedro recebeu, mostrando que Ananias e Safira retiveram secretamente parte do dinheiro que eles disseram ter dado à igreja. À frase de Pedro ("Ananias, como você permitiu que Satanás enchesse o seu coração, a ponto de você mentir ao Espírito Santo e guardar para si uma parte do dinheiro que recebeu pela propriedade?" [At 5.3]), a maioria dos renovados daria o nome de "palavra de conhecimento", porque a informação foi espontaneamente revelada a Pedro pelo Espírito Santo. De maneira similar, diriam que

[1]Este apêndice é a adaptação de um artigo do autor na publicação *Ministries Today* (jan/fev 1993, p. 60-5), e é usado com permissão. Ele é contra a idéia comum de que "palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento" se referem a exemplos de revelação de Deus.

a "palavra de sabedoria" é a direção ou orientação sábia repentinamente revelada pelo Espírito Santo. Chamo essa visão desses dons de "revelação repentina".

Mas há outra visão para os termos "palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento". Chamo essa outra explicação de "discurso sábio". Segundo ela, o dom de "palavra de sabedoria" é apenas o que a palavra sugere, ou seja, a habilidade de falar aos outros de maneira repleta de sabedoria e conhecimento aos ouvintes. O exemplo seria a afirmação do rei Salomão: "Cortem a criança viva ao meio e dêem metade a uma e metade à outra" (1Rs 3.25). Essa ordem permitiu que Salomão descobrisse quem era a verdadeira mãe. "Quando todo o Israel ouviu o veredicto do rei, passou a respeitá-lo profundamente, pois viu que a sabedoria de Deus estava nele para fazer justiça" (1Rs 3.28). Deus dera a Salomão o dom de sabedoria, mas não era o tipo que vinha por revelações repentinas do Espírito Santo todas as vezes que um problema se levantava. Em vez disso, a sabedoria de Salomão era um dom constante que dava a ele profunda compreensão do mundo a toda hora, todos os dias. "Gente de todo o mundo pedia audiência a Salomão *para ouvir a sabedoria* que Deus lhe tinha dado" (1Rs 10.24; grifo do autor).

Outro exemplo de "palavra de sabedoria" pode ser o do cristão capaz de fazer um julgamento sábio em uma disputa entre dois membros da igreja. Paulo diz aos Coríntios: "Acaso não há entre vocês alguém *suficientemente sábio* para julgar uma causa entre irmãos? Mas, ao invés disso, um irmão vai ao tribunal contra outro irmão, e isso diante de descrentes!" (1Co 6.5,6). Isso não seria necessariamente uma compreensão revelada repentinamente pelo Espírito Santo, mas provavelmente a sabedoria que o Espírito Santo concedera depois de anos de meditação nas Escrituras e prática piedosa na vida diária. De maneira similar, "palavra de conhecimento" seria a habilidade de falar de maneira que dá verdadeiro conhecimento às pessoas, especialmente o conhecimento das Escrituras e de Deus.

OBSERVANDO A PASSAGEM-CHAVE

Para descobrir qual dos pontos de vista está correto, devemos olhar para a única passagem da Bíblia que menciona ambos os dons:

> A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum. Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra de conhecimento; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de curar, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas. Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer (1Co 12.7-11).

A FAVOR DA VISÃO DE REVELAÇÃO REPENTINA

A favor da tradicional visão renovada de que esses dons dependem de uma revelação espontânea do Espírito Santo, creio que pelo menos quatro argumentos podem ser dados.

Esses dons são "manifestações" do Espírito Santo

Paulo disse que os nove dons mencionados nessa passagem são "manifestações" do Espírito Santo (v. 7). A "manifestação" é alguma coisa que é externamente evidente, algo visto pelos outros para mostrar a atividade do Espírito Santo trabalhando na congregação. Uma revelação sobrenatural do Espírito Santo seria uma manifestação dessa ordem.

Esses dons são concedidos diretamente pelo Espírito Santo

Paulo diz repetidas vezes que todos esses dons são concedidos pelo Espírito Santo (cf. v. 7,8,9,11). Uma vez que a "palavra de sabedoria" e a "palavra de conhecimento" são concedidas pelo Espírito Santo, então faz sentido pensar que esses dons se

manifestem quando o Espírito Santo concede revelações específicas de sabedoria e conhecimento às pessoas.

A verdadeira sabedoria deve ser revelada pelo Espírito Santo

Sabedoria é algo revelado pelo Espírito Santo. Podemos analisar 1Coríntios 2.6-10, onde Paulo diz que ele prega o "mistério que estava oculto" que Deus "revelou a nós por meio do Espírito" (1Co 2.7,10). Essa passagem não está mostrando que a sabedoria deve ser revelada pelo Espírito Santo?

Os nove dons dessa lista são dons miraculosos

Os outros sete dons presentes na lista parecem ser dons miraculosos (fé, dons de curar, operação de milagres, profecia, discernimento de espíritos, variedade de línguas e interpretação de línguas). Portanto, alguém pode argumentar que a palavra de sabedoria e a palavra de conhecimento também devem ser dons miraculosos espontaneamente concedidos pelo Espírito Santo.

Esses argumentos podem parecer persuasivos no primeiro momento, e posso entender de que maneira as pessoas conseguem aceitá-los. Porém, quando olho para eles de maneira mais profunda, não me parecem convincentes pelas seguintes razões:

1) Nem todas as "manifestações" do Espírito Santo são repentinas e miraculosas. Uma vida transformada, por exemplo, que reflete o fruto do Espírito ("amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio" [Gl 5.22,23]) é uma "manifestação" da obra do Espírito Santo.

2) O fato de a palavra de sabedoria e a palavra de conhecimento serem *dadas* pelo Espírito Santo não necessariamente significa que sejam repentinamente reveladas por ele, porque nem todos os dons concedidos pelo Espírito Santo são repenti-

nos e miraculosos. Nesse mesmo capítulo, Paulo menciona quem têm dom de "prestar ajuda", "administração" e os "mestres" (1Co 12.28), dons do *Espírito Santo*, mas que não são miraculosos. Eles operam de maneira comum por toda a semana.

3) Concordo que *alguma* sabedoria é dada por revelação direta do Espírito Santo, mas nem toda a sabedoria vem dessa maneira. A sabedoria do cristão capaz de arbitrar uma disputa na igreja de Corinto (1Co 6.5) seria uma característica reconhecidamente presente na vida dessa pessoa. Na maioria das vezes, adquirimos sabedoria pela meditação nas Escrituras. Paulo encoraja os cristãos da seguinte maneira: "Habite ricamente em vocês a *palavra de Cristo*; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a *sabedoria*" (Cl 3.16).

4) No primeiro momento, pode parecer convincente dizer que os outros sete dons presentes no texto de 1Coríntios 12.7-11 sejam miraculosos, e, portanto, palavra de sabedoria e palavra de conhecimento também são miraculosos. Mas essa lista de nove dons pode, na verdade, apresentar algo diferente. Devemos nos lembrar que o propósito de Paulo nesse contexto é convencer os coríntios de que *todos* os dons espirituais são do Espírito Santo:

> Há *diferentes tipos* de dons, mas o Espírito é o mesmo [...] *A cada um*, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum [...] *Todas essas coisas*, porém, são realizadas *pelo mesmo e único Espírito*, e ele as distribui *individualmente, a cada um*, como quer (1Co 12.4,7,11; grifo do autor).

Paulo relaciona esses nove exemplos com o objetivo de mostrar que *todos* os dons espirituais são dados pelo Espírito Santo. Mas se todos esses dons fossem manifestações repentinas e miraculosas do Espírito Santo, então a argumentação de Paulo não teria funcionado, porque algumas pessoas seriam deixadas de fora! Paulo não convenceria os que possuíam dons *não miraculosos* de que *estes* também haviam sido dados pelo

Espírito Santo. Desse modo, os exemplos de Paulo não provariam sua idéia. Sua argumentação só funciona se alguma das nove manifestações do Espírito Santo listadas aqui não forem miraculosas (provavelmente palavra de sabedoria, palavra de conhecimento e fé).

O que podemos concluir disso? Os argumentos a favor da "visão da revelação repentina" têm algum peso, mas boas objeções podem ser levantadas contra cada um deles.

A FAVOR DA VISÃO DO DISCURSO SÁBIO

Creio existir três bons argumentos a favor da explicação de que palavra de sabedoria e palavra de conhecimento são a habilidade de falar aos outros com sabedoria e conhecimento.

As palavras de Paulo não indicam revelação repentina de sabedoria ou de conhecimento

Se simplesmente olharmos para as palavras que Paulo usou com relação a esses dons, não vemos nenhum apoio para a visão da "revelação repentina". Paulo usa palavras bastante comuns para referir-se aos termos "palavra", "sabedoria" e "conhecimento". Será interessante olhar para cada uma dessas palavras mais detalhamente.

A palavra "palavra". A palavra grega traduzida por "palavra" nas expressões "palavra de conhecimento" e "palavra de sabedoria" é *logos*. É extremamente comum e aparece mais de trezentas vezes no NT. Pode significar "palavra", "mensagem" ou "declaração". Não há nada no significado de *logos* que possa sugerir que ela deva ser baseada em uma revelação especial do Espírito Santo.

A palavra "sabedoria". "Sabedoria" é a palavra grega *sophia*, que fala de profundo entendimento e habilidade incomum de viver de modo que agrade a Deus. Na verdade, a palavra sugere quase o oposto de se obter alguma coisa pelo recebimento repentino de uma informação isolada vinda de Deus. *Sabedoria*

não é uma pequena porção de informação, mas o entendimento profundo, a compreensão ampla do que agrada a Deus em cada situação. É por isso que Paulo ora para que os colossenses "sejam cheios do pleno conhecimento *da vontade de Deus*, com toda a *sabedoria* e entendimento espiritual" (Cl 1.9), a fim de que, desse modo, possam viver "*de maneira digna do Senhor e em tudo possam agradá-lo*, frutificando em toda boa obra, crescendo no conhecimento de Deus" (Cl 1.10). Paulo também afirma que os que caminham não como "insensatos, mas como *sábios*", "aproveitarão ao máximo cada oportunidade, porque os dias são maus" e compreenderão "qual é a vontade do Senhor" (Ef 5.15-17; grifo do autor). A verdadeira visão resulta de saber como viver para agradar a Deus.

Naturalmente, podem acontecer momentos em que a sabedoria seja dada a nós por meio de uma revelação espontânea do Espírito Santo, mas a questão é que nada nas Escrituras *exige* que a sabedoria seja dada apenas dessa maneira. Com maior freqüência, a sabedoria que Deus quer que tenhamos virá à medida que o Espírito Santo nos ensina ao longo de durante muitos anos de meditação nas Escrituras e por meio de nossas experiências de vida. Na verdade, seria um erro achar que tal sabedoria deveria sempre ser baseada na revelação imediata do Espírito Santo, porque isso provavelmente nos levaria a desvalorizar a sabedoria que vem do profundo conhecimento das Escrituras e da maturidade da vida cristã.

A palavra "conhecimento". A palavra "conhecimento", usada por Paulo em 1Coríntios 12.8, é a tradução da palavra grega *gnōsis*, que é similar em significado à palavra "conhecimento". Paulo fala do "conhecimento de Deus" (2Co 10.5), e Pedro encoraja os cristãos a que "cresçam, porém, na graça e no *conhecimento* de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 3.18; grifo do autor). Também existe o conhecimento das verdades cristãs, pois Pedro nos diz que devemos acrescentar "à virtude o conhecimento" (2Pe 1.5), e Paulo nos lembra que isso

vem do relacionamento com Jesus Cristo, pois "nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do *conhecimento*" (Cl 2.3). O conhecimento também nos ajuda a sermos capazes de aconselhar uns aos outros na vida cristã, pois Paulo escreve da seguinte maneira aos romanos: "Meus irmãos, eu mesmo estou convencido de que vocês estão cheios de bondade *e plenamente instruídos* [ou *cheios de todo o conhecimento*, RA e ARC], sendo capazes de aconselhar-se uns aos outros" (Rm 15.14; grifo do autor).

Assim como vimos com relação à sabedoria, o termo "conhecimento" na Bíblia pode ser de muitos tipos e pode ser obtido de diferentes maneiras. Mas uma coisa está clara: a palavra "conhecimento" não exige que ele venha de uma revelação espontânea por parte do Espírito Santo. De fato, não acho que exista qualquer versículo nas Escrituras no qual a palavra "conhecimento" (*gnōsis*) seja usada para referir-se a alguma coisa que tenha sido revelada diretamente pelo Espírito Santo.

Paulo usa o termo "profecia" para referir-se ao relato de algo repentinamente revelado pelo Espírito Santo

A segunda razão favorável à interpretação dessas frases como "discurso sábio" é que essa visão permite que a palavra de sabedoria e a palavra de conhecimento sejam diferentes de profecia, a qual é mencionada por Paulo em 1Coríntios 12.10 como um *dom diferente* em sua lista de nove manifestações do Espírito Santo. Na visão da "revelação repentina", a palavra de sabedoria e a palavra de conhecimento realmente seriam equivalentes ao que Paulo chama "profecia".

Quando uma pessoa relata uma "revelação" que recebeu do Espírito Santo, Paulo diz que tal pessoa *está profetizando* (1Co 14.29-33).

> Se "entrar algum descrente ou não instruído quando todos estiverem *profetizando*, ele por todos será convencido de que é pecador

> e por todos será julgado, e os segredos do seu coração serão expostos. Assim, ele se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: "Deus realmente está entre vocês!" (1Co 14.24,25; grifo do autor).

Noto que, se isso acontecer hoje em dia, muitos renovados chamariam tal discurso de "palavra de conhecimento", mas Paulo não faz isso; ele chama isso "profecia".

Os outros exemplos de profecia que vemos no NT também são discursos baseados em alguma coisa que Deus revelou. Foi por meio do dom de profecia que o Espírito Santo revelou que haveria uma grande fome em Jerusalém (At 11.28), que Paulo seria preso em Jerusalém (At 21.10,11) e que um dom espiritual específico estava sendo concedido a Timóteo (1Tm 4.14). Quando Jesus contou à mulher junto ao poço alguns detalhes sobre a vida passada dela, a mulher não disse: "Percebo que o Senhor tem um palavra de conhecimento" (como muitos renovados diriam), mas disse: "Senhor, vejo que é *profeta*" (Jo 4.19; grifo do autor).

Desse modo, o padrão do NT é bastante claro. A profecia sempre é vista como algo baseado em uma revelação espontânea do Espírito Santo, ao passo o que conhecimento ou a palavra de conhecimento nunca é baseada em revelação espontânea.

Creio que Deus concede revelações específicas às pessoas de tempos em tempos hoje em dia (v. meu artigo intitulado "Deus ainda concede revelações?", na revista americana *Charisma*, ed. de setembro de 1992, p. 38-42). Mas a questão que devemos enfrentar é qual *rótulo* devemos colocar no relato dessas revelações. Podemos chamá-las ocasionalmente "palavra de sabedoria" ou "palavra de conhecimento", embora o NT não nos dê nenhuma justificativa para ligar tais palavras àqueles atos? Ou devemos chamá-las "profecia", que é o termo que o NT sempre aplica a palavras que são faladas para relatar revelações porvenientes do Espírito Santo? A mim me parece melhor seguir o padrão bíblico.

O argumento de Paulo exige que, dentre os nove dons citados, alguns não sejam miraculosos

Como notei acima, o propósito da argumentação de Paulo em 1Coríntios 12.7-11 é mostrar que *todos* os dons espirituais dos cristãos são dados pelo Espírito Santo e que *todos* os cristãos possuem dons. Não imagino que qualquer pessoa hoje diga que Paulo pensava que somente dons dramáticos e miraculosos eram espirituais. Ele é cuidadoso em destacar que o Espírito Santo *trabalha de muitas maneiras* (v. a analogia das muitas partes do corpo em 1Co 12.14-31). Creio que é por isso que ele começa com esses dons aparentemente comuns e não espetaculares, a saber, palavra de sabedoria e palavra de conhecimento. Se esses dois dons forem entendidos simplesmente como a capacidade de falar aos outros com sabedoria e conhecimento, então Paulo imediatamente estabeleceu que os dons dos cristãos que não podem profetizar, curar ou realizar milagres também são valiosos. Isso contribui fortemente para o propósito de mostrar que "o corpo não é feito de um só membro, mas de muitos" (1Co 12.14) e que "o olho não pode dizer à mão: 'Não preciso de você!' Nem a cabeça pode dizer aos pés: 'Não preciso de vocês!'" (v. 21).

Em resumo, sou favorável à visão do "discurso sábio" em função: 1) do significado das palavras comuns que Paulo utilizou; 2) do fato de Paulo chamar "profecia" o relato de revelações repentinas e de relacionar a profecia como dom separado e 3) do fato de que seu argumento funciona melhor se existirem dons não miraculosos (eu ainda poderia acrescentar que a visão do "discurso sábio" não é recente, e sim a mais comum com relação a todos os comentários de 1Coríntios).

E DAÍ?

Toda essa discussão faz alguma diferença? Não é simplesmente um debate inútil de palavras? Ou existem benefícios em adotar a visão do "discurso sábio" com relação a esses dons?

Creio que existem vários benefícios.

Chamar a profecia por seu verdadeiro nome

Se a visão do "discurso sábio" fosse adotada, ninguém perderia os dons que são atualmente chamados "palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento", pois eles simplesmente seriam chamados "profecia". Será bom chamarmos a profecia por seu nome, tal como nas Escrituras. Assim teremos muitas passagens das Escrituras a nos ensinar sobre esse dom, para que ele seja corretamente usado. Se chamarmos profecia a "palavra de sabedoria" e a "palavra de conhecimento", então não teremos passagens das Escrituras capazes de regulamentá-los, pois esses dons são mencionados apenas em 1Coríntios 12.8.

Reconhecer o alto valor dos dons não-miraculosos

Nas igrejas renovadas onde dons como o de cura, profecia e línguas têm grande visibilidade, provavelmente seria bom dar mais reconhecimento aos dons não miraculosos e enfatizar que eles *também* são dados pelo Espírito Santo. A capacidade de falar sobre os caminhos de Deus com sabedoria e conhecimento pode não ser dada repentinamente pelo Espírito Santo, mas *é* concedida por ele, embora seja alcançada gradualmente com o passar dos anos.

A lista da "manifestação de nove faces" de 1Coríntios 12.7-11 é freqüentemente usada em grupos renovados como texto central para ensinamentos sobre os dons do Espírito Santo. Mas se os que divulgam esse ensinamento pensam nos nove dons como miraculosos e dramáticos, poderão estar contribuindo não intencionalmente para divisões na igreja, pois quem não possui dons miraculosos sente-se inferior e talvez até mesmo desprezado por Deus, e aqueles com dons miraculosos podem se considerar superiores e especialmente favorecidos. Tais atitudes não são sadias para os relacionamentos dentro da igreja ou com os evangélicos que não fazem parte do movimento renovado.

Dar maior valor à sabedoria e ao conhecimento verdadeiros

Creio que seria bom dar maior valor à obtenção de sabedoria e de conhecimento na igreja. Nossa cultura está cada vez mais confusa, afastando-se de Deus e desconhecendo seus caminhos. O povo de Deus precisa desesperadamente da sabedoria e do conhecimento dele para ministrar a tal cultura. Essa sabedoria e esse conhecimento podem vir por meio do estudo bíblico, de ouvir expositores bíblicos, de ler livros cristãos, de conversar com pessoas mais experientes e com cristãos mais maduros. Se valorizarmos não apenas os crentes que possuem dons dramáticos e miraculosos, mas também os que possuem a habilidade de falar com sabedoria e conhecimento, isso não diminuirá a importância dos outros dons e nos levará a um ministério mais equilibrado e abrangente. Creio que isso também poderá fazer com que os renovados apreciem mais profundamente a sabedoria e o conhecimento, que podem ser obtidos também dos não-renovados.

Dar maior valor ao estudo da Bíblia

Seria muito bom que valorizássemos mais as Escrituras como fonte primária de sabedoria e conhecimento de Deus. "Os testemunhos do Senhor são dignos de confiança, e *tornam sábios os inexperientes*" (Sl 19.7; grifo do autor); se entendermos a palavra de sabedoria e a palavra de conhecimento da maneira como sugeri aqui, então perceberemos que, conforme estudamos as Escrituras, o Espírito Santo fala, ensinando-nos e dando sabedoria e conhecimento que serão úteis para a edificação dos outros.

Apêndice 3

Algumas suposições incorretas do pensamento cessacionista

Alguns dos argumentos cessacionistas baseiam-se no apelo a determinadas passagens das Escrituras, como a afirmação de que Efésios 2.20 mostra a profecia como um dom "fundacional" que não continua nos dias de hoje. Porém, conforme tenho conversado com meus amigos cessacionistas durante as últimas duas décadas, parece-me que, com freqüência, sua argumentação é baseada não em passagens específicas das Escrituras, mas em algumas suposições. Neste apêndice, exponho cinco dessas suposições e questiono sua validade.

Os dois primeiros argumentos cessacionistas sobre a suficiência das Escrituras não estão sujeitos a crítica:

1. *Deus revelou sua vontade em proposições escritas na Bíblia.* (Todos os evangélicos concordam com isso.).
2. *As proposições escritas na Bíblia dão uma completa revelação dos padrões morais que Deus quer que todos os cristãos obedeçam durante o período da igreja.* (Todos ou pelo menos a maioria dos evangélicos concorda com isso, ainda que alguns não tenham refletido sobre essa idéia anteriormente.).

Contudo, depois desse ponto, a posição dos cessacionistas chega a algumas conclusões não comprovadas:

3. *Portanto:*

   a. *Não há repetições.* O cessacionista pode afirmar que Deus não concede revelações subjetivas de padrões morais presentes nas Escrituras a pessoas de maneira individual.

Suposição incorreta. Se Deus revelou uma coisa em algum momento de forma escrita nas Escrituras, ele não pode ou não irá repetir parte ou toda essa revelação em outras formas a pessoas individualmente. Mas, na verdade, não há razão para ele não repetir ou lembrar alguém de coisas que já estejam nas Escrituras. Tais lembretes não teriam em si o *status* de revelação canônica, mas simplesmente repetiriam o conteúdo da revelação canônica.

   b. *Não há adições para indivíduos específicos.* O cessacionista pode afirmar que Deus não pode ou não revelará orientações adicionais específicas a pessoas de maneira individual.

Suposição incorreta. Se Deus já concedeu nas Escrituras todos os seus padrões morais que se aplicam a *todos os cristãos* em todas as épocas, ele não pode ou não irá revelar mandamentos com orientações adicionais a *pessoas específicas* em lugares e momentos específicos. Porém, de fato não existe nada que impeça que Deus dê orientações específicas a uma pessoa, tal como a ordem que deu a Abraão de deixar seu país, a orientação dada a Paulo para passar pela Macedônia ou o chamado de uma pessoa para o ministério. Além do mais, as palavras de encorajamento presentes nas Escrituras no sentido de sermos guiados pelo Espírito Santo (Rm 8.14 e Gl 5.18), além dos muitos exemplos bíblicos de orientações específicas que Deus deu a indivíduos, podem

muito bem ser entendidos como indicativo de que *as próprias Escrituras* nos ensinam que Deus revela sua vontade a nós, por diversos meios, de tempos em tempos.

c. *Se não temos certeza se uma coisa é ou não de Deus, ela não é.* O cessacionista pode afirmar que Deus não dá às pessoas qualquer revelação de sua vontade a não ser que ele também dê a quem recebeu tal revelação a certeza de que essa revelação vem dele.

Suposição incorreta (i). Se Deus revelou sua vontade de forma objetiva e sabemos com certeza que vem dele (a Bíblia), então *toda* revelação sua às pessoas virá de forma objetiva e saberemos com certeza que são dele. Mas o fato é que Deus pode revelar sua vontade às pessoas de maneiras subjetivas, sem que estejam plenamente revestidas da certeza de que venham de Deus, tais como intuição, "pressentimentos", sonhos, sentimento de estar sendo guiado pelo Espírito Santo etc.

Suposição incorreta (ii). Nossa incerteza quanto ao fato de alguma coisa ter sido revelada ou não por Deus significa que *não foi* revelada por Deus. Em determinado momento, o cessacionista poderá perguntar: "Mas como você *sabe* que isso vem de Deus?", assumindo assim, sem evidência ou prova, que Deus precisa dar alguma certeza juntamente com qualquer revelação feita à pessoa individualmente. Mas o fato é que Deus pode nos dar algumas revelações sobre as quais temos alguma incerteza quanto a tal revelação ser de Deus ou não. Isso parece ser a preocupação principal do mandamento "Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom" (1Ts 5.20,21).

d. *Não é feita nenhuma revelação sobre fatos do mundo.* O cessacionista pode afirmar que Deus não dá às pessoas qualquer revelação de fatos sobre uma situação em particular dos dias atuais. Em vez disso, toda revelação deve vir

por meio da observação e da investigação do mundo pelos meios comuns de nossas faculdades naturais.

Suposição incorreta. Se Deus revelou nas Escrituras tudo sobre o assunto (seus padrões morais e doutrinários para todos os cristãos de todos os tempos), ele não pode ou não irá revelar informação sobre outro assunto (como fatos particulares sobre o mundo ou sobre acontecimentos mundiais) às pessoas de hoje. Mas o fato é que ele pode revelar a algumas pessoas que um certo amigo está pronto para ouvir ou receber o Evangelho, que outra pessoa precisa de encorajamento por meio de uma ligação telefônica, que precisa de dinheiro, de oração etc. Todas essas situações são fatos sobre o mundo que poderiam, em princípio, ser obtidos por meio de nossas faculdades naturais, mas que também podem ser diretamente revelados por Deus.

e. *Não há validade para os princípios difíceis de serem colocados em prática.* O cessacionista pode afirmar que se o conceito de orientação subjetiva é de difícil aplicação à vida diária ou se é aplicado de maneira errada por aqueles que o seguem, então é um conceito errado e não é de Deus.

Suposição errada. Deus nos dá somente princípios para a vida cristã fáceis de serem aplicados. Mas a verdade é que a própria tarefa de aplicar as Escrituras à vida é freqüentemente difícil e normalmente é feita de forma errada. A tarefa de usar a "sabedoria", incentivada (corretamente) pelos cessacionistas é também algo que requer prática durante toda a vida e uma habilidade que se desenvolve com o passar do tempo. O fato de que dar atenção aos fatores subjetivos é algo difícil não significa que esses fatores não venham de Deus.

Quando essas cinco suposições são trazidas à luz e analisadas, elas perdem muito de seu poder de persuasão.

Apêndice 4

Uma nota sobre algumas objeções ao livro *The church* [*A igreja*], de Edmund Clowney

Antes de publicar o capítulo "O dom de profecia na igreja" em seu livro *The church*,[1] Edmund Clowney gentilmente enviou-me uma cópia para revisão. Diante da pressão de outros compromissos, deixei de ler aquele material cuidadosamente antes que fosse publicado, de modo que sou responsável em grande medida por qualquer interpretação errônea de minha posição que esteja naquele capítulo. Todavia, existem alguns pontos que considero bom esclarecer.

Minha compreensão da importância da gramática em Efésios 2.20 e 3.5

O primeiro ponto está na página 321, na nota de rodapé 11 (referindo-se à p. 261 do texto). Nessa nota, com referência à minha compreensão de que Efésios 2.20 e 3.5 refere-se a um único grupo (os apóstolos-profetas ou os apóstolos que também eram profetas), Clowney diz: "Grudem reconhece que sua interpretação dessa passagem de Efésios é fundamental para sua posição (op. cit., p. 46)".

[1]Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1995.

Mas não digo que essa interpretação de Efésios 2.20 e 3.5 é "fundamental" para minha posição. Nesse livro, digo "... mesmo que o leitor preferisse, por exemplo, a interpretação 3 [ou seja, a visão de Gaffin, conforme transcrita na p. 426 deste livro], *isso não deveria afetar significativamente o argumento do resto do livro*" (grifo do autor). Então, explico que, se Efésios 2.20 significa "os apóstolos e os profetas" (dois grupos), eu simplesmente diria que isso se refere a um grupo de profetas que estavam muito próximos dos apóstolos e que tinham autoridade para escrever as Escrituras. Mas esse ainda é um grupo bastante limitado, por serem pessoas a quem o mistério da inclusão dos gentios na igreja foi revelado (em 3.5).

Portanto, não acho que minha interpretação da gramática de Efésios 2.20 ("apóstolos-profetas", um grupo) seja importante para minha argumentação como um todo. Isso se dá porque mesmo que Efésios 2.20 se refira a dois grupos de pessoas (apóstolos e profetas do NT), a posição cessacionista teria de provar que Efésios 2.20 *refere-se a todos os possíveis profetas do tempo do* NT.

Como eu disse na página 55 (e tb. nas p. 423-4, no apêndice 6):

> A questão central é se esses versículos se referem a todos os cristãos que possuíam o dom de profecia nas igrejas do primeiro século. Acaso os profetas mencionados aqui são os que tinham o dom de profecia em Corinto, em Tessalônica, em Éfeso etc.?
>
> Caso afirmativo — se esses versículos se referem a todos os profetas da igreja local e das congregações do primeiro século —, então seria possível vê-los retratados como possuidores de um papel "fundacional" na igreja do NT, e teríamos de concordar com Gaffin — e era de esperar que esse dom cessasse assim que o NT estivesse completo.

Nesse ponto, não estou falando sobre a exegese da frase *tōn apostolōn kai prophētōn*, se é um grupo ou dois, mas se "profetas" aqui se refere a todos os profetas do NT.

Em meu livro *Teologia sistemática*,[2] digo a mesma coisa:

> Não penso que Efésios 2.20 tenha muita importância em toda a discussão sobre a natureza do dom de profecia. Quer vejamos aqui um grupo como eu vejo (apóstolo-profeta), quer vejamos dois, como Richard Gaffin e alguns outros (apóstolos e profetas), todos concordamos que *esses* profetas são os que forneceram o fundamento da igreja e, portanto, são profetas que falaram palavras divinas infalíveis. O problema é se esse versículo descrever o caráter de *todos os que possuíam o dom de profecia* nas igrejas do Novo Testamento. Não vejo provas convincentes de que ele descreva todos os que profetizavam na igreja primitiva.

Portanto, não creio que o parecer de Clowney, na página 260, seja preciso: "Para o dr. Grudem, a exegese de Efésios 2.20 e 3.5 é fundamental". Não creio que a exegese de Efésios 2.20 faça muita diferença nessa argumentação, mas somente a decisão (depois de alguém ter feito a exegese gramatical) se Efésios 2.20 refere-se a todos os que tinham o dom de profecia na igreja do primeiro século ou (como penso) somente a alguns profetas que tinham um papel "fundacional" e a quem o mistério da inclusão dos gentios foi revelado (Ef 3.5).

Isso é importante porque Clowney e muitos outros gastaram muito tempo na exegese da gramática de Efésios 2.20, mas não demonstraram (em nenhuma conferência) que "profetas" aqui significa todos os profetas em todas os igrejas do NT. Clowney, em particular, dá um enorme passo ao fazer uma linha de pensamento que parte de: a) alguns profetas em Efésios 2.20 serem "fundacionais", indo para b) todos os profetas nas igrejas do NT serem fundacionais. Esse salto realmente *é* fundamental para o argumento cessacionista, mais é pouco convincente.

[2]São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 920-1, nota 4.

MINHA REFERÊNCIA A ATOS 17.11 E 1JOÃO 4.1

Na página 262, Clowney discute minha interpretação do significado da palavra *diakrinō* em 1Coríntios 14.29. Ele diz: "Ele cita dois outros exemplos daquilo que considera como avaliação congregacional: a resposta dos bereanos à pregação de Paulo, descrita em Atos 17.11, e a ordem de 'examinar os espíritos', dada em 1Jo 4.1" (a nota de rodapé refere-se à p. 72 do meu livro [p. 68-9 nesta edição], onde realmente menciono os dois versículos).

Contudo, não é correto dizer que uso os dois versículos para demonstrar outros exemplos do significado da palavra *diakrinō* em 1Coríntios 14.29. Nas páginas 68-9 a que Clowney se refere, estou falando sobre outra coisa: quem são "os outros" (*hoi alloi*) que farão a avaliação? Com relação a isso, no curso da argumentação de que toda a congregação faz a avaliação, simplesmente menciono de passagem outros versículos onde a avaliação congregacional do discurso de qualquer tipo está implícita. Fiz isso a mostrar que não era impossível que toda a congregação fizesse avaliação de alguma coisa. Mas nunca disse ou deixei implícito que esses versículos tenham qualquer relação com o tipo de atividade envolvida no verbo *diakrinō*, que nem mesmo discuto naquele ponto.

Nas sentenças seguintes, Clowney prossegue argumentando que Atos 17.11 e João 4.1 realmente contradizem minha compreensão do verbo *diakrinō* porque eles mostram um tipo diferente de avaliação. Ele diz: "O fato de os bereanos examinarem as Escrituras para ver se o que fora dito era verdade parece contrariar o argumento de Grudem de que os pronunciamentos autorizados não poderiam ser examinados" (p. 262). Mas nunca afirmei que pronunciamentos autorizados não poderiam ser *examinados*. Afirmei que não se pode *separar elementos verdadeiros dos falsos* no discurso dos apóstolos ou nas palavras das Escrituras. Concordo que tanto Atos 17.11 quanto 1João 4.1 mostram diferentes tipos de avaliação, mas nunca afirmei que

faziam alguma coisa além disso nem esses textos me parecem particularmente relevantes na questão da avaliação congregacional das profecias, tópico sobre o qual esses textos não estão falando.

OUTROS COMENTÁRIOS

Mostro a seguir outros pontos dos quais discordo da argumentação de Clowney.

1) Ainda me parece claro que Atos 28.17, onde Paulo diz que foi "preso em Jerusalém e entregue aos romanos", refere-se à sua transferência *para fora de Jerusalém* (gr. *ex hierosolymōn*) em Atos 23.23-35 *como prisioneiro* (gr. *desmios*) e *nas mãos dos romanos*, ou seja, para a jurisdição e processo do sistema judiciário romano, ao qual ele foi mandado com uma carta do tribuno romano ao governador Félix conforme registrado em Atos 23.26-30. O texto não diz — e não afirmo isso, que ele foi retirado do sistema judicial judaico, mas apenas que foi mandado "para fora de Jerusalém". Também não acho que esse versículo mencione qualquer "entrega" feita pelos judeus, pois refere-se especificamente ao fato de Paulo ser levado para "fora de Jerusalém" pelos soldados romanos para anular o plano contra sua vida. Em outras palavras, Atos 28.17 simplesmente não pode ser visto como cumprimento da profecia de Ágabo (At 21.11), cuja profecia ainda acredito conter alguns detalhes errados — pequenos, mas importantes.

2) Não acredito que os profetas do NT pudessem receber apenas "impressões" do Senhor, em vez de palavras (Clowney, p. 257 e 259), mas somente que o *relato* do profeta sobre o que recebera do Senhor não poderia ser considerado discurso "inspirado por Deus", como ocorre com as Escrituras. O profeta podia receber impressões, imagens mentais ou palavras, mas em todos os casos as palavras que o profeta usasse para relatar

essas coisas não eram palavras infalíveis de Deus, mas meramente palavras humanas.

3) Ainda acho (por razões apresentadas no texto deste livro) que "os outros" que avaliam as profecias, conforme 1Coríntios 14.29, são o restante da congregação, não apenas os que possuem o dom de discernimento.

4) Não me parece proveitoso apelar para o texto primitivo chamado *Didaquê* para fundamentar a afirmação de que as profecias do NT possuíam autoridade semelhante à das Escrituras, pois o *Didaquê* simplesmente contradiz Paulo nesse ponto (como explico neste livro). O *Didaquê* não é parte da Bíblia e acho que nesse e em vários outros trechos ele está simplesmente errado.

5) Não me parece convincente a argumentação de Clowney (p. 265) de que a frase "ponham à prova todas as coisas", de 1Tessalonicenses 5.21, realmente *exclua* as coisas que acabaram de ser mencionadas na primeira metade da oração — "Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas". Deixar de pôr à prova as profecias dificilmente é "pôr à prova todas as coisas".

No entanto, muitas das coisas que Clowney diz no resto de seu livro são úteis. Em vários trechos concordo com ele e em outros trechos discordo. Contudo, de maneira geral, tenho a maior consideração por ele, valorizo sua amizade e considero seu ensinamento e seu exemplo uma das mais significativas influências em minha vida.

Apêndice 5

Por que os cristãos ainda podem profetizar[1]

Os cristãos podem usar o dom de profecia na igreja hoje? O que vem a ser esse dom espiritual e de que maneira funciona? Se realmente permitirmos seu uso, como evitar abusos e preservar a autoridade única das Escrituras em nossa vida?

O exame isento do ensino do NT sobre o dom de profecia mostrará que ele não deve ser definido como "predição do futuro", "proclamação de uma palavra do Senhor" nem como "pregação poderosa", mas, em vez disso, como o "ato de relatar o que Deus trouxe à mente de maneira espontânea". Uma vez que compreendamos a profecia dessa maneira, podemos permitir que nossas igrejas abram espaço para desfrutar de um dos mais edificantes dons do Espírito Santo.

[1]Este artigo foi publicado na *Christianity Today* (16/9/1988), p. 29-35, e é usado com permissão. Trata-se de um resumo da argumentação deste livro.

O DOM DE PROFECIA NA IGREJA DO NOVO TESTAMENTO TINHA MENOS AUTORIDADE QUE AS ESCRITURAS OU O ENSINO APOSTÓLICO

Nossa investigação sobre o dom de profecia na igreja do NT deve começar por sua comparação com a profecia do AT e a autoridade dos apóstolos.

Os profetas do AT tinham imensa responsabilidade: eram capazes de falar e escrever palavras com autoridade divina absoluta. Eles podiam dizer "Assim diz o Senhor", e as palavras que se seguiam eram as próprias palavras de Deus. Os profetas do AT escreveram palavras do próprio Deus para todos os tempos (v. Nm 22.38; Dt 18.18-20; Jr 1.9; 2.7 etc.). Portanto, desobedecer ou não acreditar nas palavras do profeta era desobedecer ou não acreditar no próprio Deus (Dt 18.19; 1Sm 8.7; 1Rs 20.36 etc.).

No NT, também havia pessoas que podiam falar e escrever as palavras de Deus e registrá-las nas Escrituras, mas ficamos surpresos ao descobrir que Jesus não os chama "profetas", mas usa um novo termo: "apóstolos". Os apóstolos do NT são a contrapartida dos profetas do AT (v. 1Co 2.13; 2Co 13.3; Gl 1.8,9,11,12; 1Ts 2.13; 4.8,15; 2Pe 3.2 etc.). Os apóstolos, e não os profetas, têm autoridade para escrever as palavras das Escrituras do NT.

Quando os apóstolos querem estabelecer sua autoridade singular, eles nunca apelam para o título "profeta", mas, em vez disso, chamam a si mesmos "apóstolos" (Rm 1.1; 1Co 1.1; 9.1,2; 2Co 1.1; 11.12,13; 12.11,12; Gl 1.1; Ef 1.1; 1Pe 1.1; 2Pe 1.1; 3.2 etc.).

O significado da palavra "profeta" nos tempos do NT

Por que Jesus escolheu o termo "apóstolos" para designar quem tinha autoridade para escrever as Escrituras? Isso aconteceu porque a palavra grega *prophētēs* ("profeta") na época do NT

tinha uma gama muito grande de significados. De maneira geral, a palavra não tinha o sentido de "quem fala as próprias palavras de Deus", mas, em vez disso, podia significar "alguém que falava baseado em alguma influência externa" (normalmente uma influência espiritual de algum tipo). A passagem de Tito 1.12 usa a palavra nesse sentido, na qual Paulo cita o poeta grego pagão Epimênides: "Um dos seus próprios profetas chegou a dizer: 'Cretenses, sempre mentirosos, feras malignas, glutões preguiçosos'". Os soldados que zombaram de Jesus também parecem usar a palavra "profetizar" nesse sentido, quando colocam uma venda em Jesus e cruelmente ordenam: "Profetize! Quem foi que lhe bateu?" (Lc 22.64). Eles não queriam dizer: "Fale palavras de autoridade divina absoluta", mas: "Diga-nos alguma coisa que lhe foi revelada" (comp. com Jo 4.19).

Muitos textos não-bíblicos usam a palavra "profeta" (gr. *prophētēs)* dessa maneira sem dar qualquer significado ou autoridade divina às palavras de quem é chamado profeta. Na verdade, na época do NT, o uso coloquial do termo "profeta" normalmente tinha o significado de "quem tem conhecimento sobrenatural", "quem prediz o futuro" ou até mesmo "porta-voz" (sem qualquer conotação de autoridade divina).

Vários exemplos da época do NT são dados no artigo de Helmut Kramer sobre o grupo de palavras relacionadas ao termo *prophētēs* no *Theological dictionary of the New Testament* [*Dicionário teológico do Novo Testamento*], de Kittel (vol. 6, p. 794):

- Um filósofo é chamado "um *profeta* de natureza imortal" (Dio Crisóstomo, 40-120 d.C.).
- Um professor (Diógenes) quer ser "um *profeta* da verdade e da lisura" (Luciano de Samosata, 120-180 d.C.).
- Os defensores da filosofia epicurista são chamados "*profetas* de Epicuro" (Plutarco, 50-120 d.C.).
- A história escrita é chamada "a *profetisa* da verdade" (Deodoro Sículo, escrito c. 60-30 a.C.).

- Um "especialista" em botânica é chamado "*profeta*" (Dioscurides da Cilícia, I séc. d.C.).
- Um "charlatão" na medicina é chamado "profeta" (Gálen de Pérgamo, 129-199 d.C.).

Kramer conclui que a palavra grega para "profeta" (*prophētēs*) "simplesmente expressa a função formal de declarar, proclamar, tornar conhecido". Contudo, pelo fato de que "todo profeta declara alguma coisa que não é sua", a palavra grega para "arauto" (*kēryx*) "é o sinônimo mais próximo" (p. 795). Naturalmente, as palavras "profeta" e "profecia" às vezes são usadas com relação aos apóstolos, quando o contexto enfatiza a influência espiritual externa (vinda do Espírito Santo) sob a qual estão falavando (Ef 2.20 e 3.5; Ap 1.3; 22.7), mas essa não era a terminologia comum usada para os apóstolos nem os termos "profeta" e "profecia" em si mesmos atribuem autoridade divina a seu discurso ou a seus escritos.

De natureza muito mais comum, as palavras "profeta" e "profecia" eram usadas com relação aos cristãos comuns que falavam não com autoridade divina absoluta, mas simplesmente relatavam o que Deus colocara em seu coração ou trouxera à sua mente. Existem muitas indicações no NT de que esse dom comum de profecia tinha autoridade menor que a Bíblia e era inferior até mesmo ao ensinamento bíblico reconhecido da igreja primitiva.

Indicações de que os "profetas" não falavam com autoridade divina

Em Atos 21.4, lemos sobre os discípulos de Tiro: "Eles, pelo Espírito, recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém". Isso parece ser uma referência à profecia dirigida a Paulo, mas Paulo não obedeceu! Ele nunca teria feito isso se essa profecia fosse constituída de palavras do próprio Deus.

Então, em Atos 21.10,11, Ágabo profetizou que os judeus de Jerusalém "amarrariam" Paulo e o "entregariam", — predição que não estava totalmente errada, mas continha elementos equivocados. Os romanos prenderam Paulo (v. 33), e os judeus, em vez de entregá-lo voluntariamente, tentaram matá-lo, de modo que ele precisou ser resgatado à força (v. 32). A predição não estava totalmente errada, mas um tipo de imprecisão nos detalhes como esse teria levado ao questionamento da validade de qualquer profecia do AT.

Paulo diz aos tessalonicenses: "Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom" (1Ts 5.20,21). Se a profecia tivesse a mesma autoridade da palavra de Deus, Paulo jamais teria dito aos tessalonicenses para não desprezá-la, pois eles "receberam a palavra com alegria que vem do Espírito Santo" (1Ts 1.6; 2.13; v. 4.15). Contudo, quando Paulo lhes diz que deveriam "por à prova todas as coisas", tal frase incluíra pelo menos as profecias mencionadas na frase anterior. Ao encorajá-los a ficar "com o que é bom", Paulo deixa implícito que as profecias contêm algumas coisas boas e outras que não o são. Isso jamais poderia ter sido dito com relação às palavras do profeta do AT ou dos ensinos autorizados de um apóstolo do NT.

Além do mais, em Atos 21.9 lemos que Filipe "tinha quatro filhas virgens, que profetizavam". Independentemente do que pensamos sobre a conveniência do ensinamento bíblico feito por mulheres hoje, o profetizar realizado pelas filhas de Filipe seria difícil de conciliar com as proibições do NT com relação aos ensinos realizados por mulheres (v. 1Tm 2.12) se a profecia tivesse autoridade divina absoluta ou até mesmo maior ou igual ao ensinamento bíblico (raciocínio similar se aplica a 1Co 11.5, onde Paulo permite que as mulheres profetizem na igreja, embora mais tarde aparentemente proíba que elas falem

em público durante a avaliação ou o julgamento das profecias; v. 1Co 14.34,35).

A evidência de 1Coríntios

A evidência mais ampla da profecia do NT pode ser encontrada em 1Coríntios 14. Quando Paulo diz: "Tratando-se de profetas, falem dois ou três, e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito" (1Co 14.29), sugere que eles devem ouvir cuidadosamente e separar o que é bom do ruim, aceitando algumas coisas e rejeitando o resto (essa é uma aplicação da palavra grega *diakrinō*, traduzida aqui por "julgar cuidadosamente"). É inconcebível que um profeta do AT, como Isaías, pudesse ter dito: "Ouçam o que eu lhes digo e avaliem o que foi dito, separando o bom do ruim, o que vocês aceitam do que vocês não aceitam"! Se a profecia possuía autoridade divina absoluta, seria um pecado fazer isso. Mas aqui Paulo ordena que isso seja feito, sugerindo que a profecia do NT não tinha a mesma autoridade das palavra de Deus.

Em 1Coríntios 14.30,31, Paulo permite que um profeta interrompa outro: "Se vier uma revelação a alguém que está sentado, cale-se o primeiro. Pois vocês todos podem profetizar, cada um por sua vez". Mais uma vez, se os profetas falassem as próprias palavras de Deus, iguais em valor às Escrituras, é difícil imaginar que Paulo permitisse que fossem interrompidos sem que finalizassem sua mensagem. Mas é exatamente isso que Paulo ordena aqui.

Paulo sugere que, em Corinto, igreja que recebia muitas profecias, ninguém era capaz de declarar palavras do próprio Deus. Ele disse em 1Coríntios 14.36: "Acaso a palavra de Deus originou-se entre vocês? São vocês o único povo que ela alcançou?".

Então, nos versículos 37 e 38, ele afirma possuir autoridade maior que qualquer outro profeta de Corinto: "Se alguém pen-

sa que é profeta ou espiritual, reconheça que o que lhes estou escrevendo é mandamento do Senhor. Se ignorar isso, ele mesmo será ignorado".

Todas essas passagens indicam que é simplesmente incorreta a idéia comum de que os profetas declaravam "as palavras de Deus" quando os apóstolos não estavam presentes na igreja primitiva.

Preparação apostólica para sua ausência

Além dos versículos que consideramos até aqui, outro tipo de evidência sugere que os profetas das congregações do NT falavam com menos autoridade que os apóstolos ou a Escritura do NT. O problema da sucessão apostólica foi resolvido não por encorajar os cristãos a ouvirem os profetas, mas ao se apontar para as Escrituras.

Desse modo, Paulo enfatiza, já no final de sua vida, que devemos manejar "corretamente a palavra da verdade" (2Tm 2.15) e que "toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2Tm 3.16). Judas insiste com seus leitores em que "batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos" (Jd 3). Também no final de sua vida, Pedro encoraja seus leitores a "prestarem atenção" nas Escrituras, que são como a "candeia que brilha em lugar escuro" (2Pe 1.19,20) e os relembra dos ensinamentos de Paulo "em todas as suas cartas" (2Pe 3.16). Em nenhuma situação lemos exortações para "dar atenção aos profetas em suas igrejas" ou "obedecer às palavras do Senhor dadas por meio dos profetas" etc. Contudo, certamente havia profetas que profetizavam em muitas congregações locais depois da morte dos apóstolos. Parece que eles não tinham autoridade igual à dos apóstolos, e os autores das Escrituras sabiam disso.

Conclusão: as profecias não são "as palavras de Deus" hoje

Desse modo, as profecias devem ser consideradas meramente palavras humanas, e não palavras infalíveis de Deus, pois não possuem autoridade semelhante a ela. Mas será que essa conclusão não entra em conflito com o ensinamento e a prática renovada atual? Acho que conflita com muito da prática renovada, mas não com a maioria do ensino renovado.

A maioria dos líderes renovados concorda em que a profecia contemporânea não é igual às Escrituras em termos de autoridade. Embora alguns se refiram à profecia como "palavra de Deus", existe um testemunho quase uniforme de todos os setores do movimento renovado de que a profecia é imperfeita e impura e conterá elementos aos quais não se deve obedecer e nos quais não se deve confiar. Bruce Yocum, por exemplo, autor renovado de um livro sobre profecia bastante utilizado, escreve:

> A profecia pode ser impura — nossos pensamentos ou idéias podem se misturar com a mensagem que recebemos — quer recebamos as palavras diretamente, quer apenas recebamos o sentido da mensagem [...] (Paulo diz que toda profecia nossa é imperfeita).[2]

Mas deve ser dito que, na prática, muita confusão resulta do hábito de prefaciar as profecias com a frase comum do AT "assim diz o Senhor" (frase não usada por nenhum dos profetas das igrejas do NT). Isso é triste, porque cria a impressão de que as palavras que se seguem são divinas, ao passo que o NT não justifica essa posição. Quando pressionados, a maioria dos porta-vozes renovados responsáveis não pretende afirmar que isso seja verdade para todas as partes da profecia. Portanto, muito

[2]*Prophecy*, Ann Arbor: Word of Life, 1976, p. 79.

se ganharia e pouco seria perdido se essa frase introdutória fosse deixada de lado.

Porém, é verdade que Ágabo usa uma frase similar em Atos 21.11 ("Assim diz o Espírito Santo"), mas as mesmas palavras (gr. *tade legei*) são usadas pelos escritores cristãos logo depois do tempo do NT para introduzir paráfrases bastante gerais ou interpretações grandemente expandidas do que está sendo relatado (como no caso de Inácio, na *Epístola aos filadelfienses* 7.1,2 [c. 108 d.C.] e a *Epístola de Barnabé* 6.8; 9.2,5 [70-100 d.C.]). A frase pode aparentemente significar; "Isto é o que o Espírito Santo está nos dizendo de maneira geral (ou aproximada)".

Se alguém realmente acha que Deus traz à sua mente algo que deve ser relatado à congregação, não há nada de errado em dizer: "Eu acho que o Senhor está colocando em minha mente que..." ou: "Parece-me que o Senhor está nos mostrando..." ou alguma expressão similar. Naturalmente isso não soa tão "forte" como "assim diz o Senhor", mas se a mensagem é realmente de Deus, o Espírito Santo fará com que ela fale com grande poder ao coração dos que precisam ouvi-la, mesmo quando for introduzida com alguma hesitação.

A "REVELAÇÃO" ESPONTÂNEA FAZ DA PROFECIA UM DOM DIFERENTE DOS OUTROS

Se a profecia não contém palavras divinas, então o que ela é? Em que sentido é de Deus?

Paulo indica que Deus pode trazer algo à mente de maneira espontânea e de modo que a pessoa que profetiza relate isso com suas palavras. Paulo chama isso "revelação": "Se vier uma revelação a alguém que está sentado, cale-se o primeiro. Pois vocês todos podem profetizar, cada um por sua vez, de forma que todos sejam instruídos e encorajados".

Aqui Paulo usa a palavra "revelação" em sentido mais amplo que o termo técnico que os teólogos usam para descrever as

palavras das Escrituras. Contudo, o NT usa em muitos outros lugares os termos "revelar" e "revelação" em sentido mais amplo de comunicação de Deus que não resultou em Escritura ou em palavras iguais em autoridade às Escrituras (v. Mt 11.27; Rm 1.18; Ef 1.17; Fp 3.15).

Paulo simplesmente menciona algo que Deus repentinamente trouxe à mente ou algo que Deus possa colocar no coração ou no pensamento de uma pessoa de tal maneira que ela sinta que é de Deus. Pode ser que o pensamento trazido à mente seja surpreendentemente distinto da linha normal de pensamentos daquela pessoa ou que seja acompanhado por algum senso de urgência ou persistência, ou que, de alguma outra maneira, dá à pessoa a sensação bastante clara que procede do Senhor.

Assim, se alguém de fora entra e todos estão profetizando, "os segredos do seu coração serão expostos. Assim, ele se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: 'Deus realmente está entre vocês!'" (1Co 14.25). Ouvi o relato de algo assim acontecendo em uma igreja batista não-renovada. O missionário que pregava parou no meio da mensagem e disse algo como: "Eu não planejava dizer isso, mas parece que o Senhor está indicando que alguém nesta igreja acabou de abandonar a família. Se esse é o caso, deixe-me dizer que Deus quer você volte para eles e aprenda a seguir o padrão de Deus para a vida familiar". O missionário não sabia disso, mas na galeria escura estava sentado um homem que entrara na igreja momentos antes pela primeira vez na vida. Ele se encaixava perfeitamente na descrição, o que fez com que viesse à frente, reconhecesse seu pecado e começasse a buscar a Deus.

Dessa maneira, a profecia serve como "sinal" para os crentes (1Co 14.22), pois é uma clara demonstração de que Deus definitivamente trabalha no meio deles, um "sinal" da mão de Deus abençoando a congregação. Uma vez que a profecia também

trabalha para a conversão dos descrentes, Paulo incentiva o uso desse dom quando "entrarem alguns não instruídos ou descrentes" (1Co 14.23-25).

Muitos de nós têm experimentado ou ouvido falar sobre acontecimentos nos dias de hoje similares a esse, como por exemplo um pedido urgente e não planejado para que se ore por um missionário na Nigéria. Então, mais tarde, quem orou descobriu que, exatamente naquele momento, um missionário fora envolvido em um terrível acidente ou estava passando por um momento de intenso conflito espiritual e precisava das orações. Paulo chamaria esse sentimento ou intuição "revelação", e o relato dessa orientação divina à igreja reunida pode ser chamado "profecia". Tal relato pode conter elementos da própria compreensão ou interpretação do orador sobre o acontecimento e certamente carece de avaliação e prova, ainda que tenha uma função valiosa para a igreja.

Diferença entre profecia e ensino

Até onde podemos dizer, toda a "profecia" do NT é baseada nesse tipo de direcionamento espontâneo vindo do Espírito Santo (comp. com At 11.28; 21.4,10,11; observe as idéias sobre profecia representadas em Lc 7.39; 22.63,64; Jo 4.19; 11.51). Não há profecia, a não ser que alguém receba uma "revelação" espontânea de Deus.

Em contraste, jamais se ouviu que algum discurso humano chamado "ensinamento", feito por um "mestre" ou descrito pelo verbo "ensinar" tenha sido baseado em "revelação" no NT. Em vez disso, "ensino" é freqüentemente apenas a explicação ou a aplicação das Escrituras (At 15.35; 18.11,24-28; Rm 2.21; 15.4; Cl 3.16; Hb 5.12) ou a repetição das instruções apostólicas (Rm 16.17; 2Tm 2.2; 3.10 etc.). É o que chamaríamos hoje "ensinamento bíblico" ou "pregação".

Portanto, a profecia tem menos autoridade que o "ensino", e as profecias na igreja devem sempre estar sujeitas ao ensino autorizado das Escrituras. Timóteo não deveria profetizar as instruções de Paulo na igreja; ele deveria ensiná-las (1Tm 4.11; 6.2). Paulo não profetizou sua maneira de viver em Jesus, mas ensinou isso (1Co 4.17). Os tessalonicenses não ouviram instruções para se apegarem às tradições "profetizadas" a eles, mas às tradições que lhes haviam sido "ensinadas" por Paulo (2Ts 2.15). Ao contrário de algumas explicações, foram os mestres, e não os profetas, que lideraram e orientaram as igrejas no início da era cristã.

Entre os presbíteros havia, portanto, "aqueles cujo trabalho [era] a pregação e o ensino" (1Tm 5.17) e o presbítero devia ser "apto para ensinar" (1Tm 3.2; v. Tt 1.9), mas nada é dito sobre qualquer presbítero cujo trabalho fosse profetizar; não se diz que o presbítero deveria ser "apto para profetizar" ou que deveria seguir uma orientação como: "Permaneçam firmes e apeguem-se às profecias". Na função de liderança, Timóteo deveria dar atenção a si mesmo e à sua "doutrina" (1Tm 4.16), mas ele nunca recebeu instruções para se apegar à profecia. Tiago advertiu que quem ensina, e não quem profetiza, será julgado com maior rigor (Tg 3.1).

A tarefa de interpretar e aplicar as Escrituras, portanto, é chamada "ensino" no NT. Apesar de algumas pessoas afirmarem que os profetas nas igrejas do NT davam "interpretações carismáticas inspiradas" de textos do AT, essa afirmação dificilmente pode ser convincente, em especial porque é difícil encontrar no NT qualquer exemplo persuasivo de que o grupo de palavras relacionadas ao termo "profeta" é usado para referir-se a alguém que exercesse esse tipo de atividade.

Desse modo, a distinção é bastante clara: se uma mensagem é o resultado de uma reflexão consciente sobre um texto das Escrituras, contendo interpretação do texto e aplicação para a vida, então (no NT) é um ensino. Porém, se a mensagem

é o relato do que Deus traz repentinamente à mente da pessoa, então é profecia. É claro que até mesmo ensinamentos bem preparados podem ser interrompidos por algo não planejado que o instrutor bíblico repentinamente sente que Deus traz à sua mente; nesse caso, seria um "ensino" mesclado com profecia.

Mas esse processo não é muito subjetivo?

É possível que nesse ponto alguns tenham objeções, considerando que esperar por tais orientações seja um processo "muito subjetivo". Minha resposta é que é muito provável que quem faz tais objeções seja exatamente quem precisa desse processo subjetivo mais presente em sua vida cristã! Esse dom requer a espera no Senhor, o ouvir sua voz e seu direcionamento em nosso coração. Para os cristãos evangélicos, teologicamente ortodoxos, doutrinariamente maduros, intelectualmente bem-informados e biblicamente instruídos, provavelmente o mais necessário é a influência equilibrada do relacionamento vital mais "subjetivo" com o Senhor na vida diária. Essas pessoas são, aparentemente, as menos suscetíveis de serem levadas ao erro, pois já colocaram grande ênfase no fundamento sólido da Palavra de Deus.

Contudo, existe o perigo oposto da excessiva confiança nas impressões subjetivas de alguma orientação, e isso deve ser claramente evitado. Os que continuamente buscam "mensagens" subjetivas de Deus para orientar sua vida devem ter cuidado, pois a orientação pessoal subjetiva não é a função primária da profecia do NT. Essas pessoas precisam colocar mais ênfase nas Escrituras e buscar nelas a sabedoria segura de Deus.

Muitos escritores carismáticos concordam com essa precaução, como indicam as citações a seguir:

Michael Harper (pastor renovado anglicano): "Profecias que dizem o que outras pessoas devem fazer precisam ser recebidas com grande desconfiança".[3]

Donald Gee (Assembléias de Deus):

> Muitos de nossos erros nas áreas onde estão envolvidos os dons espirituais surgem quando queremos que o extraordinário e o excepcional sejam transformados no freqüente e no habitual. Que todos que desenvolvem desejo excessivo pelas "mensagens" transmitidas por meio dos dons possam aprender com os enormes desastres da gerações passadas com nossos contemporâneos [...] As Sagradas Escrituras é que são a lâmpada que ilumina nossos passos e a luz que clareia nosso caminho".[4]

Donald Bridge (pastor carismático inglês):

> O iluminista constantemente acha que "Deus disse" que ele deveria fazer certas coisas [...] Os iluministas normalmente são muito sinceros, muito dedicados e possuem um compromisso de obedecer a Deus que envergonha até os cristãos mais cautelosos. Todavia, eles seguem por uma trilha perigosa. Seus ancestrais já caminharam por ali e sempre com resultados desastrosos em longo prazo. Sentimentos interiores e orientações especiais são subjetivas em sua natureza. Só a Bíblia fornece orientação objetiva.[5]

AS PROFECIAS PODEM TER CONTEÚDO EDIFICANTE

Os exemplos de profecias no NT mencionados acima mostram que a idéia da profecia como meramente "predição do futuro" é equivocada. Havia algumas predições (At 11.28; 21.11), mas

[3]*Prophecy*: a gift for the body of Christ, Plainfield: Logos, 1964, p. 26.

[4]*Spiritual gifts in the work of ministry today*, Springfield: Gospel Publishing House, 1963, p. 51-2.

[5]*Signs and wonders today*, Downers Grove: InterVarsity, 1985, p. 183.

também a revelação de pecados (1Co 14.25). De fato, qualquer coisa que edificasse poderia ter sido incluída, pois Paulo diz: "Mas quem profetiza o faz para edificação, encorajamento e consolação dos homens" (1Co 14.3). Vemos aqui outra indicação do valor da profecia: ela pode falar às necessidades do coração das pessoas de maneira direta e espontânea.

Em dois momentos muito significativos de nosso casamento, minha esposa Margaret e eu visitamos e oramos com amigos cristãos de outra parte dos EUA. Nas duas ocasiões, durante nossos momentos de oração, o marido da família que estávamos visitando fez uma pausa na oração e falou gentil e diretamente apenas uma frase para Margaret. Em ambas as ocasiões, as frases atingiram seu coração em cheio e trouxeram conforto do Senhor com relação a preocupações profundas que não mencionáramos de forma alguma ao outro casal. Aqui está o valor da profecia quanto provê "edificação, encorajamento e consolação" (1Co 14.3).

QUALQUER PESSOA DA CONGREGAÇÃO PODE PROFETIZAR

Outro grande benefício da profecia é que ela dá oportunidade de participação a todas as pessoas da congregação, e não apenas aos oradores hábeis ou a quem possui o dom de ensino. Paulo diz que ele quer que "todos" os coríntios profetizem (1Co 14.5) e diz: "Pois vocês todos podem profetizar, cada um por sua vez, de forma que todos sejam instruídos e encorajados" (1Co 14.31). A maior abertura ao dom de profecia pode superar a situação de muitos freqüentadores de nossas igrejas, que são meramente espectadores, e não participantes. Talvez estejamos contribuindo para o problema do "cristianismo espectador" ao limitarmos a obra do Espírito Santo nessa área.

PAULO DIZ QUE A PROFECIA CONTINUARÁ ATÉ A VOLTA DO SENHOR

Paulo diz: "Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá" (1Co 13.9,10). Então ele diz que a profecia desaparecerá em certo momento, a saber, "quando, porém, vier o que é perfeito". Mas quando será esse momento? Isso acontecerá quando o Senhor retornar. Será assim por estar relacionada com o mesmo tempo indicado pela palavra "então" no versículo 12: "Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido". Ver "face a face" é uma frase do AT que se refere a ver a Deus pessoalmente (v. Gn 32.30; Êx 33.11; Dt 34.10; Jz 6.22; Ez 20.35 — essas são as únicas ocorrências do AT da palavra grega ou de seu equivalente hebraico, e todas elas se referem a ver a Deus). O tempo em que conhecerei "como sou plenamente conhecido", também necessariamente se refere à volta do Senhor.

Alguns argumentam que a frase "quando vier o que é perfeito" (1Co 13.10) se refere ao tempo em que o cânon do NT foi concluído (o último livro do NT, Apocalipse, foi escrito o mais tardar em 90 d.C., cerca de 35 anos depois de Paulo ter escrito 1Coríntios). Mas será que os coríntios teriam entendido isso a partir do que Paulo escreveu? Existe alguma menção a uma coleção de livros do NT ou ao próprio cânon do NT no contexto de 1Coríntios 13? Tal idéia é estranha ao contexto. Além do mais, a afirmação não se encaixa no propósito de Paulo nessa argumentação. Seria convincente argumentar da seguinte maneira: "Podemos ter certeza de que o amor nunca vai ter fim, pois sabemos que durará mais do que 35 anos!"? Dificilmente esse argumento é convincente. O contexto exige, ao contrário, que percebamos que Paulo contrasta esse tempo com o futuro e diz que o amor durará por toda a eternidade.

D. Martyn Lloyd-Jones observa que a visão que torna a frase "quando vier o que é perfeito" igual ao tempo da finalização do NT encontra outra dificuldade:

> Isso quer dizer que eu e você, que temos as Escrituras abertas diante de nós, sabemos mais que o apóstolo Paulo sobre as verdades de Deus [...] Isso significa que todos nós somos superiores [...] até mesmo aos apóstolos, incluindo Paulo! Significa que agora estamos em uma posição na qual [...] conhecemos, da mesma forma como somos conhecidos por Deus [...] Na verdade, existe apenas uma palavra para descrever tal visão: absurdo.[6]

João Calvino, referindo-se a 1Coríntios 13.8-13, diz: "... é algo muito estúpido alguém fazer toda esta discussão aplicar-se ao período intermediário".[7]

Isso significa que temos uma clara afirmação bíblica de que Paulo esperava que o dom de profecia continuasse por toda a era da igreja e funcionasse para benefício dela até a volta do Senhor. Não deveríamos usar esse dom em nossas igrejas hoje?

DEVEMOS BUSCAR A PROFECIA COM DEDICAÇÃO

Paulo valorizava tanto o dom de profecia que disse aos coríntios: "Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia" (1Co 14.1). Então, no final de sua discussão sobre os dons espirituais, diz outra vez: "Portanto, meus irmãos, busquem com dedicação o profetizar" (1Co 14.39). E ainda: "Quem profetiza edifica a igreja" (1Co 14.4).

Se Paulo queria tanto que o dom de profecia funcionasse em Corinto, igreja perturbada por imaturidade, egoísmo, divisões e outros problemas, então não deveríamos nós também desejar

[6]*Prove All Things*, Christopher Catherwood, org., Eastbourne: Kingsway, 1985, p. 32-3.

[7]*1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1999, p. 403.

que esse dom existisse em nossas igrejas hoje? Nós, evangélicos que afirmamos acreditar e obedecer a tudo que as Escrituras dizem, não deveríamos também acreditar e obedecer a isso? Talvez a maior abertura do dom de profecia ajudasse a corrigir o perigoso desequilíbrio na vida eclesiástica, que é basicamente intelectual, objetivo e pouco doutrinário.

ENCORAJANDO E REGULAMENTANDO A PROFECIA NA IGREJA LOCAL

Finalmente, e se decidirmos que o dom de profecia deve ser encorajado em nossas próprias igrejas? O que fazer?

Para todos os cristãos, especialmente pastores e outros que têm responsabilidades de ensino na igreja, vários passos são adequados e sábios no aspecto pastoral.

1) Ore seriamente, buscando orientação e sabedoria de Deus sobre como e quando abordar esse assunto na igreja.

2) Ensine sobre isso, se você tem responsabilidades na área de ensino, nas reuniões da igreja destinadas a esse fim.

3) Vá devagar e seja paciente. Os líderes da igreja não devem ser insistentes nem tentar forçar suas idéias (1Pe 5.3). A abordagem paciente não assustará as pessoas nem as alienarás desnecessariamente.

4) Use o dom de profecia como ele já funciona na igreja — por exemplo, durante as reuniões de oração, quando alguém sentir-se "conduzido" ou "despertado" de modo incomum pelo Espírito Santo para orar por um assunto em particular ou quando parecer que o Espírito Santo está trazendo à mente um hino ou uma passagem das Escrituras ou dando um senso comum do clima e do foco específico de um momento de adoração coletiva ou de oração. Até mesmo os cristãos que fazem parte de igrejas não abertas ao dom de profecia podem pelo menos ser sensíveis a essas orientações vindas do Espírito Santo no que se refere a orar durante a reunião da igreja e pode expressar essas

orientações na forma de ação (o que pode ser chamado "oração profética") ao Senhor.

5) Se os quatro passos anteriores forem seguidos e aceitos pela igreja e se a congregação e sua liderança os aceitam, deve-se criar oportunidades para o uso do dom de profecia em reuniões de adoração menos formais da igreja, como nos cultos durante a semana ou em reuniões de pequenos grupos. Se isso for permitido, quem profetiza deve ser mantido dentro das orientações bíblicas (1Co 14.29-36), deve genuinamente buscar a edificação da igreja, e não o próprio prestígio (1Co 14.12,26) e não deve dominar a reunião nem ser dramático ou emocional em seu discurso (atraindo, assim, a atenção para si mesmo, em vez de para o Senhor). As profecias certamente devem ser avaliadas de acordo com os ensinamentos das Escrituras (1Co 14.29-36; 1Ts 5.19-21).

6) Se o dom de profecia começar a ser usado em sua igreja, enfatize que as *Escrituras* são o lugar ao qual as pessoas devem sempre ir para ouvir a voz do Deus vivo. É nas Escrituras que Deus fala a nós, hoje e por toda a nossa vida. Em vez de esperar que em cada culto de adoração o momento de maior destaque seja a profecia vinda do próprio Deus, os que usam o dom de profecia precisam ser encorajados mais uma vez a encontrar o foco da alegria, do entusiasmo, de suas esperanças e de seu prazer nas Escrituras. Nelas, temos um tesouro de valor infinito: nosso Criador fala a nós por meio de palavras que podemos entender. Em vez de buscar orientação por meio da profecia, devemos enfatizar que é nas Escrituras que devemos encontrar orientação para nossa vida. Nas Escrituras, encontramos nossa fonte de direção, nosso foco quando buscamos a vontade de Deus, nosso padrão suficiente e completamente confiável. É com relação à palavra de Deus nas Escrituras que podemos dizer com confiança: "A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho" (Sl 119.105).

PERDERÍAMOS ALGO SE NEGLIGENCIÁSSEMOS O DOM DE PROFECIA?

Toda essa discussão é realmente importante? Perderíamos algo se continuássemos como estávamos, negligenciando totalmente o dom de profecia?

Creio que perderíamos muita coisa. Primeiramente, se o argumento apresentado aqui está correto, negligenciar a profecia é desobedecer às Escrituras. Essa é razão suficiente para sabermos que haverá conseqüências negativas em nossas igrejas ou, pelo menos, falta da bênção completa que seria nossa se fôssemos obedientes.

Em segundo lugar, sem o dom de profecia, provavelmente perderíamos um elemento de proximidade a Deus e de sensibilidade às suas orientações em nossa caminhada diária.

Terceiro, perderíamos uma rica medida de vitalidade na adoração, o senso de admiração que experimentamos quando vemos Deus trabalhar, o impressionante senso de espanto que faz com que exclamemos: "Deus realmente está neste lugar!".

Apêndice 6

A interpretação de Efésios 2.20 e 3.5

Nota: devido à extensão da discussão, o material deste apêndice foi removido de seu lugar original no cap. 2, mas não foi mudado desde sua forma original de 1988 (por questões de continuidade, os primeiros parágrafos são uma repetição do cap. 2). Contudo, depois que escrevi esse material, uma discussão muito mais extensa da construção "artigo-substantivo-*kai*-substantivo" foi incluída no livro *Greek grammar beyond the basics* [*Gramática grega além do básico*], de Dan Wallace.[1] Adicionei alguma interação com a discussão de Wallace sobre esse versículo no final deste apêndice.]

Há outras passagens em que a palavra "profeta" parece se referir aos apóstolos: Efésios 2.20 e 3.5.

A primeira passagem, endereçada aos cristãos gentios na igreja de Éfeso, diz o seguinte:

> Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento *dos apóstolos e dos profetas*, tendo Jesus Cristo como pedra angular (Ef 2.19,20; grifo do autor).

[1]Grand Rapids: Zondervan, 1996, p. 270-90.

Então, alguns poucos versículos adiante, Paulo deiz aos leitores gentios:

> Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo. Esse mistério não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos *santos apóstolos e profetas de Deus*, significando que, mediante o evangelho, os gentios são co-herdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa em Cristo Jesus (Ef 3.4-6; grifo do autor).

Alguns afirmam que em Efésios 2.20 todos os profetas do NT são iguais e, além disso, que o singular papel "fundacional" dos profetas em Efésios 2.20 significa que eles podiam falar com autoridade igual à dos apóstolos e das Escrituras. Richard Gaffin, por exemplo, cuidadoso especialista no NT do Seminário de Westminster, na Filadélfia, diz o seguinte: "Efésios 2.20 faz uma generalização que abrange todas as outras declarações do NT sobre profecia".[2]

Essa é uma questão bastante importante, porque se todos os recipientes do dom de profecia na igreja do NT realmente tivessem autoridade divina absoluta, então era de esperar que esse dom morresse tão logo os escritos do NT fossem completados e entregues às igrejas. A maioria dos cristãos hoje certamente concorda em que o NT está completo e que hoje ninguém pode falar ou escrever palavras com a mesma autoridade das palavras da Bíblia.[3]

Mas será que essa posição é realmente convincente? Essa é realmente a aplicação de Efésios 2.20 e 3.5?

[2]*Perspectives on Pentecost*, Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1979, p. 96. A discussão de Gaffin nas p. 93-102 é a mais cuidadosa argumentação sobre a idéia que Ef 2.20 se aplica a todos os profetas das igrejas do NT e mostra que o dom de profecia cessou.

[3]O apêndice B traz uma discussão sobre as razões pelas quais o NT está fechado e por que não devemos esperar que nenhum texto seja adicionado a ele.

A questão central é se esses versículos se referem a todos os cristãos que possuíam o dom de profecia nas igrejas do primeiro século. Acaso os profetas mencionados aqui são os que tinham o dom de profecia em Corinto, em Tessalônica, em Éfeso etc.?

Caso afirmativo — se esses versículos se referem a todos os profetas da igreja local e das congregações do primeiro século —, então seria possível vê-los retratados como possuidores de um papel "fundacional" na igreja do NT, e teríamos que concordar com Gaffin — era de esperar que esse dom cessasse assim que o NT estivesse completo.

Pessoalmente, não acho que a idéia de "todos os profetas da igreja" seja realmente convincente. Neste apêndice, apresento outra posição, a saber, a de que Efésios 2.20 e 3.5 não mencionam dois grupos de pessoas — apóstolos e profetas — mas um único grupo, os "apóstolos-profetas". Contudo, antes de chegar a esse ponto, é importante dar uma visão geral sobre as quatro interpretações mais comuns desses versículos.

Essas quatro interpretações podem ser resumidas a partir da argumentação de que a frase "o fundamento dos apóstolos e dos profetas" significa:

1. os apóstolos e os *profetas do AT*;
2. o *ensino* dos apóstolos e dos *profetas do NT*;
3. os apóstolos e os *profetas do NT* ou
4. os *apóstolos-profetas* (ou seja, os apóstolos que também eram profetas).

Vamos considerar essas quatro interpretações na ordem proposta.

INTERPRETAÇÃO 1: FUNDAMENTO = APÓSTOLOS E PROFETAS DO ANTIGO TESTAMENTO

A favor da interpretação de que "o fundamento dos apóstolos e dos profetas" são os apóstolos e os profetas do AT, existe o fato

de que os apóstolos do NT são realmente similares aos profetas do AT e ambos estão ligados entre si (como vimos na sessão anterior).

Mas essa posição dificilmente convencerá o leitor mais atento, principalmente porque em Efésios 3.5, onde Paulo fala sobre o mesmo assunto (a inclusão dos gentios na igreja) e onde a construção gramatical é bastante similar, os profetas do AT não podem ser o tema em questão. É por isso que o mistério de os gentios terem sido incluídos na igreja, de acordo com Paulo, "foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus", de modo que "não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações". Essa revelação mais plena da inclusão dos gentios na igreja veio depois do Pentecoste, e Paulo diz explicitamente que a inclusão não foi revelada às outras gerações, excluindo assim os profetas do AT nessa consideração.

Além disso, a ordem das palavras não permite esse significado. Se Paulo quisesse indicar que falava sobre os apóstolos do AT e os profetas do NT, teria sido bastante natural dizer "os profetas e os apóstolos" (v. Lc 11.49; 2Pe 3.2), mas, em vez disso, ele diz: "os apóstolos e profetas".

INTERPRETAÇÃO 2: FUNDAMENTO = O ENSINO DOS APÓSTOLOS E DOS PROFETAS

Essa segunda posição afirma que o ensino dos apóstolos e dos profetas do NT ou talvez suas pregações autorizadas do Evangelho ou ainda sua obra de fundação da igreja é o que Paulo quer dizer ao usar a expressão "o fundamento dos apóstolos e dos profetas" nessa passagem. A parte realmente importante dessa interpretação que é o "fundamento" não se refere aos próprios apóstolos e profetas, mas a algum aspecto de sua obra.

A favor dessa interpretação está o fato de que Paulo fala do trabalho apostólico em outras passagens como o "fundamento" ou algum sinônimo, especialmente em 1Coríntios 3.10-15, onde

diz: "Eu, como sábio construtor, lancei o alicerce, e outro está construindo sobre ele. Contudo, veja cada um como constrói" (1Co 3.10; v. uma metáfora similar em Rm 15.20).

Além desse paralelo em 1Coríntios, outro argumento a favor dessa interpretação é o fato de que a pregação e o ensino sobre Cristo são fundacionais para o início de qualquer igreja, e isso faz a metáfora parecer adequada.

Mas existem vários argumentos contra essa posição.

a) Em 1Coríntios 3.10-15, o assunto é totalmente diferente, e a metáfora serve a um propósito distinto. Nesse versículo, a pergunta se refere à obra feita na edificação da igreja. Mas em Efésios 2.20 o contexto é o da inclusão de judeus e gentios na igreja. Em Efésios 2.20, *as pessoas*, judeus e gentios, estão sendo acrescentadas à igreja, "edificadas" em seu fundamento. Mas em 1Coríntios as próprias pessoas fazem a obra; elas edificam a igreja.

b) Em Efésios 2.20, as outras partes do edifício são pessoas, e isso praticamente exige que o "fundamento" seja também formado por pessoas, de modo que a metáfora seja compreensível.

A pedra angular de Efésios 2.20, por exemplo, é o "*próprio* Jesus Cristo", e não apenas algum ensinamento sobre ele. Então, a "superestrutura" do edifício, a parte que está sendo edificada sobre o fundamento, consiste de todos os outros cristãos, judeus e gentios juntos, que se tornam "concidadãos" na casa de Deus.

Mas se a pedra angular é uma pessoa (Cristo) e o resto do edifício é constituído de pessoas (todos os outros cristãos judeus e gentios), então o fundamento deve ser compreendido como pessoas também, a saber, os "apóstolos e profetas".

c) Diferentemente de 1Coríntios 3, esse contexto não faz menção à obra ou ao ensinamento dos apóstolos. A obra de Deus em juntar judeus e gentios na igreja é o ponto central — não a obra dos crentes, mas eles mesmos unidos por Deus.

INTERPRETAÇÃO 3: FUNDAMENTO = OS APÓSTOLOS E OS PROFETAS DO NOVO TESTAMENTO

Essa é a posição assumida por Gaffin na argumentação mencionada acima, na qual ele sugere que o dom de profecia foi tão "fundacional" para a igreja que não continua mais hoje. Outros que não apóiam a posição de Gaffin relativa à cessação prematura do dom de profecia interpretam esse versículo como referência a dois grupos: 1) os apóstolos e 2) os profetas do NT.

A favor da posição de que Paulo esteja falando sobre dois grupos diferentes está o fato de que a palavra "profeta" no NT é freqüentemente usada para se referir a um grupo diferente dos apóstolos (na verdade, a maior parte deste livro se concentra nesses outros exemplos, nos quais os "profetas" são vistos como um grupo separado dos apóstolos).

Além disso, em Efésios 4.11, passagem um pouco adiante nessa mesma epístola, os profetas são claramente distinguidos dos apóstolos. Ali, Paulo diz: "E ele designou alguns para *apóstolos*, outros para *profetas*, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres..." (grifo do autor).

Alguém poderia argumentar que o uso da palavra "profeta" em Efésios 4.11 deveria indicar para nós de que maneira a mesma palavra deve ser usada em Efésios 2.20 e também em 3.5. Alguém poderia dizer que nos três exemplos a palavra deve referir-se a um grupo separado dos apóstolos. Essa é a posição assumida por Gaffin, por exemplo, em sua argumentação de que o dom de profecia cessou e não é mais válido para hoje.[4]

Contudo, também existem três significativos argumentos contrários a essa posição:

a) A gramática não exige que dois grupos sejam o tema desse versículo. A mesma construção gramatical usada aqui é fre-

[4]*Perspectives*, p. 94-5.

qüentemente usada no NT para citar uma pessoa ou um grupo com dois nomes diferentes.

Essa construção grega assume a forma *os* [substantivo] *e* [substantivo]. Se os autores do NT querem deixar claro que estão falando sobre dois itens diferentes ou dois grupos distintos, eles adicionam a palavra "os" antes do segundo substantivo, criando a seguinte construção: *os* [substantivo] *e os* [substantivo]. Se Paulo tivesse apresentado esse tipo de construção, ele deixaria claro estar se referindo a dois grupos distintos, a saber, os apóstolos e os profetas. Mas quando ele omitiu a palavra "os" antes do segundo substantivo ("profetas"), usou uma construção que fez com que os leitores soubessem que ele, de alguma maneira, unia "apóstolos e profetas".

Exemplo próximo disso é encontrado em Efésios 4.11, onde Paulo fala sobre alguns "pastores e mestres". Embora a construção gramatical não exija isso, também se pode dizer que é mais provável entender essa expressão como "pastores-mestres" que dois grupos, "pastores e mestres". Muitos intérpretes entendem essa passagem dessa maneira.

Relacionei vários outros exemplos do NT nos quais pessoas ou grupos de pessoas são o assunto principal, mas nos quais é usada a mesma construção de Efésios 2.20 e 3.5:

- Romanos 16.7: "Saúdem Andrônico e Júnias, meus parentes que estiveram na prisão comigo" (Paulo não fala de dois grupos separados, "meus parentes" e "aqueles que estiveram na prisão comigo", mas um grupo apenas, "meus parentes que estiveram na prisão comigo"). Novamente, essa é a mesma construção encontrada em Efésios 2.20 e em 3.5, o mesmo acontece com todos os exemplos a seguir.
- Gálatas 1.7: "... há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo" (RA).

- Efésios 6.21: "Tíquico, o irmão amado e fiel servo do Senhor" (uma pessoa).
- Filipenses 2.25: "Epafrodito, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas" (uma pessoa).
- Colossenses 1.2: "... aos santos e fiéis irmãos em Cristo" (um grupo).
- 1Tessalonicenses 5.12: "... os que se esforçam no trabalho entre vocês, que os lideram no Senhor e os aconselham" (um grupo).
- Tito 2.13: "... a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo" (uma pessoa).
- Filemom 1: "... a você, Filemom, nosso amado cooperador", que é a tradução mais comum, embora a construção no grego possa dar a entender "nosso amado e nosso cooperador", o que não invalida a idéia de se tratar de apenas uma pessoa.
- Hebreus 3.1: "Jesus, apóstolo e sumo sacerdote que confessamos" (uma pessoa).
- 2Pedro 1.1: "... nosso Deus e Salvador Jesus Cristo" (uma pessoa).
- 2Pedro 1.11: "... nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (uma pessoa).

Mais exemplos poderiam ser oferecidos, mas deve ficar claro que essa construção usada por Paulo em Efésios 2.20 e 3.5 não deve ser traduzida por "os apóstolos e os profetas". É mais preciso e, talvez, até mesmo mais adequado ao uso do NT, traduzir a expressão por "apóstolos-profetas" ou "os apóstolos que também eram profetas", mostrando que Paulo se refere a apenas um grupo, e não a dois. Nesse caso, Efésios 3.5 poderia ser traduzido da seguinte maneira: "Aos santos apóstolos-profetas" ou "aos santos apóstolos que também são profetas" (um grupo, não dois).

Não estou querendo afirmar a *necessidade* de traduzir Efésios 2.20 e 3.5 dessa maneira, pois outros exemplos podem ser encontrados nos quais essa construção realmente se refere a duas pessoas ou a dois itens separados,[5] mas essa certamente é uma tradução legítima e, na ausência de indicação contrária por meio do contexto ou de qualquer outra origem, pode ser até mesmo a tradução preferível. Não consegui encontrar nos escritos de Paulo nem mesmo um único exemplo claro de duas pessoas distintas ou de duas classes de pessoas (em oposição às coisas) unidas nesse tipo de construção.

b) A segunda razão contrária à posição de que esse versículo representa os apóstolos do NT e os profetas do NT é o fato de que os profetas do NT não receberam a revelação sobre a inclusão dos gentios na igreja do NT no nível igual ao dos crentes judeus. Em diversos momentos diz-se que essa revelação notável da inclusão dos gentios veio por meio dos apóstolos, mas nunca no NT se diz que foi dada a qualquer "profeta" ou grupo de profetas que não eram apenas apóstolos exercendo papel profético.

Veja a seguir algumas passagens do NT que mostram a revelação de Deus com relação à inclusão dos gentios na igreja:

- Mateus 28.19: "Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações" (dito aos apóstolos).
- Lucas 24.46,47: "E [Jesus] lhes disse: 'Está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém'" (dito aos apóstolos).
- Atos 1.8: "Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em

[5]V. At 13.50; 15.2; nos escritos paulinos, v. 2Co 6.7; 7.3; 13.11; Fp 1.19,25; 2Ts 1.4; 2.2. Textos considerados mais ambíguos: Ef 1.1; 5.5; 2Ts 1.12.

Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra" (dito aos apóstolos).

- Atos 10.15: "A voz lhe falou segunda vez: 'Não chame impuro ao que Deus purificou'" (dito ao apóstolo Pedro).
- Atos 10.34,35: "Então Pedro começou a falar: Agora percebo verdadeiramente que Deus não trata as pessoas com parcialidade, mas de todas as nações aceita todo aquele que o teme e faz o que é justo'" (afirmação de Pedro depois de receber a visão do céu e de visitar a casa de Cornélio).
- Atos 10.46-48: "A seguir Pedro disse: 'Pode alguém negar a água, impedindo que estes sejam batizados? Eles receberam o Espírito Santo como nós!'. Então ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo" (o apóstolo Pedro declara a aceitação dos gentios na igreja).
- Atos 11.2-18: Explicação de Pedro à igreja de Jerusalém sobre o modo pelo qual a inclusão dos gentios lhe fora revelada em uma visão e a chegada do Espírito Santo à casa de Cornélio.
- Atos 15.6-29: Durante o Concílio de Jerusalém, discursos fundamentais foram feitos por Pedro e Tiago, ambos apóstolos.[6]
- Atos 22.21: "Vá, eu o enviarei para longe, aos gentios" (Cristo falando ao apóstolo Paulo no caminho de Damasco).
- Atos 26.17,18: "Eu o livrarei do seu próprio povo e dos gentios, aos quais eu o envio para abrir-lhes os olhos e convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados e

[6]Parece que Tiago deve ser contado juntamente com os apóstolos tanto por causa de seu papel de liderança demonstrado aqui na igreja de Jerusalém quanto por sua aparente inclusão entre os "apóstolos" em Gl 1.19 e em 1Co 15.7. Além disso, ele escreveu sua epístola com autoridade apostólica.

herança entre os que são santificados pela fé em mim" (Cristo falando ao apóstolo Paulo no caminho de Damasco).

- Gálatas 1.16: "[Deus se agradou em] revelar o seu Filho em mim para que eu o anunciasse entre os gentios" (apóstolo Paulo).
- Gálatas 2.7,8: "Reconheceram que a mim havia sido confiada a pregação do evangelho aos incircuncisos, assim como a Pedro, aos circuncisos. Pois Deus, que operou por meio de Pedro como apóstolo aos circuncisos, também operou por meu intermédio para com os gentios" (o apóstolo Paulo falando do comissionamento que recebeu de Cristo para pregar o Evangelho aos gentios).
- Efésios 2.11—3.21: Paulo dá uma longa explicação de sua compreensão do "mistério" da inclusão dos gentios na igreja. Ele diz: "Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo. Esse mistério não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus, significando que, mediante o evangelho, *os gentios são co-herdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa em Cristo Jesus*" (Ef 3.4-6; grifo do autor).
- Também podemos notar aqui a ênfase que Paulo dá ao próprio papel na proclamação da inclusão dos gentios: "Embora eu seja o menor dos menores de todos os santos, foi-me concedida esta graça de *anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo* e esclarecer a todos a administração deste mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas" (Ef 3.8,9; grifo do autor).

O mais impressionante sobre todas essas passagens é que não há nenhuma sugestão de que essa revelação de algo apenas

indicado no AT, mas tornado explícito na pregação dos apóstolos, nunca foi feita a nenhum "profeta" das igrejas do NT. As referências são um lado da questão, e todas apontam para a revelação na história da redenção por meio dos *apóstolos* e aos outros apenas por meio deles.

c) A terceira razão pela qual Efésios 2.20 e 3.5 não parece referir-se aos apóstolos e aos profetas do NT (dois grupos) é que a metáfora de um *fundamento* nos dá a idéia de algo completo, que não receberá adição depois que o resto da construção tiver começado. Se esse "fundamento" é equivalente apenas aos apóstolos do NT, então outra metáfora se encaixaria corretamente: os apóstolos formavam um grupo distinto e limitado que vira o Senhor Jesus ressurreto e que fora comissionado por ele para o papel especial de "apóstolos de Jesus Cristo".

Contudo, se o fundamento consiste em apóstolos e todos os que tinham o dom de profecia em todas as igrejas do NT do mundo mediterrâneo, então teria de ser um "fundamento" em constante mutação, recebendo adições. Conforme Paulo e os outros pregavam o Evangelho por todo o mundo romano, mais e mais pessoas se tornavam cristãs, e em cada congregação aparentemente havia quem possuísse o dom de profecia. Desse modo, esse "fundamento" teria cada vez mais elementos adicionados à medida que as pessoas se tornavam cristãs e recebiam dons espirituais. Além do mais, conforme as pessoas obedeciam às orientações de Paulo, como a que se encontra em 1Coríntios 14.1 — "Busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia" —, as que não faziam parte desse "fundamento" da igreja desejariam e orariam pelo dom de profecia e alguns até mesmo o receberiam. Então, seriam adicionadas ao "fundamento" da igreja. Mas isso é bastante inconsistente com a metáfora do "fundamento", que retrata algo que está completo antes que o resto do edifício comece a ser construído.

d) Há outro fator relacionado à razão acima que sugere que os leitores de Efésios não consideravam os profetas das congregações parte desse fundamento. Notamos que Paulo fala em Efésios 2 e 3 não sobre uma congregação local, mas da igreja universal. É a igreja na qual todos os crentes gentios "já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus" (Ef 2.19). É dessa igreja que o próprio Jesus Cristo é a pedra angular e na qual os "apóstolos e profetas" são o "fundamento".

Mas os leitores comuns da epístola de Paulo presentes na igreja de Éfeso e nas igrejas locais ao redor, que também leram a epístola aos Efésios, não iriam pensar que homens e mulheres (e talvez até filhos) que eram seus amigos e vizinhos e tinham o dom de profecia em suas igrejas locais fossem o "fundamento" da igreja universal, no nível de importância similar ao de Pedro, de Paulo e dos outros apóstolos.

e) A quinta dificuldade com essa compreensão de "apóstolos e profetas" diz respeito ao propósito de Paulo nessa passagem. Seu objetivo é provar que judeus e gentios são membros iguais da igreja de Cristo. Para fazer isso, ele mostra que todos os crentes são parte desse "edifício" metafórico que representa a igreja.

Mas se todos os profetas do NT fossem parte do "fundamento", então certamente haveria profetas *gentios* nesse fundamento, pois certamente muitos crentes gentios receberam o dom de profecia nas igrejas locais. Mas se esse fosse o caso, então seria difícil compreender por que Paulo não teria enfatizado o fato ao provar a igualdade de judeus e gentios na igreja. Ele poderia ter dito: "Alguns de vocês são até mesmo parte do *fundamento* na igreja! E vocês são gentios!". Esse teria sido um argumento bastante forte para ele, mas mesmo assim deixou de usá-lo, sugerindo que ele não achava que os cristãos gentios com o dom de profecia nas igrejas locais fossem parte do "fundamento".

f) Há outras passagens no NT que falam abertamente sobre profetas comuns nas congregações locais, como 1Coríntios12—14, 1Tessalonicenses 5.20,21 e outras do livro de Atos dos Apóstolos. Essas passagens que descrevem o dom de profecia dão fortes evidências de que os profetas comuns das congregações *não desenvolviam* atividades nem possuíam autoridade que os capacitassem a exercer o papel "fundacional" na igreja. Enquanto Efésios 2.20 e 3.5 estão certamente abertos à discussão sobre o fato de se referirem ou não aos profetas congregacionais, outras passagens não são assim tão ambíguas. Falam de maneira clara e explícita sobre o dom de profecia ativo na igreja local.

Portanto, seria um método de investigação bastante apropriado permitir que as passagens que de maneira explícita discutem a profecia congregacional (tal como em 1Coríntios 12—14) influenciassem mais nossa compreensão que uma passagem menos explícita (como Ef 2.20 ou 3.5).

g) A objeção final à visão que entende que Efésios 2.20 e 3.5 refere-se aos apóstolos do NT e aos profetas do NT como dois grupos separados é uma pergunta sem resposta. Onde estão todos eles? Se realmente havia um grupo tão importante como essa posição sugere, um grupo de *profetas que não eram apóstolos*, mas que falavam palavras infalíveis de Deus e eram parte do "fundamento" da igreja universal, então não seria natural encontrarmos algum registro deles nas páginas do NT? Contudo, não existe tal referência.

De acordo com meu conhecimento, em nenhum lugar do NT existe o registro de um profeta que não seja apóstolo e ao mesmo tempo fale com autoridade divina absoluta. Não temos livros do NT escritos por alguém que afirme ser "profeta" sem ser apóstolo. Além do mais, nos primeiros 150 anos da igreja, não existe (até onde sei) nenhum registro de qualquer palavra divinamente autorizada que tenha sido falada por es-

ses profetas. Não temos "palavras dos profetas de Corinto" ou "palavras dos profetas de Tessalônica" ou "palavras dos profetas de Éfeso", e o mesmo acontece com as cidades de Tiro, Cesaréia etc. Contudo, se todos esses profetas anunciassem as palavras de Deus, não seria razoável supor que muitas delas fossem registradas e preservadas para nós como parte das Escrituras? Se tais palavras eram realmente iguais às Escrituras em autoridade, então por que não foram preservadas pelos cristãos primitivos? E por que não existe indicação de qualquer igreja ter tentado preservá-las?

Assim, se assumirmos a existência de um grupo de profetas não-apostólicos que, apesar disso, tinham autoridade idêntica à dos profetas do AT, encontraremos uma dificuldade muito grande: seremos colocados na posição de advogar a existência de um grupo altamente significativo que não deixou nenhum registro, nenhum traço de si mesmo nas páginas do NT e nenhum tipo de escrito nas primeiras gerações de cristãos. Começaremos a imaginar se realmente existiu um grupo como esse, de profetas do NT que não eram apóstolos, mas que também falavam com a autoridade divina absoluta dos profetas do AT. Isso nos faz pensar se realmente existe melhor compreensão dos textos de Efésios 2.20 e 3.5 que dizer que se referem a dois grupos separados, a saber, os apóstolos e os profetas do NT, ambos exercendo o papel "fundacional" na igreja.

INTERPRETAÇÃO 4: FUNDAMENTO = APÓSTOLOS-PROFETAS (UM GRUPO)

Essa quarta e última interpretação de Efésios 2.20 e 3.5 sugere que esses versículos não se referem a dois grupos (os apóstolos e os profetas do NT), mas a apenas um grupo (os apóstolos-profetas do NT ou os "apóstolos que também eram profetas").

Existem várias razões pelas quais tal entendimento parece bastante convincente.

a) Em primeiro lugar, essa interpretação é certamente possível em termos da gramática grega (v. discussão acima). Além disso, é consistente com o uso gramatical que Paulo faz em Efésios 4.11, onde ele usa a mesma construção para falar dos "pastores-mestres".

b) Essa interpretação se encaixa melhor com os dados históricos mencionados acima, mostrando que apenas aos apóstolos — e não aos profetas junto com eles — Deus revelara a verdade da inclusão dos gentios de maneira nova e plena no período da Nova Aliança. Desse modo, Paulo pode corretamente dizer:

> Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo. Esse mistério não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos *apóstolos que também eram profetas* de Deus, significando que, mediante o evangelho, os gentios são co-herdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa em Cristo Jesus (Ef 3.4-6).

c) Entender que somente os apóstolos eram o "fundamento" da igreja do NT está de acordo com outro quadro que o NT nos apresenta do "fundamento", que claramente enfatiza o papel fundacional único apenas dos apóstolos, não dos apóstolos e de outro grupo de profetas. Esse quadro é encontrado na visão da cidade celestial dada ao apóstolo João em Apocalipse 21.14: "O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro".[7]

[7]Tal retrato do papel fundacional dos apóstolos na igreja também é consistente com a declaração que Jesus fez a Pedro: "E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la" (Mt 16.18), especialmente se for entendido aqui que Pedro é o representante da liderança apostólica da igreja primitiva por ter confessado Jesus como Messias e Filho do Deus vivo.

d) A designação dos apóstolos como "também profetas" seria apropriada à argumentação de Paulo feita aqui. Ele estaria mostrando o fato de a inclusão dos gentios não ter sido revelada simplesmente a um grupo minoritário ou insignificante de cristãos de alguma província distante, e sim especificamente aos que eram *fundacionais* à igreja, ou seja, os próprios apóstolos. Foi por seu papel de "profetas", ou recipientes da revelação de Deus, que a inclusão dos gentios lhes foi revelada.

Desse modo, os gentios podem ter certeza de sua igualdade na igreja porque "os apóstolos", os proclamadores divinamente autorizados do verdadeiro Evangelho, "também eram profetas", recipientes das novas orientações do Espírito Santo e especialmente sobre a inclusão dos gentios. Desse modo, a plena inclusão dos gentios não é uma idéia de fraca fundamentação. Em vez disso, é um conceito fundamental que foi revelado primeiro aos apóstolos e depois endossado pelos principais membros da liderança da igreja.[8]

Em resposta a essa interpretação ("os apóstolos que também eram profetas"), Gaffin diz o seguinte:

> Em termos gramaticais, isso é possível, e os apóstolos realmente exercem funções proféticas (p. ex. Rm 11.25s.; 1Co 15.51s.; 1Ts 4.15s.; v. 1Co 14.6). Provavelmente, não existe nada que exclua

[8]Como veremos mais adiante nesta investigação, enquanto o termo "profeta" realmente enfatiza o fato do recebimento de revelações de Deus, o termo em si mesmo não diz nada sobre a questão da autoridade divina absoluta atrelada ao relato das revelações feitas a outras pessoas. Assim, a palavra "profeta" não implica que os apóstolos tinham autoridade divina absoluta. Era a condição de apóstolos que lhes dava tal autoridade. A palavra "profeta" somente enfatizava uma função em particular, a de receber revelações de Deus nesse ponto em particular.

Não se deve colocar objeções à idéia de que adicionar a expressão "que também eram profetas" seja redundante porque a palavra "apóstolos" já carregava em si a idéia de alguém que recebia revelações. O propósito de Paulo nesse contexto imediato é enfatizar uma função particular dos apóstolos. Ele faz a mesma coisa em 1Tm 2.7, p. ex., quando enfatiza seu papel de "pregador" e "mestre", embora fossem, naturalmente, funções inerentes ao ofício de apóstolo.

de maneira definitiva essa interpretação. Existe, contudo, uma grande quantidade de considerações contrárias a essa idéia.[9]

Ele passa a mostrar quatro objeções a essa visão:

1. Em Efésios 4.11, apóstolos e profetas estão claramente separados, e isso faz parte do mesmo contexto maior de Efésios 2.20 e 3.5.
2. Apóstolos e profetas também estão separados em 1Coríntios 12.28.
3. Os apóstolos, como grupo, nunca são chamados "profetas" ou "mestres", nem designados por qualquer outro termo que faça distinção de ministérios no NT.
4. Portanto, esse sentido diferente de "profeta" teria sido perdido por parte dos leitores sem maior indicação do contexto.[10]

Podemos agora responder a essas quatro objeções na seqüência em que foram apresentadas.

1) Deve-se admitir que Paulo usou a palavra "profetas" em Efésios 4.11 para referir-se aos que tinham o dom de profecia nas congregações locais. Assim, ele usa o termo para referir-se a pessoas diferentes das citadas em 2.20 e 3.5.

Mas Paulo deixa essa diferença bastante clara por meio da construção gramatical que usa. Efésios 4.11, coloca o artigo definido "os" antes da palavra "apóstolos" e, então, usa esse recurso novamente antes da palavra "profetas". Ao fazer isso, mostra claramente que o que tem em mente são dois grupos distintos.

Na verdade, ele faz uma demonstração ainda mais explícita disso ao usar duas outras palavras gregas que normalmente não

[9]*Perspectives*, p. 93-4.
[10]Ibid., p. 94-5.

são traduzidas, mas significam "por um lado [...] por outro lado". De maneira bastante literal, poderíamos traduzir Efésios 4.11 da seguinte maneira: "E ele designou *por um lado* alguns para apóstolos, *por outro lado* outros para profetas, *por outro lado* outros para evangelistas, e *por outro lado* outros para pastores e mestres...".

Portanto, aqui os apóstolos são colocados em um grupo separado e são claramente diferenciados dos profetas, dos evangelistas e dos pastores-mestres.

Caso similar é encontrado em 1Pedro 5.1, onde Pedro diz: "Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo...". Pedro usa a palavra "presbíteros" para referir-se aos condutores da igreja que não são apóstolos, sendo simplesmente membros da congregação local. Então, na mesma oração, ele usa a expressão "presbítero como eles" para referir-se a si mesmo como um apóstolo, e não a todos os presbíteros de maneira geral. Mas o contexto deixa isso bastante claro.[11]

De maneira similar, em 1Timóteo 2.7 Paulo chama a si mesmo de "mestre". Porém, mais tarde na mesma epístola, fala sobre funções de ensino que devem ser executadas pelos presbíteros (1Tm 3.7; 5.17), sendo que, anteriormente, ele falou sobre pessoas que desejavam ser mestres da lei (uma palavra composta é usada aqui). Em 2Timóteo 1.11, ele chama a si mesmo de "mestre", sendo que, mais tarde, fala sobre pessoas que juntam "mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos" (2Tm 4.3). Em todos esses casos o contexto deixa claro que as palavras "presbítero", "mestre" e "profeta" são usadas de diferentes maneiras em diferentes contextos, e essas distinções ficam claras a partir do contexto ou das palavras usadas em cada caso.

[11]Tecnicamente, a expressão "presbítero como eles" em grego não é exatamente a mesma, pois ela possui um prefixo anexado, mas a raiz é a mesma, e os leitores veriam imediatamente a conexão entre os dois termos.

2) Naturalmente concordo que 1Coríntios 12.28 separa apóstolos e profetas, mas isso não quer dizer que essas palavras falem de diferentes grupos todas as vezes que forem usadas no NT. Um exemplo de uso de uma palavra não prova que ela deva ter o mesmo sentido em outros exemplos, e, nesse caso, o ponto é o significado da palavra em Efésios 2.20 e 3.5.

3) O fato de os apóstolos "como grupo único" não serem tratados em outros lugares por um nome em especial não é questão decisiva para o significado de Efésios 2.20 e 3.5, pois existem vários exemplos no NT onde o termo em particular é aplicado às pessoas no singular, não no plural, ou apenas uma ou duas vezes no plural. Paulo era um "pregador" do Evangelho, e seria apropriado chamar os apóstolos de "pregadores" do Evangelho, mas parece que o NT nunca faz isso. Paulo era "mestre", e também seria correto chamar os apóstolos de "mestres", mas isso não acontece. Desse modo, os apóstolos tinham funções proféticas, mas em apenas duas ocasiões são realmente chamados "profetas", no plural (ou, de maneira mais precisa, "apóstolos-profetas"), no NT. Muitas coisas no NT são ditas apenas uma ou duas vezes, e exigir que sejam ditas de uma mesma maneira *mais de uma vez* antes que possamos aceitá-las não parece ser uma exigência adequada.

(Note que os presbíteros são aparentemente chamados "pastores" somente uma vez no NT [Ef 4.11], mas muitas pessoas ainda acham que Efésios 4.11 fala sobre os presbíteros. Além do mais, os apóstolos são tratados por outros termos plurais como "discípulos" [freqüentemente nos evangelhos] e "testemunhas" [At 2.32].)

Portanto, se os apóstolos exerceram funções proféticas (com o que Gaffin concorda) e se o apóstolo Paulo podia trazer uma "profecia" para Corinto e se o apóstolo João chama seus textos de "profecia" (Ap 1.3; 22.7), não existe razão inerente pela qual os apóstolos não possam ser chamados "profetas" duas vezes em Efésios 2.20 e 3.5, uma vez que a gramática e o contexto favorecem essa interpretação.

4) Será que os leitores teriam entendido dessa maneira? Já apresentei anteriormente diversas maneiras pelas quais tanto a gramática quanto o assunto deixam claras indicações aos leitores, sinalizando a eles que Paulo estava falando sobre os "apóstolos-profetas" nos dois versículos.

Nesse ponto, ainda permanece uma objeção à interpretação 4. É uma objeção adicional às levantadas por Gaffin, embora talvez seja o mais significativo fator de hesitação na mente dos leitores modernos com relação a essa interpretação. Essa objeção — ou talvez obstáculo — dá-se ao fato de que as traduções contemporâneas geralmente trazem "apóstolos e profetas", e, nessa construção, a conjunção "e" parece claramente deixar implícita a existência dois grupos separados, ou seja, os apóstolos e os profetas. Essa realmente não é uma objeção baseada no significado do texto grego, mas destaca a dificuldade que muitos leitores modernos têm para compreender que esse versículo se refere aos "apóstolos que também eram profetas" (um grupo).

A resposta a essa objeção é simplesmente notar com que freqüência Paulo e outros escritores do NT usam a mesma construção para referir-se a uma pessoa ou a um grupo de pessoas. É fato que gramaticalmente não existe nada que possa requerer que o leitor de fala grega do primeiro século, na cidade de Éfeso, achasse que Paulo estivesse se referindo a dois grupos separados.

Desse modo, parece melhor concluir que Efésios 2.20 significa que a igreja está construída "sobre o fundamento dos apóstolos que também eram profetas", e Efésios 3.5 deve ser entendido de modo que o mistério da inclusão dos gentios na igreja "não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos que também eram profetas de Deus".

E) O que aconteceria se alguém enxergasse dois grupos em Efésios 2.20 e 3.5? Finalmente, mais um ponto deve ser levantado.

Mesmo que alguém não fosse convencido pelo argumento anterior e achasse a interpretação 3 a mais convincente, ou seja, que esses dois versículos se referem a dois grupos de pessoas, a saber, os "apóstolos do NT" e os "profetas do NT", não seria necessário concluir que esses versículos se referem a todos os profetas do NT. Na verdade, seria bastante difícil argumentar que uma referência tão breve aos "profetas" como temos nesses dois versículos descreveria todos os que têm o dom de profecia em todas as congregações do NT, especialmente se muitas outras passagens do NT indicassem os profetas possuidores de um papel "não-fundacional" nas igrejas locais.[12]

Portanto, ainda que o leitor preferisse, por exemplo, a interpretação 3, isso não afetaria de maneira significativa o argumento do restante deste livro. Isso porque eu simplesmente responderia que, se Efésios 2.20 e 3.5 está falando de dois grupos distintos, apóstolos e profetas, então os "profetas" mencionados aqui seriam os que compartilhavam autoridade similar à dos apóstolos e, portanto, seriam *diferentes* dos profetas comuns espalhados por todas as congregações cristãs descritas com maiores detalhes em outras partes do NT. Deve-se dizer que Gaffin dá bastante atenção a Efésios 2.20 e *diz* que o texto se refere a todos os profetas das igrejas do NT, mas dedica pouca análise aos verdadeiros fatos no restante do NT com o objetivo de demonstrar que isso é verdade, ou seja, que a profecia nesses outros contextos está, de fato, cumprindo o mesmo pa-

[12]Roy Clements, p. ex., sugere que Ef 2.20 se refere a "alguns personagens verbalmente inspirados, mas não apostólicos, como Lucas e Marcos", e que a sentença como um todo pode se referir ao "círculo de testemunhas apostólicas de quem deriva o cânon do NT". V. Roy Clements, *Word and Spirit*: the Bible and the gift of prophecy today (Leicester: UCCF Booklets, 1986), p. 21. Apesar de eu ser favorável à interpretação 4, posso ver a possibilidade dessa interpretação e sua consistência com o resto do que sugiro neste livro sobre o dom de profecia nas congregações do NT.

pel "fundacional" (ele dedica duas páginas [60-1], p. ex., à questão da autoridade da profecia em 1Co 14).

Para os propósitos deste estudo, os profetas cristãos comuns que usam o dom de profecia em reuniões habituais da congregação são muito mais relevantes que o grupo especial de "profetas" (ou "apóstolos-profetas") em Efésios 2.20 e 3.5 a quem o grande fato da inclusão dos gentios foi revelado. A preocupação básica do capítulo 3 deste livro é o estudo sobre esses profetas nas congregações cristãs comuns.

NOTAS ADICIONAIS À OBJEÇÃO DE DAN WALLACE

Depois de eu ter escrito este apêndice, uma discussão muito mais extensa da construção "artigo-substantivo-*kai*-substantivo" surgiu no livro *Greek grammar beyond the basics*.[13] Nas páginas 284 e 285, Wallace discorda de minhas conclusões sobre Efésios 2.20 e 3.5 porque, de acordo com sua afirmação, não existem outros exemplos de *substantivos* plurais nos quais essa construção se refira às mesmas pessoas (portanto, ele não acha que Ef 2.20 pode se referir aos "apóstolos-profetas", como eu acho).

Contudo, não creio que essa argumentação seja convincente como pode inicialmente parecer, por várias razões: 1) Wallace admite que essa construção pode referir-se a um grupo quando o *particípio* plural for usado como substantivo (ele cita Jo 20.29 — "os que não viram e creram" [um grupo] — e Ap 1.3 — "felizes aqueles que ouvem e guardam o que nela está escrito" [um grupo]). Para mim, é difícil acreditar que os leitores de fala grega do primeiro século fizessem uma distinção tão precisa entre *substantivos* e *particípios funcionando com substantivos* e que, de alguma maneira, soubessem que essa construção indicava identidade para um e não para outro; 2) Wallace também dá um exemplo no

[13]V. nota 1, acima.

qual *adjetivos plurais funcionando como substantivos* podem referir-se ao mesmo grupo (Ef 1.1 — "aos santos e fiéis"), e eu usaria a mesma argumentação neste ponto: será que os leitores do primeiro século realmente pensariam que essa construção indicava um grupo *quando os adjetivos funcionassem como substantivos*, mas não indicassem um grupo em se tratando *apenas de substantivos*? Essa é uma distinção muito grande e muito improvável; 3) Wallace deve colocar a expressão "pastores-mestres" de Efésios 4.11 na categoria especial de "ambigüidade", mas muitos intérpretes acham que isso se refere a apenas um grupo; 4) A construção com dois particípios plurais usados como substantivos para se referir a um grupo é bastante freqüente. Wallace relaciona passagens como Mateus 5.6; Marcos 12.40; Lucas 7.32; 2Coríntios 12.21; Filipenses 3.3; 1Tessalonicenses 5.12; 2Pedro 2.10; 2João 9; Apocalipse 18.9 (p. 283). Portanto, a idéia de que a mesma construção usando substantivos plurais para se referir a um grupo não seria de modo algum estranha a uma pessoa de língua grega; 5) Veja que Romanos 16.7 — "Saúdem Andrônico e Júnias, *meus parentes que estiveram na prisão comigo*" (grifo do autor) — junta um *adjetivo plural usado como substantivo* (*suggeneis*, "parentes") a um *substantivo* plural (*sunaichmalōtous*, "colegas de prisão"), e isso se refere ao mesmo grupo. Note também que Colossenses 1.2 — "aos santos e fiéis irmãos em Cristo" — também usa um substantivo plural (*adelphois*) em sua construção e se refere a um grupo. Portanto, substantivos plurais podem ser encontrados nessa construção quando ambos os termos se referem ao mesmo grupo.

Apêndice 7

Algumas evidências da existência do dom de profecia em vários pontos da história da igreja

A história da igreja possui muitos exemplos do dom de profecia em ação da maneira como descrevo neste livro. Foi de certa forma surpreendente para mim descobrir isso depois da primeira publicação deste livro. Isso aconteceu em grande parte porque as pessoas que leram o livro enviaram contribuições ou chamaram minha atenção para o assunto nos escritos de Samuel Rutherford, Charles Spurgeon e outros. Algumas evidências históricas são especialmente significativas para os cessacionistas reformados, uma vez que vários desses escritores foram defensores da doutrina reformada em seus dias.

JOHN KNOX (C. 1514-1572)

John Knox foi um reformador escocês cuja pregação e textos poderosos determinaram em grande parte o curso da Reforma e o fortalecimento da teologia nas igrejas da Escócia.

Na biografia de Knox, escrita pelo historiador Jasper Ridley, lemos que Knox, juntamente com outros protestantes, "esperava que seus líderes tivessem o dom de profecia".[1] Ridley registra

[1] *John Knox*, Oxford: Clarendon, 1968, p. 43.

várias profecias de Knox que se tornaram realidade, uma das quais referentes à morte de William Kirkaldy de Grange — profecia que Knox contou a dois homens que estavam com ele em seu leito de morte:

> Vocês já foram testemunhas [disse ele] da coragem e da constância de Grange pela causa do Senhor, mas agora, infelizmente, em que abismo ele se precipitou! Rogo a vocês que não se recusem a realizar o pedido que faço agora. Vão e digam a ele em meu nome que, a não ser que seja levado ao arrependimento, ele morrerá de maneira terrível, pois nem a rocha escarpada [o castelo] no qual ele tristemente confia, nem a prudência carnal daquele homem [Lethington] a quem ele olha como se fosse um semideus, nem a assistência de estrangeiros, como ele falsamente lisonjeia a si mesmo poderão livrá-lo. *Mas ele será vergonhosamente tragado de seu ninho rumo à punição e será pendurado numa forca com sua face voltada para o sol*, a não ser que ele rapidamente corrija sua vida e corra para a misericórdia de Deus. A alma do homem me é querida e eu não deixaria que ela perecesse se pudesse salvá-la (grifo do autor).[2]

Ridley detalha o cumprimento de suas predições:

> Em 3 de agosto, Grange e seu irmão James [...] foram enforcados. Lethington morreu repentinamente logo depois da rendição do castelo: ele provavelmente cometeu suicídio.
>
> Assim, duas das profecias de Knox foram evidentemente cumpridas. Todas as crônicas afirmam que quando Grange se encontrou com Drury em frente dos muros do castelo para discutir os termos da rendição, ele não conseguiu sair pelo portão do castelo porque este fora bloqueado pelas pedras que caíram depois do

[2]Ibid., p. 517. Sou grato a Ron Lutgens, ex-aluno da Trinity Evangelical Divinity School, por ter-me enviado seu trabalho intitulado "The reformed fathers and the gift of prophecy" ["Os pais da Reforma e o dom de profecia"], graças ao qual minha atenção foi despertada para John Knox e outros escritores reformados.

> ataque inglês. Portanto, ele foi baixado para fora do muro por meio de uma corda ou de uma escada. Knox profetizara que Grange seria cuspido para fora do castelo, não pelo portão, mas por cima do muro. *Quando Grange foi enforcado no mercado de Edimburgo, numa tarde ensolarada, foi enforcado com a face virada para o leste. Contudo, antes de morrer, seu corpo virou-se para o oeste e, assim, ele foi enforcado, como predito por Knox, com a face voltada para o sol* (grifo do autor).[3]

A *CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER* (1643-1646)

No primeiro capítulo da Confissão ("Sobre as santas Escrituras"), o parágrafo 10 diz:

> O supremo juiz pelo qual todas as controvérsias da religião devem ser determinadas e todos os decretos de concílios, opiniões de escritores antigos, doutrina de homens *e espíritos particulares* devem ser examinados e a única sentença na qual devemos descansar só pode ser a do Espírito Santo falando por meio das Escrituras (grifo do autor).

Aqui, "espíritos particulares" são colocados no mesmo nível dos "decretos de concílios", "opiniões de escritores antigos" e "doutrina de homens". Tudo isso deve estar subordinado ao "Espírito Santo falando por meio das Escrituras". Mas o que são "espíritos particulares"?

Byron Curtis argumentou recentemente que, na época da criação da *Confissão de fé de Westminster* (CFW), "espíritos particulares" significava "revelações pessoais" e que a *Confissão de Westminster* não regulamentava isso, mas insistia em que elas deveriam estar sujeitas às Escrituras. Byron Curtis escreve: "[...] na Inglaterra de meados do século XVII havia um do estabelecido para 'espíritos particulares', o de *revelações*

[3]Ibid., p. 519.

pessoais".[4] Curtis cita o *Oxford English dictionary*, mostrando que, na época da CFW, o termo "espírito" podia tanto ter o sentido de "opinião" como de "revelação", mas então ele mostra evidências importantes de outra literatura próxima à CFW tanto com relação ao período histórico quanto ao que diz respeito ao assunto, evidência que mostra que "espíritos particulares" era comumente entendido com o sentido de "revelações pessoais" que as pessoas afirmavam ter recebido do Espírito Santo.

Curtis conclui:

> A evidência histórica e lingüística indica que a frase presente em CFW, §1.10 — "espíritos particulares" — tinha um significado claramente reconhecido que podia ser descoberto em (certas controvérsias atuais) [...] Esse significado plenamente reconhecido denota a revelação particular, e não a opinião pessoal.[5]

SAMUEL RUTHERFORD (1600-1661)

Samuel Rutherford foi pastor e teólogo escocês e um dos mais influentes representantes da Assembléia de Westminster (1643-1649). Foi responsável pela composição da *Confissão de fé de Westminster*, em Londres, durante os anos de 1643 a 1646. Rutherford permaneceu em Londres quatro anos (1643-1647)[6] para a Assembléia de Westminster e, enquanto esteve ali, "foi um diligente estudioso e um prolífico escritor".[6] O trabalho

[4]Private Spirits, in: *The Westminster confession of faith §1.10 and in Catholic-Protestant Debate* (1588-1652), *WTJ* 58, 1996, p. 257-66.

[5]Private Spirits, p. 264. Uma resposta a Curtis foi publicada em seguida por Garnet H. Milne, Private Spirits, in: The *Westminster confession of faith* and in Protestant-Catholic Debates: a response to Byron Curtis", em *WTJ* 61, 1999, p. 101-10. Milne pelo menos mostra que a expressão "espíritos particulares" foi usada algumas vezes para se referir a pessoas que *falsamente* afirmavam estar sob a influência do Espírito Santo, mas isso é algo que Curtis não negaria.

[6]Adam Loughridge, Samuel Rutherford, in: *New international dictionary of the Christian church*, J. D. Douglas, org., Grand Rapids: Zondervan; Exeter: Paternoster, 1974, p. 867.

que se seguiu foi publicado em 1648, indicando a possibilidade de que muito dele tenha sido escrito enquanto estava participando da Assembléia de Westminster como um de seus autores principais. Embora os termos arcaicos sejam um pouco difíceis, o terceiro tipo de revelação que ele descreve ("alguns fatos peculiares ao homem piedoso") é o tipo de fenômeno que descrevo neste livro e que ele chama de "profecias".

Esse fato é especialmente relevante para quem afirma que a *Confissão de fé de Westminster* exclui a continuação do dom de profecia hoje. Se isso fosse verdade, um de seus principais autores, enquanto solenemente professava a adesão à *Confissão* que ajudara a escrever, juntamente com qualquer homem vivo daquela época, que compreendia seu significado, realmente publicou um documento que contradizia a *Confissão* e fez isso sem qualquer palavra de explicação a seus leitores ou qualquer perda de posição eclesiástica ou de reputação (de 1647 até sua morte em 1660, "ele foi um proeminente líder e erudito na Escócia").[7] Tal idéia simplesmente não se encaixa nos fatos históricos. Em vez disso, esse documento dá ampla evidência de que a crença na continuação do dom de profecia é consistente com a sincera afirmação da *Confissão de fé de Westminster*.

> RUTHERFORD, Samuel. *A survey of the spirituall antichrist*: opening the secrets of familisme and antinomianisme in the antichristian doctrine of John Saltmarsh (et al). Londres, 1648.[8]
>
> Parte 1, Capítulo VII — "Das revelações e inspirações"
>
> Com relação às tocantes revelações e inspirações do Espírito, acredito com toda a submissão aos eruditos e piedosos [...] que

[7]Ibid.

[8]Esta longa citação de Rutherford foi copiada de uma transcrição da obra que me foi enviada pelo professor David Jones, do Covenant Seminary, St. Louis, EUA. Sou grato a ele por chamar minha atenção para esse material e por me fornecer a transcrição dele.

existe uma revelação interna de coisas que os homens crêem. Acredito que ela se divide em quatro aspectos.

1. *profética;*
2. *especial apenas para os eleitos;*
3. *de alguns fatos peculiares aos homens piedosos;*
4. *falsa e satânica.*

1) Revelações proféticas são as irradiações da mente do Espírito Santo que vêm sobre a mente e o julgamento do calígrafo da Sagrada Escritura, sejam profetas, sejam apóstolos, podendo acontecer por meio de uma inspiração da mente e da vontade de Deus a eles, por meio de visões, sonhos ou qualquer outro meio, sem os homens ou o ministério de ensino aos homens, como ele fez com Isaías e Jeremias (Is 1.1; Jr 1.1) ou Paulo (Gl 1.1,11,12,15,16...) [...] o que ambos escreveram ou pregaram deve ser adicionado ao objeto de nossa fé, e seus escritos devem ser adicionados ao livro da revelação, o que é proibido (Ap 22; Dt 30.5,6...)

2) Existe uma revelação interna especial, composta de coisas nas Escrituras, aplicadas em particular à alma dos crentes eleitos, pelas quais, não tendo ouvido e aprendido do Pai (Jo 6.40), foram tornadas conhecidas e reveladas a eles, pelo espírito de sabedoria e revelação, que é a esperança de nosso chamado e quais são as riquezas da glória da herança nos santos (Ef 1.17-19) [...] E isso é comum a todos os que crêem...

Essa revelação é uma evidência na consciência pelo testemunho do Espírito de que sou filho de Deus (Rm 8.16) quer isso aconteça imediatamente; ou de falar sinais e marcas de santificação (1Jo 1.3; 4.18-20) [...] (p. 41).

3) *Existe uma revelação de um homem em particular, que predisse coisas mesmo depois da finalização do cânon da Palavra*, como John Husse, Wickliefe, Lutero. Eles anunciaram coisas futuras e elas certamente se realizaram, e da nossa nação da Escócia, M. George Wishart disse

que o cardeal Beaton não sairia vivo dos portões do castelo de St. Andrewes, mas que morreria de maneira vergonhosa. Ele foi enforcado na janela pela qual olhava quando viu o homem de Deus queimado. M. Knox profetizou o enforcamento do Lord de Grange. M. J. Davidson pronunciou *profecias*, conhecidas por muitos no reino. Vários outros pregadores na Inglaterra fizeram o mesmo... (p. 42; grifo do autor).

4) ... nenhum familista ou antinomiano [...] que já tenha ouvido [...] já pronunciou o quarto tipo de mentira e falsa inspiração. A sra. Hutchison disse que seria liberta da corte de Boston miraculosamente, assim como Daniel foi liberto dos leões, o que se provou falso [...] David George profetizou a própria ressurreição dos mortos (42), o que nunca se cumpriu [...] Falo a seguir sobre as diferenças entre o terceiro e o quarto tipo de revelações. 1. Esses dignos reformadores não forçavam um homem a acreditar que suas profecias eram as próprias Escrituras. Devemos ter fé nas predições dos profetas e dos apóstolos quando predizem fatos futuros como eles fazem com as próprias palavras de Deus. Eles nunca se fizeram conhecer como órgãos imediatamente inspirados pelo Espírito Santo, como os profetas fazem e como Paulo fez em Romanos 11 com relação ao chamado dos judeus, e como João fez em Ap. localipse 1.10 e por todo o livro. Eles também nunca lançaram qualquer tipo de julgamento contra os que não acreditavam em suas predições desses acontecimentos e fatos em particular como fizeram os profetas e os apóstolos. Mas a sra. Hutchison disse [...] que suas revelações particulares sobre acontecimentos futuros eram tão infalíveis quanto qualquer trecho das Escrituras e que ela certamente acreditava naquilo como as Escrituras, pois o mesmo Espírito Santo era o autor de ambas [...] (p. 43).

2. Os acontecimentos revelados a testemunhas piedosas e anunciadoras de Cristo não são contrários à Palavra [...]

3. Eles eram homens de grande fé, em oposição aos seguidores do papismo, da prelatura, do socinianismo, do entusiasmo, do antinomismo, do arminianismo, do arianismo e tudo mais que seja contrário à sã doutrina. Todos os que se apegam a esse tipo de revelação não podem ser classificados de outra maneira senão como satânicos.

GEORGE GILLESPIE (1613-1648)

George Gillespie também foi representante da Assembléia de Westminster e um de seus mais influentes e proeminentes debatedores. Gillespie escreveu que vários heróis da Reforma escocesa, como John Knox e George Wishart, eram

> homens tão extraordinários e pastores e mestres acima da média, eram até mesmo profetas santos recebendo revelações extraordinárias de Deus e predizendo diversas coisas estranhas e notáveis, que se concretizaram de maneira precisa.[9]

Uma excelente fonte de exemplos de casos notáveis de profecia nos ministérios dos pregadores escoceses é o livro *Scots worthies*, de John Howie.[10] As histórias da profecia na vida de John Welsh (v. p. 123-39) são dignas de nota.

WILLIAM BRIDGE (1600-1670)

William Bridge foi um pregador não-conformista de convicção puritana e também representante da Assembléia de Westminster.

[9]Curtis, Private Spirits, p. 266, citando a obra de Gillespie intitulada *Treatise of miscellany questions*, Edimburgo, 1844, p. 30).

[10]2. ed., Andrew A. Bonar, org., Glasgow: John M'Gready, s.d. Foi publicada inicialmente em 1775. Ao comentar sobre essa obra, Jack Deere nota que as edições anteriores da *Scots worthies* falavam do dom de "profecia" presente na vida de alguns dos reformadores escoceses, mas, em 1845, um editor chamado William McGavin mudou as palavras para "elevado grau de perspicácia em suas previsões" (Jack Deere, *Surpreendido pela voz de Deus*, São Paulo: Vida, 1998, p. 75). Sou grato ao professor Dean Smith, da Geneva College, em Beaver Falls, por ser o primeiro a chamar minha atenção para o material presente na obra *Scots worthies*.

Em um sermão provavelmente pregado no final da década de 1640, mas publicado somente em 1656, Bridge disse:

> [...] não poderia Deus falar por meio de visões e revelações extraordinárias em nossos dias? [...] sim, sem qualquer dúvida ele pode: Deus não pode ser limitado; ele fala da maneira que lhe agrada. Não vou me preocupar com o que Deus pode fazer: ele pode falar aos homens se isso lhe agradar. Se nós apenas pudéssemos dar crédito a histórias conhecidas, o Senhor teria falado dessa maneira em algumas ocasiões a seu servos desde a época dos apóstolos [...] Contudo, existe uma grande diferença entre fé na promessa e uma visão ou uma revelação. Possivelmente, portanto, o Senhor possa falar de maneira tal como essa a alguns de seus servos. Tenhamos, porém, alguns limites nesse assunto [...]
>
> Embora Deus possa falar dessa maneira a alguns de seus servos, sei que, se tenho um desejo ardente por visões e revelações, isso é doentio [...] sim, não devo desejar que Deus fale a mim por meio dessa visão nem devo tentar buscá-la [...] O desejo ardente por visões é uma afirmação de que não estamos contentes com as Escrituras.[11]

Embora Bridge não incentive a busca de revelações, ele não acha que sejam impossíveis e parece acreditar que algumas aconteceram. Mais uma vez, se a *Confissão de fé de Westminster* considerasse tais profecias ou revelações impossíveis, Bridge não poderia tê-la assinado. Mas, na verdade, ele foi parte da assembléia que a escreveu.

RICHARD BAXTER (1615-1691)

Richard Baxter foi pastor puritano e escritor cujos textos representam o ponto máximo da maturidade da reflexão puritana

[11]Curtis, Private Spirits, p. 265-66, citando William Bridge, Scripture light the most sure light, *The works of William Bridge*, 1845; reimpr. Beaver Falls: Soli Deo Gloria, 1989, 5 vols, vol. 1, p. 417-8

sobre a aplicação das Escrituras à vida. Seu livro O *pastor aprovado* ainda é considerado um guia clássico para a vida e a conduta pastorais.

O trabalho mais importante de Richard Baxter, intitulado *A Christian directory* [*Um diretório cristão*], foi publicado pela primeira vez em 1673.[12] Nesse livro, ele discute a possibilidade de existência de revelações de Deus contemporâneas. Como indica o parágrafo 4 da citação a seguir, ele admite que podem acontecer e chama isso "profecia", embora tenha algumas cautelas contra excessos e abusos, dando orientação para que se ouçam tais afirmações "com uma suspeita proporcional".

> Pergunta CLX. *Devemos desconsiderar o fato de que Deus pode nos dar ainda mais revelações de sua vontade do que as já expressas nas Escrituras?*
>
> Resposta. É preciso fazer uma distinção entre: 1) novas leis e alianças feitas com a humanidade e novas predições ou informações sobre uma pessoa em particular e 2) entre o que possivelmente possa acontecer e aquilo que podemos esperar como certo ou provável. Desse modo, concluo que:
>
> 1. É certo que Deus não fará nenhuma nova aliança, testamento ou lei universal, para o governo da humanidade ou da igreja, como regra de conduta e de julgamento [...]
>
> 2. É certo que Deus não criará uma nova Escritura ou palavras inspiradas infalíveis, regras universais para a exposição da Palavra já escrita...
>
> 3. É certo que Deus dará a todos os seus servos, em diversas medidas, a ajuda e a iluminação do Espírito para a compreensão e a aplicação do Evangelho.

[12] 1673; reimpr., Morgan: Soli Deo Gloria, 1996.

4. É possível que Deus possa fazer novas revelações a pessoas em particular sobre atividades, acontecimentos ou assuntos particulares, em subordinação às Escrituras, por meio de inspiração, visão, aparição ou voz. Deus nunca nos disse que não faria tal coisa. Ele pode fazê-lo. Como dizer o que sucederá a uma pessoa ou a outras; dizer vá para tal lugar ou habite em tal casa ou faça tal coisa, contanto que não seja contrário às Escrituras nem esteja no mesmo nível de ordenação, mas somente uma determinação subordinada de algum caso indeterminado ou circunstâncias de uma ação.

5. Embora tais revelações de profecias sejam possíveis, não existe certeza quanto a isso no aspecto geral nem qualquer probabilidade de que isso aconteça a uma pessoa em especial, muito menos uma promessa. Portanto, esperar ou orar por isso é tentar a Deus.[13]

[Baxter prossegue dando alguns alertas contra abusos] [...]

Pergunta CLXIV. *De que maneira deve-se provar um pretenso profeta ou uma revelação?*

Resposta. 1. Se for contrária às Escrituras, deve ser rejeitada como fraude.

2. Se for a mesma coisa que já está nas Escrituras, tivemos isso revelado mais claramente anteriormente. Portanto, a revelação pode ser nada mais que uma ajuda à fé de uma pessoa, o chamado à obediência ou a reprovação por algum pecado. Todos os homens devem crer nisso como verdadeira evidência de que realmente deverá ser revelação divina ou uma visão; caso não seja, a mesma coisa ainda nos é assegurada Escrituras.

[13]Baxter não reage e talvez não considere nesse ponto o encorajamento que Paulo apresenta em 1Co 14.1 — " Busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia" — e em 1Co 14.39 — "Busquem com dedicação o profetizar".

3. Se for uma coisa que está à margem das Escrituras (como falar sobre acontecimentos e fatos ou profecias sobre o que acontecerá a determinadas pessoas ou lugares), devemos primeiramente ver se a evidência de uma revelação divina pode ser clara ou não. Pode-se saber isso: 1) pela própria pessoa, pela confirmação e poder de convencimento da revelação divina, que nenhum outro homem sabia, a não ser quem a pronunciou (e devemos ser cautelosos para não considerar falsos conceitos como verdadeiros), mas para si mesmo e para os outros é conhecida; 2) No presente por meio de milagres claros e não forjados que são a confirmação divina; no caso de vermos isso acontecer, somos levados a crer neles; 3) Para o futuro, com relação a um acontecimento, quando coisas se cumprem tão precisamente como prova da predição ser realmente de Deus. Aqui, portanto [...] deve-se ouvir a isso com uma crença em suspensão. Deve-se aguardar até que o acontecimento mostre o que é falso ou verdadeiro. Não se deve fazer qualquer coisa no meio-tempo baseado numa premissa não provada de que tais palavras podem ser falsas ou verdadeiras.

4. Se você está em dúvida se o que foi falado é contrário ou não à Palavra de Deus, você deve ouvir com uma suspeita proporcional, e não dar crédito à pessoa até que tenha provado se aquilo é falso ou verdadeiro.

5. É uma armadilha perigosa e um pecado acreditar nas profecias ou revelações de alguém simplesmente porque são pessoas bastante santas e por mais que elas asseverem e afirmem aquilo, pois elas podem estar enganando a si mesmas. Considerar delírios ou manifestações histéricas ou melancólicas revelações do Espírito de Deus também é errado.[14]

Gostaria de adicionar uma nota pessoal a esse trecho. Quando vi esse material de Baxter pela primeira vez, tirei uma cópia

[14]*Christian directory*, p. 722-3.

dessas duas páginas e as enviei a J. I. Packer, cuja tese de doutorado em Oxford era sobre a obra de Baxter. Packer enviou-me a seguinte mensagem de volta:

> A propósito, algumas semanas atrás você me enviou um pequeno texto de Baxter sobre o fato de Deus fazer *revelações pessoais informativas*. Esse era o padrão da visão puritana, como observei: eles não eram cessacionistas de acordo com a idéia de Richard Gaffin.[15]

CHARLES SPURGEON (1834-1892)

Charles Spurgeon foi pastor batista em Londres e é considerado por muitos o maior pregador do século XIX.

Nos trechos a seguir, Spurgeon fala dos momentos em que Deus o capacitou a saber e dizer coisas sobre pessoas que ele não poderia ter descoberto por si próprio. Embora Spurgeon não use o termo "profecia" nesses casos, são exemplos fascinantes do tipo de coisa que Paulo tinha em mente quando disse: "Mas se entrar algum descrente ou não instruído quando todos estiverem profetizando, ele por todos será convencido de que é pecador e por todos será julgado, e os segredos do seu coração serão expostos. Assim, ele se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: 'Deus realmente está entre vocês!'" (1Co 14.24-25).

> Houve muitos exemplos de conversões notáveis no Music Hall. Um deles foi tão singular que eu sempre o coloco como uma prova de que *Deus às vezes guia seus servos a dizerem o que eles por si só jamais pensariam em anunciar* para que Deus possa abençoar o ouvinte a quem a mensagem é pessoalmente dirigida.

[15]Fax pessoal de J. I. Packer para Wayne Grudem, datado de 9/9/1997 (citado com permissão). V. tb. De J. I. Packer, *Na dinâmica do Espírito* (São Paulo: Vida Nova,1991).

Enquanto estava pregando no salão, em uma certa ocasião, deliberadamente apontei para um homem no meio da multidão e disse: "Existe um homem sentado aqui que é sapateiro. Ele mantém sua loja aberta aos domingos; no último *domingo*, pela manhã, a loja estava aberta, recebeu nove centavos e teve um lucro de quatro centavos pelo seu trabalho. Sua alma foi vendida a Satanás por apenas quatro centavos!".

Enquanto caminhava pela cidade, um missionário se encontrou com aquele homem e, vendo que ele estava lendo um de meus sermões, fez a seguinte pergunta:

— Você conhece o sr. Spurgeon?

— Sim — disse o homem. — Tenho todas as razões do mundo para conhecê-lo. Vim para cá para ouvi-lo e, por causa de sua pregação, pela graça de Deus, eu me tornei uma nova criatura em Cristo Jesus. Posso dizer como tudo isso aconteceu? Fui até o Music Hall e me sentei num lugar bem no meio. O sr. Spurgeon olhou para mim como se me conhecesse e, em seu sermão, apontou para mim e disse à congregação que eu era sapateiro e que mantinha minha loja aberta aos domingos. Realmente fazia isso, senhor. Eu jamais poderia imaginar, mas ele também disse que eu havia recebido nove centavos no domingo anterior e que obtive um lucro de quatro centavos com esse trabalho. Eu realmente havia conseguido nove centavos naquele dia, e meu lucro foi realmente de quatro centavos. Mas eu não posso lhe dizer de que modo ele ficou sabendo daquilo. Então, veio à minha mente um pensamento de que aquilo era Deus falando à minha alma por meio dele, de modo que fechei minha sapataria no domingo seguinte. No primeiro momento, estava com medo de ir até lá para ouvi-lo de novo, porque não queria que ele dissesse mais coisas sobre mim para toda aquela multidão. Porém, depois de tudo, fui até lá, e o Senhor se encontrou comigo e salvou minha alma.

Eu poderia contar dezenas de casos similares nos quais apontei para alguém no auditório sem ter qualquer conhecimento sobre a

pessoa ou qualquer idéia de que aquilo que eu dissera era verdade, exceto que acreditava ser movido pelo Espírito para dizer aquilo. Minha declaração foi tão surpreendente que as pessoas saíram e disseram a seus amigos: "Venham ver um homem que me disse todas as coisas que eu já fiz. Sem dúvida, ele deve ter sido enviado por Deus para minha alma; se não fosse assim, ele não poderia ter feito uma descrição tão precisa". E não apenas isso, mas conheço muitos exemplos nos quais os pensamentos de homens foram revelados no púlpito. Em alguns momentos, vi pessoas cutucando seus vizinhos com o cotovelo, porque estavam tendo a confirmação do que disseram. Ouviu-se várias pessoas dizerem: "O pregador nos disse exatamente aquilo que dissemos um ao outro quando entramos pela porta" (grifo do autor).[16]

Conta-se outro incidente, no qual um ladrão foi descoberto.

Na reunião de oração de segunda-feira à noite, na qual Spurgeon relatou o incidente ligado ao sermão de 31 de julho, ele também mencionou um sermão proferido no Exeter Hall, no qual ele repentinamente mudou de assunto e apontou para uma certa direção, dizendo: "Meu jovem rapaz, você não pagou por essas luvas que está usando: você as roubou de seu patrão". No término do culto, um jovem bastante pálido e agitado veio até a sala que era usada como gabinete pastoral e implorou para conversar em particular com Spurgeon. Ao entrar na sala, ele colocou o par de luvas sobre a mesa e, chorando, disse: "Essa foi a primeira vez que roubei meu patrão e nunca o farei novamente. O senhor não vai me delatar, vai? Minha mãe morreria se ouvisse que eu havia me tornado um ladrão". O pregador apontou seu arco ao acaso, mas

[16]*The autobiography of Charles H. Spurgeon*: compiled from his diary, letters and records by his wife and his private secretary, London: Passmore & Alabaster, 1898, vol. 2, p. 226-7. Sou grato ao falecido dr. Louis Drummond, ex-presidente do Seminário Teológico Batista do Sudeste dos EUA, em Wake Forest, por despertar minha atenção para essa e outras citações de Spurgeon.

a flecha atingiu o alvo que Deus pretendia, e de uma maneira tão singular como essa, o ouvinte provavelmente foi salvo de cometer um crime ainda maior.[17]

CONCLUSÃO

Minha expectativa é que essas situações tenham simplesmente arranhado a superfície das evidências da continuidade do dom de profecia e das afirmações de que tal dom ou tais revelações possam continuar por toda a história da igreja.[18] Quando o dom foi suprimido ou visto com suspeita, provavelmente ocorreu com menor freqüência, uma vez que o Espírito Santo não trabalha o tempo todo de uma maneira que supere nossas expectativas. Quando esse dom aconteceu, muitas vezes não foi chamado "profecia" ou equiparado com o dom presente em 1Coríntios 12—14, provavelmente por causa da suposição incorreta de que a profecia somente poderia ser a do tipo encontrado nos profetas canônicos do AT.

Então, em outros momentos, o dom foi realmente considerado profecia, mas sofreu abuso por meio de pressuposições incorretas de que trazia em si palavras divinas e que estas precisavam ser obedecidas. Então, seguiu-se um falso ensinamento,

[17]C. H. Spurgeon, *Autobiography*, vol. 2: *The Full Harvest, 1860-1892*, reimp. Carlisle: Banner of Truth, 1973, p. 60.

[18]O trabalho de Ron Lutgens, citado no início deste apêndice, também menciona Martinho Lutero (1483-1546) opondo-se aos fanáticos da época que afirmavam serem profetas, mas ainda admitindo que Deus poderia conceder esse dom hoje (*Luther's works*: sermons [ed. Lenker], vol. 12, p. 190, 207) e cita João Calvino (1509-1564) como tendo dito que Deus ocasionalmente revive alguns dons espirituais conforme exija a necessidade do momento e que a profecia como "revelação particular" é um tipo de profecia que "ou não existe hoje ou é vista com menos freqüência" (citando Calvino, *Institutas da religião cristã*, IV. 3.4).

É possível encontrar muitas evidências do dom de profecia continuando por todo o século II na igreja e indo mais além na obra Gary Shogren, Christian prophecy and canon in the second century: a response to B. B. Warfield, *JETS* 40, 1997, p. \609-26.

as seitas surgiram e o dom de Deus foi rejeitado devido aos erros e aos abusos das seitas que proclamavam que seus ensinamentos e práticas errôneas foram instituídos por meio de "profecias".

Contudo, houve momentos (como os descritos por Richard Baxter) em que uma compreensão bastante madura foi encontrada, embora ainda houvesse uma expectativa bastante baixa de que Deus pudesse realmente usar esse dom hoje.

É minha esperança que a igreja encontre uma compreensão equilibrada desse dom como algo realmente valioso, sem, contudo, ser considerado equivalente às Escrituras em autoridade e sempre estar sujeito à avaliação. Assim, a igreja poderá viver um período em que esse dom não será rejeitado, desprezado, tido por infalível nem seguido cegamente, mas desejado com honestidade e esperado de acordo com 1Coríntios 14.1,39 e regularmente testado de acordo com 1Coríntios 14.29 e 1Tessalonicenses 5.19-21 e onde ele possa agir da maneira como Deus planejou, para "edificação, encorajamento e consolação dos homens" (1Co 14.3).

Bibliografia

Nota: veja tambem uma bibliografia mais recente no final do Apendice 1, especialmente os livros de Jack Deere e Christopher Forbes.

AUNE, David. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World.* Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1983.

BASHAM, Don. *A Handbook on Tongues, Interpretation and Prophecy.* Springdale, Pa.: Whitaker Books, 1971.

BENNETT, Dennis & Rita. *The Holy Spirit and You.* Eastbourne, Inglaterra: Kingsway; Plainfield, N.J.: Logos, 1971.

BRIDGE, Donald. *Signs and Wonders Today.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1985.

BRIDGE, Donald & PHYPERS, David. *Spiritual Gifts and the Church.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1973.

BUDGEN, Victor. *The Charismatics and the Word of God.* Welwyn, Inglaterra: Evangelical Press, 1985.

CARSON, D. A. *Showing the Spirit:* A Theological Exposition of 1 Corinthians 12 – 14. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1987.

CHANTRY, Walter J. *Signs of the Apostles:* Observations on Pentecostalism Old and New. Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1976.

CLEMENTS, Roy. *Word and Spirit:* The Bible and the Gift of Prophecy Today. Leicester, Inglaterra: UCCF Booklets, 1986.

GAFFIN, Richard B. *Perspectives on Pentecost.* Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1979.

GEE, Donald. *Spiritual Gifts in the Work of Ministry Today.* Springfield, Mo.: Gospel Publishing House, 1963.

GENTRY, Kenneth L., Jr. *The Charismatic Gift of Prophecy:* A Reformed Analysis. Lakeland, Fla.: Whitefield Seminary Press, 1986.

GREEN, Michael. *I Believe in the Holy Spirit.* Londres: Hodder and Stoughton, 1975.

GRUDEM, Wayne. 1 Cor. 14:20-25: Prophecy and Tongues as Signs of God's Attitude. *WTJ* 41:2 (primavera de 1979): p. 381-96.

_____. *The Gift of Prophecy in 1 Corinthians.* Lanham, Md.: University Press of America, 1982.

_____. Prophecy – Yes, but Teaching – No: Paul's Consistent Advocacy of Women's Participation Without Governing Authority. *JETS* 30:1 (março de 1987): p. 11-23.

_____. Response to Gerhard Dautzenbere on 1 Cor. 12:10. *Biblische Zeitschrift,* n.f., 22:2 (1978): p. 253-70.

_____. Review of David Aune, Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World. (Grand Rapids: Eerdmans, 1983). *Evangelical Quarterly 59:4* (outubro de 1987): p. 351-55.

_____. Review of David Hill, New Testament Prophecy, in: *Themelios* 7:2 (janeiro de 1982): p. 25-6.

HARPER, Michael. *Prophecy:* A Gift for the Body of Christ. Plainfield, N.J.: Logos, 1964.

HILL, David. *New Testament Prophecy.* New Foundations Theological Library. Atlanta: John Knox, 1979.

HUMMEL, Charles E. *Fire in the Fireplace:* Contemporary Charismatic Renewal. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1978.

KYDD, Ronald A. *Charismatic Gifts in the Early Church.* Peabody, Mass.: Hendrickson, 1984.

MACARTHUR JR., John F. *The Charismatics:* A Doctrinal Perspective. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1978.

MALLONE, George, org.. *Those Controversial Gifts.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1983.

New Wine 9:1 (janeiro de 1977). (Toda esta edição deste famoso jornal carismático é dedicada a artigos sobre o dom de profecia).

PAIN, Timothy. *Prophecy.* Ashbumham Insights. Eastbourne, Inglaterra: Kingsway, 1986.

PACKER, J. I. *Keep in Step with the Spirit.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1984.

REYMOND, Robert L. *What About Continuing Revelations and Miracles in the Presbyterian Church Today?* Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1977.

ROBERTSON, O Palmer. Tongues: Sign of Covenantal Curse and Blessing, *WTJ* 38 (1975 – 1976): p. 43-53.

SCHATZMANN, Siegfried. *A Pauline Theology of Charismata.* Peabody, Mass.: Hendrickson, 1987.

TURNER, Max. Spiritual Gifts Then and Now, *Vox Evangelica 15* (1985): 7-64.

WARFIELD, Benjamin B. *Miracles:* Yesterday and Today, True and False (anteriormente publicado como *Counterfeit Miracles*, 1918). Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1953.

YOCUM, Bruce. *Prophecy.* Ann Arbor, Mich.: Word of Life, 1976.

Índice remissivo

Abraão 10, 33, 317, 354, 355, 361, 392
Ágabo 87, 92, 99, 95-103, 112, 128, 145, 149, 168, 211, 372, 399, 405, 409
amor e profecia 165-7
Apocalipse, livro de 52-4, 86, 101, 112, 171, 259, 263, 270, 320, 324, 325, 354, 377, 416
apóstolos
  autoridade dos 33-8
  como mensageiros de Cristo 32, 299-307
  como profetas 32, 33, 50-9, 369-77, 421-44,
  e profetas do AT 32, 33, 353-78, 402, 423, 424, 435
  qualificações dos 32, 300-02
  ofício dos 299-308
Archer, Gleason 98
Argyle, A. W 42
Aune, David 11, 12, 152, 353, 462, 375, 463
autoridade (dos apóstolos , profetas, Escrituras) 19-20, 23-30, 33-41, 44-60, 67, 68, 74-86, 87-89, 91-5, 100, 101, 103-117, 119, 140, 143, 149, 150, 154-57 , 181, 204, 205, 207, 244-8, 261, 264, 268, 270-2, 276-280, 292, 299-302, 306, 307, 309, 313-322, 324, 327, 329-333, 339, 343, 344, 353, 358, 362, 363, 367-377, 396, 400, 401-9, 412, 422, 434-5, 442, 461

Baker, J. B. 378
Basham, Don 113,273,291, 463
Baxter, Richard 16, 454-7
Bennett, Dennis 112, 153, 273, 463
Bennett, Rita 112, 153, 273, 463
Bittlinger, A. 65
Bridge, Donald 115, 116, 275, 277, 414, 463
Bridge, William 453
Brown, C. 378
Budgen, Victor 113, 114, 463
Burton, E. D. 302
Calvino, João 265, 269, 417, 460
Campenhausen, H. von 199
cânon das Escrituras 53, 80, 117, 261, 263, 270, 309-33, 376, 392, 416
Carson, D. A. 29, 69, 80, 98, 191, 194, 241, 263, 318, 328, 377

cessacionista, ponto de vista 17, 19, 20, 114, 250, 270-1, 276, 277, 376, 377, 391-4, 445, 457
Chantry, Walter J.260, 262, 463
Clements, Roy 57, 107, 111, 442, 463
Clowney, Edmund 17, 395-400
Curtis, Byron 447, 448

Débora 359
Deere, Jack 377, 452
diáconos 202
Didaquê 70, 71, 108-11, 400
discernimento de espíritos 64-8, 380, 381
Douglas, J. D. 312, 448
Dunbar, David 328
Dunn, J. D. G. 200, 202

edificação e profecia 63, 74, 153, 156, 159-67, 168, 177, 197, 230, 266, 280, 284, 288, 289, 295, 390, 414-420
Edwards, Thomas 38
Ellis, E. Earle 152, 172
encorajamento pela profecia 124, 133, 156-72, 178, 181-3, 198, 204, 217, 247, 276, 374, 415, 461
Enoque 321, 354
Epimênides 47, 371, 403
Escrituras, suficiência das 335-51
êxtase e profecia 129-35, 358

falsos profetas 24, 26-9, 69-75, 96, 147, 231, 259, 356-8, 365-6, 369, 375, 377
Fascher, Erich 40
Filipe 89, 94, 211, 212, 235, 266, 405
Filipe, filhas de 94, 235, 405
Forbes, Christopher 378, 463
Friedrich, Gerhard 10, 53
fundamento (apóstolos/ profetas) 54-8, 279, 359, 371, 391, 396, 397, 421-5, 428-36, 441-3

Gaffin, Richard B. 12, 55, 56, 78, 85, 93, 94, 99, 106, 194, 202, 225, 230, 257, 258, 259, 264, 276, 277, 376, 377, 378, 376, 422, 423, 426, 437, 441, 442, 457, 463
Gee, Donald 113, 116, 214, 274, 290, 414, 464
Gentry, Kenneth L. 75, 260, 464
Gillespie, George 452
Godet, F. 58
Green, Michael 111, 464
Grudem, Wayne 29, 58, 65, 187, 246, 318, 377, 378, 395, 397, 398, 457, 464
Guthrie, Donald 320

Harper, Michael 153, 213, 273, 290, 414, 464
Hennecke, E. 333
Henry, Carl F. H. 314, 315
Hill, David 11, 152, 175, 378, 464
história da igreja, profecia na 108-11, 445-61
Hodges, Zane 193
Hummel, Charles E.114, 464
Hurley, J. 242

João Batista 91, 96, 369
Joel 39, 356, 369
Judas 96, 98, 167, 204, 211, 301, 302
Kaiser, Walter C., Jr. 378
Käsemann, E. 199
Kidner, Derek 187
Kirkaldy, William 446
Kline, Meredith 310
Knox, John 445-7, 452
Kramer, Helmut 40, 378, 404
Kydd, Ronald A. 110, 267, 464

Lake, Kirsopp 333
Lampe, G. W H. 38
Lightfoot, J. B. 300
línguas, falar em 51, 61-4, 72, 91, 92, 126, 127, 133-7, 145, 156, 160, 177, 185-94, 198, 209, 217 219, 222, 225-6, 229, 238-242, 245, 250-3, 256-62, 274, 278, 289, 381-2, 389
Lloyd-Jones, D. M. 265, 417
louvor e profecia 173

MacArthur, John F. 114, 173, 174, 194, 256, 272, 465
Mallone, George 113, 114, 271, 290, 465
Metzger, Bruce 315
milagres e profecia 135-8
Miriã 44, 355, 359
Moisés 23,29, 33, 39, 96, 171, 309, 310, 340, 353-7, 361, 363, 367, 368, 377
Morris, Leon 306
Motyer, J. A. 378
mulheres
  e a cabeça coberta 236-237
  e o ensino 153-5, 154, 405
  e a profecia 84,95,235-48, 359, 405
silêncio na igreja 235-41, 246-8
Murray, John 304

Nicole, Roger 314

oração e profecia 173
orientação 272-8, 342
Packer, J. I. 457, 465
Pain, Timothy 116, 465
Paulo 22, 31-8, 47, 50, 51, 54, 61-86, 87, 89-97, 100, 104-14, 117-40, 144-7, 149, 150, 153-7, 159-71, 174, 176-9, 185-203, 204, 208-33, 235-48, 250-9, 262-5, 269, 279, 280, 285, 287-90, 295, 300-07, 319-21, 330, 331, 336, 337, 371-6, 380-8, 392, 398-400, 402-17, 422, 423-33, 435-41, 450, 451, 457, 463, 464
Pedro 35-6, 43, 89, 98, 104, 106, 204, 282, 300, 303, 307, 318, 319, 320, 328, 329, 379, 385, 407, 430, 433, 439
Peisker, C. H. 378
Phypers, David 275, 463
Plummer, A. 65-6
pregação/ ensino e profecia 143-58, 375-6, 401-09

presbíteros/ ancião 50, 87, 151, 154, 170, 199-208, 212, 266, 282, 319, 354-6, 375-6, 412, 439-40
profecia
avaliação da 26-9, 64-75, 105, 108-9, 119, 125, 126, 132, 139, 158, 167, 172, 181, 242, 243, 246, 247, 287-93, 398-400, 405, 410, 418
buscando o dom de 62-4, 159-61, 185, 216-9, 223-32
capacidade de profetizar 215-9, 415
como sinal da benção de Deus 185-98, 367
desobedecida por Paulo 92-4, 372, 404
encorajamento do uso da 281-93, 418-20
imprecisões na 97-8, 372, 405
natureza pública da 148, 160-1
necessidade para hoje 295-7
regulamentação da 281-93, 418-20
revelação e 119-26, 373-5
temporária ou permanente? 223-5
profetas
estado psicológicos dos 129-35
não é ofício 207-15
não eram líderes carismáticos 199-206, 375-6
não tinham papel de liderança 204-5
qualificações para ser 215-9, 415
revelação aos (no NT) 119-29, 143-9
Rengstorf, K. H. 300
Reymond, Robert L. 103, 260, 261-2, 277, 465
Ridley, Jasper 445-57
Roberts, Oral 292
Robertson, A. 65-6
Robertson, A. T. 304
Robertson, O. Palmer 12, 193-4, 377, 378, 465
Rutherford, Samuel 16, 445, 448-52

Salomão 47, 380
Samuel 23, 26-9, 311, 357-8
Sevenster, J. N. 42
Silas 167-8, 204-5, 211, 305-7
sinais
como profecia e línguas 186-9
positivos ou negativos 189-91
Spurgeon, Charles 445, 457-60
Stälin, G.162

Tasker, R. V. G. 330
Timóteo 150-1, 169-71, 201, 204, 212, 226-7, 304-7, 337, 376, 387, 412
Toussaint, S.D. 265
Turner, Max 111, 264, 267, 378, 465

VanGemeren, W. A.9, 378
Verhoef, P A. 378

Wallace, Dan 421, 443-4
Warfield, Benjamin B. 267, 460, 465
Woodbridge, John 29, 318, 328
Yocum, Bruce 111, 113, 173, 205, 291, 408, 464
Young, Edward J. 378
Young, G. Douglas 315

Índice de referências bíblicas

Gênesis
5.18-24 354
9.12-14 189
20.7 354
20.17 365
32.30 253, 416

Êxodo
4.12 25
7.1,2 354
7.3 190
8.23 190
10.1,2 190
11.9,10 190
12.13 189
15.20 355
17.14 311
24.3 25
24.4 311
31.18 310
32.11-14 365
32.16 310
33.11 253, 361, 416
34.27 311

Números
11.24-29 361
11.25 355
11.29 39, 356
12.6 355, 360
12.6-8 355
14.11 190
16.38 190
17.10 190
22.38 25, 355, 402
23.5,16 25
26.10 190
33.2 311
34.10 355

Deuteronômio
4.2 310, 311, 341
4.13 310
4.34-35 190
5.4 253
6.22 190
7.19 190
10.4 310
10.5 310

11.3 190
12.32 311, 341
13.1-2 366
13.1-5 125, 356
13.2 357
13.2,3,5 357
13.3 357, 366
18.15 356
18.18 25, 75, 355, 360
18.18-20 402
18.19 26, 75, 362, 402
18.20 27, 28, 74, 75, 147, 356, 366
18.22 27, 101, 366
18.20; 13.5 27
21 — 22 25
24.8 359
26.8 190
28.46 190
29.29 340, 342, 348
29.3 190
31.22 311
31.24-26 311
32.47 309, 326
34.10 253, 355, 361, 416
34.11 190

Josué
6.26 97
24.5 190
24.26 311

Juízes
4.5 359
6.22 253, 416

1Samuel
2.27 359
3.1 367
3.1,15 360
3.19 27
3.20 357
8.7 26, 362, 402
9.6 27, 359
9.9 363
9.9,11 359
10.5 311, 358, 365
10.5-13 358
10.6,10 361
10.25 311
12.23 365
14.10 189
15.1 363
15.3 26
15.3,18 26
15.10 360
15.18,23 26
16.13 363
19.20-24 358
19 — 20 357
22.5 357,363
28.6 367

2Samuel
7.2 357
7.4 360
7.4-16 25
7.17 360
12.25 24
24.11 359, 360

1Reis
3.25 380
3.28 380

10.24 380
11.30,31 362
13.1-10 359
13.2 97
13.6 365
13.18 28
13.26 25
14.4-6 361
14.18 26, 357, 359, 362
16.7 311
16.12 26, 357
16.12,34 362
16.34 97
17.14 98
17.16 98, 362
17.24 359
18.1 360
18.4 358
18.22 357
18.24,38,39 357
18.25-29 366
18.36 359
19.9,10 360
19.15,16 363
20.13 25
20.13,42 52
20.36 26, 362, 402
21.19 26
21.23 98
22.5-13 366
22.7 363
22.12,28,34,35 366
22.14,28 34
22.23 147
22.28 28
22.38 362

2Reis
1.17 362
2.3,5,7 358
2.15 357
3.11 363
4.27 361
4.38 358
5.3,14 357
6.12 361
7.1 98
7.16 98, 362
8.12,13 361
9.3-10 363
9.7 360
9.25s 26
9.35,36 98
9.36 26
12.2 359
13.15-18 362
14.25 26, 362
17.13 25, 359, 360, 363
17.23 26
17.27,28 359
19.25-28,34 25
20.1 357
20.4 360
20.4-6 24
20.11 365
21.12-15 25
22.14 359
22.14-20 359
22.16-20 25
23.15-16,20 97
24.2 36, 362

1Crônicas
9.22 359
21.9 359
25.1-3 365
29.29 311, 359, 364

2Crônicas
9.29 312, 364, 365
12.5 25
12.15 312, 364
13.22 312, 364, 365
15.3 359
16.10 366
20.7 361
20.20 362
20.34 311, 365
24.19 24, 363
24.20,21 367
25.16 26, 362, 366
26.22 312, 365
29.25 26, 362
32.20 365
32.32 312, 364, 365
34.22 359
34.22-28 359
36.12 357
36.16 366

Esdras
9.10,11 26

Neemias
6.12 366
6.14 359
8.9 359
9.10 190
9.26,30 24
9.30 26, 361, 363

Salmos
1.3 351
51 367
65.8 190
69.25 98
74.9 189, 367
78.43 190
86.17 189
90 367
105.15 367
105.27 190
109.8 98
119 337
119.1 337, 345, 350
119.44-45, 165 348
119.105 293, 419
135.9 348

Provérbios
29.18 367
30.5-6 341

Isaías
1.1 360, 450
6.1-3 360
8.3 359
13.1 360
15.1 360
17.1 360
19.1 360
20.3 190
21.1,11,13 360
28.11 191, 162

28.11,12 185, 186, 194
29.10 367
30.8 312
30.10 366
30.12-14 26, 362
35.10 364
38.4 360
41.8 361
45.5 25
51.11 364
5 1.16 360
6 1.1,2 98
65.17 364
66.22 364

Jeremias
1.9 25, 360, 402
1.11,13 360
5.31 366
6.10,11,16-19 26
7.25 24
11.21 366
14.14,15 366
18.18 366
19.10-13 362
20.2,7-10 366
22.4 364
23.13 366
23.16 75
23.16,21,22 231
23.16-40 366
23.18,22 361
23.33-40 360
25.4 359
26.8-11 366
26.20-23 367
27.15 366
27.18 365
28.9 24
29.1 312
29.9 24, 366
30.2 312
30.10 364
31.31-34 364
32.2,3 366
32.20,21 190
36 76
36.1-32 312
36.20-26 366
36.23-25 76
36.30 76
37.2 26
37.3 365
37.15—38.28 366
42.4 365
42.7 360
44.29 190
45.1 312
51.60 312

Lamentações
2.9 367

Ezequiel
1.3 360
2.7 25
3.16 360
3.17 25
4.3 190
9.4,6 189
11.24 360

12.3-6 362
13.1s 34
13.2,3 366
13.3 147
13.6 24
20.35 253, 416
22.28 366
36.22-38 364
43.11 312

Daniel
7.1 312
8.1,2 360
9.10 363

Oséias
4.6 359
9.7 367

Joel
2.28 356, 360
2.28-29 39, 359

Amós
2.12 366
3.7 147, 360, 361
7.12-13 366

Obadias
1.1 24

Jonas
1.1 360

Miquéias
3.5,11 366
3.7 367
3.11 359

Naum
1.1 360

Habacuque
2.2 312
3.1 365

Ageu
1.12 26, 362
1.13 24

Zacarias
1.7 360
6.15 364
7.7,12 26
7.12 361, 363
9.1 360
12.1 360

Malaquias
1.1 360
2.7 359
3.1-4 317
4.1-6 317
4.4-6 24

Mateus
1.20 148
2.12,13,19,22 148
2.23 364, 368
4.4 326
4.14 364, 368

5.5 282
5.6 444
5.28,32,44 368
7.1 73
7.15 70, 369
7.15-20 70
7.21-23 221
9.26 82
9.32-34 66
10.1-2 104
10.1,2,5,7 301
10.4 96
10.19,20 103, 112
11.14 369
11.25 121
11.25,27 148
11.27 80, 121, 374, 410
11.29 164
12.22 66
12.39 191
12.41 191
15.8 221
16.4 191
16.17 121
16.18 436
17.9 148
17.12 369
19.28 73
20.19 96
21.11 368
24.11,24 70, 369
26.16 96
26.56 368
27.19 148
28.19 32, 429

Marcos
1.14 96
1.28 82
6.15 368
12.40 444
13.3 104
13.11 103, 104
13.22 369

Lucas
1.22 148
1.67 173, 369
1.76 369
2.25 161
2.34 190
2.36 369
2.51 123
3.2 369
4.12 286
4.14 82
4.16 120
4.21 98
6.24 161
7.16 368
7.17 82
7.32 444
7.39 146, 411
9.36 246
10.7 320
11.30 191
11.49 33, 424
12.1 104
12.11,12 103, 104
13.33 367
18.39 246
21.11,25 191

22.63,64 411
22.64 47, 403
24.19 368
24.27 29, 364, 368
24.44 98
24.46,47 429

João
2.11 190
4.19 47, 146, 368, 387, 403, 411
4.54 190
6.14 356, 368
7.40 356, 368
7.51 73
9.16 190
9.17 368
10.1-5, 27 125
10.27 322, 327
11.50 127
11.51 146, 231, 411
12.38 148, 368
13.16 299, 304
14.26 34, 317
16.13,14 34, 317
17.12 368
18.31 73
19.36 368
20.21 32
20.29 443
21.23 82

Atos dos Apóstolos
1.2,3 300
1.8 278, 429
1.15 120
1.16-20 98
1.22 300
1.23-26 213
1.24-26 301
2.1-21 278
2.4 63, 218
2.14-36 105
2.16-18 356, 367, 369
2.17,18 267, 358, 359
2.19 191
2.22, 43 190
2.25-31 99
2.30 195
2.32 440
2.37,47 278
3.2-24 368
3.18 98, 368
3.22 356
4.4 278
4.30 190
4.33 300
5.2 190, 318
5.3 35, 318, 379
5.4 35, 318
5.12 190
5.21 35
5.34 120
6.3 208
6.6 208, 213
6.8 190
6.8,15 266
6.14 96
7.25 171
7.31 148
7.37 356, 368
7.52 367

7.55,56 266
8.6s 125
8.7,13,39 266
8.18 171
8.19 171
8.29 89
8.32-35 105
9.5,6 300
9.10,12 148
10.3,17,19 148
10.10 148
10.15 430
10.19 89
10.34,35 430
10.43 368
10.46 218, 279
11.2-18 430
11.27 211
11.27-30 87, 168, 181
11.28 87, 92, 99, 112, 120, 128, 145, 267, 387, 411, 414
12.17 320
13.1 89, 205, 211, 267
13.2 89,90, 93, 112
13.8s 65
13.16 120
13.27,29 99
13.33-35 99
13.50 429
14.14 302
14.23 200, 203, 208, 213
15.2 429
15.2,4,6,22 211
15.2,4,6,22,23 201
15.6-29 430
15.7 205
15.9 72
15.12 190
15.13 320
15.13-21 303
15.22 167, 205, 306
15.28 90
15.32 167, 168, 204, 211, 267
15.35 149, 375, 411
16.1-3 306
16.6-7 90
16.9 90, 148
16.15 73
16.16s 125
16.16-18 65, 66
16.19 305
17.2-4 105
17.11 68, 74, 398
17.14,15 305
17.28 315
18.5 305
18.9 89
18.11 149, 375
18.11,24-28 375, 411
18.28 105
19.2 91, 145
19.4,5 91
19.5,7 91
19.6 91, 112, 134, 145, 217, 267, 279
20.9 120
20.17 201, 212
20.22-24 100
20.23 90, 267

20.29 38
21.4 92, 95, 100, 112, 128, 267, 276, 372, 404
21.4-5 92
21.4,10,11 411
21.4,12-14 100
21.8 212
21.8-9 94, 235
21.9 94, 112, 211, 235, 247, 359, 405
21.9,10,11 267
21.10 211, 267
21.10,11 95, 101, 112, 145, 372, 387, 405
21.11 95, 96, 101, 128, 168, 181, 195, 372, 399, 409, 414
21.13 100
21.18 320
21.27-35 96
21.31 97
21.32,33 97
21.33 96, 372
21.35 97
22.17 148
22.21 32, 430
22.29 96, 372
23.9 90
23.23-35 399
23.26-30 399
25.10 73
26.15-18 300
26.16,17 301
26.17 32
26.17,18 430
26.19 148
26.22 368
28.17 399
28.23 105

Romanos
1.1 302, 402
1.2 104, 368
1.17,18 148
1.18 79, 374, 410
2.1 73
2.5 121
2.16 35, 318
2.21 375, 44
4; 10; 13 73
8.14 392
8.19 121
8.37 88
10.18 82
11.25s 437
11.29 224
12 228
12.3 228
12.6 112, 151, 210, 227, 228
12.6,7 375
12.7 211
13.1-7 346
14.3 73
14.19 161
15.2 161
15.4 150, 375, 411
15.4,5 161
15.14 386
15.20 425
16.7 304, 427, 444

16.17 164, 375, 411
16.25,26 104
16.26 104, 105

1Coríntios
1.1 370, 402
2.6 239, 260
2.7,10 382
2.9 35, 318
2.10 121
2.13 35, 318, 370, 402
2.14 43, 229
3.3 61
3.10 425
3.10-15 424, 425
3.13-15 263
4.5 73
4.6 164
4.7 61, 62, 65, 72
4.9 63
4.17 150, 412
5.3,12 73
5.6 61
6.1-3,6 73
6.2-6 73
6.5 65, 68, 201, 383
6.5,6 380
6.9-11 221
7.10,12,25 175
7.39 351
8.1 61, 182
8.7 221
8—10 345
9.1 300
9.1,2 370, 402
9.17 32
10.10 61
10.12 61
10.15 73
10.20 375
10.20,21 220
11.4,5 236
11.5 84, 85, 95, 112, 154, 236, 237, 247, 359
11.8-9 245
11.13 73
11.21s 61
11.29 65
11.31 65,72
11.33-34 241
12.1-3 130, 131, 219, 220, 222
12.1-31 62
12.2 375
12.2-30 64
12.3 67, 74, 121, 125, 221, 222, 375
12.4,7,11 383
12.6,7,11 62
12.7,11 216
12.7,11,12-31 222
12.7,15,17,21, 23,26 62
12.7,21,26 210
12.7,25,26 63
12.7-11 381, 383, 388, 389
12.8 17, 379, 385, 389
12.8-10 137
12.8-10, 12, 14 17,19,20,29,30 217
12.8-11 135, 136

12.10 64, 65, 66, 67, 68, 74, 85, 386
12.10,11 193
12.11 137, 216, 223, 228
12.11,15,16, 18,28,31 217
12.11,18,28 62
12.12-26 224
12.12-31 279
12.13 222
12.14 37, 388
12.14-19 229
12.14-26 61
12.14-31 388
12.18,27-30 229
12.20-24 229
12.22 69
12.28 61, 63, 137, 151, 155, 156, 211, 228, 383, 438, 440
12.28-29 375
12.28-30 62
12.29 195, 217, 224, 226
12.30 225
12.31 62, 63, 156, 209, 211, 229, 230
12 — 13 37
12 — 14 61, 63, 64, 65, 69, 98, 130, 156, 193, 194, 219, 220, 223, 242, 251, 255, 267, 434, 460
13.1-3 251
13.1-13 62, 64
13.2 128, 165, 224, 225, 254
13.3 166, 318
13.4 61, 165, 167
13.4,5 61, 167
13.5 165, 166
13.8 127, 128, 256
13.8-10,12 127
13.8-13 126, 250, 251, 252, 257, 262, 265, 270, 280
13.9 51, 127, 129
13.9,10 416
13.9-12 251
13.10 128, 250, 252, 253, 255, 257, 258, 259, 260, 264, 280, 416
13.11 255
13.12 127, 253, 262, 263
13.13 263
14 57, 70, 80, 166, 232, 239, 287, 289, 373, 406, 443
14.1 160, 229, 230, 251, 295, 417, 432, 455
14.1,5,39 209
14.1,39 217, 461
14.1-5 156
14.1-36 64
14.1-40 62, 63
14.2,9,11,14, 16,19,23,28 193

14.3 124, 160, 161, 162, 163, 166, 168, 174, 178, 182, 239, 276, 374, 415, 461
14.3,4,23-25 133
14.3-5 168, 197
14.4 160, 177, 295, 417
14.4,5,18, 26-28,39 193
14.5 156, 415
14.5,12 210
14.5b,12,26b 63
14.6 51, 137, 375, 437
14.12 121, 230, 374
14.12,26 230, 419
14.13 229
14.15,18,28 219
14.16 174
14.16,17 178
14.17 230
14.18 226
14.20 260
14.20-22 186
14.20-23 193
14.20-25 185, 191, 194, 197, 387
14.21 187, 245, 415
14.22 187, 191, 367, 374, 410
14.22-25 138
14.23 191, 192, 374
14.23,27 193
14.23-25 133, 185, 411
14.24 195
14.24-25 145, 167, 181, 195, 197, 457
14.24-28 79
14.25 21, 128, 158, 163, 164, 195, 374, 410
14.26 74, 77, 137, 156, 161, 289
14.27 72, 198, 289
14.27,29,31 241
14.27,28 192, 194
14.28 224, 226, 246
14.29 64, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 76, 85, 106, 108, 112, 120, 133, 166, 176, 180, 210, 213, 216, 227, 231, 239, 242, 243, 247, 288, 289, 290, 373, 398, 400, 406, 461
14.29,30,36-38 112
14.29-33 121, 131, 133, 144, 149, 386
14.29-36 419
14.29-38 373
14.30 72, 76, 78, 80, 85, 120, 124, 125, 133, 167, 209, 219, 231, 290
14.30-33a 222, 243
14.31 77, 147, 157, 158, 164, 165, 166, 213, 218, 248, 415
14.31-32 122
14.32 122, 124, 125, 210, 214, 269

14.32-33 78
14.32-33,40 290
14.33 112, 122, 124, 132
14.33-35 359
14.33b-34a 240
14.33b-35 81, 156, 207, 216, 235, 237, 246, 247
14.33b-36 238
14.34 84, 235, 244, 245, 247
14.34,35 85, 406
14.35 245
14.36 81, 83, 85, 373, 406
14.37 37, 210, 214, 223, 229, 318
14.37-38 37, 38, 64, 74, 83, 85
14.38 38
14.39 22, 229, 295, 417, 455
14.39,40 64
14.40 133
15.1 121
15.3 96
15.5-9 307
15.6 303
15.7 320, 430
15.7-9 301, 303
15.8 279
15.29 349
15.34 239
15.51-58 263
15.51s 437
16.15 203
16.16 202

2Coríntios
1.1 307, 370, 402
1.3-7 161
3.6 32
4.4 43
5.20 32
6.7 429
7.3 429
7.4,13 161
8.1 121, 161
8.17 161
8.23 229, 304
10.5 385
10.8; 13.9 161
11.12,13 370, 402
12.1 148
12.1-4 134
12.9 225
12.11,12 370, 402
12.21 444
13.3 35, 370, 402
13.11 429

Gálatas
1.1 32, 302, 370, 402
1.8 74
1.8,9 35, 318
1.8,9,11,12 370, 402
1.11 121
1.11,12 34
1.12 121
1.16 121, 431
1.18 302, 303
1.19 302, 320, 430
2.2 148
2.7,8 32, 431

2.9 302
2.9,12 320
5.18 392
5.22 382

Efésios
1.1 32, 370, 402, 429, 444
1.17 80, 148, 410
2.11—3.21 431
2.19 433
2.19,20 54, 421
2.20 15, 55, 391, 396, 397, 404, 422, 425, 441, 442, 443
2.20 e 3.5 17, 54, 55, 56, 57, 58, 112, 371, 395, 396, 421, 422, 423, 426, 427, 428, 429, 432, 434, 435, 438, 440, 441, 442, 443
3.4-6 54, 422, 431
3.5 121, 146, 397, 424, 428, 436, 441
3.8-9 431
4.8 279
4.11 151, 155, 212, 267, 375, 426, 427, 436, 438, 439, 440, 444
4.16 279
4.20 164
4.29 161, 162, 164
5.5 429
5.15-17 385
6.1-3 346
6.18 236
6.21 428

Filipenses
1.1 203, 307
1.19,25 429
2.25 299, 304, 428
3.3 444
3.15 79, 148, 410
4.9,11 164

Colossenses
1.1 307
1.1,25 32
1.2 44, 428
1.9 385
1.10 385
2.3 386
2.16 73
3.16 154, 162, 375, 383, 411

1Tessalonicenses
1.1 304
1.6 372, 405
2.2 305, 306
2.4 161
2.6 306
2.13 35, 106, 318, 370, 372, 402, 405
2.15 367, 412

2.18 306
3.1 305
3.1,2 305
3.5 305
4.8 36
4.8,15 318, 370, 402
4.15 36, 372, 405
5.12 203, 428, 444
5.17 236
5.19,20 231
5.19-21 71, 105, 112, 227, 267, 372, 419, 461
5.19-22 105, 117
5.20 289
5.20,21 68, 176, 336, 372, 393, 405, 434
5.21 106, 288
5.27 36, 318

2Tessalonicenses
1.4 429
1.12 429
2.2 429
2.15 150, 376
3.6 36
3.6,14 318
3.14 36

1Timóteo
1.1 32
1.3 169, 201
1.12 302
1.18 169, 170, 181
2 156
2.1 169
2.7 50, 211, 32, 437, 439
2.11-15 247, 359
2.12 154, 246, 405
2.13 245
3.1-7 201, 208
3.2 151, 359, 376, 412
3.8-13 208
3.10 208
4.6—5.2 170
4.11 150, 376, 412
4.14 170, 181, 213, 226, 387
4.16 151, 412
5.4 164
5.17 151, 203, 376, 412, 439
5.17-18 319
5.17-21 201
6.2 150, 376, 412
6.3 150

2Timóteo
1.5 306
1.6 171, 226
1.7 13
1.11 50, 211, 302, 371, 439
1.14 88
2.2 150, 375, 411
2.15 107, 407
3.10 375, 411
3.15 336
3.16 107, 150, 336, 407
3.16,17 337
3.17 343

4.3 439
4.5 212

Tito
1.5 203, 208, 213
1.5-9 206, 208
1.9 151, 376, 412
1.12 46, 315, 371, 403
2.3 211
2.13 428
3.14 164

Filemom
1 428
8,9 162

Hebreus
1.1,2 323, 324, 325, 368
3.1 32, 428
4.12 328
5.8 164
5.12 149, 211, 375, 411
5.14 68
10.30 73
12.5 161
13.4 73
13.17 203
13.22 161

Tiago
1.18 336
2.3 120
2.23 361
3.1 151, 211, 376, 412
3.2 337
4.11 73
5.10 367
5.14 203
5.16-18 361

1Pedro
1.1 370, 402
1.7 121
1.10 368
1.11 127, 195
1.23 336
2.5,9 15
2.13—3.6 346
4.10 106
4.11 106
5.1 50, 51, 203, 439
5.3 282, 418

2Pedro
1.1 370, 402, 428
1.5 385
1.11 428
1.19,20 407
1.19-21 107
2.1-3 366
2.10 444
3.2 33, 35, 318, 370, 402, 424
3.15-16 36
3.16 107, 319, 407
3.18 385

1João
1.8-10 337
4.1 398
4.1,3 70, 74
4.1-6 66, 68, 70, 147, 222

4.2 122
4.2,3 74, 125
4.2,3,6 74
4.5,6 125

2João
9 444

Judas
1 320, 321
3 107, 227, 407
14 354
14,15 315

Apocalipse
1.1 171
1.1,4,9 52
1.3 53, 172, 325, 371, 404, 440, 443
1.4 53, 122
1.5 172
1.11 53
1.19 53
2.1,8,12,18 53
2.4,23 172
2.5,10,16,25 172
2.26-27 172
3.1, 4.5 e 5.6 122
3.1,7,14 53
3.1,9,17 172
3.2-5,11,18 172
4.1 171
5.10 172
6.10,15-17 172
10.4 53
10.7 54
10.11 52
11 54, 377
11.5-6 377
11.15-18 172
11.18 54
13.10 172
14.7,12 172
14.13 53, 172
16.6 54
16.13 337
17.14 172
18.9 444
18.20,24 54
19.9 53
19.10 54
19.20 377
19.20,21 172
20.6,9-14 172
20.10 377
20—22 172
21.5 53
21.14 302, 436
22.4 254
22.6 54, 171
22.7 52, 107, 172, 371, 404, 440
22.7,10 52
22.18,19 52, 324, 326, 342, 341, 377
22.19 52

Índice de literatura extrabíblica

1Clemente
11.2 191
42.1,2 328
42.4 203
44.1-2 328
44.1-3 203
51.5 190

1Macabeus
4.45,46 313
9.27 313
14.41 313

2Baruc
85.3 314

Baruc
2.11 190

Cântico dos Cânticos
8.9.3 314

Didaquê
1.6 108
4.14 109
6.3 109
7.1-4 109
8.1 109
8.3 109
9.1-5 109
10.7 109
11 71, 108
11.3-12 70
11.5 109
11.5,6 70
11.7 108
16.2 109

Epistola de Barnabé
4.14 190
6.8 102, 409
9.2 102, 409
9.5 102, 409

Eusébio
História eclesiástica
6.25.14 321

Evangelho de Tomé
§ 114 329

Fílon
Congr. 18 72
Det. 40 46
Jos. 113 72
Mig. 169 46

Mut. 249 72
Quod Deus 138 45
Spec. Leg. 1.219 45

Hermas
O pastor
9.15.4 33

Inácio
Aos Filadelfienses
7.1-2 101, 409
9.1-2 33
Aos magnésios
7.1 328
13.1-2 328
Aos romanos
4.3 328

Josefo
Contra Ápion
1.41 313
Antiguidades
259 72
13.299-300 45
Guerras judaicas
1.68-69 45

Justino Mártir
Diálogo com Trifão
75 33

Manuscritos do mar Morto
1QS 9.11 314

Martírio de Policarpo
12.3 47

Midrash rabbah
Gn. 17.5 44
Gn. 44.7 44
Nm 15.25 39

Oração de Azarias
15 314

Policarpo
Aos filipenses
6.3 33

Sabedoria
7.27 45
10.16 190

Sirácida 45.3 190

Talmude babilônico
Ber 55*b* 44
Ber 57*b* 44
Meg 14*a* 44
Sanh 11*a* 314
Sot 13*a* 44
Sot 48*b* 314
Yom 9*b* 314

Testamento de Aser
1.5 72

Testamento de Salomão
15.8 47